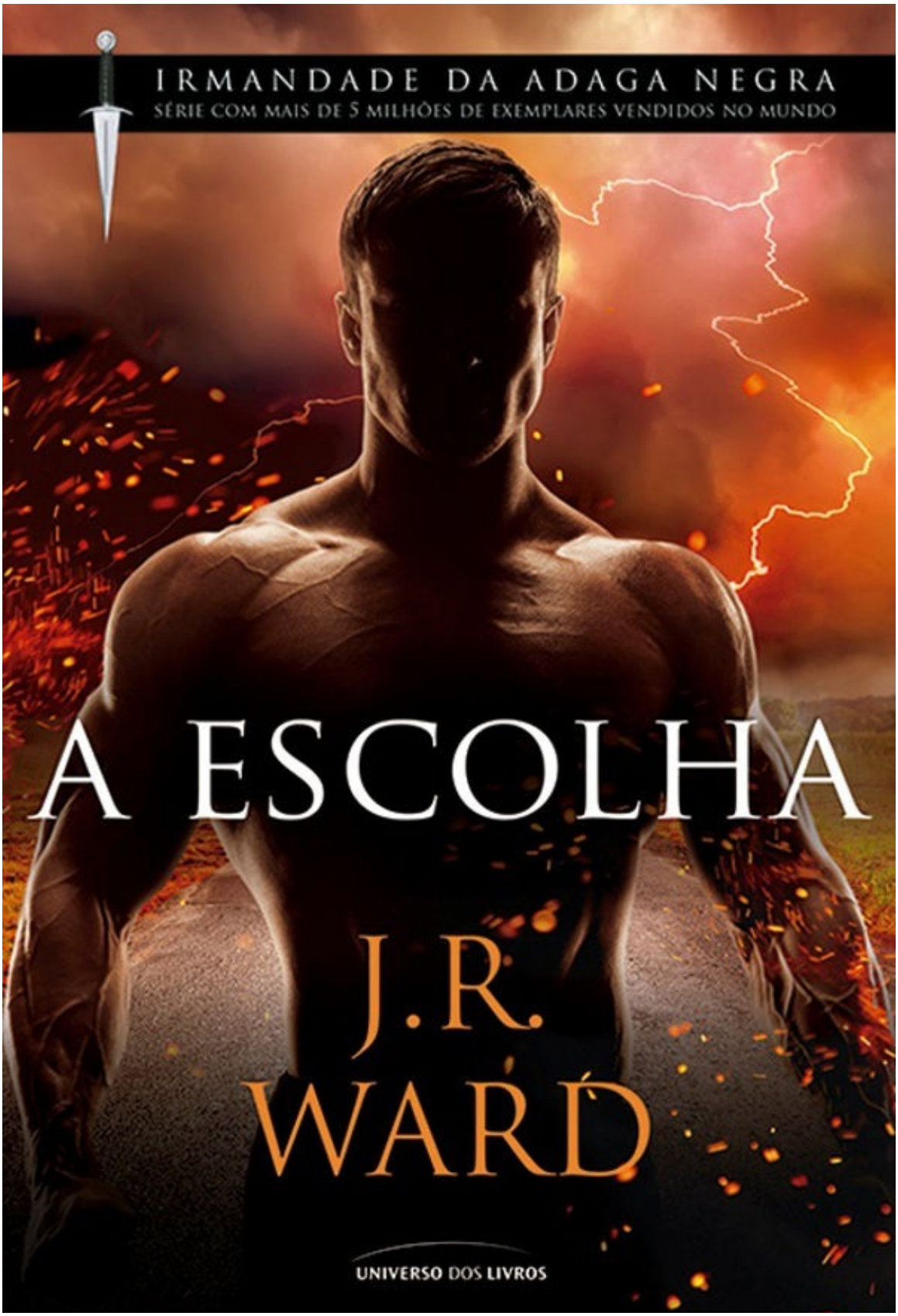

IRMANDADE DA ADAGA NEGRA
SÉRIE COM MAIS DE 5 MILHÕES DE EXEMPLARES VENDIDOS NO MUNDO
A ESCOLHA
J.R. WARD
UNIVERSO DOS LIVROS

A

ESCOLHA

Universo dos Livros Editora Ltda.

Rua do Bosque, 1589 – Bloco 2 – Conj. 603/606

Barra Funda – Cep: 01136-001 – São Paulo/SP

Telefone/Fax: (11) 3392-3336

www.universodoslivros.com.br

e-mail: editor@universodoslivros.com.br

Siga-nos no Twitter: @univdoslivros

São Paulo
2017

UNIVERSO DOS LIVROS

A

ESCOLHA

J.R.

WARD

The Chosen

Diretor editorial

Luis Matos

Copyright © Love Conquers All,

Inc., 2017

Editora-chefe

Todos

os

direitos

reservados,

Marcia Batista

incluindo os direitos de reprodução

integral ou em qualquer forma.

Assistentes editoriais

Aline Graça

© 2017 by Universo dos Livros

Letícia Nakamura

Todos os direitos reservados e

protegidos

pela

Lei

9.610

de

Tradução

19/02/1998.

Cristina Calderini Tognelli

Nenhuma parte deste livro, sem
Preparação
autorização prévia por escrito da
Francisco Sória
editora, poderá ser reproduzida ou
transmitida, sejam quais forem os
Revisão
meios
empregados:
eletrônicos,
Juliana Gregolin
mecânicos, fotográficos, gravação ou
Giacomo Leone Neto
quaisquer outros.
Capa
Rebecca Barboza
Arte
Aline Maria e Valdinei
Gomes
Diagramação
Renato Klisman

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

W259e

Ward, J. R.

A escolha / J. R. Ward ; [tradução de Cristina Tognelli]. – São

Paulo : Universo dos Livros, 2017.

528 p. (Irmandade da Adaga Negra, v. 15)

ISBN: 978-85-503-0195-2

Título original: *The Chosen*

1. Vampiros 2. Ficção I. Título II. Tognelli, Cristina III. Série

17-1036

CDD 813.6

Para você:

Depois de todo esse tempo,

você foi a escolha.

Receba as boas-vindas ao lar.

AGRADECIMENTOS

Minha imensa gratidão aos leitores da Irmandade da Adaga Negra!

Muitíssimo obrigada por todo o apoio e orientações prestados por: Steven Axelrod, Kara Welsh e Leslie Gelbman. Muito obrigada também a todos da New American Library – estes livros são mesmo resultado de um trabalho em

equipe.

Com amor ao *Team Waud* – vocês sabem quem são. Isto simplesmente não teria acontecido sem vocês.

Nada disto seria possível sem: meu querido marido, que é meu conselheiro e cuida de mim, além de ser um visionário; minha maravilhosa mãe, que me deu amor em quantidades que eu jamais conseguirei retribuir; minha família (tanto os de sangue quanto os adotivos) e meus queridos amigos.

Ah, e a minha assistente, Naamah. Parabéns por sua promoção!

GLOSSÁRIO DE TERMOS E NOMES PRÓPRIOS

Ahstrux nohtrum: Guarda particular com licença para matar, nomeado(a) pelo Rei.

Ahvenge: Cometer um ato de retribuição mortal, geralmente realizado por um macho amado.

As Escolhidas: Vampiras educadas para servirem à Virgem Escriba. São consideradas membros da aristocracia, embora fossem mais voltadas para os assuntos espirituais do que temporais. Libertadas do Santuário, estão se reconhecendo e se apartando das restrições impostas pelos papéis tradicionais previamente designados. No passado, eram utilizadas para satisfazer a necessidade de sangue de membros solteiros da Irmandade, e tal costume foi colocado novamente em prática pelos Irmãos.

Chrih: Símbolo de morte honrosa no Antigo Idioma.

Cio: Período fértil das vampiras. Em geral, dura dois dias e é acompanhado por intenso desejo sexual. Ocorre pela primeira vez aproximadamente cinco anos após a transição da fêmea e, a partir daí, uma vez a cada dez anos. Todos os machos respondem em certa medida se estiverem por perto de uma fêmea no cio. Pode ser uma época perigosa, com conflitos e lutas entre os machos, especialmente se a fêmea não tiver companheiro.

Conthendha: Conflito entre dois machos que competem pelo direito de ser o companheiro de uma fêmea.

Dhunhd: Inferno.

Doggen: Membro da classe servil no mundo dos vampiros. Os *doggens* seguem as antigas e conservadoras tradições de servir seus superiores, obedecendo a códigos formais no comportamento e no vestir. Podem sair durante o dia, mas envelhecem relativamente rápido. Sua expectativa de vida é de aproximadamente quinhentos anos.

Ehnclausuramento: *Status* conferido pelo Rei a uma fêmea da aristocracia em resposta a uma petição de seus familiares. Subjuga uma fêmea à autoridade de um responsável único, o *tuhtor*, geralmente o macho mais velho da casa. Seu *tuhtor*, então, tem o direito legal de determinar todos os aspectos de sua vida, restringindo, segundo sua vontade, toda e qualquer

interação dela com o mundo.

Ehros: Uma Escolhida treinada em artes sexuais.

Escravo de sangue: Vampiro macho ou fêmea que foi subjugado para satisfazer a necessidade de sangue de outros vampiros. A prática de manter escravos de sangue recentemente foi proscrita.

Exhile dhoble: O gêmeo mau ou maldito, o segundo a nascer.

Fade: Reino atemporal onde os mortos reúnem-se com seus entes queridos e ali passam toda a eternidade.

Ghia: Equivalente a padrinho ou madrinha de um indivíduo.

Glymera: A nata da aristocracia, equivalente à corte no período de Regência na Inglaterra.

Hellren: Vampiro macho que tem uma companheira. Os machos podem ter mais de uma fêmea.

Hyslop: Termo que se refere a um lapso de julgamento, tipicamente resultando no comprometimento das operações mecânicas ou da posse legal de um veículo ou transporte motorizado de qualquer tipo. Por exemplo, deixar as chaves no contato de um carro estacionado do lado de fora da casa da família durante a noite – resultando no roubo do carro.

Inthocada: Uma virgem.

Irmandade da Adaga Negra: Guerreiros vampiros altamente treinados para proteger sua espécie contra a Sociedade Redutora. Resultado de

cruzamentos seletivos dentro da raça, os membros da Irmandade possuem imensa força física e mental, assim como a capacidade de recupere rapidamente de ferimentos. Não é constituída majoritariamente por irmãos de sangue. São iniciados na Irmandade por indicação de seus membros. Agressivos, autossuficientes e reservados por natureza, vivem apartados dos vampiros civis e têm pouco contato com membros das outras classes, a não ser quando precisam se alimentar. Tema para lendas, são reverenciados no mundo dos vampiros. Só podem ser mortos por ferimentos muito graves, como tiros ou uma punhalada no coração.

Leelan: Termo carinhoso que pode ser traduzido aproximadamente como "muito amada".

Lhenihan: Fera mítica reconhecida por suas proezas sexuais. Atualmente, refere-se a um macho de tamanho sobrenatural e alto vigor sexual.

Lewlhen: Presente.

Lheage: Um termo respeitoso utilizado por uma submissa sexual para referir-se a seu dominante.

Libhertador: Salvador.

Lídher: Pessoa com poder e influência.

Lys: Instrumento de tortura usado para remover os olhos.

Mahmen: Mãe. Usado como um termo identificador e de afeto.

Mhis: O disfarce de um determinado ambiente físico; a criação de um

campo de ilusão.

Nalla/nallum: Um termo carinhoso que significa “amada”/“amado”.

Ômega: Figura mística e maligna que almeja a extinção dos vampiros devido a um ressentimento contra a Virgem Escriba. Existe em um reino atemporal e possui grandes poderes, entre os quais, no entanto, não se encontra a capacidade de criar.

Perdição: Refere-se a uma fraqueza crítica em um indivíduo. Pode ser interna, como um vício, ou externa, como uma paixão.

Primeira Família: O Rei e a Rainha dos vampiros e sua descendência.

Princeps: O nível mais elevado da aristocracia dos vampiros, só suplantado pelos membros da Primeira Família ou pelas Escolhidas da Virgem Escriba. O título é hereditário e não pode ser outorgado.

Redutor: Membro da Sociedade Redutora, é um humano sem alma empenhado na exterminação dos vampiros. Os *redutores* só morrem se forem apunhalados no peito; do contrário, vivem eternamente, sem envelhecer. Não comem nem bebem e são impotentes. Com o tempo, seus cabelos, pele e íris perdem toda a pigmentação. Cheiram a talco de bebê. Depois de iniciados na Sociedade por Ômega, conservam uma urna de cerâmica, na qual seu coração foi depositado após ter sido removido.

Ríhgido: Termo que se refere à potência do órgão sexual masculino. A tradução literal seria algo aproximado de “digno de penetrar uma fêmea”.

Rytho: Forma ritual de lavar a honra, oferecida pelo ofensor ao ofendido. Se aceito, o ofendido escolhe uma arma e ataca o ofensor, que se apresenta desprotegido perante ele.

Shellan: Vampira que tem um companheiro. Em geral, as fêmeas não têm mais de um macho devido à natureza fortemente territorial deles.

Sociedade Redutora: Ordem de assassinos constituída por Ômega com o propósito de erradicar a espécie dos vampiros.

Symphato: Espécie dentro da raça vampírica, caracterizada por capacidade e desejo de manipular emoções nos outros (com o propósito de trocar energia), entre outras peculiaridades. Historicamente, foram discriminados e, em certas épocas, caçados pelos vampiros. Estão quase extintos.

Transição: Momento crítico na vida dos vampiros, quando ele ou ela transforma-se em adulto. A partir daí, precisam beber sangue do sexo oposto para sobreviver e não suportam a luz do dia. Geralmente, ocorre por volta dos 25 anos. Alguns vampiros não sobrevivem à transição, sobretudo os machos. Antes da mudança, os vampiros são fisicamente frágeis, inaptos ou indiferentes para o sexo, e incapazes de se desmaterializar.

Trahyner: Termo usado entre machos em sinal de respeito e afeição. Pode ser traduzido como “querido amigo”.

Tuhtor: Guardião de um indivíduo. Há vários graus de *tuhtors*, sendo o mais poderoso aquele responsável por uma fêmea *ehnclausurada*.

Tumba: Cripta sagrada da Irmandade da Adaga Negra. Usada como local de cerimônias e como depósito das urnas dos *redutores*. Entre as cerimônias ali realizadas estão iniciações, funerais e ações disciplinadoras contra os Irmãos. O acesso a ela é vedado, exceto aos membros da Irmandade, à Virgem Escriba ou aos candidatos à iniciação.

Vampiro: Membro de uma espécie à parte do *Homo sapiens*. Os vampiros precisam beber sangue do sexo oposto para sobreviver. O sangue humano os mantém vivos, mas sua força não dura muito tempo. Após sua transição, que geralmente ocorre aos 25 anos, são incapazes de sair à luz do dia e devem alimentar-se na veia regularmente. Os vampiros não podem "converter" os humanos por meio de uma mordida ou transferência de sangue, embora, ainda que raramente, sejam capazes de procriar com a outra espécie. Podem se desmaterializar por meio da vontade, mas precisam estar calmos e concentrados para consegui-lo, e não podem levar nada pesado consigo. São capazes de apagar as lembranças das pessoas, desde que recentes. Alguns vampiros são capazes de ler a mente. Sua expectativa de vida ultrapassa os mil anos, sendo que, em certos casos, vai bem além disso.

Viajante: Um indivíduo que morreu e voltou vivo do Fade. Inspiram grande respeito e são reverenciados por suas façanhas.

Virgem Escriba: Força mística que foi conselheira do Rei. Também foi guardiã dos registros vampíricos e distribuía privilégios. Existia em um reino

atemporal e possuía grandes poderes. Renunciou ao seu posto em favor de outro.

PRÓLOGO

ANTIGO PAÍS, 1731

As chamas de uma fogueira no chão iluminavam as paredes úmidas da caverna; a superfície áspera, manchada por sombras. Do lado de fora do ventre da terra, os gemidos do vento ecoavam na abertura do abrigo, unindo-se aos gritos da fêmea sobre o catre em que dava à luz.

– Será um menino! – ela arfou em meio às contrações que a assolavam. – Um macho!

Acima daquele pedaço de carne deitado e agonizante, pairando como uma maldição sobre ela, o Irmão da Adaga Negra Hharm pouco se importava com a sua dor.

– Logo saberemos.

– Você me desposará. Foi uma promessa…

As palavras se interromperam e seu rosto se contraiu numa máscara feia enquanto suas partes internas se contorciam para expelir a cria e, ao fazer as vezes de testemunha, Hharm refletia o quanto a aristocrata ficava pouco atraente em trabalho de parto. Não fora assim quando se conheceram e ele a seduzira. Na época, estivera coberta de cetim, muito composta, o receptáculo adequado para o seu legado, com a pele perfumada e os cabelos macios e

reluzentes. Agora? Não passava de um animal, suada, pegajosa – e por que a situação se prolongava tanto? Ele estava tão enfastiado com o processo, ofendido por estar cuidando dela. Tratava-se de uma tarefa para as fêmeas, não para um guerreiro de seu escalão.

Todavia, não a desposaria, a menos que precisasse fazê-lo.

Se o bebê fosse o filho pelo qual vinha esperando? Então, sim, ele legitimaria a criança por meio da cerimônia de união e daria à fêmea o status ao qual ela se julgava digna. Caso contrário, ele se afastaria e a fêmea não diria nada, porque estava maculada aos olhos de sua classe, sua pureza perdida como um terreno já arado.

De fato, Hharm já decidira que era hora de se assentar. Depois de séculos de perdições e depravações, a idade começava a pesar. Ele se punha a considerar, pela primeira vez, o legado que deixaria para a posteridade. No momento, não lhe faltavam bastardos, frutos de sua pelve, os quais não conhecia, com quem não se importava e jamais se associaria a eles – e por tanto tempo era de conhecimento geral que ele não devia nada a ninguém.

Agora, porém… Ele se encontrava desejando uma árvore genealógica adequada. E também havia a questão das suas dívidas crescentes, algo que o pai dessa fêmea facilmente resolveria para ele – embora, mais uma vez, caso não fosse um filho varão, ele não a desposaria. Não era louco, não se prostituiria por centavos. Além disso, havia incontáveis fêmeas da glymera

que cobiçavam o status inerente à vinculação com um membro da Irmandade da Adaga Negra.

Hharm não se comprometeria até ter um filho homem, a quem criaria desde a primeira noite.

– Oras, recomponha-se! – ele repreendeu-a quando ela gritou uma vez mais, uma ofensa aos seus ouvidos. – Fique calada!

Como em todas as coisas, contudo, ela o desafiou:

– Está chegando…! O seu filho está chegando!

A veste que ela usava foi suspensa até a base dos seios volumosos por mãos retorcidas. A barriga estendida e arredondada era uma visão vergonhosa, as coxas pálidas e finas permaneciam afastadas. O que acontecia no centro era repugnante: o que deveria ser a entrada delicada e adorável a fim de aceitar a excitação masculina vazava todo tipo de fluido e as carnes estavam inchadas e distorcidas.

Não, ele jamais a penetraria novamente. Com ou sem um filho, vinculados ou não, a perversão diante dos seus olhos não era algo de que ele pudesse se esquecer.

Felizmente, casamentos por conveniência eram uma contingência comum na aristocracia – não que ele se importasse caso não o fossem. As necessidades dela eram inconsequentes.

– Ele está chegando! – ela berrou quando a cabeça pendeu para trás e as

unhas arranharam a terra debaixo de seu corpo. – Seu filho… ele se aproxima!

Hharm franziu a testa, depois seus olhos se arregalaram e as pernas se firmaram, afastadas. Ela não se equivocava, pois, de fato, algo começava a surgir de dentro dela… Era…

Uma abominação. Algo disforme e terrível…

Um pé.

– Isso é um pé?

– Tire seu filho do meu corpo – ela ordenou entre arquejos. – Puxe-o de dentro de mim e segure-o contra seu coração, reconheça-o como sua carne e seu sangue!

Com todas as armas ainda presas ao corpo, Hharm ajoelhou-se quando o segundo pé apareceu.

– Puxe! Puxe! – O Sangue jorrou e a fêmea berrou de novo quando o bebê não se moveu. – Ajude-me! Ele está asfixiado!

Hharm manteve-se afastado de toda aquela nojeira e imaginou quantas fêmeas inseminadas por ele haviam passado pela mesma situação. Seria sempre desagradável assim ou era ela quem era fraca?

De fato, deveria deixá-la que fizesse o parto sozinha, mas não confiava nela. A única maneira de ter certeza de que seu filho era macho era estar presente durante o nascimento. De outro modo, ele não desconsiderava a

possibilidade de ela trocar uma filha indesejada pelo macho tão cobiçado – fruto de outro macho.

Aquela era, afinal, uma transação negociada, e ele sabia muito bem como tais coisas podiam ser manipuladas.

Em seguida, o som que emergiu da garganta da fêmea foi tão volumoso e demorado que interrompeu seus pensamentos. Depois os gemidos e as mãos sujas de terra e sangue dela se postaram no interior das coxas, puxando-as para fora e para cima, ampliando a abertura. E bem quando o Irmão acreditou que ela estivesse morrendo, quando cogitou se acabaria enterrando a ambos – e de pronto decidiu-se contra a proposição, visto que as criaturas da floresta logo consumiriam os restos mortais –, o bebê apareceu um pouco mais, livrando-se de algum obstáculo interno.

E lá estava ele.

Hharm se adiantou.

– Meu filho!

Sem pensar, esticou os braços e apanhou com mãos firmes os tornozelos escorregadios. Estava vivo; a criança chutava com força, debatendo-se contra o confinamento do canal vaginal.

– Venha para mim, meu filho – Hharm ordenou ao puxá-lo.

A fêmea se contorcia em agonia, mas ele não lhe dispensou um pensamento sequer. Mãos – pequeninas e perfeitamente bem formadas –

surgiram em seguida, junto à barriga arredondada e o peito, que, mesmo em seu momento recém-nascido, era amplo.

– Um guerreiro! Este é um guerreiro! – O coração de Hharm batia forte, seu triunfo latejava nos ouvidos. – Meu filho levará adiante o meu nome! Será conhecido como Hharm, assim como eu antes dele!

A fêmea ergueu a cabeça, as veias do pescoço saltavam como cordões tensos sob a pele pálida demais.

– Você me desposará – ela disse, rouca. – Jure… Jure pela sua honra, ou eu o segurarei dentro de mim até que fique azul e entre no Fade.

Hharm sorriu com frieza, revelando as presas. Em seguida, desembainhou uma das adagas do peito. Direcionando a ponta para baixo, mirou no baixo ventre dela.

– Eu a estriparei como a um cervo para libertá-lo, nalla .

– E quem alimentará seu precioso filho? O seu sêmen não sobreviverá sem mim.

Hharm pensou na tormenta do lado de fora. Na distância que estavam do assentamento de vampiros mais próximo. E no pouco que sabia sobre as necessidades de um recém-nascido.

– Você me desposará, conforme prometido – ela gemeu. – Jure!

Os olhos dela estavam injetados e ensandecidos, os longos cabelos suados e emaranhados, o corpo era algo sobre o qual ele jamais desejaria se

sobrepor. Mas a lógica dela o impedia. Perder o que desejava por conta exatamente do arranjo que estivera disposto a fazer, simplesmente porque ela o apresentava como se fosse uma condição sua, não era uma decisão sábia a se tomar.

– Juro – murmurou.

Com isso, ela voltou a se deitar e, sim, agora ele a ajudaria, puxando no ritmo dos empurrões dela.

– Ele está vindo… ele…

O bebê saiu de dentro dela num jorro, fluidos saindo com ele e, quando Hharm o segurou em suas palmas, sentiu uma alegria inesperada tão ressonante que…

Seus olhos se estreitaram ao pousar as vistas sobre o rosto dele.

Acreditando que havia alguma membrana mascarando o bebê, passou uma das mãos pelas suas feições, que eram um misto das dele e da fêmea.

Lamentavelmente… nada mudou.

– Que maldição é esta? – questionou-se consigo mesmo. – Que maldição… é esta *!*

CAPÍTULO 1

MONTANHAS DE CALDWELL, NOVA YORK, DIAS ATUAIS

A Irmandade da Adaga Negra o mantinha vivo só para poder matá-lo.

Dada a soma das atividades terrenas de Xcor, que foram das mais

violentas, e certamente muito depravadas, aquele parecia um fim adequado para ele.

Nascera numa noite de inverno durante uma tempestade histórica. Nas entranhas de uma caverna suja e úmida, enquanto rajadas gélidas assolavam o Antigo País, a fêmea que o carregara gritara e sangrara para dar ao Irmão da Adaga Negra Hharm o filho tão exigido por ele.

Ele fora desesperadamente desejado.

Até chegar ao mundo.

E esse era o início da sua história, que acabara por levá-lo até ali.

Em outra caverna. Em outra noite do mês de dezembro. E assim como na noite do seu nascimento de fato, o vento gemia para recebê-lo, ainda que, dessa vez, fosse para o retorno da sua consciência em vez da expulsão para a vida independente que levou dali adiante.

E como um recém-nascido, tinha pouco controle sobre o corpo. Estava incapacitado, e isso seria verdadeiro mesmo sem as algemas de aço e as barras sobre o peito, o quadril, as coxas. Máquinas, contrastantes com o ambiente rústico que o rodeava, emitiam sinais atrás de sua cabeça, monitorando-lhe a respiração, os batimentos cardíacos, a pressão sanguínea.

Com a mesma fluidez de uma engrenagem sem lubrificação, seu cérebro começou a funcionar adequadamente sob o crânio; quando os pensamentos por fim se aglutinaram e formaram uma sequência lógica, lembrou-se da série

de eventos que fizeram com que ele, o líder do Bando de Bastardos, acabasse sob a custódia daqueles que haviam sido seus inimigos: um ataque por trás, uma concussão, uma espécie de derrame ou algo do tipo que fez com que ele acabasse deitado, dependendo de máquinas para sobreviver.

E da inexistente misericórdia dos Irmãos.

Recobrara a consciência uma ou duas vezes durante o período em cativeiro, registrando seus captores e o ambiente daquele corredor cavernoso que inexplicavelmente abrigava jarros de todos os tipos. A retomada da consciência nunca durou muito; entretanto, a conexão com sua área mental era insustentável por um tempo mais demorado.

No entanto, dessa vez parecia diferente. Ele percebia a mudança em sua mente. O que quer que tivesse estado danificado por fim se curara e agora ele retornava do cenário enevoado do ponto de morto-vivo, permanecendo do lado vital.

– … muito preocupado com Tohr.

O fim da frase enunciada por um macho entrou nos ouvidos de Xcor como uma série de vibrações, cuja tradução sofreu um atraso, e quando as palavras se formaram, ele virou o olhar naquela direção. Duas figuras de preto muito bem armadas estavam de costas para si, e ele voltou a abaixar as pálpebras, pois não desejava revelar a mudança do seu estado. Entretanto, suas identidades estavam devidamente anotadas.

– Não, ele está bem. – O som de algo raspando e o cheiro de tabaco permeando o ar. – E se não estiver, vou estar ao lado dele.

A voz grave que falou primeiro pareceu árida.

– Pra botar nosso irmão na linha à força… Ou ajudá-lo a acabar com este pedaço de carne?

O Irmão Vishous riu como se fosse um assassino em série.

– Que bela consideração você tem por mim.

Era estranho que não se entendessem melhor, Xcor pensou. Esses machos queriam tanto sangue quanto ele.

No entanto, essa aliança jamais existiria. A Irmandade e os Bastardos sempre estiveram em lados opostos durante o reinado de Wrath, esse limite tendo sido estabelecido pela bala que Xcor alojara na garganta do líder por direito da raça vampírica.

E o preço de sua traição seria cobrado ali, em pouco tempo.

Claro, a ironia era que uma força de compensação interceptara seu destino e fizera com que suas ambições e seu foco se afastassem, e muito, do trono.

Não que os guerreiros da Irmandade tivessem ciência disso – e pouco se importariam se soubessem. Além de partilharem o apetite pela guerra, ele e os Irmãos tinham outras características em comum: piedade era para os fracos; o perdão, algo patético; pena, um sentimento das fêmeas, nunca de guerreiros.

Embora soubessem que ele já não sentia nenhuma agressividade em relação a Wrath, não o exonerariam daquilo que conquistara com méritos. Por conta de tudo o que acontecera, ele não sentia nem amargura nem raiva em relação ao que o esperava. Aquela era a natureza do conflito.

Contudo, sentia-se triste – um sentimento desconhecido para ele.

Das suas lembranças surgiu uma imagem que lhe roubou o fôlego. Era o de uma fêmea alta e magra nas vestes sagradas das Escolhidas da Virgem Escriba. Os cabelos loiros ondulavam sobre os ombros e desciam até o quadril em uma brisa suave, os olhos eram cor de jade, o sorriso, uma benção que ele não fizera nada para receber.

A Escolhida Layla mudara tudo para ele, transformando a Irmandade de um alvo a algo tolerável, de inimigo a um habitante coexistente naquele mundo.

Em pouco mais de um ano e meio, período no qual Xcor a conhecia, ela tivera um efeito mais impactante sobre sua alma negra do que qualquer outra pessoa antes dela, fazendo com que evoluísse muito em tempo ínfimo – algo que ele jamais imaginara ser possível.

O *Dhestroyer*, camarada de Vishous, voltou a falar:

– Na verdade, concordo plenamente com Tohr sobre fazer picadinho do filho da puta. Ele conquistou esse direito.

O Irmão Vishous praguejou.

– Todos nós merecemos. Vai ser difícil deixar uma parte dele intacta quando isso acontecer.

E ali estava o enigma, Xcor ponderou por trás das pálpebras abaixadas. A única saída possível de tamanho cenário mortal seria revelar o amor que sentia por uma fêmea que não era sua, nunca fora e jamais poderia ser.

Mas não sacrificaria a Escolhida Layla por ninguém, por nada.

Nem mesmo para se salvar.

Enquanto Tohr caminhava na floresta de pinheiros da montanha da Irmandade, seus coturnos esmagavam o terreno congelado, e o vento glacial o golpeava no rosto. Em seu rastro, tão próximo de seus calcanhares quanto uma sombra, ele sentia suas perdas a acompanhá-lo, numa fila de lamentos tangíveis como uma corrente.

A sensação de estar sendo perseguido pelos seus mortos o fez refletir a respeito de programas de TV sobre eventos paranormais, do tipo que tentava provar a existência de fantasmas. Que monte de bobagens. A histeria humana acerca das supostas entidades obscuras flanando em escadas e provocando rangidos em casas antigas, com seus passos sem corpos, era algo muito característico dessa espécie desimportante absorta em si mesma e criadora de dramalhões. Mais uma coisa que Tohr odiava a respeito deles.

E, como de costume, eles não acertavam no alvo.

Os mortos absolutamente nos atormentam, percorrendo seus dedos gélidos

em nossa nuca como uma forma de lembrete até não conseguirmos decidir se queremos gritar pelas saudades que sentimos deles… ou porque queremos ser deixados em paz.

Eles espreitam suas noites e rondam seus dias, deixando um campo minado de tristeza ao longo dos caminhos.

São seus primeiros e seus últimos pensamentos, o filtro que você tenta deixar de lado, a barreira invisível entre você e todo o resto.

Algumas vezes, são mais parte de você do que as pessoas que você consegue de fato segurar e tocar.

Portanto, sim, ninguém precisa de um programa de TV idiota para provar o que já é de conhecimento comum: mesmo que Tohr tenha encontrado o amor com outra fêmea, sua primeira *shellan*, Wellsie, e o filho não nascido que ela carregava no ventre quando foi assassinada pela Sociedade Redutora, nunca foram afastados dele além da própria pele.

E agora houvera mais uma morte na mansão da Irmandade.

A companheira de Trez, Selena, subira para o Fade havia poucos meses, tendo falecido em razão de uma doença para a qual não existia cura, nenhum alívio, nenhum conhecimento.

Tohr não dormia direito desde então.

Voltando a se concentrar nas árvores que o cercavam, Tohr se abaixou e afastou um galho do caminho, depois deu a volta num tronco caído. Poderia

ter se materializado até o destino, mas seu cérebro latejava com tanta violência da prisão do crânio que ele duvidava que conseguiria se concentrar o bastante para se dissipar.

A morte de Selena fora um maldito gatilho para ele, um evento que afetava outra pessoa, mas que, não obstante, sacudira seu globo de neve, balançando-o com tanta força que seus flocos internos ainda rodopiavam e se recusavam a se assentar.

Estava no centro de treinamento quando ela fora chamada para o Fade, e o momento da morte não fora silencioso. Fora marcado pelo som da alma dilacerada de Trez, o equivalente auditivo de uma tumba – um som que Tohr conhecia bem demais. Fizera o mesmo quando recebera a notícia da morte de sua fêmea.

Portanto, sim, nas asas da agonia do seu amor, Selena fora alçada da terra para o Fade…

Arrancar-se desse espiral cognitivo era o mesmo que tentar tirar um carro de um atoleiro, o esforço necessário era tremendo, o progresso conquistado centímetro a centímetro.

No entanto, lá ia ele pela floresta, na noite invernal, esmagando o que aparecia sob suas solas, com seus fantasmas sussurrando-lhe por trás.

A Tumba era o *sanctum sanctorum* da Irmandade da Adaga Negra, aquele local secreto onde as induções aconteciam e convocavam-se as reuniões

secretas, e onde eram mantidos os jarros dos *redutores* assassinados. Estava localizada abaixo do solo, num labirinto criado pela natureza, tradicionalmente fora dos limites para qualquer um que não tivesse passado pela cerimônia que o marcasse como membro da Irmandade.

Essa regra, no entanto, tivera que ser contornada, pelo menos em respeito ao longo corredor de entrada de quase meio quilômetro.

Ao se aproximar do insuspeito sistema da entrada, parou e sentiu a raiva surgir.

Pela primeira vez desde que se tornara um Irmão, não era bem recebido ali. Tudo por causa de um traidor.

O corpo de Xcor estava do lado oposto dos portões, na metade do caminho repleto de prateleiras, deitado numa maca, a vida monitorada e mantida por equipamentos.

Até que o maldito despertasse e pudesse ser interrogado, Tohr não tinha permissão para entrar.

E seus irmãos tinham razão em não confiar nele.

Ao fechar os olhos, viu seu rei com um tiro na garganta. Reviveu o momento em que a vida de Wrath estivera escorrendo junto ao sangue rubro; rememorou a cena em que tivera que salvar o último vampiro de sangue puro no planeta ao cortar um buraco na frente da garganta dele e enfiar o tubo de sua Camelback naquele esôfago.

Xcor encomendara o assassinato. Xcor ordenara um dos seus guerreiros mandar uma bala para dentro das carnes de um macho de valor, conspirara com a *glymera* para derrubar o governante por direito, mas o filho da puta fracassara. Wrath sobrevivera, apesar das probabilidades contrárias,, e na primeira eleição democrática da história da raça, fora apontado como líder de todos os vampiros – uma posição que ele agora detinha por consenso em vez de pela sua linhagem.

Portanto, vá se foder, filho da puta.

Cerrando os punhos, Tohr ignorou o ranger das luvas de couro e a constrição no dorso dos nós dos dedos. Só o que reconhecia era o ódio, tão profundo como uma doença letal.

O destino decidira que era certo tirar-lhe três seus e dos seus; o destino tirara dele sua *shellan*, seu filho, e o amor da vida de Trez. Querem falar sobre equilíbrio no Universo? Tudo bem. Ele queria o seu equilíbrio, e isso só aconteceria quando quebrasse o pescoço de Xcor e arrancasse o coração ainda quente do peito do maldito.

Já era hora de uma fonte do mal ser tirada de circulação, e era ele quem empataria o placar.

E a espera finalmente terminava. Por mais que respeitasse seus irmãos, estava farto de aguardar. Essa noite era um aniversário triste para ele, e ele daria ao seu luto um presentinho especial.

Era hora de festejar.

CAPÍTULO 2

O copo de cristal baixo estava tão limpo, tão isento de marcas de sabão, de poeira, de qualquer grânulo que o manchasse, que sua estrutura era como o ar; e a água dentro dele, totalmente invisível.

Meio cheio, a Escolhida Layla ponderou. *Ou meio vazio?*

Sentada no banquinho acolchoado, entre as duas pias com torneiras douradas e diante de um espelho com adornos de ouro que refletia a banheira funda atrás de si, ela observava a superfície do líquido.

O fundo era côncavo e a água lambia levemente o interior do copo, como se suas moléculas mais ambiciosas tentassem fugir do confinamento. Respeitava o esforço, enquanto lamentava sua futilidade. Sabia muito bem o que era querer ser livre do local que a abrigava, apesar de não ser culpa sua.

Por séculos, ela fora a água daquele copo, despejada sem ter querido, em virtude apenas do seu nascimento, num papel de servidão junto à Virgem Escriba. Ao lado de suas irmãs, executara os deveres sagrados das Escolhidas no Santuário, adorando a mãe da raça, registrando os eventos da Terra para a posteridade dos vampiros, aguardando a escolha de um novo Primale para que ela pudesse engravidar e dar à luz mais Escolhidas e mais Irmãos.

Mas tudo isso já era passado.

Inclinando-se sobre o copo, observou mais atentamente a água. Fora

treinada como *ehros*, não como escriba, mas sabia muito bem como enxergar além das águas que eram testemunhas da história. Dentro do Templo das Escribas, as Escolhidas designadas a registrar as histórias e as linhagens da raça permaneceram sentadas por horas e horas, observando nascimentos e mortes, suas mãos delicadas com penas sagradas colocando os detalhes nos pergaminhos, acompanhando tudo.

Não havia nada para ela ver. Não ali na Terra.

E também já não existiam testemunhas no alto.

Um novo Primale acabara surgindo. Mas em vez de se deitar com seu rebanho de fêmeas, dando continuidade ao programa de criação da Virgem Escriba, ele dera um passo sem precedentes, libertando todas elas. O Irmão da Adaga Negra Phury se desviara do modelo, quebrara a tradição, desfizera-se das amarras e, ao fazê-lo, as Escolhidas que estiveram isoladas desde sua gênese, visando aos nascimentos planejados, acolheram sua libertação. Já não eram representantes vivas de uma tradição rígida; tornaram-se indivíduos, com seus próprios descontentamentos e preferências, mergulhando os dedos nas águas terrenas da realidade, procurando e encontrando destinos a respeito de si próprias, e não mais de um serviço.

Ao fazer isso, ele desencadeara o fim dos imortais.

A Virgem Escriba já não existia mais.

Seu filho de nascimento, o Irmão da Adaga Negra Vishous, a procurara no

Santuário acima e descobriu que ela se fora, deixando uma última carta escrita no vento apenas para os olhos dele.

Ela dissera que tinha um sucessor em mente.

Ninguém sabia sua identidade.

Recostando-se, Layla olhou para a veste que trajava. Não era do tipo sagrado que se vestira durante tantos anos. Não, essa peça vinha de um lugar chamado Pottery Barn, e Qhuinn a comprara para ela na semana passada. Com a aproximação do inverno, ele se preocupava que a mãe de seus filhos estivesse aquecida, sempre bem cuidada.

A mão de Layla subiu para o ventre, agora baixo. Depois de ter carregado a filha, Lyric, e o filho, Rhampage, dentro do corpo por tantos meses, era tão estranho quanto familiar não ter nada no útero…

Vozes murmuradas, baixas e graves, penetraram a porta que ela havia fechado.

Entrara no banheiro para usar o vaso.

Demorara-se depois de ter lavado as mãos.

Qhuinn e Blay, como de costume, estavam com os bebês. Segurando-os. Ninando-os.

Todas as noites, ela tinha que se esforçar para testemunhar o amor, não entre eles e os pequenos… mas aquele entre os dois machos. De fato, os pais exibiam um vínculo ressonante e, resplandecente um com o outro, e por mais

que fosse algo belo, aquele fulgor fazia com que se sentisse ainda mais vazia em sua existência.

Enxugando uma lágrima, disse a si mesma para se controlar. Não poderia voltar ao quarto com olhos brilhantes demais, e o nariz e faces corados.

Aquele deveria ser um momento de alegria para os cinco integrantes da família. Agora que os gêmeos haviam superado o estado de emergência sob o qual tinham nascido, e Layla também se recuperara, todos estavam aliviados por todos estarem sãos e salvos.

Agora era a vida feliz que ganharam para viver.

Em vez disso, ela ainda era a água triste dentro do copo, desejando sair.

Dessa vez, porém, a prisão foi feita por ela mesma, em vez de providenciada pela genética.

A definição de infidelidade, pelo menos de acordo com o dicionário, era: a ação de trair algo ou alguém…

A batida à porta fechada foi suave.

– Layla?

Ela fungou e abriu uma das torneiras.

– Oi!

A voz de Blay soou baixa, como era seu hábito.

– Você está bem aí?

– Ah, sim, estou. Resolvi tratar um pouco do rosto. Sairei daqui a pouco.

Ela se levantou, inclinou-se e molhou o rosto. Depois esfregou a testa e o queixo com a toalha de mão para que o rubor se espalhasse mais uniformemente sobre a pele. Apertando o cinto do roupão, aprumou os ombros e foi para a porta, em meio a preces para manter a compostura pelo tempo necessário até conseguir apressá-los para a Última Refeição.

Mas teve um momento de folga.

Ao abrir a porta, Blay e Qhuinn sequer olhavam na sua direção. Estavam inclinados sobre o berço de Lyric.

– … os olhos de Layla – Blay disse ao abaixar a mão e deixar que a pequena agarrasse seu dedo. – Definitivamente.

– Ela também tem os cabelos da *mahmen*. Veja o tom loiro começando a aparecer.

O amor deles pela pequena era incandescente, reluzia em seus rostos, aquecia suas vozes e, aplacava seus movimentos, de modo que tudo o que faziam era com cuidado. No entanto, não era nisso que Layla se concentrava. Seu olhar estava fixo na palma larga de Qhuinn, que afagava as costas de Blay. A carícia de conexão era inconsciente de ambos os lados; a oferta e a aceitação eram tanto nada e tudo o que importava, simultaneamente. E enquanto testemunhava o que se passava do outro lado do quarto, Layla teve que piscar rápido de novo.

Às vezes, a gentileza e o amor podiam ser tão difíceis de testemunhar

quanto a violência. Às vezes, quando se está do lado de fora, ver duas pessoas tão em sintonia era uma cena saída de um filme de terror, o tipo de coisa da qual você quer se manter afastado, quer esquecer, banir da memória – ainda mais quando se está prestes a deitar e enfrentar sozinha um longo dia de horas no escuro.

Saber que ela jamais teria esse amor especial com alguém era…

Qhuinn relanceou na sua direção.

– Ah, oi.

Ele se endireitou e sorriu, mas ela não se deixou enganar. Os olhos dele a percorriam como se em uma avaliação – mas, talvez, esse não fosse o caso. Talvez fosse simplesmente a sua paranoia se manifestando.

Estava tão *farta* de se dividir em uma vida dupla. Contudo, no tipo de ironia cruel que parecia ser a fonte favorita de divertimento do destino, o preço para aliviar a consciência viria à custa de sua própria existência.

A como poderia deixar os filhos para trás?

– … ok? Layla?

Enquanto Qhuinn franzia a testa ao observá-la, ela balançou a cabeça e forçou um sorriso.

– Ah, tudo bem, mesmo. – Ela deduzia que a pergunta se referisse ao seu bem-estar. – Muito bem mesmo.

Em busca de confirmar a mentira, aproximou-se dos berços. Rhampage, ou

Rhamp, como era conhecido, lutava contra o sono, e quando a irmã arrulhou, sua cabeça se virou e ele esticou a mão.

Engraçado. Mesmo tão jovem, ele parecia reconhecer seu posto e desejava protegê-la.

Era genético. Qhuinn era um membro da aristocracia, resultado de gerações de emparelhamentos escolhidos a dedo, e por mais que seu "defeito" de ter um olho azul e outro verde o tivesse feito receber o desprezo tanto da *glymera* quanto da própria família, a venerável natureza de sua linhagem não podia ser negada. Tampouco o impacto de sua presença física. Com quase dois metros de altura e corpo talhado por músculos definidos, moldados tanto pelos exercícios quanto pela prática na guerra – uma arma tão letal quanto as pistolas e adagas que levava consigo para o campo de batalha. Era o primeiro membro da Irmandade da Adaga Negra a ser induzido com base na meritocracia em vez de na linhagem, e não desapontara a grande tradição. Ele nunca desapontava ninguém.

De fato, Qhuinn era, no conjunto, um belo macho, ainda que de forma um tanto rústica. O rosto era angular, pois tinha pouca gordura corporal, e aqueles olhos despareados fitavam por baixo de sobrancelhas negras. Os cabelos pretos foram cortados muito curtos recentemente, quase totalmente raspados na base. Deixavam um topete para trás e, como resultado, seu pescoço parecia extra-grosso. Com piercings metálicos nas orelhas e a

lágrima de *ashtrux nohtrum* abaixo do olho – uma marca dos tempos em que servira como protetor de John Matthew –, ele chamava a atenção por onde quer que passasse.

Talvez porque as pessoas, tanto humanos como vampiros, preocupavam-se com o que ele seria capaz de fazer caso fosse contrariado.

Blay, por sua vez, era o oposto: tão acessível quanto Qhuinn seria evitado num beco escuro.

Blaylock, filho de Rocke, tinha cabelos ruivos e um tom de pele mais claro do que a maioria da espécie. Era tão grande quanto Qhuinn, mas quando se está ao seu lado, a primeira impressão que se tem dele faz referência à sua inteligência e ao seu bom coração, em vez de a força bruta. Ainda assim, ninguém discutia suas habilidades em campo. Layla ouvira histórias, ainda que nunca da parte dele, visto que não era de se vangloriar, criar dramas excessivos ou atrair atenções para si.

Ela amava os dois de todo o coração.

E o distanciamento que sentia em relação a eles partia somente do seu lado.

– Olha só – Qhuinn disse ao apontar para os bebês. – Temos dois se apagando… Melhor, um e meio.

Quando ele sorriu, ela não se deixou enganar. Seus olhos continuavam a passear pelo seu rosto, à procura sobre sinais de exatamente aquilo que ela tentava esconder. Para dificultar o escrutínio dele, ela recuou.

– Eles dormem bem, graças à Virgem Escriba… Hum, graças ao Fade.

– Você vai descer para a Última Refeição hoje? – ele perguntou como quem não quer nada.

Blay se endireitou.

– Fritz disse que prepara o que você quiser.

– Ele é sempre tão gentil. – Ela foi até a cama e se deitou contra os travesseiros. – Na verdade, senti uma fominha lá pelas duas da manhã, por isso fui até a cozinha e comi torradas e aveia. Tomei café. Suco de laranja. Um café da manhã no lugar do almoço, por assim dizer. Sabem como é, às vezes sentimos vontade de voltar o relógio no meio da noite e recomeçar da metade.

Uma pena que isso não passasse de uma metáfora.

Ainda que… será que ela teria escolhido nunca conhecer Xcor?

Sim, pensou. Preferiria nunca ter sabido da sua existência.

O amor de sua vida, seu "Blay", o par do seu coração e da sua alma… era um traidor. E seus sentimentos pelo macho foram uma ferida aberta na qual a bactéria da traição entrara e se espalhara.

Portanto, ali estava ela, na prisão estabelecida por ela própria, torturada pelo fato de ter se aproximado do inimigo, primeiro por ter sido ludibriada… e mais tarde porque quis estar na presença de Xcor.

Separaram-se em maus termos, contudo, com ele colocando um fim nos

encontros clandestinos após ela forçá-lo a admitir seus sentimentos. Em seguida, a situação se transformara de triste para trágica, quando ele foi capturado e levado sob a custódia da Irmandade.

A princípio não conseguira obter informações acerca de seu estado. Mas então, viajara ao modo de uma Escolhida até ele e, testemunhara seu estado moribundo num corredor de pedras, repleto de jarros de todas as cores e formas.

Não havia nada que pudesse ter feito por ele. Não sem se apresentar e se expor – e mesmo que ela o fizesse, não poderia salvá-lo.

Por isso estava presa ali: um fantasma atormentado num misto de emoções salpicadas pelo veneno da culpa e do arrependimento, sem nunca, jamais, poder se libertar.

– … certo? Quero dizer… – Enquanto Blay continuava a falar com ela a respeito de uma e outra coisa, a Escolhida se forçou a não esfregar os olhos. – … no fim da noite, enquanto você fica aqui com os bebês. Não que você não goste de ficar com eles.

Saiam, ela solicitou mentalmente para os dois machos. *Por favor, vão embora e me deixem em paz.*

Não era como se ela quisesse afastá-los das crianças, ou que sentisse alguma malquerença pelos pais de Lyric e Rhamp. Ela só precisava respirar.

E toda vez que um dos guerreiros a fitava, como faziam agora, respirar se

tornava praticamente impossível.

– Você concorda? – Qhuinn perguntou. – Layla?

– Ah, sim, claro. – Ela não fazia ideia do que acabara de concordar, mas certificou-se de sorrir. – Só vou descansar agora. Eles ficaram bastante tempo acordados durante o dia.

– Eu gostaria que nos deixasse ajudar mais. – Blay franziu a testa. – Estamos aqui do lado.

– Vocês dois lutam na maioria das noites. Precisam dormir.

– Mas você também é importante.

Layla direcionou o olhar rumo aos os berços e, ao rememorar a cena de si mesma acalentando-os e amamentando-os, sentiu-se ainda pior. Mereciam uma *mahmen* melhor do que ela, descomplicada e sem o fardo de decisões que nunca deveriam ter sido tomadas, uma que não estivesse contaminada pela fraqueza em relação a um macho de quem jamais deveria ter se aproximado… muito menos amado.

– Não tenho a mínima importância em comparação a eles – sussurrou rigidamente. – Eles são tudo.

Blay se aproximou e a tomou pela mão, os olhos azuis calorosos.

– Não, você também é muito importante. E *mahmens* precisam de tempo para si.

Para fazer o quê? Ruminar meus remorsos? Não, muito obrigada, pensou.

– Vou para o túmulo sem eles e aí apreciarei minha própria companhia. –

Ao perceber o quanto tinha soado mórbida, apressou-se: – Além disso, eles crescem rápido. Vai acontecer antes de nós três nos darmos conta.

Conversaram mais depois – não que ela tivesse prestado atenção, com todos os gritos em sua mente. Mas, por fim, foi deixada em paz quando o casal partiu.

O fato de ficar tão feliz ao vê-los sair foi mais uma tristeza que ela tinha a carregar.

Mudando de posição na cama, levantou-se e se aproximou dos berços com os olhos rasos de lágrimas. Enxugando o rosto, repetidas vezes, ela pegou um lenço de papel do bolso do roupão e assoou o nariz. Os bebês estavam profundamente adormecidos, com os olhos fechados, os rostos voltados um para o outro como se estivessem se interligado em uma comunicação telepática durante o sono. Mãozinhas perfeitas e pezinhos preciosos, barriguinhas redondas e saudáveis envolvidas em cobertorzinhos de flanela.

Eram bebês tão bons; alegres quando acordados, pacíficos e angelicais adormecidos. Rhampage ganhava peso com mais velocidade do que Lyric, mas ela parecia mais saudável do que ele, reclamava menos ao ser lavada ou trocada, fitando tudo com mais atenção.

Quando as lágrimas caíram do rosto de Layla até o carpete, ela não sabia quanto tempo mais suportaria.

Antes de tomar ciência do movimento, foi até o telefone interno da casa e apertou uma sequência de quatro números.

A *doggen* que convocou chegou em questão de momentos, e Layla voltou a vestir sua máscara social, sorrindo para a criada com uma serenidade que não sentia.

– *Grata por cuidar dos meus preciosos* – disse no Antigo Idioma.

A babá respondeu com alegria e olhos cintilantes, e Layla só aguentou dois ou três segundos de comunicação. Em seguida, saiu do quarto e, com passos ligeiros protegidos por chinelos, desceu pelo corredor das estátuas. Quando chegou às portas da extremidade oposta, empurrou uma delas e entrou na ala dos empregados.

Como em todas as mansões daquele tamanho e distinção, o lar da Irmandade necessitava de um tremendo apoio de funcionários, e os aposentos dos *doggens* perfilavam o corredor; a segregação por idade, sexo e posição nos escalões formava comunidades dentro do grande conjunto. Em meio ao labirinto de corredores, Layla não escolheu uma direção específica além do objetivo de encontrar um quarto vazio – e encontrou-o umas três portas adiante, depois de uma virada. Ao entrar no espaço simples e desocupado, foi até a janela, abriu-a e fechou os olhos. Seu coração batia forte e uma ligeira tontura a dominava, mas ela inspirou fundo o ar fresco e limpo…

… e se desmaterializou através da abertura que criara, misturando-se à

noite; as moléculas se espalhando e se afastando da mansão da Irmandade.

Como sempre, sua liberdade seria temporária.

Mas, desesperada como estava, foi tomada por um breve sufocamento, e ela partiu em busca de oxigênio.

CAPÍTULO 3

Qhuinn era um macho muito macho. E não só porque era um guerreiro casado com outro cara.

Sim, claro que, antes de se assentar com Blay, até que gostara de transar com fêmeas e mulheres. Mas, pensando bem, seu padrão para parceiros sexuais fora tão baixo que até aspiradores de pós e canos de escapamento tinham sido candidatos ocasionais.

Mas nada de ovelhas. #critério

No entanto, não poderia dizer que as fêmeas o tivessem cativado ou interessado de fato. Não que houvesse algo de errado com elas, ou que não as respeitasse assim como todo o resto. Elas simplesmente não eram do seu gosto.

Numa noite como a de hoje, porém, ele lamentava sua inexperiência. Só porque ralara e rolara com o sexo oposto não significava que estivesse equipado de algum modo para lidar com o que o confrontava agora.

Quando ele e Blay chegaram ao pé da escadaria principal, ele parou e olhou para seu par. Ao fundo, vindo da sala de bilhar do lado oposto do átrio,

o som das vozes graves dos machos, de música e de gelo batendo em copos de cristal anunciavam que o torneio de bilhar da Irmandade já estava em curso.

Qhuinn sorriu de uma maneira que esperava transmitir calma.

– Ei, eu já te encontro lá, ok? Tenho que descer pra falar com a doutora Jane sobre o meu ombro, acho que demoro uns dez minutos… Não mais do que isso.

– Claro. Quer que eu vá com você?

Por um segundo, Qhuinn se perdeu ao observar seu macho. Blaylock, filho de Rocke, era tudo o que ele não era: impecável como um corpo esculpido por Michelangelo, tinha um rosto de arrasar e uma cabeleira ruiva e lustrosa como a cauda de um pônei; era inteligente, mas também equilibrado, o que fazia toda a diferença; era firme e confiável como uma montanha de granito, o tipo de cara que nunca vacilava.

Em tudo o que importava, comparado a Blay, Qhuinn era uma banheira de plástico perto de uma de porcelana; um conjunto incompleto de pratos ao lado de uma dúzia perfeita de louças; uma coisa rachada no meio de algo inquebrável.

Por algum motivo, porém, Blay o escolhera. Contra todas as possibilidades, o filho imperfeito e desonrado de uma das Famílias Fundadoras, o viciado sexual de olhos despareados, o vagabundo hostil e

arredio… De algum modo acabara com o Príncipe Encantado, e caralho, se isso não o convertia.

Blay era o motivo que o fazia respirar, o lar que nunca tivera, a luz do sol que empoderava sua terra.

– Qhuinn? – Os olhos azuis iridescentes se apertaram. – Você está bem?

– Desculpe. – Ele se inclinou e pressionou os lábios na jugular do macho. – Eu me distraí. Mas você sempre tem esse efeito em mim, não é?

Quando Qhuinn se afastou, Blay estava corado – e excitado. Aquela fragrância era uma digressão que não podia ser facilmente ignorada.

A não ser pelo fato de que tinha um problema real para resolver.

– Diga aos irmãos que não demoro. – Qhuinn apontou na direção da sala de bilhar. – E que vou dar uma surra neles.

– Você sempre faz isso. Mesmo com Butch.

As palavras foram suaves, mas respaldadas por uma adoração que fazia com que Qhuinn contasse cada uma das suas bênçãos.

Cedendo ao instinto, Qhuinn se aproximou e sussurrou ao ouvido do cara:

– Talvez queira se alimentar bem na Última Refeição. Vou te manter ocupado o dia inteiro.

Com uma lambida no pescoço em que pretendia trabalhar mais tarde, Qhuinn se afastou antes que não pudesse mais se distanciar de seu par.

Seguindo ao redor da base da escada, passou por uma porta escondida e

desceu pelo sistema de túneis que conectava os componentes da propriedade. O centro de treinamento subterrâneo da Irmandade ficava cerca de meio quilômetro afastado da mansão, e aquela passagem subterrânea ligando as duas partes era um espaço amplo iluminado por painéis de luzes fluorescentes afixados ao teto.

Enquanto ele avançava, o som dos seus passos ecoava ao redor, como se os coturnos aplaudissem a iniciativa.

Contudo, Qhuinn não sabia se eles estavam certos. Não fazia a mínima ideia do que estava fazendo ali.

A porta atrás do armário de suprimentos se abriu sem emitir nenhum som, uma vez inserida a senha; em seguida, o guerreiro passava ao longo de prateleiras repletas de papéis para impressora, canetas, blocos de anotação e outras merdas vindas da loja de materiais para escritório. A sala, além do depósito, apresentava a típica disposição de mesa, cadeira, computador e arquivos metálicos, e nenhuma dessas coisas foi particularmente percebida quando ele passou pela porta de vidro adiante para chegar ao corredor da frente. Com passadas longas e impacientes, atravessou todos os tipos de instalações de nível profissional – desde uma academia completa e sala de pesos à altura de Dwayne Johnson, até os vestiários e as primeiras salas de aula.

A porção destinada à clínica do centro de treinamento tinha outra

quantidade de cômodos voltados ao tratamento, uma sala de operações e diversos leitos hospitalares. A doutora Jane, companheira de V., e o doutor Manello, companheiro de Payne, cuidavam de todo tipo de ferimentos obtidos em combate, além de problemas domésticos e sem falar dos partos de L.W., Nalla e dos gêmeos Lyric e Rhampage.

Qhuinn bateu na primeira porta ao se aproximar e não teve que esperar nem uma batida do seu coração para ter uma resposta.

– Entre! – a doutora Jane disse do lado oposto da porta.

A boa médica vestia roupas cirúrgicas e um par de Crocs. Sentada diante do computador na outra extremidade da bem equipada clínica, seus dedos voavam sobre o teclado enquanto ela atualizava o prontuário de alguém cabisbaixa; seus cabelos loiros curtos espetados como se ela tivesse passado a mão por eles durante horas.

– Um segundinho… – Ela apertou a tecla de “enter” e girou. – Ah, olá, papai. Como está?

– Ah, você sabe, imerso no amor.

– Aqueles seus bebês são maravilhosos. E olha que eu nem gosto de crianças.

O sorriso dela era acolhedor como uma torta de maçãs. Os olhos verde-montanha, por outro lado, eram afiados como raios laser.

– Graças a você, eles estão se saindo muito bem.

Houve uma deixa para o silêncio. Quando a conversa não evoluiu, ele se pôs a caminhar pela clínica, pois não conseguia ficar parado. Deu uma espiada nos equipamentos estéreis e imaculados sobre os gabinetes de aço inoxidável, inspecionou a maca vazia sob as luzes usadas nas operações, ajeitando as calças.

A médica apenas ficou sentada no seu banquinho, calma e silenciosa, deixando que ele se debatesse com a sua mente. Quando o celular dela tocou, Jane deixou que caísse na caixa de mensagens sem nem ver quem poderia ser.

– Provavelmente estou errado – ele acabou concluindo. – Que porra sei eu, afinal?

A doutora Jane sorriu.

– Na verdade eu te acho um cara bem inteligente.

– Não sobre este tipo de coisa. – Com um pigarro, Qhuinn propôs a si mesmo que prosseguisse; ainda que a doutora Jane não parecesse estar com pressa, ele estava entediando a si mesmo. – Olha só… eu amo a Layla.

– Claro que sim.

– E quero o melhor pra ela. Ela é a mãe dos meus filhos. Quero dizer, além de Blay, ela é a minha companheira por causa das crianças.

– Com certeza.

Cruzando os braços diante do peito, ele parou de andar e empostou-se de

frente à doutora Jane.

– Não estou dizendo que sei alguma coisa sobre fêmeas. Coisas como os seus humores e por aí vai. Só que… Layla tem chorado muito. Quero dizer, ela tenta esconder isso de mim e do Blay, mas… toda vez que vou vê-la, encontro bolas de lenços de papel no cesto de lixo, e seus olhos estão brilhantes demais, o rosto, corado. Ela sorri, mas o sorriso nunca passa da superfície. Os olhos dela… são uma tragédia de merda. E… e eu não sei o que fazer, só sei que isso não está certo.

A médica assentiu.

– Como ela se porta com as crianças?

– É fantástica, pelo que posso ver. É totalmente devotada a eles, e eles estão crescendo. Na verdade, o único momento em que a vejo meio que feliz é quando os têm nos braços. – Pigarreou novamente. – Então, o que estou imaginando… ou perguntando, sei lá, é se as fêmeas gestantes, depois que não estão mais grávidas, se elas não…

Jesus, ele merecia todo tipo de prêmio por saber se explicar tão bem. E os termos técnicos com os quais se debatia? Praticamente estava a um passo de receber o título de doutor em Medicina, assim como Jane.

Cacete.

Mas pelo menos a doutora Jane parecia reconhecer que aquele avião conversacional estava ficando sem pista para decolar.

– Acho que está querendo me perguntar a respeito de depressão pós-parto.

– Após vê-lo assentir, ela prosseguiu: – Posso lhe afirmar que não é incomum entre os vampiros, e que pode ser incapacitante. Conversei com Havers a respeito disso antes, e estou muito feliz que tenha vindo me procurar para tratar do assunto. Às vezes, uma mãe recente sequer está ciente de que isso pode se tornar um problema.

– Não existe nenhum exame… ou um… sei lá.

– Existem algumas maneiras diferentes de avaliar a questão, e o comportamento é uma delas. Claro que posso ir conversar com ela, e também posso fazer alguns exames de sangue para avaliar os níveis hormonais. E, sim, existem muitas coisas que podemos fazer para tratar dela e dar-lhe o apoio necessário.

– Não quero que Layla pense que estou agindo pelas costas dela nem nada assim.

– O que é totalmente compreensível. Mas tudo bem, porque eu pretendia mesmo subir até lá para dar uma olhada nela e nos bebês. Posso abordar o tema como se fosse parte de uma rotina. Nem terei que citar seu nome.

– Você é a melhor.

Com o assunto resolvido, ele supôs que era hora de voltar para junto do seu companheiro e para o torneio de bilhar. Mas não saiu. Por algum motivo, não conseguia.

– Não é sua culpa – garantiu a doutora Jane.

– Eu a engravidei. E se o meu… – Ok, ela era médica, mas Qhuinn ainda não queria pronunciar a palavra *esperma* perto dela. O que era loucura. – E se a minha metade for a causa…

A porta se abriu, e Manny enfiou a cabeça pela abertura.

– Ei, está pronta…? Opa, desculpem.

– Estamos quase terminando aqui. – A doutora Jane sorriu. – E você não nos viu juntos.

– Pode deixar. – Manny bateu na soleira. – Se eu puder ajudar de alguma maneira, é só avisar.

E lá se foi o cara, como se nunca tivesse aparecido ali.

A doutora Jane se levantou e se aproximou dele. Era mais baixa do que Qhuinn, e sua estrutura nem se comparava aos quase 140 quilos de músculos masculinos. Mas ela parecia pairar acima dele; a autoridade na voz e nos olhos dela era exatamente o que ele precisava para acalmar seu lado irracional.

Quando encostou a mão no braço dele, sua expressão estava firme.

– Não é sua culpa. Esse, às vezes, é o curso da natureza em algumas gestações.

– Fui eu quem colocou aqueles bebês dentro dela.

– Sim, mas imaginando que este seja um caso de os hormônios se

autorregularem após o parto, não há ninguém para culpar. Além disso, você agiu bem ao vir até aqui, e também pode ajudá-la simplesmente conversando com ela e lhe dando o tempo e o espaço necessários para que ela também converse com você. Para ser sincera, eu já havia notado que ela não tem descido para as refeições. Acho que precisamos encorajá-la a se juntar ao resto de nós, para que ela sinta o quanto estamos disponíveis para ampará-la.

– OK. Certo, então.

A doutora Jane franziu a testa.

– Posso lhe dar um conselho?

– Por favor.

Ela o apertou no braço.

– Não se sinta responsável por algo sobre o qual não tem controle algum. Isso é um convite ao estresse que acabará deixando-o loucamente infeliz. Sei que é mais fácil falar do que fazer, mas tente se lembrar disso, está bem? Eu o vi acompanhá-la a cada estágio da gestação. Não houve nada que você não tenha feito por ela ou que não faria por ela, e você é um pai fantástico. Somente coisas boas o esperam, eu prometo.

Qhuinn inspirou fundo.

– Certo.

Mesmo quando sua preocupação persistiu, ele se lembrou de que, durante a gestação de Layla, descobrira que podia confiar na doutora Jane. A médica o

ajudara a trilhar a estrada da vida e da morte, e nunca o decepcionara, nunca deixara que se desgarrasse. Tampouco mentira para ele e lhe dera maus conselhos.

– Vai ficar tudo bem – ela prometeu.

Infelizmente, como pôde-se perceber mais tarde, a boa médica estava errada.

Mas ela não tinha controle algum sobre o destino.

Nem ele.

CAPÍTULO 4

O bebê estava arruinado. Tudo o que detinha não passava de uma versão modificada e horrenda das feições de Hharm; o lábio superior era todo errado, como o de uma lebre.

Hharm largou o bebê no piso sujo da caverna, e a coisa não emitiu som algum ao aterrissar, os braços e as pernas mal se moviam, as carnes azuladas e acinzentadas, o cordão ainda o unia à fêmea. Iria morrer, assim como deveriam todos os resultados contra as regras da natureza e do parto – e essa consequência não era causa de indignação.

O fato de Hharm ter sido ludibriado, porém, o era. Desperdiçara dezoito meses, uma quantidade enorme de horas, aquele momento de esperança e de felicidade numa monstruosidade insuportável. E o que ele sabia com certeza? Que não era culpa sua.

– O que você fez? – exigiu saber da fêmea.

– Um filho! – Ela arqueou as costas em agonia renovada. – Eu lhe dei…

– Uma maldição. – Hharm se levantou em toda a sua altura. – O seu ventre é impuro. Ele corrompeu o presente do meu sêmen e produziu isso…

– O seu filho…

– Olhe para ele! Veja com seus olhos! Isso é uma abominação!

A mulher se esforçou e suspendeu a cabeça.

– Ele é perfeito, ele é…

Hharm empurrou o bebê com a bota, fazendo com que ele movesse os pequenos membros e emitisse um gritinho fraco.

– Nem mesmo você pode negar o que está diante de nós!

Os olhos injetados dela se afixaram no bebê, e depois se arregalaram…

– Isso é…

– Você fez isso – ele anunciou.

A ausência de argumentos por parte dela foi uma rendição inevitável, visto que o defeito não podia ser negado. Então ela gemeu como se ainda estivesse em trabalho de parto, os dedos ensanguentados arranharam a terra fria, as pernas tremeram quando se afastaram mais. Depois de mais esforços, algo saiu da mulher, e ele pensou que talvez fosse mais um. De fato, seu coração se viu cheio de otimismo enquanto ele rezava para que o primeiro fosse exhile dhoble *, o amaldiçoado de um par de gêmeos.*

Infelizmente, não. Era apenas algo do interior da fêmea, talvez o estômago ou o intestino dela.

E o bebê prosseguiu chorando, o peito se estufando e murchando com pouco efeito.

– Você deve morrer aqui, assim como ele – Hharm disse sem cuidado algum.

– Eu não…

– Suas entranhas estão saindo.

– O bebê é… – ela hesitou. – Ele…

– É uma abominação da natureza contra o desejo da Virgem Escriba.

A fêmea se calou e relaxou como se o processo da expulsão tivesse chegado ao fim, e Hharm aguardou pelo ataque em que a alma dela se desprenderia do corpo. Só que ela continuou a respirar e olhar para ele… e a existir. Que espécie de truque era aquele? A ideia de que ela não iria ao Dhunhd *por conta disso era um insulto.*

– Isso é obra sua – ralhou com a fêmea.

– Como sabe que não foi a sua semente que…

Hharm apoiou a bota na garganta dela e a pressionou, interrompendo-lhe as palavras. Quando uma onda de ódio induziu o corpo do guerreiro rumo a uma ação mortal, somente a possibilidade de que esse evento fosse um castigo por suas ações prévias o impediu de esmagar-lhe o pescoço.

Ela tem que pagar *, foi seu pensamento abrupto. Sim, a culpa era dela, e o desapontamento causado necessitava de uma reparação.*

Sibilando, ele revelou as presas.

– Deixarei que viva para que possa criar esta monstruosidade e que seja vista com ele. Esta é sua maldição por me amaldiçoar: ele ficará sempre em seu cangote, como um amuleto ou uma danação, e se eu descobrir que essa coisa morreu, eu a perseguirei e a esquartejarei centímetro a centímetro. Depois matarei a sua irmã, toda a prole dela e os seus parentes.

– O que está dizendo?!

Hharm se inclinou para baixo, o latejar no rosto e na cabeça parecia muito familiar.

– Ouviu minhas palavras. Conhece meu desejo. Desafie-o por sua conta e risco.

Quando ela se acovardou, o Irmão se afastou e fitou a sujeira proveniente do parto, a fêmea patética, aquele resultado horrendo – e cortou o ar com a mão, como se os apagasse da linha do tempo. Em meio aos bramidos da tempestade e à extinção da fogueira, ele foi até o casaco de peles.

– Você arruinou o meu filho – reclamou ao passar o peso das peles sobre os ombros. – O seu castigo é criar esse horror como declaração do seu fracasso.

– Você não é Rei – ela rebateu, fraca. – Não pode ordenar nada.

– Este é um serviço comunitário que faço aos machos, meus camaradas. – Apontou o dedo na direção do recém-nascido choroso. – Com isso grudado ao seu quadril, ninguém mais se deitará com você para sofrer de maneira similar.

– Não pode me forçar a isso!

– Ah, posso, sim, e o farei.

Ela era uma fêmea mimada e desafiadora por natureza, e fora isso o que o atraíra nela a princípio – tivera que lhe ensinar o que fazer e as orientações foram bem interessantes por um tempo. De fato, houvera apenas uma instância em que ela tentara exercer domínio sobre ele. Uma vez e nunca mais.

– Não me teste, fêmea. Já fez isso antes e deve se lembrar do resultado.

Quando ela empalideceu, ele assentiu na sua direção.

– Sim. Isso mesmo.

Ele quase a matara na noite em que lhe mostrara que, enquanto ele ficaria com que desejasse, quando e onde o quisesse, ela jamais teria permissão para se deitar com outro macho enquanto estivesse tangivelmente associada a ele. Foi logo depois disso que ela decidiu que a única possibilidade de prendê-lo seria dando-lhe o filho que ele almejava e, ao mesmo tempo, ele começara a pensar em seu legado.

Por azar, ela fracassara em seus objetivos.

– Eu odeio você – ela gemeu.

Hharm sorriu.

– O sentimento é mútuo. E mais uma vez lhe digo que é melhor garantir a sobrevivência dessa coisa. Se eu descobrir que o matou, revidarei a morte dele nas suas carnes e em toda a sua linhagem.

Dito isso, ele cuspiu duas vezes junto aos pés dela: uma por causa da fêmea e outra pelo bebê. Depois se afastou enquanto ela o chamava, e o bebê desertado berrava contra o frio.

Do lado de fora, a tempestade prosseguia, intensa, a neve rodopiante o cegava e depois diminuiu para uma revoada de pássaros que revelava todo o cenário. No vale logo abaixo, montanhas se elevavam às margens de um lago, a neve acumulada sobre a água congelada que formava ondas nos meses mais quentes. Estava tudo escuro, gélido e inerte, mas ele se recusava a encontrar um mau presságio na imagem à sua frente.

Com a mão usada para a adaga comichando, e a hostilidade dentro dele acelerando como um corcel disparado, sugeriu a si mesmo que não atentasse para esse resultado.

Encontraria outro ventre.

Em algum lugar, havia uma fêmea que lhe daria o legado merecido e necessário. Ele a encontraria e a faria crescer com a sua semente.

Existiria um filho apropriado para ele. Hharm jamais aceitaria qualquer

outro resultado.

CAPÍTULO 5

Quando se aproximou da entrada da caverna sagrada da Irmandade, Tohr se esgueirou pelo interior úmido, e uma vez ali dentro, o cheiro de terra e de uma fonte de chamas distante irritou suas narinas. Os olhos se ajustaram de imediato, e quando ele seguiu em frente, aquietou o movimento de seus coturnos. Não queria ser ouvido, mesmo que sua presença fosse notada logo em seguida.

Os portões não estavam muito longe e eram constituídos por grossas barras de ferro, cuja espessura era semelhante a de um antebraço de guerreiro; as barras de ferro eram altas como árvores e possuíam uma cobertura em malha de aço, a fim de impedir a desmaterialização. Tochas sibilavam e tremeluziam em cada lado e, além, ele via o começo do grande corredor que conduzia mais para dentro da terra.

Parando diante da enorme barreira, pegou a chave de cobre e não sentiu remorso algum por ter roubado o objeto da gaveta da escrivaninha ornamental de Wrath. Pediria desculpas pela infração mais tarde.

E também pelo que faria na sequência.

Tohr destrancou o mecanismo, empurrou o peso colossal, entrou e voltou a trancar o portão atrás de si. Caminhando à frente, seguiu o caminho natural, expandido por talhadeiras e músculos fortes, e depois adornado por

prateleiras. Sobre as diversas tábuas, centenas e centenas de jarros alimentavam um jogo de luz e sombras.

Os receptáculos eram de todos os formatos e tamanhos, e vinham de diferentes eras, desde a antiga até a moderna, mas o que havia dentro de cada um deles era o mesmo: o coração de um *redutor*. Desde o princípio da guerra contra a Sociedade Redutora, ainda no Antigo País, a Irmandade vinha marcando as mortes dos inimigos ao tomar posse dos jarros das vítimas e trazendo-os até ali para aumentar a coleção.

Em parte como troféu, em parte como um "foda-se, Ômega", aquilo era um legado. Era um orgulho. Uma expectativa.

E talvez deixasse de sê-lo. Havia poucos e esparsos *redutores* nas ruas de Caldwell e em outras paragens no momento, portanto deveriam estar próximos.

Tohr não sentiu nenhuma alegria ante tal conquista. Mas talvez fosse em virtude do terrível aniversário dessa noite.

Era difícil sentir qualquer outra coisa que não a perda de Wellsie no dia que já fora seu aniversário.

Após uma curva sutil, ele parou. Mais adiante, a cena mais parecia saída de um filme que não se decidia se era *Indiana Jones*, *Grey's Anatomy* ou *Matrix*. No centro das antigas paredes de pedra, tochas acesas e jarros despareados e empoeirados, um amontoado de equipamentos médicos piscando e emitindo

sinais interferia com um corpo sobre uma maca. E ao lado do prisioneiro? Dois imensos vampiros cobertos da cabeça aos pés com couro preto e armas negras.

Butch e V. eram o Frick e Frack da Irmandade – o ex-policial da divisão de homicídios dos humanos e o filho da Criadora da raça, o bom garoto católico e o depravado sexual, o viciado em roupas e o czar da tecnologia –, unidos pela devoção partilhada pelo Red Sox de Boston e respeito mútuo e afeto que não conheciam limites. [1]

V. percebeu a presença de Tohr primeiro, virando com tanta rapidez que seu cigarro aceso espalhou cinzas pelo ar.

– Ah, inferno. Não. De jeito nenhum, porra! Você vai dar o fora daqui!

Essa opinião, a despeito do volume pronunciado, foi fácil de ignorar, pois Tohr se concentrava no pedaço de carne sobre a maca. Xcor estava deitado ali, com tubos entrando e saindo de si como se ele fosse a bateria de um carro prestes a receber uma recarga, com a respiração regular… Não, espere, a respiração não estava regular.

V. deteve Tohr, aproximando-se dele e ainda um pouco mais. E o que mais? O Irmão sacara seu atirador poodle – e o cano da 40 mm apontava diretamente para o rosto de Tohr.

– Tô falando sério, meu irmão.

Tohr olhou para o prisioneiro por cima do ombro largo. E se viu sorrindo.

– Ele está acordado.

– Não, ele não est…

– A respiração dele mudou. – Tohr apontou para o peito nu. – Veja.

Butch franziu o cenho e se aproximou do prisioneiro.

– Ora, ora, ora… Hora de acordar, filho da mãe.

V. virou-se para trás.

– Filho da puta.

Mas a arma não se moveu, tampouco Tohr. Por mais que quisesse Xcor, ele acabaria recebendo uma bala na garganta se desse mais um passo: V. era o menos sentimental dos irmãos e tinha a paciência de uma cascavel.

Naquele momento, os olhos de Xcor piscaram. Na luz tremeluzente das tochas, eles pareciam negros, mas Tohr se lembrava de que eles eram azuis. Não que isso importasse.

V. colocou a cara no seu caminho, os olhos de diamante eram como adagas.

– Este não vai ser o presente de aniversário que vai dar para a sua *shellan* morta.

Tohr arrastou os lábios para trás das presas.

– Vai se foder.

– Isso não vai acontecer. Pode me xingar o quanto quiser, mas não. Você sabe como as coisas vão acontecer e ainda não está na sua hora.

Butch sorriu para o prisioneiro.

– Estávamos esperando que se juntasse à festa. Aceita uma bebida? Talvez um misto de nozes antes ter que ajeitar a poltrona para a decolagem? Não há por que te mostrar as saídas de emergência. Você não tem que se preocupar com isso.

– Vamos, Tohr – V. disse. – Agora.

Tohrment expôs as presas, mas não para o irmão.

– Seu bastardo, vou te matar…

– Não, nada disso. – V. passou o braço ao redor do bíceps de Tohr, e faltou pouco para começarem a dançar uma quadrilha. – Lá fora…

– Você não é Deus…

– Nem você, motivo pelo qual está de saída.

Nos recessos da mente, Tohr sabia que o filho da mãe tinha razão. Ele não estava nem meio racional no momento – e P.S., que V. se fodesse por se lembrar que noite era aquela.

Sua amada *shellan*, seu primeiro amor, completaria duzentos e vinte e seis anos. E teria um filho dos dois nos braços.

Mas o destino se opusera.

– Não me obrigue a atirar em você – V. alertou com aspereza. – Venha, meu irmão. *Por favor*.

O fato de as duas últimas palavras terem saído da boca de V. foi o que

surtiu efeito. A cena era tão chocante que desarmou Tohr de sua loucura e raiva.

– Venha, Tohr.

Dessa vez, Tohr se permitiu ser conduzido, à medida que seu grande esquema desinflanva; o silêncio absoluto depois de sua loucura o fazia tremer dentro da própria pele. Que porra estivera fazendo? Mas que *cacete*?

Sim, recebera o privilégio de matar Xcor com um decreto da realeza, mas só quando recebesse autorização expressa de Wrath. E isso ainda não acontecera explicitamente.

Tinham evitado um desastre de proporções traidoras.

Seria como trocar de lugar. Um traidor morto por outro bem vivo.

Quando chegaram aos portões que Tohr havia destrancado para conseguir acesso ao prisioneiro, V. estendeu a mão enluvada.

– Chave.

Tohr não olhou para o irmão ao tirar o objeto da jaqueta de couro e entregá-la. Depois de uns cliques e rangidos, o caminho estava livre, e Tohr saiu sem estar convencido, com as mãos no quadril, os coturnos chutando a terra, a cabeça pensa.

Quando ouviu uma nova sequência de rangidos e cliques, deduziu que estava sendo trancado do lado de fora, sozinho. Mas V. estava bem ao seu lado.

– Eu prometo – o irmão disse – que você, e apenas você, vai mattá-lo.

Tohr se perguntou se isso bastaria. Ponderou se seria o bastante. Será que algum dia encontraria satisfação?

Antes de chegarem à boca da caverna, Tohr parou.

– Às vezes… a vida não é nada justa.

– Não. Não é.

– Odeio isso. Odeio pra caralho. Passo por… períodos, não apenas noites, mas semanas, às vezes até um ou dois meses… em que me esqueço de tudo. Mas a merda sempre volta e, depois de um tempo, não dá mais pra segurar. Não dá. – Bateu na lateral da cabeça com o punho. – Tem esse verme aqui dentro, e sei que matar Xcor não vai me distrair por mais do que dez minutos. Mas numa noite como esta, eu aceitaria até isso.

Sucedeu-se o som de um fósforo sendo riscado quando V. acendeu um cigarro.

– Não sei o que dizer, meu irmão. Eu diria pra você rezar, mas não tem mais ninguém lá em cima te ouvindo.

– Não tenho certeza se a sua mãe nos ouviu algum dia. Sem ofensas.

– Não ofendeu. – V. exalou. – Confie em mim.

Tohr se concentrou na saída da caverna, e quando tentou respirar, sentiu uma estranha exaustão.

– Estou cansado de lutar sempre a mesma briga. Desde que Wellsie foi…

assassinada… sinto como se um pedaço meu nunca tivesse cicatrizado, e não aguento essa dor nem mais um segundo. Nem mais um maldito segundo. Mesmo que ela migrasse para algum outro lugar, já seria melhor.

Estabeleceu-se um longo silêncio entre eles, abafado apenas pelo urro dos ventos invernais que entravam na caverna silenciosa.

No fim, V. praguejou.

– Bem que eu gostaria de poder te ajudar, meu irmão. Quero dizer, se você precisar de um abraço confortador… eu devo conseguir alguém pra te dar uns tapinhas nas costas.

Tohr sacudiu a cabeça quando o lábio superior se retorceu num sorriso.

– Isso foi quase engraçado.

– Pois é, tentei pegar leve. – V. exalou de novo. – Era isso ou eu atirava em você, e odeio preencher a papelada burocrática do Saxton, sabe?

– Sei o que quer dizer. – Tohr esfregou o rosto. – Verdade…

Os olhos diamantinos de V. mudaram de foco.

– Apenas esteja ciente que lamento. Você não merece nada disso. – Certa mão pesada pousou no ombro de Tohr e apertou-o. – Se eu pudesse tirar a sua dor, é o que faria.

Quando Tohr piscou rápido, pensou que era uma coisa boa que V. não fosse de abraçar, ou então teriam um maldito colapso emocional acontecendo ali.

Do tipo de colapso que um macho não retornaria intacto.

Mas, pensando bem, ele estava mesmo intacto agora?

BOATE SHADOWS, CENTRO DE CALDWELL

Trez Latimer sentia-se como uma espécie de divindade ao olhar através da parede de vidro do escritório no segundo andar da sua boate. Abaixo, no espaço aberto do armazém convertido, uma multidão de humanos excitados estabelecia um padrão de atração e desdém num mar tumultuado de lasers púrpura e batidas pesadas de baixo.

Em grande escala, sua clientela era composta de *millenials*, os nascidos entre 1980 e 2000. Definidos pela internet, pelo iPhone, pela ausência de oportunidades econômicas – ao menos segundo a mídia humana –, era um grupo demográfico de moralistas perdidos, comprometidos em salvar uns aos outros, com a preservação dos direitos de todos, e a promoção de uma falsa utopia de pensamento liberal que fazia o macarthismo parecer atenuado.

Mas também eram, da maneira dos jovens, esperançosos sem fundamento.

E como ele os invejava.

Enquanto se esbarravam e colidiam uns nos outros, ele testemunhava o êxtase em seus rostos, o otimismo exuberante de que encontrariam o verdadeiro amor e a felicidade naquela noite mesmo – a despeito de todas as outras noites nas quais vieram até a sua boate e a aurora chegara, expulsando-o com nada além de exaustão, uma nova DST, e mais um fardo de vergonha e

dúvida enquanto se perguntavam o que tinham feito, e com quem.

Ele suspeitava, contudo, que, para a maioria, a cura de tamanha angústia era apenas cerca de duas horas de sono, um *venti latte* da Starbucks e uma injeção de penicilina.

Quando se é jovem assim, quando ainda é preciso enfrentar os desafios que não se consegue sequer começar a compreender, a sua resistência não tem limites.

E era por isso que o vampiro desejaria poder trocar de lugar com eles.

Era estranho colocar os humanos em qualquer tipo de pedestal. Sendo um Sombra de mais de duzentos anos de vida, Trez há tempos considerava aqueles ratos sem cauda algo inferior, um tumulto inconveniente no planeta, bem como formigas na cozinha ou camundongos no porão. Só que não se podia exterminar os humanos. Sujeira demais. Melhor tolerá-los do que arriscar a exposição da espécie ao assassiná-los só para liberar vagas de estacionamento, diminuir as filas nos supermercados e as notificações do Facebook.

No entanto, ali estava ele, ansioso por trocar de lugar com qualquer um deles, mesmo que fosse por uma ou duas horas.

Improcedente.

Mas, pensando bem, eles não mudaram. Quem mudou foi ele.

Minha rainha, está na hora de partir? Conte-me se for.

Enquanto as lembranças o intimidavam dentro do cérebro, ele cobriu os olhos e pensou: *Não, Deus. De novo, não.* Não queria voltar para a clínica da Irmandade… para o lado do leito da sua amada Selena, morrendo por dentro enquanto ela expirava de verdade.

A verdade, contudo, era que ele jamais abandonara esses eventos, mesmo que o calendário sugerisse o contrário. Depois da passagem de mais de um mês, ele ainda se lembrava de cada mínimo detalhe da cena, desde a respiração torturada dela até o pânico no olhar enquanto lágrimas rolavam por ambos os rostos.

Sua Selena fora acometida por uma doença que raramente afetava membros da classe sagrada. Em todas as gerações de Escolhidas, algumas tiveram a Prisão, que era um jeito horrível de morrer: a mente era deixada viva na casca congelada do corpo, sem nenhuma escapatória, nenhum tratamento para ajudar, ninguém para salvar.

Nem mesmo o macho que a amava mais do que a própria vida.

Quando o coração de Trez tropeçou no âmago do peito, ele abaixou as mãos, meneou a cabeça e tentou se reconectar com a realidade. Estivera se debatendo contra esses episódios invasivos, e eles vinham se tornando mais frequentes em vez de menos – o faziam se preocupar com sua sanidade. Chegou a ouvir o ditado de que “o tempo cura as feridas” e, droga, talvez aquilo fosse verdade para outras pessoas. Para ele? Seu luto se transformara

de dor incandescente, no começo, a uma agonia tão ardorosa que rivalizava com as chamas da pira funerária, até aquelas reminiscências crônicas que pareciam girar cada vez mais rápido ao redor do esteio aberto da sua perda. Sua própria voz ecoava na cabeça: *Eu entendi direito? Você quer que isto… termine?*

Quando os momentos finais de Selena chegaram, ela já não conseguia mais falar. Tiveram que se apoiar num sistema de comunicação pré-combinado que supunha o controle dela sobre as pálpebras até quase o fim: uma piscada para não… duas para sim.

Você quer que isto… termine?

Ele soubera qual seria a resposta dela. Lera-o na expressão exausta, distante e enfraquecida dela. Mas aquela fora uma das vezes na vida em que se queria ter a mais absoluta certeza.

Ela piscara uma vez. E de novo depois.

E ele estivera ao lado dela quando as drogas pararam seu coração e lhe conferiram o alívio de que ela necessitava ao ser transportada.

Em todos os seus anos, ele jamais imaginara aquele tipo de sofrimento.

Nas duas partes. Ele não teria conseguido criar uma morte pior saída de qualquer pesadelo, e não poderia ter imaginado que teria que assentir para Manny, autorizando-o a administrar o medicamento enquanto gritava internamente, pois seu amor se esvaía e o deixava sozinho pelo resto de suas

noites.

O único conforto era que o sofrimento dela chegara ao fim.

A única realidade era que o seu tinha apenas começado.

No período subsequente, encontrou conforto no fato de que preferiria ser o responsável por sentir a ausência dela, e não o contrário. Mas, conforme o tempo prosseguiu, acabou usando demais esse antídoto, pois era o único que possuía, e agora ele já não surtia mais efeito.

Portanto, não havia nada para reavivá-lo. Tentou beber, mas o álcool só servia para ele perder o pouco controle que tinha sobre as lágrimas. Não dava a mínima para a comida. Sexo era algo completamente fora de questão. E ninguém o deixava lutar – pois tanto os Irmãos quanto iAm reconheciam seu estado desgovernado.

Portanto, o que lhe restava? Nada, a não ser se arrastar ao longo dos dias e das noites, e rezar para o mais básico dos alívios: um respiro desimpedido, um período de tranquilidade mental, uma hora de sono sem perturbações.

Ao estender a mão, tocou o painel de vidro inclinado que era a sua janela para o que ele considerava ser o outro mundo, o exterior do seu inferno isolado. Engraçado que ele agora considerava “outro” o que um dia fora o mundo “real”… E mesmo sem a separação das espécies, da idade, do seu poleiro acima da confusão da boate, ele se sentia tão à parte de todos eles. Tinha a sensação de que sempre permaneceria afastado de todos.

E, francamente, ele simplesmente não poderia continuar assim.

A dor o destroçara e, se não fosse pelo fato de que os suicidas tinham a entrada negada no Fade, ele teria metido uma bala do seu 48 mm na cabeça horas após a morte dela.

Pensou que não suportaria outra noite assim.

– Por favor… me ajude.

Trez não fazia a mínima ideia de quem falava com ele. Do lado dos vampiros, a Virgem Escriba já não existia mais – e no seu atual estado mental ele compreendia por completo o motivo de ela ter largado o microfone e saído do palco de sua criação. E, como um Sombra, ele fora criado para adorar sua Rainha – o único problema era que ela estava vinculada ao seu irmão, e rezar para a cunhada parecia muito estranho.

Uma declaração autêntica de que toda aquela coisa espiritual não passava de um monte de asneira.

E, mesmo assim, seu sofrimento era tão grande que ele tinha que tentar buscar ajuda.

Inclinando a cabeça para trás, olhou para o teto baixo preto e despejou seu coração partido para o mundo:

– Eu só a quero de volta. Eu só… quero Selena de volta. Por favor… se existir alguém aí em cima, me ajude. Devolva-a para mim. Não me importo em que forma ela estiver… Eu só não consigo mais fazer isto. Não consigo

mais viver assim nem pela porra de uma única noite.

Claro que não houve resposta. E ele se sentiu um completo idiota.

Pois é, como se a vastidão do universo lhe iria despejar outra coisa que não apenas um meteoro?

Além disso, será mesmo que existia um Fade? E se ele estivesse apenas alucinando durante a purificação e somente imaginara ter visto a sua Selena? E se ela só tivesse simplesmente morrido? Como se… tivesse apenas deixado de existir? E se todas as bobagens a respeito de um lugar celestial aonde nossos amados iam e esperavam pacientemente por nós não passasse de um mecanismo de defesa criado por aqueles deixados para trás mergulhados no tipo de agonia em que ele se encontrava?

Uma falácia mental para cuidar de um ferimento emocional.

Reajustando a cabeça, voltou a fitar a multidão abaixo…

Pelo vidro, o reflexo de uma imensa figura masculina parada logo atrás fez com que ele se girasse e levasse a mão para a arma que mantinha enfiada na lombar. Mas então reconheceu o indivíduo.

– O que você está fazendo aqui? – exigiu saber.

Dois patinadores suíços, Werner Groebli e Hans Mauch, cujos nomes artísticos eram Frick e Frack, nutriram uma parceria duradoura. Posteriormente, seus nomes se tornaram gíria para designar duas pessoas que trabalham juntas e se dão bem. (N.T.)

CAPÍTULO 6

A campina de 20 mil metros quadrados se elevava de uma estradinha deserta como oriunda do olhar crítico de um artista; todos os aspectos da colina e do vale pareciam sujeitos às regras dos padrões estéticos agradáveis. No alto do suave aclive coberto de neve, como uma coroa no topo da cabeça de um governante benevolente, um imenso bordo estendia seus galhos em uma áurea tão perfeita que mesmo a esterilidade do inverno não conseguia diminuir sua beleza.

Layla se desmaterializou até a base da colina, partindo da mansão, e subiu a pé até a árvore. Os chinelos usados no quarto não eram páreo para o chão congelado, o vento frio atravessava o roupão, e os cabelos se soltavam da trança, flanando ao seu redor.

Quando chegou ao cume, olhou para baixo, para as raízes do tronco glorioso dentro da terra.

Fora ali, pensou ela.

Ali, na base daquele bordo, ela vira Xcor pela primeira vez, convocada por alguém que ela acreditara ser um soldado de valor na guerra, alguém que ela alimentara na clínica da Irmandade… Alguém que a Irmandade deixara de lhe informar que, na verdade, era um inimigo e não amigo.

Quando o macho a chamara para que ela lhe provesse a veia, Layla não pensou em nada além do seu dever sagrado.

Por isso, transportara-se até ali… e perdera um pedaço de si no processo.

Xcor estivera à beira da morte, ferido e enfraquecido, e mesmo assim ela reconhecera sua força, ainda que em estado debilitado. Como poderia não tê-la notado? Era um macho tremendo, grosso no pescoço e no peito, forte nos braços, poderoso no corpo. Ele tentara recusar sua veia porque – ela gosta de acreditar – enxergara-a como uma inocente no conflito entre o Bando de Bastardos e a Irmandade da Adaga Negra, e quisera mantê-la afastada da situação. No fim, contudo, ele cedera, garantindo que ambos seriam a presa de uma ordem biológica que desconhecia a razão.

Ela inspirou fundo, observou a árvore e viu, através dos galhos desnudos, o céu noturno.

Depois que a verdadeira identidade de Xcor veio à tona, ela confessou a Wrath e à Irmandade suas ações, lacrimosamente clamando por perdão. E era um testemunho do rei e dos machos que o serviam o fato de a terem perdoado, e sem castigos, por ter prontamente ajudado o inimigo.

Em troca, era um parco testemunho da sua parte que ela tivesse voltado para junto de Xcor depois disso. Associou-se a ele. Tornou-se emocionalmente envolvida com ele.

Sim, existiu uma coerção inicial da parte dele na época, mas a verdade era que, mesmo que ele não a tivesse forçado? Sua vontade teria sido estar com ele. E o pior? Quando o relacionamento chegou ao fim, fora ele quem

interrompera os encontros. Não ela.

Na verdade, ela o estaria vendo agora – e a dor da perda que sentia pela ausência dele era tão incapacitante quanto a culpa.

E isso foi antes ainda de ele ter sido capturado pela Irmandade.

Ela sabia exatamente onde ele havia sido aprisionado porque testemunhara suas condições naquela caverna… Sabia o que os Irmãos planejavam fazer com Xcor assim que ele despertasse.

Se ao menos houvesse um modo de salvá-lo… Ele nunca tinha sido cruel com ela, nunca a tinha ferido… jamais a havia abordado sexualmente, apesar do desejo que o habitava. Ele se manteve paciente e gentil… pelo menos até se afastarem.

Ele, entretanto, havia tentado matar Wrath. E essa traição era passível de punição com a morte…

– Layla?

Girando, ela tropeçou e caiu de lado, quase incapaz de se agarrar ao tronco áspero do bordo. Quando sentiu uma dor na palma, sacudiu-a na tentativa de apaziguá-la.

– Qhuinn! – exclamou.

O pai de seus filhos deu um passo à frente.

– Você se machucou?

Com um xingamento, ela limpou os arranhões, tirando a sujeira. Santa

Virgem Escriba, como doía.

– Não, não. Estou bem.

– Pegue. – Ele apanhou algo de dentro do bolso da jaqueta de couro. – Deixe-me ver.

Ela tremia quando Qhuinn avaliou-lhe a mão e depois a envolveu na bandana preta.

– Acho que você vai viver.

Será? , ela pensou. *Não tenho tanta certeza*.

– Você está congelando.

– Sério?

Qhuinn tirou a jaqueta e a posicionou sobre os ombros dela, e Layla se viu engolfada pelo tamanho e pelo calor.

– Venha, vamos voltar para a mansão. Você está tremendo…

– Não posso mais fazer isso – ela desabafou num rompante. – Não consigo mais.

– Eu sei. – Quando ela se retraiu de surpresa, ele sacudiu a cabeça. – Sei o que há de errado. Vamos pra casa pra conversar. Vai ficar tudo bem, prometo.

Por um momento, ela não conseguiu respirar. Como ele podia ter descoberto? Como podia não estar bravo com ela?

– Como você… – As lágrimas surgiram com rapidez, a emoção se

sobrepôs a tudo. – Sinto muito. Eu sinto muito… Não era para ser assim.

Ela não soube se foi ele quem abriu os braços ou se foi ela quem se lhe agarrou ao peito, mas Qhuinn a abraçou com força, protegendo-a do vento.

– Tá tudo bem. – Ele massageava grandes círculos nas costas dela com a palma, acalentando-a. – Só precisamos conversar a respeito. Podemos fazer algumas coisas, tomar algumas providências.

Ela virou o rosto para o lado e fitou a campina.

– Eu me sinto tão mal.

– Por quê? Isso está fora do seu controle. Não pediu por isso.

Ela se afastou.

– Eu juro, não pedi. E não quero que você pense nem por um segundo que eu poria Lyric e Rhampage em perigo…

– Tá de brincadeira? Sério, Layla, você ama aqueles dois com tudo o que tem dentro de si.

– Amo mesmo. Eu te garanto isso. E amo você e Blay, o Rei e a Irmandade. Vocês são a minha família, vocês são tudo o que tenho.

– Layla, preste atenção. Você não está sozinha, entendeu? E como eu já disse, existem coisas que podemos fazer…

– Mesmo? De verdade?

– Sim. Na verdade eu estava falando sobre isso antes de vir para cá. Eu não queria que pensasse que eu a estava traindo…

– Ah! Qhuinn! Eu sou a traidora! Sou eu quem está errada…

– Pare. Você não é. Vamos cuidar disso juntos. Todos nós.

Layla levou as mãos ao rosto, tanto a que estava com o curativo como a que estava descoberta. Então, pela primeira vez desde o que parecia ser uma eternidade, ela exalou o ar, um bálsamo de calma substituindo o terrível fardo que dispunha sobre si.

– Tenho que contar uma coisa. – Levantou o olhar para ele. – Por favor, saiba que tenho me remoído de arrependimento e de tristeza. Juro que nunca tive a intenção de que isso acontecesse. Tenho me sentido tão só, me debatendo com a culpa…

– Culpa é algo desnecessário. – Esfregou os polegares sob os olhos dela. – Você tem que se livrar disso, porque não consegue evitar o modo como se sente.

– Não consigo, de verdade, não consigo mesmo… E Xcor não é mau, não é tão ruim quanto você acha que ele é. Juro. Ele sempre me tratou com cuidado e gentileza, e sei que ele não voltaria a ferir Wrath. Eu *sei* disso…

– O quê? – Qhuinn franziu o cenho e sacudiu a cabeça. – Do que você está falando?

– Por favor, não o mate. É como você disse, existe um modo de fazer isso dar certo. Talvez vocês possam libertá-lo e…

Qhuinn não recuou; na verdade, ele a empurrou para longe de si. E depois

pareceu se debater para encontrar as palavras.

– Layla – ele pronunciou devagar. – Sei que não estou ouvindo direito e estou tentando… Você pode…

Aproveitando-se do momento para expor sua posição, Layla se apressou em falar:

– Ele nunca me machucou. Todas as noites em que o procurei, ele nunca me feriu. Ele providenciou um chalé para que eu ficasse em segurança, e sempre estávamos apenas nós dois. Nunca vi nenhum dos Bastardos…

Ela prosseguiu enquanto a expressão do guerreiro se transformava de confusão para… algo gélido que lhe suscitou as feições de um completo desconhecido.

Quando Qhuinn voltou a falar, a voz saiu inexpressiva.

– Você esteve se encontrando com Xcor?

– Eu me senti muito mal…

– Por quanto tempo? – ele estrepitou. Mas não a deixou responder. – Você foi ao encontro dele enquanto estava grávida dos meus filhos? Você se associou por vontade própria com um inimigo conhecido enquanto os meus benditos filhos estavam no seu ventre? – Antes que ela conseguisse lhe responder, ele levantou o indicador. – E você precisa pensar muito bem na resposta. Não há volta para isto, e é melhor dizer a verdade. Se eu descobrir que mentiu pra mim, vou te matar.

Quando o coração de Layla começou a bater forte no peito, deixando-a tonta, seu único pensamento foi…

Você vai me matar de qualquer maneira.

De volta à shAdoWs, Trez guardou a arma e tentou retornar à realidade.

– E então? – ele inquiriu. – O que está fazendo aqui, ainda mais sem o seu poliéster especial do Tony Manero?

Lassiter, o Anjo Caído, sorriu de um modo que não contemplou seus estranhos olhos coloridos sem pupila; a expressão afetou apenas a parte inferior do rosto.

– Ah, você sabe, ternos de passeio estão ultrapassados para mim.

– Partindo para os anos 1980? Não tenho nada neon pra emprestar pra você.

– Não precisa, tenho outra fantasia para usar.

– Que bom pra você. Assustador pro resto de nós. Só me diz que não vai usar o maiô do Borat.

Quando o anjo não respondeu de pronto, Trez sentiu como se as garras de Fred Krueger estivessem passando pela sua nuca. Normalmente, Lassiter era o tipo de cara tão alegre que a maioria das pessoas não sabia se decidir entre meter uma bala nele para tirar todo mundo de um estado miserável… ou simplesmente apanhar uma lata de Coca-Cola e um saco de pipoca para assistir ao show.

Porque, mesmo quando ele irrita, a situação é sempre muito divertida.

Mas não essa noite. O olhar bizarro estava tão leve e espumoso quanto um bloco de granito, e o imenso corpo dele estava absolutamente imóvel, nenhum item de ouro nos pulsos ou pescoço, nos dedos ou orelhas, reluzia sob a luz baixa.

– Por que está brincando de estátua? – Trez murmurou. – Alguém trocou o lugar da sua coleção do My Little Pony de novo?

Incapaz de suportar o silêncio, Trez foi se sentar atrás da escrivaninha e começou a mexer em uma pilha de papéis.

– Está tentando ler minha aura ou alguma merda do tipo?

Não que para isso fosse necessário algum poder especial. Todos na mansão sabiam em que estado ele estava.

– Quero que vá jantar comigo amanhã à noite.

Trez levantou o olhar.

– Pra quê?

O anjo levou o tempo que quis para responder, seguindo devagar até o painel de vidro para encarar a multidão logo abaixo, no exato lugar em que Trez estava antes. Iluminado pela luz fraca, o perfil do anjo era o tipo de imagem que as fêmeas adorariam, com todas as proporções e os ângulos certos. Mas a cara de preocupação…

– Manda ver – Trez exigiu. – Já recebi uma vida inteira de más notícias. O

que quer que seja, nada se compara ao que tenho passado.

Lassiter relanceou e deu de ombros.

– É só um jantar. Amanhã à noite. Sete horas.

– Eu não como.

– Sei disso.

Trez largou a pilha de faturas, de escala dos funcionários ou qualquer outra porra que o vinha mantendo ocupado, ainda que não as estivesse olhando de fato, junto ao amontoado de porcarias sobre a escrivaninha.

– Acho muito difícil acreditar em seu interesse a respeito de nutrição.

– Verdade. Essa coisa de "glúten é o seu inimigo" é uma bobagem sem fim. Nem me fale de Kombuchá, couve, ou qualquer coisa com propriedades antioxidantes, e na mentira de que o xarope de milho com alto teor de frutose é a fonte de todo o mal.

– Ouviu falar que a Kraft Macaroni & Cheese tirou todos os conservantes há meses?

– Pois é, e os filhos da mãe nem avisaram antes…

– Por que quer jantar comigo?

– Só estou sendo amigável.

– Não faz parte do seu estilo.

– Como disse antes, estou mudando algumas coisas. – Eeeee lá veio aquele sorriso de novo. – Pensei em começar com tudo. Quero dizer, se é pra virar a

página, melhor começar do jeito que se deseja continuar.

– Sem ofensas, mas não estou a fim de passar tempo com pessoas de quem gosto de verdade. – Tudo bem, aquilo não soou muito bem. – O que quero dizer é que o meu irmão é o único que consigo tolerar agora, e nem ele eu quero ver.

Aquele sorriso de Lassiter era uma visão que Trez estava mais do que disposto a jamais rever – e observe como orações podem ser atendidas: o anjo estava seguindo para a porta.

– Te vejo amanhã.

– Não, obrigado.

– No restaurante do seu irmão.

– Ah, mas que porra, por quê?

– Porque ele serve o melhor macarrão à bolonhesa em Caldie.

– Você sabe o que eu quis dizer.

O anjo se limitou a dar de ombros.

– Vá lá e descubra.

– O inferno que vou! – Trez meneou a cabeça. – Olha só, sei que as pessoas andam preocupadas comigo e agradeço a preocupação. – Na verdade, não agradecia não. Nem um pouco. – Sim, perdi peso, e eu deveria comer mais. Mas é engraçado como, quando se tem o peito escancarado e o coração arrancado pelo destino, se perde o apetite. Por isso, se está querendo

companhia só para não parecer que está jogando sozinho, por que não procura alguém que coma de verdade e troque mais de duas palavras com ela? Posso garantir que tanto eu quanto você teremos uma noite mais agradável assim.

– Até amanhã.

Quando o anjo saiu, Trez gritou para a ponta oposta do escritório:

– Vai se foder!

Quando a porta se fechou em silêncio, ele concluiu que, pelo menos, a discussão não continuaria. E quando estivesse comendo a bolonhesa sozinho, Lassiter entenderia que o Sombra não apareceria.

Problema resolvido.

CAPÍTULO 7

Há momentos na vida em que a amplitude da sua atenção se estreita em um foco tão exíguo que toda a sua consciência se concentra nessa única pessoa. Qhuinn não era alheio a esse fenômeno. Ele acontecia toda vez que estava sozinho com Blay. Quando segurava os filhos. Quando lutava contra o inimigo, em busca de garantir que voltaria para casa inteiro, sem ferimentos e concussões.

E estava acontecendo de novo agora.

Parados diante da base da árvore de Harry Potter, no topo de uma colina, com o vento invernal ao redor, Qhuinn estava ciente apenas do olho direito

de Layla. Conseguia contar cada nuance verde-clara que irradiava do núcleo preto da íris. Poderia haver uma nuvem de cogumelos resultante de uma explosão nuclear ao longe, uma nave espacial acima da sua cabeça, uma fila de palhaços dançando ao seu lado… e ainda assim ele não teria visto, ouvido, percebido nada além daquilo.

Bem, isso não era inteiramente verdade.

Percebia de leve o rugido em seus ouvidos, um tipo de cruzamento do motor de um jato e dos fogos de artifícios que sibilam como uma *banshee*, girando em círculos até se exaurir.

– Responda – ele ordenou numa voz que não parecia a sua.

Ele a havia seguido até aquele local isolado quando sentiu sua ausência na mansão – e se deslocou até ali para falar com ela sobre depressão pós-parto.

O plano era levá-la de volta para casa, confortá-la diante da lareira, colocá-la num caminho em que ela pudesse apreciar os seres pelos quais tanto se empenhou em trazer ao mundo.

Como diabos acabaram falando de Xcor e de ela ter se encontrado com ele?

Não fazia a mínima ideia.

Mas não havia mais nenhum mal-entendido. E nenhuma retratação a caminho. Ele via no olhar arregalado e no pânico silencioso que, apesar de seu desejo de que aquela fosse uma colossal falha de comunicação de

proporções risíveis, não era o caso.

– Eu estava segura – ela sussurrou. – Ele nunca me feriu.

– Mas que porra q…

Ele se deteve nesse aspecto. Iria direto ao ponto, como se faz com o detonador de uma bomba.

Antes que ele fizesse ou dissesse algo de que se arrependeria, afastou-se e flexionou os dedos para que não se cerrassem em punhos.

– Qhuinn, juro que nunca estive em perigo…

– Você ficou sozinha com ele. – Quando Layla não respondeu, ele cerrou os molares. – Não ficou?

– Ele nunca me machucou.

– Ok, isso é o mesmo que dizer que nunca foi picada enquanto usava uma cobra como cachecol. Uma vez depois da outra. Porque essa porra aconteceu com frequência, não foi? Responda!

– Sinto muito, Qhuinn… – Ela parecia querer se recompor, fungando as lágrimas e aprumando os ombros. O modo como os olhos dela suplicavam perdão o levou à beira da violência. – Oh, Santa Virgem Esc…

– Pare com as súplicas! Não há mais ninguém lá em cima! – Ele estava perdendo o controle. Por completo. – E que diabos está fazendo com esse pedido de perdão? Você colocou meus filhos em risco por livre e espontânea vontade só porque queria… – Ele se retraiu. – Jesus Cristo. Você fez sexo

com ele? Você trepou com ele com os meus filhos dentro de você?

– Não! Nunca estive com ele dessa forma!

– Mentirosa – ele urrou. – Você é uma vadia mentirosa…

– Sou praticamente virgem! E você sabe disso! Além do mais, você não me quer. Por que se importa?

– Está querendo sugerir que sequer o beijou? – Quando ela não respondeu, ele riu com aspereza. – Nem tente negar. Está escrito na sua cara. E você tem razão, eu não te quis, nunca te quis… E não tente distorcer as coisas. Não estou com ciúmes; estou enojado. Amo um homem de valor e tive que ir para a cama com você porque precisava de uma incubadora pro meu filho e pra minha filha. Por isso e pelo fato de você ter se jogado em cima de mim quando esteve no cio, esses foram os *únicos* motivos pelos quais estive com você.

O rosto de Layla empalideceu, e por mais que isso o tornasse um cretino, ele gostou. Queria feri-la por dentro, que era onde contava, porque, por mais furioso que estivesse, jamais bateria numa fêmea.

E essa era a razão por ela ainda estar de pé.

Aqueles bebês, aqueles preciosos e inocentes bebês, foram levados até a boca de um monstro, na presença do inimigo, expostos ao perigo que o teria feito se cagar nas calças caso tivesse sabido à época do acontecimento.

– Você faz *alguma* ideia do que ele é capaz de fazer? – Qhuinn perguntou

com seriedade. – As atrocidades que cometeu? Ele esfaqueou o próprio tenente nas entranhas só para mandá-lo para as nossas mãos. E no passado, no Antigo País? Ele assassinou vampiros, humanos, *redutores*, qualquer um que lhe atravessasse o caminho, às vezes movido pela guerra, outras só por diversão. Ele era a mão direita de Bloodletter. Você consegue imaginar o que ele já fez nesta terra? Quero dizer, você evidentemente não dá a mínima para o fato de ele ter metido uma bala no pescoço de Wrath – está claro que isso não significa nada para você. Aquele bastardo poderia tê-la violentado mil vezes, estripado você e deixado que ardesse sob o sol – com os meus filhos dentro de você! Que tipo de porra de brincadeira você está armando pra cima de mim?!

Quanto mais Qhuinn pensava a respeito dos riscos a que ela se expôs, mais sua cabeça latejava. Seus amados filhos poderiam muito bem não existir por conta das más escolhas da fêmea, que apenas por preceito biológico, fora o abrigo deles até que pudessem respirar sozinhos.

Tinha colocado-os em perigo ao se arriscar – sem nenhum pensamento aparente quanto às consequências ou como ele, o pai biológico, poderia encarar tamanho fiasco.

Sua fúria, nascida do amor que nutria pelos bebês, era indefinível.

Inegável. Inesgotável.

– Nós dois os desejamos – ela disse, rouca. – Quando nos deitamos, nós

dois os quisemos…

Numa voz impassível, ele a interrompeu:

– Pois é, isso eu lamento. Melhor que eles não tivessem nascido do que ter metade de você neles.

Layla estendeu a mão para mais uma vez se apoiar na árvore – e, como foi a mão que estava envolvida por sua bandana, ele se percebeu sufocado pela necessidade de arrancar o pedaço de pano da mão dela. Para depois queimá-lo.

– Fiz o melhor que pude – ela afirmou.

Ele gargalhou, então, até que a garganta queimasse.

– Está se referindo ao tempo em que dormiu com Xcor? Ou quando pôs em risco a vida dos meus filhos?

De uma vez só, ela retribuiu a raiva dele com um jorro da sua:

– Você tem aquele a quem ama! Deita-se ao lado dele todos os dias! A sua vida tem objetivo e significado, além de servir a outrem – enquanto eu não tenho nada! Passei todas as minhas noites e dias servindo a uma divindade que já não se importa mais com a raça que gerou e agora sou a *mahmen* de dois bebês a quem amo com todo o meu coração, mas que não são eu. O que tenho para mostrar da minha vida? Nada!

– Nisso você acertou – ele concordou, sério. – Porque não será mais a mãe dos meus filhos. Você perdeu o seu emprego.

Ela se retraiu com indignação.

– O que está dizendo? Sou a *mahmen* deles. Eu…

– Não é mais.

Houve um instante de silêncio, e depois a voz explodiu para fora dela:

– Você não pode… Não pode tirar Lyric e Rhamp… Não pode afastá-los de mim! Sou a *mahmen* deles! Tenho meus direitos…

– Não, não tem. Você se associou ao inimigo. Cometeu um ato de traição. E vai ter sorte se sair desta com vida – não que eu me lixe se você viver ou morrer. A única coisa que me importa é que nunca mais veja os bebês…

A mudança no interior dela foi instantânea e arrebatadora.

De uma vez só, Layla passou de irada a absolutamente calada. E a mudança foi tão abrupta que ele teve de ponderar se ela não sofrera uma síncope.

Mas, em seguida, os lábios de Layla se retraíram das presas que desciam. E o som que saiu de dentro dela eriçou os pelos de sua nuca num alerta.

Quando abriu a boca, a voz dela foi letal como as lâminas de uma adaga.

– Não recomendo que tente me impedir de ver meu filho e minha filha.

Qhuinn expôs as próprias presas.

– Espere e verá.

O corpo da Escolhida se curvou e ela se agachou, o sibilo que ela emitiu era de uma víbora. Só que ela não saltou sobre ele para despedaçar seu rosto

com as garras.

Layla simplesmente se desmaterializou.

– Ah, inferno! Não! – ele gritou para o cenário invernal frio e alheio a tudo. – Você quer guerra, é o que vai ter, cacete!

– … vezes em que ainda sinto vontade – Blay dizia ao sorver um gole do seu copo com gelo. – Para os humanos, é um vício letal. Mas vampiros não têm que se preocupar em adquirir câncer por fumar.

A sala de bilhar da Irmandade estava quase deserta, visto que o torneio foi encerrado quando Butch teve de assumir o posto ao lado de Xcor, Tohrment pediu para se retirar, Rhage chegou machucado do campo, e Rehv decidira ficar nos Grandes Campos com Ehlena. Mas tudo bem. Blay ainda conseguira jogar com Vishous, e os dois circundavam a mesa central dentre as cinco, alternando-se nas jogadas. A boa notícia? Lassiter estava em algum outro lugar, o que significava que a TV acima da imensa lareira estava na ESPN, no mudo.

Nada de filmes da Disney com aquelas canções ridículas esta noite.

Se Blay tivesse que ouvir as merdas do *Frozen* uma vez mais, ele iria “let it goooooo” pra valer.

No sentido de esvaziar uma *magazine* bem diante do seu próprio lobo frontal.

Do outro lado da mesa, Vishous acendeu outro dos seus cigarros enrolados

por ele mesmo.

– Então por que parou de fumar?

Blay deu de ombros.

– Qhuinn odeia cigarros. O pai dele fumava cigarros e cachimbo, então acho que isso o faz se lembrar de coisas das quais prefere esquecer.

– Você não deveria ter que mudar por ninguém.

– Fui eu quem escolheu parar. Ele nunca me pediu.

Enquanto o Irmão se inclinava sobre a mesa para alinhar o taco, Blay relembrou o início de sua história com Qhuinn. Esse papo de fumar começou quando teve de ficar assistindo ao macho que amava foder qualquer coisa que se movesse. Um período horrível. Não, não tinham um relacionamento – e toda vez que Qhuinn saía com alguém, isso servia de lembrete de que jamais estariam em um.

Caramba. Na época, ele sequer havia saído do armário.

O estresse e a tristeza foram difíceis de controlar, mas também houve um ressentimento borbulhante e irracional de sua parte. Por isso abraçara um mecanismo de compensação que Qhuinn não teria aprovado nem gostado. Fora uma desforra subversiva e mesquinha pelos pecados que o macho na verdade não cometera.

Mas, pelo menos, deixar de fumar tinha sido simples. Assim que os dois se entenderam? Ele deixou os maços de Dunhill de lado e nunca mais olhou

para trás.

Bem… Talvez seja mais preciso afirmar que nunca escorregou no vício.

Às vezes, quando via Vishous acendendo um, e o cheiro do tabaco permeava o ar, ele ansiava fumar um cigarro…

Bem quando V. lançou a bola da vez no meio do arranjo central, um som horrível de batidas resoou no vestíbulo. Alto, repetitivo, forte o bastante para sacudir e fazer tremer a maciça e grossa porta de carvalho da entrada da mansão, de modo que mais parecia que uma horda de *redutores* estava tentando invadi-la.

Blay sacou a arma que portava na casa enquanto ele e V. largavam os tacos e corriam para fora da sala de bilhar até a entrada principal.

Bam-bam-bam-bam!

– Mas que porra é essa? – V. murmurou ao olhar para o monitor de segurança. – Que diabos há de errado com o seu garoto?

– O quê?

A pergunta foi respondida quando V. soltou a trava e Qhuinn entrou explodindo no vestíbulo. O macho estava furioso a ponto de parecer possuído, o rosto contraído de raiva, o corpo disparado numa corrida, seu estado tal que ele parecia alheio à presença de qualquer um.

– Qhuinn? – Blay tentou segurá-lo pelo ombro ou pelo braço.

Não teve jeito. Qhuinn chegou à escadaria e deu uma de Usain Bolt, os

degraus cobertos pelo tapete vermelho foram consumidos por saltos ligeiros.

– Qhuinn! – Blay disparou atrás do que quer que estivesse acontecendo, tentando alcançá-lo. – O que foi?

No alto da escadaria, os coturnos de Qhuinn se enterraram no carpete e por pouco não derraparam ao virar à esquerda no corredor das estátuas. Logo atrás dele, Blay se apressou, e quando a direção que ele tomava ficou clara, um súbito terror se apossou dele.

Layla e as crianças deviam estar em algum perigo…

Na porta do quarto de Layla, Qhuinn agarrou a maçaneta e girou – só para bater de cara na madeira.

Cerrando um punho, ele começou a bater na porta com tanta força que lascas de pintura começaram a cair.

– Abra a porra desta porta! – Qhuinn berrou. – Layla, abra esta maldita porta agora mesmo!

– Mas que diabos você está fazendo?! – Blay tentou impedi-lo. – Ficou louco…

A arma de Qhuinn saiu sabe-se lá de onde, e quando o Irmão a virou e direcionou o cano para o rosto de Blay, ficou claro que se tratava de algum tipo de pesadelo, o resultado inevitável de uma segunda dose de vinho do Porto depois do jantar de carneiro de Fritz.

Só que não.

– Fique fora disso – Qhuinn estrepitou. – *Fique fora disso*.

Enquanto Blay erguia ambas as mãos e recuava, Qhuinn virou o ombro para a porta e a empurrou com tanta força que a madeira rachou, os painéis se partindo sob a força do golpe.

O que se revelou dentro do quarto cor de lavanda foi igualmente aterrador.

Enquanto Vishous parava de pronto ao lado de Blay e Z. saía da sua suíte ao fim do corredor, o cérebro de Blay para sempre ficaria maculado pela visão incompreensível e inescapável de Layla com cada filho debaixo dos braços, as presas expostas em pose de ataque, o rosto como o de um demônio, o corpo todo trêmulo – mas não de medo.

Ela estava preparada para matar qualquer um que se aproximasse dela.

Qhuinn apontou a arma na direção dela através do buraco criado na porta.

– Solte-os. Ou acabo com você.

– Mas que *porra* está acontecendo aqui? – A voz de Vishous saiu tão alta quanto se ele tivesse um alto-falante. – Vocês perderam a cabeça, caralho?

Qhuinn enfiou a mão por dentro e soltou a tranca, escancarando o que restava da porta. Quando ele entrou, Blay deteve os demais.

– Não, deixem que eu cuido disso.

Se mais alguém além dele entrasse, balas começariam a pipocar, e Layla iria atacar, e pessoas se feririam – ou pior.

E que *porra* estava acontecendo ali?

– Solte-os! – Qhuinn ladrou.

– Mate-me, então! – Layla revidou. – Vá em frente!

Blay colocou o corpo entre os dois, o tronco enquanto bloqueio no caminho de qualquer bala. Nesse meio-tempo, Layla respirava ofegante, e Lyric e Rhamp choravam – merda, ele jamais se esqueceria do som daquele choro.

De frente para Qhuinn, ele mostrou as palmas e falou com lentidão:

– Vai ter que atirar em mim primeiro.

Ele não se concentrou em nada além dos olhos azul e verde de Qhuinn… Como se pudesse, de alguma forma, comunicar-se telepaticamente com seu oponente para acalmá-lo.

– Saia da frente – Qhuinn ordenou. – Isto não é da sua conta.

Blay piscou ante tais palavras. Mas, considerando-se que enfrentava o cano de uma 40 mm, deduziu que deixaria o insulto passar por ora.

– Qhuinn, qualquer que seja o problema, conseguiremos lidar com…

Aquele olhar despareado se voltou para ele por apenas uma fração de segundo.

– Acha mesmo? Quer dizer que o fato de ela ter se associado com o inimigo pode ser lavado com detergente ou alguma merda do tipo? Maravilha, vamos chamar Fritz pra cuidar disto. Ideia boa do cacete.

Enquanto os bebês continuavam a chorar, e mais pessoas se aproximavam da cena no corredor, Blay balançou a cabeça.

– Do que está falando?

– Ela levou os meus filhos com ela quando foi trepar com ele…

– Não entendi, o quê?

– Ela esteve com Xcor durante todo esse tempo. Ela não parou de se encontrar com ele. Associou-se a um inimigo conhecido do nosso rei enquanto estava grávida dos meus filhos. Por isso, sim, estou no meu direito de pai de puxar o gatilho contra ela.

De repente, Blay tomou ciência de um grunhido crescente atrás dele, e o som terrível o lembrou do que ouvira a respeito de as fêmeas da espécie serem mais letais do que os machos. Relanceando por sobre o ombro, ele pensou que sim, Layla estava evidentemente preparada para proteger os filhos até a morte naquela porra de universo paralelo para o qual foram sugados.

Xcor? Ela andou se encontrando com Xcor?

Só que ele não podia se desviar do perigo imediato.

– Só quero que você abaixe essa arma – Blay disse com calma. – Abaixe a arma e me conte o que está acontecendo. Senão, se quiser atirar nela, a bala vai ter que passar por mim primeiro.

Qhuinn inspirou fundo, como se estivesse se esforçando para não gritar.

– Eu te amo, mas isto não é da sua conta, Blay. Saia do caminho e deixe que eu cuido disto.

– Espere um minuto. Você sempre disse que também sou pai dessas crianças…

– Não quando o assunto é este. Agora saia da minha frente, caralho.

Blay piscou uma vez. Duas. Uma terceira vez. Engraçado, a dor em seu peito o fez refletir se Qhuinn não havia apertado o gatilho, e ele apenas deixou de ouvir o disparo.

Concentre-se, ordenou a si mesmo.

– Não, não vou me mexer.

– Saia da frente! – O corpo de Qhuinn começou a tremer. – Mas que diabos, saia da porra da minha frente!

Agora ou nunca, Blay pensou ao avançar e atacar o pulso que controlava a pistola. Ao golpear o antebraço com toda a força, a arma disparou repetidamente, e os cartuchos das balas saíram voando – mas, com uma rápida mudança de direção, ele conseguiu empurrar Qhuinn para o lado. O casal se estatelou no chão, e Blay se esforçou para dominar seu par, o

impulso do movimento afastando-os de Layla e dos pequenos enquanto mantinha a arma apontada para o sentido oposto do quarto.

Blay acabou por cima, mas sabia que Qhuinn lhe tomaria a posição bem rápido. A arma, ele tinha que manter controle da…

De repente, o ar se tornou ártico.

A temperatura do quarto caiu para baixo de zero tão rápido que as paredes, o piso e o teto rangeram em protesto, a respiração dos presentes foi expelida em lufadas, a condensação gelou os vidros das janelas e os espelhos, com arrepios de qualquer pele exposta.

Em seguida, ouviu-se um rugido vigoroso.

O som foi tão intenso que foi quase inaudível – nada além de dor atravessou-lhes o canal auditivo, transformando suas cabeças em sinos de igreja – e isso, ainda mais do que a mudança no clima, deteve todos dentro da suíte, no corredor, na mansão… Talvez em todo o mundo.

O imenso corpo de Wrath apequenou a soleira da porta quando ele entrou no quarto, marcado pelos cabelos até a cintura, óculos escuros, coxas cobertas por couro e tronco avantajado, que teria detido qualquer trem em movimento.

Suas presas estavam totalmente expostas, como os dentes de um tigre-dentes-de-sabre. Mas ele não teve dificuldade alguma de se expressar, mesmo com elas.

– Não na porra da minha casa! – Ele soou tão alto que o quadro ao seu lado vibrou contra a parede de gesso. – Isso *não* vai acontecer na porra da minha casa! Minha *shellan* e meu filho estão aqui – existem outras crianças debaixo deste teto. Existem crianças na droga deste quarto!

Do lado oposto, Layla caiu no chão, os ossos absorvendo a queda com um barulho. Apesar do impacto, manteve Lyric e Rhamp em segurança, aninhados no colo, enquanto pendia a cabeça e começava a chorar.

Debaixo de Blay, Qhuinn tentava se soltar.

– Não até você soltar a arma – Blay disse entredentes.

Houve o som de metal se chocando contra a madeira quando a 40 mm foi solta e Blay a empurrou para longe. Em seguida, Qhuinn se desvencilhou e pôs-se de pé sobre os coturnos. Parecia que ele tinha estado num túnel de vento, seus cabelos negros dispostos em uma bagunça completa, os olhos arregalados, a pele corada em determinados pontos, mas pálida em outros.

– Todos para fora – Wrath ordenou. – Exceto pelos três pais.

Bem, pelo menos alguém reconhecia seu papel, Blay ponderou, com amargura.

Direcionando seu olhar para Qhuinn, viu-se encarando, através do caos, o macho que conhecia quase tão bem quanto a si mesmo.

Naquele instante, porém? Blay fitava para um estranho. A droga de um total desconhecido. Os olhos que Blay já havia passado horas perscrutando,

os lábios por ele beijados, um corpo que tocou, acariciou, penetrou e pelo qual também foi penetrado… Era como se algum tipo de amnésia tivesse apagado toda a intimidade, metamorfoseando o que um dia fora uma realidade conhecida em uma hipótese tão fraca que parecia inexistente.

Vishous entrou no quarto.

– Primeiro, vistoria de armas.

Quando o lábio superior de Wrath se retorceu, ficou claro que o rei não apreciou a interrupção. Mas não havia como argumentar contra a razão.

V. foi eficiente na revista: primeiro retirou um par de adagas de Qhuinn, depois outra pistola – e, quando Blay se levantou, ergueu-lhe os braços e afastou-lhe as pernas, mesmo ciente de que ninguém estava preocupado que ele puxasse o gatilho.

– Pronto – V. anunciou ao se espremer para passar pelo Rei e voltar para o corredor.

– Diga aos outros que saiam – Wrath estrepitou.

– Certo.

Ante o comando real, a multidão se dispersou da soleira, mas não foi muito longe. Suas presenças pairaram enquanto, evidentemente, aguardavam os acontecimentos seguintes. De um jeito ou de outro, não havia como fechar a porta. Estava totalmente arruinada.

Virando-se na direção de Qhuinn, Wrath maldisse a situação e exigiu:

– Vai me explicar por que diabos disparou uma arma dentro da minha casa?

CAPÍTULO 8

Enquanto Layla fitava os três machos, tremia tanto que era difícil manter o tronco ereto, longe do chão. O que lhe outorgava as poucas forças de que dispunha? Lyric e Rhamp estavam em seu colo, as dobras do roupão os envolvia como proteção contra o frio do quarto, o choro deles tinha sido silenciado… por enquanto.

Concentrando-se no Rei, quis enxugar os olhos, mas não soltaria os filhos nem por um segundo.

– Ela andou se encontrando com Xcor – Qhuinn desabafou, sua respiração saindo em nuvens brancas. – Pelas nossas costas. Esse tempo todo, enquanto estava grávida. Quero privá-la do direito de ver meus filhos, e também que ela saia desta casa. Tanto faz que ela seja sentenciada à morte ou banida… Isso é você quem decide.

O rosto cruel e aristocrático de Wrath se virou na direção do Irmão.

– Obrigado por me dizer qual o meu papel, babaca. E se está se referindo a banimento, neste instante, é *você* que me vem à mente, não ela.

– Imagine descobrir que Beth está dormindo com o líder do Bando de Bastardos enquanto ela…

– Cuidado com suas palavras – Wrath rosnou. – Está andando numa corda

muito fina, da qual está prestes a cair. Na verdade, saia daqui. Quero conversar com Layla a sós.

– Não vou deixar os meus filhos.

O Rei relanceou para Blay.

– Tire-o daqui. Esganado, se for preciso…

– Tenho meus direitos! – Qhuinn exclamou. – Eu tenho…

Wrath movimentou o quadril para a frente.

– Você só tem a porra do que eu te conceder! Sou seu dono, fodidão, então feche a matraca e saia da porra deste quarto. Cuido de você quando eu achar que é a sua vez. Entendo que está com a cabeça quente, e até tentaria respeitar isso se você não agisse como dono do mundo. Mas, neste instante, minha única preocupação são os seus filhos, porque, evidentemente, eles não estão no seu radar…

– Como diabos você pode dizer isso…

– *Porque você acabou de apontar uma arma para a* mahmen *deles!*

Ao lado de Qhuinn, Blay parecia ter estado em contato próximo com a morte. Sua expressão era um misto de horror e tristeza, suas mãos tremiam ao passá-las repetidas vezes pelos cabelos ruivos.

– Sou o Rei, esta é a minha casa. Tire-o daqui, Blay. E isso é uma ordem.

Blay cochichou algo inaudível para Qhuinn. Em seguida, Qhuinn marchou para fora do quarto, os coturnos esmagando o carpete coberto de gelo.

Enquanto ele prosseguia, Blay o acompanhou, como um guarda-costas faria. Só que Blay, na verdade, estava protegendo os demais presentes.

Quando restaram apenas Wrath e a Escolhida, Layla inspirou tão fundo que doeu.

– Permite-me colocar os bebês no berço, meu senhor?

– Tá, tá. Faça o que precisa fazer.

Parecia que suas pernas estavam desprovidas de ossos, e com a fúria dissipada, ela temia não ter forças para ficar de pé e carregar os dois em segurança ao mesmo tempo. Foi difícil decidir quem deixar de lado por enquanto, mas, no fim, colocou Rhamp com cuidado sobre o tapete oriental. Segurando Lyric com os dois braços, esforçou-se para ficar de pé e caminhar aos tropeços até o berço. Depois de depositar Lyric no ninho macio, voltou para apanhar Rhamp, que havia começado a se agitar com a ausência da irmã. Ajeitando as cobertas ao redor deles para mantê-los aquecidos, preparou-se para enfrentar o Rei.

– Posso me sentar? – sussurrou.

– Sim, é melhor mesmo.

– Não há nada diante dos seus pés, meu senhor. Se desejar avançar pelo quarto.

Ele ignorou a tentativa dela quanto a ajudá-lo a navegar em sua cegueira, em território desconhecido.

– Quer me explicar o que diabos está acontecendo aqui?

Qhuinn não conseguia se lembrar de absolutamente nada.

Ao se dirigir até a sala de estar do segundo andar, no lado oposto da mansão, ele tentava juntar a série de eventos, porque isso lhe dava outra coisa para fazer além de gritar. Seu último instante de clareza foi aquele em que quase derrubou a porta de entrada para entrar na casa. Tudo a partir daquela fração de segundo, até o momento, enquanto ele andava ao redor dos sofás de seda e das mesinhas auxiliares – era uma tábula rasa.

E quanto mais se esforçava para se lembrar, mais indefinível tal hiato na realidade se tornava, como se a perseguição tornasse a vítima mais ligeira.

Mas que diabos, não estava conseguindo pensar. Não conseguia…

Indistintamente, percebia que Blay o observava. E então o macho começou a falar. Mas só o que Qhuinn conseguia fazer era circular, dando voltas na mobília, com a necessidade premente de proteger os filhos mantida como o principal objetivo que exigia toda a sua concentração.

O que diabos Wrath faria? Por certo, o Rei não permitiria que Layla…

Saído sabe-se lá de onde, Blay se empostou diante dele, com o rosto impassível e as costas aprumadas.

– Não consigo fazer isto.

– Fazer o quê?

– Ficar no mesmo cômodo que você nem por mais um minuto.

Qhuinn piscou.

– Então saia. Estou desarmado, lembra? E tem uns mil quilos de Irmandade pairando ao redor daquele maldito quarto.

De outro modo, sim, ele ainda estaria ali. Com seus filhos.

– Pode deixar – Blay murmurou. – Vou para casa ver como a minha *mahmen* está.

Quando as sílabas atingiram o ar entre eles, Qhuinn precisou de um minuto em meio à salada do seu cérebro para decifrá-las. Casa…? *Mahmen*…? Ah, verdade. O tornozelo dela.

– Ok. Tá bem.

Blay continuou onde estava. E depois, num tom baixo, disse:

– Você vai sequer se importar se eu voltar, ou não, antes do amanhecer?

Quando houve uma batida de coração de pausa, o macho retrocedeu, meneando a cabeça ao seguir para a saída. Qhuinn notou a partida dele – e uma parte sua sabia que deveria chamá-lo, para se reconectarem… impedi-lo de sair. Mas outra porção muito maior sua estava de volta àquele quarto, à procura de agarrar os fios de lembranças do espaço em branco que havia tomado conta dele.

Jesus… Havia mesmo disparado uma arma na mansão? Com seus filhos no quarto…

– Qhuinn?

Ele voltou a se concentrar na sala. Blay estava na soleira, com os olhos estreitados e o maxilar travado.

O macho pigarreou.

– Só para que você e eu estejamos de acordo em relação a um ponto, eu nunca serei capaz de tirar o que você disse da minha cabeça. E o mesmo vale para a cena de você com aquela arma na mão.

– Pelo menos um de nós vai se lembrar – Qhuinn murmurou.

– Como que é?

– Não consigo me lembrar de nada.

– Ah, pare com isso. – Blay apontou um dedo na direção dele. – Você não pode apagar aquela cena alegando amnésia momentânea.

– Não vou discutir com você sobre isso.

– Então não temos muito para dizer um ao outro, né?

Quando Blay apenas o encarou, Qhuinn sacudiu a cabeça.

– Olha só, sem querer te desrespeitar, a vida dos meus filhos é só no que eu consigo pensar agora. Layla não é quem eu pensei que fosse, e ela…

– Para a sua informação, você acabou de me dizer que eu não sou pai. – A voz de Blay saiu dura, como se estivesse tentando esconder a dor. – Você me olhou nos olhos e me disse que as crianças e a mãe delas não eram da minha conta.

Num eco distante, nas profundezas da consciência de Qhuinn, surgiu um

ódio ainda ardente. Mas foi um fio ao qual ele não conseguiu se apegar. Só o que queria fazer era voltar para o quarto e apanhar o filho e a filha, e sair dali. Não se importava para onde iria…

Blay praguejou.

– Não espere por mim. Não vou voltar.

E dessa maneira, Qhuinn ficou sozinho.

Fantástico. Agora o seu relacionamento também estava na merda.

Inclinando-se para o lado, Qhuinn espiou através da soleira da porta, mas mais para tentar avaliar se ainda havia Irmãos no corredor das estátuas. Sim, os guerreiros pairavam por ali – até parece que alguém iria sair? Mesmo com a ordem de Wrath para manterem distância?

Eles muito provavelmente dormiriam do lado de fora da droga daquele quarto, protegendo uma fêmea que não merecia isso…

Em seguida, Qhuinn se deu conta de que tinha um abajur nas mãos, e segurava o vaso oriental modificado como se fosse um bastão de beisebol. E, vejam só, pelo visto, ele tinha decidido lançá-lo em si mesmo, pois estava diante de um dos espelhos de antiguidade, seu reflexo distorcido no velho vidro espelhado.

Parecia um monstro, uma versão de si mesmo que fora processada nas engrenagens de um pesadelo, o rosto cerrado como um punho, as feições contraídas de um modo que mal as reconhecia. Observando, soube sem

sombra de dúvida que, caso atirasse o abajur, acabaria destruindo a sala inteira, arrancando quadros da parede, quebrando janelas, tirando brasas acesas da lareira e jogando-as sobre os sofás, para formar uma fogueira de verdade.

E não pararia por ali.

Não pararia até que alguém o obrigasse, quer mediante correntes ou por meio de uma ou duas balas.

Estranhamente, seus olhos pararam no fio que pendia da base do abajur, a cauda marrom como a de um cachorro nervoso implorando por perdão e clemência por algo que não fazia a mínima ideia de ter feito.

O corpo inteiro de Qhuinn tremia ao depositar o abajur de cristal no chão.

Bem quando se endireitava, deu de cara com a janela e antes que conseguisse pensar duas vezes, foi até ela, entreabriu-a e fechou os olhos.

Mas não conseguia se desmaterializar. Não tinha nenhum lugar em mente, ele…

Não, espere. Tinha, sim, um destino. Claro que tinha a droga de um destino.

De repente, tranquilizou-se e se concentrou, desmaterializando-se para o lado externo da mansão, desejando ter agido de maneira mais fria. Se tivesse, talvez sua desforra tivesse sido evidente mais cedo.

Ao reassumir sua forma, o perfume dos pinheiros era pungente no ar

invernal, e o vento passava por entre as árvores, suscitando o gemido dos pinheiros. A caverna para a qual se dirigira apresentava uma abertura escondida por rochas, mas se você soubesse o que estava procurando, não teria problemas em encontrá-la. Do lado de dentro, avançou rapidamente até a os portões da Tumba, e quando acionou o mecanismo para deslizar as paredes de granito, encontrava-se perfeitamente composto diante dos portões de ferro, com um sorriso tranquilo no rosto, como cal sobre uma cerca apodrecida.

– Estou aqui para a troca de turno – exclamou ao sacudir o metal antigo. Torcia silenciosamente para que, só para variar, as novidades não tivessem se espalhado com tanta velocidade entre os membros da Irmandade. Que o Irmão do turno não tivesse consultado o celular, ou que todos na casa ainda estivessem tão envolvidos na situação que não tivessem pensado em mandar uma mensagem de texto para o encarregado do momento.

Phury apareceu no corredor iluminado por tochas; o som dos seus coturnos ecoava no piso de pedras, em meio aos jarros dos *redutores*.

– Ah, oi – cumprimentou o Irmão. – Tudo bem?

Sob a vacilante luz alaranjada, não havia nenhum sinal de suspeita, nenhum alarme no seu rosto, nada de olhos estreitados. Nenhuma mão à procura do telefone para chamar por reforços. Zero tensão, como se o guerreiro estivesse preparado para defender sua posição mesmo com os

portões fechados.

– Tudo ótimo – Qhuinn respondeu como se tentasse não prestar atenção a quanto tempo o cara demoraria para se deslocar até ele. – A não ser pelo fato de eu estar cobrindo o turno de Lassiter hoje.

Phury parou junto ao portão e apoiou as mãos no quadril, o que causou em Qhuinn um ímpeto de gritar.

– Deixe-me adivinhar – disse o outro Irmão. – Maratona de *Super-gatas*.

– Pior. Uma retrospectiva de *Maude*. Bea Arthur é sexy, pelo visto. Vai me deixar entrar?

O Primale pegou a chave de cobre.

– A propósito, ele está acordado.

O coração de Qhuinn começou a bater forte.

– Xcor?

Como se pudessem estar se referindo a outra pessoa…

– Embora não muito comunicativo, está consciente. Mas nada de interrogatórios, ainda. V. teve que arrancar Tohr daqui e depois Butch saiu quando eu cheguei. – Phury abriu o portão e foi para o lado.

– E você conhece o esquema. Dois de nós temos que estar presentes para arrancar alguma coisa dele, e eu não posso ficar. Fiquei de encontrar Cormia nos Grandes Campos. Você tem um reserva ou vamos esperar cair a noite para começar a diversão?

Uma ironia, na verdade. Todos se preocuparam que Tohr poderia enlouquecer e acabar com aquele pedaço de carne antes da hora.

Mas isso não seria mais um problema, não é?

Qhuinn soltou o ar que esteve prendendo e tomou o cuidado de não entrar com afobação.

– Blay viria comigo, mas teve de ir ver a *mahmen* dele.

Quando trocaram de lugar, Phury lhe entregou a chave, que ele quase guardou no bolso.

– Opa, desculpe. Você vai precisar disto. Verdade, ouvi que ela caiu. Como está o tornozelo?

Qhuinn estava tão distraído pelo objeto que lhe foi colocado na mão que perdeu o fio da conversa. Que diabos eles…

– Melhor – Qhuinn se ouviu dizer ao fechar o portão e trancá-lo. – Mas ele ia providenciar alguém para cobrir o turno dele.

– Eu ficaria se pudesse.

Qhuinn observou de longe enquanto girava a maçaneta ornamentada para a esquerda, de modo que a tranca se ajustasse no lugar…

– Qhuinn?

Ele se sacudiu mentalmente e certificou de demonstrar uma expressão agradável – algo com o qual suas feições normalmente já não estavam acostumadas, mesmo sem a crise atual.

– Oi?

– Você está bem? Não parece.

Num gesto exagerado ao afastar os cabelos para trás e ao ajeitar a jaqueta, revirou o ombro – e quis saudar essa parte de sua anatomia por ter emitido um *crec!* bem sonoro.

– Pra falar a verdade, este ombro está me matando. – Pôs a mão nele para massageá-lo. – A doutora Jane acha que vai ter de operá-lo, para limpar o osso. Mas não é nada grave, é um crônico gradual, não agudo. Se alguma coisa acontecer com esse pedaço de carne daqui – apontou para trás, eu aguento.

Phury xingou.

– Já passei por isso. Não estou preocupado com você. Sei que dá conta do recado. Quer que eu passe na mansão para ver se Z. pode vir pra cá?

– Não, Blay vai encontrar alguém. Mas obrigado.

Pelo amor de tudo o que havia de mais sagrado, será que ele poderia parar de jogar conversa fora? A qualquer segundo, o telefone do Irmão poderia tocar com uma chamada ou mensagem para informá-lo que Qhuinn não deveria em hipótese alguma ficar a cerca de trezentos metros do prisioneiro…

– Tchau. – Phury se virou e levantou a mão. – Boa sorte com ele.

– Ele bem que vai precisar – Qhuinn sussurrou para as costas do Irmão, que se distanciavam.

CAPÍTULO 9

Em sua cegueira, Wrath estava tanto mais isolado como também mais conectado com o mundo do que os indivíduos que enxergavam: isolado, porque a ausência de pistas visuais do seu ambiente significava a permanência na flutuação numa galáxia de escuridão, e mais conectado porque seus outros sentidos estavam amplificados no seu eterno céu noturno, dentro de si, estrelas de informações pelas quais ele se guiava.

Portanto, ao ficar de frente para Layla, enquanto essa lhe contava toda a história, percebeu e acompanhou todas as nuances, as variações no cheiro e no tom de voz, em cada movimento desenhado por ela, até mesmo na pressão do ar entre eles quando o humor da Escolhida passou da raiva para a tristeza, do arrependimento para a culpa.

– Então Xcor localizou o complexo – Wrath concluiu – ao rastrear seu sangue. Foi assim que ele fez?

Houve um leve rangido na cama quando ela ajustou a divisão de seu peso sobre o móvel.

– Sim – respondeu com suavidade. – Eu o havia alimentado.

– Certo, na primeira noite. Quando Throe a enganou, levando-a até aquela campina. Ou aconteceu de novo depois disso?

– Voltou a acontecer.

– O seu sangue estava nele – Wrath repetiu. – E ele seguiu o sinal até aqui.

– Xcor prometeu que, se eu continuasse a vê-lo, ele não atacaria o complexo. Argumentei comigo mesma que estava protegendo a todos nós, mas a verdade é que… eu precisava vê-lo. Eu queria vê-lo. Foi horrível, ficar presa entre meu coração e minha família. Foi… terrível.

Maldição, Wrath pensou. Não haveria uma saída fácil da situação.

– Você cometeu um ato de traição.

– Cometi.

Wrath se esforçara muito para reverter muitas das Antigas Leis restritivas e impiedosas, abolindo sanções como a escravidão de sangue e a servidão contratual, e também estabelecendo processos básicos adequados para as ofensas entre os civis. Mas a única coisa à qual ele ainda aderia era a traição à Coroa, que era punida com a morte.

– Por favor – ela sussurrou –, não me afaste dos meus filhos. Não me mande para o Fade.

Ela dificilmente podia ser considerada uma inimiga do Estado. Mas cometera um crime muito sério – e sua cabeça estava latejando.

– Por que precisava ver Xcor?

– Eu me apaixonei por ele. – A voz da Escolhida saiu impassível, sem vida. – Não tive nenhum controle sobre isso. Ele sempre foi bem gentil comigo. Muito educado. Nunca fez um avanço em minha direção – e quando eu o fiz, ele me rejeitou, mesmo diante da clara evidência de que… que não

era indiferente a mim. Ele só parecia querer estar comigo.

– Tem certeza de que ele não estava mentindo?

– Sobre o quê?

– Sobre saber a nossa localização.

– Não, não estava. Eu o vi na propriedade. Eu o encontrei… dentro da propriedade. – E falou mais rápido, com uma súplica fervorosa invadindo-lhe a voz. – Então, ele tem honra, pois poderia ter atacado, mas escolheu não fazê-lo. Manteve sua palavra, mesmo depois que me mandou ir embora e nunca mais procurá-lo.

Wrath franziu o cenho.

– Está me dizendo que foi ele quem terminou?

– Sim. Ele me expulsou e abandonou o chalé no qual efetuávamos nossos encontros.

– E por qual motivo ele teria agido assim?

Estabeleceu-se uma longa pausa.

– Eu o confrontei em relação aos seus sentimentos por mim. Eu sabia que ele sentia algo, e… Mas, sim, foi depois disso que ele me mandou embora.

– Há quanto tempo foi isso?

– Pouco antes de ele ser capturado. E sei por que ele pôs um fim a tudo. Ele não queria se sentir vulnerável ao meu lado.

Wrath franziu a testa e cruzou os braços diante do peito.

– Convenhamos, Layla, não seja ingênua. Não pensou nenhuma vez que talvez o motivo tenha sido ele enfim ter mobilizado tropas e informações o suficiente para promover um ataque aqui?

– Como? Não estou entendendo.

– Xcor trabalhou sem cessar junto à *glymera* para formar alianças contra mim. Antes e depois de botar uma bala na minha garganta. – Quando ela arfou, ele normalmente teria parado por ali. Mas a realidade não podia ser ignorada. – Se pretendia atacar uma fortaleza como esta, ele precisaria de meses e meses de vigilância e planejamento. E precisaria de um exército bem armado. Teria de juntar insumos e equipamentos. E está me dizendo que você não cogitou, nem por um momento, que ele continuava a usá-la só para ganhar tempo? E que talvez a tenha dispensado porque estava finalmente pronto?

A voz dela ficou estridente.

– Depois que ele me mandou embora, fiquei confusa e triste, mas refleti muito. Sei que o que ele sente por mim é real. Analisei seus olhos. Enxerguei esse sentimento.

– Não seja romântica, ok? Não no que se refere à guerra. Aquele maldito é um assassino frio e implacável, e usou você. Você é como todo o resto para ele. Um instrumento para ele chegar onde quer. Tire essa venda, fêmea, e caia na real.

Houve um longo silêncio, e ele praticamente conseguia escutar o funcionamento de suas reflexões.

E, em seguida, ela disse num fio de voz:

– À parte de tudo isso… O que vai fazer comigo?

Enquanto Xcor ouvia as vozes ao longe no corredor, testou as amarras, apesar de saber que nada havia mudado e ele continuava preso ali, junto à maca. E então captou o cheiro de outro macho, ouviu passadas pesadas se aproximando, sentiu a agressividade que beirava a ira.

Era chegada a sua hora. O acerto de contas; e ele não sobreviveria.

Ao mexer braços e pernas uma vez mais, descobriu que suas forças eram mínimas. Mas era assim que a situação se apresentava. Talvez significasse uma morte mais rápida, e isso não deixava de ser certa bênção.

O rosto que entrou em seu campo de visão lhe era bem conhecido: os olhos que não combinavam – um azul, outro verde –, feições endurecidas, e cabelos negros que fizeram Xcor sorrir um pouco.

– Me acha engraçado? – Qhuinn exigiu a resposta num tom afiado como a sua adaga. – Imaginei que fosse receber seu assassino com outra expressão que não um sorriso.

– Ironia – Xcor comentou, rouco.

– Destino, filho da puta.

Qhuinn dirigiu-se ao aço que prendia o tornozelo esquerdo de Xcor, os

puxões fizeram-no franzir a testa em confusão – e, quando a pressão se esvaiu, ele se esforçou para levantar a cabeça. O Irmão seguiu para o tornozelo direito para libertá-lo… depois subiu para os pulsos.

– O que… faz… – Não conseguia entender os motivos para ser libertado. – Por que…

Qhuinn deu a volta pela cabeça e soltou a última das amarras.

– Porque quero que seja uma luta justa. Sente-se, caralho.

Xcor começou a se mover com lentidão, dobrando os braços e depois levantando os joelhos. Depois de ter permanecido de costas por sabe-se lá quanto tempo, todos os seus músculos se atrofiaram e havia uma rigidez inerente às juntas que o fez pensar em galhos de árvore sendo partidos. Mas era incrível como estar na iminência de um ataque fazia com que você superasse as barreiras da dor.

– Você não… – Gemeu ao se apoiar nos cotovelos, as vértebras estalaram ao longo da coluna – … nem vai me perguntar…

Qhuinn ajustou sua posição de combate a um metro e meio de distância – os punhos erguidos, o peso apoiado nas coxas.

– Perguntar o quê?

– Onde estão meus soldados?

Desde que sua consciência tinha sido notada pelos seus captores, todos os tubos e fios haviam sido desconectados do seu corpo, e as máquinas que o

mantiveram vivo foram retiradas, a não ser pelo acesso intravenoso no braço. Por instinto, ele o arrancou e deixou um buraco sangrando.

– Isto não se trata do Bando de Bastardos.

Com isso, o macho o atacou, desferindo um soco de direita tão certeiro e violento que se assemelhou a ser atropelado por um carro bem no rosto. Sem energia, sem coordenação e com um corpo nu que não respondia a comandos mais complexos do que apenas respirar e piscar, Xcor virou a maca. Em pleno ar, tentou agarrar o que podia para aplacar sua queda – e apanhou a beirada da maca, derrubando-a por cima do seu corpo.

Qhuinn atacou o escudo, apanhou-o e jogou-o por cima do ombro como se não pesasse mais do que um travesseiro. O baque, quando a maca atingiu prateleiras e jarros, foi tão alto como se uma bomba tivesse sido detonada no corredor iluminado pelas tochas.

– Seu filho da puta! – Qhuinn berrou. – Cuzão maldito!

Xcor se sentiu suspenso pelos cabelos, e as pernas não tiveram nem a chance de falhar sob o peso corpóreo, visto que seguiu o mesmo curso do leito hospitalar – voou em pleno ar, chocou-se contra uma seção de prateleiras, e os jarros amorteceram-lhe a queda como o cascalho o faria. Quando ele aterrissou num fardo, o chão de pedras rachou sua pelve como se fosse vidro, ou pelo menos assim pareceu. Então, Xcor rolou de costas, na esperança de conseguir uma postura defensiva com as mãos.

Qhuinn saltou sobre o adversário, com uma bota em cada lado do tronco dele. Agachando-se, o Irmão exclamou:

– Ela estava grávida dos meus filhos! Jesus Cristo, você poderia ter matado eles!

Xcor fechou os olhos ante a imagem nítida de Layla, e seu corpo em progressiva transformação, como resultado do filho de outro macho – o filho *desse* macho – crescendo dentro dela. E outras imagens piores surgiram em sua mente… o da pele nua dela revelada para o toque de outro macho, seu cerne precioso penetrado por alguém que não ele, uma cópula acontecida entre ela e outro.

Do nada, uma fonte de energia ressurgiu em seu corpo, como gasolina a invadir o que antes era um motor seco.

Desprovido de um pensamento consciente, ele escancarou as presas, os caninos se projetaram por conta própria, o cheiro da sua vinculação em constante expansão rumo ao alvo que mataria apenas com as mãos.

As narinas de Qhuinn se inflaram e ele ficou imóvel, tamanha a sua supresa.

– Só pode ser a porra de uma brincadeira… Você se vinculou a ela, maldito? – O Irmão começou a gargalhar, lançando a cabeça para trás; na sequência, porém, deixou de lado a descontração do momento e escarneceu: – Bem, eu a atendi no cio. Pense nisso, filho da puta. Fui eu quem a possuiu e

quem aliviou seu sofrimento de um jeito que só os machos…

A parte mais selvagem de qualquer vampiro tomou conta de Xcor, um ato dilacerador sobre o manto claustrofóbico da fraqueza, expondo o guerreiro em seu sangue, o assassino em sua medula.

Xcor saltou e atacou o Irmão com tudo o que tinha dentro de si, acertou Qhuinn e lançou ambos em uma confusão até a parede oposta e suas prateleiras. As posições mudaram quando Qhuinn o empurrou e socos foram desferidos. Era evidente que Xcor estava atrapalhado e poderia ser facilmente dominado, mas tinha a vinculação ao seu lado, a necessidade masculina de proteger e defender, o ciúme inato, o sentimento de posse sobrepujante produzindo-lhe uma força vital para atacar até subjugar o competidor.

Enquanto brigavam, seus pés esmagavam os jarros quebrados, Xcor sangrava no nariz e arrastava uma das pernas como peso morto, mas atingiu Qhuinn com a cabeça e usou todas as forças para empurrar o oponente.

Enquanto Qhuinn se precipitava em direção aos equipamentos médicos, Xcor mantinha os braços em busca do equilíbrio que não conseguia encontrar, e saltou para a frente. Seu objetivo era aterrissar sobre o Irmão e bater nele até que perdesse os sentidos.

Mas, como um guerreiro treinado que era, Qhuinn conseguiu girar no meio da queda livre e, de alguma forma, endireitou-se a tempo de plantar as botas no chão e agarrar um dos monitores. Girando o equipamento pesado num

círculo, lançou-o contra Xcor, como se fosse uma rocha.

Sem tempo para se abaixar – não com a parca coordenação que detinha no momento –, o impacto fez com que Xcor perdesse o ar e o equilíbrio: o ar foi forçado para fora dos pulmões e o equipamento médico o atingiu na lateral.

No entanto, após um ínfimo segundo de recuperação, lançou-se a um rolamento defensivo, pois Qhuinn havia apanhado outro equipamento, que dessa vez era mais largo.

Qhuinn suspendeu o exaustor no alto, e Xcor sabia que configurava um alvo grande e lento demais, de modo que o Irmão não erraria a mira.

Por isso, atacou o macho ao invés de escapar dele. No último instante, Xcor se deitou, empurrou o chão com a palma e mobilizou cada músculo que tinha para lançar a parte inferior do corpo num movimento em arco, as pernas formaram um círculo…

… que tirou os pés de Qhuinn debaixo de si.

Enquanto o Irmão caía, o exaustor escorregou-lhe das mãos e caiu sobre ele. Ao se deparar com o xingamento e o grunhido, era possível inferir que o contato tinha ocorrido em um ponto vulnerável.

De fato, ele se enrolou sobre si mesmo como se as entranhas tivessem sido comprometidas.

Uma fração de segundo. Xcor tinha uma fração de segundo para pensar além da sua reação de macho vinculado e analisar a luta a partir da lógica.

Por sorte, não havia muito em que pensar. Mesmo com a vinculação correndo nas veias, a derrota era iminente.

E quando se enfrenta um oponente que se sobrepõe a você, o que se deseja é sobreviver, então o passo é recuar e mandar o ego para o inferno.

Bloodletter lhe ensinara isso. À força.

Com Qhuinn se reerguendo de quatro e amparando a lateral do corpo, Xcor disparou, com seus pés ensanguentados, para então tropeçar e cair por cima do leito derrubado, passando por cima dos escombros dos jarros dos *redutores* e dos corações pútridos e rançosos que estiveram dentro deles. Não podia correr; seus passos mais se assemelhavam aos de um bêbado, fazendo-o andar torto; a cabeça girava mesmo apesar da certeza de que as tochas e as paredes estavam imóveis.

O mais rápido que conseguia. E depois ainda mais.

Ele seguiu o mais rápido que um macho imobilizado pelos inimigos durante semanas a fio conseguiria.

Era o equivalente a afirmar que ele parecia estar passeando. Qhuinn, no entanto, tinha sido gravemente ferido. Um olhar de relance por cima do ombro mostrou que o Irmão vomitava sangue.

Xcor seguiu em frente, com um breve otimismo incitando-o avante. Só que acabou confrontando um problema de tamanha magnitude que sua ineficiência em se deslocar com agilidade se tornou um problema pequeno.

Sob a iluminação das tochas, ele avistou os portões pesados logo adiante, constituídos de barras grossas de ferro incrustadas nas rochas da caverna – e eles tinham uma malha de aço sobre elas, tão fina que se desmaterializar através dela seria impossível.

Xcor arfava, sangrava, suava e tremia ao se aproximar e testar a resistência da barreira com seus braços patéticos. A barreira era sólida como as paredes da caverna. Nenhuma surpresa.

Olhando para trás, viu Qhuinn se levantar, sacudir a cabeça como que para clareá-la e encontrar um foco absoluto.

Como um predador faz com sua presa.

O fato de o queixo do macho escorrer sangue, que lhe cobria o peito, parecia um presságio do futuro.

Infelizmente, ele não sobreviveria a isso.

CAPÍTULO 10

Enquanto Layla aguardava o pronunciamento de Wrath sobre a sua punição, ela sequer conseguia engolir devido ao medo, à vergonha e ao arrependimento.

Incapaz de ficar parada, porém sem conseguir se levantar da cama, ela desviou o olhar da figura implacável do Rei – só para se deparar com os buracos das balas no gesso, no alto do canto mais distante. A náusea lhe subiu pela garganta, uma onda de queimação vil. Com a raiva dispersa, ela

não conseguia mais imaginar o ódio que sentira, mas não tinha dúvidas do quanto tinha agido movida pela emoção. Assim como Qhuinn.

Santa Virgem Escriba, iria vomitar.

– Não ordenarei a sua morte – Wrath anunciou.

Layla exalou ao relaxar.

– Ah, muito, muito obrigada, meu senhor…

– Mas você não pode ficar aqui.

Ela se endireitou quando o coração passou a bater forte.

– E os bebês?

– Criaremos algum esquema de visitação ou…

Com um salto da cama, ela levou as mãos à garganta como se estivesse sendo estrangulada.

– Não pode me separar deles!

O semblante do Rei, tão aristocrático e poderoso, não lhe ofereceu uma centelha de piedade ou misericórdia.

– Não pode mais ficar aqui. Xcor não sobreviverá ao que faremos com ele, mas Throe se alimentou de você, e mesmo que isso tenha acontecido há algum tempo, simplesmente não é seguro. Presumimos que o *mhis* seria forte o bastante para nos proteger, mas evidentemente não é verdade, e é um risco de segurança em escala catastrófica.

Layla tropeçou à frente e caiu de joelhos aos pés de Wrath, juntando as

mãos numa súplica.

– Eu juro, nunca quis que nada disso acontecesse. Por favor, imploro seu perdão, não tire meus filhos de mim! Obedecerei a qualquer outra ordem, eu juro!

Ela sabia que os Irmãos, que estavam no corredor, haviam se aproximado uma vez mais e ouviam a uma distância discreta, mas não lhe importava que a vissem se descontrolar. Wrath, contudo, sim. Relanceou por cima do ombro.

– Para trás. Estamos nos entendendo aqui – o Rei ladrou.

Não, não estamos, ela pensou. *Não estamos nada bem aqui.*

Houve uma breve agitação; em seguida, ela não via mais ninguém no corredor – e Wrath voltou a se concentrar nela, a inspiração profunda movendo as narinas.

– Sinto o cheiro das suas emoções. Sei que não está mentindo em seu relato e no que acredita. Mas há vezes em que as intenções são irrelevantes e esta é uma delas. Você tem que ir agora…

– Meus filhos!

– … ou providenciarei que a levem.

Enquanto suas lágrimas caíam, ela quis gritar, mas não havia o que discutir. Ele tinha razão. Xcor a encontrara e seguira até em casa, e quem haveria de garantir que Throe não poderia imitá-lo? O sangue de Layla era

tão puro que os efeitos de rastreamento poderiam durar anos, décadas, talvez até mais – apesar de ter alimentado o macho apenas uma vez. Por que ela não pensara nisso? Por que eles não pensaram?

– Está extinguindo meus direitos parentais? – perguntou, rouca.

O horror de perder os filhos era tão grande que ela mal conseguia traduzir seu medo em palavras. Em todos os seus piores pesadelos, jamais tinha cogitado que chegariam a esse ponto. Jamais havia considerado que as consequências poderiam ser tão devastadoras.

Mas, em retrospecto, quando se está em rota de colisão direta, não é possível catalogar exatamente a extensão dos ferimentos vindouros – ainda mais quando se está no meio de manobras evasivas para tentar impedir o acidente.

O destino a colocara ali.

Suas escolhas, também.

Não havia como negociar com nenhum dos dois.

– Não – Wrath disse abruptamente. – Não a excluirei. Qhuinn odiará a decisão, mas não é problema meu.

Layla fechou os olhos, as lágrimas saindo por eles, emaranhando-se com os cílios.

– A sua piedade desconhece limites.

– Bobagem. E agora você tem que partir. Tenho propriedades seguras e

providenciarei o transporte. Comece a aprontar as malas.

– Mas quem ficará com eles? – Virou-se na direção dos berços. – Meus filhos… Ah, Santa Virgem Escriba…

– Qhuinn ficará com eles. E depois tomaremos providências para que você os visite. – O Rei pigarreou. – É assim… que tem que ser. Tenho que pensar nas outras crianças da casa… Diabos, agora mesmo estou pensando se não devo ordenar uma evacuação completa da mansão. Jesus, não faço a mínima ideia do motivo de ainda não nos terem atacado.

Ao se imaginar dormindo longe de Lyric e Rhamp, não alimentá-los durante o dia, não ser a responsável por trocá-los, acalentá-los e banhá-los, ela mal conseguiu respirar.

– Mas somente eu sei do que eles precisam, e eu…

– Diga seu adeus, e depois Fritz…

– Mas que *diabos* aconteceu aqui?

Quando Wrath se virou para trás, Layla fungou e levantou o olhar. O Primale estava parado junto à porta quebrada, as sobrancelhas de Phury abaixadas sobre os olhos amarelos, o corpo envolto em armas e cheirando a pinheiros e ar fresco.

– Você está bem, Layla? – ele perguntou, preocupado ao entrar e contornar Wrath. – Santa Virgem Escriba, mas… Isso são buracos de bala? Quem diabos descarregou uma arma aqui? As crianças estão bem?

– Foi Qhuinn quem deu uma de dedo rápido no gatilho. – Wrath cruzou os braços diante do peito e balançou a cabeça. – Os bebês estão bem, mas ela tem que ir embora. Talvez você possa ajudar a tirá-la daqui?

Phury virou a cabeça na direção do líder, os cabelos multicoloridos balançando na altura dos ombros.

– Do que está falando?

O Rei foi eficiente ao resumir a história entre ela e Xcor – e não usou as palavras *traição, deslealdade* nem *punição com a morte*, e também não foi preciso. Tudo isso e muito mais estava implícito, embora Wrath não tivesse repassado toda a história.

Phury o interrompeu antes do fim.

– Então é por isso que ele apareceu!

– Xcor a estava usando, sim…

– Não! Qhuinn! Caralho! – Phury levou os dedos à boca e assobiou tão alto que Layla teve de cobrir as orelhas. E depois ele começou a falar rápido. – Qhuinn acabou de aparecer no *sanctum sanctorum*! Ele me disse que cobriria o turno diurno de Lassiter e… merda, ele disse que estava esperando um reforço. Ele não me pareceu bem, por isso pensei em parar aqui a caminho dos Grandes Campos, para me certificar de que o substituto providenciado por Blay fosse para lá de imediato…

– Não! – Layla gritou. – Ele não pode ficar sozinho com…

– Ele vai matar Xcor – Wrath estrepitou. – Maldição…

Zsadist, o gêmeo idêntico de Phury, passou pela soleira, já prendendo o cinto das armas.

– Chamou?

Wrath praguejou.

– Puta merda, ele vai matá-lo. Vocês dois, vão agora! Eu chamo Vishous.

Enquanto os Irmãos e o Rei saíam, Layla foi para o corredor, atrás deles. Mesmo que não houvesse nada ao seu alcance – ou obrigações – para fazer, estava envolvida em pesadelos.

Assim como todos eles.

Junto ao portão da caverna, Xcor deu as costas a Qhuinn, que mancava e sangrava, e puxou as grades, colocando em prática seu instinto de sobrevivência. Não que fosse o suficiente.

– Vou te matar, maldito – Qhuinn praguejou, rouco. – Com as minhas mãos. E depois vou comer o seu coração enquanto ele ainda estiver quente…

Xcor ia se virar para articular sua defesa do ataque quando algo reluziu na chama da tocha e o motivou a ficar bem parado onde estava. A princípio, não conseguia acreditar no que lhe havia chamado a atenção. Foi tão inesperado que mesmo a perspectiva de morte certa não bastou para distraí-lo.

Ele fechou os olhos, sacudiu a cabeça e depois ergueu as pálpebras, arregalando os olhos como se, assim, conseguisse enxergar melhor.

Do lado oposto de onde estavam as dobradiças do portão… havia uma tranca. E tão certo quanto o sol se põe no Oeste, parecia haver a projeção de uma chave para fora do mecanismo.

Ante o som de arrasto do avanço desigual de Qhuinn, que se aproximava, Xcor esticou a mão trêmula e girou a peça de metal pesada para um lado… depois para o outro…

A fechadura emitiu um som e, de repente, o que estava firme como rocha acabou por ceder. E Xcor abriu o portão, cambaleando para fora.

Qhuinn percebeu de imediato a brecha de segurança colossal e começou a se locomover mais rápido, praguejando e segurando a lateral do corpo. Mas Xcor arrancou a chave, bateu o portão e descobriu… Isso… O mecanismo funcionava dos dois lados.

Quando o Irmão avançou, enfurecido, jogando o corpanzil contra as barras de ferro, Xcor enfiou a chave na fechadura e virou-a na direção correta e… Trancou Qhuinn dentro da caverna.

Xcor se empurrou para trás quando o Irmão sacudiu as grades de ferro e as telas de aço, com grunhidos e xingamentos, que a Morte lhe negara algo com amargura e muito mais.

Aterrissando no chão com a bunda nua, Xcor tremia tanto que seus dentes tiritavam.

– … vou te matar! – Qhuinn berrava com as mãos agarradas à tela até elas

sangrarem. – Vou te matar, seu filho da puta!

Xcor olhou por cima do ombro. O ar fresco vinha daquela direção, e ele sabia que estava sem tempo. Era quase certo que Qhuinn chamaria por reforços assim que parasse de brigar com o oponente de ferro.

Levantando-se com dificuldade, ele manquejava tanto que teve que se apoiar na parede da caverna.

– Deixarei a chave aqui.

A voz fraca e trêmula interrompeu as imprecações, silenciando seu oponente por instantes.

– Não quero nada com você nem com a Irmandade. – Inclinou-se para baixo e colocou a chave no chão. – Não lhes quero mal, nem um fim. Já não cobiço mais o trono, tampouco desejo a guerra. Deixo esta chave como um testemunho das minhas intenções. E juro pela fêmea que amo com toda a minha alma que nunca entrarei nas suas propriedades aqui nem em qualquer outro lugar novamente.

Começou a se afastar, arrastando um pé atrás de si. Mas, então, parou e olhou para trás.

Deparando-se com o olhar despareado e selvagem de Qhuinn, Xcor disse com claridade:

– Eu amo Layla. E nunca tomei o corpo dela, tampouco o farei. Nunca mais a procurarei, tampouco pousarei os olhos sobre ela. Quer que eu morra?

Pois bem, já morri, pois cada noite que ela vive com você e seus filhos, sou assassinado por não estar na presença dela. Portanto, seu objetivo foi conquistado.

Dito isso, ele voltou a partir, rezando para poder, de alguma maneira, se desmaterializar. Quando sua vista começou a falhar, porém, teve pouca fé que o conseguiria.

Suas forças o abandonavam agora que o macho vinculado dentro dele já não estava mais sendo provocado por um rival. De fato, não havia muitos motivos para correr, já que acabaria por cair nas mesmas mãos que o tinham prendido antes, mas não havia nada que pudesse fazer a respeito. Se tivesse sorte, eles o alcançariam na floresta e atirariam nele como em um javali.

Mas a sorte raramente estivera ao seu lado.

CAPÍTULO 11

De volta à mansão da Irmandade, umas quatro portas distante de onde todo o drama com a arma se desenrolara, Tohr estava deitado sobre a cama, totalmente vestido. Ao fitar o dossel acima, tentou se convencer de que estava relaxando – e essa foi uma discussão que acabou por perder. Das pernas firmes como rocha, dos dedos que se flexionavam até os globos oculares que iam de um lado a outro, ele estava tão relaxado quanto uma corrente elétrica.

Fechando os olhos, só conseguiu enxergar aquela 40 mm mudando de

direção e disparando balas dentro da mansão.

O mundo inteiro parecia descontrolado…

– Trouxe chá.

Antes que conseguisse se impedir, Tohr sacou a arma amarrada sob o braço. Mas, no mesmo instante, ao sentir a fragrância da sua fêmea e reconhecer-lhe a voz, abaixou a mão e se concentrou em Autumn. Sua amada *shellan* estava parada diante dele, com sua caneca YETI na mão e os olhos tristes e sérios.

– Venha cá – ele disse, estendendo a mão para pegar a dela. – Só preciso de você.

Puxou-a para o seu lado, agradeceu-lhe por ela ter lhe trazido o chá e deixou o Earl Grey de lado. Então, com um tremor de alívio, aninhou-a junto ao peito, passou os braços ao redor dela e a manteve junto ao coração.

– Noite ruim – ele confessou, perto dos cabelos perfumados. – Noite muito ruim.

– Verdade. Estou aliviada por ninguém ter se ferido. E também, é o aniversário de Wellsie. Sim, é uma noite muito, muito ruim.

Tohr afastou Autumn um pouco para poder fitá-la no rosto. Após o assassinato de sua companheira grávida executado por um inimigo, convencera-se de que jamais voltaria a amar. Como poderia, depois de tamanha tragédia? Mas essa gentil, paciente e determinada fêmea diante dele

abrira seu coração e sua alma, dando-lhe vida onde ele estava morto, luz em sua escuridão perpétua, sustento para a sua fome.

– Como consegue ser assim? – perguntou-se, tracejando-lhe o rosto com a ponta dos dedos.

– Assim como? – Ela levantou a mão e afagou a mecha grisalha que se formara na parte da frente dos cabelos, logo após a morte de Wellsie.

– Você nunca se ressentiu dela ou… – Era difícil para ele reconhecer à sua fêmea, em voz alta, que continuava apegado aos seus mortos. Ele jamais quis que ela se sentisse menor. – Ou dos meus sentimentos por ela?

– Por que eu me ressentiria? Cormia nunca se frustrou pela ausência da perna do companheiro dela. Nem Beth pela cegueira de Wrath. Eu o amo como você é, e não seria você caso nunca tivesse amado outra, se nunca tivesse perdido outra, se nunca tivesse perdido a chance de ser pai.

– Só podia ser você – ele sussurrou, inclinando-se para pressionar os lábios nos dela. – Você é a única com quem eu poderia estar.

O sorriso dela era como o coração: acessível, franco, acolhedor.

– Que conveniente, já que sinto o mesmo por você.

Tohr aprofundou o beijo, mas logo interrompeu o contato – e ela entendeu por que ele parou, assim como sempre o compreendia: ele não poderia se deitar com ela essa noite e esse dia. Não até a meia-noite. Não até o aniversário de Wellsie ter passado.

– Não sei onde eu estaria sem você. – Tohr meneou a cabeça, pensando no estado em que havia estado quando da ida até a caverna, em busca de Xcor. – Quero dizer…

Enquanto Autumn alisava o vinco formado na testa dele, ele retrocedeu ainda mais no tempo, para o instante em que Lassiter aparecera no meio da floresta com um saco cheio do McDonald's e a insistência para que ele retornasse junto a seus irmãos. O anjo caído não dera ouvidos à razão – o início de uma tradição, naturalmente – e os dois se arrastaram e pararam de volta à mansão.

Tohr estivera à beira da morte, tendo subsistido à base da ingestão de não muito mais do que sangue de cervos e não muito mais durante o tempo em que ficou na floresta sozinho. Tivera um plano na época: durante todos aqueles meses procurara se matar por exaustão porque não estivera disposto a testar a lenda urbana de que as pessoas que cometiam suicídio não iriam para o Fade.

Morrer de fome, para sua mente perturbada, era uma morte diferente do que se ele metesse uma bala na cabeça.

Mas não fora seu destino. Assim como regressar para a casa com aquele anjo caído não fora sua salvação.

Não, ele devia isso à fêmea ao seu lado. Ela, e somente ela, o fizera dar a volta por cima, o amor entre eles o tirara do inferno. Com Autumn, a

perspectiva de permanecer no planeta dera uma guinada de cento e oitenta graus, e embora ainda tivesse noites ruins, como essa… também tivera noites boas.

Voltou a se concentrar na sua fêmea.

– O seu amor me transformou.

Deus, era como se Lassiter tivesse sabido o tempo inteiro o que acabaria acontecendo, com a certeza de que aquele era o momento para o seu retorno e ressurreição…

Tohr franziu o cenho ao sentir uma mudança em Autumn.

– Autumn? O que foi?

– Desculpe. Eu só estava imaginando… O que vai acontecer com Layla?

Antes que pudesse responder, alguém começou a bater na porta deles – e aquele tipo de urgência significava apenas uma coisa: mobilização de armas.

Seria possível que o Bando de Bastardos tivesse decidido atacar?

Tohr acomodou Autumn com gentileza para o lado, depois saltou da cama para pegar o coldre das adagas.

– O que aconteceu? – ladrou. – Para onde vamos?

A porta se abriu e Phury exibia uma aparência horrível.

– Qhuinn está sozinho na Tumba com Xcor.

O coração de Tohr perdeu o compasso, e ele fez os cálculos, chegando à conclusão de que estava sendo passado para trás em matar o filho da puta.

– Maldição, ele é meu, não do Qhuinn…

– Você vai ficar aqui. Precisamos de alguém com Wrath. Todos os outros vão para lá.

Tohr cerrou os molares por ter sido colocado no banco dos reservas, mas não estava surpreso. E proteger o Rei dificilmente seria considerado uma demoção.

– Me mantenha informado, tá?

– Sempre.

Com um xingamento, o irmão girou e foi embora junto aos demais, integrando o que parecia um estouro de coturnos no corredor das estátuas.

– Vá – Autumn lhe disse. – Procure Wrath. Fará com que se sinta útil.

Ele olhou por sobre o ombro.

– Você sabe sempre, não?

Sua linda companheira meneou a cabeleira loira.

– Você tem mistérios que ainda me fascinam.

Quando um desejo súbito engrossou seu sangue, Tohr emitiu um ronronado.

– Meia-noite. Você será minha, fêmea.

O sorriso dela foi tão antigo quanto a raça, e tão duradouro quanto.

– Mal posso esperar.

No instante seguinte, Tohr estava no corredor, sentindo-se completamente

confinado – apesar de a mansão ter quantos quartos mesmo? Mas então, ao chegar às portas abertas do escritório de Wrath, o Rei quase o atropelou.

– … o caralho, estou saindo daqui. – Wrath fechou as portas atrás de si e seguiu para a escadaria. – Maldição, sou um Irmão, tenho permissão para ir lá…

– Meu senhor, não pode ir à Tumba.

Enquanto George, o cão-guia do Rei, gania no interior do escritório, o último vampiro puro da raça chegou à escadaria para iniciar a descida.

– Wrath. – Tohr apressou-se atrás dos calcanhares do macho, mas não se deu ao trabalho de aumentar o tom da voz. – Pare. Mesmo. Pare agora.

Pois é, estava sendo tão persuasivo quanto um idiota com bandeirolas como farol, e os dois braços quebrados: não estava se colocando no caminho do governante. Não o segurava pelo braço, nem forçava o Rei a ficar dentro de casa. E não iria, no fim das contas, impedir que seu monarca fosse até a Tumba, onde Qhuinn estava.

Onde Xcor estava.

Porque, oras, se estava protegendo o Rei, tinha que ir aonde o cara ia, certo? E, se por acaso isso acabasse por levá-lo até onde o Bastardo estava? Beeeem, isso não seria sua culpa, né? Além disso, considerando-se o estado de humor de Wrath? Qualquer tentativa de convencê-lo a ficar e esperar seria fôlego desperdiçado. O Rei era bem racional – só quando não o era. E quando

aquele FDP de cabelos negros e óculos escuros decidia que faria, ou não faria, algo? Ninguém, mas ninguém mesmo, seria capaz de mudar sua opinião.

Com a exceção de, talvez, Beth – e mesmo isso não era garantido.

E quando ele e Wrath chegaram ao átrio e começaram a cruzar o mosaico da macieira em flor, Tohr disse num tom enfastiado:

– Sério. Deixe que os outros cuidem do assunto. Pare.

Wrath não hesitou nem falseou. Mesmo sem enxergar, ele conhecia bem a mansão, e sabia antecipar o número de degraus, a direção e até mesmo a altura da enorme maçaneta à qual estava prestes a alcançar. Se as coisas seguissem assim, chegariam à caverna ao norte da montanha num nanossegundo.

Só que… quando a porta do vestíbulo se abriu e uma lufada de ar fresco entrou, Tohr inspirou fundo.

E, no mesmo instante, sua sanidade retornou.

Espere um instante, ele pensou. Que diabos estava fazendo?

Uma coisa era abrir a porta ele mesmo, e outra era fracassar em sua missão de guarda-costas, permitindo que o Rei entrasse numa situação que poderia colocar sua vida em perigo. E também, P.S., era uma bobagem absoluta querer matar Xcor por ter metido uma bala em Wrath ao mesmo tempo em que estava disposto a permitir que o Rei entrasse no que poderia ser uma

emboscada. O Bando de Bastardos era uma surpresa, mais do que nunca. E se alguma coisa desse errado com a insubordinação de Qhuinn e Xcor acabasse, de algum modo, livre? E se encontrasse os seus garotos? E se atacasse a Irmandade?

Enquanto Wrath atravessava a porta e seguia para a noite, Tohr voltou ao trabalho.

Dessa vez se colocou no caminho dele, esticou as mãos e socou o peitoral do governante.

Encarando os óculos pretos, disse:

– Espere aí, não posso permitir que vá até a Tumba. Por mais que eu queira a porra dessa desculpa pra ir pra lá também e lidar com o puto do Xcor nos meus próprios termos, não saberei viver comigo mesmo se…

Tchauzinho.

Sem nem uma palavra ou hesitação, Wrath desapareceu. O que provava a Tohr que estivera certo quanto ao Rei fazer o que bem entendia – e um maldito idiota por não ter impedido o macho ainda na escadaria.

– Maldição! – Tohr murmurou ao sacar as duas pistolas.

Sua própria desmaterialização interrompeu o restante dos impropérios que se debatiam no seu cérebro desfuncional. Em seguida, reassumia a forma na floresta densa, no lugar do qual fora retirado à força não mais do que uma hora antes.

Ah… Deus.

Sangue. No meio do vento gélido e forte… ele sentia o cheiro do sangue de Xcor.

O filho da puta estava lá fora? Mas que diabos? Porque aquela merda não vinha de longe, como se fosse de um ferimento impingido no interior da caverna.

Não, estava bem aos seus pés, nas agulhas caídas dos pinheiros e na terra.

Um rastro.

Uma fuga.

Mesmo que os instintos de rastrear o macho fossem quase irresistíveis, Wrath era mais importante. Girando sobre os coturnos, correu para junto do seu monarca.

– Meu senhor! – Tohr perscrutou o ambiente, à procura de movimentos. – Mas que porra há de errado com você?! Precisamos tirá-lo daqui!

Wrath o ignorou e seguiu para a caverna, onde as vozes dos outros irmãos ecoavam e, evidentemente, davam-lhe uma direção. Tohr pensou em deter o macho, mas era melhor que ele estivesse ali, com a Irmandade, do que no meio da floresta, como um alvo imóvel.

Cara, mas depois teriam uma conversinha.

Noite incrível para os moradores da casa. Puta que o pariu.

O cheiro do sangue estava mais intenso ali, e sim, sentiu uma ponta de

inveja no meio do peito. Qhuinn, ao que tudo levava a crer, tivera sua vez com o bastardo. Mas algo de muito, muito errado acontecera. Havia um rastro de pés descalços e sanguinolentos saindo da caverna, e Qhuinn também sangrava. Aquele outro cheiro também estava bem distinto.

O Irmão ainda estaria vivo? Xcor o teria, de alguma forma, sobrepujado e se apoderado da chave dos portões? Mas isso seria possível? Xcor estivera meio morto naquela maca.

Enquanto Tohr e o Rei avançavam pelo interior da caverna, a luz das tochas nos portões oferecia um brilho a ser seguido e quando ele e Wrath se juntaram a todos os outros – … Tohr confrontou uma situação que era tão inesperada quanto inexplicável.

Qhuinn estava depois dos grandes portões do *sanctum sanctorum*, sentado de bunda no chão, com os cotovelos posicionados sobre os joelhos. Ele sangrava em alguns pontos e a respiração superficial sugeria que devia ter costelas quebradas. Suas roupas estavam desarrumadas e manchadas de sangue – tanto dele quanto de Xcor –, e as juntas dos dedos estavam esfoladas.

Mas isso não era o mais estranho.

A chave do portão estava do lado de fora. Deitada no chão de terra como se tivesse sido propositalmente colocada ali.

Três dos seus irmãos estavam ao redor do objeto, como se ele fosse

explodir na cara deles, e, nas imediações, pessoas dialogavam. Toda a conversa cessou, contudo, quando a presença de Wrath foi registrada pelo grupo.

– Mas que porra! – alguém exclamou.

– Jesus, Maria e José! – Ok, esse era Butch. – Mas que diabos?

Mais irmãos se juntaram a eles nesse tipo de exclamação, mas Wrath não estava para brincadeira.

– Para o que estou olhando? Algum puto pode me descrever o que tenho diante de mim?

No silêncio que se seguiu, Tohr esperou que um dos outros transmitisse o relato.

Só que nenhum deles pareceu ter coragem.

Tudo bem, mas que diabos, Tohr pensou.

– Qhuinn está consciente, sangrando, trancado na Tumba. A chave… – Tohr meneou a cabeça na direção dos portões –… está do lado de fora. Qhuinn, Xcor está aí dentro com você ou não?

Mesmo que o rastro de sangue para fora da caverna já fosse resposta suficiente.

Qhuinn abaixou a cabeça e esfregou os cabelos negros, a palma desenhando círculos lentos no que já estava emaranhado.

– Ele fugiu.

Ceeeeerto, quer falar de bombas “f ”? Foi como se cada um dos Irmãos tivesse um piano despejado sobre seus malditos pés e usado a palavra “foda” como analgésico.

Um ímpeto de urgência fez com que Tohr se desconectasse de tudo aquilo. Virou-se, pegou o celular e ligou a lanterna, lançando o facho de luz ao redor no chão. Rastrear as pegadas na areia e na terra solta foi bastante fácil, e ele as seguiu até a boca da caverna. Xcor estivera arrastando os pés, em vez de caminhar de verdade, sua locomoção estava evidentemente prejudicada por ter passado o mês anterior deitado, e também pelo que acontecera entre ele e Qhuinn.

Quando Tohr voltou para a floresta, agachou-se e formou um arco com a luz. Atrás dele, uma bela discussão se desenrolava entre Wrath e a Irmandade, com vozes graves ecoando ao redor graças às paredes de pedra, mas ele deixou que continuassem. Andando à frente, desligou a lanterna e guardou o celular no bolso de trás da calça. Não levara um casaco consigo ao sair da mansão, mas a noite de -4°C não o incomodava.

Estava ocupado demais dando uma de cão farejador, fungando o ar.

Xcor fora para o Oeste.

Tohr acelerou, mas não podia ir rápido demais. Com o vento soprando em diferentes direções, era difícil acompanhar o rastro.

E, então, ele simplesmente chegou ao fim.

Fazendo círculos, Tohr retrocedeu a fim de localizar o rastro de sangue novamente… e depois, sim, voltou a perdê-lo.

– Ah, maldito bastardo – ele sibilou na noite.

Como aquele merdinha enfraquecido tinha conseguido se desmaterializar era uma questão que Tohr jamais compreenderia. Contudo, não havia como discordar dos fatos: a única explicação possível para o rastro ter sido interrompido tão subitamente era que o bastardo, de alguma forma, havia reunido forças para virar fantasma.

Se Tohr não odiasse o filho da puta com demasiada intensidade… quase seria capaz de respeitá-lo.

Quando Xcor reassumiu a forma corpórea, encontrou-se nu sobre uma espécie de moita coberta de neve, no interior da floresta que já não era mais de pinheiros, mas de bordos e carvalhos. Arquejado, ele forçou os olhos a trabalhar, e quando o cenário apareceu límpido e focado, ele soube que havia conseguido sair da propriedade da Irmandade. O *mhis*, névoa de proteção do cenário que marcava o território deles, havia sumido, e seu senso de direção havia retornado.

Não que ele tivesse a mínima ideia da sua localização.

No trajeto de fuga, tinha conseguido se desmaterializar três vezes. Uma para uns cinquenta metros de distância da caverna; na segunda, um pouco além da última, talvez meio quilômetro descendo a montanha; e depois até

ali, para uma porção gramada, que sugeria um afastamento considerável da montanha onde fora mantido prisioneiro.

Rolando de costas, inflou os pulmões e rezou em busca de forças.

Uma vez passada a ameaça imediata à própria vida, uma fraqueza imensurável se abateu sobre Xcor, tão letal quanto qualquer outro inimigo. E também havia o frio, que subtraía ainda mais suas reservas de força, diminuindo-lhe ainda mais os reflexos e os batimentos cardíacos. Mas nada disso era sua maior preocupação.

Virando a cabeça, olhou para o Leste.

O horizonte começava a se aquecer com a chegada iminente da aurora em uma hora. Mesmo em seu estado, ele sentia os vislumbres de alerta em sua pele nua.

Empenhado em forçar a cabeça para longe do chão, procurou abrigo, uma caverna talvez, um agrupamento de rochas… um tronco caído com espaço vazio no qual poderia se esconder. Só o que identificou foram árvores, lado a lado, com os galhos despidos formando um dossel, que não significaria proteção suficiente contra o amanhecer.

Acabaria em chamas assim que o sol estivesse a pino.

Pelo menos estaria aquecido… Pelo menos, assim, tudo chegaria a um fim.

Por certo, e por pior que fossem os horrores da imolação, nada se compararia à tortura que a Irmandade sem dúvida o teria feito passar –

torturas que não serviriam a nenhum propósito, mediante a suposição de que o Bando de Bastardos seria o seu objetivo.

Primeiro porque seus soldados teriam seguido o protocolo e abandonado o acampamento, estabelecendo-se em outro local após o seu desaparecimento. Afinal, morte ou captura eram as únicas explicações para a sua ausência, e não havia sentido apostar em qual delas.

Segundo, ele não teria entregue seus guerreiros mesmo se prestes a ser estripado.

Bloodletter não fora capaz de quebrá-lo. Ninguém mais o conseguiria.

Mas, pensando bem, tudo isso não tinha mais importância.

Xcor enrolou-se de lado, aproximou as pernas do peito e passou os braços ao redor de si mesmo, tremendo. As folhas debaixo do corpo não eram nenhum leito suave; as pontas curvas e geladas cortavam sua pele. E enquanto o vento trespassava o cenário, um atormentador em busca de vítimas, parecia não lhe prestar uma atenção especial, empurrando detritos da floresta para cantos escondidos, roubando ainda mais o seu decrescente calor corporal.

Fechando os olhos, encontrou uma parte do passado voltando para si…

Era dezembro do seu nono ano de vida, e ele estava diante do chalé decaído de telhado de sapê no qual ele e sua ama-seca ficavam. De fato, assim que a noite caía todos os dias, ele era jogado para fora, acorrentado

pelo pescoço, e tolerado de volta ao interior apenas quando o sol ameaçava surgir a Leste e os humanos estariam fora de suas casas. Por grande parte das longas horas solitárias, ainda mais naquele inverno, ele se acomodava contra a parede externa da casa, movendo-se em sua corrente apenas para se colocar contra o vento.

O estômago estava vazio e assim permaneceria. Ninguém da sua raça no pequeno vilarejo o abordaria para lhe oferecer comida, e a ama-seca certamente não o alimentaria até assim o desejar – e só seriam restos das refeições consumidas por ela.

Levando os dedos sujos de terra à boca, sentiu a distorção que partia do lábio superior até a base do nariz. O defeito sempre fora assim, e por causa dele, sua mahmen *o tirara do quarto em que nascera, deixando-o nas mãos da ama-seca. Sem ninguém mais para cuidar do jovem ele tentou agir bem para com a fêmea, tentara fazê-la feliz; mas nenhuma ação sua nunca a deixava satisfeita – e ela parecia se deliciar ao lhe dizer, repetidamente, como sua* mahmen *o banira de suas vistas, como ele fora uma maldição no que, senão por isso, teria sido uma fêmea de valor, bem-nascida.*

A melhor opção era ficar fora do caminho da ama-seca, fora fora de seu campo de visão, fora de sua casa. E mesmo assim ela não permitia -lhe a fuga. Ele tentara isso algum tempo atrás e chegara aos limites dos campos que cercavam a aldeia. No entanto, uma vez que a ausência foi registrada,

ela foi atrás dele e o surrou com tamanha violência que ele se retraiu e chorou em meio aos golpes, implorando por perdão; pelo quê, ele não sabia exatamente.

E assim, ele acabou acorrentado.

Os aros de metal partiam da coleira ao redor do seu pescoço até o poste de ferro em que os cavalos eram amarrados, na quina do chalé. Nada mais de vaguear para ele, nada mais de mudar de posição, a menos que para se aliviar ou se manter abrigado. O couro áspero ao redor do pescoço provocava machucados na pele, e como nunca era removido, não havia como as feridas cicatrizarem. Mas há tempos ele aprendera a suportar.

Sua vida, tal qual a percebia, tratava-se de saber suportar.

Dobrando os joelhos junto ao peito diminuto, passou os braços ao redor dos ossos das pernas e estremeceu. Suas vestes eram limitadas a uma das capas de lã gastas da ama-seca e um par de calças masculinas que eram tão grandes que ele poderia prendê-las debaixo das axilas com uma corda. Os pés estavam descalços, mas ele os mantinha debaixo da capa para que não congelassem.

Quando o vento soprou em meio aos galhos despidos das árvores, o som o impeliu a pensar num lobo, e seus olhos se arregalaram enquanto ele perscrutava a escuridão, para o caso de ter ouvido de fato um lupino. Morria de medo de lobos. Se um, ou uma matilha, fosse atrás dele, ele seria comido,

disso tinha certeza, visto que a corrente significava que não poderia fugir nem subir em árvores, tampouco alcançar a porta do chalé.

E ele não acreditava que a ama-seca o salvaria. Às vezes chegava a crer que ela o amarrava na esperança de que fosse consumido, dado que a morte dele, quer pelos elementos climáticos, quer pela natureza selvagem, a libertaria, pois, se assim acontecesse, não seria exatamente culpa dela.

A quem ela prestava contas, contudo, ele não sabia. Se sua mahmen *o rejeitara, quem pagava por sua subsistência? Seu pai? O macho cuja identidade nunca lhe fora revelada e que, por certo, jamais aparecera…*

Quando um som sinistro atravessou a noite, ele se retraiu.

Era o vento. Tinha que ser… somente o vento.

Procurando algo para acalmar a mente, fitou a poça amarelada de luz que emanava da única janela do chalé. A iluminação tremeluzente brincava com os tentáculos de uma moita de framboesas morta que circundava o chalé, movimentando o o arbusto cheio de espinhos como se esse tivesse vida – e ele tentou não achar nada de sinistro nas constantes mudanças. Não, em vez disso, ele se concentrou no brilho e tentou se visualizar diante da lareira, aquecendo as mãos e os pés, os músculos frágeis se desenrolando do rigor provocado pela postura de proteção contra o frio.

Ao longo de seu devaneio, imaginou o sorriso e os braços abertos da ama-seca para ele, encorajando-o a se aninhar em segurança nela. Fantasiou-a

com um afago em seus cabelos, sem se importar acerca da imundície, oferecendo-lhe comida que não estava estragada e não era apenas restos.
Em seguida, ele se banharia, limparia a pele e retiraria a coleira do pescoço.
O unguento apaziguaria osuas aflições, e então ela lhe diria que não se importava por ele se imperfeito.
Ela o perdoaria pela sua existência, e sussurraria que sua mahmen *de fato o amava e que logo viria buscá-lo.*
E, finalmente, ele adormeceria, com seu sofrimento terminado…
Outro urro interrompeu-lhe os pensamentos, e ele retornou rapidamente à consciência, vasculhando uma vez mais os arbustos e os esqueletos das árvores.
Era sempre assim, as idas e vindas de sua necessidade de estar ciente das cercanias para o caso de um ataque… e sua busca de um abrigo mental que o impedisse de concluir que não poderia fazer nada para se salvar.
Enfiando a cabeça entre os ombros, apertou os olhos uma vez mais.
Havia outra fantasia que ele acalentava, ainda que não com muita frequência. Ele fingia que seu pai, sobre quem a ama-seca jamais falara, mas quem Xcor imaginava ser um grande guerreiro da raça, chegaria num enorme garanhão de guerra para salvá-lo e levá-lo dali. Imaginara o grande guerreiro chamando por ele, colocando-o no alto da sua sela, chamando-o de "filho" com orgulho. Aos galopes, afastar-se-iam, a crina do cavalo

açoitando o rosto de Xcor conforme avançassem atrás de aventuras e glórias.

Na verdade, essa situação era tão pouco provável quanto ele ser acolhido no interior do chalé…

Ao longe, o tropel dos cascos de um cavalo sinalizava uma aproximação e, por um momento, seu coração acelerou. Teria chamado sua mahmen *? Seu pai? Teria o impossível por fim acontecido…?*

Não, não era um cavalo. Era uma incrível carruagem, da realeza, sem dúvida, com o exterior dourado e um par de cavalos brancos combinando. Havia até lacaios de libré preto e um cocheiro de uniforme.

Era um membro da glymera *, um aristocrata.*

E, sim, quando um criado desceu e auxiliou a saída de uma fêmea com um lindo vestido e peles, Xcor jamais vira algo mais belo e perfumado.

Mudando de posição de modo a enxergar ao redor do chalé, retraiu-se quando o couro fez um novo corte na clavícula.

A bela fêmea não se deu ao trabalho de bater, mas o lacaio abriu a porta que rangeu.

– Hharm se casou após o nascimento de um filho. Está feito. Está livre… Ele não vai mais prender você à sua ira.

A ama-seca franziu o cenho.

– Como?

– É verdade. Papai o ajudou com o dote considerável exigido por ele. Nossa prima é agora a shellan *dele e você está livre.*

– Não. Não pode ser…

Enquanto as duas fêmeas recuavam para dentro do chalé e deixavam o lacaio para fora, Xcor se esforçou para ficar de pé e espiar através da janela. Do outro lado do vidro grosso e cheio de bolhas, ele viu quando a ama-seca continuou agindo como se estivesse em estado de choque e descrença. A outra fêmea, no entanto, deve ter aplacado sua contradição, pois houve um momento de pausa… e, então, uma grande transformação se apresentou.

De fato, uma alegria tão contagiante tomou conta da ama-seca, em seu âmago, que ela pareceu uma lareira recobrando as chamas quase extintas, não mais o espectro cansado da feiura a que ele se habituara, mas algo completamente diverso.

Tornou-se resplandecente, mesmo nos trapos que vestia.

A boca se moveu, e ainda que ele não conseguisse ouvir sua voz, ele entendeu exatamente o que ela dizia: Estou livre… estou livre!

Além do vidro ondulado, ele a viu olhar ao redor como se procurasse um objeto de significância.

Ela o estava abandonando, *ele pensou, em pânico.*

E como se ela tivesse lhe lido os pensamentos, a ama-seca parou e olhou

na direção do vidro, a luz da lareira brincava ao longo do rosto corado e alegre dela. Com os olhos fixos um no outro, ele levou a mão à janela numa súplica.

– Me leve com você – sussurrou. – Não me deixe assim…

A outra fêmea relanceou na sua direção e seu retraimento sugeria que apenas a imagem de Xcor lhe revirava o estômago. Disse algo à ama-seca, e aquela que cuidara dele até então não respondeu de pronto. Mas, então, seu rosto endureceu, e ela se aprumou como se em preparo para uma tempestade inclemente.

Ele começou a bater na janela.

– Não me deixe, por favor!

As duas fêmeas lhe deram as costas e saíram apressadas, e ele correu para a frente para vê-las subindo na carruagem.

– Me leve com você!

Quando ele se precipitou, atingiu o limite da corrente e foi puxado para trás pelo pescoço, aterrissando com força e tendo o ar expelido dos pulmões.

A fêmea bem vestida não prestou atenção ao levantar as saias e abaixar a cabeça para entrar no interior da carruagem. A ama-seca, por sua vez, apressou-se logo atrás, levantando a mão à têmpora para proteger os olhos de vê-lo.

– Me ajude! – Ele se agarrou à corrente, que lhe raspou a pele. – O que

será de mim?!

Um dos lacaios fechou a porta dourada da carruagem. E o doggen *hesitou antes de voltar para seu posto, na parte posterior.*

– Existe um orfanato não muito longe daqui – ele informou com secura. – Liberte-se e prossiga por cinquenta léguas ao Norte. Lá, encontrará outros.

– Me ajude! – Xcor gritou quando o cocheiro estalou as rédeas e os cavalos saltaram adiante, conduzindo a carruagem pela estrada de terra.

Ele continuou a gritar enquanto era deixado para trás, os barulhos da partida cada vez mais distantes… até sumirem.

À medida que o vento soprava sobre ele, os vestígios das lágrimas no seu rosto se tornaram gelo e seu coração batia nos ouvidos, impossibilitando-o de ouvir qualquer outra coisa. Por conta do jorro da ansiedade, ele ficou tão quente com a agitação que deixou a capa de lado, e o sangue se juntou ao redor do pescoço, cobrindo-lhe o peito desnudo e aquelas as enormes.

Cinquenta léguas? Orfanato?

Ficar livre?

Palavras tão simples, surgidas de uma consciência pesada. Mas que não o ajudavam em nada.

Não *, ele pensou. Só tinha a si mesmo em quem confiar agora.*

Mesmo quando desejou se curvar numa bola e chorar de medo e de tristeza, soube que tinha que se fortalecer, pois um abrigo era extremamente

necessário. E com isso em mente, controlou as emoções e agarrou a corrente com ambas as mãos. Inclinou-se para trás e puxou-a com todas as forças, numa tentativa de soltá-la do poste. Os elos rangeram com o movimento. Enquanto ele se empenhava, teve a vaga noção de que a carruagem não podia estar muito longe. Poderia ainda alcançá-la se apenas conseguisse se soltar e correr…

Também disse a si mesmo que aquela não era sua mahmen *que acabara de partir, tendo-lhe mentido o tempo todo. Não, era apenas uma ama-seca de alguma posição social pouco comum.*

Seria insuportável pensar nela de outro modo.

CAPÍTULO 12

Parecia apropriado que Qhuinn tivesse que olhar através das grades para ver seus irmãos – não que desejasse fitá-los. Mas, sim, a separação entre ele e aqueles outros seres vivos, marcada pelos portões antigos e impenetráveis, parecia o melhor curso de inação.

Não estava apto a qualquer tipo de companhia.

E, evidentemente, os outros tampouco estavam felizes com ele.

Enquanto permanecia de bunda no chão de pedra bruta da caverna com as costas apoiadas numa seção de prateleiras de jarros que ainda permaneciam intactos, ele observava a Irmandade circular e rosnar do lado oposto das barras de metal, indo de um lado a outro e esbarrando uns nos outros ao

ladrarem para ele. A boa notícia – e ele imaginava que fosse apenas marginalmente “boa” – foi que o som de tamanho drama se assentou, por algum truque do Universo, ou talvez porque a pressão sanguínea estivesse diminuindo, enevoando tudo no mundo a sua volta.

Melhor assim. Já era perito em foder com as coisas. Não havia nada que mesmo o uso mais criativo da palavra que começava com “f ” lhe ensinasse no tocante a imprecar contra alguém.

Além disso, considerando-se que ele era o substantivo em todas aquelas frases? Quem precisava disso agora? Ele já vinha se autoflagelando mentalmente, muito obrigado.

Abaixando a cabeça, fechou os olhos. Não foi uma boa ideia. A lateral do corpo estava acabando com ele, e sem nenhuma distração, a dor assumiu proporções gigantescas. Devia ter fraturado alguma coisa ali. Talvez rompido um rim ou um…

Quando uma onda de náusea inflou seu estômago, ele abriu os olhos e mirou a direção oposta do zoológico de acusações. Pense num lugar destruído. A maca destroçada, os equipamentos médicos arregaçados, todos aqueles jarros quebrados com seus corações negros oleosos no piso de pedras… Era como se um furacão tivesse passado pela caverna.

O segundo lugar que ele destruíra – se tomados em consideração os tiros no quarto de Layla.

Ainda que essa bagunça ele lamentasse.

A outra? Sim, arrependia-se dela também – mas não recuaria quanto à proibição de ela ver seus filhos.

Com um gemido, esticou uma perna e depois a outra. Havia sangue em suas calças. Nos coturnos. Nas juntas de ambas as mãos. Provavelmente necessitaria de atenção médica, mas não a queria…

Um silêncio abrupto chamou-lhe a atenção e ele recobrou o enfoque portões. Ah, maravilha. Que porra do cacete.

O Rei estava bem diante da barras de ferro, parecendo a fúria dos infernos de pé sobre seus coturnos. E, aparentemente, ele queria um mano a mano em close: Vishous havia se adiantado e estava colocando a chave na fechadura, na outra ponta; então seguiu-se um estalo que permitiu a abertura dos portões.

Wrath foi o único a entrar, e logo ambos foram trancados ali. Seria para impedir que os demais atacassem Qhuinn? Ou para impedi-lo de fugir dos planos do Rei, sejam quais fossem?

Escolhas, escolhas…

Quando Wrath se aproximou e depois parou, Qhuinn abaixou o olhar, apesar de o macho ser cego.

– É aqui que você vai me demitir da Irmandade?

Malditos coturnos enormes, ele pensou de súbito. De sua perspectiva, eles pareciam ter o tamanho de um par de Subarus.

– Estou ficando cansado pra cacete de te encontrar assim – Wrath estrepitou.

– Então somos dois.

– Quer me contar o que aconteceu?

– Na verdade, não.

– Deixe-me formular de outra forma, filho da mãe. Você vai me contar o que aconteceu ou vou te manter trancado aqui até a fome consumir seus ossos?

– Sabe, dietas da moda nunca funcionam a longo prazo.

– Funcionam se você tomar um suplemento de ferro junto a elas.

Qhuinn fitou o coldre debaixo do imenso braço esquerdo de Wrath. Por mais que o Rei não tivesse olhos saudáveis, seria uma boa aposta imaginar que ele conseguiria botar uma bala no lugar de sua vontade, baseando-se apenas na audição.

– Que tal assim… – Wrath propôs. – Vou te ajudar. Você pode pular a parte em que julgou ser uma boa ideia vir até aqui atacar um prisioneiro, meu sem a minha permissão. Sei chegar a essa conclusão sozinho, obrigado. Por que não me conta como ele conseguiu te trancar aí dentro?

#tomaládácá

Ele pigarreou.

– Quando Phury saiu, ele me deu a chave pra eu me trancar aqui com Xcor.

E foi o que fiz.

Que era o novo protocolo. Assim que Xcor ficou sob a custódia deles, o responsável pela guarda tinha que ficar trancado pelo lado de fora. Com o passar do tempo, porém, o procedimento foi alterado por motivos práticos, em virtude de todas as mudanças de escala, check-ups médicos e administração de remédios. E, sim, talvez porque acabaram relaxando depois de um mês em que o bastardo apenas ficou ali deitado, na maca como uma obra de arte moderna.

– E? – Wrath grunhiu.

– Eu estava distraído. Então esqueci a maldita chave na fechadura.

– Você estava… distraído. Com o quê? Planos para destruir este lugar? – Quando o Rei gesticulou ao redor dos jarros arruinados como se pudesse vê-los, ficou claro que o fedor dos *redutores* tinha se instaurada sob o nariz dele. Além disso, convenhamos, a plateia vinha reclamando da bagunça. – Mas que *caralho*, Qhuinn. Fala sério, perdeu a porra da sua cabeça?

– Sim, acho que perdi. – Que sem graça. – Ou isso foi uma pergunta retórica que não requer resposta? Ei, por que não paramos de falar sobre Xcor pra você me contar o que vai fazer com aquela fêmea dele, Layla?

Falando em vontade de vomitar…

No silêncio subsequente, Wrath cruzou os braços diante do peito, os bíceps se avolumaram tanto que ele fez com que o *The Rock* parecesse um “Pescoço

Fino”.

– Neste instante, são os *seus* direitos parentais que estou pensando em anular.

Qhuinn levantou o olhar de supetão e depois teve que engolir o vômito enquanto a cabeça latejava.

– Espera aí, *o quê?* Ela comete um ato de traição ao ajudar e se encontrar com um inimigo seu…

– E você acabou de deixar uma fonte de informação para a Irmandade fugir porque perdeu a porra da cabeça. Portanto, vamos deixar de lado essa asneira de traição, que tal? Só vai fazer com que suas bolas fiquem mais apertadas, confie em mim.

Era meio difícil argumentar contra fatos, Qhuinn pensou. Que bom que suas emoções estavam pouco se fodendo para a lógica.

– Só me diga que vai tirá-la da casa – exigiu. – E que meus filhos vão ficar comigo. É só o que me importa.

Por uma fração de segundo, Qhuinn lembrou de Xcor falando bobagens pouco antes de o bastardo sair se arrastando. Dizendo coisas sobre Layla. Sobre amor. Sobre não querer mais ir atrás de Wrath.

Ah, tá. Como se ele fosse acreditar em qualquer uma dessas coisas.

O Rei o encarou por trás dos óculos escuros.

– O que faço ou deixo de fazer não é da porra da sua conta.

– Tá falando sério? – Qhuinn fez menção de se levantar, mas isso não aconteceria. Mesmo grunhindo e vomitando para o lado, ele continuou falando em meio à náusea. – Ela abriu mão dos direitos dela! Ela alimentou o inimigo!

– Se é mesmo um inimigo, por que Xcor deixou a chave para trás?

– O quê?

Wrath apontou um dedo na direção dos portões.

– Xcor te trancou aqui dentro, mas deixou a chave no chão. Por que ele fez isso?

– Como é que eu vou saber?

– Pois é, e agora não podemos mais perguntar para ele, podemos? – Wrath rebateu.

Qhuinn meneou a cabeça.

– Ele ainda é seu inimigo. Ele sempre vai ser o seu maldito inimigo. Estou pouco me fodendo pro que ele diz.

As sobrancelhas negras de Wrath se abaixaram por trás dos óculos.

– Então o que ele te disse?

– Nada. Não disse merda nenhuma. – Qhuinn expôs as presas. – E não se preocupe, vou pegá-lo de novo. Vou caçar o puto e…

– Até parece. Estou te suspendendo do trabalho em campo a partir deste instante.

– O quê?! – Dessa vez, Qhuinn conseguiu se erguer, mesmo achando que acabaria por vomitar ao estilo *Exorcista* em cima do Rei. – Isso é papo-furado!

– Você está passando dos limites e isso eu não engulo. Agora, seja um bom sociopata e cale a boca enquanto recebe cuidados médicos.

Numa descarga de ira nuclear, a fúria ardente ressurgindo e provocando um curto circuito na mente de Qhuinn de novo – como se sua consciência fosse para o banco de trás daquele fogo infernal, ele vagamente tinha ciência dos movimentos de sua boca ao gritar para o Rei. Mas ele não fazia a mínima ideia do que estava dizendo.

– Sabe de uma coisa? – Wrath o interrompeu com um tom enfastiado. – Encerramos por aqui, você e eu.

Foi a última coisa que Qhuinn ouviu.

A última coisa que viu. O imenso punho do Rei voando na direção do seu queixo.

Pense em fogos de artifício, e depois, quando as luzes se apagam, nada aceso dentro dele, as pernas em vias de ceder debaixo do corpo, o peso em um *strike* no chão da caverna.

Seu pensamento final antes de desmaiar na metade da queda?

Duas concussões consecutivas fariam maravilhas para a sua saúde mental.

Pois é, bem o tipo de merda que ele precisava a essa altura.

Em seu quarto na mansão da Irmandade, Layla estava de pé diante dos berços, os olhos passando de um a outro dos seus bebês adormecidos. Os rostos de Lyric e de Rhamp eram de angelicais, com bochechinhas cheias e rosadas, pele macia, cílios escuros e abaixados, as sobrancelhas arqueadas como asas. Ambos respiravam pesado como se em esforço repousante para crescer, ficar mais fortes e mais espertos.

Era a procriação em curso, a raça da Virgem Escriba seguindo em frente.

Um milagre. Imortalidade para os mortais.

Ao sentir uma presença às suas costas, disse num tom baixo e rouco:

– Melhor sacar a arma.

– Por quê?

Olhou para Vishous por sobre o ombro. O Irmão estava parado perto da entrada do quarto parecia um arauto da destruição. O que, na verdade, ele era.

– Se quer que eu os deixe, terá que me mandar para o Fade.

Não era surpresa nenhuma que Wrath tivesse enviado Vishous para levá-la embora. O guerreiro era frio, intocável, insensível diante de qualquer objetivo a que estava determinado; era como lidar com um iceberg. Os outros machos da casa? Especialmente os que tinham filhos, ou Phury, o Primale, ou até Tohr, que perdera a companheira e um filho antes de nascer? Qualquer um desses Irmãos poderia ser persuadido a mudar o curso das coisas, de forma a permitir que ela ficasse ou levasse os filhos consigo.

Mas não Vishous.

E, no caso dela, talvez nem Tohr. Ele queria matar o macho com quem ela traíra a Irmandade.

Olhou para a arma no coldre debaixo do braço de V.

– Então?

Vishous meneou a cabeça.

– Não será necessário. Venha, vamos embora.

Ela se virou para os filhos.

– Qhuinn o matou? Xcor? Ele está morto?

– Fritz está na frente da casa. Temos um meio de locomoção. Partiremos agora.

– Como se eu fosse uma bagagem a ser transportada. – Não havia mais lágrimas para ela; o horror dos acontecimentos era tão grande que a entorpecia por dentro.

– Xcor está morto?

Quando Vishous falou, em seguida, ele estava logo atrás dela, a voz na parte de trás do seu pescoço, fazendo com que os pelos da nuca se eriçassem em alerta.

– Use a razão…

Ela se virou e estreitou os olhos.

– Não ouse distorcer as coisas fazendo com que eu pareça irracional por

não querer deixá-los.

– Então não se esqueça da posição em que se encontra. – Ele esfregou o cavanhaque com a mão enluvada. – Você pode acabar sem nenhum direito parental sobre eles, a despeito de ser a mãe biológica. Mas se vier comigo agora, eu garanto, eu *garanto,* que eles logo estarão com você de novo, quem sabe ao cair da noite de amanhã.

Layla se envolveu com os braços.

– Você não tem esse tipo de poder.

A sobrancelha dele, a que tinha uma tatuagem na lateral, arqueou-se.

– Talvez não, mas elas têm.

Ao dar um passo para o lado, ele apontou para a porta, e Layla cobriu a boca com a mão. Uma a uma, as fêmeas da casa entraram no quarto, e mesmo com Vishous como comparação, elas formavam um grupo poderoso ao criar um semicírculo ao redor dela. Até mesmo Autumn estava presente.

Beth, a Rainha, falou num tom baixo a fim de não perturbar os bebês.

– Falarei com Wrath. Assim que ele voltar do centro de treinamento. Daremos um jeito nisto. Não dou a mínima com o que aconteceu entre você e Xcor. De mãe para mãe, só me importo com você e com os bebês. E meu marido entenderá meu ponto de vista. Confie em mim.

Layla quase se jogou nos braços da Rainha e quando Beth a segurou com força, Bella se adiantou e acariciou os cabelos de Layla.

– Vamos cuidar deles enquanto você estiver ausente – disse a fêmea de Z.

– Todas nós. Não ficarão sozinhos nem por um segundo, por isso, tente não se preocupar.

Cormia também se adiantou, os olhos verdes claros de sua companheira Escolhida estavam rasos de lágrimas.

– Ficarei com eles o dia inteiro. – Ela apontou para a cama. – Não sairei do lado deles.

Ehlena, a *shellan* de Rehv, assentiu.

– Enquanto fui enfermeira, cuidei de centenas de bebês. Conheço bebês de trás para a frente. Nada acontecerá com eles, prometo.

As outras murmuraram em concordância, e uma delas entregou um lenço a Layla. E foi assim que ela percebeu que estava chorando.

Afastando-se de Beth, tentou manter o choro baixo. Queria dizer alguma coisa, queria expressar seu medo e sua gratidão…

A Rainha apoiou as mãos nos ombros de Layla.

– Os seus direitos parentais não serão anulados. Isso não irá acontecer. E sei exatamente aonde você vai agora. É uma casa segura, totalmente protegida. V. projetou e instalou a segurança dela e eu mesma a decorei depois que a Irmandade a comprou há um ano.

– É seguro lá – Vishous declarou. – Como o cofre de um banco. E vou passar o dia com você como seu maldito colega de quarto.

– Quer dizer que estarei sendo vigiada? – Layla franziu o cenho. – Sou uma prisioneira?

O Irmão apenas deu de ombros.

– Estará protegida. É só isso.

Ao inferno que era isso, ela pensou. Mas não havia nada que pudesse fazer. Aquilo era maior do que ela, e ela sabia muito bem quais eram os motivos disso.

Voltando para Lyric e Rhamp, descobriu que as lágrimas jorravam dos seus olhos com mais rapidez do que era capaz de enxugá-las com o bolo molhado no qual o lenço se transformara. De fato, as fêmeas da casa terem aparecido para apoiá-la descongelara a névoa no meio do seu peito, e agora suas emoções estavam em chagas novamente.

A mão tremia ao puxar as mantas até debaixo dos queixos deles.

– Meus pequenos – sussurrou. – *Mahmen* logo voltará. Eu não… os estou abandonando…

Não havia como alongar o adeus. Ela soluçou tanto que falar era impossível.

Sua jornada para ter aquelas duas preciosidades começara ao que parecia uma eternidade atrás, na época em que vivenciou o cio e implorara para que Qhuinn a servisse. Em seguida foram aqueles meses intermináveis da gestação, e os partos de emergência.

Existiram tantas impossibilidades pelo caminho, tantos desafios que não teria como prever. Mas isto era algo que ela não podia jamais ter imaginado: deixar os filhos aos cuidados de outros, por mais competentes e amorosas que estas “outras” pudessem ser, isso não era algo que pudesse ter antecipado. Era simplesmente horrível.

– Vamos – Vishous disse com finalidade. – Antes que a aurora chegue e as coisas acabem se complicando ainda mais.

Com uma última espiada para os filhos, Layla juntou as dobras do seu roupão e saiu do quarto. Em seu rastro, ela sentiu como se tivesse deixado seu coração e sua alma para trás.

CAPÍTULO 13

Conforme a noite caía na tarde seguinte, Qhuinn não estava ciente de que o Sol descia e se punha no horizonte ocidental. Primeiro porque estava nas profundezas da clínica do centro de treinamento – portanto o gigantesco e flamejante orbe passando a vez para a Lua não era algo que ele pudesse olhar para fora da janela e ver. E, segundo, porque ele estava sob o efeito de drogas que faziam com que se esquecesse do próprio nome, quanto mais saber que horas seriam. Mas o principal motivo por ele não ter se dado conta da passagem do dia?

Mesmo com todas as coisas ruins que estavam acontecendo na sua vida, ele estava curtindo a melhor alucinação de toda a sua vida. De verdade.

A parte consciente do seu cérebro – que fora para o banco de trás do carro, tão distante do volante que a coisa podia muito bem estar amarrada no porta-malas – estava muito ciente de que aquilo que pensava estar vendo do outro lado do quarto hospitalar não estava, de jeito nenhum, acontecendo. Mas aí é que está a coisa. Ele estava tão alto que, assim como a dor da cirurgia a que fora submetido há seis horas, os eventos da noite anterior estavam um tanto temporariamente esquecidos – e isso significava que ele estava particularmente excitado.

O que não era surpresa alguma. O fato de ele ser um porco com um tremendo apetite sexual fora provado inúmeras vezes.

E, ei, considerando-se como ele se comportara na noite anterior, ele tinha muitas outras coisas com que se desapontar a respeito de si mesmo.

Portanto, sim, lá estava ele deitado num leito hospitalar, com os tubos e fios entrando e saindo dele como se ele fosse um maldito dublê de Xcor, vendo Blay sentado na poltrona do canto – aquela de cores neutras, um misto de creme com aveia que tinha os braços curvos e as costas baixas.

A braguilha do macho estava aberta, e seu pau estava exposto… E o punho de Blay envolvia o mastro espesso, as veias dos braços musculosos engrossando enquanto ele se masturbava.

– Quer isto? – o Blay hipotético perguntou com voz grave.

Qhuinn sibilou e mordeu o lábio inferior – e vejam só, rolou o quadril

quase sem sentir a incisão na lateral do corpo.

– Porra se quero esse pau.

O Blay que não era de verdade deslizou pela poltrona de modo a poder afastar ainda mais os joelhos. E quando ele fez isso, os jeans pretos que vestia se esticaram por cima das coxas musculosas e aquele zíper se abriu até o limite. E… ah! Enquanto o guerreiro cuidava de si, os peitorais daquele lado flexionavam e relaxavam junto com o ombro enquanto ele bombeava devagar e bem gostoso.

Engolindo em seco, a língua perfurada pelo *piercing* de Qhuinn formigou de vontade de pegar a cabeça daquele pau. Queria compensá-lo pelo que saíra daquela sua boca tola enquanto estivera enfurecido e sexo não era um Band-Aid tão ruim assim.

E o Blay que não estava nada ali o deixaria fazer isso.

Flanando em seu mar de ilusão, Qhuinn sentiu uma sensação falsa de alívio que acompanhou o perdão que não existia na vida real. Só que, maldição, considerando-se o estado do resto da sua vida, ele iria em frente com aquilo. Naquele seu pedacinho de fantasia, ele subiria a bordo do trem Blay e rezaria para que, de algum modo, pudesse traduzir aquela conexão com o macho de verdade assim que o efeito das drogas passasse.

– O que quer fazer comigo? – Quase Blay sussurrou. – O que vai fazer com essa sua língua?

Ah, chega de conversa.

Com um movimento repentino, Qhuinn se sentou na cama – porque é isso o que se faz quando se tem grandes planos: tinha toda a intenção de atravessar aquele quarto de hospital, cair de joelhos, escancarar a boca até secar Blay de uma vez. E isso seria apenas um prelúdio para o sexo de reconciliação que apreciariam pelas próximas doze ou quinze horas.

Portanto, sim, infernos, ele se pôs na vertical – mas só foi até aí. Seu estômago puxou o pino da granada que nem sabia que estivera de posse e depois as entranhas largaram a maldita direto nos pulmões, a dor lançando-o num parafuso descendente que o deixou nauseado.

E, maldição, aquela dor lancinante foi um terrível clareador de ideia, apagando o Blay Hipotético com seu magnífico pau ereto daquele quarto…

Quando o som de alguém gritando foi registrado, ele levou a mão à boca para verificar se fora ou não ele. Não. Seus lábios estavam fechados.

Qhuinn franziu o cenho e olhou para a porta.

O que estava… Quem estava gritando assim? Não podia ser Xcor. Se a Irmandade tivesse de algum modo conseguido recapturá-lo, eles jamais trariam o bastardo para cá.

Tanto faz. Não era problema seu.

Relanceando para a esquerda, Qhuinn mediu a distância entre ele e o telefone fixo da casa na mesinha de cabeceira. Uns duzentos metros. É, talvez

duzentos e cinquenta.

Então, se ele fosse um jogador de golfe, estaria sem tacadas numa jogada de longa distância.

Com um gemido, iniciou o processo de se erguer e esticar o braço o mais que podia. Bem perto do alvo. E… quase lá.

Depois de algumas passadas fúteis e remexidas das pontas dos dedos, finalmente conseguiu tirar o fone antigo do gancho. Até conseguiu acomodá-lo sobre o peito sem derrubar a maldita coisa.

Levar a coisa até a orelha também, fácil como tirar doce de criança.

Mas, cacete, a coisa do discar…

Teve que retirar o acesso extra… quer dizer, intravenoso. Uma sujeira, o portal aberto da máquina vazando um líquido claro no chão enquanto o sangue escorria de onde o tubo estivera conectado na curva do seu braço. Quem se importava. Ele mesmo limparia… Quando conseguisse ficar de pé sem vomitar.

Por um instante, encarou os doze botões em seus quadradinhos bem arrumados, mas não conseguia se lembrar da sequência. Mas o desespero tornou sua memória muito mais afiada do que ela tinha qualquer direito de ser e ele se lembrou do padrão mais do que da ordem dos números.

Um toque. Dois toques. Três…

– Alô? – disse uma voz feminina.

A luz do sol praticamente estava 97% sumida do céu quando Blay abriu a porta e saiu para a varanda de trás da nova casa dos pais. Frio, muito frio, e o ar estava tão seco que parecia jato de areia em seu nariz.

Cara, como ele odiava dezembro. Não só porque ficava frio assim, mas porque significava que ainda havia uns… quatro meses antes que o tempo melhorasse e as pessoas não sentissem necessidade de se cobrirem toda vez que saíam de cada.

Levando o cigarro aos lábios, acendeu-o com seu isqueiro de ouro da Van Cleef & Arpels – aquele dos anos 1940 que Saxton lhe dera na época em que namoraram – e amparou a chama alaranjada com a mão. A primeira tragada foi…

Horrível pra cacete.

Um acesso de tosse atacou o que deveria ter sido um alegre reencontro entre dois velhos amigos: seus pulmões e a nicotina. Mas ele se recuperou rapidamente, e em três baforadas, estava de volta à ativa. E o formigar conhecido na cabeça fazia com que se sentisse mais leve do que na verdade estava, a fumaça descendo pelo fundo da garganta como o afago de uma massagista em seu esôfago, cada exalada algo bem perto de uma sessão de quiropraxia ao longo da coluna.

Ouvira dizer que fumar era estimulante? O leve zunido no seu lobo frontal não confirmava essa ideia. Mas era estranho como tudo a respeito daquele

vício o acalmava: a potencialidade para relaxamento começara a se amalgamar no instante em que encontrara um velho maço ainda fechado de Dunhill Reds na gaveta do criado mudo do seu quarto no andar de cima, e culminara ali, no primeiro momento de semi paz desde que aparecera na casa há doze horas, com a desculpa de ir ver como estava o tornozelo da mãe. Bateu o cigarro no cinzeiro de cristal que equilibrara sobre a grade da varanda, e depois o levou de volta aos lábios, inalou, exalou.

Concentrando-se no prado coberto de neve atrás da casa, sentiu pena da mãe. Tivera que deixar a verdadeira casa da família quando *redutores* atacaram o lugar – um episódio que, embora ele pudesse ter vivido ser isso, mostrara que contadores como seu pai e fêmeas civis como sua mãe sabiam ser duros na queda quando necessário. Mas, sim, não havia como permanecerem lá depois de algo semelhante – e depois de passarem um tempo de um lado para o outro, hospedando-se com parentes por um tempo, os pais finalmente compraram esta nova casa em estilo colonial onde havia fazendas e espaços vazios de terra.

Sua mãe odiava a casa, mesmo que todos os utensílios fossem novos, as janelas se abrissem e fechassem com facilidade, e nenhuma das tábuas rangesse. Pensando bem, talvez fosse por tudo isso que ela desgostava da casa, mas o que se podia fazer? E aquele não era um lugar ruim. Quarenta mil metros quadrados com boas árvores, uma linda varanda circundando-a

completamente e, pela primeira vez, sistema de ar condicionado central. Que não era necessário ao norte do Estado de Nova York a não ser por talvez a última semana em julho e a primeira em agosto.

E durante essa quinzena de noites, você se sente verdadeiramente grato por possuí-lo.

Enquanto fitava o laguinho congelado com as hastes altas de amentilhos e montes de neve que formavam letras “S” no chão, deixou que a mente vagasse por todo tipo de pensamentos não controversos sobre propriedades e sistemas de ar condicionado central, e vícios que não eram tão graves assim. Deus bem sabia que isso era bem mais fácil do que o manteve acordado o dia inteiro.

Quando chegara na noite anterior, perto do amanhecer, não tivera coragem de contar aos pais o que acontecera. A questão era que, quando Qhuinn afirmou que ele, Blay, não era pai daquelas crianças, o cara apagara qualquer direito de avós que a sua mãe e o seu pai acreditavam ter também. Portanto, não iria explicar por que ele…

O rangido da porta logo atrás fez com que ele se virasse.

– Oi, *Mahmen* – ele disse, escondendo o cigarro atrás das costas. Como se fosse um maldito pré-trans fazendo algo errado.

Ainda assim, bons garotos gostam de deixar suas mães felizes, e Blay sempre fora um bom garoto.

Sua *mahmen* sorriu, mas os olhos dispararam para o cinzeiro e, convenhamos, até parece que ela não sentiria o cheiro no ar? E ela também nunca lhe pedira para parar, só que era como Qhuinn. Não era fã, mesmo não existindo nenhum risco de câncer com que se preocupar.

– Você tem um telefonema. – Ela indicou com a cabeça para trás. – Há uma extensão no escritório do seu pai caso queira um pouco de privacidade?

– Quem é?

Ele perguntou isso para ganhar tempo, apesar de estar bem claro quem estava ligando – mas ela não pareceu se importar.

– Qhuinn. Ele parece um pouco… estranho.

– Aposto como parece.

Blay voltou a olhar para o laguinho. Também voltou a fumar, porque se sentiu subitamente agitado.

– Não quis me meter, Blay. Mas sei que há algo de errado entre vocês dois, de outro modo, ele também estaria aqui. Quero dizer, seu Qhuinn nunca deixa passar uma chance de vir comer a minha comida.

– Pode dizer a ele que não estou aqui? – Bateu as cinzas no cinzeiro apesar de não haver muito para bater. – Diga que saí. Ou algo assim.

– Tarde demais. Eu já disse que você estava na varanda. Desculpe.

– Tudo bem. – Equilibrando o cinzeiro, apagou o Dunhill. – Importa-se se eu deixar isto aqui agora? Eu limpo antes de ir embora.

– Claro. – Sua *mahmen* deu um passo para o lado e esperou com a porta aberta. Quando ele não foi de imediato, ela pareceu triste. – O que quer que seja, vocês dois saberão resolver. Ser pais novos pode mudar muitas coisas, mas nada a que não possam se ajustar.

Bem, aparentemente, só um de nós é um pai novo, então…

Blay atravessou a varanda e lhe deu um beijo.

– No escritório? Tem certeza de que papai não vai precisar dele?

– Ele está no sótão. Acho que está alfabetizando as nossas malas, por mais estranho que isso possa parecer.

– Nada é estranho no que se refere a papai e a organização. É por cor ou marca?

– Marca primeiro, depois por cor. Quem haveria de saber que aquelas Samsonites dos anos 1970 durariam tanto?

– Baratas, Twinkies e Samsonites. Isso é o que restará depois de uma guerra nuclear.

Estava bem mais quente no interior, e enquanto se dirigia para o escritório do pai, seus Nikes guincharam no assoalho recém-envernizado de pinho. Acendendo a luz, foi confrontado por um conjunto de escritório completo. A escrivaninha, na ponta oposta, não era nada especial, apenas uma peça legal da loja Office Depot com pernas pretas e tampo marrom claro, e sobre ele, havia um telefone e uma calculadora antiga com um rolo de papel. A cadeira

era preta e acolchoada, e o computador era um Mac, não um PC.

Melhor não contar isso ao V., pensou ao fechar a porta.

Havia uma série de janelas, todas elas com cortinas pesadas ainda fechadas, evidência que seu pai ainda não batera o ponto na empresa de consultoria que começara. Trabalhar de casa era uma benção para os vampiros que queriam ganhar dinheiro no setor humano, e ainda mais apropriado se você é um contador que vive dos números.

Sentando-se atrás da central de comando do pai, Blay apanhou o fone e pigarreou.

– Alô?

Houve um clique quando sua mãe desligou a extensão da cozinha, ou da sala de estar, ou de onde quer que tenha atendido o telefonema. Em seguida, nada além de estática do outro lado da linha.

– Alô…? – repetiu.

A voz de Qhuinn estava tão rouca que mal se ouvia.

– Oi.

Longo silêncio. Não era uma surpresa. Era Blay quem normalmente pressionava para que se comunicassem quando divergiam em algo, em grande parte porque não lidava bem com distanciamento entre eles, e Qhuinn sempre teve dificuldades para falar sobre “sentimentos”. Inevitavelmente, porém, o macho cedia, e falavam o que tinham que falar como adultos – e

depois Qhuinn o serviria sexualmente por horas, como se o cara quisesse compensar por sua fraqueza interpessoal.

Era um bom “modus operandi”. Normalmente funcionava para eles.

Mas não esta noite. Blay não entraria nesse jogo.

– Então, me desculpe – Qhuinn disse.

– Pelo que. – A pausa que se seguiu sugeria que Qhuinn estava pensando “você sabe pelo que”. – Sim, vou fazer você dizer.

– Me desculpe pelo que saiu da minha boca quando eu estava alterado. Sobre Lyric e Rhamp e você. Eu sinto muito mesmo… Estou me sentindo péssimo. Eu estava tão furioso que não estava pensando direito.

– Acredito nisso. – Blay passou os dedos pelas teclas da calculadora do pai, com seus números no centro e os símbolos nas beiradas. – Você estava muito alterado.

– Eu não conseguia acreditar que Layla os colocara em risco daquele jeito. Isso me deixou louco pra cacete.

Aquela era a hora de Blay concordar, de afirmar que, sim, qualquer um ficaria furioso. E que seria difícil não ficar.

– Ela arriscou mesmo as vidas deles. Isso é verdade.

– Quero dizer, consegue imaginar uma vida sem aqueles dois?

Oras, sim. Passei boa parte do dia fazendo exatamente isso.

Um bolo se formou na garganta, e Blay tossiu para desalojá-lo.

– Não, não consigo.

– Eles são o que há de mais importante na minha vida. Os dois e você.

– Sei disso.

Qhuinn exalou como se estivesse aliviado.

– Fico feliz que entenda.

– Eu entendo.

– Você sempre me entendeu. Sempre.

– É verdade.

Houve mais um silêncio. E depois Qhuinn disse:

– Quando você vai voltar? Preciso te ver.

Blay fechou os olhos contra o tom sedutor da voz dele. Ele sabia exatamente o que estava se passando pela cabeça de Qhuinn. Crise superada, hora do sexo – e isso não era uma hipótese desagradável, não mesmo. Mas, convenhamos, Qhuinn era um orgasmo de pé em coturnos, uma força da natureza dominante na horizontal, capaz de fazer um macho se sentir como a coisa mais desejável na face da Terra.

– Blay? Espere, a sua *mahmen* está bem? Como está o tornozelo dela?

– Melhor. Ela está conseguindo se movimentar. A doutora Jane disse que em mais uma ou duas noites, ela poderá tirar a bota. Está se curando bem depois da queda.

– Que ótimo. Diga a ela que estou feliz por ela estar se recuperando.

– Eu direi.

– Então… quando vai voltar para casa?

– Não vou.

Longo silêncio.

– Por quê?

Blay passou as pontas dos dedos sobre os números do teclado, na ordem certa – primeiro crescente, do zero ao nove, depois decrescente. Não pressionou com força de modo que nada apareceu na parte acesa nem no rolo de papel para que começasse a imprimir algo.

– Blay, de verdade, sinto muito. Estou me sentindo uma merda. Nunca quis te magoar, nunca.

– Acredito nisso.

– Eu não estava bem da cabeça.

– E isso é um problema meu.

– Olha só, eu não consigo acreditar que saquei uma arma e puxei o gatilho. Quero vomitar toda vez que penso nisso. Mas já me acalmei agora e Layla saiu de casa. Foi a primeira coisa que perguntei quando me recuperei. Ela está fora e as crianças estão seguras, então eu estou bem.

– Espera. Recuperar do quê? Você se machucou depois que fui embora?

– Eu, ah… É uma longa história. Volta pra casa e eu te conto pessoalmente.

– Eles tiraram os direitos de Layla?

– Ainda não. Mas vão tirar. Wrath vai entender o meu lado. Afinal, ele é pai.

Aquele bolo na garganta de Blay voltou, mas não tão ruim desta vez. Não precisou tossir.

– Layla ainda deveria ser capaz de ver as crianças regularmente. Eles precisam da *mahmen* deles, e quer você goste disso ou não, ela deveria estar nas vidas deles.

– O que está dizendo, que ela e Xcor deveriam levá-los para o McDonald's pra comer a porra de uma porção de batatas fritas e tomar uma Coca?

– Não vou discutir isso com você. Não é da minha conta, lembra?

– Blay. – Agora vinha a impaciência. – O que mais quer que eu diga?

– Nada. Não há nada a…

– Já estou com a cabeça no lugar. Sei que estive errado ao gritar com você daquele jeito e…

– Pare. – Blay pegou o maço de Dunhill, mas depois voltou a guardá-lo no bolso da camisa. Não fumaria dentro da casa. – O fato de você ter se acalmado? Que bom, talvez isso o ajude a ser mais racional no que se refere a Layla. Mas tem uma coisa… Quando as pessoas estão bravas, elas dizem a verdade. Você pode se desculpar o quanto quiser por ter ficado bravo e ter gritado comigo e toda essa merda. O que você nunca vai conseguir retirar,

contudo, é o fato de que, naquele momento, numa fração de segundo, quando não tinha a capacidade de dourar a pílula, ou pensar no que dizia ou ser gentil… você deixou claro, para que todos ouvissem, no que acredita de fato. Que eu não sou pai daquelas crianças.

– Você está tão errado. Eu só estava irritado com a Layla. Não tinha nada a ver com você.

– As suas palavras têm tudo a ver comigo – e, olha só, não é que eu não entenda. Você é o pai biológico daquelas crianças. Isso é algo que ninguém pode tirar de você nem mudar – isso é sagrado, uma realidade determinada no segundo em que Layla engravidou graças a você. E é por isso que a ideia de você esperar que Wrath finja que da noite passada pra frente Layla não deve estar nas vidas deles é a maior cretinice. Ela está no sangue deles, assim como você está. É verdade, ela tomou uma decisão muito errada enquanto estava grávida, mas os bebês nasceram, e ela não os deixou nem por um segundo desde que deu a luz. Você sabe muito bem que ela só pensa neles, não em outra coisa nem ninguém mais, e isso inclui Xcor. Se você tirar os direitos dela? Só estará fazendo isso para ser cruel porque quer que ela tenha medo de você e você quer lhe ensinar uma lição e fazê-la sofrer. E esse não é um motivo bom o bastante para afastá-la de Lyric e Rhamp.

– Ela se associou ao inimigo, Blay.

– E ele não a machucou, não é mesmo? Nem aos seus filhos. – Blay

imprecou. – Mas isso não é da minha conta…

– Dá pra parar de ficar jogando isso na minha cara!

– Não estou dizendo isso pra te irritar. – De repente, seus olhos se encheram de lágrimas. – Estou dizendo isso porque essa é a minha nova realidade, e estou tentando me ajustar a ela.

Ele odiou a aspereza em sua voz – ainda mais porque Qhuinn o conhecia bem demais para não notá-la. Com isso em mente…

– Olha só, eu tenho que ir…

– Blay, para com isso. Me deixa ir até aí pra te ver…

– Por favor, não faz isso.

– O que tá acontecendo aqui? – A voz de Qhuinn ficou contraída. – Blay. O que você tá fazendo?

Enquanto Blay se recostava na poltrona de encosto alto do pai, fechou os olhos… e a imagem de Lyric contra seu peito foi como uma espada atravessando seu coração. Deus, conseguia se lembrar de cada detalhe dela: os lindos e grandes olhos míopes que ainda tinham cor indefinida, as bochechas rosadas, a penugem loira na cabeça.

Lembrava-se de sorrir para ela, com seu coração tão cheio de amor que o corpo parecia um balão glorioso, superinflado, mas sem o perigo de explodir. Tudo parecera mais permanente com a chegada dos bebês, como se Qhuinn e ele, já comprometidos, tivessem acrescentado umas cordas de aço

ao redor deles, tendo puxado a ponta bem forte.

Ele não sabia o que era pior: perder seu lugar nas vidas dos bebês, ou não sentir mais essa segurança.

– Tenho que ir – disse de repente.

– Blay, pera aí…

Ao abaixar o fone no gancho, não foi com força. Não pegou a peça para jogá-la sobre as prateleiras muito bem ordenadas de livros sobre economia e regras de contabilidade.

Não estava bravo.

Ficar irritado com a verdade era estupidez.

Seria melhor passar o tempo ajustando-se a ela.

Muito mais lógico, mesmo que isso fizesse com que lágrimas se formassem nos seus olhos.

CAPÍTULO 14

– Sério. Só vou tomar uma chuveirada e depois ficar olhando para fora da janela por mais um tempo. Só isso.

Quando Vishous não disse nada, Layla se virou na cadeira na qual estivera sentada pela última hora. Ele também estava onde estivera, naquela cozinha limpa junto com ela, apoiado contra a bancada de granito ao lado do fogão, fumando silenciosamente. A casa segura na qual ficaram durante o dia era uma bela casa térrea pequena o bastante para parecer acolhedora, mas grande

o suficiente para uma pequena família. Tudo ali era decorado em tons de cinza, com toques cuidadosamente escolhidos de amarelo e um azul alegre, por isso, em vez de parecer melancólico, parecia arejado, leve e moderno. Em outras circunstâncias, ela teria amado tudo sobre aquela casa. Como a situação se apresentava, parecia uma prisão.

– Convenhamos, Vishous. Acha mesmo que vou aparecer na soleira da mansão e exigir ser recebida? E eu nem tenho a chave. – Quando ele não respondeu, ela revirou os olhos. – Ah, não, você está pensando que estou procurando outra oportunidade de irritar nosso Rei. Porque você consegue ver como isso está dando certo para mim agora.

Vishous passou o peso do corpo de um coturno para outro. Vestindo couro preto e uma camiseta justa, e com uns vinte quilos de pistolas e adagas no corpo, ele era como um espectro no lugar errado naquele retrato de casa perfeita. Ou talvez fosse mesmo o lugar certo. Fora o arauto da destruição desde a noite anterior – e no que se referia ao quesito colegas de quarto, ele era tão divertido quanto estava o seu humor.

Layla assentiu para o celular na mão enluvada dele.

– Vá para a sua reunião. A mensagem era sobre isso, não?

– É grosseria ler as mentes das pessoas – ele murmurou.

– Não estou dentro da sua cabeça. A sua expressão simplesmente evidencia que gostaria de sair e se sente aprisionado aqui comigo. Não preciso de uma

babá. Não vou a parte alguma. O Rei tem meus filhos debaixo do teto dele, e a menos que eu jogue segundo as regras dele, jamais voltarei a vê-los. Se acha que estou tentando enganá-lo de alguma maneira, então você perdeu completamente a sua maldita cabeça.

Quando ela se virou para a janela, estava ciente de ter praguejado, e não deu a mínima. Estava preocupada com Lyric e Rhamp, sem ter dormido nem se alimentado.

– Vou mandar vir outra pessoa no meu lugar. – Som de teclas, como se Vishous estivesse mandando uma mensagem. – Talvez Lassiter.

– Prefiro ficar sozinha. – Ela se virou de frente. – Estou ficando cansada de chorar diante de uma plateia.

Vishous abaixou o braço. Se por ter enviado aquilo que estivera escrevendo ou por concordar com ela, ela não sabia – tampouco se importava.

Impotência aprendida, ela pensou. Não assim que aquilo era chamado? Ouvira Marissa e Mary usando o termo quando se referiam ao estado inerte em que as vítimas de abuso doméstico às vezes se encontravam.

Embora em seu caso ela não estivesse sendo abusada. Merecera isso por conta dos seus próprios atos.

Voltou a encarar a noite, mudando de posição para poder olhar as portas de correr atrás de mesa. Havia uma varanda do lado de fora das largas vidraças,

e sob o brilho das luzes de segurança, ela mediu a pequena elevação de gelo e neve, e tracejou a trilha de folhas marrons dançando sobre o palco enregelado. Durante o dia, ela ligara a televisão no noticiário local do meio-dia. Aparentemente, havia uma frente fria estranha vindo na direção de Caldwell, e ela já ouvia os barulhos dos caminhões de sal roncando ao longe, jogando salmoura nas estradas.

Talvez as crianças humanas tivessem o dia de folga da escola quando a tempestade chegasse, e isso fez com que ela verificasse as casas ao longe da cerca do quintal de trás. Não conseguia ver muito das casas, apenas o brilho nas janelas do segundo andar, e ela imaginou todo tipo de seres humanos jovens aninhados em suas camas enquanto os pais assistiam a um pouco de TV antes de irem dormir.

Como os invejava.

E, com isso em mente, Deus, como desejou que V. fosse embora. Estava enlouquecendo presa ali na presença furiosa dele – ainda que a ideia de ter Lassiter como substituto bastasse para que pensasse em suicídio.

– Muito bem – Vishous murmurou. – Volto quando souber de algo.

– Por favor, não mande aquele anjo.

– Pode deixar. Isso tornaria a sua punição cruel e extraordinária.

Ela soltou o ar que nem sabia que estava segurando.

– Obrigada.

O Irmão hesitou.

– Layla, escute…

– Correndo o risco de também te irritar, não há nada que possa me dizer que fará com que isto melhore ou piore. É assim que se sabe que estamos no Inferno, a propósito. Nenhuma esperança, e dor é só o que você vê.

O som das botas pesadas de Vishous nos ladrilhos soou alto na quietude da pequena cozinha e, por algum motivo, ela pensou no amor do Irmão Tohrment pelos filmes do Godzilla. Na outra noite mesmo, ela descera para esticar um pouco as pernas e encontrara Tohr relaxado no sofá da sala de bilhar, com Autumn adormecida em cima dele, *Godzilla versus Mothra* passando na tela grande acima da lareira.

Ela acreditara que as coisas eram complicadas na época. Agora? Desejava poder voltar no tempo para aquelas noites agradáveis em que só o que ela tinha em mente era arrependimento e culpa.

Quando V. parou diante dela, seus ombros se endureceram até ela sentir uma dor na base do crânio.

– Sim – ela disse com irritação –, eu vou acionar o alarme depois que você sair. E também sei como funcionam os controles remotos. Você me mostrou isso antes, embora eu possa lhe garantir que não estou interessada nem em *Game of Thrones* a esta altura.

Não era usual da sua parte ser cruel, mas estava proverbialmente dentro da toca do coelho, perdida de quem e do que normalmente costumava ser.

– Xcor fugiu. Ontem à noite.

Layla se retraiu tão repentinamente que quase caiu da cadeira. E antes que pudesse perguntar, o Irmão disse:

– Ninguém foi ferido no processo. Mas ele acabou trancando Qhuinn na Tumba… Que é onde o estávamos mantendo. E ele deixou a chave para trás.

O coração de Layla deu um salto e começou a bater rápido, antes que ela conseguisse dizer alguma coisa ou ordenar seus pensamentos, Vishous arqueou uma sobrancelha.

– Ainda se sente segura em ficar sozinha?

Ela o fitou com franqueza.

– Está mesmo preocupado com isso?

– Você ainda é um membro da família.

– Uh-hum. Certo. – Cruzou os braços diante do peito. – Bem, ele não virá atrás de mim, se é com isso que está preocupado. Ele terminou comigo. Não existe literalmente nada que possa levar esse macho a se aproximar de mim –

o que faz com que ele tenha algo em comum com Qhuinn, ironicamente.

Vishous não respondeu. Apenas pairou acima dela, com os olhos gélidos avaliando cada nuance do seu corpo, da sua postura, cada respiração sua.

Era como se estivesse num palco diante de cem milhões de pessoas. Com os holofotes do teatro queimando-lhe as retinas.

Exatamente do que ela estava precisando.

– Não acha que Xcor gostaria de saber onde você está? – A pergunta foi feita num tom tão neutro que era impossível adivinhar se era uma pergunta de verdade ou apenas retórica.

De todo modo, ela sabia a resposta.

– Não. Não existe a mínima chance.

Ela se virou e voltou a olhar para os escorregadores na escuridão. O coração batia rápido no peito, mas ela estava se esforçando para não aparentar isso.

– Você ainda o ama – V. disse distraído. – Não?

– Isso importa?

Quando V. acendeu outro cigarro enrolado à mão, começou a andar, indo de volta para perto do fogão onde estivera parado antes. Em seguida, foi até a porta que dava para o porão. E finalmente voltou para a mesa onde ela estava sentada.

Numa voz baixa, ele disse:

– Não sei bem o quanto você sabe sobre mim e Jane, mas eu tive que apagar a memória dela uma vez. As circunstâncias não importam, e o destino tinha outras ideias, ainda bem… Mas eu sei o que é não estar com aquele a quem amamos. Também sei como é quando nada no relacionamento parece fazer sentido para ninguém além de vocês dois. Quero dizer, eu me apaixonei pela porra de uma humana, e depois ela morreu. Então agora amo um fantasma, e não no sentido metafórico. Essa coisa com Xcor? Sei que você teria escolhido um caminho diferente se pudesse.

Quando Layla olhou para o Irmão, ela sentiu os olhos se arregalando. De todas as coisas que Vishous poderia ter dito? Ela ficaria menos surpresa caso ele dissesse que estava comprando ações da Apple.

– Espere… O quê? – disse, surpresa.

– Às vezes as merdas do coração não fazem sentido. E você sabe, no fim das contas, Xcor não a machucou. Por quanto tempo se encontrou com ele? Ele nunca a aterrorizou, nem aos seus filhos. Odeio o filho da puta, não se engane, e você se associou ao inimigo. E que ele vá para os infernos, mas ele não estava agindo como um, pelo menos não no que se referia a você – e ele também nunca nos atacou, não é? Durante todo esse tempo, ele sabia onde estávamos, mas o Bando de Bastardos nunca entrou na propriedade. Não estou dizendo que quero me sentar e tomar um drinque com o FDP, e que você não estava errada. Mas a coisa boa em ser lógico é que você pode julgar

tanto a história quanto o presente com claridade – e eu sou um macho muito lógico.

Os olhos de Layla começaram a se encher de lágrimas de novo. E, com uma voz partida, sussurrou:

– Eu me odiei durante todo aquele tempo. Mas… eu o amei. E temo que sempre amarei.

Os olhos diamantinos de Vishous se abaixaram de modo que foram parar nos coturnos. Depois esticou o braço e pegou a caneca que vinha usando como cinzeiro. Batendo as cinzas dentro dela, deu de ombros.

– Não escolhemos por quem nos apaixonamos, e tentar se convencer a não sentir essas emoções é a receita para o fracasso. Não errou ao amá-lo, certo? Por essa parte, ninguém pode condená-la, porque as coisas são como elas são – e você já sofreu o bastante. Além disso, é como eu disse… ele nunca a machucou, não é? Portanto deve haver algo dentro dele que não é vil.

– Olhei nos olhos dele. – Ela fungou e enxugou o rosto com o dorso das mãos. – Enxerguei a verdade neles e ela era que ele jamais feriria a mim ou a qualquer um que eu amasse. E quanto ao motivo de nossa relação ter terminado? Ele não queria me amar, assim como eu não queria amá-lo.

Ela estava pronta para continuar falando, desesperada pelo alívio inesperado que vinha quando alguém compreendia em que ponto se encontrava. Mas, de repente, a compaixão de V. desapareceu, e a máscara

impenetrável que ele costumava usar voltou ao seu lugar, e a porta de comunicação foi fechada como se nunca tivesse sido aberta.

– Pegue. – O Irmão colocou seu celular sobre a mesa. – A senha é dez, dez. Não sei quanto tempo Wrath vai levar para decidir que tipo de programa de visitação haverá, mas você pode esperar ter que ficar nesta casa por enquanto. Ligue se precisar de nós. Meu segundo telefone está listado como “V. 2” na lista de contatos.

Layla esticou a mão e pegou o celular. Ainda estava quente pelo contato com a mão dele.

– Obrigada – disse com suavidade ao segurar o objeto. – E não só por isto.

– Não importa – ele murmurou. – Engraçado como maldições vêm em todos os tipos de sabores, certo? Minha mãe era criativa assim.

No túnel, Qhuinn abriu caminho da clínica médica no centro de treinamento até a mansão como se estivesse embriagado, as passadas tão descoordenadas quanto dados quando eram lançados, a cabeça girando, os pontos na lateral do corpo doendo tanto que ele parava de tempos em tempos na sua camisola hospitalar para ver se não dera uma de *Alien* com algo saindo das entranhas.

Só queria ir direto até os gêmeos, numa rota desimpedida pela porta camuflada atrás da grande escadaria da mansão até o quarto no segundo andar: sem nenhum olhar preocupado de um *doggen*, nenhuma acareação por

parte dos seus irmãos, nem ninguém tentando alimentá-lo. E, por favor, Deus, nada que se relacionasse a Lassiter.

Ao sair debaixo das escadas, fez uma pausa antes de avançar no vestíbulo e apurou os ouvidos. A Primeira Refeição já fora e estava no processo de limpeza, pois os criados estavam arrumando a sala de jantar, conversando baixinho e os sons dos talheres de aço inoxidável sendo retirados dos pratos de porcelana eram sussurrados para fora da soleira aberta em forma de arco. Nada vindo da sala de bilhar.

Ninguém no tapete vermelho…

Bem na hora – *sqn* – uma estranha fonte de luz apareceu bem no meio do espaço imenso e resplandecente, como se alguém tivesse cavado um buraco no teto e um sol improvável do meio-dia estivesse brilhando através do telhado.

Por um segundo, só o que Qhuinn conseguia pensar era “graças a Deus”. O segundo advento humano chegara a tempo de acabar com todo o sofrimento de uma vez – e, na verdade, uma figura de fato apareceu no meio do facho de luz. Mas não era o Cristo para o qual Butch rezava o tempo todo.

Também não era Papai Noel com sua pança e seus pôneis de chifres ou sabe-se lá que porra que eles eram – uma vez que sendo época das festas natalinas poderia ser o caso.

Nada disso; era o Grande Agitador Imortal: Lassiter, o anjo caído,

materializado no meio daquela indefinível fonte de luz imensa, e o brilho reluzente diminuiu quando ele assumiu sua forma como se um sistema de entrega em domicílio o tivesse levado até ali.

Ok, as roupas eram estranhas, Qhuinn pensou.

E não por ser do tipo louco de listras de zebra com boá de penas. O anjo tinha uma camisa de flanela amarrada na cintura. Jeans azuis que com mais uma lavagem perderiam toda a sua integridade física. E uma camiseta do Nirvana do show no Saint Andrew's Hall em 11 de outubro de 1991.

E também esse não era o estilo musical dele. Lassiter era fã de Fetty Wap quando não estava em êxtase com Midler.

A boa notícia? O anjo foi direto para a sala de bilhar, sem notar que Qhuinn estava seminu e nauseado na base das escadas.

Portanto existia um pouco de graça e misericórdia restante no mundo, ao que tudo levava a crer.

Sim, só que em seguida veio o trajeto de Qhuinn para o segundo andar. A subida exigiu o uso da balaustrada e muitos molares cerrados, mas, depois de diversos meses, senão anos, de subida, Qhuinn conseguiu chegar. No alto, ficou aliviado em ver que as portas do escritório de Wrath estavam fechadas.

O que não era tão bom assim? O fato de haver muitas vozes indo e vindo por trás daqueles painéis.

Ele podia imaginar qual seria o assunto.

Prosseguindo pelo corredor das estátuas, foi até o quarto em que Layla se hospedara, e se viu querendo bater mesmo sabendo que seus filhos estavam ali. Criando coragem, agarrou a maçaneta da porta nova e a virou com tanta força que seu pulso parecia prestes a saltar do fim do braço.

Quando abriu a porta, parou de pronto.

Beth estava de costas para ele inclinada sobre o berço de Lyric, a Rainha murmurando todo tipo de coisa adorável enquanto acomodava o bebê no casulo macio.

Quando sua presença foi percebida, não foi uma surpresa quando Beth cruzou os braços diante do peito e aprumou os ombros como se ele fosse o inimigo.

– Obrigado por cuidar deles – disse ao claudicar para dentro.

– Sua aparência está horrível.

– Eu me sinto pior.

– Que bom. – Quando ele levantou uma sobrancelha na direção dela, a Rainha deu de ombros. – O que quer que eu diga? Que tudo bem você expulsar Layla desta casa?

– Ela fez isso consigo, não eu.

Deus, a cabeça latejava, aquela conversa com Blay virava e girava em sua mente como se fosse um carro numa pista de corrida. Pois é, por isso falar sobre a Escolhida seria bom pra cacete agora.

– Só pra você saber – a Rainha levou as mãos ao quadril – eu acho que os direitos de Layla devem ser mantidos, e acho que você e ela precisam encontrar um esquema de visitação justo no qual estes bebês possam ir ficar com a *mahmen* deles às noites.

– Eles não vão sair desta casa. E Layla não pode ficar aqui. A situação é esta.

– Você não é o encarregado.

– Não, mas nem você é – ele disse exausto. – Portanto, por que não paramos por aqui?

Beth deu uma olhada em Rhamp, depois foi para a frente. Enfrentando-o nos olhos, disse:

– Isto aqui não se trata do seu ego ferido, Qhuinn. Estes dois precisam de vocês dois, e isso significa que você precisa agir como adulto mesmo quando não tem vontade. Você não tem que ver Layla, mas eles sim.

Qhuinn foi até a cama e se sentou, porque ou era isso ou acabaria dando uma de tapete aos pés dela.

– Traição, Beth. Contra o seu companheiro. Isto aqui não é um caso de um pai ter se esquecido de alimentá-los um dia, ou de colocá-los para dormir na hora certa.

– Você não tem que me dizer quem atirou no meu marido – Beth estrepitou. – Assim como eu não tenho que te dizer que depende de Wrath – e

de ninguém mais – perdoar ou não, punir ou não. Esta droga não te diz respeito, Qhuinn. Tire a cabeça de dentro do seu traseiro, faça o que é certo para os seus filhos e veja se dá um jeito nesse seu temperamento.

Quando ela marchou para fora do quarto, ele teve absoluta certeza que se não fosse por Rhamp e Lyric, ela teria batido a porta com força suficiente para ecoar até o Fade.

Levando a cabeça às mãos, ele quase vomitou sobre os pés descalços.

Jesus, ainda estava só de camisola hospitalar.

Pois é, porque com todas aquelas merdas acontecendo, o que ele vestia era de grande importância. Pensando bem, quando se está cercado por coisas que não se pode controlar, não consegue endireitar, e com as quais não quer lidar, o que cobre o seu traseiro é um tipo de férias para o seu cérebro do tamanho de uma ervilha.

Abaixando os braços, levantou-se e foi para perto dos berços. Pegou Rhamp primeiro, segurando o filho nas palmas e levando-o até a imensa cama. Colocando o bebê entre os travesseiros, rapidamente trouxe Lyric e se deitou com os dois.

Rhamp se remexeu um pouco. Lyric estava tranquila.

Em pouco tempo, ambos estavam adormecidos nas curvas dos braços de Qhuinn. Mas ele não conseguiu descansar, e não só porque o corpo doía em toda parte.

Todavia sua insônia não fazia sentido algum. Conseguira aquilo que queria: Layla estava fora da mansão, e não importava o que Beth dissesse, Wrath faria a coisa certa e expulsaria a Escolhida da vida dos seus filhos. E Blay também acabaria cedendo. Passaram por coisas piores do que aquilo e sempre chegaram ao outro lado do conflito melhores e mais fortes juntos. Além disso, tinha os filhos a salvo consigo.

Apesar de tudo isso, porém, Qhuinn sentia como se alguém o tivesse esvaziado por dentro, não deixando nada entre as costelas, a pelve estava sem conteúdo, a pele, um saco inútil sem nada de fato a fazer.

Fechou os olhos. Obrigou-se a descansar. A relaxar.

Dentro de segundos, seus olhos estavam abertos. Enquanto fitava o teto, para os buracos de bala que formara num canto, ele sentiu uma dor no lugar em que seu coração deveria estar.

Fazia sentido. Aquele órgão vital seu estava do lado oposto de Caldwell, na casa nova dos pais de Blay, aquela que a *mahmen* do macho não gostava porque tudo nela funcionava bem e as tábuas do assoalho não rangiam quando se caminhava sobre elas.

Sem seu coração, Qhuinn era um receptáculo vazio. Mesmo com os filhos junto dele.

Pois é, isso doía. Ele só estava surpreso com o quanto.

CAPÍTULO 15

O prédio da Companhia de Seguros de Caldwell tinha uns setenta andares e estava localizada no bairro financeiro, servindo de marco em meio a outras construções elegantes, porém mais baixas. De acordo com uma placa informativa, havia sido construído em 1927 e, de fato, comparado com seus vizinhos mais modernos, era uma gloriosa grande dama na companhia de meretrizes. Com conjuntos de gárgulas marcando três estágios diferentes da elevação, e uma coroa ornamental com entalhes e frases em latim no alto, o CSC era um monumento à grandeza e à longevidade da cidade.

Quando Zypher tomou forma no telhado, o vento açoitou os cabelos lisos para trás do rosto, e os olhos se encheram de lágrimas com o jorro frio. Bem abaixo, as luzes da cidade se estendiam num halo terreno dividido em dois pelo rio Hudson.

Um a um, os outros do Bando de Bastardos se juntaram a ele: Balthazar, o selvagem; Syphon, o espião; e Syn, que pairava nas imediações como a fonte do mal esperando para atrapalhar o destino feliz de alguém.

Eram-lhe todos conhecidos, esses machos com quem lutara lado a lado por mais de duzentos anos. Não havia nada que não tivessem partilhado: derramamento de sangue, deles mesmos e dos inimigos; fêmeas, tanto vampiras quanto da variedade humana; abrigos, tanto aqui quanto no Antigo País.

– Amanhã, então – Balthazar comentou contra o vento.

– Isso. – Zypher acompanhou o desenho da autoestrada abaixo com os olhos, notando os faróis brancos do trânsito nesta direção, e os vermelhos, dos que partiam para a outra. – Amanhã à noite, nós partiremos.

O grupo estivera no Novo Mundo por pouco tempo, e não conquistaram nada daquilo que procuraram quando viajaram através do Oceano.

Originalmente, vieram à procura de assassinos, visto que o número de inimigos no lar deles no Antigo País diminuíra até quase desaparecerem por completo e aterrorizar humanos só era divertido até certo ponto. Mas após ali chegarem, descobriram uma semelhante população quase dizimada. A ambição, no entanto, logo se alargou. Xcor quisera ser Rei, e alianças necessárias foram forjadas com aristocratas na *glymera* que queriam que o Conselho tivesse mais poder.

O golpe fracassara.

Mesmo tendo conseguido colocar uma bala na garganta de Wrath, o Rei não só sobrevivera à tentativa de homicídio como se elevara a uma posição de ainda maior poder – e isso colocara o Bando de Bastardos em desvantagem crítica.

Em seguida, os fundamentos mudaram, pelo menos para Xcor.

Depois que a Escolhida Layla entrou na vida do líder deles, nada mais pareceu importar para o macho – e isso de fato foi encarado como um

benefício para a maioria do grupo. A natureza de Xcor há tempos se alinhara com uma crueldade que inspirara medo e, portanto, respeito. Depois daquela fêmea? Os cantos afiados do guerreiro ficaram mais fáceis com que se lidar – e, em troca, os Bastardos se mostraram mais produtivos, visto que já não monitoravam constantemente o humor em que Xcor estava.

Só que, então, o líder fora capturado ou assassinado.

Até esta noite, eles não sabiam qual dos dois acontecera e, evidentemente, nunca mais veriam Xcor. O destino bem sabia que haviam tentado encontrá-lo, quer seus restos, quer o próprio macho, e encerrar as buscas era difícil. Mas sem nada mais em que se apoiarem, e com a Irmandade sempre em seu encalço, a melhor escolha era retornarem para onde vieram.

De repente, a imagem de Throe veio à mente de Zypher e ele franziu o cenho.

Alas, mais outro acabara se perdendo. Throe, o segundo no comando para todos os efeitos, fora expulso do grupo quando suas ambições ao trono se mostraram mais permanentes que as de Xcor. Essa incompatibilidade de objetivos separara os dois – e, portanto, o macho que não deveria ter estado com eles de todo modo partira, sendo apenas uma nota de rodapé na história deles. De fato, Throe, um antigo aristocrata que fora humilhado e recrutado a servir como forma de pagamento de um débito, mas que acabara provando seu valor ao longo do tempo, não fazia mais parte do grupo, talvez

assassinado por *redutores* ou por outros de sua posição com os quais conspirara. Ou talvez ainda estivesse vivendo entre aqueles de sangue azul, aceito uma vez mais em seu seio, com novos esquemas em mente.

No entanto, nenhum deles se importava com o desaparecimento desse como se importavam com o de Xcor.

Na verdade, enquanto Zypher observava a cidade, teria parecido inconcebível ao chegarem a estas paragens que um dia partiriam sem os dois que foram parceiros em todos os modos que importavam. Mas havia um truísmo que regia tudo: o destino seguia seu próprio curso, sem escolhas individuais nem predileções e quanto a previsões, nove entre dez eram inconsequentes.

– Nosso objetivo agora é… – Ele deixou o pensamento incompleto.

Balthazar imprecou.

– Encontraremos outro, companheiro. E o faremos no lugar a que pertencemos.

Sim, Zypher pensou. Era o que fariam. No Antigo País, tinham um castelo livre de dívidas, e uma equipe de *doggens* que trabalhavam na terra, provendo sustento e produtos para serem vendidos nas vilas circundantes. Os humanos supersticiosos da região se afastavam deles. Havia mulheres e algumas fêmeas para a cama. Talvez conseguissem localizar alguns assassinos por ali, depois de tanto tempo…

Céus, tudo parecia tão horrível. Um passo para trás em vez de para a frente.

Todavia, não poderiam permanecer ali. A primeira regra de um conflito era que se você deseja viver, não se deve entrar em choque com um inimigo mais poderoso – e a Irmandade, protegida pelo Rei como era, tinha tremendos recursos financeiros, instalações e armamentos. Enquanto existia uma possibilidade de destituírem Wrath, o cenário fora diferente. Mas com os Bastardos possuindo apenas quatro guerreiros, sem nenhum líder, e nenhum objetivo definido?

Não. Aquilo não era nada bom.

– Amanhã, então – Balthazar disse. – Partiremos.

– Certo.

Entretanto, Zypher quis mesmo que estivessem com o corpo de Xcor para levá-lo de volta.

– Procuraremos por ele uma última vez – anunciou para o vento. – Para isso, nesta nossa noite final, encontraremos nosso líder.

Fariam mais uma tentativa – e mesmo com o resultado provavelmente não sendo diferente das outras vezes, o esforço os ajudaria a encontrar a paz com a sensação coletiva de estarem desertado o líder deles.

– Vamos sair para caçar, então – Balthazar disse.

Um a um, desmaterializaram-se na escuridão fria.

Assim que Vishous saiu da casa segura, Layla inspirou fundo – mas o exalo não lhe adiantou de nada.

Permanecendo onde estava, à mesa da cozinha, ela ouviu ao absolutamente nada por um tempo, e depois se levantou e caminhou pelo primeiro andar, entrando nos ambientes acolhedores. No fundo da mente, teve o pensamento de que a casa era um ninho perfeito, o tipo de lugar que uma fêmea sozinha se sentiria segura.

Será que teria a oportunidade de trazer os gêmeos para ali um dia?

A ansiedade lhe dificultou a respiração, e ela foi até a porta corrediça que V. usara para sair. Abrindo-a, ela saiu, e quando os chinelos esmagaram a camada superficial de neve sobre a varanda, ela tentou aquela coisa de inalar fundo de novo.

Desta vez, ao soltar o ar, a respiração formou uma nuvem que soprou para cima da cabeça.

As faces, sensíveis por tanto choro sendo enxugado, arderam no ar frio e limpo, e ela levantou o olhar para o céu. Havia uma nuvem espessa cobrindo as estrelas cintilantes, e mais neve fresca sobre o gramado, sugerindo que o tempo estivera agitado e marcado por pancadas de neve durante todo o dia.

Abraçando-se, Layla…

Tudo parou para ela. Desde as batidas do coração até a respiração e os pensamentos em sua mente confusa, foi como se seu circuito interno tivesse

queimado um fusível e ela tivesse se tornado como a casa atrás dela: completamente imóvel e vazia.

Virando-se para o leste, inspirou fundo até que as costelas doessem com o esforço, mas ela não tentava farejar nada. Estava tentando fazer com que os pulmões ficassem imóveis dentro do peito – e se pudesse ter detido o coração e as funções dos órgãos, era o que teria feito.

O eco do seu sangue estava muito fraco, e difícil de determinar se aquilo era ou não um equívoco da sua parte, um mal-entendido do que estava de fato acontecendo. Mas não… ela estava mesmo captando o sussurro da sua fonte vital na direção do norte… na verdade, noroeste.

Agora seu coração disparava.

– Xcor…? – sussurrou.

O sinal, tal qual ele era, não vinha da localização da Irmandade. Vinha de um ponto muito a oeste para isso. Vinha…

Olhou para trás, para as portas de correr que usara. Hesitou. Só que, então, pensou em Vishous e em tudo o que ele lhe dissera.

Incerta quanto aonde iria exatamente, fechou os olhos e se desmaterializou até uma curta distância, reassumindo sua forma no parquinho de crianças que avistara quando a levaram até ali na noite anterior.

Ao ficar parada junto aos balanços e trepa-trepas, voltou a se imobilizar.

Sim… Por ali…

Atrás dela, um som metálico fez com que se virasse. Mas era apenas o vento empurrando um dos balanços, suas correntes protestando contra a perturbação.

Abaixando as pálpebras uma vez mais, concentrou-se no seu destino, e tentou não se precipitar.

Ao voar adiante com suas moléculas dispersas, ela ouviu a voz de Vishous em sua cabeça:

Não escolhemos por quem nos apaixonamos.… Não errou ao amá-lo, certo?

Por essa parte, ninguém pode condená-la.… e você já sofreu o bastante.

Ele nunca a machucou, não é? Portanto deve haver algo dentro dele que não é vil.

Desta vez, quando ela retomou a forma corpórea, o farol que a guiava estava ainda mais forte, e sua trajetória era precisa. Portanto, prosseguiu mais um quilômetro. E depois, uma distância ainda maior, até o último anel de bairros suburbanos antes que as terras da floresta começassem. Depois disso? Ela foi mais além, penetrando na floresta onde começava o Parque Adirondack.

Seu último trajeto foi de uns trezentos metros, e quando ela voltou ao corpo, foi bem diante de um galho de árvore.

Afastando o galho nu do caminho, ela espiou ao redor. A neve estava mais espessa ali, o vento, mais brando, o terreno, mais rochoso. Havia sombras em

todas as partes – ou talvez fosse seu nervosismo que fazia parecer assim.

Perto… Muito perto. Mas onde precisamente?

Layla se virou num círculo lento. Não havia nada ali, e tampouco havia animais se movendo.

Parecia improvável que Xcor tivesse passado do dia inteiro ao aberto e ainda sobrevivido – ainda que… houve uma nevasca e uma grande tempestade se aproximava. Talvez houvesse nuvens suficientes para cobrir a luminosidade do dia? Essa não era uma aposta que alguém faria a menos que não tivesse outras mais seguras, mas e se ele estivesse incapacitado de algum modo?

Afinal, se estivesse morto, ela não teria captado nada.

Girando a cabeça, franziu o cenho ao perceber algo atípico no cenário que lhe chamou a atenção.

Havia algo… adiante… à esquerda de um carvalho tão grosso que deveria ter pelo menos cem anos de vida.

Juntando as vestes, deu um passo… e depois mais um…

… na direção do que quer que aquilo fosse.

CAPÍTULO 16

O Restaurante Salvatore’s era um marco não apenas em

Caldwell, mas em toda a Costa Leste do cenário gastronômico, um atavismo dos duradouros dias do Rat Pack quando almoços com três martínis, amantes

e Don Drapers que sabiam como se vestir eram a norma. Na era moderna, muita coisa mudara no mundo exterior… Mas não muito mudara debaixo daquele teto. O papel de parede vermelho da entrada ainda estava no mesmo lugar, bem como o restante da decoração ao estilo *O Poderoso Chefã* o, como toda aquela madeira entalhada e toalhas de linho. Em todas as múltiplas salas de refeição e no bar dos fundos, o layout das mesas permanecia exatamente como fora estabelecido na noite de inauguração, na época em que garçons e garçonetes ainda vestiam smokings. No cardápio? Apenas o melhor da culinária do oeste da Sicília, com as receitas sendo preparadas exatamente como deviam e sempre foram.

Algumas modernizações aconteceram, mas todas na imensa cozinha. E duas entradas foram acrescentadas ao cardápio, o que causara um furor – pelo menos até a terceira geração da sua clientela ter experimentado os pratos e decidido que, de fato, eram bons.

Bem, e havia outra coisa que estava diferente.

Sentado atrás da mesa no escritório, iAm atendeu ao telefone e apanhou o mais recente pedido de entrega de carnes ao mesmo tempo.

– Vinnie, e aí? – disse ao inclinar a cabeça para o lado para segurar o telefone junto à orelha. – Aqui também… Tudo bem. Não, não, vou precisar de mais vitela do que isso. É. E quero daquele outro do fornecedor. A qualidade é…

O gerente de atendimento dele colocou a cabeça pela porta.

– Ela está aqui. Com experiência e boas maneiras. Ela serve.

iAm cobriu a parte de baixo do telefone.

– Mande-a entrar.

Enquanto o açougueiro revendedor e ele continuavam a falar sobre o pedido, iAm relembrou os dias logo após ter adquirido o local. Os humanos com quem lidava presumiam que ele fosse afrodescendente, o que ele não era, mas como Sombra, ele estava acostumado a se fazer passar como membro dessa raça. E para um homem negro assumir um marco histórico e extremamente orgulhoso da Itália, fora uma surpresa para todos desde a cozinha até a frente da casa, os clientes e os fornecedores.

Mas o terceiro Salvattore lhe dera sua benção depois que iAm cozinhara excelentes *gato di patate*, *pasta alla Norma* e *caponata* – e depois apresentara ao velhote o melhor *cannoli* que o cara já comera na vida.

Dívidas de jogo junto a Rehv significaram que ele teria que desistir do que amava, e Rehv, em troca, passara o empreendimento para iAm como recompensa pelo seu bom trabalho.

Ainda assim, como novo proprietário, iAm quis manter uma continuidade – e também a vinda dos clientes italianos – e o apoio de Sal III garantira ambas as coisas. Ainda mais quando iAm deixou que os odiadores odiassem, e reconquistou cada um dos antigos frequentadores da velha escola,

seduzindo-os com manjericão e fusili.

O lugar prosperava, e o respeito fluía, e tudo isso era muito bom. Ele também encontrara seu par… Que, por acaso, era a rainha do s'Hisbe. Portanto sua vida deveria ser perfeita.

Sqn.

A situação com seu irmão, Trez, estava acabando com ele. Era tão difícil ver um macho do seu valor ser derrubado pelo destino, e a alma do cara se curvara por conta de uma perda que iAm sequer conseguia imaginar sem sentir vontade de vomitar…

– Desculpe, o que foi? – iAm voltou a se concentrar. – Sim, sim, está bem assim. Obrigado, cara – espere, o que disse? Sim, posso fazer isso. De quanto você precisa? Não, não precisa me pagar. Se você pagasse, eu ficaria insultado. Levarei os *manicotti* como um presente para você e para a sua mãe. Experimente, você vai gostar.

iAm sorria ao desligar o telefone. Os italianos da velha guarda no fim se pareciam muito com os Sombra: fechados para o mundo exterior, orgulhosos das suas tradições, suspeitosos dos desconhecidos. Mas depois que você estava no grupo deles? Depois de ter conquistado o respeito deles e ser aceito? Eram tão leais e generosos que nem pareciam humanos.

Na verdade, para ele, os italianos de verdade eram uma subespécie à parte dos outros ratos sem cauda que habitavam o planeta.

Aquele *manicotti*? Fizera para a mãe de Vinnie, a senhora Giufridda, e o levaria pessoalmente. E quando seu pedido chegasse? Haveria costeletas a mais ou alguma linguiça ou algum corte de carne de graça. Mas a questão é que teria feito o *manicotti* de qualquer forma, mesmo se não recebesse nada em troca – porque a senhora Giufridda era um amor e sempre era a primeira cliente da primeira sexta-feira de todo mês e pedia *pasta con sarde*. E se você fosse gentil com a mãe de Vinnie? Aquele homem morreria por você até o fim dos dias.

E isso era um acordo e tanto e…

De repente, iAm ficou imóvel como uma estátua, tudo nele ficando absolutamente inerte. Engraçado até, considerando-se o que estava parado na soleira da porta do seu escritório, parecia apropriado que ele tentasse uma versão da Prisão adequada ao seu tamanho.

A vampira entre os batentes era longilínea e cheia de curvas, o corpo estava coberto por calças pretas folgadas e uma blusa com gola rolê. Os cabelos negros ondulados estavam presos com uma presilha, e o rosto não estava maquilado – não que ela precisasse de alguma ajuda da Maybelline. Ela era estonteantemente bela, com lábios perfeitos e olhos que eram quase anime, faces coradas por ter vindo do frio do lado de fora – ou talvez por estar nervosa com a entrevista para o posto de garçonete.

Os componentes individuais dela e do guarda-roupa não eram o

surpreendente, porém. Era o conjunto da maldita obra que roubara seu fôlego.

iAm se levantou lentamente, porque, caso se movesse rápido demais, a cabeça poderia explodir.

– Selena? – sussurrou. Só que aquilo não podia ser real… Podia?

As belas sobrancelhas negras da fêmea se ergueram.

– Hum… não? Meu nome é Therese. Meus amigos me chamam de Tres…

De repente, o mundo começou a girar e iAm caiu na cadeira.

A fêmea deu um passo à frente como se estivesse preocupada com a possibilidade de ele precisar de massagem cardíaca, mas logo parou como se não soubesse o que fazer.

– Você está bem? – ela perguntou.

Numa voz que soava absoluta, positiva e exatamente como a *shellan* morta do seu irmão.

Em vez de voltar para a mansão da Irmandade para descansar durante o dia, Trez ficara na boate. Primeiro porque, como Sombra, ele não só suportava a luz do dia como na verdade gostava da coisa – apesar de ela ter sido inexistente devido à neve que caíra durante toda a manhã e a tarde. Mais especificamente, porém, ele ficou por ali porque, às vezes, a multidão de pessoas da casa era demais para a sua cabeça já cheia, e ele precisava de um respiro e se esconder, sem se esconder, ali.

Uma vantagem? Sua cadeira era tão confortável que era basicamente um

leito hospitalar ajustável, sem as grades e o saco de soro.

Virando-se para ficar de frente para a parede de vidro, olhou para a pista de dança. As luzes da casa estavam acesas, e todos os riscos nas tábuas de pinho pintadas de preto o irritavam até não poder mais. O pessoal da limpeza fizera um bom trabalho, mas não havia nada que pudesse consertar o estrago feito por centenas de pés embriagados. Devia estar na hora de lixar e repintar. De novo.

Claro, pintar o assoalho de novo era desperdício de tempo e de dinheiro porque aquele piso acabaria estragado uma vez mais e, além disso, ninguém via os pontos claros quando os lasers estavam ligados e o lugar escuro como o interior de um chapéu. Mas ele não suportava aquilo. Sabia que as imperfeições estavam ali e as desprezava.

Deduziu que a manutenção do piso da boate equivalesse ao corte de um gramado: você sabe que está perseguindo um alvo móvel, mas, por pelo menos dez minutos, a grama fica com a aparência de um carpete de fora a fora.

Consultou as horas. Sete da noite.

Umas duas antes, lá pelas cinco, ele tomara uma chuveirada no seu banheiro particular, barbeara-se e vestira uma versão limpa do seu uniforme de trabalho, ou seja, calças e camisa social. Esta noite, a parte de cima era cinza, e a de baixo, branca. E no meio estava livre como um passarinho.

Deu mais uma olhada no relógio de pulso. E contou as horas desde a última vez em que colocara comida na boca.

Como se seu estômago soubesse que aquela era sua única chance de ser ouvido, emitiu um rugido.

Maldito Lassiter. Convite para jantar. No Sal's.

Mas que porra.

A última coisa que queria fazer era ficar sentado diante daquele anjo e ouvir algum *spoiler* ao estilo de *Cães de Aluguel* sobre algum simbolismo em *Deadpool*. O problema? Seu irmão, iAm, fazia mesmo a melhor bolonhesa de qualquer lugar, e, além disso, caso não aparecesse? Lassiter era bem capaz de voltar ali fantasiado de palhaço para ficar apertando seu nariz falso até ele perder a cabeça.

O que não era muito difícil ultimamente, claro. Mas mesmo assim…

Olhou para o relógio mais uma vez. Praguejou. Tomou uma decisão.

Levantando-se, verificou se a pistola estava bem ajeitada na lombar, apanhou a carteira e o celular e vestiu a jaqueta.

Lá embaixo, Xhex inventariava as bebidas do bar.

– Já volto – ele disse para a chefe de segurança. – Quer que eu traga algo do restaurante do meu irmão para você jantar?

Ela balançou a cabeça ao suspender uma caixa de Absolut para o balcão como se ela não pesasse nada. Xhex tinha ombros quase tão largos quanto os

de um macho humano, e o restante dela estava em igual boa forma. Com os cabelos curtos e olhos cinza chumbo, ela era o tipo de coisa que os bêbados reconheciam como um “comigo não”, o que a tornava perfeita para o trabalho.

– Não precisa. Comi em casa. – Ela inclinou uma sobrancelha. – Não te vi lá na Primeira Refeição.

Ela só iria até esse ponto em vez de perguntar por que ele não voltara para casa, e ele ficava grato por isso. Xhex era como um cara em muitos aspectos: breve, direta ao ponto, e não partia para aquela coisa sentimentalóide. Francamente, ela era uma das poucas pessoas com quem ele conseguia se relacionar no momento. Nos últimos tempos, ele passou a detestar olhos piedosos, suspiros cheios de significado e abraços demorados demais. Não que ele não apreciasse todo aquele apoio, mas a questão é que… quando se está em luto profundo, é difícil ficar perto de pessoas que ficam mal por você estar se sentindo mal. Ver a Irmandade com suas companheiras o fazia se sentir ainda pior e ainda mais exausto. Uma vez depois da outra, repetidamente.

– Volto às oito. – Trez bateu os nós dos dedos duas vezes na bancada de granito. – Estou com o celular ligado.

– Ok.

Seguindo para a porta principal, acenou para as meninas que estavam

chegando e ainda tinham que trocar de roupa para o trabalho. Quando passou por elas, sentiu as humanas fitando-o, desejando-o, se perguntando a respeito dele. Na verdade, elas sempre se ligavam nele, e houve uma época em que ele as teria levado até o escritório. Mas não mais, e sua abstinência pelo visto aumentava o seu apelo.

Nunca contara a ninguém no trabalho os detalhes a respeito de Selena. Somente Xhex sabia, e ela jamais diria nada a ninguém.

A boa notícia? Depois de ele ter rejeitado algumas das prostitutas umas duas vezes, a notícia se espalhara e todas elas pararam de ir atrás dele. Graças a Deus; fêmeas e mulheres literalmente o deixavam enjoado. Pensar em qualquer uma delas tocando-o, ou mesmo só pensando nele de modo sexual? Seu estômago se revirava apenas com a hipótese.

Do lado de fora, o ar estava espesso e frio – um sinal de que uma tempestade se aproximava – e ele precisou respirar fundo algumas vezes para fazer com que a bile voltasse a descer pela garganta.

Deixando a náusea de lado, ele estava mais do que contente em viver sozinho o resto das suas noites. Não imaginava, nem por um segundo, uma realidade em que alguma outra pessoa entraria na sua vida e lhe causaria alguma impressão…

De lugar nenhum, sua Selena voltou para ele, a voz dela enchendo sua cabeça:

Pode me prometer que vai permitir que coisas boas aconteçam depois que eu partir… Mesmo que essas coisas aconteçam porque outra fêmea está ao seu lado?

Trez esfregou o rosto.

– Meu amor. Meu amor… esse é um destino com o qual nem você nem eu teremos que nos preocupar jamais.

Recobrando a compostura, relanceou na direção da sua BMW. Pensou que talvez devesse dirigir. Isso reduziria o tempo da refeição uns vinte minutos, considerando-se que ele "tinha" que estar de volta para a abertura da boate. No fim, porém, simplesmente se desmaterializou pela cidade até o canto mais distante do estacionamento do Sal's. Haviam limpado a pouca neve até então daquela faixa asfaltada, e as beiradas brancas pareciam a decoração de um bolo de glacê. Havia alguns carros estacionados, mais próximos à entrada do restaurante, e luzes estavam acesas tanto nos postes da rua quanto nas laterais do estabelecimento.

Andando até o toldo da entrada, bateu os sapatos no capacho e avançou pelo tapete vermelho dos três degraus até a porta.

Ao entrar, pensou que era uma pena que tivesse que lidar com Lassiter. De outro modo, talvez tivesse meia chance de apreciar o que quer que fosse comer.

– Olá, senhor Latimer.

– Boa noite.

Trez levantou a mão para a humana que estava no posto de recepcionista. Quando os olhos dela fizeram uma varredura rápida dele, o sorriso foi uma sugestão de que adoraria terminar a noite com ele. Mas ela se manteve distante.

Sua reputação de não estar ficando com as damas o precedia. Obrigado, iAm.

Passando pela seção de souvenires com seus freezers cheios de entrada e copinhos de *shot* e colheres decorativas – sim, porque as pessoas viajavam só para virem ao Sal's – seguiu até a área do bar.

– Senhor Latimer, e aí?

O barman era um cara boa pinta de vinte e poucos, sensual o bastante para ser modelo de perfumes da Gucci ou da Armani: cabelos escuros, queixo forte, olhos azuis claros, ombros largos, blá-blá-blá. Ele trabalhava na shAdoWs nas suas noites de folga e travava muitos negócios com as fêmeas da sua espécie – e dava pra ver que ele gostava do seu posto como "Cara Gostoso das Boates de Caldie".

Ele deveria aproveitar enquanto aquilo durasse.

– Olá, Geo.

Pois é, porque um cara com aquela fachada não poderia jamais ser chamado pelo seu nome de batismo. Que era George.

– O de sempre? – Geo perguntou. – Vai ficar para jantar?

– Sim para o jantar, não para a bebida. Mas obrigado.

– O chefe está no escritório.

– Valeu.

Trez empurrou as portas vai e vem acolchoadas ao lado das prateleiras espelhadas de bebida, e entrou na cozinha bem iluminada, onde todas as bancadas de aço inoxidável e equipamentos industriais reluziam por ser limpados com regularidade. Os ladrilhos do piso eram num tom de terracota dos telhados de Siena, e *chefs* com seus dólmãs tradicionais se inclinavam por cima de panelas, tábuas de corte e tigelas. Todos os cozinheiros eram homens, e todos eram de origem italiana, mas com o passar do tempo, iAm pensava em alterar a primeira coisa, mas não a segunda.

Bom Deus, que aroma delicioso… Cebolas, manjericão, orégano, tomates, e linguiças salteando nos queimadores.

Maldição, detestava pensar que Lassiter pudesse ter razão em alguma coisa. Só que, merda, estava faminto.

O escritório de iAm ficava nos fundos, e quando Trez fez a curva, o fato de haver uma vampira na soleira da porta com as costas para ele não lhe pareceu nada significante. iAm contratava com frequência membros da espécie, ainda mais nos meses de inverno quando escurecia lá pelas quatro e meia da tarde no norte do Estado de Nova York. Sim, Trez ficou vagamente ciente de que o

cheiro dela era diferente e agradável, mas nada diferente do que se tivesse passado por um buquê de flores.

Tudo isso começou a mudar quando apareceu atrás dela e olhou para o irmão por cima da cabeça dela.

iAm estava sentado à mesa, o corpo um tanto pálido, os olhos arregalados, a boca aberta.

– Tudo bem aí? – Trez perguntou. – O que…

iAm começou a sacudir a cabeça, as palmas se erguendo enquanto se colocava de pé. Mas logo tudo isso foi esquecido – junto com cada momento do passado, do presente e do futuro – quando a fêmea se virou para trás.

Trez tropeçou para trás até quase se chocar contra a parede – e logo se viu levantando os braços como se fosse para se proteger de algum golpe. Através do X que seus pulsos formaram, ele notou os olhos dela, os lábios, o nariz… os cabelos… a garganta e os ombros… o corpo…

Selena…

Essa foi a última coisa da qual se lembrou.

CAPÍTULO 17

Algum tempo depois, tendo se exaurido após a partida da ama-seca, Xcor caiu no chão frio e duro do lado externo do chalé. Não havia mais ar em seus pulmões para gritar, nenhuma força para lutar contra a corrente que o mantinha prisioneiro, nenhuma vontade de reclamar por ter sido

deixado para trás.

Enquanto uma resignação entorpecente se acomodava em seu peito, o corpo começou a esfriar. Não… era por causa do vento. Com a ausência do esforço, sua temperatura diminuía pelas rajadas frígidas do mês de dezembro, e ele sabia que teria que buscar abrigo ou acabaria perecendo. Pegando o manto do chão, passou o peso imundo ao redor dos ombros e deixou que o corpo tremesse por um instante. Em seguida, pôs-se de pé e, esticando-se o máximo que a extensão da corrente permitia, olhou ao redor do chalé. A porta ainda estava aberta e ele imaginou poder sentir o calor que emanava por ela – mas isso era mentira, uma maquinação da memória mais do que a realidade, pois o fogo há tempos se apagara.

Seus olhos seguiram para o horizonte. Por entre o tronco fino e a copa peluda do pinheiro, ele viu que a aurora logo chegaria, pois o brilho se agrupava a leste, afastando a escuridão. Haveria um pouco de calor com a subida do Sol, mas nenhuma preocupação, pois, como pré-trans, ele não tinha que se preocupar em ser consumido pela luz do dia. Fome e sede, contudo, eram preocupações que deveriam ser consideradas caso desejasse viver. Sem nenhuma reserva de gordura, e uma garganta seca, ele não duraria muito, ainda mais no clima invernal.

Xcor tentou uma última vez remover a coleira de couro do pescoço, mas teve que abortar seus esforços em seguida. Tentara tantas vezes se livrar que

o sangue escorria pelos ferimentos provocados por suas unhas e puxar mais seria penoso demais.

Ninguém do vilarejo o ajudaria. Ninguém o fizera antes…

A mudança de uma sombra fez com que seus olhos se voltassem para a luz crescente a leste, através da moita de framboesas adiante.

O que quer que tivesse se movido parou assim que ele se virou. Mas, em seguida, uma segunda sombra se aproximou de outra direção.

Lobos.

Santa Virgem Escriba… os lobos o encontraram.

Com o coração acelerado, Xcor olhou ao redor em pânico. Estivera esperando que o encontrassem, e talvez tivessem se aproximando agora que se calara.

Em vão, procurou por alguma arma, algo que pudesse usar para se proteger…

A pedra que chamou sua atenção estava ao alcance, caso se inclinasse sobre a corrente, mas ela pesava mais do que ele conseguiria lidar com facilidade ao tentar suspendê-la. Grunhindo, esforçando-se, usando as últimas reservas de força, levantou-a…

Um rosnado surgiu baixo, vindo da moita, e ele teve a sensação de que os lobos estavam brincando com ele, alertando-o de modo a talvez querer fugir e, assim, dar-lhes um pouco de diversão antes que ele se transformasse no

desjejum deles.

Em frenesi de pavor, ele recuou…

Um galho se partiu debaixo do peso de um dos animais. E depois outro.

Não havia a menor possibilidade de ele alcançar a porta e se fechar ali dentro, nenhuma maneira de subir no telhado ou…

Virando-se, ele olhou para a janela suja. Conforme os lobos se aproximavam, com a agressividade se avolumando, Xcor cerrou os dentes e suspendeu a pedra acima da cabeça. Com uma descarga de energia que nem sabia possuir, lançou a pedra com toda força de que dispunha na direção daquela janela.

O vidro se quebrou, e então ele recuou, levantando o braço para se proteger dos cacos. Não havia mais tempo para pensar. Incentivados pelo impacto, os predadores o caçaram e se projetaram para atacá-lo, com seus os olhos amarelos e dentes pontiagudos e corpos poderosos.

Xcor saltou o mais alto que conseguiu, agarrou-se na parte inferior do caixilho e se lançou para dentro do chalé – e bem quando ele aterrissava numa pilha de ossos a um palmo de distância de seu catre, os lobos se chocaram contra a parede externa, arranhando com as unhas e ladrando furiosos para a escotilha pela qual ele escapara, os rosnados agora de frustração.

A porta ainda estava escancarada.

Colocando-se de joelhos, ele se arrastou pelo piso nu, espalhando tigelas vazias e utensílios.

A corrente terminou antes que ele chegasse ao seu alvo, e ele foi puxado para trás, os pés se projetando à frente mesmo quando a parte superior do seu corpo parou de pronto. E foi nesse instante que o líder da matilha apareceu entre os batentes da porta. O caçador lupino era do tamanho de um cavalo pequeno, e seus dentes eram como adagas entrelaçadas. Com os lábios recuados e a baba se avolumando sobre as patas dianteiras, ela fazia com que os demais parecessem filhotinhos.

Sorrindo. Ele estava lhe sorrindo.

Xcor relanceou para a porta que estava projetada num ângulo para dentro do chalé.

Em seguida, moveu-se com tanta rapidez que nem havia tomado ciência da decisão de agir. Caiu de frente, apoiando as mãos ensanguentadas no chão e girou as pernas num círculo… apanhando a porta sem nem um centímetro de folga.

A porta se fechou num baque e o mecanismo de tranca se ajustou ao seu lugar no mesmo segundo em que o imenso lobo saltava adiante no ar.

O animal se chocou contra a madeira que a porta sacudiu nas dobradiças de metal que a sustentavam no lugar. Mas se mantiveram firmes. Elas seguraram a porta.

Tremendo de terror, Xcor se enrolou sobre si mesmo, levando os joelhos para junto do peito. Levou as mãos ensanguentadas para a cabeça, cobriu os ouvidos e começou a chorar, com o som dos lobos ecoando dentro do seu crânio…

E foi nessa hora que o fantasma apareceu.

Ela se achegou dele através das paredes do chalé, passando pelo que era sólido com a presteza do ar parado.

Xcor piscou em meio às lágrimas, observado as vestes brancas e os longos cabelos loiros… e o rosto que era tão belo quanto um sonho.

No silêncio, o espectro flanou até ele, mas ele não sentia medo. Como algo tão adorável poderia feri-lo?

E, então, ele percebeu que os lobos já não estavam mais ali. Como se ela os tivesse mandado embora.

Estou seguro , *ele pensou consigo.* Com ela, apenas com ela, eu estou seguro …

E o maldito Oscar vai para…?

Quando Vishous retomou a forma na floresta a alguma distância de Layla, quase acendeu um cigarro. Ficara contra o vento em relação a ela em cada uma das paradas que ela fizera, e ela estava tão distraída que ele duvidava que fosse notar qualquer tipo de chama ou a ponta de seu cigarro acesa… mas não, melhor não.

Chegaram até ali, e estavam tão perto de terminar, não estavam?

A Escolhida estava a uns bons trinta metros adiante, a veste branca se destacando na floresta como uma espécie de farol. E sabem do que mais, algo chamou a atenção dela e ela prosseguia lentamente na direção do que quer que fosse, a cabeça inclinada para baixo, como se estivesse concentrada no chão da floresta.

Sorriu para si mesmo. O truque mais velho que existia. Pegue uma pessoa da qual você quer algo, acesse as emoções dessa pessoa, usando a cabeça, mexa em uma série de manoplas – e encontre o maldito bastardo que está procurando porque a dita fêmea o leva direto até ele. Xcor foge e desaparece. Layla tem o seu sangue nas veias dele. Ela está se sentindo culpada, sozinha, e está com medo, uma vítima alienada das circunstâncias. O trabalho de V.? Emprestar um suposto ouvido amigo, oferecer um pouco de compreensão de modo aparentemente sincero, e dar-lhe um projeto, de modo que, quando ela pisasse naquela varanda e sentisse o próprio eco em algum lugar do mundo, ela acabaria seguindo seu impulso de ir ajudar o macho a quem amava.

Se V. sabia com certeza que ela sairia, ficaria na neve e cheiraria o ar?

Não, mas era um palpite bom o bastante considerando-se o quanto ela se sentira sufocada naquela cozinha. Dera-lhe seu celular com a esperança de que ela o colocasse no bolso e o levasse para onde quer que fosse a fim de que ele a localizasse através do sinal de GPS do seu aparelho? Claro.

Desapontara-se quando ela o deixara para trás? Com certeza. Compensara isso porque, sendo um Irmão cuja companheira não podia alimentá-lo, ele tomara a veia de Layla antes da gravidez para sobreviver e se concentrara para rastreá-la? Certamente. Seguira-a até ali?

#feito

Não, não tivera certeza que Xcor ainda estava vivo. Assim como não estivera cem por cento seguro que a Escolhida de fato iria atrás do cara depois de tê-lo sentido. Mas, às vezes, valia a pena apostar nos dados.

E, ao que tudo levava a crer, os seus resultaram em dois seis.

Mas à frente, Layla parou. E lentamente se ajoelhou.

Bingo.

Vishous se desmaterializou até mais perto, escondendo-se atrás do tronco de um velho carvalho. E, ao se concentrar na fêmea, levou a mão para dentro da jaqueta de couro e empurrou o cabo da sua 40 mm.

Ela se inclinava sobre o que parecia ser apenas um monte de neve – e V. fez o mesmo contra a árvore, que, na verdade não o ajudou em nada para enxergar melhor.

Não era um monte de neve. Nada disso. Ele estava se movendo, cacete.

Ora, ora, o que temos aqui: debaixo da cobertura gélida da neve, havia um macho nu quase morto, os flocos de neve haviam sido lançados contras as costas do corpo encurvado dele.

Franzindo o cenho, V. olhou para cima e mediu o céu. Como diabos foi que Xcor conseguiu sobreviver ao dia? Em retrospecto, as nuvens pesadas eram muito diferentes de uma cortina de veludo diante de uma janela? Qualquer vampiro que estivesse de posse das suas faculdades mentais procuraria um teto e quatro paredes para se proteger do meio-dia, mas se você já está à beira da morte, sem dúvida você só deita onde está mesmo e reza para alguém, para qualquer pessoa, a fim de ter sorte.

E, evidentemente, Xcor tivera.

Mas agora essa sorte de vencedor chegava ao fim, Vishous pensou ao se desmaterializar até mais perto, pronto para tomar conta da situação.

E foi então que conseguiu visualizar o rosto de Xcor.

Cinzento. Bem cinzento. Mas os olhos do guerreiro estavam abertos e ele fitava Layla como se ela fosse uma aparição… Um milagre vindo a ele do Outro Lado.

Ele estava chorando. Lágrimas rolavam pelo rosto emaciando dele, e quando ele estendeu a mão para tocar nela, neve caiu dos braços.

Layla capturou a mão dele e a levou até o coração. Numa voz estrangulada, sussurrou:

– Você está vivo…

Xcor tentou falar, mas só um grasnido soou.

E isso pareceu energizá-la.

– Tenho que salvá-lo…

– Não. – Isso foi dito com clareza. – Deixe-me estar. Vá…

– Você não vai morrer aqui.

– Deixe-me. – Layla tentou falar, mas Xcor não permitiu, falando numa voz fraca e aguda. – Estou feliz agora… Levarei sua memória comigo… para o *Dhunhd*…

Layla começou a chorar sobre o macho, cobrindo o corpo tampado pela neve com o seu.

– Não, nós podemos salvá-lo. Tenho que salvá-lo…

Já chega, V. pensou. Hora de fazer o seu trabalho.

O que estava testemunhando agora era apenas um monte de asneira sentimental, irrelevante para o problema que tinha em mãos – e que não mudara em nada apesar de o par ali estar atuando como Kate e Leo depois de aquele maldito navio ter afundado.

Cara, ainda bem que era ele quem estava ali para dar um jeito na coisa, porque qualquer um dos seus irmãos poderia ter hesitado diante daquela cena. Todavia, seu estofo era mais firme do que isso, e não, não que ele estivesse bravo com Layla ou quisesse vingança ou sentisse alguma hostilidade em especial por Xcor.

Infernos, no estado em que o bastardo estava, seria o mesmo que perder tempo odiando um bloco de gelo seco.

Não, ele estava ali apenas para dar um jeito na merda que Qhuinn fizera na Tumba quando Xcor, de algum modo, levara a melhor e trancara o tolo ali dentro. V. mandaria Layla de volta para casa e depois sacrificaria Xcor como se fosse um cachorro, ali mesmo, naquela hora.

Porque, fala sério, chega de bobagem. Uma bala na cabeça, e aquele desperdício de energia e foco acabaria para a Irmandade. Sim, claro, até poderiam torturar o maldito se conseguissem torná-lo viável de novo com outro milagre médico. Mas o Bando de Bastardos não era um bando de idiotas. Tiveram trinta dias para se reagruparem, realocarem, e se distanciarem do líder desaparecido. Xcor não teria nenhuma informação útil para dar, e no que se referia a Tohr e ao direito dele de matá-lo? Aquele irmão já estava no limiar da loucura. Matar Xcor só faria com que ele afundasse ainda mais, não o tiraria de onde se encontrava agora.

Além disso, a guerra chegava a um ponto crítico. A Sociedade Redutora estava em colapso, mas Ômega não iria a parte alguma, não a menos que alguém o deslocasse à força – e isso era o trabalho de Butch, pelo menos de acordo com a Profecia do *Dhestroyer*: depois de todos esses anos de combate, o fim estava próximo – e a Irmandade precisava regressar à sua função principal de eliminar o verdadeiro inimigo da raça.

Em vez de se desviar por esse grupo derrotado de vigilantes que de todo modo já fora castrado.

V. estava tomando uma decisão executiva naquilo.

Hora de acabar logo com tudo isso, certo.

Levantando o cano da pistola, saiu de trás da árvore.

CAPÍTULO 18

Deitada sobre o corpo nu e frio de Xcor, Layla estava desesperada para aquecê-lo, tirá-lo da floresta, dar-lhe alimento e água. Como é que ele ainda estava vivo? Como sobrevivera à passassem de sequer uma hora naquelas condições, quanto mais um dia inteiro? Santa Virgem Escriba, ele estava tão frio que tremia, o tronco, os braços, as pernas estavam congeladas com a obstinação de uma estátua, o rosto barbado retorcido de sofrimento.

– Temos que tirá-lo daqui – ela disse com urgência. – Você pode tomar a minha veia, e depois que estivermos a salvo, nós… Não sei, nós teremos que convencê-los a…

Abruptamente, ela se lembrou de Vishous lhe dizendo que Xcor deixara a chave dos portões para trás quando escapara da Tumba. Por certo isso devia significar alguma coisa, não? Se ele quisesse fazer o mal, ou retaliar, ele a teria levado consigo, certo? E a Irmandade devia saber disso, tinha que interpretar isso como um sinal de paz… correto?

– Precisamos…

– Layla. – A voz frágil de Xcor era urgente. – Layla, olhe para mim…

Ela sacudiu a cabeça ao se sentar, afastando-se dele.

– Não há mais tempo! Você está morrendo congelado…

– Shhh… – Os olhos azuis marinhos se suavizaram. – Estou aquecido na alma com você diante de mim. Isso é só o que preciso.

– Por favor, tome a minha veia. Por favor…

– Este é um bom modo de morrer, nos seus braços. Uma morte melhor do que a que mereço, certamente. – Contra tudo o que era sensato, os lábios dele se curvaram num sorriso. – E tenho algo que preciso lhe dizer…

– Você não vai morrer, não vou permitir…

– Eu te amo.

A respiração de Layla ficou suspensa.

– O quê…?

O sorriso moribundo se tornou algo desejoso. Ou talvez venerador fosse uma palavra mais adequada.

– Como todo o meu coração negro e deformado, eu te amo, minha fêmea. Não mereço a terra sob seus pés, nem o seu perfume em minhas narinas, e jamais a dádiva do seu sangue, mas eu… eu serei eternamente grato pela mudança que provocou em mim. Você me salvou, e a única coisa maior que o meu amor por você é a minha gratidão.

Ele falou rapidamente no Antigo Idioma, como se soubesse que estava ficando sem tempo.

– Estou em paz e eu te amo, Layla. – Xcor levantou o braço, suspendendo a mão enrijecida até o rosto dela. Quando resvalou sua face, ela arquejou com o tanto que a pele dele estava fria. – E agora eu posso ir…

– Não, por favor, não…

– Eu posso ir.

Aquele sorriso dele a atormentaria pelo resto da vida: ele devia estar sentindo dores excruciantes, todavia a paz o cercava, emanando dele. De sua parte? Era o total oposto. Não havia paz para ela; caso ele sobrevivesse, teriam uma briga imensa pela frente. E se morresse? Ele levaria uma parte sua para o Outro Lado também.

– Xcor, *por favor*…

– É melhor assim.

– Não, não, não é. Não me deixe.

– Você me deixará partir. – O tom dele se tornou sério. – Sairá daqui com a cabeça erguida, sabendo que foi honrada e adorada, mesmo que apenas por alguém como eu. Deixará que eu me vá e viverá a sua vida com seus filhos e encontrará alguém de valor para você.

– Não diga isso! – Layla enxugou as lágrimas do rosto com impaciência. – Podemos remediar isto.

– Não, não podemos. Você tem que me deixar partir e depois sairá desta floresta, livre do pecado que levei à sua vida. A culpa foi, e é, toda minha,

Layla. Você nunca fez nada de errado, e tem que saber que está melhor e mais segura sem mim.

Ela se inclinou à frente uma vez mais e afastou-lhe os cabelos emaranhados da testa. Relembrando a raiva de Qhuinn e a questão com seus gêmeos, era difícil argumentar contra essas palavras. Por mais que morresse por perdê-lo, era impossível contradizer o caos que Xcor trouxera à sua vida.

– Prometa-me que seguirá com a sua vida – ele exigiu. – Não posso ficar em paz a menos que jure isso.

Ela levou as mãos ao rosto.

– Sinto como se eu estivesse me quebrando ao meio.

– Não, não… Esta é uma noite de alegria. Eu quis lhe dizer a verdade por tanto tempo, mas nunca era a hora certa. Primeiro porque neguei isso a mim mesmo, depois porque lutei contra isto e a mandei embora. Agora que estou partindo da minha existência mortal, porém, estou livre – mas, mais importante, você também está. Não haveria um bom final para nós, Layla, meu amor. Contudo, haverá um bom final para você. E você será perdoada pela Irmandade, pois eles são corretos e justos, e sabem que eu sou o mau, e você não o é. Você partirá e será a *mahmen* que sempre deveria ter sido, e encontrará um macho a sua altura, eu prometo. Sou apenas um obstáculo no seu destino, algo a ser superado e esquecido. Você irá em frente, meu amor, e eu cuidarei de você.

Layla abriu a boca para falar, mas então ele tossiu um pouco, gemeu e estremeceu.

– Xcor?

Ele inspirou fundo e abaixou as pálpebras.

– Eu te amo…

Quando a voz se perdeu foi como se a força vital dele o tivesse abandonado de uma vez, a forma corpórea foi desinflando, a energia se consumindo.

Ela sequer percebera que ele havia levantado a cabeça que agora voltava a repousar na neve. Em seguida, mais uma daquelas respirações estremecidas, e a luz nos olhos dele se embaçou ainda mais.

Mas ele permaneceu em paz. Ele parecia…

O estalo de um galho bem diante dela fez com que ela levantasse a cabeça e arquejasse.

Bem diante deles, com as botas afastadas e plantadas na neve, com uma arma em punho… estava o Irmão Vishous.

E o rosto dele estava tão impassível e controlado que era como se ele fosse um carrasco de máscara.

Xcor sentiu como se estivesse debaixo d’água. Suas condições físicas já tão debilitadas pela exposição ao frio e aos elementos que o fazia pensar que estava nadando sob uma superfície incerta contra uma corrente poderosa só

para se agarrar à consciência – e não duraria muito mais. Sua mensagem para Layla fora de importância suficiente para lhe dar forças extras, mas assim que as palavras foram ditas, ele começou a declinar rapidamente.

Porém, o lindo rosto dela… Ah, mas que rosto maravilhoso.

Ele estava satisfeito por nunca terem feito amor. Isso teria sido egoísmo da sua parte, uma sessão de paixão que certamente a macularia pelo resto da vida. Melhor que ela continuasse imaculada para o macho que verdadeiramente a clamaria para si.

Ainda que, Santa Virgem Escriba, ele morria só de pensar nisso.

Mas, céus, amava-a tanto a ponto de deixá-la e desejar-lhe o melhor que a vida tinha a lhe oferecer – e sua sensatez quanto a esse assunto, imaginou ele, era a coisa mais generosa que já havia feito na vida.

Talvez a única coisa generosa.

– Eu te amo – sussurrou.

Ele quis que isso tivesse sido pronunciado mais alto, mas estava perdendo a batalha contra o oxigênio em seus pulmões – portanto, para conservar as forças e lhe dar um pouco mais de tempo, ele parou de tentar falar e se contentou em apenas fitá-la. Engraçado como ele misturara a chegada dela ali na floresta com aquela lembrança do passado, seu cérebro colocando-a como uma salvadora naquela lembrança terrível.

Em retrospecto, quer na vida real ou numa ficção relativa da sua memória,

ela era sua deusa e seu milagre – na verdade, até sua salvadora, apesar do fato de ele não sobreviver a isto. E tinha tanta sorte por ter…

No instante em que os olhos dela se moveram para algo que a alertou e assustou, ele se sentiu energizado com um propósito, o corpo reagindo como o de qualquer macho vinculado, os músculos preparados para defender e proteger mesmo se o que tivesse aparecido ali fosse simplesmente um cervo desgarrado.

No entanto, essa foi a extensão da sua reação, seus instintos tentando mobilizar o que já não podia se mexer. Entretanto, ele conseguiu virar a cabeça bem de leve e desviar o olhar.

De tal modo a poder enxergar seu assassino – desde que a natureza não fosse mais rápida que o Irmão Vishous. E, considerando-se aquela arma, qual seria essa probabilidade?

Pela visão periférica, Xcor percebeu Layla levantando as mãos e se levantando.

– Vishous, por favor, não…

Xcor encontrou sua voz uma vez mais.

– Não na frente dela. Não faça isso na frente dela se você tiver alguma decência. Mande-a embora e depois me mate.

Layla voltou a se agachar diante dele, estendo os braços para proteger seu corpo.

– Ele é um bom macho. Por favor, eu lhe imploro.

Com esforço supremo que quase o fez desmaiar, Xcor se virou para fitar os olhos diamantinos do Irmão, e enquanto os dois se encaravam, Layla continuou a suplicar por uma vida que não merecia ser salva.

– Pare, meu amor – Xcor lhe disse. – E agora nos deixe. Estou em paz, e ele fará o que trará paz para a Irmandade. Sou culpado de traição e isso apagará a mancha que causei em sua vida e na deles. Minha morte a liberta, meu amor. Aceite este presente que o destino nos deu.

Layla enxugou novamente o rosto.

– Por favor, Vishous. Você disse que me entendia. Disse que…

– Só não na frente dela – Xcor exigiu. – O último pedido de um criminoso. Uma oportunidade para você provar que é um macho melhor do que eu sou.

A voz de Vishous foi forte como um trovão comparada à fragilidade de Xcor.

– Eu já sei que sou melhor do que você, babaca. – O Irmão olhou para Layla. – Saia daqui. Agora.

– Vishous, eu lhe imploro…

– Layla. Não vou pedir de novo. Você sabe muito bem o que tem a perder, e sugiro que pense naqueles seus dois filhos. Você já tem problemas pra cacete por enquanto.

Xcor fechou os olhos com tristeza.

– Eu sinto muito, meu amor, por eu tê-la arrastado para isto.

Existiram apenas duas fêmeas importantes em sua vida: sua *mahmen*, que o desertara em todas as instâncias… E sua Escolhida, a quem ele magoara de tantos modos.

Ele fora uma maldição para ambas, no fim das contas.

– Vishous, por favor – Layla implorou. – Você me disse que ele não era mau. Você…

– Eu menti – o Irmão murmurou. – Menti pra cacete. Portanto, saia. *Agora*.

CAPÍTULO 19

Trez recobrou a consciência e se viu fitando o teto liso pintado de branco. Espere… Todos os tetos não eram, por definição, lisos? Não, na verdade, não. Havia aqueles com texturas que o pessoal dos anos 1970 tanto gostava, aqueles que pareciam decoração de bolo ao estilo antigo. E também existiam os tetos das cavernas, imaginou ele… Bem cheios de calombos. Teatros às vezes tinham uns degraus elevados que ajudavam na acústica… Espere um instante, qual foi mesmo a pergunta?

Piscando, ele tomou consciência de uma dor na parte posterior do crânio… O rosto do irmão, tão familiar quanto o seu, apareceu no seu campo de visão pondo um fim ao debate sobre tetos.

– E aí, tudo em cima? – iAm perguntou.

– O que aconteceu? Por que eu… – Trez foi se sentar, mas desistiu quando

a cabeça começou a latejar atrás. – Porra, como isso dói.

Pois é, e também havia o lugar em que a arma se chocara com a lombar.

Devia mesmo começar a pensar em mantê-la num coldre sob o braço. Mas, pensando bem, quando foi a última vez que desmaiou como uma dama da época vitoriana?

– Você está bem? – iAm perguntou.

– Não, estou ótimo pra cacete. – Beleza, pelo menos sabia que parte do córtex cerebral responsável pelas imprecações estava funcionando a contento.

– Não sei o que me atingiu. Eu fiz a curva e…

Bem quando se lembrou da fêmea na soleira da porta do escritório de iAm, ele se sentou e virou a cabeça… E lá estava ela, contra a parede do corredor estreito, os braços em volta da cintura, o rosto todo tenso.

O rosto da *Selena* todo tenso.

– Deixe-nos – Trez disse rouco.

Ela se curvou um pouco.

– Sim, claro, eu…

– Não você. Ele.

iAm colocou o rosto dele na frente de Trez para que ele não a enxergasse.

– Escuta aqui, nós precisamos…

– Dá o fora! – Quando Trez estrepitou, a fêmea se retraiu, e isso provavelmente era a única coisa que o faria diminuir um pouco o tom. – Só…

me deixe falar com ela.

A fêmea… sua Selena… mostrou as palmas.

– É melhor eu ir mesmo, já estou me sentindo bem mal com isso.

Trez fechou os olhos e oscilou. A voz dela. Aquela *voz*. Era aquela que vinha atormentando-o, noite e dia, no mesmo volume, na mesma entonação, com uma leve rouquidão, a…

– Ele vai desmaiar de novo? – ela perguntou.

– Não – iAm murmurou. – A menos, é claro, que eu o acerte com uma frigideira. O que me parece uma boa ideia no momento.

Trez abriu os olhos de novo, porque subitamente estava se sentindo paranoico.

– Isto é um sonho? Estou sonhando?

A fêmea olhou de um a outro como se esperasse que iAm criasse coragem para responder a isso.

– Eu só quero conversar com você – Trez lhe disse.

– Espere por mim na cozinha por um segundo, sim – iAm pediu à fêmea. E antes que Trez conseguisse montar no cavalo de novo, o cara o interrompeu.

– Ela vai conversar com você, mas só se ela quiser. Não vou obrigá-la, e qualquer que seja o resultado disto, você vai me ouvir primeiro.

A fêmea deu uma última olhada em Trez e assentiu antes de se afastar.

– Quem é ela? – Trez perguntou emocionado. – De onde ela veio?

– Não é Selena. – iAm se levantou e ficou andando de um lado a outro. O que resultava em três passos numa direção, uma virada e dois de volta até Trez. – Ela *não* é a sua fêmea.

– Ela é Selena…

– Não, de acordo como currículo dela… – iAm entrou no escritório, se inclinou sobre a escrivaninha e pegou uma única folha. – O nome dela é Therese, e acabou de se mudar para Caldwell. Está procurando um emprego como garçonete e quer se fixar aqui.

Quando o irmão estendeu a folha para ele, Trez encarou a A4 e ficou se perguntando se conseguiria se lembrar de como ler.

– Não entendo – murmurou. – Ela se parece exatamente com a Selena. E a voz dela…

Pegou o currículo e os olhos ficaram brincando de *paintball* com as palavras, somente acertando algumas delas. Detroit, Michigan. Trinta e quatro anos. Alguns empregos ao longo das últimas décadas, alguns em TI, outros no serviço de alimentos. Nenhuma menção à linhagem dela, mas ela não teria mencionado essa coisa se estivesse também tentando empregos com humanos. Evidentemente, porém, ela tinha que ser uma civil, e não um membro da *glymera*, porque os aristocratas não permitiam que suas filhas solteiras solicitassem empregos de garçonete.

Ah, Deus… e se ela fosse comprometida?

– Ela *não* é Selena. – O rosto de iAm estava sério. – Não me importo com quem ela se pareça, esta não é a sua companheira morta voltando para você.

Therese estava na entrada da cozinha fervilhante e ficou se perguntando se simplesmente não deveria ir embora.

Encontrara aquela vaga de emprego num grupo fechado para vampiros no Facebook e enviara o resumo por e-mail. Também estava tentando outras duas vagas, uma num call-center de humanos para o horário noturno, e outro em uma empresa de processamento de dados, no qual poderia trabalhar de casa. Dos três, aquela vaga como garçonete era a sua primeira escolha, porque o call-center não garantia um salário fixo e o de processamento de dados seria complicado porque a casa em que estava, a única que podia bancar, não tinha sistema de Wi-Fi.

Mal tinha água encanada, pelo amor de Deus.

Encarando o chão, pensou no gigantesco macho desmaiando bem diante dela, aterrissando bem onde ela estivera. Inacreditável. E por mais que o dramalhão garantisse que o proprietário do restaurante se lembraria de quem ela era, isso não seria um motivo para ajudá-la a conseguir o emprego.

Não a menos que estivesse procurando por pessoas que inspirassem outras a desmaiar.

Crispando as feições, visualizou o macho que batera no chão, o rosto dele, os olhos… o corpo. Ele era, de fato, extraordinário. Mas uma louca atração

por um cara que não conseguia ficar de pé não era o motivo da sua ida até ali. Um emprego. Precisava de um emprego de modo que suas economias, mínimas como eram, não acabariam antes do fim do mês.

Não havia como voltar de onde viera. Não retornaria ao Michigan…

O proprietário apareceu na virada do corredor e inspirou fundo.

– Então, é o seguinte…

– Não quero causar nenhum problema nem nada assim. – Mesmo sem saber exatamente o que havia feito. – Eu posso simplesmente… ir embora, sabe…

O proprietário desviou o olhar, parecendo se concentrar na fila de *chefs* preparando ambrosia junto aos fogões.

– Não é culpa sua. Meu irmão… ele passou por muita coisa.

– Sinto muito.

O proprietário esfregou o alto da cabeça, os cabelos quase raspados não se realinhando nem um pouco. Ele era um Sombra, assim como o irmão – claro, oras –, com aquelas lindas feições dos Sombra e a pele escura. Mas era ao outro que ela desejava.

Espere. Não, ela não o desejava.

– Ele vai ficar bem? – perguntou num rompante. – Parece que ele está precisando de um médico.

– Temos um médico particular que podemos consultar.

Therese ergueu as sobrancelhas.

– Ah.

– É só que… você se parece…

O macho em questão entrou na cozinha. Deus, ele era tão grande, com os ombros pesados de tantos músculos, e o peito era acolchoado com força, e as pernas eram longas e poderosas. Bonito? Pois é, mas na verdade, lindo demais, com aqueles lábios, especialmente o inferior, e aquele rosto com tez escura. Ele usava calças brancas, uma camisa de seda cinza e um casaco preto, e parecia… luxuoso e sexy… Caramba, aqueles sapatos deviam custar mais do que o quartinho que ela alugava.

Por, sei lá, uns seis meses.

Os olhos, porém, os olhos eram o que verdadeiramente lhe chamava a atenção. Eram escuros como a noite, mas quente como o fogo – e ele a encarava como se ela fosse a única coisa existente no mundo… O que não fazia muito sentido. Ela não era feia, mas não era nenhuma rainha da beleza, e nem estava muito bem arrumada.

– Posso só… falar com você por um segundo? – ele perguntou.

Não era uma exigência. Nada disso. Na verdade, havia um sofrimento naquela voz que sugeria que ele estava à mercê dela de alguma maneira.

– Ah… as suas pupilas estão com tamanhos diferentes. – Therese apontou para a esquerda. – Acho que você precisa de um médico em vez de conversar

com alguém que não esteja de jaleco.

– Tudo bem. Pode me levar até o Havers?

– Quem é ele?

– O nosso médico aqui em Caldwell.

Therese piscou.

– Não tenho um carro.

– Podemos levar o dele. – O macho apontou para o irmão e estendeu a mão para o cara. – Me dá as chaves.

O dono do restaurante revirou os olhos.

– Não, eu te levo…

– Está tudo bem – Therese se ouviu responder. – Não tenho outros planos para esta noite, e, de um jeito estranho, me sinto meio que responsável.

Mais tarde, ela teria que se perguntar exatamente por que se prontificara. Afinal, o cara poderia ser um perseguidor em busca da sua próxima vítima, algum tipo de desajustado mental numa cidade em que ela não conhecia ninguém e não tinha a quem procurar caso desse o passo maior que a perna. Mas seus instintos lhe diziam que ela não estava correndo perigo.

Claro, no fim se veria que essa pressuposição estava errada, não porque ele representasse alguma ameaça para ela. Não, foi um perigo de outra natureza que ele, no fim, lhe trouxe.

Algumas vezes, porém, para que o destino pudesse trabalhar, ele garantia

que você entraria às cegas em algumas situações. De outro modo, você viraria o volante e apertaria o pedal do freio… evitando seu destino como se fosse uma peste.

– Perfeito – o macho disse num tom baixo. – Isso é simplesmente perfeito.

CAPÍTULO 20

Parado pouco mais distante de Layla e Xcor, Vishous estava perdendo sua maldita paciência. Que equivalia a um ladrão deixando de lado seus escrúpulos: não havia muito do que se livrar. Mas, tanto faz.

– Layla – ele ordenou –, dá o fora daqui, porra. Agora.

Deitado no chão da floresta, disse o guerreiro inimigo:

– Vá embora, meu amor.

– E veja se faz isso direito – V. não conseguia acreditar que estava concordando com aquele puto ali no chão. – Volte para a casa segura. Ele saberá se você se distanciou o bastante, e eu vou perguntar pra ele.

– Por favor, poupe-o – Layla pediu ao se pôr de pé. – Por favor…

V. cortou o ar com a pistola, impaciente.

– Preocupe-se com seus filhos, fêmea. Não com um tipo como esse aí.

No fim, Layla fez o que era certo – porque em seu cerne, era uma fêmea de valor. Depois de um último olhar demorado para o bastardo a quem amava, ela assentiu uma vez e fechou os olhos. Demorou um pouco para se desmaterializar, mas isso era esperado. Emoções corriam à solta. Pelo menos

para dois deles.

Quanto a V.? Firme como uma rocha, muito obrigado.

Quando a Escolhida se foi, V. se concentrou no merdinha aos seus pés.

– Ela se foi?

Xcor fechou os olhos.

– Sim, já percorreu uma vasta distância. Honrou o seu pedido.

– Se estiver mentindo para mim, você só estará fodendo com ela.

– A verdade é a única moeda de que disponho agora.

– Ora se você não é um filho da puta milionário.

Quando Vishous se ajoelhou, as botas e a jaqueta rangeram no frio.

– Estou pronto – Xcor murmurou.

V. revelou as presas.

– Estou pouco me fodendo se você está ou não, cretino. Eu não preciso de permissão pra botar uma bala na sua cabeça.

– Sim, você está certo. – O macho sustentou o olhar de V. com firmeza. – Você está no comando.

Com a mão livre, V. pegou um cigarro e o colocou entre os lábios. E teve a intenção de acendê-lo. De verdade. Isso mesmo, rapaz… acenderia o cigarro e depois botaria chumbo no lobo frontal de Xcor quando exalasse a fumaça. Isso mesmo. Uh-hum…

Pois é.

Alguns instantes mais tarde – inferno, talvez aquilo fosse melhor medido em anos – guardou a arma e removeu a luva com forro de chumbo, libertando a coisa dedo a dedo. O brilho da sua maldição era tão claro que deixou Xcor pronto para um close ao estilo de *Crepúsculo dos Deus*, e o primeiro pensamento de V. foi: caceeeete, era melhor se apressar se queria mesmo matar o filho da puta. O bastardo fazia Vincent Price parecer o pôster de propaganda de uma franquia de bronzeamento.

Erguendo seu amiguinho letal, V. acendeu a ponta do cigarro enrolado a mão com o dedo médio e inalou.

Que diabos faria agora?

Ou não faria, como parecia o caso.

Alô?, ele quis dizer para seu saco. Tudo bem, só havia uma bola dentro dele, mas, normalmente, agressão não era um problema para ele.

No entanto, ali estava ele, completamente cercado por ele não atirando no crânio de Xcor.

Ruim, ruim… Isso era muito ruim.

E então as coisas ficaram piores.

Sem se permitir pensar duas vezes a respeito do que estava fazendo, estendeu a mão amaldiçoada sobre o macho nu e moribundo e comandou que a energia fluísse dele para Xcor. Em reação, ondas de calor pulsaram sobre o quase cadáver, a neve nem tanto derretendo, mas secando como quando papel

se curva sobre si mesmo ao contato com uma chama.

Xcor gemeu quando o corpo contorcido começou a afundar na lama criada pelo calor, o gelo no chão da floresta se transformando como se fosse primavera.

E então o bastardo começou a tremer. Conforme o sangue começou a circular com mais facilidade, as extremidades começaram a inchar e tremer, o rigor sendo substituído por uma vitalidade que devia ser tão dolorosa quanto ter a pele dilacerada por uma lâmina enferrujada. Ouvindo os gemidos e fitando os movimentos lentos e retorcidos ali de baixo, V. se lembrou de moscas se chocando contra janelas. Não era uma analogia muito original, só que, cacete, era bem acurada.

– V-v-vishous…

– Que foi.

Os olhos de Xcor estavam injetados e lacrimejantes como o diabo quando ele levantou o olhar.

– Preciso que você… saiba…

– O que.

Demorou um pouco até o bastardo conseguir responder.

– A culpa nunca foi dela. Eu aceito toda a responsabilidade. Nunca foi ela quem instigou os encontros, ela foi uma vítima.

– Que cavalheiro do caralho que você é.

– De que outro modo uma fêmea como ela se aproximaria de um macho como eu?

– Bem pensado.

– E, no fim, eu a libertei. Mandei-a embora para longe de mim.

V. bateu o cigarro na neve.

– Então vou nominá-lo para o Prêmio Nobel da Paz. Feliz assim?

– Eu tive que libertá-la – o macho murmurou. – Era a única saída… eu tive que libertá-la.

Vishous franziu o cenho. Depois sacudiu a cabeça. Mas não porque estivesse discordando daquele merdinha miserável.

Estava tentando tirar uma lembrança da cabeça. Tentando… e no fim fracassando.

Era uma lembrança que parecia pertencer a outra vida. Ele e Jane parados na cozinha do apartamento dela, ele diante do fogão, ela apoiada na bancada. A lembrança era tão nítida que V. conseguia ouvir o barulho do metal da colher batendo na panela de aço inoxidável, o chocolate quente ficando cada vez mais cheiroso conforme o calor era transferido do queimador.

Quando a temperatura chegara ao ponto certo, ele enchera uma caneca e dado a Jane, e depois a encarou nos olhos enquanto ela segurava aquilo que fora preparado para ela. Em seguida, ele limpara a memória de curto prazo dela, tirando dela todo o conhecimento que tinha deles juntos.

Tudo sumiu. O sexo que partilharam. A ligação entre eles. O relacionamento deles.

Apagado como se nunca tivesse existido.

Pelo menos do lado dela.

Do dele? Tudo ficou grudado na memória, e ele não queria que tivesse sido de outro modo. Estivera preparado para suportar a saudade, os anos que viriam sem estarem juntos, a separação da sua outra metade que o teria diminuído para todo o sempre. Não houvera uma alternativa para eles àquela altura. Ela era uma humana com uma vida. Ele era de uma espécie que a dela sequer sabia da existência e que estava envolvida numa guerra na qual ele só poderia acabar morto.

Claro que, então, porque a mãe dele era um osso duro de roer e o destino tinha um perverso senso de humor, tiveram que enfrentar provas piores…

Mesmo ele tendo lutado contra a maré, sua mente se recusou a ter algo negado: de repente, aquela cena da cozinha foi substituída por um evento ainda pior. Jane sendo alvejada, sangrando, morrendo nos seus braços. E depois ele se viu deitado, enroscado sobre si mesmo, na cama, bem parecido a Xcor agora, querendo morrer.

Abruptamente, Vishous teve que desviar o olhar do filho da puta. E teria saído dali se pudesse.

Em vez disso, cerrou os molares e levou a mão que era incapaz de

incendiar carros transformando-os em esculturas modernas até o bolso da jaqueta. Com um esforço hercúleo, dispensou as lembranças e as emoções, expulsando aqueles visitantes indesejáveis com a afabilidade de um leão de chácara limpando a casa antes do fechamento.

Tchauzinho.

Emoções não tinham lugar no grande esquema das coisas. Não mesmo.

Tampouco as lembranças do passado.

Parada na sala de estar da confortável casa segura, Layla estava de fronte a um relógio de parede colocado ali com intenções decorativas. Com ponteiras em arabescos tão compridos quanto seus braços, e números cursivos saídos de um romance de Dickens, era tanto extravagante quanto elegante – e também funcional.

Não estava mais chorando. O rosto ardia e queimava, porém, um resultado combinado de todas aquelas lágrimas enxugadas e do frio que esfoliara a camada mais superficial da pele. E a garganta estava doída. E as pontas dos dedos, todas elas, latejavam por terem tido uma amostra de queimação causada pelo frio.

Vishous fizera uso da carta trunfo, e com razão, como sempre. Se desejava ter a acesso a Lyric e Rhamp, a última coisa que agiria em seu favor era impedir a execução de Xcor.

Ainda mais se fizesse algo desvairado… como se lançar na trajetória da

bala que era direcionada a ele.

O resultado final, contudo, era que sempre escolheria os filhos em detrimento de qualquer um, até de si mesma… e mesmo de Xcor. Mas, ah…

A dor de perder aquele macho. Era transformadora, de verdade, aquela agonia no peito, o tipo de fardo emocional que a fazia pensar que pesava mais e atrapalhava seus movimentos.

A princípio, o som do telefone tocando mal foi percebido. Só quando o objeto se silenciou na cozinha e de imediato voltou a tocar que ela franziu o cenho e olhou ao redor da porta em arco.

O celular que Vishous deixara para ela ficou silencioso. E de pronto voltou a tocar de novo.

Talvez fosse alguém tentando falar com ele para que ele a levasse de volta para ver os filhos?

Apressando-se para a mesa, verificou a tela. Ela estava acesa… com o nome do próprio Vishous.

Ele estava ligando para si mesmo? Não era possível. Neste instante ele devia estar puxando o gatilho…

Quando os olhos começaram a arder e se encher de lágrimas, ela levou as mãos ao rosto. Será que o Irmão trataria os restos mortais de Xcor com respeito? Ela não suportaria se fosse de outro modo…

Os toques cessaram. E quando não retornaram de súbito, ela se virou.

Devia ser algum engano, algum botão apertado sozinho por conta de o corpo ter mudado de posição ou algo assim.

A campainha voltou a tocar pela terceira vez. Ou seria a quarta?

Girando novamente, Layla franziu o cenho e pegou o celular. Aceitando a chamada, ela disse:

– Jesus Cristo – Vishous ralhou antes que ela pudesse dizer algo. – Que demora pra atender.

Layla se retraiu.

– Eu… eu sinto muito.

– Venha para cá.

– O quê?

– Você ouviu. Volte para a floresta.

Layla começou a arquejar, uma combinação de terror e de tristeza a sufocando.

– Como pode ser tão cruel? Não posso vê-lo morto…

– Então é melhor vir logo pra cá pra alimentá-lo, porra. Precisamos tirá-lo desta floresta.

– O quê?!

– Você me ouviu bem, cacete. Agora se desmaterialize até aqui antes que eu mude de ideia.

A conexão foi interrompida tão abruptamente que ela teve que se perguntar

se ele jogara o telefone do qual a chamara no chão. Ou talvez atirado nele. Com o coração apressado, a cabeça girando, ela afastou o celular da orelha e só o encarou. Mas logo foi ela quem o jogou sobre a mesa.

Estava para fora das portas de correr assim que o telefone bateu no tampo de madeira.

Desmaterializou-se e recobrou a forma bem onde estivera perto de Xcor, e encontrou Vishous a um metro e meio do lado oposto do macho, fumando com tanto fervor que era como se o cigarro entre os dentes fosse sua única fonte de oxigênio. Nesse meio tempo, Xcor fora transformado por alguma fonte de calor, a neve desaparecera de cima e ao redor dele, o chão embaixo era uma poça de lama, a pele já não estava emaciada, mas tinha um tom de vermelho vivo.

Ele estava vivo. E quanto sua presença foi registrada por ele, ele moveu um pouco a cabeça e entreabriu os olhos.

– Layla…?

– O que… por quê? – ela murmurou.

Vishous cortou o ar com a mão, mas quando falou, parecia exausto.

– Sem querer ofender, mas calem a bocas, vocês dois, sim? Sem perguntas. Você… Alimente-o. E você… sorva da porra da veia dela e seja rápido. Voltarei em vinte minutos, e é melhor vocês dois estarem prontos para serem transportados.

Com essa súbita explosão de otimismo, o Irmão desapareceu em pleno ar como um fantasma.

Layla piscou e ficou pensando se aquilo seria um sonho. Mas logo se pôs em ação.

Não se deu ao trabalho de falar com Xcor. Puxou a manga do roupão e expôs o pulso, rasgou a pele com as próprias presas, depois aproximou a fonte de energia e nutrição da boca de Xcor.

Mas ele se recusou a abrir os lábios. Mesmo enquanto a força vital de que precisava tão desesperadamente molhou sua boca, ele lhe negou a entrada. Silenciosamente, encarou-a e virou a cabeça de um lado a outro.

Aquilo a fez se lembrar da primeira vez que o vira debaixo daquele bordo naquela colina. Naquele dia, ele também tentara rejeitá-la.

– Sem querer ofender – ela murmurou –, mas beba de uma vez, caramba.

Ela não fazia a mínima ideia do motivo pelo qual Vishous resolvera poupar a vida do inimigo. Mas não discutiria com o que parecia estar acontecendo – nem tomaria como garantido o perdão. Inferno, o Irmão talvez acabasse mudando de ideia de novo, voltando ali com a arma empunhada. Ou a adaga. Ou com reforços.

Quando Xcor ainda assim a rejeitou, ela aproximou a mão livre do rosto dele e apertou-lhe as narinas.

– Se você me ama, vai se salvar agora. Não ponha a sua morte na minha

consciência.

Enquanto ele permanecia ali deitado, aparentemente contente em morrer sufocado, ela começou a pensar em outras maneiras de forçá-lo a abrir a boca. Mas, então, ele arquejou um pouco… E isso bastou.

Uma gota ou duas devem ter entrado na boca, porque ele gemeu de uma maneira diferente, o tronco se arqueando, as pernas se remexendo como se uma necessidade muito grande o tivesse acometido.

E, então, ele emitiu um sibilo predatório…

… E a mordeu com tanta força que ela teve que refrear uma imprecação.

Em seguida, ele bebeu grandes goladas e tão rapidamente que ela soube que deveria tomar cuidado. Eram grandes as chances de ele acabar matando-a sem querer, a fome dele capaz de sobrepor todos os outros instintos, inclusive aquele de querer protegê-la.

Santa Virgem Escriba, ela desejou saber o que Vishous tinha planejado para eles, mas, às vezes, na vida, era melhor não olhar muito adiante. Só o que ela tinha que fazer agora era alimentar Xcor e mantê-lo aquecido até Vishous regressar com algum tipo de veículo.

Depois disso? Ela não sabia.

Afastando os cabelos de Xcor da testa, ela se deparou com os olhos ensandecidos dele e se viu assolada por uma necessidade premente de rezar.

Cedendo ao reflexo, começou a recitar os quartetos que aprendera desde o

nascimento lá no Santuário, as palavras antigas e sagradas marcharam pela sua mente, o ritmo do Antigo Idioma formando uma batida que reverberou até o meio do seu peito.

Um pena que não havia mais ninguém lá para ouvir. Mas que importância tinha isso? Vishous era o único salvador que ela e Xcor tinham – e Deus bem sabia, ela aceitaria o que pudesse ter.

CAPÍTULO 21

– Ah, eu esqueci – Trez murmurou. – O carro de iAm é manual.

Parado diante da porta de saída dos funcionários do Sal's, ele encarou a BMW M6 e tentou pensar em como manteria aquela coisa de irem até Havers…

A fêmea que o fizera desmaiar arrancou as chaves das suas mãos.

– Não é um problema. Sou boa de câmbio.

Therese desligou o alarme e abriu a porta do motorista, depois passou para o banco de couro como se fosse a dona do carro esportivo.

– Bem, entre. Não consigo colocá-lo no banco de passageiro. Vai ter que fazer isso sozinho.

O sorriso dela era tão fácil, mas nada simples. Na verdade, nada a respeito dela era descomplicado para ele: o modo como ela se movia, o som da sua voz, ou o fato de ela preencher aqueles jeans pretos justos à perfeição.

Bem como Selena teria preenchido.

Sim, o alerta de iAm continuava a incomodá-lo na cabeça: *Esta não é a sua companheira morta voltando para você*.

Com uma imprecação, Trez deu a volta pelo porta-malas do sedã. Ao entrar, olhou para a fêmea. Deus, o perfil dela era…

– Hum, pode fechar a porta? Este modelo em especial tem um mecanismo de antirrolagem. Não conseguirei ir a parte alguma até você fazer isso… Além disso, convenhamos, que frio! Brrrr…

Trez corou e puxou a porta pela maçaneta. E depois tentou parecer relaxado quando ela deu partida, diminuiu a velocidade do aquecedor e passou a marcha ré. Com uma manobra perfeita, partiram, abrindo caminho ao redor da propriedade e seguindo para a avenida de quatro pistas adiante.

– Você vai ter que me guiar.

Enquanto ela falava, estava tão linda sob a luz alaranjada do painel, o nariz afilado, os lábios cheios, aquele maxilar firme, coisas que ele vinha tentando recriar em 3D das suas lembranças em 2D.

Ele falou sem ter a intenção. Sem querer.

– Senti saudades…

Sua voz se partiu no mesmo instante em que ela lhe lançou um olhar assustado.

– Desculpe? O que disse?

Merda, aquilo acabara mesmo de sair da sua boca?

– Ah… hum, uau. Não estou fazendo muito sentido, estou? – Lançou um sorriso de desculpas, que era absolutamente sincero. – Talvez eu precise mesmo de um médico.

Ao chegarem à saída do estacionamento, ela sorriu uma vez mais.

– Bem, a pergunta imediata é, quer o Google Maps? O sistema de navegação do carro? Ou sabe para onde estamos indo?

Trez se pegou encarando-a de novo, e quando a imagem dela ficou ondulada, ele teve que enxugar os olhos no que esperou fosse um movimento rápido que ela não percebesse.

– Você está com dor mesmo – murmurou. – Precisa de uma ambulância?

E foi então que ela o tocou. Foi, mais uma vez, uma coisa simples e nada simples ao mesmo tempo: apenas apoiou a palma quente e suave no dorso da sua mão, aquele que estava apoiada na coxa – e, no processo, deu ao seu peito o equivalente a um ataque cardíaco.

– Eu deveria te dizer para ir – disse ele, rouco.

– Concordo. Direita ou esquerda?

Fechando os olhos, ele ordenou a si mesmo que se controlasse e desse ouvidos ao irmão. Esta fêmea, quem quer que ela fosse, não era a sua Selena. E era tremendamente injusto para com ela, e para o seu processo de luto, colocar-se na órbita de uma desconhecida só por conta de um acidente na aparência.

Ela tinha um leve sotaque de Detroit, pelo amor de Deus, algo que Selena evidentemente nunca tivera. E Selena nunca prendeu o cabelo daquele jeito, nem usou aquele tipo de roupas…

– Como é mesmo o seu nome? – a fêmea perguntou. – Quer que eu chame o seu irmão? Oi? Vai desmaiar… ou já desmaiou na minha frente de novo?

Quando ele falou, as palavras saíram dele rapida e descoordenadamente – bem como mexeu na maçaneta e saltou para fora do carro.

– Desculpe. Eu tenho que ir. Sair daqui. Desculpe. Desculpe mesmo…

Ao cambalear para longe da porta, que deixara aberta, conseguiu pisar numa faixa de gelo com o calcanhar…

E caiu de bunda no chão pela segunda vez na presença dela.

Mas, pelo menos, desta vez ele estava consciente.

Seu ego reclamou. Pequenos passos, seu idiota, pequenos passos.

A fêmea saiu e deu a volta no carro mais rápido do que um respiro e, ao escorregar e derrapar, acabou aterrissando bem em cima dele, e Trez quis gritar.

Ele não gritou.

Não mesmo. Quando ela caiu em cima dele… ele passou os braços ao redor dela e a beijou.

Therese não antecipara isso. Não mesmo. Ao se desequilibrar e cair bem em cima do peito do cara, seu único pensamento era quanto tempo levaria

para se colocar de pé de novo, correr até o restaurante para buscar o irmão dele.

Porque, ora essa, como um par de vampiros, eles não ligariam para o SAMU. A última coisa de que necessitavam eram paramédicos humanos aparecendo ali para levá-lo a um hospital humano – onde ele daria entrada e, com a sorte que estavam tendo, acabariam em chamas quando a luz do sol entrasse pela janela caindo sobre o leito ajustável dele.

Só que aquela ideia de ir buscar o irmão não aconteceu. Ao empurrar o peitoral dele para levantar a cabeça, tudo parou de repente. Seus olhos se encontraram, a respiração ficou presa – e ele, então, escorregou um braço pela sua cintura, uma mão na sua nuca… e a puxou para a boca dele.

Suave. Os lábios dele eram tão suaves… e tremiam ao encontro dos seus, como se estivessem inseguros quanto ao que ele fazia ou talvez afetados por algo monumental. Contudo, o corpo dele não era nada frágil. Debaixo dela, ele era grande e forte, e ela sentia o poder emanando dele.

Foi só então, quando a língua apareceu e a lambeu, procurando entrar, que Therese interrompeu o contato.

Mas não foi muito longe. Não queria.

Deus… os olhos dele eram incríveis, e já não eram mais negros. Brilhavam num extraordinário tom de verde peridoto, a luz emanando deles era tão clara que ela teve que piscar.

– Sinto muito – ele sussurrou. – Eu deveria ter feito isso. – O macho franziu o cenho e sacudiu a cabeça. – Quero dizer, eu não deveria ter feito isso.

Therese vasculhou a expressão dele, perdendo-se no desenroscado que acontecia em suas entranhas, o corpo passando a um estado hiperalerta e estranhamente frouxo ao mesmo tempo.

– Você tem um macho? – ele perguntou com voz rouca.

– Não. – Ela se concentrou nos lábios dele. – Não, não tenho.

As pálpebras dele se fecharam e o alívio que trespassou aquelas feições foi uma surpresa.

– Graças a Deus.

Therese teve que sorrir.

– Você é um macho de valor, então. – Só que ela acabou franzindo o cenho. – Você está com alguém?

– Não, não estou…

O toque de uma buzina os assustou. Uma Mercedes encostara atrás deles, e o motorista estava saindo.

– Vocês estão bem? – ele perguntou.

– Tudo bem – seu macho disse. – Desculpe.

Hummm, ok, ele não era seu.

– Sim, estamos ótimos – ela ecoou. Procurando provar o que parecia ser

uma mentira, Therese agarrou o braço dele e o ajudou a ficar de pé. – Estamos bem. Obrigado.

Ela ajudou o macho até a porta do passageiro e a entrar. Depois trotou ao redor do carro, assumindo o volante e acelerou, pegando à direita ao sair do estacionamento porque isso seria mais fácil do que atravessar as pistas para ir na direção oposta.

– Seria mesmo melhor eu ir embora – ele disse ao olhar através do para-brisa.

– Para o médico, eu sei. Então, para onde vamos? Posso fazer o contorno.

– Olha só, eu vou ficar bem. Eu sempre fico. Pode, por favor, encostar?

Ela relanceou na direção dele, e, bom Deus, ele estava tenso, as mãos apertando as coxas, a mandíbula travada. Fora ele quem começara o beijo, mas, evidentemente, se arrependia disso.

– Por favor, encoste – ele murmurou.

– Sim, claro. Mas não há onde… Não vejo nada.

O restaurante ficava no início de uma faixa de vinte ou trinta lojas, mas a escolha dela de ir à direita os levara na direção oposta de tudo isso: de fato, estavam entrando num trecho sem acostamento e de muitas árvores, nada além de um tipo de rampa com acesso à estrada, e, ao que parecia, terrenos vazios e inacabados do lado oposto da avenida.

Franzindo o cenho, ela se inclinou sobre o volante. Mais adiante, havia

algo no horizonte, uma elevação no cenário… gruas de construção, talvez? Ou… Ela não sabia bem o que era aquilo.

O que quer que fosse, o estacionamento se apresentou na curva seguinte e com que abundância… Asfalto livre dos dois lados da pista, com espaço suficiente para acomodar centenas e centenas de carros. Seria um centro de convenções? Mas ela não enxergava nenhum hotel, nenhuma instalação grande. Apenas escuridão.

Quando acionou a seta, o macho se enrijeceu.

– Aqui não – disse rouco. – Ai, Deus… Em qualquer lugar menos aqui.

– O que disse?

– Siga em frente.

Voltando a pisar no acelerador, ela passou pelo que se mostrou ser… Ah, um parque de diversões. Claro. Aquilo que ela imaginou serem gruas era, na verdade, montanhas-russas e elevações, tudo atualmente desligado porque era inverno e o empreendimento ficaria fechado durante essa estação.

Ela seguiu em frente, passando por uma sorveteria chamada Martha’s que tinha como placa um galo imenso. Isso também estava fechado pela estação, mas ela visualizou as filas formadas na dúzia de janelas, crianças correndo ao redor com cones de sorvete derretendo pelos braços, pais relaxando ao mesmo tempo em que ficavam de olho nos pequenos.

Aquela fantasia de verão era real para algumas pessoas. Fora real para ela,

por um tempo.

Tudo isso não existia mais.

– Aqui – ele disse, apontando para o galo. – Vire aqui.

– Hum… mais pra frente.

Ela não queria parar na sorveteria assim como ele não queria parar no parque de diversões. Então talvez tivessem algo em comum. Uma unidade de estraga-prazeres.

A loja de souvenires com que se depararam em seguida tinha muitas janelas e diversos pequenos objetos feitos de vidro, globos de neve, copos de *shot,* camisetas e capas para latas de cerveja perfiladas como soldados à espera de serem chamados para as linhas de frente da diversão familiar. Seu estacionamento era o filhote dos papais pelos quais passaram, mas, como estava vazio, havia espaço mais que suficiente.

Depois que Therese parou a BMW, deixou a marcha em ponto morto e puxou o freio de mão e, vejam só, concordou com o macho sentado ao seu lado. Deixando de lado os cuidados com a saúde física, era hora de seguirem cada um o seu caminho. No seu atual estado mental, ela era como um aspirador à procura de alguma distração, uma confusão oca que só parecia intacta pelo lado externo. Viera a Caldwell à procura de um recomeço, uma nova definição de si mesma… Uma fuga de tudo o que acontecera antes, de todas as mentiras e decepções, de toda a falsidade.

Engraçado como descobrir que você não é quem achava que fosse faz com que você mude para mais de oitocentos quilômetros de distância da sua “família”.

Mas o lado bom de estar por conta própria?

A menos que minta para si mesma, você sabe exatamente em que ponto está da vida.

O lado ruim, porém? Você tem a tendência de encher o vazio sentido com outras coisas – e ela não precisava de um terapeuta para lhe dizer que seria uma péssima ideia se meter no que quer que estivesse acontecendo com aquele macho. Ele era muito sexy, estava em mau estado, e era coisa demais para ela lidar com todas as suas defesas abaixadas.

– Consegue se desmaterializar até a sua casa? – ele perguntou.

– Sim, claro. Mas ainda estou preocupada com a sua cabeça.

Mesmo enquanto falava, porém, ela já desatava o cinto de segurança e abria a porta. Ele fez o mesmo, e os dois saíram.

O macho deu a volta junto com ela, e eles se encontraram na frente do carro, bem diante dos faróis – e quando se encararam, ela franziu o cenho, com um estranho sentimento se abatendo sobre ela.

– Eu cuido disto – ele disse. – Estou me sentindo bem melhor.

Quando ela levantou o olhar em toda a altura dele, piscou… E tentou se lembrar do que ele estava falando. Ah, sim, da cabeça.

Bem, ele estava parecendo mais firme, e os vampiros se curam rapidamente mesmo. Ele não falava arrastado, e aqueles olhos, verdes claros e reluzentes agora, pareciam do mesmo tamanho. Além disso, ele não teria um trajeto muito longo para voltar ao restaurante do irmão. Ela não dirigira nem dois quilômetros.

– Você vai estar segura? – ele perguntou. – Voltando para casa sozinha, quero dizer.

– Sim. – Ela levantou o queixo e forçou um sorriso. – Perfeitamente segura.

– Eu deveria levá-la. Onde você…

Quando ela pensou naquele beijo, levantou a mão.

– Não, prefiro ir sozinha. É melhor assim.

Ele inclinou a cabeça.

– Perfeitamente.

– Então… – Ela estendeu a mão. – Foi estranho te conhecer.

Ela temperou as palavras com um sorriso sincero. Vinte e quatro horas em Caldwell, e ela já estava provocando desmaios em machos, praticando suas habilidades em entrevistas de emprego e dirigindo carros esportes. Levando-se tudo em consideração? Poderia ter sido bem pior.

– O prazer foi meu – ele disse distraído.

Ela teve a sensação de que ele queria abraçá-la pelo modo como deixou a

mão pendurada no ar, mas ela nãopretendia se encostar naquele corpo de novo. Já estava na situação de ter que se esquecer daquele beijo. Mais motivos para querer se dar uma amnésia não era algo de que ela precisasse.

– Bem, adeus. – Ela recuou um passo. – Hum… Tenha uma boa vida.

Dito isso, ela se desmaterializou. E enquanto viajava espalhada, maravilhou-se com o fato de alguém que você mal conhece causar um impacto tão grande.

Loucura.

Loucura mesmo.

CAPÍTULO 22

E, no entanto, ele não a matou.

De alguma forma, apesar da inanição de Xcor, Layla o sentiu soltar seu pulso bem quando ela começava a sentir os efeitos da alimentação dele, sua pressão sanguínea começava a diminuir, a cabeça ficando levemente tonta.

Ela sabia que o recuo dele era custoso. As presas dele estavam totalmente expostas, e ele lutava contra si mesmo, os músculos nas laterais do pescoço se retesavam contra a pele, os braços e as pernas agitados contra a terra derretida e lamacenta debaixo do corpo nu.

E ele estava total e completamente… ereto.

Quando ele estivera numa situação de vida ou morte, a nudez dele fora fácil de não perceber. Aliás, estavam bem longe de saírem desse ponto,

naturalmente, como V. diria. Mas naquela fração de segundo de alívio, ela ficou vitalmente ciente de quão masculino ele verdadeiramente era.

Xcor era *ríhgido*, de fato.

Mas não se demoraria na ereção dele. De trás deles, luzes surgiram, e logo o som do ronco poderoso de um motor e de batidas em árvores. Layla deu um salto e ficou de pé, colocando-se entre Xcor e o que quer que…

O Range Rover atravessou a floresta como um touro investindo, parando pouco antes de abalroá-la. A porta do motorista se abriu e o coração de Layla subiu até a garganta.

No entanto, era apenas Vishous.

Bem, “apenas” sugeria que o Irmão seria uma presença benigna, e isso não podia estar mais distante da verdade. Vishous parecia positivamente furioso, as sobrancelhas baixas, os cabelos pretos bagunçados como se tivesse passado a mão por eles repetidamente, as tatuagens da têmpora e aquele cavanhaque tornando-o ainda mais sinistro.

– Terminaram? – o Irmão exigiu saber.

Recusou-se a olhar para ela, por isso ela falou ao assentir.

– Sim.

– Vou colocá-lo no…

– Não, eu faço isso.

– Você não é forte o bastante…

Ela se inclinou, forçou um braço por baixo das costas de Xcor e outro por baixo das pernas, a lama encharcando as mangas e grudando nos antebraços. Mas ela não se importou, assim como ignorou o modo como ele se debatia contra ela, e os protestos confusos escapavam da boca dele enquanto ela o suspendia do chão.

– Abra a porta – ordenou a V.

Depois do choque inicial, o Irmão atendeu ao pedido, abrindo caminho para que ela levasse Xcor. Foi difícil, os chinelos dela afundavam na neve, os galhos pareciam se agarrar a Xcor de propósito, e a lama escorria pela frente do seu roupão – e ela não teria conseguido caso ele não tivesse perdido tanto peso.

Mas, segundo seu ponto de vista, Xcor era responsabilidade sua e somente sua.

Colocá-lo no banco de trás foi complicado, e ele a ajudou ao puxar a parte de baixo do corpo, desabando de costas ao longo do banco. Ela queria entrar no carro ao lado dele, mas mesmo definhando, ele ainda era muito alto e não havia espaço para ela. Despindo a veste, cobriu-o com ela, ajeitando a peça o melhor que podia antes de correr para a porta do passageiro.

Somente de legging e uma blusa folgada, o frio a atingiu rapidamente, e ela já tremia quando fechou a porta.

– Ponha o cinto – V. murmurou. – Isto não vai ser fácil.

Verdade, Layla pensou ao passar o cinto pelo peito.

Imaginou que o Irmão fosse conduzi-los rapidamente. O que não antecipou foi que ele pisaria fundo no acelerador e os faria passar à toda em meio às árvores, os faróis iluminavam troncos e moitas pouco antes de eles passarem, e o SUV avançava aos trancos e barrancos num trajeto que ela esperava os levasse até alguma estrada.

Que poderia muito bem estar nos confins do mundo.

Girando o pescoço para trás, verificou como Xcor estava e tentou interceptar seu olhar – o que foi difícil visto que ela era sacudida para cima e para baixo, para um lado e para o outro, embora pelo menos Xcor estivesse em compasso com seus movimentos: o corpo sacolejando e se chocando contra o banco de trás. Ele fazia o que podia para se firmar, uma mão segurava o encosto para cabeça, um pé se apoiava na porta e todo o resto virava ovos mexidos numa frigideira.

Quando seus olhares finalmente se encontraram, a pergunta “você está bem?” foi feita por ambos silenciosamente… e respondida com um mútuo: “não sei”.

O fim do trajeto de partir os dentes chegou tão rapidamente quanto começou, o Range Rover saltando para fora do limite das árvores como se estivesse arrancando um casaco pesado demais, os pneus guinchando no asfalto numa curva ampla para se endireitar na pista, que ela esperava fosse

até o fim.

E, verdade fosse dita, quando aceleraram ainda mais, a situação ficou muito mais tranquila, mais civilizada.

O que só enfatizou o quanto respiravam com esforço.

Virando-se para trás de novo, ela tentou enxergar na escuridão, através da janela de trás, mas não havia muito para ver. Só via entulho que arrastaram em seu rastro – e, nesse meio tempo, Xcor se largara sobre o banco, o corpo frouxo, a respiração dificultosa.

Mas estava vivo e levantou o polegar para ela.

Quando ela voltou a se concentrar no caminho à frente, só o que viu foi muito asfalto, uma linha branca em cada lateral, e uma dupla amarela no meio. Ah, espere… Uma placa com um cervo saltitante, o desenho em preto do animal com sua galhada no meio de uma placa em forma de losango da cor de um dente-de-leão.

Nenhuma palavra foi dita.

Nenhuma era necessária.

A princípio, ela não soube para onde estavam indo – e nem pretendia perguntar. Mas logo V. fez uma série de curvas que pareceu conduzi-los de volta à cidade. Provavelmente de volta a casa segura.

Estava certa.

Uns vinte minutos mais tarde, ele parou em segurança na garagem da casa

e todos esperaram em seus lugares enquanto as portas se fechavam.

Vishous foi o primeiro a sair, e Layla não ficou nem um segundo atrás para poder cuidar de Xcor. Abrindo a porta junto à cabeça dele, pegou-o pelo braço e o ajudou a se ajeitar, mantendo o roupão enlameado cobrindo-lhe a nudez. Quando ele ficou de pé, ela segurou as mangas e as amarrou ao redor da cintura, e girou o tecido branco de modo que apenas o quadril, a lateral da coxa e a parte inferior da perna aparecessem.

– Apoie-se em mim – ela ordenou ao se acomodar debaixo dele e passar um braço pela sua cintura.

Vishous entrara na casa de pronto, mas deixara a porta aberta para eles, presa no gancho do piso.

– Vou levá-lo para baixo – ela disse. – Há duas suítes e uma sala de estar ali.

Xcor se apoiou nela, ainda mais quando subiram os três degraus para entrar na casa. Enquanto pensava na logística, ela não fazia a mínima ideia de como desceriam até o porão.

– Onde estamos? – ele perguntou, rouco.

– Numa casa segura.

– Da Irmandade?

– Sim.

Vishous estava na cozinha, apoiado contra o balcão e acendendo um

cigarro, e nem lhes dispensou um olhar quando passaram por ele. Contudo, ele mais uma vez facilitara as coisas, deixando a porta pela qual passariam aberta, a luz acesa para que pudessem descer em segurança.

Puxa, aquela escadaria era estreita.

Xcor resolveu o problema soltando-se dela e se apoiando no corrimão.

Quando ele chegou ao fundo, foi direto para um sofá que estava diante de uma TV de tela plana. Quando ele se largou, ela não entendeu bem quem exalou mais alto, se ele ou se o sofá.

Havia uma coberta vermelha e preta dobrada sobre as costas de uma poltrona do conjunto e ela a apanhou, retirando o roupão sujo da parte de baixo do corpo dele, substituindo-o por algo mais limpo.

Ela se aproveitou de um instante para respirar. E depois voltou à ação.

– Vou trazer comida.

Quando ele não discutiu, apenas se afundou ainda mais no sofá, ela imaginou se a viagem até ali não fizera o que a Mãe Natureza fracassara, e V. se recusara a fazer. Mas não… ele estava respirando.

Layla subiu rapidamente e, ao chegar à cozinha, fechou a porta de acesso silenciosamente. Havia coisas que ela e Vishous precisavam dizer – no entanto, ele não parecia disposto a conversar. Estava absolutamente composto enquanto encarava a ponta acesa do cigarro, as sobrancelhas baixas, a expressão tão neutra que ele parecia apenas um retrato de si mesmo.

Ela se aproximou e pousou a mão no braço dele.

– Vishous, obrig…

– Não toque em mim! – Ele se afastou dela. – Não ouse tocar em mim!

Os olhos reluziam com raiva enquanto ele batia as cinzas.

– Não confunda as coisas. Não estamos “nisso” juntos. Não somos um grupo junto a Xcor. Não acredito nessa fantasia romântica que criou pra si mesma. O que vou fazer é deixá-la aqui com um assassino e um telefone. Se estiver viva para atender o telefonema a respeito dos seus malditos filhos mais tarde, bem, você terá ganhado na loteria. Se ele resolver te matar e depois ligar pros amiguinhos para vir até aqui e se divertir com o seu cadáver? Desculpe, mas não sinto muito. De todo modo, estou pouco me fodendo com isto. Você o quer? Agora está com ele.

V. foi até a mesa e pegou o celular que havia deixado para trás.

Em seguida foi embora, passando pelas portas de correr e desaparecendo no ar.

Depois de um instante, Layla foi até lá e a trancou. Depois voltou e começou a verificar o que havia nos armários, à procura de latas de sopa.

A primeira coisa que Trez fez quando voltou ao restaurante foi entrar no escritório de iAm e procurar na bagunça da escrivaninha dele. Não teve que se esforçar muito para encontrar aquilo que procurava. O currículo da fêmea estava no topo de uma pilha e ele olhou o cabeçalho.

Ousaria fazer isso?

A pergunta foi respondida quando ele devolveu a folha para a pilha de contas e pedidos, e saiu sorrateiro pelos fundos do Sal's, tal qual um criminoso. Desmaterializando-se, ele prosseguiu para uma área não muito badalada da cidade, até uma pensão que o fez querer gritar. A maldita construção tinha três andares em um quarteirão, e tinha pelo menos uma dúzia de janelas tampadas com tábuas. A pintura devia ter sido nova nos anos 1970, mas desbotara para um tom de amarelo mijo, e o casal que saía pelas portas duplas de metal bem poderiam passar por moradores de rua com aquelas roupas sujas e os cabelos imundos.

Será que estava no endereço certo?

Merda. Estava, sim.

Ela não deveria ficar ali, naquele ninho de humanos imundos. Pelo amor de Deus, ela dormia acima da terra com apenas uma cortina entre ela e o sol durante o dia?

No que ela estava pensando?

Enquanto Trez atravessava a rua, ele se preocupou com a possibilidade de aquilo não ser fruto de uma escolha.

Quando chegou à entrada, espiou através dos vidros cobertos por malha de arame. Era difícil enxergar porque a maldita coisa não devia ter sido limpa na última década, ou duas… Mas, do outro lado, aparentemente havia um

“saguão” com luzes no teto e um carpete que bem poderia passar por azulejo por conta da ausência de fios, e uma parede de caixas de correio onde metade das portas estava quebrada, pensas para fora como se fossem línguas de animais mortos.

Era o equivalente a um cólon num prédio… Úmido, sem janelas, com manchas marrons nas paredes.

– Precisa entrar?

Um macho humano que fedia a bebida e cigarros passou por ele, abrindo a porta com um cartão e mantendo-a aberta.

Enquanto Trez contemplava se devia ou não entrar, passou um pensamento pela sua cabeça de que seria muito melhor, tanto para ele quanto para Therese se deixasse aquilo de lado. Se a esquecesse.

Mas acabou entrando mesmo assim.

Havia uns dois viciados no canto extremo, sacudindo as cabeças como se tivessem acabado de se injetar alguma coisa, e os olhos esbugalhados passaram por ele com a distinta falta de entusiasmo dos viciados em heroína. Não existia mais nenhuma alegria para eles. Só se consegue isso no começo durante a parte jovial do seu relacionamento com os opiáceos.

O elevador estava quebrado, uma fita amarela de atenção presa em diversas partes diante do painel, com uma placa escrita à mão, torta e afixada na parede como um Band-Aid. Ver aquilo o fez pensar no Otis do programa *The*

Big Bang Theory – e estava disposto a apostar que aquele garotão ali estava quebrado há ainda mais tempo.

Só havia uma escada e ela estava entulhada e tinha cheiro de urina. À medida que ele subia até o terceiro andar, os barulhos que ouvia ao longo do caminho não eram mais otimistas e alegres do que o resto daquele pardieiro: gritos, música alta saindo de alto-falantes, batidas como se alguém estivesse socando a cabeça na parede repetidamente.

Jesus Cristo.

No andar de cima, ele olhou para a direita e para a esquerda. Não era preciso dizer que não existia uma placa indicando às pessoas a direção para determinados apartamentos. Ah, sim… Claro. Bem na frente dele, no nível dos olhos, havia um espaço mais claro na parede rachada de onde uma havia sido arrancada.

Porque algo assim podia ser reutilizado. Ou trocado por um prato de comida. Ou ser usado para repartir sua droga.

Ela morava no 309, que era o último à esquerda.

Maldição, odiou o número daquele apartamento. Não gostava de três nem de noves em sequência. Quatro-zero-dois era um bom número. Oito-zero-quatro. Dois-dois-quatro.

Era um cara divisível por dois. Não gostava de três, de cinco nem de nove.

O sete não era um problema, pensou ao parar diante da porta dela, porque

dois juntos somavam catorze.

Treze era a ruína da sua existência.

– Tá procurando a garota?

Trez virou a cabeça. Logo em frente no corredor, um cara de camiseta regata e uma montanha de tatuagens estava parado na soleira da porta como se fosse dono do lugar, um verdadeiro Rei dos Babacas. Tinha um bigode reto, bolsas debaixo dos olhos como sacolas de lona e um perfume cortesia do crack que estivera fumando.

– É o cafetão dela ou algo assim? – O humano esticou o pescoço e depois coçou a jugular. – Qual é o preço dela? Ela é carne fresca…

Trez diminuiu a distância entre eles, agarrou o cara pelo rosto e forçou o merdinha para dentro do seu covil de destruição.

Quando Trez chutou a porta atrás deles, o babaca girava os braços para trás como se estivesse prestes a voar – e, olá, colega de quarto no sofá.

Trez usou a mão livre para sacar a arma e apontar para o cara do outro lado da sala.

– Dá o fora.

O drogado só levantou as palmas e deu de ombros, como se pessoas sendo

enxovalhadas e Glocks sendo apontadas fossem parte da sua rotina – e ele não estava a fim de se meter nos assuntos alheios.

Trez empurrou o tarado contra a parede, mantendo a palma no rosto dele.

– Você não vai chegar perto dela. Se fizer isso, vou pegar todas as suas drogas, jogá-las na privada e dar descarga bem na sua frente. Depois vou te sequestrar e te largar num hospital do centro onde vão te manter contra a sua vontade enquanto o juiz decide pra qual instituição de reabilitação ele vai te mandar. Ouviu bem? Meta-se com ela e eu mando o seu traseiro por sistema, e a próxima vez que você vai chegar perto da próxima dose vai ser só depois de noventa malditos dias.

Afinal, não se trata alguém como ele com uma pistola. Eles já estão mortos.

E, não, Trez não sentia uma obrigação de ajudar aqueles ratos sem cauda. Matar-se com drogas era um direito dado por Deus às duas espécies, e ele não estava interessado em interferir no curso do vício de ninguém. No entanto, ficava mais do que satisfeito em usar qualquer fraqueza em benefício próprio.

Relanceou para o Cara do Sofá para se certificar de que o babaca também estivesse ouvindo.

– O apartamento dela é monitorado. Sei onde ela está em cada segundo do dia. – Sorriu de leve, mantendo as presas para si. – Se um de vocês chegar

perto dela, eu vou saber.

Depois se concentrou naquele que segurava, apertando aquelas feições com tanta força que o bigode idiota do cara estava se misturando às sobrancelhas, como um Muppet cujo operador estivesse sofrendo um espasmo.

Quando Trez finalmente o soltou, o rosto do bastardo era como uma máscara de Halloween, inchada e deformada, o bigode formando um ângulo como um par de óculos quebrado.

Trez voltou a encarar o do sofá.

– Pode crer, cara – o cara dali garantiu. – Pode deixar. Ela não é pro bico de ninguém.

CAPÍTULO 23

Cedo ou tarde, quando se rouba para sobreviver, acaba-se roubando do sujeito errado. E Xcor cometeu esse erro em seu vigésimo sexto ano, num trecho de floresta há muitas léguas do chalé em que vivera com sua ama-seca, o qual mais tarde, após algumas idas e vindas, ele mesmo o abandonara.

Era obra do destino, ele supôs mais tarde.

O que lhe chamou a atenção a princípio, conforme avançava sozinho pela noite, foi o aroma de cozido de carne. De fato, há tempos se acostumara a procurar por alimentos, atendo-se às sombras com tanta competência e

constância que começara a pensar em si como tal. Era melhor assim. Outros olhos sobre ele nunca eram coisa boa.

Na realidade, antes da transição, ele acalentara esperanças de que este seu defeito magicamente se consertaria. De alguma maneira, a mudança repararia a fenda em seu lábio superior, como se sua gestação necessitasse de esse último estirão de crescimento para ele estar totalmente pronto. Alas, não. Sua boca permaneceu como era, curvada para cima. Arruinada. Horrenda.

Portanto, sim, era mais sábio permanecer nas sombras, e enquanto se protegia atrás do tronco largo de um carvalho, observava o brilho da fogueira ao longe na floresta como uma possível refeição ou fonte de suprimentos.

Ao redor das chamas estalantes, viu pessoas – machos – e eles bebiam ao redor da tremeluzente luz alaranjada. E também havia cavalos, amarrados um pouco mais distantes.

A fogueira era ampla. Obviamente não se importavam em ser ou não avistados, o que sugeria que fossem guerreiros, e possivelmente estariam bem armados. Também eram de sua espécie. Ele sentia seus cheiros no meio da fumaça, do odor dos cavalos, do perfume da campina e de mulheres.

Enquanto planejava sua abordagem, sentiu-se grato pela cobertura de nuvens que mantinha a lua ao longe e aumentava as sombras da noite. Desde

que permanecesse longe do alcance daquela fonte de luz, era como se estivesse vestindo um manto de invisibilidade.

Aproximando-se, as chamas fizeram com que se lembrasse do chalé no qual habitara há mais de duas décadas. Partira de lá depois que a ama-seca ali o deixara, encontrando o orfanato mencionado pelo lacaio. Mas fora incapaz de se manter afastado por muito tempo, pensamentos a respeito do possível regresso de seu pai fazendo com que procurasse a estrutura novamente. No decorrer dos anos, partia de lá por certos períodos, especialmente durante os invernos, quando os lobos estavam famintos; no entanto, sempre regressava para lá.

Seu pai jamais apareceu.

E, então, a hora da sua transição chegou. No vilarejo, havia uma prostituta que regularmente servia aos machos de sua espécie, mas por conta de sua feiura, ele teve que ceder o chalé e tudo dentro dele em troca da veia dela.

Quando partira de lá na noite seguinte, com a detestável moita de framboesas e a floresta vicinal repleta de lobos, olhou uma derradeira vez por sobre o ombro. A ama-seca jamais regressara para ver como ele estava, mas ele não imaginara que a veria novamente. E já passara da hora de ele parar de fingir que o pai poderia procurá-lo.

Cedendo aquele abrigo para outra pessoa, Xcor de fato ficou à deriva no

mundo.

Levou apenas uma coisa consigo: a coleira que estivera ao redor do seu pescoço até ele ter usado um machadinho para se livrar dele. Empenhara-se durante horas naquele couro, os então jovens braços sem a força necessária para ser mais eficiente. Mas sua ama-seca deixara para trás apenas uma pequena quantidade de água, e bem pouca comida, portanto, ele teve que se soltar.

Felizmente, caçar e matar eram habilidades que surgiram naturalmente nele.

Assim como roubar.

Odiara fazer isso no início. Mas nunca levara mais do que o necessário, que tivesse sido comida, roupas ou elementos para se abrigar. E era incrível o que uma pessoa era capaz de sacrificar em termos morais quando a questão era a sobrevivência. Também era incrível como era possível tramar métodos de evitar o sol numa floresta de árvores, ficando à frente de animais selvagens… e de encontrar maneiras de pagar pela veia das prostitutas.

As florestas do Antigo País se tornaram seu refúgio, seu lar, e ele ficou com elas, permanecendo só. O significava que ele se mantinha ao largo dos redutores *que pairavam pelos pinheiros e pelas cavernas, e evitava o vampiro guerreiro que os caçava e travava lutas com eles, assassinando-os. Além disso, mantinha-se distante do campo de guerra.*

Aquele não era lugar para ninguém. Nem mesmo ele, que tentava evitar a tudo, ouvira partes de relatos das depravações dali, e da crueldade do guerreiro que o administrava.

Voltando a se concentrar, fechou os olhos… e se desmaterializou até os galhos densos das árvores. E depois desapareceu até a seguinte, sempre ficando longe do solo, como um macaco.

Quando se está sozinho, sem ninguém para ajudá-lo, existe adaptação, pois se está sempre de olhos abertos quanto ao perigo, e tanto vampiros quanto humanos tendiam a estar muito mais preocupados com o que acontece no nível deles, em vez de com o que está acima deles.

Não muito mais adiante, ele observou o acampamento improvisado de um ponto de vantagem de não mais de dez metros, e dez metros acima do solo. Os vampiros de fato eram guerreiros, bem armados e de ombros largos, mas estavam embriagados e passavam uma mulher adiante como ela se fosse uma caneca de cerveja partilhada. A mulher estava ali porque queria, gargalhando enquanto se disponibiliza a cada um deles, e Xcor tentou se imaginar tomando parte de tal depravação.

Não.

Não se importava com sexo, pelo menos não com o daquele tipo. De fato, permanecia virgem, pois as prostitutas sempre lhe exigiram mais do que ele podia pagar pelo que jazia entre as coxas delas – além disso, não estava muito

interessado em campos já tão arados.

Olhando para onde os cavalos estavam amarrados, concluiu que poderia invadir o local. Mas não levaria os cavalos, pouco importando o valor deles, visto que não queria ser responsável por outro ser vivo. Já tinha bastante dificuldade para se manter vivo e alimentado. De armas, no entanto, ele faria uso. Levava três adagas consigo, e uma pistola que não usava. Ela era incômoda e também existia a inconveniência de mantê-la abastecida com balas. Sua mira também não era das mais acuradas: ele lançava adagas com maior precisão. Ainda assim, parecia sensato levar ao menos uma arma de fogo consigo.

Talvez ele conseguisse surrupiar mais uma boa adaga, uma mais afiada que a sua mais cega? Um pouco de carne? Um cantil de água?

Sim, dessas coisas ele se beneficiaria.

Xcor se desmaterializou no chão, agachando atrás de outro pinheiro. Os cavalos estavam presos no limiar da fogueira, e viraram as cabeças em reação; e as selas estavam estocadas com artigos de primeira necessidade e outros pertences.

Não fez som algum ao se mover junto ao chão, a pele dos seus mocassins abafando-lhe as passadas e mascarando qualquer som.

Os cavalos viraram as orelhas e os pescoços ao registrarem sua presença, um deles relinchou como numa pergunta. Ele não estava preocupado. Estava

acostumado a desaparecer na noite mesmo sob pressão e, além disso, os guerreiros estavam ocupados com outras coisas.

Xcor agiu rápido e com certeza ao vasculhar a sela do ruão que devia ter facilmente mais de dezesseis palmos de altura, levantando as abas pesadas de couro, investigando mochilas e sacos. Encontrou roupas, grãos, carne defumada. Pegou a carne, guardando-a em seu manto, e se moveu para o cavalo seguinte. Não havia armas, mas encontrou uma vestimenta feminina com odor de sangue dentro de uma das sacolas de lona.

Imaginou se a fêmea teria sobrevivido ao ataque. Pensou que talvez não…

A briga junto à fogueira começou seu nenhum preâmbulo, tudo estava bem até não estar mais, dois dos machos dando um salto na direção do outro, agarrando os pescoços, os corpos dançando em círculos enquanto tentavam subjugar um ao outro. Em seguida, algo pegou fogo, uma porção do casaco de um em chamas vivas, cor de laranja e amarelo.

O guerreiro não pareceu se importar, tampouco seu oponente. No entanto, os cavalos se assustaram, e quando aquele que Xcor tentava roubar recuou, sua mão ficou presa numa das sacolas de sela, a torção e a pressão prendendo-o.

De forma que, quando o cavalo se virou de lado, ele também acabou virando.

Ficando em plena vista de todos eles.

A mudança no acampamento foi imediata, a mulher foi largada de lado, a discussão entre os camaradas, esquecida, o intruso, um alvo de todos. E mesmo assim Xcor permaneceu preso ao cavalo sensível, dançando ao redor dos cascos pontiagudos, tentando libertar a mão presa.

Os guerreiros resolveram esse problema para ele.

Xcor foi erguido e isso bastou para mudar o ângulo do pulso. Seu braço subitamente voltou a ser seu e em boa hora. Foi golpeado no rosto por um punho do tamanho de uma rocha, mas, pelo menos, isso o mandou numa trajetória diferente do cavalo agitado.

Infelizmente, acabou no caminho de outro dos guerreiros, e Xcor soube que teria de estabelecer seu domínio logo ou acabaria sendo subjugado.

Contudo, havia pouca esperança de isso acontecer – aqueles machos eram perigos em conflitos, socos e chutes voavam rápidos demais para ele se desviar ou retribuir, o ar foi expelido dos seus pulmões uma vez após a outra.

De fato, já tivera experiência com punhos antes desta vez. Mas contra humanos e vampiros civis. O que enfrentava agora era um inimigo completamente diferente.

Golpes continuaram a cair sobre sua cabeça e tronco, vindo mais rápidos do que ele conseguia combater, com mais força do que conseguia suportar, enquanto ele era passado adiante como a mulher havia sido, indo de um ao

seguinte. Sangue jorrou do seu nariz e da boca, e sua vista ficou comprometida quando ele se virou, tentando proteger os órgãos vitais e o crânio.

– Larápio maldito!

– Bastardo!

Um soco o atingiu de lado e ele acreditou que algo tivesse se rompido internamente. E foi nessa hora que os joelhos cederam debaixo dele e ele aterrissou sobre folhas e terra.

– Esfaqueiem-no!

– Ainda não! – alguém disse num rosnado.

Uma bota o acertou debaixo das costelas e ele saiu rolando até a fogueira. Ficou tão atordoado que permaneceu deitado no lugar em que parou de costas, incapaz de recobrar o juízo a fim de proteger o rosto e virar numa posição defensiva.

Santa Virgem Escriba, acabaria morrendo. E provavelmente nas chamas que já começavam a chamuscar seu ombro, mão, e quadril através das roupas.

Um dos guerreiros, que tinha uma barba espessa e fedia a cabra morta, se inclinou sobre ele e sorriu, revelando presas tremendas.

– Pensou que poderia roubar de nós? De nós *?*

Agarrou a frente do manto de Xcor e suspendeu-lhe o tronco do chão.

– De nós!

O guerreiro o estapeou com a mão aberta com tanta força que foi como se ele tivesse sido atingido por uma tábua de madeira.

– Você sabe o que fazemos com ladrões?

Os outros se agruparam ao redor num semicírculo, e Xcor se lembrou dos lobos da floresta, naquela época em que vivera com a ama-seca. Uma força terrível pela qual ser capturado e usado como brinquedo. Uma rota rápida para o Fade.

– Sabe? – O guerreiro o sacudiu como se fosse uma boneca de pano e depois o largou com força. – Permita-me dizer-lhe. Nós cortamos as mãos dos seus pulsos, e depois nós…

Xcor não ousava olhar para o rosto pairando acima dele. Mas, pela visão periférica, ele viu que uma acha estava meio dentro e meio fora das chamas da fogueira.

Esticando a mão naquela direção, segurou-a e esperou pelo momento certo quando o macho relanceou para os compatriotas com jovialidade maligna. Rápido como um raio, Xcor guinou a acha com força e atingiu o guerreiro na cabeça, derrubando-o sem sentidos de lado.

Houve um instante de surpresa de todos ali, e Xcor sabia que teria que agir com presteza. Segurando sua arma, agarrou uma das adagas que estivera embainhada no tronco da sua vítima e logo se pôs de pé.

E desta vez ele atacou.

Nenhum grito de guerra saiu da sua boca. Nenhum grunhido. Nenhum rosnado.

Nenhuma lembrança precisa do que fez. Só o que sabia, só do que tinha ciência, era que algo se libertava dentro dele. Fosse o que fosse, ele tivera pistas disso no passado, uma espécie de fonte de energia que era mais do que raiva, diferente do medo, fortalecendo seu corpo e sua mente. E conforme se apossava dele por dentro, seus membros assumiram o comando da mente, funcionando independentemente, sabendo melhor do que a sua consciência onde atingir, o que fazer, como se mover. Seus sentidos também se dissociaram da mente, elevando-se a um nível superior de precisão, quer fosse a audição para detectar algo que iria atingi-lo por trás, a visão para notar algo vindo pela esquerda, o olfato para informar que um agressor vinha pela direita.

Em meio a tudo aquilo, sua mente ficou completamente distanciada. E ainda assim livre para extrapolar e, dessa forma, refinar a sua execução.

No entanto, ele ainda perderia. Havia oponentes demais que eram habilidosos demais: depois que os derrubava no chão, eles não permaneciam ali por muito tempo, e a equação de que perderia forças antes que eles era fácil de calcular.

A solução para essa disparidade surgiu tão inesperadamente quanto aquela

acha.

A princípio, ele não entendeu o que surgiu em seu campo de visão. Mas logo viu que era uma espécie de imensa lâmina negra do lado oposto da fogueira… A maior arma que já vira, apoiada contra uma pedra.

Bem quando um dos machos saltou para cair sobre ele, Xcor disparou e projetou o corpo acima das chamas, a cambalhota poupando-o do calor, a aterrissagem tão coordenada quanto a decolagem havia sido.

Projetando-se em direção daquela imensa lâmina curva, ele agarrou o cabo ao qual ela estava presa e…

Era uma foice. Um instrumento comum usado nos campos, a lâmina afixada ao suporte de madeira por amarras de couro tão firmes quando ossos ao redor da medula. Havia pouco tempo para compreender seus atributos. No fim, percebeu que não precisava.

Segurando com firmeza a vara, ele… atacou cada um deles.

A princípio, eles riram e zombaram dele, mas quando ele cortou o primeiro quase ao meio, a tática mudou. Pistolas foram sacadas, balas disparadas com muito barulho e pouca acuidade, o chumbo voando ao redor dele. Em seguida, os guerreiros coordenaram um ataque, postando-se numa formação de ataque.

Não fez diferença. Um a um, ele matou a todos, arrancando braços, ou pernas, ou estripando-os, sangue jorrou na noite escura, cobrindo-os como as

roupas o faziam.

Até haver apenas um guerreiro – que era, na verdade, o barbado que ele atingira na cabeça com a acha. Assim que ele notou que os irmãos ou estavam mortos ou a beira da morte, disparou a correr pela floresta, com todas as forças que lhe restavam.

Os mocassins de Xcor não produziram som algum enquanto ele perseguia o guerreiro machucado num passo tranquilo, ele e o macho ferido resvalando em moitas e árvores enquanto o guerreiro tentava chegar aos cavalos. Xcor também estava ferido e sangrava, mas, por algum motivo, ele não sentia dor. Estava tanto entorpecido quanto energizado.

E logo tudo acabou.

O macho se deparou com uma rocha que não conseguia galgar, nem dar a volta por conta da subida íngreme.

Xcor sabia que tinha que terminar o serviço.

E lamentou por isso.

– Leve o que quiser – o guerreiro arquejante disse ao cuspir para o lado. – Apenas leve tudo o que quiser. Tenho armas. Aqueles cavalos lá atrás valem muito. Deixe-me em paz e eu o deixarei também.

Xcor desejou que as coisas pudessem terminar assim entre eles. Contudo, estava ciente de que se deixasse o guerreiro viver, ele seria um macho marcado. Ele era uma testemunha que devia ser eliminada, para que aquele

guerreiro não encontrasse reforços e fosse atrás dele por ter matado seus companheiros.

– Apenas leve…

– Perdoe-me pelo que devo fazer.

Dito isso, Xcor afundou nos calcanhares, saltou adiante e moveu a arma num arco, cortando fora o braço que o macho erguera em defesa e acertando o pescoço em cheio.

Pelo resto de suas noites, Xcor se lembraria da cena daquela cabeça virando um toco em pleno ar, o sangue se empoçando nas veias abertas da garganta, rubro como vinho.

Quando o vento aumentou, o corpo despencou como o objeto inanimado que agora era e, de repente, a foice se tornou pesada demais para Xcor continuar a segurá-la. O equipamento rural que ele transformara em arma aterrissou aos seus pés, com a lâmina pingando sangue.

Xcor tentou fazer com que ar entrasse nos pulmões ardentes, e quando olhou para o céu, sua coragem e seu propósito o desertaram e lágrimas quentes se formaram nos cantos dos seus olhos.

Ah, como o cheiro do sangue que ele derramara se misturava ao perfume da terra, da grama, do musgo e dos liquens…

Não entendeu o que o golpeou. Num instante ele contemplava a tristeza que provocara. No seguinte, ele estava deitado de costas…

… preso pelo mais aterrorizante vampiro que já vira na vida.

Imenso, tão grandes eram seus ombros, que Xcor já não via mais o céu. E o rosto era inenarravelmente maligno, as feições se retorciam num sorriso desvirtuado que prometia sofrimento primeiro, depois a morte. E os olhos… Sem alma, tomados por uma inteligência fria e por um ódio incandescente. Aquele era o lobo líder daquela matilha, Xcor pensou. Semelhante àquele que aparecera na porta aberta do chalé há tanto anos.

– Ora, ora, ora – disse uma voz grave como um trovão, afiada como milhares de adagas. – E pensar que chamam a mim de Bloodletter…[1]

Com um arquejo, Xcor se ergueu. Por uma fração de segundo, ele não soube onde estava e olhou ao redor em pânico.

As paredes da caverna já não estavam lá, nem as prateleiras com jarros, a maca e seus carcereiros da Irmandade. No lugar disso tudo… uma enorme tela de TV que no momento estava escura como um buraco na galáxia.

Sacudindo a cabeça, tudo voltou… A repentina mudança de ideia de Vishous, Layla retornando até eles na floresta, o glorioso presente da veia de Escolhida. Em seguida, aquele trajeto terrível em meio aos pinheiros até a estrada escorregadia que os levara até este bairro de subúrbio e esta casa suburbana.

Layla estava no andar de cima. Ouvia as passadas dela ali. E tinha a impressão que Vishous já não estava mais na casa.

Tirando as pernas de cima das almofadas de couro, observou a trilha de sujeira que deixara na escada e no tapete cinza claro até onde despencara. Havia agulhas de pinheiro e lama no sofá também… bem como no roupão branco de Layla que estava pendurado nas costas de uma poltrona.

O tecido que a adornara estava arruinado, machado de sangue e de lama.

Uma espécie de tema seu na vida dela, não?

Cerrando os dentes, levantou-se e espiou pelo corredor. Havia duas portas abertas, e quando se esgueirou até elas, avaliou os dois banheiros das suítes. Escolheu aquele que não trazia a fragrância de Layla, e usou a luz que vinha do corredor para passar ao longo da cama *king-size* e entrar no banheiro que…

Ah! Piso aquecido. Piso de mármore aquecido.

Após tanto sofrimento, primeiro do golpe na cabeça e dos derrames sofridos, em seguida aquelas vinte e quatro horas enregelantes na floresta, Xcor cambaleou ao sentir o calor que emanava pelas solas nuas dos seus pés. Fechando os olhos, cambaleou na escuridão, todos os seus instintos gritando para que ele se deitasse no mármore e descansasse. Só que nessa hora ele pensou na sujeira que trouxera até aquela casa, em toda a lama e imundície.

Concentrando-se novamente, acendeu a luz do banheiro – e de pronto imprecou contra a claridade, protegendo o rosto com o antebraço. Quando

suas retinas se reajustaram, teria preferido não se olhar no espelho acima da pia, mas isso era inevitável, por isso abaixou o braço.

– Santo Fade… – sussurrou.

O macho que o fitava de volta era quase irreconhecível. O rosto magro, pálido, barbado, as costelas e o estômago afundados, a pele solta que pendia debaixo do maxilar, dos peitorais, dos braços. O cabelo era uma confusão, e parecia haver sangue e terra em cada um dos seus poros, por todo o corpo. Quando alguém está mais ou menos limpo, uma toalha de mão úmida esfregada sobre a pele com sabonete suficiente faz as vezes de higiene. No seu estado atual? Ele precisava de uma lavagem de carro. Talvez de uma mangueira industrial.

A ideia de Layla o ver assim fez com que ele se retraísse e desse as costas ao seu reflexo na mesma hora, ligando o chuveiro dentro daquela divisória de vidro. A água quente logo apareceu, mas antes que ele entrasse debaixo dela, abriu portas e gavetas do gabinete. A escova e a pasta de dentes que encontrou foram muito apreciadas, assim como o sabonete, o xampu e o condicionador.

Ele também pegou um barbeador e creme de barbear, levando tudo para o box.

O simples ato de escovar os dentes quase o fez chorar. Fazia tanto tempo que sua boca não ficava com hálito fresco. E depois o barbear… livrar-se dos

pelos das faces e do queixo fez com que sentisse gratidão pela empresa que a produzia. Em seguida, o xampu. Usou-o duas vezes, e deixou o condicionador agir enquanto lavava a pele com o sabonete.

Não conseguia esfregar as costas inteiras, mas fez o melhor que pôde.

Quando finalmente saiu do chuveiro, havia uma camada espessa de condensação no espelho. Uma benção, claro, visto o quanto detestava o próprio reflexo. Enxugando-se, ficou se perguntando onde encontraria roupas – e, de fato, encontrou-as no armário do quarto: calças de nylon pretas, compridas o bastante para suas pernas, com um cordão que garantia que permaneceria presa em sua cintura e quadril agora tão estreitos. Uma camiseta preta que era larga o bastante para os ossos dos seus ombros, mas que estava frouxa no restante dele. Uma malha com algo escrito na frente.

Não encontrou sapatos, mas aquilo já era mais do que ele podia esperar.

Ao sair do quarto, imaginou que teria que subir.

O trajeto se mostrou desnecessário. A Escolhida Layla estava sentada na poltrona estofada ao lado do sofá, com uma bandeja de sopa fumegante, um pratinho de bolachas de água e sal, e um copo de chá gelado sobre uma mesinha baixa diante da TV.

Os olhos dela dispararam para os seus, mas não permaneceram ali.

Trafegavam ao longo do seu corpo como se ela estivesse surpresa por ele ter tido forças para se banhar e se trocar.

– Trouxe comida – ela disse com suavidade. – Deve estar faminto.

– Estou.

Mesmo assim, ele se viu incapaz de se mover. Pois, de fato, ele planejara dizer adeus a ela na cozinha.

Não poderia ficar ali com ela. Por mais que desejasse isso.

– Venha e se sente. – Ela indicou o local em que ele estivera deitado antes.

E claro que ela já limpara toda a sujeira, a lama que ele deixara ali tendo sido limpada com alguma esponja ou papel toalha.

– Tenho que ir.

Layla inclinou a cabeça e, quando ela fez isso, os cabelos loiros foram iluminados pela lâmpada do teto.

– Eu sei. Mas… antes que vá…

Em sua mente, ele ouviu a voz dela dizer: *faça amor comigo*.

– Por favor, coma isto – ela sussurrou.

Numa tradução livre, Bloodletter pode ser considerado “aquele que faz sangrar”. (N.T.)

CAPÍTULO 24

Vishous estava num tremendo mau humor quando voltou à mansão da Irmandade, e o que mais queria era ir para o Buraco e abrir uma garrafa de Grey Goose. Ou seis. Talvez doze.

Mas, ao reassumir sua forma no pátio, e parar no vento frio diante da fonte

que fora drenada e coberta pela duração do inverno, soube que, por mais que desejasse fugir da situação na qual se metera voluntariamente, não tinha como escapar da confusão criada.

Indo em frente, chegou aos degraus de pedra que conduziam à entrada principal da mansão, e fitou as gárgulas empoleiradas bem no alto do telhado.

O que não daria para ser um daqueles filhos da mãe inanimados, sem nada para fazer, nem nada com que se preocupar, só ficando sentados ali, tendo as cabeças ocasionalmente cagadas por um pombo.

Na verdade, essa parte era foda.

Tanto faz.

Escancarando a porta, pisou no vestíbulo e enfiou a cara na câmera de segurança. Quando Fritz abriu a porta e o cumprimentou com toda aquela sua alegria costumeira, Vishous teve que se controlar ao máximo para não soltar os cachorros em cima do pobre mordomo *doggen*.

Direto para a escadaria. Três degraus de cada vez.

E logo se viu diante das portas duplas fechadas do escritório de Wrath.

Ouviu vozes vindas do lado oposto, na verdade, parecia uma discussão acalorada, mas perdão, sem desculpas, aquilo que tinha a relatar era de suma importância, mais do que praticamente qualquer coisa, salvo o Armagedom.

Bateu com força e não esperou por uma resposta.

A cabeça de Wrath se ergueu rapidamente de onde ele estava atrás da

antiga escrivaninha que o pai usara, e por mais que aqueles olhos cegos não fossem visíveis graças aos óculos escuros, V. sentiu-se observar.

– Está precisando de uma cópia do Emily Post enfiada goela abaixo? – o Rei estrepitou. – Você não pode entrar aqui sem ser convidado, babaca.[1]

Saxton, o advogado real e perito nas Leis Antigas, relanceou de onde estava, junto ao cotovelo de Wrath. Havia um monte de documentos espalhados diante dos dois. Além de uma quantidade expressiva de textos antigos. Sax não disse nada, mas como o penteado normalmente sempre perfeito do cara estava desalinhado, podia imaginar que os dois tentavam chegar a uma conclusão quanto à custódia dos filhos de Qhuinn e Layla.

E, pois é, a Rainha estava sentada num dos sofás franceses delicados junto à lareira, com os braços cruzados sobre o peito e uma fenda tão profunda quanto uma ravina no meio da testa.

– Preciso de um minuto com você – V. disse a Wrath num tom baixo.

– Então vai poder voltar quando eu disser pra você fazer isso, caralho.

– Isto não pode esperar.

Wrath se recostou no imenso trono entalhado que fora do seu pai e do pai dele antes disso.

– Vai me falar do que se trata?

– Não posso. Lamento.

Houve um período de silêncio na elegante sala azul clara, e depois Wrath

pigarreou e olhou na direção de sua *shellan*.

– *Leelan*? Pode nos dar licença um minuto?

Ela se levantou.

– Não creio que haja muito mais a ser dito. Você dividirá a guarda de maneira igualitária e Layla verá aqueles bebês hoje ao anoitecer. Fico muito feliz quando você e eu estamos de acordo. Isso diminui muito a tensão.

Dito isso, ela saiu do escritório de cabeça erguida e com os ombros aprumados – enquanto, à sua escrivaninha, o Rei levava a cabeça às mãos como se seu crânio latejasse.

– Não que eu discorde dela – murmurou quando as portas se fecharam num baque. – Só não quero mais malditas pistolas sendo disparadas na porra da minha *casa*.

A última palavra foi dita com muito mais volume.

Mas logo o Rei abaixou os braços e olhou na direção de V.

– Meu advogado pode ficar?

– Não, ele não pode.

– Maravilha. Mais um problema.

Saxton começou a recolher os papéis e livros, mas o Rei o deteve.

– Não. Você já vai voltar. Espere do lado de fora.

– Claro, meu senhor.

Saxton se curvou apesar de o Rei não conseguir enxergá-lo, mas o cara era

assim mesmo, sempre cheio de classe, sempre apropriado. E, ao passar por V., apesar da hora inapropriada da sua interrupção, ele se curvou novamente. Um bom macho. Provavelmente ainda apaixonado por Blay, mas o que se podia fazer?

Com isso, V. relembrou a conversa com Layla na casa segura e aquelas suas reminiscências que o assolaram na floresta. Cara, estava cansado pra cacete de romance, de amor verdadeiro e de toda essa bobagem.

– E então? – Wrath demandou.

V. esperou até que as portas duplas se fechassem de novo.

– Sei onde Xcor está.

Layla estava sentada na poltrona acolchoada diante de Xcor enquanto ele tomava a sopa. Ele também comeu todas as bolachas de água e sal, e depois todas as pizzas de *pepperoni* que ela colocou no forno antes de trazer a primeira leva de comida ali para o porão.

Ele não falou, e sem conversarem, ela se viu observando-o tão absorta que sentiu que deveria se desculpar por isso.

Santa Virgem Escriba, ele emagrecera tanto, e mesmo morrendo de fome, usou os talheres com uma precisão refinada, até cortando a pizza com garfo e faca. Também limpou os lábios com regularidade com o guardanapo de papel, mastigou com a boca fechada e não derrubou nada mesmo consumindo calorias rapidamente.

Quando, por fim, ele terminou, ela disse:

– Tenho sorvete de menta com lascas de chocolate. Um pote inteiro. Lá em cima… Você sabe, no congelador.

Pois é, onde mais estaria. Na estante de livros?

Ele só meneou a cabeça, dobrou o guardanapo e se recostou no sofá. Havia um volume considerável em sua barriga, e ele exalou fundo como se precisasse abrir espaço para tudo em seu tronco – e o ar era uma commodity menos desejável do que pizza.

– Obrigado – ele agradeceu baixinho.

Quando seus olhos se encontraram, ela ficou muito ciente de que estavam sozinhos… E, por um momento, entreteve a fantasia de que aquela era a casa deles, que seus filhos estavam adormecidos no andar de cima, e estavam prestes a aproveitar os instantes seguintes juntos.

– Preciso ir. – Dito isso, ele se levantou e levou a bandeja consigo. – Eu… eu tenho que partir.

Layla se pôs de pé e passou os braços ao redor do corpo.

– Tudo bem.

Ela se visualizou seguindo-o pelas escadas. E depois? Bem, talvez acabassem partilhando um abraço demorado e depois diriam adeus, o que a mataria…

Xcor abaixou a bandeja.

Quando deu a volta na mesa e abriu os braços, ela correu na direção dele. Pressionada no corpo dele, segurou-o com tudo o que tinha. Detestou a sensação dos ossos dele, os feixes de músculos que haviam definhado, mas ao virar a cabeça e apoiar a orelha no meio do peito dele, as batidas do coração estavam fortes, ritmadas. Poderosas.

As mãos dele, tão grandes, tão gentis, afagaram suas costas, subindo e descendo.

– É mais seguro para você assim – ele disse ao encontro dos seus cabelos.

Ela se afastou e levantou o olhar para ele.

– Beije-me. Uma vez antes de ir embora.

Xcor fechou os olhos como se estivesse sofrendo. Mas, em seguida, acolheu o rosto dela entre as palmas e abaixou a boca até a dela… quase. Com apenas o espaço de um fio de cabelos entre eles, ele disse no Antigo Idioma:

– *Meu coração é seu. Onde quer que eu vá, será com você, através da escuridão e na luz, em todas as minhas horas desperto e naquelas em que estiver adormecido. Sempre… com você.*

O beijo, quando ele aconteceu, foi como a neve caindo, silenciosa e suave, mas foi quente, muito quente. E enquanto ela se recostava nele, os braços dele a envolveram e os quadris se encontraram. Ele ficou instantaneamente excitado – ela sentia a ereção firme em seu abdômen, e o desejava há tanto

tempo que lágrimas surgiram.

Sonhos. Tantos sonhos ela tivera, situações imaginadas em sua mente em que ele finalmente a procuraria, e a despiria, e a tomaria sob o corpo, o sexo dele se enterrando no seu. Existiram incontáveis fantasias, cada uma mais impossível que a anterior, dos dois fazendo amor na propriedade do complexo, nos banheiros, na parte de trás do carro, debaixo da árvore na colina deles.

Sua vida sexual fora inexistente no mundo real. Na sua imaginação, entretanto, vicejara.

Mas nada disso aconteceria.

Xcor interrompeu o contato, apesar de ela saber que ele ia contra os instintos que o mandavam marcá-la como sua. De fato, um aroma emanava dele, algo pungente que invadiu suas narinas, excitando-a tanto quanto a sensação da ereção dele, do corpo, das mãos, da boca dele.

– Não posso tê-la – disse rouco. – Já provoquei danos demais até então.

– Esta pode ser a nossa única chance – ela se ouviu implorar. – Eu sei…

Eu sei que você não voltará para mim.

Ele pareceu impossivelmente triste ao menear a cabeça.

– Isso não pode acontecer entre nós.

– Quem disse?

Agindo pelo desespero, agarrou-o pela nuca e o abaixou até a sua boca – e

depois o beijou com tudo o que tinha, a língua invadindo-lhe a boca quando ele arquejou, o corpo se arqueando ao encontro do dele, as coxas se afastando para que ele conseguisse se aproximar mais de seu centro.

– Layla – ele gemeu. – Santo Fade… Isto não está certo.

Ele tinha absoluta razão, claro. Aquilo não estava nada certo se usasse o ábaco que regia o mundo todo. Mas ali, naquele instante, numa casa que de outro modo estava deserta, era…

De repente, ele a afastou de si. E bem quando ela estava prestes a protestar, ouviu passadas no andar de cima. Dois pares. Ambas muito, mas muito pesadas.

– Vishous – ela sussurrou.

A voz sem corpo do Irmão surgiu na escadaria.

– Pode crer. E eu vim com um amigo.

Layla se postou na frente de Xcor, mas ele não aceitou isso. Removeu o corpo dela para trás do seu, seu lado protetor recusando-se a deixar que ela o antecedesse.

O Irmão desceu primeiro pela escada, e empunhava duas pistolas – e, a princípio, ela não compreendeu quem o acompanhava logo atrás. Mas só existia um par de pernas longas assim. Apenas um peito com aquela largura. Apenas um vampiro macho no planeta com cabelos negros que ultrapassavam o quadril.

O Rei chegara.

E quando Wrath deu o passo final no porão, ele plantou os dois coturnos e inspirou fundo, as narinas se inflaram. Santa Virgem Escriba, ele era um macho enorme, e aqueles óculos escuros agarrados ao crânio, que não revelavam nada dos seus olhos, fazia com que ele parecesse um assassino.

O que, supostamente, ele era.

– Ora, ora, ora, sinto cheiro de romance no ar – ele murmurou. – Mas que diabos…

Emily Post é autora de um livro sobre etiqueta e boas maneiras. (N.T.)

CAPÍTULO 25

Enquanto Xcor encarava o antigo inimigo no rosto, não sentiu nenhuma animosidade em relação ao macho. Nenhuma raiva, nem cobiça pela posição do Rei. Nenhuma agressividade direcionada.

– Então. – Wrath disse numa voz adequada tanto ao aristocrata quanto ao guerreiro que era. – Da última vez em que botou os olhos em mim, eu acabei com uma bala na garganta.

Ao lado, o Irmão Vishous soltou uma imprecação e acendeu um cigarro.

Era evidente que aquela visita não era algo que o guerreiro apoiasse, mas não era difícil imaginar que, se o Rei Cego tomava uma decisão a respeito de alguma coisa, ninguém o demoveria.

– Devo pedir desculpas? – Xcor perguntou. – O que é apropriado numa

situação como esta?

– A sua cabeça numa lança – V. murmurou. – Ou as suas bolas no meu bolso.

Pelo modo como Wrath meneou a cabeça para o Irmão, era possível imaginar que ele estivesse revirando os olhos por trás daqueles óculos muito negros. E depois o Rei voltou a se concentrar.

– Não acredito que exista uma maneira de voltar atrás de algo como tentativa de homicídio.

Xcor assentiu.

– Imagino que esteja certo. E isso nos deixa exatamente onde?

Wrath relanceou na direção de Layla.

– Eu pediria que nos deixasse, mas tenho a impressão que você não fará isso.

– Eu preferiria ficar – disse a Escolhida –, obrigada.

– Muito bem. – Os lábios de Wrath se afinaram num sinal de desaprovação, mas ele não forçou. – Então, Xcor, líder do Bando de Bastardos, traidor, assassino, blá-blá-blá – que tremendos títulos você tem a seu favor, a propósito –, você se importa se eu lhe perguntar quais são os seus planos?

– Prefiro pensar que isso depende de você, não?

– Vejam só, ele tem cérebro. – Wrath riu com frieza. – Na verdade, vamos

aguardar quanto a isso. Vou lhe fazer algumas perguntas, se não se importa?

Maravilha. Obrigado por ser tão compreensivo.

Xcor quase sorriu. O Rei era seu tipo de macho em tantas maneiras.

– Quais são as suas intenções no que se refere ao meu trono?

Enquanto Wrath falava, suas narinas inflaram, e Xcor deduziu que o Rei Cego tinha alguma maneira de saber a verdade. Felizmente, não havia nenhum motivo para resguardá-la do macho.

– Não tenho nenhuma.

– Mesmo. E quanto aos seus meninos?

– Meu Bando de Bastardos me serviu em todos os modos. Iam onde eu ia, tanto literal quanto figurativamente. Sempre.

– Tempo passado. Eles o expulsaram?

– Acreditam que eu esteja morto.

– Pode encontrá-los para mim?

Xcor franziu o cenho.

– Agora sou eu quem pergunta, quais são as suas intenções?

Wrath sorriu de novo, revelando as presas.

– Eles não se livram só porque o plano para me matar foi uma das suas grandes ideias. Traição é como um resfriado. Você espirra nos seus amigos e passa a doença pra eles.

– Não sei onde estão. E essa é a verdade.

As narinas do Rei inflaram uma vez mais.

– Mas pode localizá-los para mim.

– Eles não estarão onde ficavam antes. Terão se mudado, talvez até voltado para o Antigo País.

– Está se esquivando da minha pergunta retórica. Consegue encontrá-los para mim.

Xcor relanceou para Layla, logo atrás. Ela o encarava intensamente, os olhos verdes estavam arregalados. Odiava desapontá-la, de verdade, mas jamais entregaria seus guerreiros. Nem mesmo por ela.

– Não, não os caçarei. Não trairei meus irmãos. Pode me matar, aqui, agora, se desejar. Pode me torturar atrás de informações que nunca surgirão, porque eu desconheço a localização deles. Pode me colocar sob o sol. Mas não o levarei até eles para que os condene à morte. Não são inocentes, é verdade. Todavia, não o atacaram, nem aos seus guerreiros. Ou atacaram?

– Talvez eles não sejam bons no que fazem. Já tentaram me matar uma vez, lembra? – O Rei bateu no coração. – Ainda está batendo.

– Eles não representam um perigo para você. São poderosos, mas a ambição era minha. Por séculos viveram contentes no Antigo País somente lutando e fodendo, e não tenho motivos para acreditar que essa condição não tenha sido retomada na minha ausência.

Ao se dar conta da sua franqueza, desviou os olhos para Layla, desejando

não ter sido tão rude. No entanto, ela não parecia afetada.

Depois de um momento, Wrath ponderou:

– O que acha que vai acontecer depois desta noite?

– Como disse?

O Rei deu de ombros.

– Digamos que eu decida deixá-lo viver e o liberte… – Quando Layla arquejou, esse macho poderoso lhe lançou um olhar bravo. – Não se precipite, fêmea. Ainda temos uma grande distância a percorrer.

A Escolhida abaixou a cabeça em submissão. Mas seus olhos estavam inquietos, ardendo com um otimismo que Xcor não partilhava.

– Então, digamos que eu o liberte – Wrath prosseguiu. – O que fará?

Ante isso, Xcor evitou o olhar da sua fêmea.

– De fato, sei que o Antigo País é mais favorável nesta época do ano. Muito mais do que Caldwell. Tenho uma propriedade lá, e uma fonte de renda que é pacífica. Eu gostaria de regressar para o local de onde vim.

Wrath o encarou demoradamente, e Xcor enfrentou aqueles óculos escuros mesmo que os olhos por trás das lentes não o enxergassem.

No silêncio, ninguém se moveu. Ele não tinha certeza se alguém respirava. E a tristeza que emanou de Layla era tangível. Mesmo assim, ela não discutiu.

Xcor pensou que ela entendia o quanto a situação era intratável.

– Já ouvi isso também – Wrath disse por fim. – A respeito do Antigo País. Lugar agradável. Ainda mais se tiver onde ficar e humanos que o deixam em paz.

Xcor inclinou a cabeça.

– Sim. É assim mesmo.

– Não estou perdoando nem esquecendo nenhuma maldita coisa aqui. – Wrath balançou a cabeça. – Essa merda não faz parte da minha natureza. Mas esta fêmea aqui – apontou para Layla – já passou por coisas demais graças a você. Não tenho que provar meu poder a ninguém, e não vou foder com a cabeça dela pelo resto das noites dela só pra ser um filho da puta vingativo. Tudo o que disse até aqui é a verdade que você conhece, e contanto que dê o fora de Caldwell, acho que ambos os lados podem viver com esse acordo.

Xcor assentiu.

– Sim, ambos os lados. – Pigarreou. – E se isso for ajudar numa paz futura, eu lhe digo que me arrependo das minhas ações contra você. Eu sinto muito. Havia muita raiva dentro de mim, e seus efeitos são corrosivos. As coisas são… diferentes… agora.

Ele relanceou para a Escolhida e depois desviou o olhar rapidamente.

– Eu sou… – Xcor inspirou fundo. – Não sou mais o que costumava ser.

Wrath assentiu.

– O amor de uma boa fêmea etc. e tal. Isso não me é desconhecido.

– Então, estamos acabados aqui? – Vishous proferiu como se basicamente desaprovasse tudo aquilo.

– Não – Wrath disse sem se desviar de Xcor. – Antes de encerramos esta merda, você vai fazer uma coisa para mim, aqui, agora.

O Rei apontou para o carpete à sua frente.

– De joelhos, bastardo.

Claro que Xcor teria que partir, Layla pensou ao tentar se recompor. Não poderia permanecer em Caldwell. Os outros Irmãos poderiam aceitar o perdão de Wrath aparentemente, mas coisas aconteciam no campo de batalha. Não havia modo de garantir que, no calor do conflito, um dos guerreiros do Rei não estaria fora do seu normal e numa posição incompatível com este acordo.

Especialmente Qhuinn.

E Tohr.

Só que ela não perderia tempo pensando nisso. Quando o Rei apontou para o chão diante dele, seu coração saltou até a garganta e ela olhou nervosa para Vishous.

Wrath dava todos os indícios de que aquele era um encontro de mentes, um acordo do tipo “viva e deixe viver”, simplesmente por estar declarando isto. Mas Vishous já a ludibriara antes, armando uma cilada da qual recuou, mas a qual poderia muito bem ter se mantido fiel.

Será que uma adaga ou um sabre seria lançado diante da garganta de Xcor? Matando-o ali, bem onde estava?

– Com que finalidade? – Xcor perguntou ao Rei.

– Abaixe-se e descubra.

Xcor relanceou para Vishous. Voltou a se concentrar em Wrath. Mas ainda ficou onde estava.

Wrath sorriu de uma maneira repulsiva, como um assassino prestes a abater.

– E então? Tenha em mente, estou com todas as cartas.

– Curvei minha cabeça uma vez antes, e apenas diante de um. Isso quase me matou.

– Bem, se não fizer isso agora, isso será a sua morte.

Diante disso, houve um som de metal contra metal, e com um choque de alarme, ela viu que Vishous desembainhava uma das adagas negras que estavam presas ao peito, com os cabos para baixo.

– Guarde isso – Wrath ladrou. – Isto acontecerá voluntariamente ou não acontecerá de modo algum.

– Ele não merece…

Wrath expôs as presas para o Irmão e sibilou.

– Suba. Vá pra porra do andar de cima agora. E isso é uma ordem.

A fúria do rosto de Vishous era tamanha que parecia que as tatuagens à

têmpora se moviam sobre a pele. Mas logo ele fez o que lhe foi ordenado – o que fez Layla repensar exatamente qual a extensão do poder de Wrath sobre a Irmandade. No fim do dia, mesmo o filho gerado pela Santa Virgem Escriba evidentemente acatava as ordens do Rei.

Ainda que fosse óbvio que Vishous não estava nem um pouco satisfeito. O som das suas botas subindo pelos degraus era alto como uma série de trovões, e quando ele chegou ao andar de cima, bateu a porta com tanta força que ela sentiu os dentes se chocarem.

– Divertiu-se com o humor das tropas enquanto esteve no comando? – Wrath murmurou para Xcor.

– O tempo todo. Quanto mais forte o guerreiro…

– … mais teimoso ele é.

– … mais teimoso ele é.

Quando terminaram a frase usando as mesmas palavras, e no mesmo tom exausto, ela se surpreendeu. Todavia enfrentaram os mesmos desafios, ambos líderes de grupos de machos altamente carregados de emoções nas melhores circunstâncias… e extremamente perigosos nas piores.

Enquanto Vishous andava de um lado a outro acima das suas cabeças, as passadas um protesto não verbal que evidentemente pretendia ser transmitido para aqueles no porão, Xcor fechou os olhos por um instante demorado.

E então… lentamente se ajoelhou.

Por algum motivo, vê-lo ajoelhado fez com que lágrimas surgissem nos seus olhos. Mas, pensando bem, ver um macho orgulhoso se submeter, mesmo naquelas circunstâncias, era motivo para se emocionar.

Wrath, calado, estendeu a mão, aquela na qual o imenso diamante negro que indicava sua posição estava aninhado. No Antigo Idioma, o Rei proclamou:

– *Jure sua fidelidade a mim, nesta noite e para sempre, não colocando ninguém da face desta Terra acima de mim.*

A mão de Xcor tremia quando se projetou à frente. Segurando a palma de Wrath, ele beijou o anel e depois a apoiou sobre sua cabeça inclinada.

– *Para sempre, eu juro minha obediência a você e apenas a você, não servindo a mais ninguém.*

Ambos os machos inspiraram fundo. Então Wrath pousou a mão sobre a cabeça de Xcor, como se o estivesse abençoando. Erguendo a cabeça, o Rei procurou Layla com seus olhos cegos.

– Você deveria sentir orgulho do seu macho. Isto não é pouca coisa para um guerreiro.

Ela enxugou os olhos.

– Sim, eu sei.

Wrath virou a mão, oferecendo a palma para Xcor a fim de ajudá-lo a se levantar. E Xcor… depois de um instante… a aceitou.

Quando os dois guerreiros estavam frente a frente, Wrath disse:

– Agora, faça com que cada um dos seus guerreiros repita isto, e estarão livres para voltarem ao Antigo País. Mas precisarei dos votos de cada um deles, entendeu?

– E caso eles já tenham cruzado o oceano?

– Então você os trará de volta até mim. É assim que será. A Irmandade que me serve tem que acreditar nisto, e este é o único meio de fazer com que ele parem de caçar os malditos.

Xcor esfregou o rosto.

– Sim. Muito bem, então.

– Fique aqui enquanto estiver à procura dos seus meninos. Este será o nosso ponto de encontro. Farei com que V. deixe um telefone para que entre em contato conosco. Presumindo que seus garotos ainda estejam deste lado do lago, você nos chamará quando estiverem prontos e faremos isto um a um. Qualquer desvio neste nosso acordo será interpretado como uma agressão e lidado de acordo. Entende?

– Sim.

– Estou disposto a ser leniente, mas não sou idiota. Eliminarei toda e qualquer ameaça contra mim, entende isto também?

– Sim.

– Ótimo. Terminamos por hoje. – Pesaroso, Wrath balançou a cabeça. – E

você acha que tem problemas? Pelo menos você não tem que voltar pra casa com aquilo.

Quando o Rei apontou para o teto, Vishous pisou com mais força – como se soubesse que era o assunto em questão.

Bem quando Wrath estava se virando, Xcor disse:

– Meu senhor…

O Rei olhou por sobre o ombro.

– Sabe, até que gosto de ouvir isso.

– Acredito. – Xcor pigarreou. – Em relação às ameaças contra a sua pessoa… Gostaria de alertá-lo a respeito de certo indivíduo contra o qual seria prudente estar atento.

Wrath ergueu uma sobrancelha por cima dos óculos.

– Diga quem.

CAPÍTULO 26

O sacrifício também estava nos olhos de quem vê.

Assim como a beleza, era pessoal, uma avaliação subjetiva, uma análise de custo e benefício sem uma resposta certa, somente uma bússola que girava ao redor do norte verdadeiro que variava de pessoa para pessoa.

Throe, filho gerado e depois esquecido de Throe, ajustou o belo casaco de cashmere ao redor do corpo delgado enquanto caminhava pela calçada desigual. O bairro, se é que alguém poderia se referir àqueles velhos

apartamentos sem portaria e às horrendas lojinhas usando uma palavra tão acolhedora, estava mais para uma área delimitada do que qualquer um gostaria de chamar de moradia.

Mas, para ele, o sacrifício de ver tanta decrepitude e podridão valia o que conseguiria.

O que *esperava* poder conseguir.

De maneira geral, não conseguia sequer acreditar que estava naquela busca atual. Parecia… inapropriado… para um cavalheiro do seu status. Mas a vida seguira muitos cursos que ele não teria previsto sequer escolhido por vontade própria, portanto estava um tanto acostumado a surpresas – embora supusesse, mesmo sob esses prognósticos, este rumo ainda estava indefinido.

Mesmo para um aristocrata que fora alistado pelo Bando de Bastardos, tornara-se um guerreiro, tentara derrubar a coroa, e depois fora libertado daquele grupo de foras da lei para se arranjar entre os ricos e bem-nascidos como ele… só para ter escapado por pouco de ser queimado vivo quando sua amante fora assassinada por manter um escravo de sangue no porão.

Uma loucura de fato.

E seu estranho destino surtira muitos efeitos nele. Houve uma época em que fora verdadeiramente regido pelos princípios convencionais da lealdade e do decoro, quando se portara como um macho de valor perante a sociedade.

Mas então tivera que confiar em Xcor para *ahvenge* uma desgraça que, em

retrospecto, ele deveria ter cuidado sozinho. Uma vez dentro do círculo de guerreiros de Xcor, depois de ter superado todo tipo de tortura de um modo que surpreendera não apenas aqueles bastardos, mas também a si próprio, ele começara a acreditar que só se pode confiar em si mesmo.

A ambição, antes desdenhada por ele como uma atitude dos novos ricos, criara raízes e culminara no golpe contra o Rei Cego que quase dera certo.

Xcor perdera o desejo de seguir em frente, no entanto.

E Throe descobrira que ele não havia perdido.

Wrath podia ter vencido por voto popular e castrado o Conselho da *glymera*, mas Throe ainda acreditava em seu íntimo que existia um governante muito melhor para a raça.

Ele mesmo.

Portanto, insistiria sozinho, encontrando alavancas e fazendo uso delas para engendrar o resultado que desejava.

Ou no caso da diligência desta noite? Criaria a alavanca, na verdade.

Parou e olhou ao redor. A promessa de muita neve estava no ar, a noite estava úmida e fria ao mesmo tempo, as nuvens se agrupavam com tal densidade que o céu estava cada vez mais baixo, próximo do chão.

Os números numa rua como aquela eram raros e difíceis de determinar visto que aquele não era um setor de Caldwell onde as pessoas cuidavam das suas propriedades. Ali, era mais provável que alguém invadisse a casa do

vizinho para roubar xícaras de açúcar e ferramentas. Portanto, havia poucas placas, e mesmo as de rua haviam sido tiradas das esquinas.

Mas seu destino devia estar ali em algum lugar…

Isso mesmo. Ali. Do outro lado da rua.

Throe estreitou os olhos. E depois os revirou.

Não conseguia acreditar que de fato havia uma placa iluminada pis-cante na qual estava escrito VIDENTE na janela. Bem ao lado de uma compulsória mão aberta que estava acesa. Na cor roxa.

Enquanto aguardava que um carro passasse, e depois teve que colocar seus sapatos de camurça num banco de neve para passar pela sarjeta, decidiu que sim, os sacrifícios que tivera que fazer eram desagradáveis, mas eram coisas necessárias que tivera que suportar somente pelo tempo que seria obrigado. Por exemplo, não se conformava de viver à custa de fêmeas abastadas do jeito como vinha fazendo desde que deixara o Bando de Bastardos. Mas mesmo com o dinheiro que conseguira juntar nos últimos duzentos anos, seria incapaz de se sustentar no padrão que merecia. Não, isso demandava um capital na casa dos milhões de dólares, não na de centena de milhares.

Mas os sacrifícios. Por certo se transformara numa espécie de gigolô, fodendo aquelas fêmeas em troca de moradia, alimento e indumentária à altura do legado venerável da sua linhagem. Mas estava farto de pobreza depois daqueles anos sob o comando de Xcor.

Se nunca mais visse um sofá modular barato coberto por caixas vazias de pizza de novo, isso já seria cedo demais.

No pé em que estava agora, o sexo era um preço barato a pagar por tudo o que recebia em troca – e, além disso, tudo terá valido a pena assim que estivesse no trono.

Chegando ao outro lado da rua, saltou sobre o monte de neve e bateu os sapatos para se livrar da neve derretida.

– Uma vidente… – murmurou. – Uma vidente humana.

Aproximando-se da porta, que estava pintada de roxo, ele quase deu meia-volta. Tudo aquilo começava a parecer uma brincadeira de mau gosto.

De que outra maneira sua presença podia ser explicada ali…

Os três machos humanos que dobraram a esquina anunciaram sua chegada de três maneiras diversas. Primeiro ele notou o cheiro do cigarro que o do meio fumava. Depois houve a tosse do cara à esquerda. Mas foi o da direita quem foi que selou o acordo.

O cara parou na mesma hora. E depois sorriu, revelando um incisivo de ouro.

– Tá perdido?

– Não, obrigado. – Throe se virou para a porta e virou a maçaneta. Ela estava trancada.

Os três homens se aproximaram e, Deus, eles nunca ouviram falar de

colônia pós-barba? Perfume? Na verdade, xampu parecia ser um conceito desconhecido para o trio.

Throe recuou um passo da soleira para poder olhar para as janelas acima. Estavam escuras.

Deveria ter ligado antes para marcar um horário, concluiu. Assim como alguém faria com um barbeiro. Ou um contador…

– Quer saber o seu futuro?

Isso foi dito bem próximo do seu ouvido, e quando Throe olhou nessa direção, descobriu que o trio se aproximara, formando uma espécie de colar ao seu redor.

– É pra isso que tá aqui? – Aquele com o dente de ouro sorriu de novo. – É supersticioso ou o quê?

Os olhos de Throe passaram por eles. Aquele com o cigarro o apagara, apesar de a coisa ter sido fumada apenas pela metade. E o candidato a uma doença pulmonar crônica já não estava mais tossindo. E aquele com o incisivo de catorze quilates enfiara a mão dentro do casaco de couro.

Throe revirou os olhos de novo.

– Sigam em frente, cavalheiros. Não são páreo para mim.

O líder responsável por toda aquela conversa lançou a cabeça para trás e gargalhou.

– Cavalheiros? Você é a porra de um inglês? Ei, esse cara é inglês. Você

conhece o Hugh Grant? Ou o cara que finge que é americano no *House*? Qual é mesmo o nome dele…? *Babaca*.

No “babaca”, o cara mostrou o que parecia ser um belo canivete.

– Me passa a grana. Ou te corto todo.

Throe não conseguia acreditar nisso. Seus sapatos de camurça prediletos estavam arruinados, ele estava sendo forçado a lidar com humanos, e estava parado diante de um prédio mais adequado ao consumo de crack do que para qualquer negócio legítimo.

Muito bem, essa era a última vez que aceitaria o conselho de uma namoradinha da *glymera* que estivesse embriagada. Sem a defesa um tanto ébria da fêmea em relação a esta autoproclamada vidente, ele estaria, naquele momento, do lado certo da cidade, sorvendo seu copo de xerez.

– Cavalheiros, eu lhes direi isto apenas uma vez mais. Não são páreo para mim. Sigam em frente.

O canivete foi empurrado na direção do seu rosto, tão próximo que seu nariz corria o risco de ser aparado.

– Me passa a porra da grana e a merda do…

Ah, humanos…

Throe arreganhou as presas, mostrou as mãos como se fossem garras… e rugiu para eles como se pretendesse arrancar-lhes as gargantas.

A retirada foi divertida de ver, na verdade, e o alegou um pouco: aqueles

três idiotas deram uma espiada na morte certa e decidiram que suas habilidades sociais dúbias eram desejadas em alguma outra parte. Na verdade, não poderiam ter executado uma retirada mais competente e completa caso tivessem usado as mentes conscientemente na ação.

Um, dois, três… Foram derrapando ao redor da esquina pela qual vieram.

Quando Throe encarou a porta uma vez mais, franziu o cenho.

Ela estava um centímetro aberta, como se alguém tivesse descido para destrancá-la.

Empurrando-a, não ficou nem um pouco surpreso em ver uma luz negra acima e um lance de escadas pintado na cor roxa logo adiante.

– Olá – ele disse.

Ouviu passadas subindo, atravessando a plataforma entre os degraus acima da sua cabeça.

– Olá – repetiu. Depois murmurou: – Esse mistério deliberado é de fato necessário…

Entrando, limpou os pés num capacho preto para tirar a neve dos sapatos.

Depois seguiu no rastro de quem quer que tivesse ido à frente dele, subindo dois degraus de cada vez.

– E roxo de novo – disse baixinho ao virar na escada e seguir até a única porta do segundo andar.

Pelo menos sabia ter chegado ao seu destino. Havia o desenho de uma

palma na porta, o contorno em preto dos dedos e das linhas da vida feito de qualquer modo, não de maneira adequada ou mesmo desenhada por algum artista.

Céus, aquilo era ridículo. Por que aquela fêmea embriagada iria saber qualquer coisa a respeito de contatar Ômega? Usando um portal humano, ainda por cima.

E mesmo enquanto hesitava, ele sabia que iria em frente naquele encontro de provável beco sem saída. Seu problema, claro, era que procurava um modo de se fortalecer, sem encontrar nenhum. Não queria acreditar que a *glymera* era verdadeiramente a causa perdida que aparentava ser. Afinal, se fossem incapazes de lhe prover uma plataforma da qual poderia assumir o papel de Wrath, onde mais ele conseguiria suprimentos, tropas ou coisas dessa natureza?

Os humanos não eram de grande ajuda. E ele continuava a acreditar que era melhor que a espécie invasiva desconhecesse a existência dos vampiros. Eles já sujeitaram tudo o mais aos seus desejos e sobrevivência, incluindo o planeta que abrigava suas vidas. Não, aquela era uma colmeia que era melhor deixar de lado.

Portanto, o que lhe restava? A Irmandade estava fora de questão. O Bando de Bastardos agora já não era uma opção. E isso o deixava com apenas outro caminho a ser explorado.

Ômega. O Maligno. O terrível equilíbrio para a Virgem Escriba…

A porta se entreabriu com um rangido saído direto de uma mansão mal-assombrada.

Pigarreando, ele pensou: perdido por cem, perdido por mil. Ou, no seu caso, perdido pela substituição do seu par de Ferragamo, que custava cerca de quinze mil dólares.

– Olá? – ele chamou.

Quando não houve resposta, ele se inclinou um pouco para dentro.

– Oi? Você está recebendo… – Qual seria o termo apropriado… Clientes? Loucos? Perdedores ingênuos? – Você poderia parar para conversar um pouco?

Ele encostou a mão na madeira e, de imediato, franziu o cenho, retraindo-a e sacudindo-a. Foi como se tivesse levado uma descarga elétrica pela palma.

– Olá? – repetiu.

Com uma imprecação, Throe avançou pelo interior escurecido – e se retraiu ante o cheiro. Patchouli. Deus, ele odiava patchouli.

Sim, lá estava o incenso sobre a mesa com pedras. Velas acesas nos cantos. Grandes extensões de pano em diferentes cores e desenhos pendurados no teto.

E, claro, ela tinha um pequeno trono com uma mesa redonda diante dele e… uma bola de cristal.

Aquilo era demais.

– Na verdade, acho que estou no lugar errado. – Virou-se. – Se me der licença…

O ruído que ecoou pelo lugar foi alto o bastante para tinir nos seus ouvidos e fazê-lo saltar para fora da própria pele.

Girando sobre os calcanhares, ele chamou:

– Madame? Está tudo bem?

Quando não houve resposta, ele se viu sobrepujado por uma sensação indescritível de paranoia. Relanceando ao redor, ele pensou: saia. Agora. Saia deste lugar.

Nada estava certo ali.

E naquele exato instante, a porta bateu e pareceu se trancar.

Throe se apressou até ela, agarrou a maçaneta e tentou girá-la de um lado e do outro. Ela não se moveu, e nem a madeira cedeu quando ele tentou arrancá-la dos batentes.

Throe ficou imobilizado, os cabelos na nuca se eriçaram.

Relanceando por cima do ombro, ele estava preparado não sabia para o quê. Mas havia algo no quarto ali com ele… e não era deste mundo.

CAPÍTULO 27

Na boate shAdo Ws, parado na beira da pista de dança, Trez supostamente observava a multidão diante dele. Na realidade, ele nada via.

Não enxergava os fachos de laser roxos lançados sobre a nuvem de fumaça das máquinas. Por certo não os humanos que se amontoavam uns contra os outros como colheres empilhadas na gaveta de talheres.

A decisão de sair, quando lhe ocorreu, seguiu o padrão da noite: viera do nada e ele se sentiu impotente perante o comando.

Seguindo para o bar, encontrou Xhex com os braços cruzados e os olhos estreitados sobre um par de cabeças de bagre que exigiam mais uma rodada de drinques, apesar de estarem evidentemente acima do limite legal – e provavelmente drogados também.

– Bem na hora – ela murmurou sobre o barulho da música e do sexo. – Sei o quanto gosta de me ver limpar o chão com humanos.

– Na verdade, tenho que ir. Talvez eu não volte hoje, tudo bem?

– Claro que sim. Há quanto tempo venho te dizendo pra tirar uma folga?

– Liga se precisar?

– Sempre.

De modo pouco usual, Trez apoiou a mão no ombro dela e lhe deu um aperto – e se o gesto a surpreendeu, Xhex escondeu muito bem. Depois, virando-se ele…

A chefe de segurança o segurou pelo pulso, detendo-o.

– Quer que alguém vá com você?

– Como que é?

Os olhos cinza metálicos dela vasculharam suas feições, e o foco deles o fez sentir como se ela estivesse dentro da sua alma. Malditos *symphatos*. Eles deixavam a intuição no chinelo, pelo menos no que se referia a adivinhar o humor das outras pessoas.

– O seu emocional está todo desbalanceado, Trez. Não está?

– O quê?

Em seguida, ele se viu segurado pelo braço e estava marchando para os fundos, onde as meninas se trocavam e as encomendas eram entregues.

– De verdade, eu estou bem.

Mesmo enquanto ele protestava, ela só faltou empurrá-lo pela porta dos fundos da boate, já com o celular na mão, enviando uma mensagem.

Trez levantou os braços ao fazer os cálculos.

– Não incomode iAm… Xhex, sério, você não precisa…

Seu irmão literalmente de desmaterializou até ali um segundo depois de Xhex ter abaixado o celular, usando seu dólmã e chapéu de *chef*, com um pano de pratos na mão.

– Ok, isto é ridículo. – Trez pigarreou antes para que a voz parecesse mais convincente. – Sou perfeitamente capaz de ir sozinho aonde eu preciso ir.

– E onde seria isso? – iAm exigiu saber. – Uma casa de aluguel do outro lado da cidade? Talvez no terceiro andar? Qual era mesmo o número do apartamento… e não me diga que não leu o maldito currículo.

– Vão me dizer de que diabos vocês estão falando, meninos? – Xhex olhava de um a outro. – E quem sabe me explicar por que um macho que andou meio morto de tanto sofrimento nos últimos meses de repente está emanando seu cheiro de vinculação?

– Não – Trez interveio. – Não sinto a menor necessidade de explicar nada.

Um relance rápido de alerta na direção do irmão e Trez se perguntou se teria que partir para a porrada ali. Mas iAm só sacudiu a cabeça.

– Longa história – o bom *chef* murmurou. – Venha, Trez, deixa eu te levar pra casa.

– Posso me desmaterializar.

– Mas será que vai mesmo, essa é a questão…

– Você não tem tempo pra isso – Trez disse quando o cara fez menção de ir até a BMW de Trez.

Que era do mesmo modelo e fabricação da do seu irmão. Conseguiram uma barganha ao comprar duas, quem quisesse poderia tentar processá-los por isso.

E, caramba, iAm tinha de algum jeito se lembrado de levar as malditas chaves. Como se tivesse planejado aquilo, talvez com Xhex.

Lembrete mental: tirar a maldita chave do cara. E, caso não conseguisse, comprar um maldito carro novo.

– Venha – iAm disse. – Vamos embora.

Quando os dois começaram a olhar para ele como se tivesse crescido um chifre de unicórnio na testa, Trez considerou desmaterializar-se, deixando iAm sem ninguém para quem bancar o chofer e Xhex sozinha com suas teorias de saúde mental a respeito do seu "estado emocional", o que quer que isso fosse. Mas algo nos recessos da sua mente por acaso concordava com eles. Por mais que ele detestasse admitir isso.

Portanto, como o bom idiota que era, foi para o lado do passageiro, e até atou o cinto de segurança – e iAm não perdeu tempo ao colocá-los na Northway, seguindo para fora da cidade na velocidade máxima permitida.

– Você foi até o apartamento dela, não foi.

Mesmo com a cabeça começando a latejar, Trez sintonizou na SiriusXM. Kid Ink cantava "Nasty", e Trez fechou os olhos – e pensou naquele beijo.

Será que perdera a porra da cabeça? Sua *shellan* morrera há três meses e ele estava beijando uma desconhecida?

E era isso que o estivera incomodando, o motivo por ele ter querido sair da boate. Ficar rodeado de todos aqueles humanos se beijando e transando nos banheiros privativos que ele construíra para especificamente esse propósito fez o que ele fizera com Therese ficasse estampado num outdoor de Las Vegas – e a culpa que se alojara nas suas entranhas era como se estivesse sofrendo de intoxicação alimentar.

Estava totalmente nauseado e empanturrado, tonto e fraco.

iAm desligou o rádio.

– Foi ou não?

Virando a cabeça para o lado, Trez avaliou os carros da faixa de rola-gem mais lenta – pela qual ele e o irmão passavam como se os malditos estivessem estacionados no acostamento.

– Fui. Ela mora num pardieiro. Não é seguro. Você vai contratá-la, certo?

– Não, não vou contratá-la, cacete.

Trez mudou o foco do trânsito da meia-noite para os prédios de apartamentos aninhados nas laterais da autoestrada enquanto a cidade fazia a sua transição de urbana para suburbana. Nas incontáveis janelas, ele viu pessoas indo de um cômodo para outro, ou sentados em sofás, ou lendo na cama.

Naquele instante, ele teria trocado de lugar com qualquer um deles, mesmo eles sendo humanos.

– Não tire essa oportunidade dela por minha causa. – Trez esfregou os olhos e piscou para se livrar dos pontos claros da visão. Maldição, o trânsito da noite sempre acabava com ele. – Isso não seria justo.

Deus, não conseguia acreditar que beijara aquela fêmea. Enquanto estivera com Therese, quando ela estivera junto ao seu corpo, fitando seus olhos, fora fácil se convencer de que era Selena reencarnada. Mas com o distanciamento e o tempo vinha a lógica: ela era apenas uma desconhecida que se parecia

com a fêmea que ele perdera.

Merda. Colocara a boca na de outra fêmea.

Trez olhou para o irmão numa tentativa de parar de pensar naquilo que fizera.

– Estou falando sério, iAm. Se ela estiver qualificada, dê o emprego a ela. Ela precisa sair daquele lugar horrível em que está morando. E eu não vou incomodá-la. Não vou voltar lá.

– Bem, mas eu também não quero que deixe de ir ao restaurante por causa dela.

Trez voltou a se concentrar na estrada à frente, mas as luzes dos faróis vindo da direção contrária o deixaram tonto. Esfregando os olhos, sentiu o estômago se revirar.

– Ei, pode me fazer um favor?

iAm relanceou para ele.

– Claro, qualquer coisa. Do que precisa?

– Encoste.

– O que…

– Agora.

iAm virou o volante e foi para o acostamento, e antes que o carro sequer parasse, Trez abria a porta – o que acionou o mecanismo de antirrolagem e garantiu que os pneus travassem de uma vez.

Bem como a fêmea dissera.

Inclinando-se o mais longe que conseguiu do carro, Trez vomitou o pouco que tinha no estômago, o que devia ser basicamente bile. Enquanto sentia ânsia e vomitava, e depois sentiu mais uma onda vindo, ele imprecou contra os lampejos na sua visão que se organizavam numa aura.

Enxaqueca. Maldita e idiota enxaqueca.

– Dor de cabeça? – iAm comentou quando um caminhão passou por eles.

Não era seguro ficarem ali, Trez pensou quando o frio entrou no interior da BMW. Deviam ter pegado uma saída…

Respondeu à pergunta do irmão vomitando mais um pouco, e depois se largou no encosto do assento. Sem nenhum motivo aparente, baixou o olhar para as calças brancas e percebeu as manchas causadas quando ele desmaiara e depois quando escorregara.

Era por isso que não se usava branco.

– O que posso fazer? – iAm perguntou.

– Nada. – Fechou a porta. – Vamos em frente. Vou tentar segurar, mas podemos diminuir a temperatura?

Ele não se lembrou muito do trajeto até a mansão, pois passou o tempo monitorando a evolução da aura desde os pontos esparsos no centro da sua visão até que suas asas se espalhassem e voassem para a periferia. Mas o que notou a seguir foi que o irmão o ajudava a sair do carro, acompanhando-o

como se ele fosse um inválido pelos degraus até a entrada da mansão. Assim que entraram, o vestíbulo com todas as suas colunas coloridas, o folheado a ouro, e as malditas arandelas de cristal bastaram para deixá-lo nauseado de novo.

– Acho que vou…

Fritz, o *doggen* mordomo, apresentou-lhe um saco para vômito no momento certo. Um saco para vômito. Um saco de vômito ao estilo hospitalar, verde claro.

Enquanto Trez se dobrava ao meio e mantinha a abertura circular contra a boca, ele pensou em algumas coisas: 1) quem diabos andava com sacos para vômito? 2) que porra mais aquele macho carregava naquele seu terno de pinguim? e 3) por que ele tinha que ser verde como a bile?

Se a ideia era fazer alguma coisa para que as pessoas vomitassem dentro, por que tinham que fazer a maldita coisa da cor da sopa de ervilhas?

Um amarelo vivo, quem sabe? Um branco limpo e simples.

Apesar de que, considerando-se o estado das suas calças…

Quando Trez finalmente se endireitou, aquela bigorna de sobreaviso sobre uma lateral da cabeça começou a latejar, e o padrão dos seus pensamentos começou a assumir a forma torcida e estranha que acompanhava suas enxaquecas.

– Me ajuda a subir? – murmurou para ninguém em particular.

Não foi uma surpresa quando iAm se encarregou disso, e o levou para o quarto novo em que vinha ficando desde que Rhage, Mary e Bitty se mudaram para as suítes do terceiro andar.

Atravessaram o corredor. Sentou na cama. Deitou de costas.

Como sempre, sair de cima dos pés lhe ofereceu apenas um alívio mínimo, um breve instante em que o estômago se assentava e a cabeça tinha uma folga – e depois tudo recomeçava cem vezes pior.

Pelo menos iAm sabia exatamente do que ele precisava. Um depois do outro, seus sapatos foram removidos, mas o irmão sabia que ele precisava ficar de meias porque as extremidades perdiam a circulação e ficavam frias durante as enxaquecas. Em seguida, o cinto e as calças foram tirados e a colcha acomodada ao seu redor. A jaqueta ficou onde estava, assim como a camisa. Tirar isso do corpo requereria muito esforço e muitas viradas, o que provavelmente provocaria mais ânsia.

O que era exatamente o que se quer evitar quando sua cabeça já está latejando.

Depois as cortinas foram fechadas, mesmo não havendo lua naquela noite.

A colocação do cesto de lixo bem ao lado da cabeceira da cama. E a inevitável depressão no colchão quando iAm se sentou ao seu lado.

Deus, fizeram aquilo tantas vezes.

– Prometa – Trez disse na escuridão das suas pálpebras abaixadas – que vai

dar o emprego a ela. Juro que não vou atrás dela. Na verdade, não quero vê-la nunca mais.

Ele estaria propenso demais a fazer alguma estupidez de novo…

Quando o sabor dela lhe voltou à língua, ele gemeu quando o coração se contraiu.

– Eu queria que você tomasse algum remédio para isso – iAm praguejou baixinho. – Odeio te ver sofrendo assim.

– Vai passar. Sempre passa. Contrate a fêmea, iAm. E eu não a incomodarei.

Ele esperou que o irmão lhe dissesse algo, que ele lhe desse alguma resposta ou discutisse, e quando não ouviu nada, abriu os olhos – só para se retrair. Apesar de a única fonte de luz vir da porta quase fechada que dava para o corredor, a merda já era forte demais para seus olhos hipersensíveis.

– Sei que ela não é a Selena – murmurou. – Pode confiar. Eu sei *muito bem* o quanto ela não é a minha fêmea.

Diabos, as implicações daquele beijo eram exatamente o motivo por ele estar com aquela maldita enxaqueca. O arrependimento literalmente explodira sua cabeça: culpa como evento vascular.

A doutora Jane deveria escrever o seu caso nos periódicos médicos.

– Não a castigue por um erro que é só meu.

Pelo menos foi isso o que ele quis dizer. Não soube muito bem o que saiu

da sua boca.

– Apenas descanse – iAm disse. – Vou pedir a Manny que venha dar uma espiada em você.

– Não o incomode. – Ou algo assim. – Mas você pode fazer uma coisa por mim.

– O quê?

Trez forçou as pálpebras a se erguerem e levantou a cabeça mesmo com o mundo girando ao seu redor.

– Chame Lassiter. Traga o anjo caído até aqui.

– Agora, se não se importar, trocarei umas palavras com a Escolhida no andar de cima.

Enquanto Wrath falava, Layla não se deixou enganar. Seu tom deixava muito claro que não estava pedindo a permissão de Xcor para falar com um dos seus súditos.

Se a voz do Rei estivesse um pouco mais seca, teria deixado uma camada de poeira sobre a mobília.

Mas, na verdade, ela também desejava lhe falar reservadamente, e quando Wrath indicou as escadas, ela assentiu. Com uma rápida olhada para Xcor, apressou-se escada acima, abrindo a porta no alto e se preparando para enfrentar Vishous.

Não precisou ter se preocupado.

O Irmão se recusou a olhar para ela de onde estava junto à mesa. Simplesmente pegou a caneca que vinha usando como cinzeiro e saiu pelas portas de correr.

O Rei subiu mais lentamente, e ela se sentiu mal por não tê-lo ajudado.

– Meu senhor – ela disse –, há uma mesa à direita cerca de três metros da…

– Tudo bem. – Wrath fechou a porta que dava para o porão. – Você vai querer se senta. Vishous saiu? Sinto cheiro do ar fresco.

– Ah… – Layla engoliu com força. – Sim, ele está na varanda. Quer que… eu o chame?

– Não. Isto é entre mim e você.

– Sim, claro. – Ela fez uma mesura apesar de ele não poder vê-la. – E, sim, acho melhor eu me sentar.

– Boa pedida.

O Rei permaneceu exatamente onde estava, um pouco à frente da porta fechada – e por um instante, ela tentou imaginar como seria tocar a vida sem nenhum tipo de orientação visual. Poderia haver um buraco diante dele, ou um amontoado de coisas espalhadas pelo chão, ou… só os céus saberiam o que mais.

Todavia, quando ela avaliou a forma como ele sustentava o queixo, deduziu que ele seria capaz de enfrentar qualquer coisa. E como o invejava

por isso.

– Então por que não se senta?

Como ele sabia? , ela se perguntou ao se adiantar e se acomodar em uma das quatro cadeiras.

– Pois não, meu senhor.

Wrath procedeu falando calmamente, com a voz tranquila, despejando uma série de sentenças repletas de palavras que, em outras circunstâncias, ela teria compreendido sem demora.

Neste caso, contudo, nada além de “seus filhos estão…” foi compreendido.

– … dia sim, dia não, bem como às noites, num esquema de rotação. É justo e imparcial, e acredito que atenda aos interesses de todos. Fritz será o responsável por acompanhá-la a…

– Desculpe – ela disse quase engasgada. – Poderia… poderia repetir o que acabou de dizer?

O rosto do Rei pareceu se suavizar.

– Quero que fique com seus filhos a cada dia e noite. Está bem? Você e Qhuinn dividirão a custódia meio a meio, e serão os dois responsáveis por tomar todas as decisões de pais quanto ao bem-estar deles.

Layla piscou rapidamente, ciente de que todo o seu corpo tremia.

– Quer dizer que não serei afastada deles.

– Não, não será.

– Oh, meu senhor, muito obrigada. – Cobriu a boca com a palma. E falou ao redor da mão. – Eu não saberia viver sem eles.

– Sei disso. Eu entendo, acredite em mim. E o Santuário lhe garantirá segurança.

Layla se retraiu.

– Desculpe, o que disse?

– Será transportada até o Santuário e ficará com eles nos aposentos privativos da Virgem Escriba – todos bem sabem que ela não os está mais usando. É o lugar mais seguro para vocês três porque nem fica neste planeta. Phury e Cormia me garantiram que você será capaz de se transportar e voltar de lá facilmente à maneira das Escolhidas com seus filhos – tudo o que terá que fazer será segurá-los nos braços e poderá ir. – Wrath balançou a cabeça. – Qhuinn vai bater no teto quando eu lhe comunicar isto, mas ele não terá como argumentar em relação ao bem-estar deles se vocês estiverem lá. E quando não estiverem com você… você terá a liberdade de ir aonde bem quiser, de estar com quem desejar, e pode usar este lugar como sua casa.

Houve uma pausa, na qual Layla corou.

Porque Wrath sabia muito bem o que ela faria e com quem faria. Pelo menos até Xcor partir para o Antigo País.

– Sim – ela disse lentamente. – Sim, sim, claro.

– Um aviso, porém, você terá que trazê-los para baixo quando for a vez de

Qhuinn ficar com eles. Assim como ele terá que entregá-los a você quando for a sua noite. O esquema tem que ser honrado por vocês dois.

– Absolutamente. Eles precisam do pai deles. Ele é muito importante nas vidas deles. Não quero fazer nada para atrapalhar isso.

E Wrath tinha razão. Agora que ela fora essencialmente perdoada na acusação de traição, o principal argumento de Qhuinn para impedir seu contato com os filhos seria que ela não estaria na mansão da Irmandade com eles, e não existia nenhum outro lugar, nenhuma casa segura, nenhum abrigo, nenhuma estrutura, mesmo com todo o esquema de segurança providenciado por Vishous, que chegasse perto da segurança que a mansão oferecia.

A solução? Sair do planeta.

Afinal, houvera apenas um ataque ao Santuário, há uns vinte e cinco anos. E esse fora um golpe ensaiado por descontentes da *glymera* que já nem estavam mais vivos.

Ela, Lyric e Rhamp estariam bem e felizes ali também. Com todas as flores e gramados, as fontes de mármore e os templos. Haveria muito a ser explorado quando eles fossem maiores e estivessem se movimentando.

– É perfeito – ela disse. – Meu senhor, é perfeito.

– Voltarei para casa agora e falarei com Qhuinn. Eu o colocarei na ronda de amanhã. Vá até a mansão então e fique com as crianças.

Layla abaixou a cabeça.

– Isso… é muito tempo para eu esperar.

– É assim que vai ser. Qhuinn está muito instável e não quero que você esteja lá quando eu lhe contar a respeito do esquema de visitação ou quando for ver as crianças. Então é o tempo de que necessitamos. Mas farei com que Beth lhe mande mais fotos.

– Fotos?

– É, não as tem recebido no seu celular?

– Não o trouxe comigo… Ela tem tirado fotografias?

– Todas elas têm. Formaram um grupo do qual você faz parte… Foi o que ouvi dizer. As fêmeas querem ter certeza de que você não sentirá estar perdendo alguma coisa.

– Elas são tão… – Layla inspirou fundo. – É muito generoso da parte delas.

– Elas sabem pelo que você está passando. Ou têm um mínimo de noção, pois estão horrorizadas pra caramba.

Layla levantou as mãos até o rosto. Como se isso pudesse, de alguma forma, ajudá-la a se recompor.

– Venha cá.

Quando o Rei gesticulou para que se aproximasse, ela saltou da cadeira e correu até ele. Abraçar Wrath era o mesmo que passar os braços ao redor de um piano de cauda, tudo duro e grande demais para ser abarcado.

Mas o Rei também a abraçou, dando-lhe tapinhas nas costas.

– Faça-me um favor, sim?

Ela fungou e olhou para cima, para a projeção do queixo dele.

– Qualquer coisa.

– Cuidado com Xcor. Mesmo que ele não a mate fisicamente, ele pode acabar arruinando-a por toda a vida.

Layla só conseguiu sacudir a cabeça.

– Ela já fez isso, meu senhor. Temo que o estrago já tenha sido feito.

CAPÍTULO 28

Enquanto Throe vasculhava o escritório ou quarto, ou como aquilo era chamado, envolto em tecidos e iluminado por velas da vidente, ele não ouvia nada além das batidas do seu próprio coração. Parecia que estava sozinho, mas todos os seus instintos lhe diziam o contrário. Enfiando a mão no casaco, espalmou o cano de sua pistola e pensou no trio de humanos que assustara na rua.

Bem que desejou não estar enfrentando nada mais exótico do que três malandros e um canivete.

Virando a cabeça, procurou pela fonte do barulho que ouvira, um gatilho para seus instintos de alerta, um…

Santo Fade, o que era aquilo?

Nada se movia naquele espaço… Nada mesmo.

Por algum truque… ele desconhecia a causa… as chamas das velas estavam absolutamente imóveis, como se fossem uma fotografia, a cera não derretia, nenhuma brisa soprava as labaredas douradas de fogo, nenhum fio de fumaça se erguia no ar.

Com uma sensação de absoluto terror, levantou o braço, puxou a manga do casaco e olhou para o relógio Audemars Piguet.

As lanças, que estiveram funcionando muito bem até chegar àquele local, já não davam a volta no dial.

Começando a andar – só para provar para si mesmo que conseguia –, marchou até a janela, puxou uma cortina e olhou para a rua embaixo. Não havia nenhuma circulação de carros. Mas também não havia nenhum em vista…

No prédio da outra calçada, havia um par de humanos sentados em poltronas, assistindo a TV, e um deles estava no processo de levar uma lata de cerveja à boca.

Eles não estavam se mexendo.

Assim como nem o comercial da KFC na TV.

– Santa Virgem Escriba… – Fechou os olhos e rolou contra a parede. – Mas que loucura é esta?

Relembrou o que a fêmea que o mandara até ali lhe dissera. Uma vidente no centro da cidade. Uma bruxa. Uma bruxa humana com portais para o outro

lado.

A conversa havia começado ao redor da mesa de jantar cercada por fêmeas da alta sociedade, todas reclamando dos seus “problemas” e as soluções para situações terríveis como pisos pintados claros demais, escuros demais, inconsistentes demais, e bolsas Birkins que estavam gastas nos cantos e ah… o que mais? Amantes que não eram atenciosos e *hellrens* que não entendiam a importância moral da nova coleção de verão/inverno da Channel.

A certa altura, uma das fêmeas mencionou vidência e leitura de tarô, e como ela havia sido auxiliada pela mulher deste lugar. Como fora estranho o modo como a bruxa humana fora precisa. E como a fêmea deixara de ir até ali porque “algo não parecia certo”.

Quem haveria de saber que isso fora uma interpretação correta?

Provavelmente a única na vida da fêmea.

Preparando-se para algum tipo de ataque, Throe aguardou a aparição de algum fantasma se materializando num canto escuro, ou um morcego voando sobre sua cabeça, ou um zumbi arrastando a perna. E que fosse um desses últimos, pois assim sua arma seria de alguma serventia.

Quando nada aconteceu, ele começou a se sentir um tolo. Pelo menos até olhar para as velas do outro lado.

– Você me libertará – ele disse para o ar. – E eu seguirei o meu caminho, sem mais atrapalhar o seu.

Ele não fazia ideia com quem estava falando. E quando não houve nenhuma resposta, ele se motivou, andando até a mesa redonda.

Aproximando-se dela, resistiu ao impulso de olhar na bola de cristal, e deu uma espiada por sobre o ombro…

O som de algo se arrastando, como se unhas estivessem raspando uma madeira, atraiu seu olhar para a esquerda.

Havia algo no chão.

Foi cauteloso em sua aproximação, e manteve a arma no alto – e só quando se aproximou o bastante do objeto reconheceu-lhe os contornos.

Um livro. Havia um livro no chão, um que parecia muito antigo, com a capa de couro gasta e páginas grossas com as pontas viradas.

Ajoelhando-se, franziu a testa. Uma mancha de queimado cercava o objeto, como se sua presença contivesse calor suficiente para queimar as fibras da madeira debaixo do seu peso.

Seria esse o som que ele ouvira? , perguntou-se. Sua chegada àquele plano de existência fora anunciada pelo baque alto?

Estendendo a mão, tocou no desenho da capa…

Com um sibilo, retraiu-a e, assim como fizera com a porta ao entrar, sacudiu a palma, tentando se livrar de uma estanha sensação de formigamento…

A capa se abriu sozinha e Throe se assustou, aterrissando sobre o traseiro.

Quando uma nuvem de poeira emanou do pergaminho das páginas, ele estreitou os olhos. O padrão da tinta estava na horizontal e repleto de caracteres, mas num idioma que ele não compreendia.

Inclinou-se à frente… só para arquejar.

O que quer que ali estivesse escrito estava se transmutando, os riscos e traços da tinta se revolvendo sobre si mesmos… e o texto se tornou o Antigo Idioma.

Sim, era sua língua mãe.

E as passagens pareceram ser a cerca de…

Throe levantou os olhos. Olhou ao redor. Depois, agindo num impulso que subitamente lhe pareceu tão forte quanto a da própria sobrevivência, ele fechou o tomo e o apanhou.

A sensação de formigamento já não era mais desagradável. De fato, o volume parecia vivo em suas mãos e aprovava aquele que o amparava, como um gato que se enrosca e ronrona nos braços do dono.

E foi então que tudo aconteceu.

De uma só vez, uma sirene soou ao longe e, quando ele se inclinou perto da janela, as chamas das velas nos cantos do quarto começaram a se mover com uma corrente de ar de novo.

A porta pela qual entrara emitiu um rangido.

O que estivera trancado… agora estava aberto.

Throe segurou o livro junto ao peito e disparou para a saída, correndo como se sua vida dependesse disso. E não parou até estar uma vez mais na rua, na neve derretida e no frio. Por um momento, o medo o perseguiu como um predador, mas isso não durou muito.

Mantido à tona pelo livro junto ao coração, ele descobriu que sorria quando se desmaterializou daquele bairro.

CAPÍTULO 29

Após a partida do Rei, Layla voltou ao porão da casa, e não se surpreendeu em encontrar Xcor de pé, andando de um lado a outro enquanto aguardava pelo seu retorno.

– Então, eles se foram? – ele perguntou.

– Sim. Foram embora.

– Existe algum sistema de segurança aqui? Alguma arma na casa?

– O controle do sistema de segurança fica na cozinha, e V. me ensinou como acioná-lo.

– E você fez isso?

Não que ele estivesse sendo indiscutivelmente exigente, mas ele parecia tão intenso, como se a única coisa que os separasse de… lobos, ou algo assim… fosse a capacidade dele de trancá-los aqui e de juntar armamentos para o caso de um ataque.

– Não.

Xcor sorriu como se estivesse se esforçando para não parecer desagradável, mas seus olhos não estavam nada relaxados.

– Como se ativa o alarme?

– Hum… Eu vou te mostrar.

Ela tinha a sensação de que ele não ficaria satisfeito até entender como tudo funcionava e operava. E estava certa. Ele insistiu em ele mesmo apertar as teclas de comando.

Em seguida, evidentemente, foi a vez de verificar todas as portas e janelas. Layla o seguiu conforme ele ia adiante, uma a uma, passando por todos os quartos e banheiros, inspecionando as trancas das janelas e as linguetas dos caixilhos para que elas não se abrissem mais do que um ou dois centímetros. Logo depois, foi a vez das travas das portas. E ele até verificou as portas da garagem, apesar de insistir para que ela permanecesse dentro da casa porque estava frio.

Voltando a entrar na cozinha, ele assentiu ao acionar de vez o alarme.

– Esta casa está bem protegida.

– Vishous cuida dessas coisas.

– E ele faz um bom trabalho.

Xcor atravessou a cozinha até perto do fogão e começou a abrir as gavetas.

– Isto vai ter que servir.

Uma a uma, ele perfilou as facas que conseguiu encontrar: um cutelo, uma

faca de serra, duas para descascar e uma de trinchar. Colocando-as sobre um pano de prato, enrolou-as e depois estendeu a outra mão para ela.

– Vamos para baixo.

Layla se aproximou dele e estremeceu quando as palmas se encostaram.

Quando os dois desceram, o corpo dela relaxou.

Ao chegarem ao último degrau, ele parou e a fitou.

Ela lhe concedeu um instante para falar. Quando não o fez, ela sussurrou:

– Sim, por favor.

Ele fechou os olhos e oscilou. Depois baixou a cabeça.

– Tem certeza?

– Mais do que tudo na vida.

Ele levantou as pálpebras.

– Serei gentil com você.

Estava na ponta da língua dela lhe dizer para que não se contivesse: na verdade, a última coisa que ela queria era que ele se refreasse porque aquela bem podia ser a única vez em que estariam juntos.

Mas, em seguida, sua mente parou de funcionar.

Porque Xcor a atraía para junto do corpo dele. Com a mão livre, aquela que não segurava todas aquelas facas, afagou-lhe o rosto e resvalou o lábio inferior com o polegar.

Em seguida, só percebeu os lábios dele nos seus, resvalando, pressionando,

acariciando.

O beijo foi suave como um respiro, e isso foi frustrante. Ela queria mais – e enquanto se esforçava para conseguir isso, ele recuou abruptamente, controlando-se.

Quando por fim, ele interrompeu o contato, passou a palma pelos cabelos dela.

– Posso entrar no seu quarto, fêmea?

Os olhos dele eram tão bonitos, e brilhavam quentes, aquele profundo azul marinho quase negro pela luxúria que sentia por ela. E, para ela, o rosto dele era belo, todo forte, masculino e poderoso, o defeito do lábio superior nada que notasse e que lhe desviasse a atenção. Na verdade, era o conjunto que a atraía, o poder e a vulnerabilidade, a natureza selvagem e o esforço educado que estava fazendo, o guerreiro interior e o protetor que surgia por causa dela.

– Sim – sussurrou.

– Eu a carregaria, mas não estou forte ainda.

Segurou-a pela mão e, juntos, entraram no quarto no qual ela tentara dormir durante o dia. Mas, na verdade, apesar da falta de descanso, ela se sentia vitalmente desperta, quase dolorosamente consciente de tudo.

Xcor acendeu o abajur com um comando mental e fechou a porta. Depois a conduziu até a cama, inclinando-se para enfiar o fardo das facas debaixo do colchão de molas.

Quando se sentaram, ela se sentiu corar.

Ele sorriu.

– A sua timidez é a minha perdição, fêmea. Olhe para as minhas mãos.

Quando as estendeu para ela, o leve tremor não combinava com as veias grossas que percorriam os antebraços até os pulsos.

– Sonhei com tocar em você – ele murmurou. – Por tantas vezes eu…

– Então, me toque agora.

Quando ele pareceu congelar no lugar, foi ela que o agarrou pelos ombros e aproximou a boca dele da sua – e, ah, Santa Virgem Escriba, quando ela não refreou nada, ele também não o fez. O sabor de Xcor era de sexo e de desespero, e não demorou a que as mãos dele se tornassem mais bruscas e o seu grunhido permeasse o quarto tranquilo e fracamente iluminado. De fato, ele já não estava cauteloso ao montar sobre ela, o corpo empurrando o seu para o colchão, o joelho se inserindo entre as pernas dela, forçando-as para que se abrissem…

Ele se conteve no mesmo instante, e se retraiu.

– Layla… Meu amor… Estou prestes a…

– Possua-me. Depressa, ah… apenas me possua… Já esperei por tanto tempo.

Xcor revelou as presas e sibilou, os olhos cintilando com um propósito próximo do profano, mas que, no estado no qual ela se encontrava, era

exatamente do que ela necessitava.

– Deixe-me vê-la, preciso ver o seu corpo – ele gemeu ao passar a mão pela cintura dela.

Layla se arqueou quando ele pegou o último dos botões da sua camisa e começou a puxá-lo para cima do estômago até seus…

Xcor arquejou quando os seios ficaram expostos.

– Ah, que fêmea mais doce…

Com ele imóvel ante a visão dos mamilos enrijecidos, ela terminou o trabalho, puxando aquilo que lhe cobria o tronco por cima da cabeça, largando-a sem se importar onde a peça cairia. Quando ela voltou a se acomodar nos travesseiros, Xcor se sentou sobre os joelhos, montado no quadril dela com as pernas dobradas.

As mãos dele tremiam de verdade agora que passava as pontas dos dedos pela clavícula e as descia pelo vale entre os seios.

– Você é ainda mais maravilhosa do que nos meus devaneios.

Quando os olhos agitados e reverentes dele passearam pela sua pele nua, Layla entendeu que sentir-se bela não tinha nada a ver com a verdadeira aparência. Era um estado mental – e nada fazia com que uma fêmea chegasse a esse ponto mais rápido do que o macho desejado olhando para ela, como Xcor o fazia então.

– Obrigada – sussurrou.

– Sou eu quem deveria agradecer pela dádiva que é o seu corpo.

Pairando acima dela, Xcor pareceu enorme apesar de ter perdido peso, os ombros eram tão largos e os braços ainda pesados dentro daquele agasalho. E quando ele se abaixou para beijá-la na lateral do pescoço, a costura do que ele vestia repuxou, e um sutil rasgo aconteceu em alguma parte.

Com o coração acelerado, e o calor se espalhando por suas veias, Layla se arqueou novamente enquanto ele movia os lábios de um lado a outro, resvalando sua pele. Nesse meio tempo, as mãos, aquelas mãos incríveis, ampararam as laterais dos seios – e logo ele se moveu para os mamilos, beijando-os, sugando primeiro um para sua boca, depois o outro.

Em resposta, o corpo dela cedeu debaixo dele, a ponto de ela pensar que já não tinha mais ossos, e a primeira onda de urgência começou a ceder um pouco quando ela se viu envolta em sensações.

Enquanto ele venerava os seios, ela teve um pensamento fugidio de que, de certo modo, fechara um círculo. Treinada como *ehros*, como uma Escolhida cujo único propósito era o de dar prazer ao Primale para gerar seus filhos, ela chegara à maturidade e estivera disponível para servir numa época em que, na realidade, não havia ninguém para servir: o antigo Primale tivera um fim trágico, e o novo ainda não havia sido apontado. E, com isso, ela esperou…

Até Phury ser elevado ao posto. Ele, entretanto, só assumira uma companheira, e não se deitaria com ninguém mais. E, então, ela esperou mais

ainda, a vida seguindo um caminho diferente quando Phury as libertara, ela e as irmãs, do Santuário, permitindo que as Escolhida descessem à Terra com uma autonomia sem paralelos.

Contudo, não houve amor para ela. Tampouco sexo.

Apenas uma breve fascinação por Qhuinn até ela perceber que não passava de ficção comparada ao que o macho partilhava com seu verdadeiro companheiro, Blay.

E, no entanto, os dois machos não estiveram juntos, parecendo fadados a levarem vidas afastadas. Portanto, quando ela entrara no cio, pedira que Qhuinn a aliviasse em seu período fértil, não porque a amasse, mas porque ele, na época, estivera tão perdido quanto ela: durante aquelas horas terríveis de seu sofrimento, deitaram-se juntos com o propósito da concepção, que acabara acontecendo.

Ela pouco se lembrava do ato em si, tampouco desejava se lembrar dele.

Ainda mais agora, no pé em que estava a sua situação com Qhuinn.

Além disso, apesar de ter dado à luz, ela era praticamente virgem, desconhecendo o toque amoroso, a carícia afetuosa… de um parceiro sexual que amava e pelo qual era amada em troca.

– Estou tão feliz que seja você – ela disse ao vê-lo circundar o mamilo com a língua.

Os olhos de Xcor se ergueram para ela, e quando se escureceram com

autodepreciação, ela desejou poder poupá-lo desse sentimento.

– Não. – Ela pousou as pontas dos dedos nos lábios dele, silenciando-o quando ele foi falar. – Essa é uma decisão minha, não cabe a você julgar. E, por favor… não pare.

Xcor meneou a cabeça. Mas depois ele levou a mão para a cintura da legging dela, os lábios descendo quando ele enganchou o dedo no elástico.

– Tem certeza? – ele perguntou, rouco. – Não haverá volta depois que eu retirar isto.

– Não pare. Nunca.

Ele mordeu o lábio inferior com as presas.

– Minha fêmea…

Em seguida, ele puxou a *legging* junto com a calcinha para baixo, deixando-a nua para seu olhar ardente.

Ah, seus olhos estavam em todos os lugares, passaram pela extensão das pernas, no sexo sem pelos, no baixo ventre… de volta aos seios.

O cheiro da vinculação era tão intenso que era só o que ela conseguia sentir.

Xcor se mostrou cauteloso agora ao se estender sobre ela, descendo o peso do corpo lentamente, bem cuidadoso nos seus movimentos. E a sensação daquele volume duro por trás da calça de ginástica fez com que ela girasse o quadril e esfregasse seu centro nele.

Quando ele a beijou de novo, a língua invadiu-lhe a boca para se encontrar com a dela, e ela o arranhou nas costas. Não aguentava esperar um minuto mais, o sexo pedia pelo dele, o corpo se retesava por estarem tão próximos, mas ainda não unido ao dele.

– Agora – implorou. – Por favor…

Uma das mãos desapareceu entre eles, e ela gritou quando ele deslizou a palma pela lateral interna da sua coxa. Em seguida, ele a tocava no centro do seu calor.

Estava tão pronta para ele, e mesmo assim o alívio que a assolou foi tanto inesperado quanto uma surpresa, o prazer ricocheteando dentro dela, fazendo-a flanar da cama enquanto ainda permanecia deitada.

Ele a ajudou a surfar nas ondas da sensação, e depois a parte inferior do corpo dele se elevou. Alguns movimentos ali embaixo, no quadril dele, e ela ficou excitada em sentir a pele dele contra a sua, conhecendo a sensação do sexo dele sem nenhum impedimento.

Só que quando ele desceu de novo sobre ela, ainda estava vestido.

No entanto, o sexo fora libertado. E os olhos dela se fecharam quando a cabeça rombuda dele a resvalou.

– Estou tentando ir devagar – ele disse entre dentes cerrados.

– Você não tem que fazer isso.

Dito isso, ela abaixou as mãos, encontrou a extensão rija e a conduziu ao

lugar certo. Enterrando os calcanhares na colcha, moveu-se para cima…

Ele deslizou para dentro dela e o encaixe por perfeito. Aquele era seu lar, e a galáxia inteira ao mesmo tempo; ela se sentiu desarmada, e lágrimas surgiram – porque ela sabia que ele estava igualmente afetado: Xcor chegou ao orgasmo no mesmo instante em que a penetrou, o corpo de guerreiro começando a se esvaziar dentro do seu. E, no entanto, ele se retraiu, a cabeça se inclinando para trás, o alarme marcando seu rosto enquanto o corpo continuava a se esvaziar.

– Eu a machuquei? – ele disse horrorizado.

– O quê?

– Você está chorando!

– O que… Ah, não, não, não… – Ela segurou o rosto dele e o beijou. – Não… Não é de dor. Nunca isso.

Beijou-o novamente, e tentou voltar ao ritmo iniciado pelos corpos deles. Mas ele não aceitou nada disso.

– Por que está chorando? – exigiu saber, contendo-se longe dela.

Layla enxugou os olhos impacientemente.

– Porque… eu nunca pensei que poderia tê-lo assim. Não pensei que… que isto aconteceria entre nós, e estou tão grata… Demorou tanto, esta espera, este querer…

Xcor se apoiou nos cotovelos.

– O mesmo aconteceu comigo – ele sussurrou. – No decorrer da minha vida, eu aprendi que os sonhos não se realizam. São apenas os pesadelos que nos encontram na vida real. Eu não tinha esperanças que isto fosse acontecer.

Quando uma luz atormentada invadiu o olhar dele, ela se perguntou que horrores ele suportara em sua vida dura. Os horrores que lhe foram impostos. O lábio arruinado não deve ter sido um defeito fácil de suportar.

Procurando terminar o que havia começado tão bem, Layla se forçou a deixar de lado esses pensamentos tristes e se concentrou novamente se aproximando da barra do agasalho dele.

Mas quando procurou puxá-la para cima, ele a impediu, movendo a cabeça.

– Não vai se juntar a mim? – ela perguntou.

Mudo, ele meneou a cabeça, e antes que ela pudesse fazer qualquer pergunta, ele começou a beijá-la de novo, os lábios movendo-se sobre os dela, a ereção afagando-a para cima e para baixo. As sensações voltaram a tomar conta dela de novo, consumindo-a em calor e surpresa, e ela se permitiu se perder no momento.

Aquele era um lugar no qual poderia ficar para sempre.

No entanto, sabia que não deveria desejar isso.

O destino providenciara para que tivessem aquele breve descanso, aquele breve período antes que ele devesse regressar para o local do qual viera – e

por mais que ela quisesse sentir gratidão por isso, no fundo do coração, ansiava por mais.

Deduziu que o amor era como a própria vida.

Não importa o quanto você é abençoada, quando o fim chega, nunca parece que foi o bastante.

CAPÍTULO 30

Quando V. chegou de volta à mansão com o Rei, ele estava absolutamente puto com tudo e com todos. E isso incluía a si mesmo.

Mas quando o par se materializou lado a lado, junto à fonte, ele estava bem ciente que seu papel de guarda-costas só terminaria quando o Poderoso Chefão ali tivesse passado pela porta de entrada e estivesse no átrio da mansão. Então, e somente então, ele estaria livre para abandonar o barco para beber até cair.

Com um pouco de sorte, aquelas duas garrafas de Grey Goose que Fritz levara até lá ainda estariam onde foram deixadas, ou seja, debaixo do balcão da pia do Buraco.

Depois de uma noite como esta, ele não precisaria de gelo.

Nem de copo.

– Parabéns – Wrath disse.

V. segurou o braço que era quase da espessura da sua própria coxa e começou a andar.

– Pelo quê?

– Você tem mais uma oportunidade para ser racional esta noite.

– Sou sempre racional.

– Na sua cabeça, tenho certeza de que isso é verdade.

– Degrau – V. murmurou quando chegaram à escada de pedras. – E agora o que vamos fazer? É melhor que seja algo bom, a propósito. Tenho um encontro com uma garrafa de vodca.

Quando o Rei chegou à escada, mas permaneceu calado, V. quis revelar as presas e sibilar. Em vez disso, exigiu:

– Conte.

Ao chegarem à porta externa no vestíbulo, o Rei parou e olhou na sua direção.

– Estou pronto para falar com Qhuinn. A sua oportunidade é de levar um tiro porque irá comigo falar com ele.

– Isso não é uma oportunidade de ser racional. Isso se chama tornar-se um alvo.

– Dá na mesma. Tanto faz.

– Juro que sempre ganho na loteria com você. – V. escancarou a porta até o vestíbulo. – Toda maldita noite, não é mesmo?

Wrath mostrou a cara para a câmera de segurança, encontrando a lente com a mão.

– Você é um tremendo filho da puta de sorte, isso lá é verdade.

Fritz abriu a porta, e a luz do glorioso átrio bastou para fazer com que V. piscasse até que as retinas se acostumassem.

– Meu senhor! – o *doggen* exclamou. – Senhor! Ah, que bom que chegaram em casa antes da tempestade! Posso lhes trazer alguma bebida?

O sorriso de Fritz era como o de um *basset hound*, todo enrugado e cheio de entusiasmo, e o mordomo tinha a mesma falta de noção de tempo como um cão, pois sua alegria ante o par era como se não os visse há cinco anos, e não apenas uma hora.

– Que tal um par de coletes a prova de balas? – V. sussurrou.

– Sim, mas é claro. Prefere o Point Blank Alpha Elites ou esta é mais uma ocasião de detonação de bombas necessitando os coletes táticos Paraclete?

Como se a escolha fosse o mesmo que decidir entre gravata branca com fraque ou um smoking normal.

V. pensou a contragosto que era impossível desgostar do cara.

– Era uma piada, meu chapa. – Vishous enfiou um cigarro entre os lábios e falou ao redor dele enquanto pegava o isqueiro. – Pelo menos espero que seja.

– Qualquer coisa para os dois! E, oh, meu senhor, tomei a liberdade de permitir que George saísse para se aliviar há uns quinze minutos.

– Obrigado, Fritz. Você…

– E o alimentei também. Dei-lhe lombo das sobras de ontem à noite, mas aqueci e servi com cenouras frescas, purê de abóbora e vagem. Tudo orgânico, claro.

– Você ama aquele cachorro, não ama?

O *doggen* se curvou tão baixo que era um milagre que as sobrancelhas grisalhas e cerradas não fizessem as funções de limpeza no piso de mosaico.

– Amo, sim. Com certeza.

– Bom macho. Você é um bom macho.

Wrath pareceu que gostaria de dar um tapa no ombro do mordomo, ou talvez lhe oferecer a palma erguida para um cumprimento, mas não foi em frente. Mesmo sendo o Rei, havia coisas que não se podiam fazer, como manter contato com um servo da velha guarda como Fritz.

O pobre coitado seria capaz de explodir de vergonha.

Em vez disso, Wrath seguiu em frente como se fosse dono do lugar, e V. o acompanhou.

– Um metro – V. disse quando na hora certa.

O Rei Cego subiu no último degrau da grande escadaria com a coordenação de um dançarino de sapateado, acertando o alvo à perfeição, e também soube quando chegou ao do topo. Primeira parada, o escritório, onde abriu as portas duplas e foi atacado por George, que evidentemente achava que nunca mais veria seu dono.

– Venha garoto, de volta ao trabalho. Conduza.

George trotou até a mesa e voltou com a guia, a qual Wrath ajustou tão rapidamente que se podia jurar que o cara enxergava o que estava fazendo. E depois, cão e dono se reuniram, indo na direção do corredor das estátuas. Com V. na retaguarda. Sem dúvida parecendo o vilão de um filme da Disney.

Inferno, nem ele queria estar perto daquele seu mau humor. Mas, claro, aonde você vai, ele o acompanha e pronto.

Quando chegaram ao quarto em que estavam as crianças, Wrath bateu uma vez e abriu a porta. Na luz difusa da lua e das estrelas, foi fácil localizar Qhuinn deitado na cama, com os dois bebês aninhados nos braços, adormecidos.

Mas o irmão não dormia.

– Oi – ele disse com suavidade.

– Hora de conversarmos – o Rei anunciou enquanto George estacionava ao seu lado.

– Importa-se se formos para o corredor?

– Não.

Qhuinn assentiu e se levantou. Depois olhou de um para outro dos bebês adormecidos… como quem estava indeciso quanto a quem levar para o berço primeiro.

– V., pode me dar uma mão?

Por um instante, Vishous não compreendeu com quem o cara estava falando, apesar de o seu nome ter sido mencionado. Mas então a cabeça de Wrath se voltou na sua direção, como se ele também estivesse esperando uma resposta.

Ok, por que ele não podia estar simplesmente bebendo nesta hora? Ainda assim, carregar até o berço uma daquelas máquinas de fazer cocô devia ser melhor do que se desviar de balas.

Certo?

V. relanceou para o par de viciados em leite. Ok, talvez a proporção entre gu-gu-ga-gá versus uma Glock fosse meio a meio.

– V.? – Qhuinn o chamou.

– Sim. Claro. – *Eu adorariiiia segurar o seu DNA. E quem sabe, depois, podemos nos alterar em escovar os cabelos um do outro?* – O que eu preciso fazer?

As sobrancelhas de Qhuinn se ergueram quando V. se aproximou da cama.

– Você pega Rhamp no colo e o leva até ali.

A cabeça. Era preciso amparar a cabeça…

– Você precisa amparar a cabeça – Qhuinn disse em seguida.

Viram? V. disse para si mesmo. Tudo ficaria bem.

Só que, então, V. percebeu que estava segurando um cigarro aceso.

– Me passa o seu cigarro – Wrath anunciou num tom entediado. – Mas que diabos, V… Você não pode ficar com isso perto de uma criança.

Enquanto Qhuinn se levantava com Lyric no colo, V. entregava o cigarro como se ele fosse sua última batida de coração. Em seguida, estendia a mão boa, assim como a que estava envolvida pelo couro preto, na direção do filho do irmão. Cara… a não ser por situações de emergência médica, parecia errado ele pegar algo mais precioso do que um saco de ração de cachorro com sua mão amaldiçoada, mas ele sabia, intelectualmente, que nada de ruim aconteceria com o garoto.

Inferno, sua fonte de calor não transformaria Rhamp numa versão infantil de enroladinho de salsicha nem nada assim. Não mesmo, certo?

Porra…

Pequeno. Quente. Forte.

Era essa a sensação. E foi completamente bizarro perceber… que estava segurando um bebê fora de um ambiente clínico pela primeira vez na vida. Não que os tivesse evitado; simplesmente nunca se interessara por aqueles bastardinhos fedorentos e lamurientos…

Nem um pouco…

Sem aviso, Rhamp abriu os olhos bem quando V. o estava acomodando no berço ao lado da irmã.

V. se retraiu. Ok, uau, aqueles olhos eram intensos pra cacete, muito

diretos e um tanto hostis – como se o garoto soubesse que aquela sua transferência estava muuuuito acima das atribuições de trabalho de Vishous e nada que deveria ser sancionado por qualquer pai de respeito.

– Relaxa, meu chapa – V. murmurou ao ver o que o Papai fazia ali no berço do lado para depois imitá-lo, ajeitando a manta como Qhuinn estava fazendo. – Tá tudo tranquilo. Você está bem, certo?

Qhuinn olhou na sua direção.

– Ele é um guerreiro, pode crer. Já dá pra saber.

V. apoiou o peso nos calcanhares, cruzou os braços, e continuou fitando o pequeno fardo de vampiro. E vejam só, o filho da mãe o encarava de volta.

Vishous começou a sorrir. Não conseguiu evitar. Era preciso admirar esse tipo de força – e evidentemente ela era genética. Que outra explicação haveria para que algo com mal um mês de vida se mostrasse pronto para enfrentar um macho criado e muito bem armado e parecer bravo pra cacete?

– Meu chapa – V. disse ao mostrar a palma. – Bate aqui.

Rhamp não sabia ainda o que seria isso, mas agarrou o que estava diante do rosto dele, e, cara, como apertou.

V. gargalhou no fundo da garganta.

– Cara, vou te deixar lutar comigo quando tiver crescido. E logo você já vai estar bem grandinho pra segurar uma adaga… Vou fazer uma pra você. Que eu mesmo vou forjar. E você vai ser que nem seu pai, um tremendo

guerreiro. Igualzinho a ele…

Enquanto Vishous parecia encontrar um parceiro para o crime em Rhamp, Qhuinn se viu encarando o irmão. Por muitos motivos.

Primeiro, o fato de V. estar parecendo se enfeitiçar por Rhamp era… Bem, era mais provável alguém ficar de frente a Deus do que um cara como V. ficar cheio de “ahs” e “ohs” por conta de uma criança. Segundo, Rhamp estava começando a parecer mais amigável, a primeira reação hostil se atenuando, o corpo começando a relaxar, a expressão e aqueles olhos meio míopes de bebês assumindo uma expressão mais acolhedora.

Como quando um tigre encontra outro na natureza e o par resolve que quer passar o tempo juntos em vez de brigarem pelo domínio.

Mas o principal motivo pelo qual Qhuinn não conseguia desviar o olhar?

Virando a cabeça, olhou para o canto oposto. Para aqueles buracos no teto.

E você vai ser que nem seu pai.

Igualzinho a ele.

Retraindo-se, Qhuinn esfregou as têmporas.

– Pronto?

Wrath e George se viraram.

– Porta.

Quando eles saíram, Qhuinn se perguntou se V. ficaria para trás para ficar com as crianças. Quem sabe para ler um pouco de “Adivinha o quanto eu te

amo?”. Ou quem sabe passar o tempo com “Pedro, o Pinguim”?

Esse tipo de coisa.

Mas Vishous os acompanhou, de modo que os três e o golden retriever dourado do Rei ficaram no corredor.

Pouco antes que qualquer um conseguisse dizer alguma coisa, Zsadist saiu do próprio quarto no fim do corredor. O irmão deu uma olhada para eles, balançou a cabeça e voltou apressado para a própria suíte.

Pois é, todos sabiam qual era o assunto.

– Então, é assim que as coisas vão ser: – Wrath disse sem preâmbulos. – Meio a meio. E ela vai levá-los para o Santuário quando for a vez dela. Vai começar amanhã ao cair do sol quando você sair para trabalhar. Isto não está sujeito a negociações, nem está sendo exposto para a sua consideração. Este é um decreto real e espero que você se comporte como um macho e não como um paciente de uma instituição mental a esse repeito.

Qhuinn levantou as palmas para a cabeça, como se dando umas batidinhas o cérebro fosse funcionar. Ou algo semelhante a isso.

– No Santuário? – perguntou.

– Ela pode viajar para lá como as Escolhidas fazem e eles também podem.

– Wrath devolveu o cigarro para V. – A Virgem Escriba não está mais usando seus aposentos, então eles podem dormir lá.

– Acabei de levar mais uns passarinhos para lá – V. ponderou ao tragar. –

Aposto como as crianças vão gostar. Aqueles putinhos cantarolantes são coloridos e até que agradáveis. Sabe, existem ganhos sensoriais como resultado de…

O irmão se retraiu e depois pareceu aborrecido quando tanto Qhuinn quanto o Rei o encararam como se ele tivesse tirado a roupa de couro, substituindo-a por um vestido cor-de-rosa e chinelos felpudos.

– Que foi? Só tô dizendo… – V. revirou os olhos. – Não tô nem aí. Sério.

– Voltando à visitação – Wrath prosseguiu. – Imagino que a sua maior preocupação quanto a Layla tirá-los daqui seja a segurança, e não existe um lugar melhor para ela estar com eles… já que não pode ficar aqui.

Qhuinn cruzou os braços e encarou o carpete. Depois andou de um lado para o outro, passando diante das estátuas de mármore conhecidas pelos humanos como gregas e romanas. As formas masculinas eram poderosas e posicionadas de diversas maneiras, as mãos vazias segurando lanças que se perderam no decorrer dos séculos – e os instrumentos de combate não eram as únicas coisas faltantes. Algumas tinham membros quebrados nos cotovelos ou joelhos, um ou outro acidente tirando algo que seria necessário para ficarem completos. Um até nem cabeça tinha.

Naturalmente pensou naquela sua parte essencial que ele mesmo perdera recentemente.

Seu Blay.

E agora… os filhos?

Quando Qhuinn se virou e voltou lentamente, V. apagou o cigarro na sola do coturno e enfiou-o meio fumado dentro do bolso das calças. Depois, sorrateiramente deslizou a mão desnuda até o cabo da sua quarenta presa ao coldre debaixo do braço.

Bem pensado, Qhuinn ponderou, porque ele estava ficando bravo. Na verdade, só a hipótese daquela Escolhida levar seus filhos para qualquer lugar fazia com que sua fúria começasse a vibrar na base do crânio.

Só que então ouviu a voz de V. na sua cabeça:

E você vai ser que nem seu pai.

Enquanto as palavras ecoavam e ricocheteavam no espaço vazio do seu crânio, ele se viu preso entre ser quem era… e se comportar como devia.

No fim, a lembrança dos buracos daquelas balas fez um lado da balança pender.

Olhando para Vishous, disse rouco:

– Pode deixar a arma onde ela está.

– Está virando uma nova página? – V. perguntou sem abaixar a mão. – E

em tão pouco tempo também. Quer dizer que, ou você está exausto ou está esperando por uma oportunidade melhor.

Qhuinn focou o olhar na porta fechada da suíte dos filhos, enxergando através dos painéis do quarto atrás dela. Visualizou momentos felizes, como aquela noite e os berços com seus laços, e as pequenas letras cursivas, R na cabeceira de Rhamp, e L, na de Lyric.

– Nenhuma das alternativas. – Ele se ouviu dizer. Apesar de se sentir cansado a ponto de parecer um zumbi.

– Portanto, aceita os meus termos – Wrath prosseguiu.

– Não quero mais ver Layla. – Qhuinn meneou a cabeça. – Nunca mais. Ela e eu estamos acabados. E quero conversar pessoalmente com a *directrix*, Amalya. Quero ter certeza absoluta de que eles podem ir e voltar bem. E também, se Layla tentar mantê-los lá…

– Ela não fará isso.

– Como pode saber – Qhuinn disse com amargura.

– Ela me disse que é importante que você os veja.

– E acreditou nela?

Wrath tocou na lateral do nariz.

– Acha que eu não saberia se ela estivesse mentindo? E vê se me dá um tempo. Ela não é a fonte de todo o mal do mundo.

– Esse seria Ômega – V. informou com secura. – Para o caso de ter se esquecido.

– Então, está decidido. – Qhuinn não se deu ao trabalho de mostrar seu desagrado quanto ao assunto da Escolhida. – Tenho que assinar alguma coisa?

O Rei meneou a cabeça.

– Não a menos que faça questão. Todos sabemos como será.

– Tá. Acho que sabemos.

Depois que Wrath, George e V. partiram, Qhuinn ficou onde estava, olhando para as estátuas. Estava quase decidido a bater na porta de Z. para avisar que a barra estava limpa, mas, no fim, acabou só entrando de novo no quarto.

Uma olhada rápida para o relógio, e ele soube que dentro de uma hora seria a hora da mamadeira. Fritz e os *doggens* levavam a sério a tarefa de trazerem o leite com muito orgulho nos horários certos e na temperatura exata. Alimentar dois ao mesmo tempo seria um desafio, mas ele daria um jeito.

Deus… Blay adorava a hora da mamadeira. Amava as fraldas, mesmo aquelas que traziam lágrimas aos olhos.

Qhuinn voltou para perto dos berços e pensou em Layla levando-os para algum lugar. Literalmente, não conseguia imaginar isso – e cada osso do corpo, cada instinto paterno que tinha, gritou para que aquela loucura parasse.

Não ligava que ela lhes tivesse dado à luz. Estava pouco se fodendo para o que o Rei dissera. E discordava completamente com o consenso geral de que aquela traidora em vestes brancas tinha algum direito de estar no mesmo código postal que seus filhos.

Muito menos levá-los consigo.

Baixando o olhar para Lyric, ele franziu o cenho. Havia tanto de Layla naquela garotinha, desde o formato do rosto até as mãos…

As mãos eram verdadeiramente assustadoras. Uma cópia carbono em miniatura.

Enquanto suas emoções ardiam, ele lhe deu as costas. E se concentrou em Rhamp.

CAPÍTULO 31

Conforme a aurora se aproximava, pelo menos de acordo com o relógio digital sobre o criado mudo, Xcor sentiu um resíduo de dor atravessar seu corpo.

E pensar onde estivera meras vinte e quatro horas antes.

Se algum anjo tivesse aparecido para lhe contar que no mero ciclo de um dia e uma noite, ele iria das portas da morte a se deitar ao lado do seu amor numa casa segura pertencente à Irmandade? Ele teria dito que tal destino seria impossível.

Mesmo que isso lhe tivesse sido dito pela própria Virgem Escriba.

Relanceou para Layla. Sua fêmea havia desmaiado sobre seu peito, estava largada como o melhor dos cobertores que alguém poderia ter. E parte do que ele mais amava sobre este momento? Além do fato de estar completamente saciado sexualmente assim como ela?

Ela dormia profundamente. A Escolhida Layla estava completamente em repouso; o corpo, relaxado e lânguido; a respiração, tranquila; até mesmo as pálpebras estavam fechadas como se há tempos ela não descansasse adequadamente.

De fato, a qualidade do sono dela o afetava por diversos motivos, o mais importante dos quais era que ela não poderia estar assim tão em paz caso não tivesse confiança de que ele cuidaria dela. Mantendo-a a salvo. Protegida contra toda e qualquer ameaça.

Como macho vinculado, a segurança de sua fêmea era seu maior objetivo, a confiança dela nele, seu maior orgulho, o bem-estar dela colocado acima de todos e de qualquer coisa.

Servi-la seria o maior e o melhor feito da sua vida, e era com grande tristeza que ele reconhecia que aquela era uma tarefa que ele não poderia desfrutar por muito tempo.

Wrath estava certo em fazer com que o Bando de Bastardos jurasse sobre o anel de diamante negro antes de serem todos eles banidos por decreto para o Antigo País. Os guerreiros de Xcor eram por princípio um grupo de ladrões e

renegados – e se ele, Xcor, ordenasse que passassem a lealdade deles para o Rei Cego? Eles fariam isso, e manteriam a palavra, embora não por terem jurado a Wrath. Mas por causa de lealdade que sentiam em relação a Xcor. Apenas por ele dariam suas vidas.

A Irmandade, entretanto, não aceitaria nada disso. Não, eles só seriam persuadidos por um juramento feito ao soberano deles – e, mesmo então, a paz intermediada seria tênue.

Portanto, o Bando de Bastardos tinha que deixar o Novo Mundo.

Mas como os encontraria? Caldwell era uma cidade grande se você quisesse cruzar o caminho de alguém que não se importava em ser localizado. Tentar descobrir o paradeiro de um grupo de machos que definiam suas noites e seus dias de modo a permanecerem escondidos?

Quase impossível. Isso se já não tivessem resolvido atravessar o oceano.

Com um suspiro leve, Layla se moveu ao seu encontro, reposicionando a cabeça no seu braço. Procurando acalentá-la ainda mais, esfregou-lhe as costas com a palma lentamente.

Ele sabia que deveria fechar os olhos e seguir seu exemplo, mas não havia a mínima possibilidade de essa última coisa acontecer. Felizmente, ele estava acostumado a funcionar privado de sono.

Deitado no escuro com seu amor, Xcor se maravilhou novamente com o quanto ela o havia transformado. E, então, retornou para o passado.

Era difícil imaginar o que teria acontecido caso não tivesse roubado aquele grupo de guerreiros naquela floresta específica exatamente naquela noite. Ainda mais complicado não lamentar essa única decisão que acabou por levar a tantas outras coisas.

Porque um mal o encontrara…

Bloodletter.

Santa Virgem Escriba , *Xcor pensou ao encarar o tremendo vampiro macho que apareceu na floresta, vindo do nada, lançando-o para o chão. De fato, apesar de Xcor ter buscado roubar, acabou tendo que matar… um esquadrão de machos de Bloodletter.*

Morreria por isso.

– Não tem nada a dizer? – o grande guerreiro demandou ao pairar acima de Xcor. – Nenhum pedido de desculpas pelo que tirou de mim?

No vento agora frio, Bloodletter passou por cima de Xcor e foi apanhar a cabeça decepada pelos cabelos, deixando-a pendurada com o sangue escorrendo pelo pescoço.

– Você faz ideia de quanto tempo é necessário para treinar um destes? – O tom era mais de fastio do que de qualquer outra coisa. – Anos. Você, em apenas uma noite – em apenas uma luta – me privou de um vasto investimento do meu precioso tempo e energia.

Dito isso, ele lançou crânio para o lado, e Xcor estremeceu quando a

cabeça quicou pelo gramado.

– Você – Bloodletter apontou para ele – me compensará por isso.

– Não.

Por um instante, Bloodletter pareceu surpreso. Mas depois sorriu com todos os seus dentes. – O que disse?

– Não haverá nenhuma compensação. – Xcor se levantou. – Nenhuma.

Bloodletter lançou a cabeça para trás e gargalhou, o som trafegando pela noite e espantando uma coruja logo acima e um cervo mais ao longe.

– É louco, então? É a insanidade que lhe dá tantas forças?

Xcor lentamente se inclinou para o lado e recuperou a foice. As palmas suavam e estavam escorregadias no cabo, mas ele segurou a arma com todas as forças de que dispunha.

– Sei quem você é – Xcor disse com suavidade.

– Sabe. Diga, então. – Mais um sorriso horrendo e ávido por sangue, enquanto o vento açoitava os cabelos longos trançados. – Eu gosto de ouvir elogios vindos da boca de outrem – antes que eu os mate e foda seus corpos. Diga, é isso o que ouviu a meu respeito? – Bloodletter deu um passo à frente.

– É? É isso o que tanto o aterroriza? Posso lhe prometer, você não sentirá nada. A menos que eu decida querê-lo enquanto ainda respira. Nesse caso… Bem, nesse caso, conhecerá a dor de ser possuído, isso eu também lhe prometo.

Era como se Xcor estivesse sido confrontado pelo mais genuíno mal, um demônio em carne e osso, colocado sobre a face da Terra para atormentar e torturar almas que, de outro modo, seriam puras.

– Você e seus machos também são ladrões. – Xcor olhou para cada centímetro daquele corpo, desde as mãos curvadas até a mudança do peso de um pé a outro. – São violadores de fêmeas e governam a si mesmos, sem servirem ao verdadeiro e único Rei.

– Acha que Wrath virá ao seu resgate agora? Mesmo? – Bloodletter fez de conta que olhava ao redor na floresta. – Acredita que seu benevolente regente vai aparecer aqui e interceder por você, salvando-o de mim? A sua lealdade é louvável, imagino – mas não o protegerá disto.

O som de metal contra metal foi como um grito na noite, a lâmina que Bloodletter desembainhou quase tão comprida quanto a foice.

– Ainda jura lealdade, será? – Bloodletter disse de modo arrastado. – Tem ciência, eu me pergunto, de que ninguém sabe onde está o Rei? Que depois que os pais dele foram assassinados, ele desapareceu? Então, não, eu não acredito que você será salvo por ele. – Um rugido se elevou. – Nem por ninguém mais.

– Eu mesmo me salvarei.

Naquele momento, as nuvens perderam a luta contra os ventos, a cobertura pesada sendo afastada e fornecendo um espaço pelo qual a lua brilhou,

iluminando o céu como se fosse o dia que Xcor não via desde a sua transição.

Bloodletter se retraiu. Depois inclinou a cabeça num ângulo.

Houve um longo instante de silêncio, durante o qual nada se moveu a não ser pelos pinheiros e pelas moitas.

E, então, Bloodletter, voltou a embainhar a adaga.

Xcor não abaixou a sua arma. Não sabia o que estava acontecendo, mas estava muito ciente de que não se devia confiar no inimigo – e ele se colocara contra aquele temido guerreiro apenas por autodefesa.

– Venha comigo, então.

A princípio, Xcor não compreendeu as palavras. E mesmo quando as compreendeu, não as entendeu.

Balançou a cabeça.

– Irei para o meu túmulo antes de acompanhá-lo para qualquer lugar. O que é a mesma coisa, no final.

– Não, você virá comigo. E eu lhe ensinarei os caminhos da guerra e você servirá ao meu lado.

– Por que eu faria isso…

– É o seu destino.

– Você não me conhece.

– Sei exatamente quem você é. – Bloodletter apontou para a cabeça decapitada. – E isso torna tudo muito mais compreensível.

Xcor franziu o cenho, uma aceleração que não era causada pelo medo ante o que estava prestes a ouvir.

– Que mentiras você diz?

– O seu rosto é o que o denunciou. Pensei que você fosse um boato, uma fofoca. Mas não, não com sua mão de adaga e esse lábio. Você vem comigo e eu o treinarei e o colocarei a trabalho contra a Sociedade Redutora…

– Sou… um ladrão qualquer. Não um guerreiro.

– Não conheço nenhum ladrão que poderia fazer o que você acabou de fazer. E você também sabe disso. Negue se quiser, mas você nasceu para isto, perdeu-se no mundo, agora foi encontrado.

Xcor meneou a cabeça.

– Não irei com você, não… Não, eu não irei.

– Você é meu filho.

Com isso Xcor abaixou a foice. Lágrimas surgiram nos seus olhos, e ele piscou para afastá-las, determinado a não demonstrar nenhuma fraqueza.

– Você virá comigo – Bloodletter repetiu. – E eu lhe ensinarei os caminhos adequados na guerra. Eu o forjarei como o aço temperado pelo fogo, e você não me desapontará.

– Conhece minha mahmen *? – Xcor perguntou com voz fraca. – Sabe onde ela está?*

– Ela não o quer. Nunca quis.

Isso era verdade, Xcor pensou. Era o que sua ama-seca lhe dissera.

– Portanto, você virá comigo agora e eu pavimentarei o caminho do seu destino. Você me sucederá… se o treinamento não o matar.

Xcor voltou ao presente ao abrir os olhos que nem sabia que havia fechado. Bloodletter estivera certo em certos assuntos, errado em outros.

O treinamento no campo de guerra fora muito pior do que Xcor um dia poderia ter imaginado, os guerreiros de lá lutando uns contra os outros pelos suprimentos e água escassos e também quando eram incitados uns contra os outros quer por diversão, quer por combate. Fora uma existência brutal, noite após noite, semana após semana, um mês após o outro… no decorrer de cinco anos… tudo acontecendo exatamente como Bloodletter prometera.

Xcor fora forjado como um aço vivo, despido de emoções e de compaixão como se elas nunca tivessem existido nele, crueldade em cima de crueldade cobrindo-o até que sua natureza fosse suprimida por completo por tudo o que ele vira primeiro, e feito depois.

Sadismo podia ser treinado numa pessoa. Ele era a prova viva disso.

E também era algo viral, pois ele fizera com Throe o que Bloodletter fizera com ele, sujeitando o antigo aristocrata a uma infinidade de indignidades e desafios e insultos. O resultado também foi semelhante: Throe também superara os testes, mas também fora amargurado por eles.

Foi assim que tudo aconteceu. Ainda que, diferentemente de Xcor, Throe

pareceu não ser mediado por qualquer força abençoada, sua ambição ainda era incontrolável.

Ou pelo menos assim fora antes do sequestro de Xcor – e não havia provas que sugerissem que as ambições e propensões do macho pudessem ter mudado com a passagem do tempo.

Motivo pelo qual Xcor resolvera alertar Wrath a respeito do macho.

Xcor acariciou o ombro de Layla e se maravilhou com o efeito que ela surtia nele, a habilidade dela em atravessar sua armadura de agressão e hostilidade, alcançando o macho que havia por baixo daquilo, o verdadeiro. Aquele com quem há tempos havia perdido contato.

Ela era o seu recomeço, o mecanismo de revés que o transportou de volta ao que era antes que seu destino o tivesse feito cruzar o caminho de Bloodletter.

Uma imagem daquele terrível guerreiro lhe veio à mente com uma clareza que foi como se o tivesse visto na noite anterior, tudo, desde as sobrancelhas grossas até os olhos penetrantes, a protuberância do queixo e a grossura do pescoço, a circunferência e a amplitude daquele imenso corpo. Fora um mesomorfo entre os imensos, uma força da natureza que envergonharia tanto as tempestades furiosas do verão quanto as nevascas explosivas e gélidas do inverno.

E também fora um mentiroso.

Quem quer que fosse o pai de Xcor, não fora ele. A própria filha de Bloodletter lhe dissera isso.

Xcor meneou a cabeça de um lado a outro sobre o travesseiro macio para clarear os pensamentos.

Por tanto tempo, ele quisera saber quem eram seus pais, algo que ele supunha devia ser verdade para a maioria dos órfãos no mundo: mesmo não tendo sido desejado por eles, mesmo que não fosse ter nenhum relacionamento com eles, ele ainda assim tivera o desejo de conhecer suas identidades.

Era algo difícil de explicar, mas sempre sentira estar sujeito a tal ausência de gravidade conforme se movia pelo mundo, o corpo possuindo uma leveza essencial que, em retrospecto, o predispusera a cair na ideologia da destruição de Bloodletter, no caos e na morte.

Quando não se tem uma bússola própria, a de qualquer um serve.

E, no seu caso, o mais maligno e aviltante que se poderia imaginar foi no qual ele caíra e abraçara.

Deus, como tinha arrependimentos.

Bloodletter falara de treinamento para a guerra, mas ficara bem claro que ele servira apenas à própria sede de sangue e não à defesa da espécie – e mesmo assim, Xcor o seguira: assim que teve uma amostra do que era o orgulho paterno, por mais pervertido que ele tivesse se manifestado, a

aprovação se tornara uma droga da qual ele necessitava, um antídoto contra o vazio que existia dentro dele.

Só que o paternalismo não passara de um sonho, no fim das contas. Uma mentira revelada por uma verdade inesperada.

Com a perda do macho, Xcor sentiu como se tivesse sido abandonado uma terceira vez: a primeira ao nascimento; a segunda quando a fêmea que fora sua ama-seca… ou algo mais para ele… partira. E depois a terceira foi quando a falsidade de Bloodletter, indubitavelmente criada para garantir que Xcor o seguiria até o campo de guerra, foi revelada, a notícia entregue por uma fonte incontestável.

A irmã de sangue de V., Payne, matara o verdadeiro pai deles, Bloodletter. Matando a mentira também.

Mas Xcor pensou que estava tudo bem. Ao encontrar seu amor? Toda a sua busca cessou. Ele estivera perseguindo uma família que não existia porque ela nunca o quisera. Estava farto de buscar por fontes externas para encher sua cisterna interna. Não assumiria mais nenhum sistema de valor que não fosse o seu próprio.

E quanto a não tentar mais procurar algo que não existia? Ele descobrira que o destino que procurava esteve sempre dentro dele, e a sensação disso… era boa.

Era bom sentir-se inteiro.

Era bom oferecer-se sem reservas, nem hesitações para uma fêmea de valor que o amava com tudo o que ele tinha dentro de si.

Xcor franziu o cenho. Mas como deixaria Layla? O destino era o que era, contudo, por mais que ele tivesse melhorado, por melhor que fossem seus caminhos agora… Ele não poderia apagar o passado ou as consequências que tinha que pagar por tudo o que fizera. Nada faria isso.

Na verdade, ele nunca estaria à altura dela. Mesmo se o grande Rei Cego não tivesse ordenado sua deportação, ele teria ido mesmo assim.

Eles só precisavam fazer contar o pouco tempo de que dispunham.

Para durar uma vida inteira.

CAPÍTULO 32

Enquanto a noite caía em Caldwell no dia seguinte, Blay tentou sair para a varanda de trás para fumar seu primeiro cigarro após ter acordado.

O cenário estava perfeito. Tinha sua caneca YETI cheia de café da Dunkin' Donuts, feito pela mãe que encomendara o pó pela Internet, e o maço de Dunhill – que precisava racionar porque só tinha mais seis – e vestia sua parca *Patagonia* que tinha mais plumas de ganso do que todos os travesseiros da casa juntos.

Isso mesmo, era um bom plano. Cafeína e nicotina eram essenciais numa missão quando não se conseguiu dormir por mais de quinze minutos diretos durante o dia e não se quer arrancar as cabeças de todos ao seu redor.

O problema? Quando ele tentou abrir a porta da varanda, teve que empurrar com toda a força com o ombro.

Em seguida foi atingido no rosto por golpes de neve.

Retraindo-se, ele imprecou e voltou a fechar a porta.

– Puta merda, o tempo está um…

O ruído que veio da cozinha foi alto e envolvia alguma panela de aço inoxidável ou talvez uma assadeira, a julgar pelo som de pratos de uma orquestra.

– Mãe? – ele a chamou.

Deixando de lado a arrancada química, disparou para a cozinha…

… e encontrou a mãe no chão de ladrilhos diante do fogão, o tornozelo virado num ângulo estranho, o pãozinho de noz-pecã que estivera colocando no forno também caído no chão, a assadeira na qual ele estivera acomodado cerca de um metro distante dela.

Blay largou o café e o maço de cigarros na bancada e se apressou para ajoelhar ao lado dela.

– *Mahmen*? Bateu a cabeça? O que aconteceu?

Lyric se sentou fazendo uma careta, apoiando o corpo nos cotovelos.

– Eu só queria colocar isto no forno antes de o seu pai descer para a Primeira Refeição.

– A cabeça, você a bateu ou não? – Ao afastar os cabelos dela, rezou para

não encontrar sangue. – Quantos dedos você está vendo?

Ela empurrou a mão dele da frente.

– Blay, eu estou bem. Pelo amor de Deus, não bati a cabeça.

Ele se sentou. A fêmea vestia seus costumeiros jeans de mãe e uma blusa de gola role que a fazia parecer um cruzamento de Mamãe Noel e a senhora Taylor, personagem de *Home Improvement*. E ela parecia estar bem, seus olhos o acompanhavam, a coloração estava boa, o comportamento derivado do embaraço e não do trauma.

– Blay, eu só escorreguei no tapetinho. Estou bem.

– Que bom, porque assim posso brigar com você. Onde diabos está a sua bota? Por que ela não está no seu pé?

De repente, a mãe fingiu tontura, batendo os cílios e levantando as mãos adiante como se não estivesse enxergando.

– São dez dedos? Ou doze?

Quando ele a encarou, ela fez uma careta encabulada.

– Aquela bota atrapalha tanto… e a cozinha é apertada. Eu ia colocá-la de novo assim que tivesse feito os ovos.

– Você escorregou ou o tornozelo cedeu?

Quando ela não disse nada, Blay deduziu que devia ter sido a última opção e foi para perto do pé. No instante em que tentou tocar no chinelo dela, ela sibilou e empalideceu.

– Está tudo bem – disse com voz contraída.

Ele se concentrou nos lábios apertados dela e no modo como as mãos tremiam.

– Acho que torceu o tornozelo de novo. E talvez tenha fraturado alguma coisa, não sei…

– Vou ficar bem.

– Sabe, essas são as minhas três palavras menos favoritas. Qhuinn sempre as diz quando… – Ele se interrompeu, e ignorou propositadamente a maneira como sua mãe o fitava. – Consegue se desmaterializar? Porque tenho certeza de que a doutora Jane precisa dar uma olhada nisso aí. Não, Manny. Ele é o cara dos ossos.

– Ah, isso não será necessário.

– Porque não deixamos papai decidir. – Quando ela piscou, ele continuou sugestivamente: – Ou você poderia ser sensata e ir comigo sem reclamar.

A expressão de Lyric foi de aborrecimento, mas ele sabia que a convencera. Desde os ataques, o pai vinha se portando de modo superprotetor com a companheira. Ele parecia ficar histérico com as coisas mais ridículas – cortes de papel, cutículas levantadas, dedos do pé batidos – o que significou que quando Lyric escorregou nos degraus da frente da casa quando foi apanhar o jornal algumas noites atrás, o pobre quase perdera a cabeça.

E este machucado estava pior que o primeiro.

– Consegue se desmaterializar? – Blay perguntou.

– Acha mesmo que é necessário?

– Você mesma pode responder a essa pergunta. Quer tentar se levantar?

A mãe encarou o pé.

– Como eu queria ter colocado a maldita bota…

– Eu também.

Ela franziu o cenho.

– Como faço para chegar à clínica do centro de treinamento? Mesmo que eu consiga me desmaterializar, não conheço a localização exata.

– Podemos chegar até perto dela e pedir para irem nos buscar. – Blay se levantou e olhou para o teto. Ouvia os passos do pai no andar de cima, movendo-se de um lado a outro enquanto se vestia. – Acha que é melhor ou pior se formos sem que ele saiba?

– Podemos mandar uma mensagem para ele? Dizendo que vamos dar uma saidinha e que já voltamos. Diga a ele que… que eu fui fazer compras.

A mãe odiava mentir, mas odiava preocupar seu *hellren* ainda mais. E Blay tinha que apoiá-la neste caso. Seu pai teria um treco com o que aconteceu ali.

– Vamos embora. – Blay pegou o celular e começou a mandar uma mensagem para Jane. – Você sabe aquela quitanda na Rota 9? Aquela que fica num celeiro?

Só que, enquanto falava, tentou abrir a porta da varanda e se perguntou que

diabos estivera pensando. Sua mãe precisava se desmaterializar até um lugar seco e aquecido com aquele seu tornozelo daquele jeito. Aquele celeiro não era aquecido e provavelmente estaria fechado. Era melhor que a maldita floresta, mas, convenhamos…

No que estivera pensando?

Abaixou o telefone com o texto escrito pela metade e fitou a *mahmen*. Ela fechara os olhos e voltara a deitar a cabeça no chão – e a mão estava sobre o abdômen, contraída.

A outra estava encostada no chão, tremendo e batendo as unhas como se ela estivesse sapateando.

– Você não vai conseguir se desmaterializar – ele disse mecanicamente. – De jeito nenhum.

– Claro que consigo.

Mas a negação dela não o convenceu.

E nessa hora seu pai apareceu na cozinha, a gravata meio feita ao redor do pescoço, os cabelos ainda úmidos do banho e penteados num estilo que o boneco Ken adoraria, cada mecha perfeitamente ajeitada e parecendo congelada no lugar.

–… vídeo conferência com os meus clientes e… Lyric! Ai, meu Deus, Lyric!

Enquanto o pai corria para perto da mãe, Blay olhou para a porta que dava

para a garagem. Os pais começaram a discutir, mas ele os interrompeu:

– Pai, me faça feliz e me diga que seu carro tem tração nas quatro rodas.

De volta à mansão da Irmandade, Qhuinn estava fazendo algo inconcebível: estava arrumando uma mochila preta com mamadeiras, leite em pó e água filtrada. Fraldas. Lenços umedecidos. Pomada para assaduras. Chocalhos e chupetas.

Claro, arrumar uma mochila não era o problema. Normalmente a sua bagagem girava em torno de Smith & Wesson, Glocks ou Berettas, o tipo de coisa que vinha acompanhada de balas e visões noturnas, não por Pampers e Evenflo.

O outro motivo por aquilo ser estranho é ele estar arrumando a mala dos filhos para que eles saíssem da casa. Sem ele.

Eram tão pequenos. E ele não os queria mesmo mais ao redor daquela fêmea.

Recusava-se a se referir a Layla como *mahmen* deles, mesmo que apenas mentalmente.

Mas a situação era essa. Subira ao Santuário com Amalya, a *directrix* das Escolhidas, e ela o acompanhara pelo cenário bucólico, mostrando-lhe as piscinas refletoras e os templos, os dormitórios e os aposentos particulares da Virgem Escriba.

Onde Layla ficaria com os bebês.

Seria impossível discutir a respeito do arranjo. Aquele lugar era ainda mais seguro do que a mansão, pelo amor de Deus, e Amalya lhe garantira que as crianças seriam capazes de entrar e sair sem problemas.

E quando a pressionou, ela garantira que traria os bebês de volta pessoalmente. Se Layla causasse algum problema.

Uma batida suave à porta do quarto fez com que ele afastasse o olhar da mochila.

– Oi.

Beth entrou e parecia muito mais calma. Pensando bem, ela conseguira aquilo que quisera.

– Parece que deixou tudo pronto.

Ele baixou o olhar para o que havia separado.

– É.

– Tudo vai ficar bem, Qhuinn. Estou orgulhosa de você…

– Sem querer ofender, mas você vai ficar com o seu filho vinte e quatro horas por dia porque a pessoa com quem a teve não é um mentiroso, nem um traidor. Portanto, vai ter que me desculpar se a sua versão de “tudo bem” e a minha forem ligeiramente diferentes. – Ele se afastou do pé da cama. – Não tenho permissão para ter o meu “tudo bem”, que seria ter meus filhos neste quarto enquanto eu saio para lutar. O meu “tudo bem” não é estar no campo de batalha, defendendo a raça, com minha mente preocupada se Layla vai ou

não devolvê-los quando deve fazer isso. E o meu “tudo bem” evidentemente não envolveria aquela fêmea ter qualquer tipo de contato com eles de novo. Não preciso que sinta orgulho de mim e não quero a sua preocupação dissimulada. Só o que preciso de você é que fique com eles enquanto eu saio da porra desta casa.

Beth cruzou os braços diante do corpo e lentamente balançou a cabeça.

– O que aconteceu com você?

As palavras foram ditas tão baixas que ficou claro que ela estava perguntando apenas para si própria.

– De verdade? Você está me perguntando isso mesmo?

Qhuinn lhe deu as costas e foi até os berços. Relanceou para Lyric e depois se concentrou em Rhamp, voltando a colocar a chupeta na boca dele.

– Seja corajoso, meu menino. – Qhuinn afagou a mecha de cabelos escuros. – Eu te vejo em vinte e quatro horas. Vai ser fácil, não vai?

Errado.

Era tão difícil sair dali. Seu peito estava em fogo com uma dor que ia fundo no seu DNA… Ainda mais quando seus olhos passaram por Lyric uma vez mais. Queria ir até perto dela, mas simplesmente não conseguia olhá-la no rosto.

Não poderia vê-lo agora.

E quando andou na direção de Beth, manteve os olhos para a frente. Não

confiava em si para abrir a boca nem para apenas dar um tchau. Sem dúvida despejaria alguma coisa na Rainha, e isso não ajudaria a ninguém.

Apanhando as armas e a jaqueta de couro de uma cadeira, saiu do quarto e fechou a porta silenciosamente atrás de si. Não sabia exatamente quando Layla apareceria – depois do pôr do sol, claro, mas isso já acontecera há algum tempo. Ela devia estar para chegar a qualquer minuto…

– Pronto para a reunião?

Olhou por sobre o ombro. Z. estava saindo da sua suíte, e o irmão estava armado e pronto para o combate, com todo tipo de metal pendurado nele, os olhos amarelos estreitados e astutos.

A cicatriz no rosto, aquela que descia pela face e distorcia o lábio superior, fez com que Qhuinn pensasse no rosto fodido de Xcor.

– Temos uma reunião? – Qhuinn perguntou ao pescar o celular do bolso.

Ele estivera verificando a coisa com o único propósito de ver se Blay telefonara ou lhe mandara alguma mensagem. Uma foto. Um maldito emoji. Nada. E ele não prestara atenção em nada mais.

Ora, ora. Mensagem no grupo convocando a Irmandade para o escritório de Wrath. Exatamente naquela hora.

– Acho que temos – murmurou ao voltar a guardar o aparelho e seguir Z.

Não houve nenhuma conversa entre eles a caminho do escritório, e estava tudo bem assim para Qhuinn. E quando entrou no escritório para a reunião,

manteve a cabeça baixa e seguiu para o canto mais afastado da lareira. A última coisa de que precisava era reviver a merda colossal que a noite anterior havia sido. Todos conheciam os fatos, e na verdade lhe disseram o que pensavam enquanto estivera trancado na Tumba.

Nenhum motivo para que todos o culpassem pela tremenda diversão que tiveram.

E ainda assim, aquela coisa de descarregar uma arma dentro da casa ainda surtiria muitos comentários. Sempre haveria motivos para se lembrarem daquilo.

Ou talvez existisse uma porta número três, algo que, com sorte, não estaria relacionado a ele.

Wrath estava sentado atrás da escrivaninha ornamental, no trono que fora do pai dele por tantos anos. E Vishous estava do seu lado direito, com um daqueles seus cigarros aceso na mão enluvada, os olhos gélidos trafegando ao longo do grupo reunido. Butch estava no sofá com Rhage, aquela peça delicada de mobiliário francês parecendo estar muito acima da sua capacidade de peso. Z. assumira seu posto ao lado de Phury junto à estante de livros. E Rehv estava ali.

Quando John Matthew entrou, o cara olhou ao redor e, ao ver Qhuinn, se aproximou. Não sinalizou nada, apenas se recostou na parede e enfiou as mãos dentro dos bolsos da calça de couro.

Qhuinn relanceou para o amigo.

– Eu e você estamos juntos na ronda de hoje.

John assentiu e tirou as mãos dos bolsos.

Acho que não vamos a parte alguma.

– Não vão me deixar ir a campo?

Não, por causa da nevasca. Recorde de neve. Inédito nesta época do ano.

Qhuinn deixou a cabeça pender para trás, de modo que batesse no gesso da parede. Que maldita sorte a sua. Não haveria modo de ele ficar dentro da casa enquanto os filhos estivessem com aquela fêmea, sem que Blay estivesse conversando com ele, e seus irmãos ainda estivessem putos da vida pelo fato de Xcor ter fugido da Tumba.

Puta merda, ele pensou. Não estava numa prisão. Não teria que…

Wrath falou de seu posto no trono.

– Então, vamos acabar logo com isto.

Qhuinn cruzou os braços diante do peito e se preparou para mais uma rodada de quanto ele era um bosta.

– Sabemos onde Xcor está – o Rei anunciou. – E ele trará os Bastardos até mim.

No mesmo instante, a sala explodiu com discursos e imprecações, os irmãos batendo os coturnos no piso, todos de pé – e Qhuinn também pareceu surpreso até a alma. O macho estava sob custódia novamente? Alguém por

certo teria lhe dito algo…

Lembrou-se da confusão que fizera na Tumba e concluiu… Não, a Irmandade estava basicamente de saco cheio dele e de Xcor no momento.

– Ele é meu! – Tohr exclamou acima da balbúrdia. – Sou eu quem vai matá-lo!

Isso era tremendamente discutível; mas Qhuinn manteve isso para si. Achado não é roubado, e coisa e tal.

Se chegasse ao filho da puta primeiro, era ele quem acabaria com o maldito e ao inferno com…

– Não, não vai – Wrath ladrou. – Ninguém vai matá-lo.

Conforme as palavras do Rei foram absorvidas, todos se calaram, e V. foi para trás de Tohr como se estivesse se preparando para contê-lo pelo pescoço.

Espere… O quê?, Qhuinn pensou.

– Vocês me entenderam – o Rei ordenou. – Ninguém vai matá-lo.

Em seguida, como se para fazer com que suas ordens chegassem aos maiores interessados, Wrath olhou primeiro para Tohr… E depois diretamente para o próprio Qhuinn.

CAPÍTULO 33

Na casa segura da Irmandade, Xcor estava no chuveiro, com o rosto voltado para o jato de água, o corpo recuperando as forças minuto a minuto. Assim que a noite caíra, deixara Layla adormecida na cama que

partilharam e subira até a cozinha, onde encontrara diversas fontes de calorias e se pusera a consumi-las. Não lhe pareceu importante que os sabores não combinassem: bebeu suco de laranja com sorvete de menta e lascas de chocolate, *chilli* direto da lata sem se dar ao trabalho de esquentar, um filão de pão com uma barra de manteiga, ambos inteiros, e fatias de queijo e frios, além das duas pizzas que estavam no congelador.

Que ele tivera que assar, pois não conseguiria comê-las congeladas.

Teria que reabastecer a despensa, apesar de não saber como fazer isso.

Nunca cuidara do dinheiro do grupo e, portanto não tinha acesso a nenhuma conta bancária nem a recursos financeiros. E já não era mais ladrão.

Throe sempre controlara os fundos. Dentre eles, era ele que poderia se apresentar melhor quando o contato com os humanos se fazia necessário…

Xcor sentiu a presença de Layla no momento em que ela abriu a porta do banheiro, e quando mudou de posição para olhar para ela, quase caiu de joelhos. Ela estava gloriosamente nua, as coxas, os seios de bicos rosados e o quadril adorável, as pernas longilíneas e o sexo perfeito, exposto para ele, e apenas para ele, ver.

Seu pau de pronto ficou ereto.

Mas ele o escondeu dela. Apesar de terem feito amor no decorrer do dia, ele encostou a extensão na barriga e a manteve ali com as duas mãos.

Ela caminhou silenciosamente pelo piso de mármore, abrindo a porta para

se juntar a ele.

Os olhos dela se desviaram para onde as palmas dele estavam.

– Por que não se mostra para mim?

De fato, ele mantivera as roupas a noite inteira, abaixando a calça quando a penetrava, reajustando-as sobre o quadril quando a aninhava contra si depois.

– Xcor? – ela sussurrou enquanto o vapor a envolveu e a pele começou a reluzir com a umidade. – Por que não quer que eu o veja?

Meneando a cabeça, ele preferiu não falar. Era simplesmente difícil demais por em palavras o quanto era duro para ele deixar que ela o visse nu. Ela nunca pareceu se importar com seu defeito, nunca pareceu notá-lo, tampouco julgá-lo inferior por causa dele – ainda assim, as roupas eram uma máscara que ele preferia usar na presença dela. Fora diferente quando quisera repeli-la, quando procurou desafiá-la com a sua feiura na esperança de que ela lhe desse as costas e parasse de torturar a ambos. Mas agora…

Fora rejeitado a vida toda. Nada daquilo teria a menor importância, contudo, caso ela se afastasse também…

Layla se ajoelhou com a graciosidade do luar recaindo dos céus. E seu primeiro instinto foi o de ajudá-la a se levantar, pois não apreciava a ideia de ela ficar no piso duro. No entanto, quando ele se inclinou na direção dela, Layla o deteve.

Inclinou-se na direção das palmas ele.

Esticou a língua…

… e lentamente lambeu o dedo médio da mão direita dele.

A língua dela estava escorregadia por conta da água, e suave, macia como o veludo. E ele se recostou contra a parede do chuveiro.

Os olhos de Layla subiram pelo corpo dele enquanto repetia o movimento – e depois lhe sugou o dedo para dentro da boca. Girando a língua, mais quente agora, como o interior dela.

– Layla – implorou.

Um a um, ela lhe sugou os dedos, soltando a pegada de cima do sexo, deixando-o tão fraco que as mãos se afastaram, não por ele tê-la comandado a fazer tal, mas porque lhe faltavam forças para que os braços fizessem qualquer outra coisa.

Livre do escudo, o pau se projetou para longe do quadril, a água do chuveiro fazendo com que o mastro orgulhoso reluzisse. Deuses, ele queria que ela fizesse o que pretendia fazer, ansiava pela sensação dos lábios na cabeça, na extensão toda, queria a sucção e…

– Caralho – ele gemeu quando ela o capturou.

Ela não inseriu tudo o que ele tinha a oferecer. Concentrou-se na ponta, provocando-o, recuando, abocanhando um pouco mais – e bem quando ele achava que perderia a cabeça, ela esticou a língua e rodeou a ponta, lenta, ah, tão lentamente. E durante todo o tempo, os olhos verdes o fitaram, a água

caindo por cima dela, escorrendo pelos mamilos, desaparecendo entre as pernas afastadas.

Xcor teve que se segurar em alguma coisa para continuar de pé, as palmas derrapando no vidro, mas encontrando algum tipo de apoio na parede de mármore.

– Ah, Deus, Layla… – Fechou os olhos. – É demais…

Mas ela não parou. Finalmente o sugou por inteiro, engolindo-o por completo apesar de ele provavelmente estar em sua garganta.

Ele teve que olhar. E no segundo em que viu os lábios dela se esticarem ao redor da sua espessura, começou a gozar.

– Eu… ah, cacete…

Mesmo quando ele tentou se afastar, para o caso de ela não saber o que estava acontecendo, ela não permitiu. Encontrou um ritmo na sucção, aceitando o orgasmo dele em sua boca, as mãos subindo pelas coxas para amparar as bolas.

Xcor acabou de bunda no chão. Literalmente.

Os músculos das coxas cederam, e ele só conseguiu se impedir de cair num amontoado, esmagando-a ao despencar. E ainda assim, ela continuou a lhe dar prazer, reposicionando-se com ele, fazendo com que ele chegasse a mais um orgasmo depois do primeiro, as pernas afastadas para acomodá-la, as mãos indo para os cabelos molhados dela, a cabeça e o pescoço se apertando

no canto do box.

Quando finalmente terminou, ela se levantou e lambeu os lábios. Nesse meio tempo, só o que ele conseguiu fazer foi respirar e encará-la, com o crânio pendendo no alto da coluna, os braços largados de lado, o chuveiro despejando uma chuva quente como se ele fosse uma rocha numa floresta.

– Quero fazer o mesmo com você – ele disse numa voz gutural.

Ela se sentou sobre os calcanhares e sorriu.

– Quer?

Ele assentiu. Como um parvo.

– Você me parece um pouco cansado, guerreiro – murmurou. – Eu o exauri?

Xcor estava prestes a negar quando ela se inclinou para trás, acomodando os ombros na parede oposta, imitando-lhe a pose. Quando ela cerrou as pálpebras, ergueu os joelhos… e os afastou, dando-lhe uma vista e tanto.

– O que você faria comigo? – ela perguntou, sensual. – Você me beijaria aqui?

Ela arrastou a mão elegante para a lateral do pescoço. Ele assentiu quase imóvel, e ela sorriu.

– Aqui?

Agora as pontas dos dedos estavam na clavícula, e ele assentiu de novo.

– E quanto a… aqui?

Quando ela resvalou os mamilos, ele cerrou os molares com tanta força que sentiu um estalo.

– Bem aqui, guerreiro? Você me beijaria aqui?

Ela atiçou o próprio mamilo, beliscando-o de modo que acabou sibilando, e depois o esfregou como que para atenuar a sensação. E, então, a outra mão desceu pelo abdômen.

– Que tal… aqui? – ela sussurrou enquanto afagou o centro da sua fenda.

Um grunhido escapou dele, e Xcor disse num rompante.

– Isso. Exatamente aí.

– O que você faria com a sua boca? – A ponta de um dedo circundou o sexo por fora. – Ah, não… você usaria a língua, não usaria, guerreiro? A língua…

Ela arquejou ao se masturbar, os olhos grudados nele quando inclinou a cabeça para trás, as sensações evidentemente levando a melhor sobre ela.

– Você deveria colocar a sua língua aqui…

Xcor se projetou sobre ela, movendo-se tão rapidamente que nem estava ciente da decisão de atacá-la. E foi bruto, afastando as mãos dela no caminho para selar a boca no sexo dela, tomando o que mais queria, aquilo com que ela o provocara.

Agora era ela quem abria os braços, tentando se manter em alguma forma de equilíbrio. Mas ele não aceitaria nada disso. Deitou-a no chão de azulejos,

espalmou as mãos nas coxas dela, abrindo-a para inserir a língua, consumindo-a.

Ela gozou com tudo contra o rosto dele, as mãos se enterrando nos cabelos molhados dele, puxando até provocar dor. Não que ele desse a mínima. O importante era entrar nela, fazer com que ela dissesse seu nome, marcando-a com seus lábios e língua.

Isso não bastava.

Mesmo enquanto o clímax a assolava e ela se arqueava para longe dos azulejos, os ombros se projetando para trás, os seios empinando, a água na pele dela fazendo com que as carnes brilhassem na luz fraca, ele não tinha o bastante.

Xcor montou nela, e empurrou o pau com força, os dedos cravando na bacia dela, prendendo-a enquanto começava a bombear. Agora os seios dela se moviam para este e para aquele lado, e os dentes inferiores se chocaram com os superiores, e os braços se debatiam. Mas os olhos dela eram como fogo quando o animal dentro dele subjugou o animal dentro dela.

Ele se afastou no último segundo, elevando-se sobre ela, os ombros bloqueando o jato de água. Agarrando a ereção, foi ainda mais brutal consigo do que fora com ela, puxando o sexo para gozar uma vez mais.

De modo a cobri-la com seu sêmen.

Era a marca de um macho vinculado, uma prática feita a fim de que

qualquer outro macho na presença dela estivesse absolutamente ciente de que era melhor tomar cuidado caso se aproximasse dela.

Ela pertencia a outro.

Não como uma propriedade. Mas como algo infinitamente mais precioso para que os outros tentassem se aproveitar.

Enquanto Xcor terminava de fazer o que querias com ela, a água do chuveiro começava a esfriar – não que Layla se importasse. Tinha seu guerreiro entre as pernas, e ele fazia o que um macho fazia quando clamava uma fêmea, um instinto antigo nascido na espécie para garantir sua sobrevivência. Era selvagem e era belo, era primitivo e, ainda assim, muito bem recebido no mundo moderno.

Pelo menos no seu mundo moderno.

Quando, por fim, ele desabou em cima dela, ela envolveu os ombros largos escorregadios e fechou os olhos com um sorriso.

– Eu peso demais – ele murmurou junto ao seu pescoço.

Antes que pudesse detê-lo, dizendo que não se importava que seu cóccix estivesse doendo ou que suspeitava que teria alguns hematomas num futuro próximo, ele a suspendia e se levantava, segurando-a nos braços como se ela fosse de vidro.

Do lado de fora do chuveiro, ele pegou uma toalha macia e a enrolou nela. Depois pegou uma segunda e enxugou-lhe o rosto antes de se postar atrás

dela. Com apertos suaves, passou a toalha pela extensão dos cabelos, enrolando as pontas para tirar boa parte da água.

O tempo inteiro, ela o observou pelo espelho, memorizando detalhes da expressão dele, do corpo, dos cabelos ainda molhados, de toda a força controlada. O rosto era-lhe especialmente querido: os planos e os ângulos impetuosos se suavizaram – e ela teve a impressão de que ele não gostaria que ela visse essa sua vulnerabilidade.

– Estará segura esta noite? – ele disse numa voz baixa. – Quando for para aquela casa? E depois para o Santuário?

– Sim. Eu te prometo. Eles não irão me machucar.

– E ninguém mais vai subir até lá, certo? Ninguém pode chegar até você?

– Ninguém, além das Escolhidas, tem acesso. Não sei bem como funciona, mas sempre foi assim. Somente minhas irmãs e o Primale têm permissão para ir e vir à vontade.

– Bom. Isso é muito bom.

– Para onde você vai?

Enquanto aguardava pela resposta dele, seu coração batia mais forte porque ela odiou a ideia de ele estar em Caldwell, sozinho – e também porque odiava a passagem da noite. Assim que ele encontrasse seus companheiros, iria embora para longe dela.

Quando Xcor não respondeu, o silêncio entre eles se tornou palpável.

– Então, vou ficar lá durante o dia também. – Ela lhe disse isso apesar de já ter lhe contado seus planos. – Mas, ao anoitecer amanhã, voltarei para cá.

– E eu estarei aqui para recebê-la.

Quando ela exalou aliviada, Xcor deixou a toalha de lado e apanhou a escova. Começando pelas pontas, continuou a cuidar dos cabelos dela, cuidadosamente desfazendo os nós.

– Vou sentir a sua falta – ela sussurrou para a cabeça inclinada dele.

Parecia totalmente incongruente que um macho tão endurecido pela guerra cuidasse dela assim, com aquela escova pequena demais para as suas mãos, os ombros tão largos atrás dela, o rosto enrijecido estampando uma expressão tão gentil.

– É apenas por uma noite e um dia. – Ele passou para o alto da cabeça dela, parecendo enfeitiçado pelo modo como as cerdas negras se emaranhavam aos fios dourados. – Voltaremos para cá antes de nos darmos conta disso.

Layla assentiu apenas porque pressentiu que seu equilíbrio emocional era de vital importância para ele – e queria fingir que estava bem para o bem dele. Mas as vinte e quatro horas de separação não era o que ocupava a sua mente. Aquilo que duraria pelo resto dos seus dias estava ali.

Fechando os olhos, tentou não pensar nisso. Seu coração acabara de ser acalentado. Não havia motivos para retornar à tristeza.

– Eu te amo – ela disse.

Xcor parou, os olhos disparando para os dela no reflexo do espelho.

– O quê?

Ela se virou para ficar de frente para ele. Santa Virgem Escriba, jamais se cansaria do rosto dele, do cheiro dele, do corpo dele.

Elevando-se nas pontas dos dedos, passou os braços ao redor do pescoço dele, e quando os seios se encontraram com o peito, ela sentiu um calor ora conhecido se formando entre as coxas.

– Eu te amo – ela repetiu.

As pálpebras dela abaixaram e ele pareceu oscilar.

Mas, em seguida, ele soltou as mãos dela e abaixou-lhe os braços.

– Shhh… – Beijou-a uma vez, e depois de novo. – Eu tenho que ir, e você também.

CAPÍTULO 34

Tohr disse a si mesmo, enquanto permanecia de pé no escritório de Wrath e ouvia a todos os insultos contra Xcor, que manteria a calma. Simplesmente revelaria no rosto toda variação de expressão do tipo “tudo bem, chefe”, e assentiria nas horas certas, e talvez até desse de ombros, uma ou duas vezes.

Como se Wrath deixar um criminoso livre depois de ter beijado o maldito anel real não significasse absolutamente porra nenhuma para ele. Como se isso acontecesse a toda hora. Sem problemas.

Ah, sim, claro, e trazer o Bando de Bastardos para fazer a mesma coisa era uma ideia perfeitamente sensata. Sim, um a um, pois isso realmente minimizaria os riscos.

Porque Xcor e seus garotos seriam incapazes de pensar num ataque coordenado.

Na-na-ni-na-não. Por que fariam algo assim?

–… todos, e quero dizer *todos mesmo* – Wrath voltou a cabeça na direção de Tohr de novo e depois girou aqueles óculos escuros ao redor até Qhuinn – estejam a bordo nisto. Depois dos juramentos, eles partirão para o Antigo País e não teremos mais nenhum assunto com eles.

Na verdade, Tohr pensou, talvez devesse simplesmente morder o cano de uma pistola agora mesmo. Muito mais eficiente o que esperar que seu cérebro explodisse com essa solução que tinha estampada sobre ela toda: IDEIA IDIOOOOTA.

Quando Wrath se calou, houve um silêncio demorado no escritório – o que significava que havia certa quantidade de pessoas ainda convictas das próprias ideias –, e Tohr relanceou para Qhuinn. Os olhos do irmão estavam concentrados no chão como se estivesse avaliando a integridade física dos cadarços dos seus coturnos.

Tohr voltou a olhar na direção de Wrath. O Rei estava sério pra cacete em relação a esse plano idiota dele, com o maxilar travado e toda aquela postura

de “nem pense nisso”.

E por mais que o resto dos irmãos não gostasse daquilo, acatariam aquela merda, não por serem fracos, mas porque sabiam que Wrath não cederia – e eles levavam muito a sério suas funções de guarda-costas.

Portanto, fariam o melhor para manter aquele macho vivo.

Mesmo quando ele fosse a uma casa segura esperando que o Bando de Bastardos se apoiasse sobre um joelho como um punhado de noivos humanos.

A questão era que juramentos feitos por machos sem honra não passaram de um tremendo desperdício de sílabas.

– Bom – Wrath murmurou. – Estou contente por todos me apoiarem nisso.

Um punhado de irmãos tossiu, e alguns pés se remexeram. Vishous acendeu outro cigarro, e Butch pegou aquele imenso Jesus que sempre trazia consigo, esfregando o símbolo de fé entre o indicador e polegar. Como se estivesse rezando mentalmente.

Cara esperto.

Em seguida, como se tudo estivesse bem, Wrath passou a tratar de assuntos rotineiros, falando sobre a rotação dos turnos, quando o próximo pedido de armas seria feito, e como o programa de treinamento vinha prosseguindo.

– Agora, em relação a esta nevasca. – Wrath meneou a cabeça. – A coisa está feia lá fora. Vou suspender esta noite. Dia de brincar na neve, babacas.

Houve um murmúrio e concordância. E logo foram dispensados.

Tohr queria ser o primeiro a sair do escritório, a raiva esganava-o, mas ele se conteve, ficando no meio do grupo, avançando do jeito que sempre fazia. Não conversou porque não confiava em si mesmo para deixar que a boca falasse, embora tentasse aparentar que estava pouco se lixando com o que os outros estavam planejando.

Torneio de bilhar. Pôquer. Bebida. Sundae bar MYO.

Este último mencionado por Rhage.

Tohr esperou… até finalmente estar de frente aquilo que esperava.

Qhuinn saiu do escritório por último e parecia um lutador profissional à procura de um ringue. Quando ele estava passando, Tohr se colocou no caminho do cara de forma que os ombros se chocaram.

Quando Qhuinn olhou para ele, Tohr encarou os olhos despareados com firmeza. E depois, num tom suave, disse:

– Garagem. Dez minutos.

Qhuinn pareceu surpreso, as sobrancelhas se erguendo. Mas ele se recuperou rápido.

O assentimento do irmão foi quase imperceptível.

Depois do qual seguiram para direções opostas.

No fim do corredor de toda aquela alegria acontecendo no escritório, Trez despertou em seu quarto e sabia que não deveria se mover rapidamente,

tampouco se alegrar com o fato de o estômago finalmente parecer navegar mares tranquilos. O verdadeiro teste viria quando ele tentasse se sentar, e depois de ter passado umas boas doze horas deitado de costas, sentindo-se um atropelado por um caminhão, não estava com muita pressa de provocar a sorte, tentando ficar na vertical.

Mas não poderia ficar assim para sempre.

Enquanto erguia lentamente o tronco do colchão, procurou não se concentrar demais em cada recôndito do seu corpo e cabeça. Lendo folhas de chá em relação a como a situação prosseguiria dali…

– Mas que porra!

Trez se retraiu tão rapidamente que bateu o crânio na cabeceira e de pronto teve um flashback de como havia sido o dia anterior.

Havia alguém sentado ali no quarto, na cadeira mais distante…

– Tá de zoeira? – Exalou um xingamento e esfregou a cabeça. – Fala sério! Que brincadeira é essa?

Do lado oposto, uma espécie de espantalho mal feito vestindo calças jeans, camiseta do Nirvana e a camisa de flanela daquele anjo, e um par de Nikes que fora preenchido sabe lá Deus com o quê. A cabeça do “Lassiter” era feito de uma sacola de nylon que tivera batatas dentro, e os cabelos loiros e pretos eram uma coleção de meias sociais de cano alto – provavelmente de Butch – e panos de limpeza Swiffer que foram mantidos no lugar por alfinetes.

Ao redor do pescoço? Uma placa escrita a mão com os dizeres: o chefe esteve aqui.

– Filho da puta.

Passando as pernas para a lateral da cama, Trez deu um tempo para que o coração voltasse a um ritmo abaixo de duzentas batidas por minuto. A boa notícia era que a enxaqueca parecia estar bem longe no seu espelho retrovisor, a bigorna que estivera pendurada do lado direito da cabeça desaparecera e seu estômago roncava de fome.

Depois de uma chuveirada, uma barbeada e roupas limpas, ele estava pronto para fazer o que tinha que ser feito, ou seja, ir para a shAdoWs e ver como estavam as coisas.

Em vez disso, pegou o celular e ligou para o irmão. iAm atendeu ao primeiro toque.

– Como está se sentindo? – o cara perguntou.

– Estou vivo.

– Isso é bom.

– E então?

– Então o quê? – Quando Trez não preencheu as lacunas, iAm começou a murmurar palavras começadas com F. – Trez, sério, deixa isso de lado, ok?

– Isso não vai rolar. Pode, por favor, contratar aquela fêmea?

Houve um período longo de silêncio – o qual Trez interpretou como sendo

iAm tentando se apegar à esperança de que ele daria voz à razão. Mas Trez não estava nem aí. Esperaria sem se preocupar e acabaria recebendo aquilo que queria, e Therese teria o seu emprego no Sal's.

– Tá bom – iAm disse bravo. – Dou o emprego a ela. Tá feliz agora?

Não, nem perto disso.

– Uh-hum. Obrigado, cara. Você está fazendo a coisa certa.

– Será? Não sei bem se fazer com que entre em contato com essa fêmea vai acabar ajudando a qualquer um de nós.

Trez fechou os olhos e se lembrou da sensação dos lábios de Therese, do sabor dela, da fragrância trafegando pelo ar frio até seu nariz… sua alma.

Uma pontada de náusea tirou tudo isso da sua mente.

– Vai ficar tudo bem. Não vou incomodá-la.

– Uh-hum. Tá.

Depois que Trez desligou, lançou um olhar bravo para a efígie do anjo ali no canto.

– Lassiter – disse em voz alta. – Apareça, sei que está em algum lugar por aqui.

Esperou, já imaginando que o anjo passaria pela porta. Saltasse para fora do closet. Deslizasse por debaixo da cama. O cara estava sempre por perto, quer você quisesse isso ou não.

Mas ele deveria ter desconfiado. Dez minutos e absolutamente nenhum

anjo depois, pareceu-lhe justo que da única vez em que queria ver o cara, o maldito desse uma de fantasma.

Vestindo uma jaqueta limpa, Trez saiu do quarto e pegou o celular de novo ao seguir para a escadaria. Enviou uma mensagem de texto para Xhex enquanto descia e se surpreendeu quando ouviu o toque de resposta em seguida. Normalmente, ela estaria verificando as bebidas do estoque no… Ah. Entendido. Nevasca. Boate fechada, ninguém indo a parte alguma da cidade.

Ao chegar ao átrio, atravessou o desenho da árvore em flor do mosaico e foi direto para a sala de bilhar – onde uns três quartos da Irmandade estava reunida ao redor de tacos de sinuca com bebidas em mãos.

Butch se aproximou dele, o antigo policial humano elegante como de costume.

– Vai se juntar a nós? Quer uma bebida?

Antes que pudesse responder, Xhex apareceu de trás do bar.

– Pois é, eu resolvi fechar a boate. Os seguranças estavam me ligando, dizendo que não conseguiam atravessar a cidade, os barmen também. Nenhuma das meninas. A única coisa que apareceu foi a entrega de bebida, e o DJ, apesar de esse já estar lá porque estava bêbado demais na noite passada e acabou indo dormir nos fundos.

Trez agradeceu, mas negou a oferta de Butch e se virou para Xhex.

– Acho que nunca ficamos fechados numa quinta-feira.

– As primeiras vezes acontecem quando menos se espera.

– A neve está ruim assim?

– Veja por si só.

Quando ela apontou para uma das oito janelas de pé direito inteiro da sala, Trez usou isso como desculpa para se distanciar da conversa e dar início à sua saída à francesa da casa e da mansão como um todo. Não que não amasse os Irmãos. Era que, a esta altura do seu estado traumático pós-enxaqueca, toda aquela conversa e aquelas risadas, as batidas das bolas, J. Cole e Kendrick Lamar, tudo isso estava acima dos seus limites.

Escolhendo a janela que estava mais próxima do arco de entrada da sala, afastou a cortina e olhou para o pátio – ou o pouco que consiga enxergar dele. A neve caía forte que ele mal enxergava a um metro para fora da mansão e, evidentemente, estivera nevando há algum tempo assim. Sob as luzes de segurança, parecia que um toldo branco fora lançado sobre tudo, os contornos do telhado do Buraco, os grandes pinheiros da montanha, os carros estacionados do outro lado da fonte, cobertos por uns trinta centímetros daquilo que caíra dos céus…

A princípio, a figura não foi notada, as vestes e capuz brancos indistinguíveis do cenário imaculado. Mas ele logo reconheceu um buraco no padrão dos flocos de neve, a cascata rodopiante se movendo ao redor da

silhueta.

Que o encarava.

No jorro frio, todo o sangue desapareceu da sua cabeça.

– Selena? – ele sussurrou. – É…

– Estamos na época errada do ano para este tipo de tempestade – Xhex murmurou ao seu lado.

Trez se sobressaltou tanto que quase chegou ao teto. E, na mesma hora, olhou de novo através da vidraça.

A figura havia sumido.

– Trez?

Nesse instante, a campainha tocou. Trez se virou e disparou para fora da sala de bilhar, chegando à porta pesada, escancarando-a…

A Escolhida Layla recuou, o capuz branco que colocara na cabeça escorregando para trás dos cabelos loiros, flocos de neve caindo das vestes brancas até os pés.

– Tenho permissão para estar aqui – ela disse ao levantar as palmas como se ele estivesse lhe apontando uma pistola. – Tenho permissão. Pergunte ao Rei.

Trez relaxou dentro da própria pele e fechou os olhos por um segundo.

– Não, sim, não… Claro. Entre.

Ao dar passagem, ele não sabia por que ela estava tão na defensiva – ou

por que ela estivera fora numa noite como aquela. Mas não ficou pensando nisso.

Estava distraído um tantinho demais tentando se entender com o que vira do lado de fora… a forma como imediatamente presumira que se tratasse da sua Selena, que ela tivesse ido vê-lo, ressurgindo dos mortos.

O que era loucura. Uma loucura total.

Não sei bem se fazer com que entre em contato com essa fêmea vai acabar ajudando a qualquer um de nós.

– Ah, cala a boca… – murmurou.

– O que disse? – a Escolhida Layla perguntou.

– Merda, desculpa. – Esfregou o rosto. – Só estou falando comigo mesmo.

É, porque isso não era o mesmo que ficar louco nem nada assim. Nada mesmo. Pode crer.

Pelo amor de Deus, ele precisa dar um jeito em si mesmo antes que acabasse enlouquecendo de vez.

CAPÍTULO 35

Quando Layla entrou na mansão e olhou ao redor do átrio, maravilhou-se com a rapidez com o que fora seu lar agora lhe parecia algo tão desconhecido: depois de todo o tempo passado na propriedade da Irmandade, conhecia todos seus cômodos e andares, as pessoas e seus ritmos, tão bem quanto conhecia os do Santuário. Agora, contudo, quando Trez lhe

deu entrada e ela olhou para o átrio resplandecente com suas colunas multicoloridas, para a lareira estrepitante e as arandelas de cristal, parecia que ela entrava num museu ou num palácio que nunca visitara antes.

Pensando bem, lar implica um lugar ao qual se é bem-vindo. E ela já não o era ali.

– Ei! Você chegou!

Enquanto Beth saía da sala de jantar e lhe dava um abraço acolhedor, Layla ficou muito feliz em ver um rosto sorridente.

– Você viu as fotos que mandei? – a Rainha perguntou.

– Eu não estava com o meu celular, mas mal posso esperar para vê-las.

O que Layla queria mesmo dizer é que mal podia esperar para ver os filhos. Não ligava para fotos, queria a coisa de verdade e *já* – só que não desejava ser rude, e certamente não seguiria até o segundo andar sem ser convidada. Só Deus sabia onde Qhuinn poderia estar…

Seguindo a deixa, como se o Universo estivesse determinado a colocá-los no mesmo espaço, Qhuinn apareceu no alto da escadaria. E Santa Virgem Escriba, ele estava vestido para a guerra, o corpo envolto em couro negro, as armas presas ao peito e ao quadril, o corpo delgado um estudo de agressividade.

Instantaneamente, ele olhou para ela, os olhos estreitados como se avaliasse um alvo. Logo ele desceu os degraus acarpetados em vermelho

como se estivesse numa missão.

Beth de pronto enrijeceu, e Layla recuou um passo, para o caso de ele atacar, as costas já batendo na madeira entalhada da porta de entrada. Mas em vez de correr até ela, Qhuinn continuou ao entrar na sala de jantar, com aqueles seus coturnos surrando o piso.

Mesmo depois de ele ter partido, foi como se houvesse um rastro de fogo nas suas passadas, a fúria pairando como um cheiro muito ruim.

Isso não seria bom para os bebês, Layla pensou ao levar a mão trêmula para os cabelos. Os dois teriam que fazer algo a respeito da ruptura do relacionamento entre eles, mas ela temia e tinha a sensação de que, apesar de gostar de imaginá-lo se suavizando, ele jamais faria isso.

– Venha – Beth disse baixo. – Vamos subir.

Layla assentiu e seguiu a Rainha. O fato de estar sendo acompanhada até o segundo andar não lhe passou despercebido, mas a cada degrau que ela subia, seu coração acelerava de antecipação, pois estava prestes a ver Rhamp e Lyric. No entanto, também pesou de tristeza. Quando um sentimento de alienação a acompanhou, ela refletiu numa outra época em sua vida que terminara quase antes de ter começado: não percebera que, mesmo em meio à culpa e à ansiedade em relação a Xcor, fora feliz com seus filhos ali – bem como tivera expectativas de criá-los com Nalla, L.W. e Bitty.

E agora tudo isso não existia mais.

Mas, lembrou-se, o que lhe restava em que se apegar era o fato de que, ao menos, poderia ver seus filhos. Essa não fora uma conclusão certa antes da decisão de Wrath.

Quando chegaram ao alto, Layla perdeu o ritmo ao ver as portas fechadas do escritório de Wrath e teve que se recompor a fim de prosseguir para o corredor das estátuas. No meio do corredor, hesitou novamente, mas, desta vez, foi para que Beth abrisse a porta do quarto que Layla pensara como sendo seu. E na fração de segundo que isso demorou, ela percebeu que no chão havia um tecido dobrado com manchas de tinta junto a algumas latas, um balde de gesso, e algumas brochas e pincéis. Seu estômago se contraiu ao deduzir o motivo de tudo isso estar ali.

Os buracos de bala na parede.

Mas logo a porta estava livre e ela correu para junto dos berços.

– Meus amores! Meus amores! – Com os olhos rasos de lágrimas, ela não sabia em quem se concentrar primeiro, a cabeça se virando de um lado a outro. – *Mahmen* está aqui!

Uma parte paranoica sua estava preocupada que talvez eles já tivessem se esquecido dela. Ou que talvez estivessem bravos, mesmo tão pequenos, acreditando que ela os abandonara deliberadamente, coisa que, definitivamente, ela não fizera. No entanto, não teve com que se preocupar. Ante o som da sua voz, os dois pares e olhos se abriram e os bracinhos

começaram a girar. Inclinando-se para baixo, segurou os cabelos e deixou que seu peso cascateasse ao redor de Lyric primeiro, depois em volta de Rhamp.

Enquanto os pequenos balbuciaram incoerências e reagiram ao seu cheiro e à sua vez, ela sentiu uma alegria atravessá-la, o peito se inflando de amor, todas as preocupações brevemente cedendo lugar à felicidade que não podia ser ofuscada por nada no mundo.

– Eles estão tão felizes em ver a *mahmen* deles.

Layla olhou por sobre o ombro para a voz.

– Cormia!

Estava de fato muito feliz em ver a outra Escolhida, e as duas se abraçaram com força. Quando se afastaram, Beth disse:

– Temos tudo pronto no Santuário.

Cormia assentiu.

– Acabei de voltar de lá, pois fui levar suprimentos para os aposentos privativos, acredito que encontrará tudo de que precisar. Fiquei pensando se não gostaria que eu a ajudasse a levá-los para lá, assim não terá que se preocupar em fazer duas viagens?

– Ah, isso seria maravilhoso. Obrigada. – Layla cedeu ao impulso de alisar as vestes brancas, sua dependência de gentileza das outras fêmeas emocionando-a. – Eu… Hum, estou muito grata pela sua ajuda. Talvez queira

levar Rhamp?

– Com certeza!

Enquanto Cormia pegava seu filho, Layla apanhava Lyric e segurava o calor vital da menina junto ao coração.

– Vamos?

Pouco antes de se desmaterializar com a outra Escolhida, relanceou para o canto do quarto… para os buracos de bala tão próximos ao teto. Podia apostar que eles teriam sumido quando ela voltasse dali a vinte e quatro horas.

Entretanto, eles não seriam esquecidos.

Fechando os olhos, tentou se lembrar da última vez em que fora ao Santuário. Ah, sim, verdade.

Fora um mês atrás… Quando descobrira quem era o pai de Xcor.

E ela também estava com o cheiro dele.

Enquanto marchava através da sala de jantar, Qhuinn estava furioso, mas nem um pouco surpreso: Wrath dera passe livre a Xcor, e Layla estivera no mundo exterior por uns vinte minutos, então, claro que o casal se encontrara.

Devem ter transado o dia inteiro.

Nesse meio tempo, os filhos dela estavam sem a mãe.

– Espero que tenha se divertido, meu bem – murmurou ao disparar adiante.

A porta para a garagem estava nos fundos da casa, do lado oposto do quartinho de casacos, e ele teve que se desviar dos *doggens* ao longo da

cozinha para chegar até lá. Estava na metade do caminho quando, ora vejam, Tohr desceu pela escada dos funcionários.

Nenhum deles fez contato visual. Simplesmente seguiram em frente, em fila ao entrarem no quartinho repleto de casacos sobressalentes, botas de neve, chapéus e luvas. Do outro lado, Tohr abriu a porta para a garagem sem calefação que ficava depois do quartinho, e os fechou ali.

O ar estava frio e seco e cheirava vagamente a fertilizante e gasolina.

Quando as luzes acionadas por movimentos se acenderam, um estacionamento perfeitamente limpo de piso de concreto surgiu, junto com tanques de semente para passarinhos e sal em pedra perfilados, cortadores de grama estacionados em fila, mangueiras, pás penduradas. Mais no alto, vigas feitas de madeira antiga, tão resistentes quanto a montanha na qual a casa fora construída e, do lado oposto, dezesseis caixões estavam empilhados um ao lado do outro, como se não passassem de baús de mudança da U-Haul.

O fato de Tohr ter andado até lá e parado junto a eles pareceu adequado.

Quando o irmão falou, sua voz saiu baixa, mas profunda, como se surgisse do Inferno.

– Não tenho a mínima intenção de deixar isso de lado.

Não havia motivo para definir *isso*, havia.

Qhuinn balançou a cabeça lentamente.

– Nem eu.

– Não sei quando foi que Wrath se transformou num maldito *millenial*. – Tohr começou a andar de um lado para o outro. – Mas talvez ele devesse descer daquele trono e começar a trocar Snapchats sobre como todos precisam perdoar e seguir em frente. Botar uma maldita carinha de coelho na foto dele e fazer uma meditação guiada para a unidade. Isto é *loucura*.

O irmão parou e pôs a mão sobre um dos caixões, o maxilar cerrando com força, formando uma cova na bochecha.

Tohr meneou a cabeça.

– Às vezes temos que tomar conta do Rei mesmo quando ele não quer que você faça isso.

– Verdade.

– Às vezes coisas tem que ser resolvidas por mãos diferentes.

– Concordo cem por cento, porra.

Os olhos azuis marinhos de Tohr olharam para ele.

– O campo de batalha é um lugar muito perigoso.

Qhuinn flexionou as mãos, fechando os punhos.

– As pessoas se machucam o tempo todo.

– *Redutores*. Humanos. Eles conseguem provocar muitos danos mesmo em guerreiros muito experientes.

Enquanto Qhuinn assentia, reconheciam que por mais que se aproximassem por perspectivas completamente diferentes, certamente

estavam chegando ao mesmo maldito lugar. Xcor morreria lá fora, enquanto supostamente estivesse procurando pelos seus rapazes. Quer pela bala de Qhuinn ou de Tohr, o maldito morreria.

– Então esta é uma corrida? – Qhuinn interveio. – Do tipo, o primeiro que pegar o maldito recebe o prêmio de matá-lo?

– Não. Trabalharemos juntos e isso vai ficar entre nós. Quem quer que o apanhe, o apresentará como uma refeição a ser partilhada.

Enquanto Tohr mostrava a palma, Qhuinn a segurou sem hesitação.

– Fechado.

O outro irmão assentiu quando soltaram as mãos e abaixaram os braços.

– Vamos, então – disse Tohr. – Ele estará procurando pelos lutadores apesar do tempo ruim porque vai querer juntar as tropas o quanto antes. Nós o encontraremos em campo em algum lugar esta noite.

Com um plano determinado, os dois seguiram para o quartinho dos casacos para se vestirem com parcas brancas. Depois saíram da mansão pela porta lateral que dava para o jardim de trás. Ou tentaram. No segundo em que abriram a porta, os dois foram estapeados por granizo e neve que fariam mortais menores procurar o calor das lareiras e de chocolate quente. Mas o conforto que se fodesse.

Cuidariam daquela situação, e a solução seria um segredo deles.

Ninguém tinha que saber porra nenhuma a esse respeito.

CAPÍTULO 36

Xcor esperou até sentir que Layla havia se desmaterializado completamente para longe do rancho, e depois se envolveu numa missão na pequena casinha, rapidamente vasculhando todos os armários e gavetas e possíveis esconderijos nos quartos. Sua pressuposição era a de que se os Irmãos se hospedassem ali, manteriam armas onde dormiam – mas, no fim, não encontrou nada.

Frustrante.

Todavia, encontrou roupas adequadas para sair. Havia um armário de casacos no caminho para a porta da garagem e, dentro dele, uma parca e calças para neve que eram grandes o bastante para ele, bem como luvas de esqui e um gorro. Infelizmente, todas as peças eram pretas e, na neve, fariam com que ele se sobressaísse – mas como a cavalo dado não se olham os dentes…

Havia, contudo, algo mais que compensava aquela ausência de camuflagem.

Depois de se vestir, seguiu para a garagem, indo até o Range Rover no qual o retiraram da floresta na noite anterior. O SUV parecia ter passado por um banho de sal, pois havia grandes marcas até em baixo nas laterais e no para choque frontal e capô. Nenhuma chave, e ele não se surpreendeu com isso. Vishous a teria levado consigo.

O veículo, entretanto, estava destrancado, e aquilo que esperava encontrar estava no compartimento traseiro: da caixa de emergências, ele tirou três sinalizadores e os enfiou na parca, mantendo-os seguros ali dentro ao subir o zíper do casaco acolchoado.

Em seguido, voltou a entrar, ligou o sistema de segurança e rapidamente partiu pela porta deslizante da cozinha. Não esperava que Layla fosse voltar no meio da noite, mas, para o caso da volta dela, ele queria que ela ficasse numa casa que fora ao menos minimamente protegida. Além disso, não tinha como trancar a casa após sua saída, imaginando que pretendia voltar a entrar e passar o dia ali.

O que ele ainda não sabia se seria o caso.

Na varanda, o tempo maquinou um grande ataque contra ele, a neve caindo em faixas pesadas que vinham com os ventos fortes, como se fosse uma tempestade dentro de uma tempestade. A visibilidade era fraca, e ele apostaria que poucos humanos se aventurariam a sair. Isso poderia conspirar a seu favor.

Fechando os olhos, desmaterializou-se…

… e retomou sua forma num bairro uns vinte e poucos quilômetros a sudoeste.

Ao assumir sua forma corpórea uma vez mais, foi numa rua sem saída em que havia casas coloniais de dois andares, casas mais caras do que a segura

onde ficara, mas muito distantes ainda do patamar das mansões. Em toda a volta, havia muitas luzes acesas, quer nas salas de estar, quer nos quartos, em garagens de canto ou em árvores, mas com a neve pesada que caía, as iluminações eram isoladas, não conseguindo avançar muito mais.

Apoiando-se no vento, ele andou o restante do caminho, as botas pesadas revolvendo a neve fofa em seu caminho, a audição aumentando e diminuindo dependendo da direção dos ventos. A propriedade específica que procurava ficava bem nos fundos e, como as outras, também tinha luzes acesas dentro.

Batendo as botas na entrada, espiou através da vidraça enquanto um humano magro, de uns quinze ou dezesseis anos, entrou na sala sem dizer nada para a mulher de meia-idade que estava sentada diante da lareira falando ao celular.

Xcor foi para o caminho de entrada, que não era mais caminho nenhum, porque a neve caía com tanta intensidade que ninguém tentaria limpá-lo até o término da nevasca. Quando chegou à porta da frente, na qual estava afixada uma guirlanda, estendeu a mão e experimentou girar a maçaneta de latão.

Estava destrancada, portanto ele simplesmente abriu e entrou.

Tudo se moveu em câmera lenta na sala de estar. O jovem olhou por sobre o ombro, depois deu um salto de susto. A outra fêmea ficou de pé, e qualquer que fosse a bebida quente que estava bebendo, ela saiu voando.

Xcor fechou a porta enquanto o filho foi se proteger atrás da mãe.

Covarde.

Todavia sentiu uma pontada de emoção que não desejava sentir quando a mãe empurrou o rapaz ainda mais para trás dele, mesmo ele sendo mais alto do que ela, e potencialmente mais forte.

– O q-q-eu v-você quer? – ela perguntou.

Quando uma mecha de cabelos loiros recaiu sobre o rosto dela, ela a soprou para longe dos olhos; as mãos estavam ocupadas tentando manter o filho em relativa proteção.

– Tenho… – A voz dela guinchou. – Minha bolsa está na bancada da cozinha. Leve o que quiser… Tenho joias, no andar de cima. Mas, por favor… Não nos machuque.

Xcor observou o rosto corado e o corpo trêmulo dela do que lhe pareceu uma grande distância. Depois olhou ao redor. A mobília fora trocada desde que ele e seus bastardos ficaram sob aquele teto, o sofá modular havia sumido junto com as eternas caixas de pizza vazias e as sacolas de lona, armas e munição, botas e adagas.

– Não vim atrás do seu dinheiro – Xcor disse em voz baixa.

Ela fechou os olhos brevemente, o rosto subitamente empalidecendo.

– Tampouco vim por sua causa. – Xcor ergueu a palma porque sabia que ambos se concentrariam nela. – Não sou profanador de fêmeas e de jovens.

Enquanto os olhos dos humanos se concentravam na palma erguida, ele entrou nos seus cérebros e congelou tudo ali dentro, de modo que eles apenas

respiravam e piscavam. Nesse meio tempo, no chão, o celular que a mãe havia derrubado ainda estava conectado e uma voz em pânico exigia que alguém respondesse.

Seria um bom palpite afirmar que conversar com um vampiro não acalmaria o medo de ninguém.

Deixando a humana agitada de lado, Xcor bateu as botas no capacho para limpar boa parte da neve delas, depois galgou as escadas dois degraus de cada vez. No alto, foi direto para a suíte principal, que fora elegantemente decorada nas cores azul e branca.

Nada mais dos horrendos babados e rendas. E também haviam sumido os botões de rosa que tomavam conta do banheiro cor de rosa.

Por mais ofensivo que tudo aquilo antes fora, ele não perdeu tempo apreciando a melhora na decoração. Prosseguiu diretamente para o armário alto e estreito ao lado do box onde toalhas teriam sido guardadas caso ele tivesse alguma na época em que ali morara.

Mas claro que agora as prateleiras estavam repletas de toalhas brancas felpudas bem dobradas.

Ajoelhando-se, ele tirou os materiais de limpeza da prateleira de baixo, expondo o piso de azulejos que, ainda bem, a proprietária da casa não alterara. O painel que ele criara anteriormente era de trinta por trinta centímetros no fundo da partição, e ele teve que retirar as luvas para soltá-la

com as pontas dos dedos. Depois esticou o braço e enfiou a mão no esconderijo.

O par de semiautomáticas estava exatamente onde as deixara.

E também a caixa de munição.

Xcor recolocou a tampa do compartimento secreto só porque facilitaria o trabalho de lavagem mental que teria que fazer naqueles dois lá de baixo.

Saindo do banheiro, passou pela cama e parou na soleira. Olhando para trás, relembrou a época em que ele e seus machos passaram um tempo naquela casa.

E se surpreendeu com a vontade que sentiu de voltar a vê-los.

A descida foi rápida, e logo estava de volta ao andar de baixo junto da mãe e do filho. Ainda estavam parados juntos, a fêmea protegendo aquele a quem amava e procurava defender com o mesmo corpo através do qual dera vida a esse.

Ele entrou em suas mentes uma vez mais.

– Vocês ouviram um barulho. Foram para fora para verificar o que era.

Não era nada. Quando voltaram, suas botas deixaram o capacho molhado.

Noite estranha. Provavelmente foi o vento. Que bom que não foi nada.

Xcor se desmaterializou para fora, e parou por um instante para observá-los enquanto despertavam, os dois se olhando como se não conseguissem entender porque estavam de mãos dadas. Em seguida, a mãe levou a mão à

têmpora e esfregou como se a cabeça doesse, e o rapaz olhou ao redor e estalou o pescoço.

Ambos olharam para a porta.

Quando a fêmea se inclinou para apanhar o celular do chão, Xcor se pôs a caminho do seu destino seguinte.

O Santuário era de fato um lugar sagrado de paz e de tranquilidade, e enquanto Layla estava sentada na fonte da Virgem Escriba com os dois bebês, inspirou fundo. Os três estavam envoltos numa coberta branca fofa, e a temperatura estava perfeita, o ar gentil e acolhedor como um banho quente. Acima, o céu de nuvens brancas estava claro, mas não ofuscante, e o mármore branco do pátio era iluminado de dentro para fora.

Lyric e Rhamp fizeram a viagem sem problemas, e Cormia, como se sentisse que Layla desejava ficar a sós com eles, partiu em seguida depois que os gêmeos foram acomodados ali junto à água clara e à arvore em flor que agora estava repleta de novos passarinhos.

Acomodando os pés debaixo do corpo, balançou uma tulipa amarela diante de um, depois do outro… e depois de volta ao primeiro.

– Não é linda? Tulipa… Esta é uma linda tulipa.

De fato, as pétalas eram como a grama verde e a água azul: resplandecentes e misteriosas como joias em sua coloração. Devia ser por conta da luz dali, que não irradiava de nenhum lugar e não caía em nenhum

ângulo específico – ou talvez existisse alguma fonte de magia sagrada atuando ali.

E era engraçado. Ela podia afirmar que seus pequenos estavam se fortalecendo com a energia que emanava dali, as faces estavam mais rosadas com um brilho mais intenso, os movimentos parecendo mais coordenados.

Sim, com certeza tinham o seu sangue dentro deles. Mesmo Rhamp, tão parecido com Qhuinn que chegava a ser estranho, também era evidentemente seu filho. Membros das Escolhidas sempre se sentiam melhor quando vinham até ali para se recarregarem.

Então, talvez tudo aquilo fosse algo bom…

Uma estranha sensação de estar sendo observada fez com que se virasse.

Mas não havia ninguém na colunata, e ninguém no arco aberto que foram os aposentos privativos da Virgem Escriba. De fato, ninguém em parte alguma.

Lembrou-se de quando as coisas eram tão diferentes, quando as Escolhidas nasciam e criavam a geração seguinte de Escolhidas e de Irmãos ali e serviam à Virgem Escriba, aderindo ao programa dela de adoração, de descanso e de celebrações. Existira alegria e felicidade, propósito e realização– ainda que houvesse havido sacrifícios.

E nenhuma cor. Em parte alguma.

Layla estendeu a mão e acariciou a bochecha macia de Lyric. Por mais que reverenciasse a Virgem Escriba e as tradições que tanto valorizara e

respeitara, estava feliz porque a filha não seria forçada a desempenhar um papel do qual não poderia escapar, exclusivamente a serviço de outros.

Sim, por mais que sentisse saudades dos tempos antigos e dos costumes de outrora, e por mais triste que estivesse ao ver este lugar tão maravilhoso deserto e sem vida, não se arrependia de nada.

Ela era de uma geração que conhecia tanto a servidão quanto a libertação e a última não era desprovida das suas dificuldades e tragédias. Mas pelo menos agora, ela tinha a sensação de que era um indivíduo, que tinha desejos próprios que não eram determinados por mais ninguém. E também tinha dois filhos que teriam a liberdade para escolher quem queriam ser e que rumo dar às suas vidas.

Seria sempre melhor seguir um caminho tortuoso escolhido por conta própria do que uma trilha suave, porém determinada por outrem.

A primeira escolha era mais árdua, todavia muito mais vital. A segunda era como uma morte em vida… a não ser pelo fato de que não se sabe que se está morrendo porque se está em coma.

CAPÍTULO 37

Enquanto Vishous pisava duro no corredor subterrâneo distanciando-se do centro de treinamento, aproximou-se da porta que dava para a mansão… e seguiu adiante. O Buraco, um nome muito adequado para a casa para carruagens em que ele Butch ficavam com suas *shellans*, estava

ainda uns duzentos metros adiante, e sua entrada subterrânea era exatamente como a que dava para a casa grande, com todos os tipos de senhas e travas de segurança que impediam a entrada e a saída de pessoas que não deveriam entrar nem sair.

Depois de inserir a sequência numérica no teclado, a trava se soltou e, então, lar doce lar.

A disposição não era grande coisa, apenas uma sala de estar diante de uma cozinha embutida na lateral, e um corredor curto que desembocava em dois quartos adjacentes. Ele e Jane ficavam no primeiro; Butch e Marissa, e o guarda-roupa do policial ficavam no segundo – embora não houvesse espaço suficiente para todas aquelas malditas roupas. No corredor abarrotado, havia cabideiros repletos de ternos e camisas. E uma fila de sapatos sobre as tábuas do assoalho que, na opinião de V., eram sempre o mesmo sapato, somente em couro diferente e com diferentes fivelas.

O filho da puta se excitava com seus calçados. Mas, pensando bem, o quanto se pode fazer com um sapato masculino?

Enquanto V. fechava a porta atrás de si, demorou-se junto ao cabideiro repleto de Canali e Tom Ford. Tudo estava silencioso, Marissa estando no Lugar Seguro, Butch jogando sinuca na mansão e Jane…

Com uma imprecação, V. seguiu para a cozinha. As garrafas de Grey Goose estavam exatamente onde ele gostava que ficassem, debaixo da

bancada da cozinha, ao lado da gaveta funda onde Butch guardava seus Fritos, os Goldfish de parmesão e os Milanos.

Esses eram os únicos lanches que o cara comia.

Engraçado, V. não percebera antes, mas Butch era um cara constante: gostava daquilo que gostava e não se interessava por novidades.

O filho da mãe provavelmente desmaiaria se você lhe oferecesse uma fatia de *bagle*. E nem pense em biscoitos multigrãos ou torrada crocante Melba.

O tira era da velha guarda, e mesmo que V. jamais admitisse isso, esse era parte do motivo de amar seu melhor amigo. Quando se tem mais de duzentos anos, você acaba aprendendo que quanto mais a coisas mudam, mais elas permanecem as mesmas. Portanto, sim, você pode perder um tempão e desperdiçar suas papilas gustativas, mas isso seria muito ineficiente: existia uma quantidade máxima de felicidade advinda de um pacote de bolachas ou de salgadinhos. Vadear em meio a um monte de porcarias que não dão em nada, só para simplesmente voltar àquilo que já gostava antes, era um artifício bem humano.

Caralho, dava pra ver isso em toda a cultura deles, desde a “moda”, que não passava de uma reação de quinze minutos de fama de um carrossel de feiura de uma estação a outra, até o entretenimento que abarcava uma montanha do mesmo, e a tecnologia com sua obsolescência planejada e inovação desnecessária.

Que culminava com a Apple dizendo que era “corajoso” abolir os fios dos fones de ouvido. Num maldito celular.

Pois é, merecedor de um Coração Púrpura, garotos. A Medalha Presidencial da Liberdade. Talvez acabassem se colocando num selo, assim que comprassem o governo americano. 1

Abrindo o armário, V. pegou um copo, encheu-o de gelo… e depois encheu de vodca até a borda.

Querem coragem? , ele pensou. Que tal abolirem a si mesmos, humanos.

Esse é um bom plano.

Não que ele estivesse amargo nem nada assim.

Nem um pouco.

Foi para a sua mesa e se sentou diante da sua fileira de PCs, relaxando em seu palácio e, um a um, foi ligando todos os computadores.

Fazia um bom tempo desde que tivera uma noite de folga para si, e enquanto verificava as câmeras de segurança e os monitores nas diversas partes da propriedade da Irmandade, lembrou-se do motivo.

A última coisa que desejava fazer era ficar ali sentado mexendo nos seus Lenovo com sua Goose, totalmente sozinho enquanto todos os outros cuidavam dos seus afazeres.

Mas sua mente ainda estava perturbada com toda aquela situação do Xcor.

Estava exausto também, mas não queria ir dormir. Precisava se alimentar – e

não estava nada interessado em tomar uma veia. Tinha que comer – e não estava com fome. Queria se embebedar – e isso não parecia estar acontecendo rápido o bastante.

Encostando-se na poltrona, concentrou-se na tarefa de inserir álcool na corrente sanguínea, sorvendo grandes goladas que arderam na garganta e torceram seu estômago.

E à medida que começava a apresentar progressos no seu objetivo, ele pensou em Jane lá na clínica agora. No momento em que a procurara foi só para encontrá-la mergulhada até os joelhos numa crise, Assail berrando naquele seu quarto, Manny perguntando-lhe alguma coisa, Ehlena aparecendo com uma dúvida num pedido de medicamentos.

V. ficou na periferia e admirou o propósito da companheira. O comprometimento. A paixão.

Deus, pobre Assail.

Aqueles gritos eram de outro mundo, um lembrete de que não se pode brincar com o vício. Claro, você começa no caminho expresso das substâncias químicas só para poder tocar a vida. Mas, em seguida, você se vê num quarto acolchoado, literalmente amarrado, porque você tentou arrancar o próprio rosto a unhadas.

A propósito, me passem a vodca.

Estendendo o braço ao longo da mesa, apanhou a garrafa e voltou a encher

o copo. O gelo começava a baixar no copo, mas depois desta dose, ele estaria pouco se fodendo se a merda estivesse em temperatura ambiente.

Pelo menos Assail tinha a sua Jane para cuidar dele, e ela estava se esforçando ao máximo para lhe oferecer o melhor tratamento de reabilitação durante a síndrome de abstinência. A questão era se a psicose um dia o abandonaria. Fazia um mês desde que o macho inalara pó branco, então ele podia estar simplesmente um terreno devoluto em decorrência de tantas drogas. Às vezes isso acontecia com vampiros e cocaína.

Claro, o antigo traficante provavelmente não devia ter sabido disso quando começou a consumir tanto daquela droga. Mas existiam muitas vezes na vida em que se está dançando com o diabo e não se tem a mínima ideia de tão demoníaco seu parceiro é. E você só descobre quanto é tarde demais.

Era assim que o destino agia. As maldições também.

Enquanto V. tomava mais do seu torpor engarrafado, descobriu-se pensando naquele chocolate quente de novo, aquilo que servira a Jane bem lá no começo. Ou melhor, no primeiro dos finais deles.

Ele sempre imaginara que o último fim aconteceria quando ele morresse. Mas, sentado sozinho ali na casa, tentando se lembrar da última vez em que passaram algumas horas significativas juntos… Isso o fez parar para pensar.

O revide era uma lástima. Quando ele e seus irmãos estavam no campo de batalha, lutando pela raça, eles não pensavam nas companheiras e nas fêmeas

que sustentavam o forte em casa. Simplesmente tentavam cumprir seus deveres e permanecer vivos.

O mesmo acontecia lá na clínica. Jane não estava pensando nele agora. Ela estava trabalhando com Manny para salvar o que restava do cérebro de Assail. E ajudava o irmão de Qhuinn, Luchas, a recuperar a mobilidade e a saúde mental depois do terrível abuso sofrido nas mãos da Sociedade Redutora. Todas as noites, ela cuidava de todos os tipos de ferimento, desde os crônicos até os agudos, desde um simples Band-Aid até algo que ameaçava a vida, com concentração incansável e devoção aos seus pacientes.

Portanto, não é que ele não entendesse.

E também não é que não a amasse. Merda, ela era inteligente. Era valente. Provavelmente era… a única fêmea que ele tivesse encontrado e que considerasse uma igual – e não, isso não era uma declaração misógina. Ele também achava que muitos machos não eram seus iguais.

Que é o que acontece quando se é filho de uma divindade, ele supôs.

Definitivamente não conseguia se imaginar com outra pessoa que não fosse Jane. O problema era que estava devotado à guerra. Ela era devotada ao trabalho dela. E, no começo, quando tudo era novo e recente, e o ímpeto de estarem juntos era uma coceira que precisava ser coçada ou que os enlouqueceria, eles criavam tempo para estarem juntos.

Agora?

Nem tanto.

Mas tudo bem, pensou ao se acomodar à frente e voltar a se concentrar nos monitores. Nenhum deles iria a parte alguma.

Era só que… estava começando a se preocupar que isso também fosse verdade no relacionamento deles.

Uma súbita imagem de Layla se colocando diante de Xcor para protegê-lo com tudo o que tinha surgiu em sua mente e não queria ir embora. Jesus, naquele momento, ela teria levado uma bala no lugar do puto. Um movimento estúpido, sem dúvida, e um que ela teria lamentado no instante em que pensasse nos filhos… Mas naquela fração de segundo, ela esteve motivada pelo amor.

E Xcor, em troca, falara sério ao implorar que ela fosse afastada antes que ele fosse morto. O bastardo estivera tremendamente seguro disso… e perdidamente apaixonado.

V. franziu o cenho ao perceber que aquele filho da mãe e ele tinham algo em comum, não tinham? Ambos passaram pelo campo de guerra de Bloodletter.

Era praticamente certo que tivessem perdido a virgindade da mesma maneira.

Portanto, talvez devessem providenciar tatuagens de melhores amigos ou alguma merda do tipo.

– Puta que o pariu…

Mais Gray Goose… até precisar de um segundo refil. E se forçou a sair da própria cabeça e se concentrar nas imagens das telas diante dele, todas de ambientes internos e externos, quer fossem da Casa de Audiências, daquela casinha segura em que Layla e Xcor estavam ralando e rolando, das outras três casas que eles possuíam em Caldie, do restaurante Sal's ou da mansão e do terreno em volta.

Somente a mansão mostrava sinais de vida. Os outros lugares estavam fechados por conta da "Nevegeddon", que era como os repórteres estavam chamando aquela nevasca.

Enquanto observava os irmãos jogarem e rirem, notou que a grande maioria deles estava com suas *shellans* ao seu lado. As fêmeas da casa tinham suas existências separadas e independentes, mas numa noite como esta – quando os machos não estavam a serviço da guerra –, elas priorizavam passar o tempo com seus amados.

– Pois é, e eu estou aqui com a minha Goose – murmurou ao tomar mais um gole. – Não é tão ruim assim…

Infelizmente, sua mente permanecia teimosa e inaceitavelmente ébria. E isso significava que ele estava afetado demais, suas emoções ganhando um volume desproporcional de transmissão.

O que equivalia dizer que estavam simplesmente sendo percebidas pelo

seu radar.

Ele odiava sentimentos, lembram-se?

Tentando entreter a massa cinzenta com algo, com qualquer coisa, ligou a Internet e resolveu monitorar algumas publicações humanas. Isso sempre o fazia rir. As merdas com que aqueles babacas se preocupavam eram simplesmente inacreditáveis – e depois eles acabavam inevitavelmente gritando uns com os outros através dos seus computadores.

A verdade era suavizada. A histeria nem um pouco.

Depois de passar pela CNN.com, pela Fox News, e pela TMZ.com, ele acabou entrando no YouTube assistindo a vídeos de McKamey Manor, que era definitivamente um dos seus passatempos prediletos e que, no fim, acabou por alegrá-lo um pouco. E foi depois de uma meia hora disso que uma notificação apareceu no fim da tela, indicando a chegada de um email.

Franzindo o cenho, entrou no Outlook para dar uma espiada.

Ora, ora, ora… O bom e velho Damn Stoker postou algo novo.

V. sorriu e engoliu outra bela dose de Goose ao entrar no blog que vinha seguindo no último mês. Era novo no cenário paranormal, escrito por um cara que parecia um cruzamento de repórter investigativo e adorador de presas.

Isto é, um humano determinado a provar a existência dos vampiros.

Era tão divertido ver como eles viravam e torciam os fins das suas falsidades lexicais, repetindo todo tipo de mentira e bobagem que os

humanos vinham usando para criar mitos sobre o que na verdade existia em meio a eles.

Bons tempos, bons velhos tempos.

Pense em vídeos de YouTube. Devia existir uma centena de milhar de filmagens, de sons de mordidas, de solilóquios alegando mostrar verdadeiros vampiros vampirizando com seus equipamentos vampirescos. Dirigindo carros vampiros…

Muito bem, era possível que o álcool estivesse começando a surtir efeito.

Mas Damn Stoker era diferente, e era por isso que V. acompanhava as divagações não tão divagadoras assim do filho da puta.

O cara na verdade tinha conteúdo.

De alguma forma, o cara conseguira um vídeo do embate acontecido na Escola para Garotas de Brownswick, aquele em que a Sociedade Redutora e a Irmandade se encontraram e dançaram sob o luar, por assim dizer. Era a típica filmagem sacudida de algum viciado, mas havia o bastante para sugerir que algo grande e sobrenatural pudesse ter acontecido no campus abandonado.

Felizmente, Ômega realizara um excelente trabalho de limpeza depois da luta, e o que fora filmado era passível de ser considerado algo gerado digitalmente. Sangue de *redutores* no chão, afinal, podia muito bem passar por óleo automotivo velho.

Que bom que o vídeo não era olfativo, ou teria deixado as pessoas enjoadas.

E, claro, o fato de não haver nada na propriedade era um grande motivo para desacreditar a filmagem, e aquele depósito que a besta de Rhage estivera comendo acabara por ruir de todo modo, bem como muitas das outras instalações.

Ainda assim, o cara se escondendo por trás do apelido não tão inteligente assim estava no radar de V. Ele postara vários outros links de outros conteúdos no YouTube, a maioria um monte de blá-blá-blá a respeito de outros humanos que juraram de pés juntos terem tido contato com “vampiros de verdade” e muitas outras filmagens noturnas de má qualidade com cenas de lutas e de figuras entrando e saindo de lugares com capas compridas. Mas, de novo, foi aquela coisa da escola para moças que chamou sua atenção – e também o fato de a gramática do cara ser boa, de ele não se exceder no uso das maiúsculas e nem fazer isto !!!!!!!!!!! ao final das orações, sem falar no profissionalismo de modo geral.

E nada daquilo era algo de que a raça precisasse.

Humanos ridículos com incisivos falsos com bengalas coroadas por crânios? Tudo bem. Podiam dar a V. um milhão desses. Um tipo sagaz, mais Scully do que Mulder que parecia capaz de sistematicamente passar o pente fino na Internet, separando as bobagens e isolando aquelas poucas instâncias

em que algo de fato acontecera?

Isso já não era tão bom para uma espécie que queria continuar se escondendo à plena vista.

– Mais um vídeo… – V. murmurou ao dar uma passada de olhos na postagem. – O que temos hoje, Damn? Época errada para o Halloween.

V. avançou a parte em que passava o contexto sobre o suposto assunto do link, e foi direto ao que interessava.

A princípio, não entendeu o que estava vendo… Ah, sim, uma filmagem de segurança em branco e preto de um estacionamento à noite. Carro entrando e fazendo a volta… Estacionando, mas sem desligar as luzes e o motor, a julgar pela nuvem de condensação saindo do cano de escapamento.

V. sorveu mais um gole e tateou o tampo da mesa à procura de um cigarro. Sem sorte. Precisava…

– Ah… Olha só. Como vai, senhor Latimer…

Quando as duas portas se abriram, ele reconheceu o macho que saiu do lado do passageiro. Era Trez. E ora, ora, ora… Uma fêmea saiu de trás do volante, uma morena com roupas civis. Impossível ver o rosto dela, pois ela olhava para baixo tentando não escorregar no gelo, mas o corpo era bonito.

Talvez o pobre FDP estivesse afogando as mágoas do jeito antigo.

Trez deu a volta no carro e a encontrou na frente. Os dois conversaram por um minuto…

– *Merda.*

V. sacudiu a cabeça, depois apertou o nariz na parte entre os olhos. Depois apertou a pausa, voltou um pouco para trás e voltou a assistir.

A fêmea simplesmente desapareceu, desmaterializando-se em pleno ar.

Depois Trez se colocou atrás do volante e saiu de lá como se nada tivesse acontecido.

V. rolou a tela para cima e leu o que aquele Damn havia escrito: lojinha de souvenires local após Storytown – que se a memória não lhe faltasse, distava apenas um quilômetro do Sal's. A filmagem era de propriedade da loja, claro, mas o dono a encaminhara para Damn com permissão para publicação. Nenhuma autoridade foi contatada, e havia uma declaração do proprietário, em citação completa como se aquilo fosse um artigo num jornal: "nada foi alterado na filmagem".

Vishous assistiu ao vídeo umas duas ou três vezes mais, e disse a si mesmo que podia relaxar. Que diabos alguém faria com aquilo? Ir até a CBS local para fazer com que transmitissem uma revelação comprometedora? Aquilo não chegava a provar nada – a não ser o fato de que sexo era um analgésico de curta duração no que se refere ao processo do luto.

Ninguém acreditaria que aquele vídeo não fora editado.

Tudo bem.

Mas Damn estava começando a se tornar um pé no saco: duas vezes em

um só mês, algum humano postou vídeos de fatos reais das merdas que andavam acontecendo?

Às vezes as teorias da conspiração acertavam.

E quando isso acontecia muitas vezes seguidas, elas tinham que ser contidas, certo?

Coração Púrpura é uma condecoração militar dos Estados Unidos, outorgada em nome do Presidente a todos os integrantes das Forças Armadas que sejam feridos ou mortos durante o serviço militar, desde 5 de abril de 1917. A Medalha Presidencial da Liberdade é uma condecoração concedida pelo presidente dos Estados Unidos e é, junto com a equivalente Medalha de Ouro do Congresso – concedida por um ato do Congresso dos Estados Unidos –, a maior condecoração civil dos Estados Unidos. (N.T.)

CAPÍTULO 38

A localização seguinte na qual Xcor se materializou não estava habitada. De fato, o pequeno chalé e a casa de fazenda maior mais além era uma propriedade bem afastada de Caldwell, e ao reassumir sua forma nos ventos fortes, não se surpreendeu por nenhuma luz estar ligada, não haver nenhuma lareira acesa, nenhuma silhueta nas janelas da construção.

Ao avançar, ele passou pelo chalé e entrou na linha divisória das árvores que abençoadamente lhe deram um pouco de abrigo contra o vento inclemente. Adquirira ambas as casas e o terreno no qual haviam sido

construídas para Layla e para ele. De fato, tivera certas fantasias – uma que ele jamais dera voz tampouco reconhecera sequer para si próprio – de que os dois poderiam se acomodar no pequeno chalé com todo o seu charme e conforto enquanto os machos morariam na fazenda mais distante.

De fato, ela o visitara ali algumas vezes, na época em que estivera grávida e tão resplandecentemente bela, quando ele considerara quase impossível não expressar coisas que não lhe cabiam sentir quanto menos discorrer a respeito. E fora então que ela o desafiara, justamente a respeito da evolução dos seus sentimentos, dando-lhe uma descrição acurada da fragilidade que ele sentia em relação a ela.

Nessa altura, mandara-a embora. Dissera coisas cruéis que não quisera dizer porque fora o único modo de fazer com que ela saísse da casa, deixando-o em paz. Que guerreiro que fora nesse dia. Na verdade, fora um covarde diante dela. Mas ele fora incapaz de ver qualquer futuro para os dois, e começara a se preocupar com a segurança dela por estar grávida… e mais do que isso tudo, ele ficara aterrorizado pelo modo como ela o interpretara tão bem.

Aterrorizado com o poder que ela tinha sobre ele.

E com isso ela se fora. E logo em seguida, ele fora capturado.

E agora eles tinham esse pequeno olho de furacão, um diminuto instante de paz que logo terminaria assim que ele encontrasse aquilo por que procurava.

A casa da fazenda estava fechada a tábuas no primeiro andar, todas as vidraças tampadas com tábuas presas com pregos que seus bastardos alegremente martelaram no lugar. No entanto, a porta da frente estava destrancada, e quando ele a empurrou para dentro, o rangido foi tão audível que abafou até o gemido incessante dos ventos de fora.

Deixaram as dobradiças deliberadamente sem lubrificação; aquele era o sistema de alarme mais barato que existia.

Seus olhos se ajustaram à escuridão. Os quartos não tinham nada dentro deles a não ser assoalho de tábuas e teias de aranha, mas, na verdade, seus guerreiros nunca se importaram muito com as armadilhas da civilização.

Após terem sobrevivido ao campo de guerra de Bloodletter, só era preciso um teto sobre suas cabeças. A ausência de uma adaga junto ao pescoço era suficiente.

Pegando um dos sinalizadores de dentro da jaqueta, ele tirou a ponta e o acendeu, a luz sibilante vermelha iluminando um círculo amplo ao seu redor.

Xcor desceu as escadas, as passadas ecoando pela casa vazia e fria.

Conforme ele avançava, segurou o sinalizador à frente, inspecionando todas as paredes e batentes e o piso todo.

Foram necessárias três viagens, três circuitos da sala de estar, escritório e sala de jantar até a cozinha e banheiro dos anos 1940, antes de encontrar.

Teve que sorrir um pouco ao se agachar no canto oposto da sala de estar.

O que acabou por chamar sua atenção foi um arranhado nas tabu-as, algo que facilmente seria desconsiderado, e que, de fato, ele quase deixara passar. Mas, após um exame mais detalhado, ele evidentemente apontava para a junção à direita das paredes onde havia um punhado de galhos, folhas e poeira.

Um amontoado de sujeira sem nenhum significado – como se alguém tivesse pegado uma vassoura e tentado limpar um pouco, só para depois perder o interesse até uma pá ser encontrada.

Aproximando o sinalizador num ângulo no chão, empurrou a sujeira para um lado e observou a mensagem deixada para ele.

– Bom macho – murmurou ao ver as marcações entalhadas na madeira.

Para alguém que não saberia interpretar, aquilo não passava de uma série aleatória de cortes e golpes. Para ele… era um mapa de Caldwell que fora montado seguindo uma bússola previamente combinada que não se baseava no norte verdadeiro, mas num conjunto de símbolos que não seria reconhecido por alguém de fora do Bando de Bastardos.

Xcor jamais aprendera a ler. Não fora uma habilidade necessária para ele no Antigo País tampouco na guerra, e ele muitas vezes se considerava inferior por essa incapacidade. Mas ele era insuperável para orientar-se e também tinha memória fotográfica, algo que desenvolvera com a necessidade de poder se lembrar do máximo de detalhes das coisas que lhe eram

mostradas ou descritas.

Não se deu ao trabalho de procurar armas. Ele mesmo nunca deixara nenhuma ali, e eles teriam levado tudo que tinham consigo.

Partindo pela porta que rangia, apagou o sinalizador enfiando a ponta acesa na neve, depois fechou os olhos e se desmaterializou…

… voltando à sua forma num túnel de vento.

Os ventos eram tão brutais que ele teve que se afastar deles, e mesmo de costas, estava difícil de suportar. Mas é isso o que acontece quando se sobe mais de cem andares acima da rua no centro de Caldwell, no topo do prédio da Companhia de Seguros de Caldwell.

Movendo-se velozmente, abrigou-se atrás de uma das máquinas do sistema de aquecimento e refrigeração central que tinha o tamanho de uma ambulância, e, de lá, ele conseguiu se orientar, tendo que partir do leste para ele poder interpretar as marcações adequadamente.

Só que um problema logo se evidenciou. Com tanta neve caindo, ele não conseguia divisar o padrão de ruas bem o bastante para encontrar o local: ainda que houvesse alguns marcos iluminados da cidade para lhe dar uma ideia da planta, ela não conseguiria precisar nada dali de cima.

Sua única chance seria descer à rua e seguir dali. A boa notícia? Seus guerreiros ficariam abrigados numa noite como esta.

Assim como os humanos, até mesmo assassinos não se aventurariam numa

confusão como aquela. E seus bastardos nunca gostaram muito do frio.

Se ainda estavam em Caldwell, ele os encontraria esta noite.

CAPÍTULO 39

– O que há nesse livro?

A voz feminina que se aproximou de Throe pelo ombro era petulante como a de uma criança, mesmo tendo saído dos lábios maliciosos da vampira de trinta e seis anos de seios naturais tamanho grande, um abdômen tão reto que poderia ser usado como prato numa refeição, e um par de pernas longas o bastante para envolver duas vezes sua cintura.

Costumeiramente, ele teria apreciado a interrupção vinda de alguém como ela.

– Throe! Eu não serei ignorada!

Não esta noite.

Ao se endireitar diante do tomo antigo que levara para casa do consultório daquela vidente, suas costas estalaram, e ficou aborrecido em ver que o pescoço estava tão duro que não conseguiu olhar por cima do ombro.

Precisou virar o tronco inteiro para fazer contato visual.

– Estou estudando – ouviu-se dizer.

Estranho, pensou. Era como se não tivesse um pensamento consciente ao dizer aquelas palavras específicas.

No entanto, estavam corretas. De fato estivera estudando o que estava

escrito no pergaminho o dia todo e… já era noite? Parecia-lhe que havia acabado de se sentar.

– Perdoe-me. – Pigarreou. – Mas que horas são?

– Nove horas! Você me prometeu que sairíamos.

Sim, lembrava-se disso. Fizera isso para tirá-la das costas e mandá-la para a cama de seu *hellren* ao amanhecer a fim de ter um pouco de privacidade com o livro.

Ou O Livro, como começara a pensar nele.

E ela evidentemente confiara na sua palavra, pois seu vestido era tanto revelador quanto caro. Roberto Cavalli, a julgar pela estampa de pele de animal. E ela tinha joias de ouro Bulgari suficientes para que a polícia dos anos 1980 abrisse um inquérito.

– Então? – ela exigiu. – Quando vai se vestir?

Throe olhou para o próprio corpo, com um distanciamento enraizado ao fitar as calças, a camisa e os sapatos.

– Estou vestido.

– São as mesmas roupas de ontem à noite!

– Verdade.

Throe sacudiu a cabeça e olhou ao redor. O quarto de hóspedes ele reconhecia, e isso era um alívio. Sim, era ali que vinha se hospedando desde o incêndio que destruíra a mansão do *hellren* de sua antiga amante. Um mês

havia passado nesta suíte mogno e azul marinho, com aquela cama de dossel, os quadros de caça e cômoda alta de gavetas e escrivaninha.

Mudara-se para ali e de pronto assumira um relacionamento sexual com esta fêmea subestimada sexualmente, de modo semelhante ao que acontecera com a amante anterior: esta, assim como aquela, estava casada com um macho muito mais velho que estava incapacitado de servi-la na cama – com isso, Throe, como um "cavalheiro de boa linhagem", fora acolhido naquele lar, sendo estimado e protegido sem data para partir.

Evidentemente, eles não sabiam dos boatos de como ele acabara se associando ao Bando de Bastardos. Ou sabiam e tinham um padrão baixo. De todo modo, havia um acordo tácito de que enquanto ele cuidasse da *shellan*, ele poderia contar com um quarto, com refeições e um guarda-roupa a altura, e neste caso – o que não acontecera no anterior – ele tinha suspeitas de que companheiro dela sabia do acordo e o aprovava.

Talvez o macho mais velho estivesse ciente das escapadas dela, e temia que o deixasse para sempre.

Na *glymera*, isso seria um embaraço que ninguém gostaria de levar até o túmulo.

– Não está se sentindo bem? – ela perguntou franzindo o cenho.

Ele se virou lentamente. Estava sentado à escrivaninha, aquela acomodada entre as duas janelas grandes cobertas por vidro com bolhas e cortinas

elegantes. A mansão era grande e espaçosa, repleta de antiguidades e de mobília muito, mas muito mais distinta do que a atual proprietária. E há quem poderia suspeitar que ela preferisse morar no Commodore, numa cobertura com vista para o rio, repleto com sofás grandes em couro branco e reproduções de Mapplethorpe.

Ela gostava de sexo. E era boa nisso…

– Throe, sério. Qual é o problema?

O que ela lhe perguntara antes? Ah… sim. E ele virara naquela direção para se mirar no reflexo dos espelhos das portas superiores da escrivaninha. Apesar de o espelho ter manchas e estar riscado, havia ainda suficiente superfície espelhada para ver que ele ainda era o mesmo de antes de ir até o consultório da vidente. Ainda os mesmos cabelos loiros espessos, e o maxilar quadrado clássico, e os cílios longos que costumavam fazer sucesso entre as fêmeas.

No entanto, ele não se sentia o mesmo.

Algo mudara.

Enquanto uma onda de ansiedade o atravessava, ele apoiou a palma no livro aberto e, instantaneamente, se acalmou, certo como se o tomo fosse uma droga. Como fumaça vermelha, talvez. Ou quem sabe um bom Porto.

O que estiveram mesmo discutindo…

– Não importa, estou saindo sem você. – Ela fez uma pirueta em sinal de

desaprovação, os saltos agulha imprecando ao passarem sobre o carpete enquanto ela recuava para a saída. – Se vai ser tão básico assim, eu não vou…

Throe piscou e esfregou os olhos. Relanceando ao redor, levantou-se, depois voltou a se sentar ao sentir câimbras nos músculos das pernas. Na segunda tentativa, conseguiu tanto permanecer de pé quanto andar, apesar de que esse último aconteceu com passos meio duros à medida que ele avançava sobre o tapete Oriental em direção à porta pela qual sua amante acabara de passar.

Abrindo-a, ainda não sabia muito bem o que lhe diria, mas não faria sentido continuar a discussão. Ele necessitava muito dela no momento, aquele teto sobre a sua cabeça e o sustento em sua barriga necessários para que estivesse livre para seguir suas verdadeiras ambições.

Segurando a maçaneta ornamentada da sua suíte, inclinou-se para o corredor, olhando para a direita e para a esquerda. Não havia sinal dela, então ele desceu quatro portas e bateu com suavidade. Quando não houve resposta, verificou novamente para ter certeza de que não haveria ninguém por perto e depois entrou no quarto creme e pêssego.

Muitas luzes estavam acesas. Alguns vestidos largados sobre a cama. A essência do perfume pairava no ar.

– Corra? – ele a chamou. – Corra, minha querida, vim me desculpar.

Aproximou-se do imenso banheiro branco e creme. Na bancada à frente da cadeira em que se penteava e maquilava, diversos produtos Channel, tubos, potes e pincéis. Mas nada de Corra.

Throe não tocou em nada e voltou para seu quarto. Bem quando fechava a porta, seus olhos passaram pelo relógio acima da cômoda – e ficou imobilizado.

Dez horas. Na verdade, um pouco passadas das dez.

Throe franziu o cenho e se aproximou da peça Ormolu. Mas a proximidade não alterou o fato de que aqueles ponteiros proclamavam que eram mais de dez.

No entanto, Corra lhe dissera que eram nove. Não foi?

Throe relanceou para O Livro.

Nos recessos da mente, notou que era estranho que, apesar de tê-lo lido por tantas horas – Céus, não se passaram quase vinte e quatro? –, mesmo assim ele não avançara da primeira página aberta.

Throe sentiu um formigamento de vertigem caçoar de sua mente com a impressão de que o mundo girava ao seu redor.

Cambaleando até a escrivaninha, sentou-se na cadeira dura novamente, com os joelhos unidos, a cabeça pensa e os olhos no tomo aberto.

Interessante, não percebera ter dado um comando consciente ao corpo para que ele retomasse aquela posição ali…

Espere, o que mesmo ele…

Por que estivera…

Pensamentos entraram e saíram da sua mente, movendo-se como nuvens no céu desabitado, nada permanecendo com ele tampouco encontrando uma fricção. Chegou a pensar que estava se esvaziando, que partes suas estavam sendo drenadas, mas tinha dificuldades para determinar exatamente o que o abandonara e para onde isso fora.

Por um momento, o medo o atingiu e ele desviou o olhar dO Livro.

Esfregando os olhos com tanta força que provocou lágrimas, percebeu que não fazia a mínima ideia do que lera. Todas aquelas horas passadas diante do livro aberto… e ele não sabia nada do que estava impresso naquelas páginas.

Precisava fechar a capa e queimar aquela coisa.

Sim, era isso o que precisava fazer. Manteria os olhos desviados, sem prestar atenção às páginas, e fecharia a capa com força. Depois do que, apanharia o volume maligno e o carregaria par abaixo. Havia uma lareira constantemente acesa na livraria e ele…

Os olhos de Throe retornaram para o pergaminho e para a tinta, um par de cães convocado pelo seu mestre, em posição de sentido.

E se concentrou nos símbolos, no texto.

Abriu a boca. Fechou-a. Tentou se lembrar do motivo de ter ido procurar a vidente para início de conversa.

Enquanto seu medo aumentava, ele tentou se forçar a se concentrar em se libertar – e, de fato, lembrou-se daqueles sonhos que tinha de tempos em tempos, no qual estava acordado, mas preso num corpo inerte, com uma sensação de pânico que o levava a querer despertar.

Mover um pé ou uma mão normalmente afastava alguém do precipício, e ele sentia que agora, se conseguisse ser assertivo, poderia se salvar de um perigo do qual jamais conseguiria escapar.

Por que fora até aquela vidente… Qual fora o motivador… O que estivera procurando…

E a resposta surgiu.

Numa voz que não soava como a sua, ele disse em voz alta:

– Preciso de um exército. Preciso de um exército para poder derrotar o Rei.

Algo como um raio atravessou o ar, e sim, uma corrente elétrica o perpassou, trazendo-lhe claridade e propósito que afastou toda a confusão prévia.

– Quero derrotar o Rei e dominar tanto a minha raça quanto a dos humanos. Desejo ser o senhor e o mestre de tudo na terra e dos seus habitantes.

De repente, as páginas começaram a virar, um cheiro de pó entrou em suas narinas, ameaçando-o a espirrar.

Quando a arremetida ensandecida para sabe-se lá o que cessou, ele se

inclinou, certo de que havia uma mão atrás do seu pescoço, empurrando seu tronco nessa direção.

De súbito… as palavras fizeram sentido.

E Throe começou a sorrir.

CAPÍTULO 40

Qhuinn se moveu pela neve, que caía como se fosse parte da nevasca, sua fúria rivalizando os ventos uivantes, a roupa branca camuflando-o nas correntes que se formavam nos becos do centro da cidade. Ao seu lado, Tohr estava igual a ele, um predador camuflado no ambiente, que já não parecia mais urbano, mas ártico.

Rajadas de flocos de neve espessos como fumaça de bombas rodopiavam ao redor dele e desacelerava o avanço deles em mais um quarteirão desprovido de pedestres e de carros em movimento. Estava tão frio que a neve era leve e fofa, mas o volume era tremendo, centímetros e mais centímetros se avolumando e crescendo no chão. E ainda assim a coisa continuava a cair do céu.

Rogou para ver um Bastardo, qualquer Bastardo.

Mas especialmente aquele que procuravam.

Esta era a melhor oportunidade para apanharem Xcor num ambiente solitário onde poderiam fazer com que o assassinato parecesse uma emboscada armada pelo inimigo… no qual poderiam cuidar de tudo como

deviam. E o filho da puta definitivamente estava ali, à procura dos seus garotos a despeito da tempestade.

Enquanto Qhuinn avançava com dificuldade, os músculos das coxas queimavam e os dentes da frente tiritavam de frio, e o calor que seu corpo gerava fez com que ele desejasse descer o zíper da parca branca. Nos recessos da mente, ele sabia que estava insistindo nesse plano traidor não só em busca de uma vingança merecida em relação ao Bastardo, mas também porque fugia de tudo que acontecia em casa: Blay afastado, Layla com as crianças, Wrath e ele desentendidos.

Permanecer no frio a noite inteira era preferível a ficar preso em casa – ainda mais que tinha o dia inteiro adiante para ficar fechado debaixo daquele teto. Merda, acabaria louco com tanta…

Mais adiante, em meio à vista enevoada da neve, uma figura de preto do tamanho de um vampiro guerreiro se revelou e depois sumiu quando uma rajada soprou pelo cruzamento distante uns vinte metros deles.

O que quer que fosse era grande, e não deveria estar ali.

E parou assim que os notou, o vento que soprara pelas suas costas sem dúvida levando seu cheiro e o de Tohr na direção dele.

Naquele momento, como se as coisas tivessem sido preordenadas, os ventos mudaram de direção… e trouxeram o cheiro da figura, identificando-a.

– Xcor – Qhuinn sussurrou ao enfiar a mão dentro daquela camada espessa

a prova de água e vento e empunhar o cabo da sua quarenta.

– Bem na hora. – Tohr, do mesmo modo, sacara sua pistola. – Melhor impossível. Terminando antes mesmo de ter começado.

Xcor lhes deu tempo para que se aproximassem, e Qhuinn estava certo de que ele sabia quem eram.

Perto… Ao alcance das balas…

O coração de Qhuinn começou a bater forte, uma excitação borbulhando suas emoções, mas não sua cabeça nem o corpo. O braço permaneceu firme e junto ao corpo.

Mais perto…

Bem quando levantou o braço, seu celular tocou junto ao peito, a vibração chamando sua atenção, mas sem desviá-la.

Ele e Tohr puxaram os gatilhos ao mesmo tempo – bem quando Xcor, que não era nada bobo, se jogou no chão.

Com a tempestade furiosa, aquela foi uma situação do tipo “ovo ou galinha”, difícil de determinar quem veio primeiro, o abaixamento ou o impacto com a bala.

Com o celular ainda tocando, Qhuinn e Tohr dispararam a correr, ambos atirando alternadamente para onde o Bastardo estivera de pé e depois caído ou aterrissado enquanto eles avançavam sob a neve densa.

– Filho da puta – Qhuinn ladrou quando chegaram onde Xcor estivera.

O puto desaparecera. E não havia cheiro de sangue.

Deixaram mesmo de acertá-lo?

Ele e Tohr olharam ao redor, depois o irmão disse:

– Telhado.

Os dois desapareceram do beco, ressurgindo no alto de um prédio de dez andares bem de frente para onde o tiroteio acontecera. Nada. A visibilidade era tão fraca que não conseguiam enxergar a rua abaixo, e não sentiam o cheiro de Xcor em lugar nenhum.

Com o vento rugindo forte nos ouvidos apesar de ele ter ajustado o gorro até bem embaixo, e seus olhos se enchendo de água por conta do frio, Qhuinn sentiu uma frustração invadindo-o até a medula.

– Ele não pode ter ido longe! – gritou acima do barulho.

– Vamos nos espalhar. Eu vou…

– Filho da mãe. – Qhuinn sentiu o celular vibrar pela segunda vez. – Mas quem diabos está me ligando!

Abaixou o zíper da parca e enfiou a mão dentro dela. Tirando o maldito aparelho, ele…

Aceitou a chamada de pronto.

– Blay? Blay…?

Ele não conseguia ouvir nada e apontou para o beco abaixo. Quando Tohr assentiu, Qhuinn tentou se concentrar – e um segundo mais tarde, desmaterializou-se para onde estivera antes.

Cobrindo com a outra mão o ouvido livre, ele disse:

– Blay?

A voz do seu companheiro estava baixa na ligação cheia de estática.

– … ajuda.

– O quê?

– … na Northway. Saída…

– Espere, o quê?

– … vinte e seis…

– Blay?

E então uma palavra foi ouvida sem a menor dúvida:

– Acidente.

– Estou indo! – Qhuinn olhou para Tohr. – Agora mesmo!

Ele queria manter a conexão aberta, mas havia o risco de a neve fazer com que o celular parasse de funcionar e ele poderia precisar dele.

Tohr disse:

– Vamos nos dividir. Eu vou pelo norte…

– Não, não, Blay está em apuros. Eu tenho que ir!

Houve uma fração de segundo na qual se encararam. Para Qhuinn, contudo, não havia a menor dúvida. Amor versus vingança.

E ele escolheria o amor.

Merda, sentia-se péssimo por Blay ter se envolvido num acidente… Mas, pelo menos, o macho o procurara num momento importante, e claro, cacete, ele iria para onde estava o seu coração. Mesmo que Xcor estivesse sangrando no peito e precisasse de apenas uma última bala para ir para o Fade? Qhuinn estava fora.

Tohr, no entanto, era outra história.

Xcor via os dois Irmãos do seu ponto de vantagem no teto do lado oposto a onde Qhuinn e Tohr estiveram: mesmo com aquelas parcas brancas, as rajadas de neve se desviavam ao redor dos seus corpos, delineando-os.

Algumas vezes no decorrer da sua vida, Xcor poderia ter jurado que alguma espécie de força exterior estivera determinada em mantê-lo vivo.

Esta noite fora uma delas.

Aquelas duas armas foram apontadas para ele descarregadas ao mesmo tempo, como se os Irmãos dividissem um cérebro – ou pelo menos um par de dedos prontos para atirar. E mesmo assim, de algum modo, ele nem precisou do colete a prova de balas que vestira antes de colocar a parca preta ainda no rancho.

Ele atribuiu a culpa ao vento.

Ou lhe deu crédito, o que parecia mais adequado.

Mesmo trajando a roupa ideal para um alvo, e a distância entre eles não ser superior a cinquenta metros, aquelas balas foram para algum outro lugar.

E ele não desperdiçou um segundo para se desmaterializar.

Graças ao Fade ele tendia a ficar mais concentrado em vez de se desconcentrar quando em perigo, e também deduzira certo ao pensar que o movimento seguinte deles seria o de proceder para o prédio mais baixo atrás de onde eles tentaram abatê-lo. No entanto, sua vantagem não perduraria.

Eles se dividiriam a fim de dar cabo do assunto.

E aquela tentativa de homicídio significava duas coisas: ou o par se rebelara contra o Rei… Ou Wrath mentira sobre suas verdadeiras intenções e toda a Irmandade estava atrás dele.

O macho lhe parecera sincero, mas poderia garantir?

E quem discutiria com aquelas 40 mm…

Quando Tohr e Qhuinn se desmaterializaram, Xcor se agachou e também sumiu, seguindo a teoria de que um alvo móvel é mais difícil de acertar.

Voltou à sua forma três quarteirões a oeste junto a um conjunto habitacional. E ao se materializar novamente, triangulou sua localização no mapa daquela tábua no piso da casa de fazenda. Estava perto, muito perto, da localização ali ilustrada.

E não existia melhor lugar para ficar do que junto aos seus guerreiros já

que estava sendo caçado.

Movendo-se de telhado em telhado, lembrou-se do seu tempo nas copas das árvores, bem antes de Bloodletter tê-lo abordado naquela floresta. De fato, talvez tivesse que se apoiar nas suas habilidades de ladrão uma vez mais, dependendo de como as coisas se dariam dali para a frente.

Tinha pouca munição e nenhum dinheiro – e isso era um problema que exigia uma solução. Mas estava colocando o carro na frente dos bois.

Pensando assim, foi para um beco tão estreito e escuro como o interior do seu crânio. O vento não conseguia entrar naquela fenda criada pelos prédios de tijolos, e a neve formara grandes bancos nas duas extremidades, deixando um vácuo no meio. Ficou num dos lados, agachado e se esgueirando ao longo dos espaços formados pelas soleiras e uma ou outra ocasional lata de lixo.

Soube que estava no local correto ao ver três marcas fundas de facadas na parte superior direita da moldura da porta – e quando virou a maçaneta velha, não esperou que ela fosse girar. Mas girou.

Relanceando para a direita e para a esquerda, depois para cima, enfiou os ombros pela abertura e entrou.

Quando se fechou ali dentro, não disse nada. Seu cheiro anunciaria sua presença – assim como os cheiros que o receberam lhe disseram que seus machos estiveram ali bem recentemente. Numa questão de horas.

Era ali que vinham ficando.

Com as janelas cobertas por tábuas e a porta fechada, resolveu se arriscar e acender o segundo sinalizador. Quando a luz avermelhada explodiu na ponta, ele moveu o bastão ao redor lentamente.

Era a cozinha de um restaurante abandonado, com todo tipo de utensílios e panelas velhas, engradados e baldes de plástico cobertos por uma camada grossa de poeira. Havia vestígios dos machos terem ficado ali, todavia, lugares vazios junto às paredes onde os imensos corpos se esticaram para descansar.

As caixas de pizza da Domino’s o fizeram sorrir. Eles sempre gostaram daquela pizzaria.

Depois de dar a volta em toda a cozinha, e depois seguir para a frente do restaurante, encontrando-o similarmente selado, desordenado e vazio, voltou a passar pela porta pela qual entrara.

Voltando para a tempestade.

CAPÍTULO 41

Fora um bom plano. E como com todos os bons planos que
acabam sendo ruins, tudo começara bem: Blay assumira o volante do novo sedã Volvo do pai, com o pai indo ao seu lado na frente e a mãe no banco de trás com as costas apoiadas na porta e o pé ruim sobre o banco. Sim, claro, divertiram-se um pouco para saírem do caminho de carros da casa, mas quando chegaram à estrada principal e depois entraram na Northway, nenhum

problema.

Bem, evidentemente, a estrada estava fechada, porém, aquilo era Nova York e as pessoas estavam pouco se fodendo com isso, portanto as pessoas criaram duas faixas paralelas bem no meio das duas pistas que levariam para o norte. Tudo o que você precisava fazer era manter um ritmo constante enquanto o para-brisa à sua frente se transformava naquilo que Han Solo via toda vez que a Millenium Falcon avançava em hipervelocidade.

Portanto, tudo somado, foi um bom começo. Ouviram o bom e velho Garrison Keillor, e cantaram junto com a sua versão de “Tell Me Why” e quase conseguiram se esquecer de que estavam entrando na parte das saídas longas, aquelas entre as quais não havia saída em quinze, vinte ou até mesmo trinta quilômetros em cada trecho.

A guinada para o pior aconteceu sem preâmbulos nem um aviso de cortesia de que talvez precisassem ligar para Houston por estarem com problemas. Avançavam a modestos 50 km/hora, mantendo-se nas faixas, descendo um declive… quando o Volvo acertou um trecho de gelo que não entrou em acordo com seus pneus, com o controle de tração, e tampouco com a tração das quatro rodas.

Num minuto estavam muito bem, no seguinte, em câmera lenta, fizeram uma pirueta e… aterrissaram numa vala.

Numa maldita vala de verdade.

De ré.

A boa notícia, Blay supôs, era que ele conseguira desacelerar o processo de modo que os *airbags* não foram acionados na sua cara e na do seu pai. A ruim? A “vala” estava mais para uma ravina capaz de engolir o carro sueco inteiro.

A primeira coisa que Blay fez foi ver como a mãe estava, pois ela estivera sem cinto.

– Como estamos aí atrás?

Ele tentou parecer relaxado, mas não respirou direito até a mãe levantar os polegares.

– Bem, isso foi excitante. E eu estou ótima.

Enquanto o pai e a mãe começaram a conversar nervosos, ele olhou para cima, bem para cima, onde estava a autoestrada. Depois desligou o motor. Eram grandes as chances de o cano de escapamento estar entupido pela neve, e caso o aquecedor continuasse ligado, acabariam mortos antes de serem incinerados pelo sol da manhã.

– Alguma possibilidade de conseguir se desmaterializar? – perguntou à sua *mahmen*.

– Sim, claro. Sem problemas.

Dez minutos fechando os olhos e se concentrando da parte dela mais tarde, foi claro que aquela era uma causa perdida. E nem era preciso dizer que nem

ele nem o pai sairiam do carro sem ela.

E foi *assim* que ele acabou ligando para Qhuinn.

Bem, essa decisão demorou um tempo para ser tomada.

E com o macho vindo para ajudá-los sem demora, Blay continuou sentado com as mãos apertando o volante apesar de não estarem indo a parte alguma, e se perguntando se não deveria ter ligado para John Matthew em vez disso. Ou quem sabe, para a maldição Fada Açucarada do Quebra-Nozes.

– Vai ficar tudo bem – a mãe disse do banco de trás. – Qhuinn logo estará aqui.

Enquanto Blay relanceava pelo espelho retrovisor, notou que ela subira o zíper da parca.

– É.

Maldição, deveria ter pedido que Jane fosse até a casa dos pais. Mas estivera pensando em Assail e em qualquer outro que pudesse estar ferido. Pareceu-lhe egoísmo tirar qualquer um dos médicos ou Ehlena da clínica. Além disso, Manny, como humano, não tinha como se desmaterializar.

Não, fora melhor mesmo chamar Qhuinn. Ainda mais que estava tentando tranquilizar os pais quanto ao fato de ter passado uma, ou melhor, duas noites em casa – sem mencionar os gêmeos. Sabia muito bem que não estava conseguindo enganá-los, mas ainda não estava pronto para tocar no assunto: *ah, a propósito, sabem aquelas crianças que vocês tanto adoram? Pois é,*

mãe, inclusive aquela que tem o seu nome? Então, eles não vão mais ser…

No meio da tempestade de neve, um fantasma apareceu. Um fantasma enorme de gorro.

– Ah, aí está ele – disse a mãe do banco de trás.

E o alívio dela era o tipo de sentimento que Blay não poderia reconhecer sentir. Só que, sim, estava contente porque o irmão estava ali. Fala sério, aquela era a sua *mahmen*. Precisava levá-la para a mansão – e ele sabia que nem uma nevasca impediria Qhuinn de ir buscá-los.

Sim, aparentemente a linha divisória não fora delimitada pela força dos ventos e da neve que cegava,

Não, fraldas eram a divisória.

– Fiquem aqui – Blay anunciou ao tentar abrir a porta.

Tivera a intenção de emergir triunfante, de igual para igual que fora temporariamente superado pelo fracasso dos seus malditos radiais Bridgestone. Mas a maldita porta estava emperrada.

Acabou se desmaterializando por uma abertura de dois centímetros na janela.

Maldição, que frio, pensou ao ser estapeado no rosto pelo vento.

– Ela está machucada! – ele gritou contra o vento.

Qhuinn só o encarou, aqueles olhos diminuindo a distância que os separava, inquisidores, suplicantes. Mas logo o cara voltou à realidade.

– Por causa do acidente?

– Não, antes disso! Ela escorregou e machucou o tornozelo de novo.

Estava sem a bota. Eu estava tentando levá-los ao centro de treinamento.

– Deveria ter me ligado antes… Eu teria…

No meio da tempestade, outra figura surgiu. Tohr. E quando Qhuinn notou sua presença, pareceu surpreso. Depois aliviado.

– Ela consegue se desmaterializar? – Qhuinn gritou ao se concentrar novamente.

– Não! E não vamos deixá-la!

Qhuinn assentiu.

– Preciso ir pegar o Hummer!

Gritavam para se fazer ouvir, as mãos ao redor da boca, os corpos lutando contra o vento – e Blay pensou que era estranho, mas aquilo era bem semelhante a quando tentaram se comunicar a respeito dos eventos em relação a Layla e as crianças. Uma tempestade os envolvera, abalando a ambos, criando uma nevasca emocional que tornou o cenário ao redor deles impenetrável – e o tempo ruim ainda tinha que passar.

Na verdade, ele temia que jamais fosse passar.

– Vou ficar com eles! – Blay disse.

Tohr se pronunciou.

– Vou para casa para buscar cobertas! E depois volto para ajudar a montar

guarda!

Blay teve que virar a cabeça para tirar a neve dos olhos.

– Obrigado!

Quando sentiu a mão de Qhuinn no seu ombro, sobressaltou-se, mas não recuou.

– Já volto, ok? – informou o Irmão. – Não se preocupe com nada.

Por uma fração de segundo, Blay apenas fitou os olhos despareados. Algo fez com que ao vê-los, tão preocupados e intensos, a dor no meio do seu peito se renovasse como no instante em que fora criada.

Mas não foi só isso o que sentiu.

Seu corpo ainda desejava o cara. Seu corpo ainda estava pronto… para mais de Qhuinn. Maldição.

Sem nem mais uma palavra, Qhuinn sumiu, assim como Tohr.

Blay permaneceu na nevasca por mais uma ou duas batidas de coração, depois se virou e olhou para cima, na direção da estrada. Conseguiram quebrar o guard rail.

Antes de voltar a entrar no carro, deu a volta para a frente, abaixou-se e apanhou seu canivete. Estava sem luvas, por isso trabalhou rápido, limpando a neve e retirando os dois parafusos que prendiam a placa para tirá-la. Depois enfrentou o vento e foi para a parte traseira, fazendo a mesma coisa com a placa de trás, colocando as duas no bolso da jaqueta.

Desmaterializando-se para dentro do carro, sorriu para os pais.

– Eles já vão voltar. Não vai ser um problema.

Sua *mahmen* assentiu e sorriu.

– Eles são simplesmente os melhores.

– Uh-hum. – Apontou para o porta-luvas. – Pai, importa-se em…

– Já fiz.

O homem lhe deu o documento e a papelada do seguro, ambos falsificados por V., e Blay também os guardou dentro da parca. O número do chassi fora apagado assim que compraram o carro pensando em situações como esta – quando se é um vampiro no mundo dos humanos, e o seu carro se acidenta, muitas vezes é melhor apenas abandoná-lo porque a dor de cabeça não valia a pena recuperá-lo.

E como andavam as coisas, demoraria bem uns dois dias até que alguém conseguisse chegar perto daquele sedã, por isso era melhor mesmo apenas se esquecerem dele.

Ao olhar para fora da janela lateral, Blay começou a sentir uma ansiedade crescente que não tinha nada a ver com o pé da mãe nem com a nevasca.

Não posso voltar para trás, pensou. *Apenas seguir em frente*.

– Vou sentir falta deste carro – a mãe murmurou. – Eu estava me acostumando a ele.

– Compraremos outro, querida – o pai disse. – E você vai poder escolher.

Uma pena que não se pode ir até a concessionária mais próxima dos relacionamentos para comprar uma nova versão do que quer tenha se acidentado, uma que talvez tenha algumas melhorias tecnológicas e suspensão melhor da parte do seu companheiro.

Mas a vida não funcionava assim.

CAPÍTULO 42

Atrás do volante do Hummer, Qhuinn sentiu que demorou um mês para ele voltar até onde o Volvo se suicidou na lateral daquela autoestrada. Concluiu, contudo, ao se aproximar da quilometragem que aguardava finalmente aparecer, que deveria ser grato por poder ir até lá de todo modo. Seu segundo SUV era durão assim mesmo, com seus pneus parecendo garras fortificadas com correntes King Kong, a base larga e a capacidade de cobrir grandes distâncias tudo o que era preciso numa noite como esta.

Mesmo quando se está resgatando o amor da sua vida e os pais deles do meio de uma nevasca.

Ainda que, com toda a robustez do seu veículo, a visibilidade estivesse uma merda e ele tivesse que trocar do farol alto para o baixo assim que ganhou velocidade na Northway: com sua vista aguçada, a iluminação ainda era suficiente e resolvia a questão que tivera com o brilho excessivo que as malditas Xenon criavam ao atingir os flocos de neve.

Ao passar pela quilometragem marcada, saiu da pista do meio e foi para o acostamento. Estreitando os olhos, apesar de isso não melhorar sua acuidade visual, tentou ver exatamente onde eles saíram da estrada na pista oposta da estrada.

Seguira alguns metros antes de resolver jogar tudo para o alto.

Virando o volante para a esquerda, cruzou a pista contra o fluxo contrário de carros – que era inexistente pelo menos naquele instante – e seguiu para o norte na pista contrária. Ligando a luz refletora da lateral, usou a manivela para direcionar o facho poderoso de luz para a lateral.

Encontrou o Volvo trezentos e cinquenta metros mais adiante, e algo em ver aquele utilitário saído da estrada naquele ângulo, metros abaixo do guard rail, fez com ele sentisse ânsia. Em vez se seguir o caminho do vômito, porém, ele freou, deixou a marcha em ponto morto e abriu a porta.

O Volvo perdera tração na base de uma descida, o para-choque frontal entrando com tudo na neve de uma maneira que a porta do motorista não podia ser aberta. Blay e a família saíram pelo outro lado, porém; ele e o pai saindo primeiro para depois ajudarem a mãe e sair de trás. Lyric fazia caretas de dor enquanto a ajudavam a sair, mas não reclamava. Ela estava tentando sorrir.

– Olá, Qhuinn – ela gritou na estrada quando ele desceu ao encontro deles.

Foi só o que ela conseguiu dizer. A movimentação evidentemente estava

acabando com ela, e Qhuinn desejou poder ajudar.

Nesse meio tempo, Tohr também ficou de lado, com a coberta e a garrafa térmica que trouxera nas mãos. Qhuinn ficara surpreso ao ver o irmão aparecer ali, e cara, como foi bom saber que ele estava segurando as pontas enquanto ele trazia o Hummer.

– Eu a levo – o pai de Blay anunciou, como qualquer macho vinculado.

E em deferência a ele, todos recuaram enquanto ele segurava a companheira nos braços. Blay logo se postou atrás do pai, empurrando-os para cima da vala até o Hummer enquanto Tohr perscrutava a escuridão à procura de um possível inimigo e Qhuinn corria à frente para virar o carro e abrir a porta de trás.

Deus, permita que nenhum humano apareça. Especialmente se for algum carro de polícia de Caldwell ou estadual.

Mais um instante em que tudo parece demorar demais até que Lyric estivesse segura no banco de trás, e Qhuinn pudesse respirar fundo de alívio. Mas ainda restava chegarem inteiros à mansão.

Enquanto Blay se acomodava ao seu lado na frente e o pai dele se ajeitava atrás com Lyric, Tohr se aproximou.

Qhuinn abaixou o vidro.

– Obrigado… Muito obrigado mesmo.

O irmão lhe entregou a coberta e a garrafa térmica.

– É chocolate quente. Fritz aparentemente o tem pronto para noites como esta.

– Vai voltar para o centro?

Tohr desviou o olhar para a neve que caía.

– Vamos juntos, concordamos com isso.

Qhuinn estendeu a palma.

– Amém, irmão.

Depois que apertaram as mãos, Tohr recuou.

– Eu os seguirei até em casa.

– Não precisa. Mas fico feliz que faça isso.

Tohr assentiu uma vez e deu um soco de leve no capô do carro.

– Boa viagem.

Qhuinn levantou o vidro e acelerou – devagar. O Hummer estava equipado para enfrentar todo tipo de terreno, dos mais lamacentos até a pior das neves, mas ele não se arriscaria com sua carga preciosa – e também havia o fato de a mãe de Blay sibilar toda vez que o SUV dava um solavanco em cima de um monte maior de neve.

Quando recomeçaram a viagem, a mãe e o pai de Blay ficaram conversando baixinho no banco de trás, palavras de conforto sendo dadas e recebidas, os murmúrios acolhedores e íntimos.

Basicamente o oposto do que estava acontecendo na frente do veículo.

Qhuinn relanceou para Blay. O macho olhava fixo adiante, o rosto estava impassível.

– Bem, vou levá-los direto para o centro de treinamento – Qhuinn disse.

O que, claro, era uma declaração completamente idiota. Ou será que ele pretendia levá-los pela chaminé como se fosse Papai Noel?

– Ótimo. – Blay pigarreou e depois desceu o zíper da parca. – Quer dizer que a Irmandade estava em campo hoje?

– O quê?

– Wrath os mandou a campo mesmo com esta nevasca? – Quando Qhuinn pareceu continuar confuso, Blay disse: – Você e Tohr estavam falando sobre estarem em campo?

– Ah, isso. Não. Todos foram dispensados.

– Então o que vocês estavam fazendo no centro?

– Ah, nada.

Blay voltou a se concentrar no para-brisa.

– Assuntos particulares da Irmandade, hum. Bem, sinto cheiro de pólvora em você.

Quando o Hummer chegou ao centro de treinamento, parando diante das portas reforçadas na base da garagem, Blay foi o primeiro a sair do carro. O trajeto até o complexo fora marcado por uma série de embaraçosas paradas e retomadas conversacionais entre ele e Qhuinn até ser um impasse se o

completo silêncio era melhor do que os pigarreios. E, nesse meio tempo, na parte de trás, os pais ouviam tudo, mesmo enquanto fingiam estar conversando entre eles.

Nada como expor o pior do seu relacionamento na frente da mamãe e do papai.

Isso era quase tão divertido quanto um tornozelo fraturado.

Bem quando Blay abria a porta ao lado da mãe, o doutor Manello aparecia com uma maca, o macho humano sorrindo com jovialidade, mas também avaliando a situação com olhos de águia como todos os cirurgiões diante de um paciente.

– Como estamos, pessoal? – o cara perguntou enquanto Lyric se esforçava para sair do banco do Hummer. – Fico feliz que tenham chegado inteiros.

A *mahmen* de Blay inclinou a cabeça e sorriu para o médico enquanto se apoiava no seu *hellren*.

– Ah, fui uma boba.

– Não colocou a bota.

– Não, não coloquei. – Revirou os olhos. – Eu estava tentando preparar a Primeira Refeição. E deu nisto.

O doutor Manello cumprimentou o pai de Blay com um aperto de mãos e depois segurou o ombro de Lyric.

– Bem, não se preocupem. Vou cuidar bem de você.

Por algum motivo, aquela simples declaração aliada à absoluta confiança que o cara carregava como se fosse sua aura, fez com que Blay desviasse o olhar e piscasse rápido.

– Você está bem? – Qhuinn perguntou baixo.

Blay se controlou e ignorou o comentário enquanto a mãe era cuidadosamente colocada na maca e o doutor Manello fazia um exame rápido como se não conseguisse se conter.

– Quando você vai voltar para casa? – Qhuinn sussurrou.

Quando Blay não respondeu, o macho pressionou:

– Por favor… volte.

Blay se aproximou da maca.

– *Mahmen*, precisa das cobertas? Não? Ok, vou abrir a porta para vocês.

Com determinação, manteve a porta aberta e ficou de lado enquanto todos formavam uma fila e entravam no centro de treinamento. Depois de ter se certificado em fechar bem a porta atrás de si, juntou-se à marcha pelo corredor de concreto, passando pelas salas de aula e pelo refeitório que a nova turma de *trainees* usava.

Como tudo o mais em Caldwell, as aulas foram suspensas, não havia nenhum aluno por perto, todos permanecendo em suas casas.

Melhor assim, pois os gritos… Santa Virgem não mais Escriba, aqueles gritos.

– O que é isso? – a mãe de Blay perguntou. – Alguém está morrendo?

O doutor Manello meneou a cabeça. Embora o sistema de saúde dos vampiros não seguisse nenhuma Lei de Portabilidade e de Responsabilidade de Seguros de Saúde, o médico nunca falava dos seus pacientes, mesmo quando a informação fosse de um Irmão para outro Irmão – e Blay sempre admirara isso no homem. Na doutora Jane também. Inferno, naquela mansão todos tendiam a saber tudo sobre todos. Quando tudo estava bem? Tudo bem. Mas quando não estava?

A plateia amorosa e preocupada da mansão podia ser um tanto demais.

– Então, quando poderei ver os bebês? – O pai de Blay relanceou sobre o ombro na direção de Qhuinn. – Faz umas dez noites que não seguro meus netos nos braços. Isso é tempo demais. E sei que a *grand-mahmen* deles poderia se beneficiar com um pouco de alegria, concorda, meu amor?

Enquanto Blay refreava uma imprecação, fez questão de não olhar na direção de Qhuinn. Pelo menos sabia que poderia confiar no cara para ele se safar de…

– Com certeza. Mas podemos esperar até amanhã à noite? Porque eu adoraria levá-los até a casa de vocês para uma primeira visita.

Como é *que é?* , Blay pensou. *Tá de brincadeira comigo?*

Quando lançou um olhar fuzilante para o macho, a mãe de Blay encheu o silêncio com um arquejo de felicidade.

Virando-se na maca, ergueu o olhar para Qhuinn.

– Mesmo?

O Irmão ignorou propositadamente Blay enquanto todos entravam na sala de exames.

– Mesmo. Sei que queriam que fôssemos até lá e acho que agora seria ideal.

Inacreditável. I-na-cre-di-ta-vel-o-ca-ce-te.

Mas tinha que dar créditos ao cara pela boa jogada. Lyric vinha querendo cuidar dos bebês, e cozinhar e tirar fotos deles na sua casa já há algum tempo, apesar de nunca ter dito nada abertamente porque não queria ser insistente. Sua campanha fora muito mais sutil, nada além de comentários aqui a acolá a respeito de possíveis dormidas com eles, quando eles estivessem muito, muito mais crescidos, e sobre as visitas durante os festivais, quando eles estivessem muito, muito mais crescidos, e sobre noites de filmes quando eles estivessem muito, muito mais crescidos.

O desejo, no entanto, sempre estivera na voz dela.

Quando a mãe de Blay estendeu o braço e apertou o braço de Qhuinn, Assail escolheu esse instante para gritar de novo – que era, sabem, exatamente o que Blay estava fazendo em sua cabeça.

– Ok, vamos ver o que temos aqui.

Enquanto o doutor Manello falava, Blay ficou se perguntando a que diabos

o médico se referia, quando se lembrou que, sim, de fato estavam na sala de exames. Depois de terem saído da estrada. No meio da pior nevasca noturna de dezembro de toda a história.

Puta que o pariu, o que mais queria era acertar a cabeça de Qhuinn com algum objeto. Um armário repleto de equipamentos médicos, ou quem sabe, aquela mesa logo ali.

– Vamos precisar de um raio X. E depois teremos que…

Enquanto o médico falava, o pai de Blay estava todo sério e concentrado, e Blay também queria estar assim. Em vez disso, esperou até que Qhuinn olhasse para ele.

E então movimentou os lábios: *Corredor, agora*.

Mensagem entregue, Blay se voltou para os pais:

– Só vamos sair um segundinho e já voltamos.

Odiou o modo como a mãe o fitou com aprovação, como se esperasse que o que quer que houvesse de errado fosse resolvido a tempo de a família formar um retrato perfeito de Normal Rockwell na noite seguinte.

Esse seria um presente que ela não receberia dele neste Natal.

No segundo em que Qhuinn se juntou a ele no corredor, Blay se esticou e fechou a porta atrás deles. E depois de verificar se não havia mais ninguém no corredor, ligou o aparador de grama.

– Tá de zoeira comigo, cacete! – disse num jorro. – Você *não* vai lá

amanhã.

Qhuinn só deu de ombros.

– Seus pais querem ver…

– Pois é, aqueles dois bebês que você deixou bem claro que não são meus. Então, não, você não vai levar o seu filho e a sua filha para a casa dos meus pais, só para ter uma desculpa para me ver. Não vou permitir isso.

– Blay, você está levando isso tudo longe demais…

– Disse o babaca que quis botar uma bala na cabeça da mãe dos filhos dele. Enquanto ela estava diante dos berços deles. – Ergueu as mãos para o alto. – Qhuinn, você não pode ser assim tão envolvido em si mesmo.

O macho se inclinou para a frente.

– Não sei quantas vezes preciso dizer que sinto muito.

– Nem eu, mas desculpas não vão consertar isto.

Houve um instante de silêncio, então Qhuinn relaxou a postura para trás, com uma expressão remota tomando conta das suas feições.

– Então é isso – disse ele. – Está jogando todo o nosso relacionamento para o ar por causa de um comentário.

– Não foi um comentário. Foi uma revelação.

Uma que praticamente o matara bem onde estivera. Infernos, teria tido melhores chances de sobrevivência, caso Qhuinn tivesse atirado nele.

Qhuinn cruzou os braços diante do peito, de um modo que fez os bíceps

ficarem tão protuberantes que forçavam as mangas daquela parca.

– Você se lembra… – O macho pigarreou. – Você se lembra lá de trás, há um milhão de anos, quando vinha para a minha casa depois que meu pai… Você sabe, depois que o meu pai acabava comigo?

Blay baixou o olhar para o piso de concreto entre eles.

– Qual das vezes? Houve tantas.

– Justo. Mas você sempre esteve lá por mim. Você entrava escondido, jogávamos Playstation e eu esfriava a cabeça. Você foi a minha salvação. O único motivo pelo qual estou vivo hoje. E pelo qual aquelas crianças existem.

Blay começou a balançar a cabeça.

– Não faça isso. Não use o passado para tentar fazer com que eu me sinta culpado.

– Você sempre me disse que o meu pai estava errado por me odiar. Disse que não entendia por que ele…

– Olha só, paguei meus pecados com você – Blay estrepitou. – Ok? Já paguei todos os meus pecados. Fui seu saco de pancada, seu Band-Aid, seu cobertorzinho de segurança. E quer saber por quê? Não por você ser tão especial. Era porque você era um vadio que eu não podia ter, e eu considerei que a sua promiscuidade significava que eu não bastava – e isso fez com que eu quisesse me provar pra você uma vez depois da outra. Mas não vou mais fazer isso. Você me afastou durante todo aquele tempo, enquanto fodia outras

pessoas, mas eu vou deixar isso passar porque eu não tinha coragem de chegar junto de você e te dizer como eu me sentia na época. Mas quando você me afastou naquele quarto? Você sabia muito bem o quanto eu te amava. Não vou conseguir me recuperar disso…

– O que eu *ia* dizer – Qhuinn ladrou – era que você sempre me disse o quanto lamentava por ele não conseguir me perdoar por algo que eu não podia mudar…

– Isso mesmo, o seu DNA não é culpa sua. Que diabos isso tem a ver com qualquer coisa entre a gente? Está querendo dizer que não é responsável pelo que sai da sua boca? – Blay meneou a cabeça e começou a andar. – Ou melhor, que não é culpa sua que você me tirou das vidas daquelas crianças?

– Eu me convidei para ir para a casa dos seus pais amanhã à noite, lembra? Está claro que eu não estou te tirando das vidas deles. – Qhuinn ergueu o queixo. – O que eu quero dizer é que não entendo como alguém que defende a importância do perdão está se recusando a aceitar o meu pedido de desculpas.

Sem pensar a respeito, Blay enfiou a mão no casaco e pegou o maço de Dunhill. Quando acendeu um, murmurou:

– Sim, voltei a fumar. Não, isso não tem nada a ver com você. E quando eu estava falando do seu pai, era a respeito da cor dos seus olhos, pelo amor de Deus. Eu não estava pedindo que se afastasse do que pensava ser seus filhos.

Aquilo era a minha vida, Qhuinn. Aquelas crianças… eram o meu futuro, o que restaria de mim depois que eu morresse e não estivesse mais aqui. Elas seriam… – Quando a voz dele se partiu de emoção, ele deu um trago. – Elas levariam adiante as tradições dos meus pais. Seriam marcos, a felicidade e uma completude que nem você consegue me dar. Isso não é *nada* comparado a um acidente genético que resultou em você ter um olho azul e o outro verde.

– Tanto faz, Blay – Qhuinn disse sombrio ao caminhar em círculos. – Este defeito foi a minha vida inteira, e você sabe disso. O meu defeito na casa dos meus pais foi toda a minha porra de existência. Eu fui afastado de tudo…

– Então tudo bem, sei como se sente.

Quando se encararam, Qhuinn balançou a cabeça.

– Você é tão ruim quanto o meu pai, sabia? É mesmo.

Blay apontou o cigarro aceso na direção do cara.

– Vai se foder. Por isso. Sério.

Qhuinn encarou através do ar tenso por um momento. Depois disse:

– O que está acontecendo aqui. Isto é, sério que você quer terminar? Está querendo voltar para o Saxton ou talvez transar com outro? Quer fazer do jeito que eu fazia? É por isso que você está agindo assim?

– O que eu estou fazendo… Espera aí, como se eu estivesse me aproveitando disso para ter uma saída? Acha mesmo que esta é uma chance

para eu tomar uma decisão? Acha de verdade que eu estou jogando aqui? – Ele balançou a cabeça tantas vezes em descrença que chegou a ficar tonto. – E não. Não quero ser como você. Você e eu não somos iguais e nunca seremos.

– E é por isso que a gente dá certo. – De repente, a voz de Qhuinn ficou aguda. – Você é o meu lar, Blay. Sempre foi. Mesmo com Lyric e Rhamp na minha vida, fico perdido sem você… Sim, claro, fico puto no meio de uma conversa como esta, mas ainda sou macho o bastante pra admitir que não sou nada se você não estiver comigo. – Pigarreou. – E para a sua informação, vou brigar, por você, por nós, por isso vou te perguntar de novo. O que vai ser preciso? Sangue? Porque o que eu precisar fazer para te ter de volta, eu vou fazer.

Quando Assail soltou mais um grito, Blay fechou os olhos, com uma exaustão pesando sobre ele como uma mortalha.

– Sim, claro, tanto faz – murmurou. – Sangue. Vai ser preciso sangue. Agora, se me dá licença, vou ver como a minha mãe está.

– Amanhã à noite eu vou com as crianças para a casa dos seus pais.

– Eu não estarei lá.

– Essa é uma decisão sua. E vou respeitá-la. Mas eu falei sério. Não importa o que for preciso, eu vou te provar que te amo e que preciso de você e que te quero – e que aquelas crianças são suas.

Com isso, o Irmão se virou e se afastou pelo corredor de concreto, com a cabeça erguida, os ombros aprumados, os passos ritmados…

– Filho?

Blay se assustou e se virou de frente para o pai.

– Como ela está? Já fizeram o raio X?

– Ela está chamando por você. O doutor Manello disse que talvez tenham que operar.

Merda.

– Sim, claro. – Passou o braço ao redor dos ombros do pai. – Venha, vamos decidir o que precisa ser…

– Você e Qhuinn estão bem?

– Maravilha. Estamos ótimos – ele respondeu ao empurrar a porta da sala de exames. – Não tem com que se preocupar. Vamos nos concentrar na mamãe, está bem?

CAPÍTULO 43

Throe há muito ouvira que era possível fazer uma bomba com materiais comuns encontrados numa casa. Que era possível alguém produzir um explosivo potente com pouco mais do que alguns produtos encontrados na cozinha.

Contudo, embora isso pudesse ser verdadeiro, à medida que descia pela escadaria principal da mansão do *hellren* da sua amante, quase se sentiu

desapontado com a natureza onipresente daquilo que procurava. Todavia, com seu livro debaixo do braço, e um objetivo claro em mente, disse a si mesmo que sua fé seria recompensada; sua resolução, suprida; seu objetivo, alcançado.

Mesmo que isto fosse um tanto anticlimático.

Mas, em retrospecto, agora ao menos estava focado.

Aquela confusão anterior fora muito estranha, pensou ao chegar ao átrio do térreo, onde o fogo da lareira crepitava oferecendo luz e calor, o candelabro de cristal acima reluzindo como se diamantes de verdade estivessem pendurados no teto. Parando ali, olhou para a sala de estar mais além e aprovou os sofás de seda e os candelabros, os tecidos pensos ao redor das janelas altas, as cores fortes escolhidas por alguém com muito bom gosto e fundos infinitos.

Do lado oposto do vasto espaço aberto, como era a tradição, o escritório do macho principal da casa vislumbrava poder e distinção: os painéis de madeira e os livros com capa de couro, a escrivaninha ampla com mata-borrão de couro e cadeira combinando, as janelas de vitral, emprestando ao ambiente a impressão da mais alta aristocracia, de modo que uma saudade aqueceu o meio do seu peito. Fazia muito anos desde que vivera desta maneira, com tantas cabanas nesse intervalo. Além disso, houve vulgaridade e grosseria, morte e sangue, sexo do tipo mais básico.

Não fora a vida que outrora buscara para si e, de fato, por mais que tivesse se sentido ligado ao Bando de Bastardos e ao líder deles, agora acreditava que seu período com eles não passara de um pesadelo, uma tempestade predestinada que passara pelo seu destino a caminho de criar o caos na existência de alguma outra pobre alma.

Ali era o seu lugar.

Na realidade, de todos os lugares em que estivera em Nova York, aquela mansão era a que mais se adequava a ele. Não era a maior dentre as das amigas de sua fêmea, mas era a mais bem decorada, num estilo que ele próprio teria escolhido para a sua morada…

A que logo escolheria para a sua morada, corrigiu-se, quando ele passasse a controlar a raça…

– Você não vai durar com ela.

Throe girou sobre os calcanhares. O *hellren* da casa, um vampiro idoso de uns oitocentos anos de vida, surgiu claudicando da toalete junto à biblioteca, o som da descarga acionada anunciando sua presença mais do que o sotaque remanescente da voz enfraquecida.

– Perdão. O que disse? – Throe murmurou, apesar de ter ouvido muito bem.

– Ela não ficará com você mais do que ficou com os outros. Você voltará para as ruas antes do Ano Novo.

Throe sorriu, ainda mais ao notar a bengala de que o macho necessitava a fim de se locomover. Por um instante, entreteve a ideia de que o instrumento poderia escorregar debaixo daquela mão artrítica, e o macho se desequilibraria, despencando no piso de mármore.

– Acredito que subestime meus atrativos, meu velho. – Throe mudou a posição dO Livro, aproximando-o do peito. Engraçado, ele pareceu formigar junto ao seu coração. – Mas isso não é um tópico educado sujeito a discussões, não é mesmo?

Cabelos grisalhos, sobrancelhas fartas e desarrumadas, tufos de pelos se projetando para fora das orelhas, as indignidades da idade, Throe pensou. E a inevitável disfunção erétil. Afinal, Viagra ajudava até certo ponto. Mesmo que o membro pudesse enrijecer graças aos farmacêuticos, se o restante do corpo fosse tão atraente quanto a carcaça de um cervo, o que mais uma fêmea jovem poderia fazer além de assumir um amante mais palatável?

– Ela saiu, sabe disso, não? – o macho comentou com voz trêmula.

Por que não existia o equivalente a uma bengala para a fala, Throe ponderou distraidamente. Um pequeno alto-falante para ampliar a voz? Talvez com um botão para acrescentar um tom mais grave ao volume.

– Sim, ela saiu – Throe entoou com um sorriso. – Pedi que ela saísse e encontrasse outra fêmea para que ela e eu pudéssemos nos divertir com um brinquedinho. Já fizemos isso antes… E ela voltará me trazendo aquilo que

pedi.

Quando o macho gaguejou como se estivesse absolutamente chocado, Throe se projetou para a frente e sussurrou as palavras seguintes, como se ele e o *hellren* partilhassem de um segredo.

– Creio que descobrirá que isso acontecerá com bastante frequência daqui por diante. Perceberá, meu caro senhor, que não sou como os demais que a entretiveram no passado. Eu digo a ela o que fazer, e ela obedece. O que acaba por nos diferenciar, entre mim e você, não é mesmo?

O ancião recobrou a compostura e sacudiu a bengala.

– Veremos. Ela já fez isso antes. Sou eu aquele sem quem ela não consegue viver porque posso sustentá-la. Você, como um andarilho, embusteiro, um aristocrata decaído, certamente não consegue fazer isso.

Bem, Throe ponderou, talvez tivesse mal interpretado a natureza apática deste macho em particular. No entanto, isso não importava.

Throe inclinou a cabeça.

– Acredite no que quiser. Isso nunca muda a realidade, muda? Boa noite.

Ao seguir para a despensa do mordomo, o *hellren* disse com um pouco mais de volume:

– Usando a porta dos criados, estou vendo. Muito apropriado. Você costumava ser um membro da *glymera*, mas isso já não é mais verdade, não é desde que sua família o baniu das propriedades e da linha sucessória. Uma

pena. A menos que veja a questão segundo o ponto de vista deles. Desgraças devem ser extirpadas, caso contrário, elas ameaçam a integridade.

Throe parou. E lentamente se virou.

Estreitando os olhos, sentiu uma raiva familiar se revolver nas entranhas, uma víbora prestes a dar o bote.

– Cuidado, velho. Eu lhe direi isto uma vez e nunca mais: não sou como os outros.

– Você é um gigolô. Troca seu corpo por alimento e abrigo como uma prostituta qualquer. Um terno fino não altera o fedor das carnes que jazem por baixo dele.

Vagamente, Throe se apercebeu que O Livro se aquecia junto ao seu esterno. E ele sentiu a tentação de ceder à ira como nunca antes.

Mas, então, ele se lembrou do motivo que o levara a descer para o térreo. E do que faria em seu quarto assim que juntasse tudo de que necessitava.

E voltou a sorrir.

– Você tem sorte por eu precisar de você.

– Melhor se lembrar disso. E ela também.

– Nos lembraremos, eu prometo. Ainda mais quando sua *shellan* vier até mim.

Throe seguiu adiante, deixando o *hellren* a sós para fazer o que quer que costumasse fazer às noites – o que deveria ser uma festa. Devido aos seus

problemas de mobilidade, ele passava a maioria das noites na biblioteca dos fundos que dava para um solário, acomodado como uma estátua cuja base fora quebrada.

Portanto, quando chegasse a hora… seria fácil localizá-lo.

Encontrar a despensa com suas múltiplas prateleiras e suas filas de caixas e latas foi simples o bastante. Encontrar exatamente o que precisava, entretanto, requereria mais tempo e concentração. E ao avaliar o que fora comprado para o consumo da casa, ficou um pouco desarmado.

Mas algo lhe dizia que não fosse procurar a ajuda dos criados.

O Livro lhe disse, concluiu mais tarde. Sim, O Livro se comunicava com ele sem palavras, ao estilo de um animal com quem se tem grande familiaridade, que “fala” através dos movimentos do focinho e dos olhos, detalhes intangíveis para todos salvos os dois em questão.

Abrindo o tomo sobre a tábua de corte, Throe sorriu quando as páginas se viraram sozinhas até as passagens corretas. Em seguida, ele começou a juntar o que estava listado.

De fato, o cozido não seria agradável.

Tônico preparado com casca de angostura. Vinagre tinto. Gengibre.

Alcaçuz. Rúcula. Açafrão. Sementes de gergelim.

E também precisava de cera de velas pretas. E… óleo de motor? De carro?

Por um instante, irritou-se com o esforço que seria despendido para reunir

os itens, seus antigos hábitos de ser sempre servido ressurgindo. Só que, nesse instante, O Livro remexeu as páginas, como que em desaprovação.

– Muito bem – ele o segurou. – Seguirei em frente.

Pegando uma cesta de uma pilha junto à entrada, como se estivesse mesmo num supermercado, começou a pegar o que lhe fora indicado das prateleiras. Ah, e uma panela de cobre. Imaginou que encontraria uma na cozinha.

Sim, aquele era um cozido e tanto. Todavia não parecia algo que pudesse produzir um exército, e talvez aquilo não funcionasse…

O Livro folheou as páginas, como um cão ofendido.

Throe lhe sorriu de volta.

– Não seja tão melindroso. Tenho minha fé e minha fé me tem.

Modo estranho de expor a situação, mas o refrão se alojou em seu cérebro e saiu da sua boca num murmúrio.

– Tenho minha fé, minha fé me tem, eu-tenho-minha-fé, minha-fé-me-tem, minhafémetemminhafémetem…

CAPÍTULO 44

Zypher os levou de volta ao lugar no qual vinham se abrigando muito antes da aurora surgir. A nevasca estava tão intensa e estava durando tanto que não só seus planos de viajem para o Antigo País foram interrompidos – junto com o de tantos humanos –, mas a cidade de Caldwell e suas cercanias se tornaram cidades fantasmas cobertas de neve, sem carros

pelas ruas intransitáveis, nem pedestres nas calçadas impraticáveis.

Na noite anterior tentaram localizar Xcor, pelo que imaginaram seria a última vez. Mas quando ficaram presos na Costa Leste, com o voo sobrevoando o Atlântico atrasado, aventuraram-se, uma vez mais, no que certamente seria a derradeira procura do líder deles.

E, assim como antes, não descobriram nada. Quer por conta do mau tempo, quer…

Ah, a quem tentava enganar? , Zypher pensou ao fazer a curva na esquina do beco que se tornara familiar. Xcor havia desaparecido de vez, muito provavelmente em sua cova. Precisavam de fato desistir disso, ainda mais porque agora, além de frustrados, estavam congelando. Melhor descansarem, pois ao cair da noite do dia seguinte, começariam a batalha de encontrar uma luta diferente, ou quem sabe, um caminho diverso para regressarem para casa.

Uma coisa pela qual ansiava? Retomar as acomodações do castelo.

O restaurante abandonado em que vinham ficando era melhor do que muitos dos lugares nos quais se alojaram do decorrer dos séculos, mas não se comparava aos amontoados de pedras bem aquecidas deles lá no Antigo País.

Contudo, tiravam vantagem do que podiam do local no qual fixaram residência, aproveitando-se da porta do prédio adjacente como rota alternativa de fuga e monitorando os demais negócios abandonados para o caso de os humanos revolverem retornar ao bairro degradado.

Sim, ficaria contente em partir, mesmo lamentando aquele que deixariam para trás.

Zypher chegou primeiro à porta, e, seguindo o protocolo, postou-se de lado e protegeu seus companheiros guerreiros enquanto eles abriam a porta e se perfilavam para entrar – não que houvesse algo do que se protegerem.

Pensou que seria bom caso tempestades como aquela acontecessem com maior frequência de modo a afastar os humanos das ruas.

Syn foi o último a entrar pela porta, e depois Zypher verificou uma vez mais o beco enterrado em neve e os prédios vazios do lado oposto. Em seguida, ele também desapareceu no interior, que não estava mais aquecido, mas que tinha muito menos brisas geladas do que o ambiente exterior.

Era um alívio não ter neve obscurecendo a vista e abafando a audição.

O som do grupo batendo os pés para se livrarem da neve e sacudindo chapéus e luvas fez com que se lembrasse do estouro de um rebanho acompanhado pelo som de pássaros. Não que tivesse algum dia visto algo semelhante, mas imaginou como seria…

– Algo errado aqui dentro.

– Alguém esteve aqui.

Conforme a presença do intruso foi percebida por todos, puseram-se em posição de defesa, agachando-se e sacando suas armas. Mas não havia ninguém…

– Cheiro de pólvora? – um deles disse.

– Talvez um sinalizador…

Nesse instante, a porta se abriu atrás deles…

E o cheiro que entrou com o frio deteve tudo. Aquele cheiro… e o tamanho do macho que preenchia o vão entre os batentes… e a aura de poder que o acompanhava…

A porta foi fechada lentamente. E ainda assim ninguém se moveu.

A voz, aquela que Zypher já desistira de ouvir novamente, disse com clareza:

– Nenhuma saudação ao seu líder? Fiquei afastado por tanto tempo assim?

Zypher deu um passo à frente na escuridão. E mais um.

Depois, com a mão trêmula, enfiou-a no casaco e pegou uma lanterna.

Era Xcor. Uma versão mais magra e envelhecida de Xcor, mas era o guerreiro sem dúvida.

Zypher estendeu a mão e tocou no ombro largo. Depois, sim, tocou-o no rosto.

– Está vivo – sussurrou.

– Sim – Xcor sussurrou de volta. – Por pouco. Mas estou.

Não soube quem deu o primeiro passo, se foi ele ou seu líder. Mas braços se envolveram e os peitos se encontraram, o presente se realinhando com o passado que sempre incluiu o macho que miraculosamente se postava diante

dele.

– Meu irmão, pensei que esta noite jamais viria. – Zypher fechou os olhos.

– Eu havia perdido as esperanças.

– Eu também – Xcor admitiu rouco. – Eu também.

Quando Zypher recuou, Balthazar se aproximou, assim como os outros.

Um a um, abraços foram trocados, tapas fortes dados nos ombros. Se lágrimas se formaram nos olhos, não foram derramadas, mas nenhuma voz se mostrou capaz de falar – mesmo Syn pareceu comovido, o pior dentre todos eles afetado como os demais.

A missão deles de localizar Xcor acabara se tornando uma resolução tácita de que se ao menos descobrissem o que acontecera, ou quem sabe se conseguissem localizar seus restos mortais para dispor deles adequadamente, talvez pudessem viver em paz com o ocorrido. Mas há tempos perderam a esperança de aquela reunião seria o destino deles, aquele regresso vital uma dádiva ao qual não ousavam aspirar.

– Foi a Irmandade? – Balthazar demandou. – Eles o levaram?

– Sim.

No mesmo instante, rosnados permearam o ar frio e parado como se uma matilha de lobos tivesse sido atiçada, numa promessa de sofrimento em troca do mal que fora causado a um deles.

– Não – Xcor disse. – É mais complicado do que isso.

Xcor estivera se escondendo do outro lado da rua, observando a entrada do restaurante abandonado, esperando para ver se qualquer um dos seus machos viria ao espaço vazio antes do amanhecer. Preferiu passar a noite assim em vez de ficar no interior escuro, visto que Qhuinn e Tohr, e possivelmente outros, estavam a sua caça. Temia ficar encurralado e ser assassinado.

Com isso, agachara-se dentro de um prédio sem portaria que oferecia visibilidade e vidraças pelas quais conseguiria se desmaterializar no caso de ouvir um mínimo assobio do vento que não fosse do seu agrado. E conforme o tempo passava, seus pensamentos com frequência se desviavam para Layla, o que lhe foi benéfico visto que as imagens do corpo nu dela aqueceram o seu, mantendo-o alerta apesar da exaustão incomum. Com a aproximação iminente da aurora, ele não tinha um plano certo quanto ao que fazer após a sua chegada, a não a de que não retornaria para a casa segura.

Pelo menos, com o surgimento do sol, ele não teria que se preocupar com os Irmãos indo atrás dele.

Os problemas relacionados à luz solar também os afetavam.

Só que, em seguida seus machos chegaram, materializando-se na nevasca como aparições aterrissando num cemitério, os corpanzis surgindo no meio da neve que caía, um a um. Tão feliz ficou em vê-los que abriu a boca para chamá-los do seu poleiro junto à janela. Anos de treinamento na guerra, contudo, o silenciaram antes que ele emitisse uma sílaba sequer de saudação.

Foi preciso muito autocontrole para esperar um tempo, só para ter certeza de que não haviam sido seguidos.

E, ao entrar no covil deles, não teve certeza se seria bem recebido, preocupou-se que a cadeia de poder um dia por ele criada e reforçada com brutalidade tivesse causado um motim irreversível.

Em vez disso, fora recebido como um irmão. Um cuja morte presumida fora lamentada e sentida.

Ah, como desejou que pudessem permanecer um pouco mais naquele clima de camaradagem daquele reencontro emotivo. Mas dispunha de pouco tempo, e quanto mais se demorasse com eles, menos eles estariam seguros.

– Quer dizer que fugiu da Irmandade – alguém declarou com orgulho. – Quantos deles você matou?

Pensou em Qhuinn tentando abrir os portões na entrada daquela caverna.

– Não matei ninguém. E não estou livre.

– O que isso significa? – Zypher perguntou.

Na luz certeira da lanterna do macho, Xcor cruzou os braços diante do peito e olhou cada um dos seus bastardos nos olhos.

– Fiz um juramento para o Rei Cego. Jurei fidelidade ao trono dele.

O silêncio que veio após o seu pronunciamento era esperado.

– Foi coagido, então? – Zypher inquiriu. – A troco da sua liberdade, garantiu lealdade a Wrath?

– Não, eu a dei de livre e espontânea vontade.

Balthazar meneou a cabeça.

– A Escolhida, então.

– Não, o Rei, então. – Xcor falou lenta e claramente, confiando nos longos anos de sobrevivência no campo de batalha juntos para dar às suas palavras o peso de sua total convicção. – Jurei minha lealdade a Wrath, filho de Wrath, espontaneamente, a despeito da Escolhida Layla, e não em troca de me desculpar por minhas ações passadas.

– Subjugou-se? – Zypher perguntou.

– Sim, e digo a todos vocês, o Rei quer o mesmo juramento de vocês.

– Essa é uma ordem sua? – Zypher demandou.

– Não. – Xcor uma vez mais os fitou nos olhos. – Ele quer isso em troca da exoneração da pena de morte contra vocês. Ele perdoará cada um de vocês por suas traições, e lhes garantirá um regresso seguro para o Antigo País, se forem até ele e lhe jurarem fidelidade.

– Mas você não está nos ordenando a fazer isso?

– Lutarei lado a lado com cada um de vocês até a noite da minha morte. Mas jamais os forçarei a abaixarem as cabeças diante de um líder. Respeito-os demais para isso e, além do mais, suspeito que Wrath saberia disso.

Apesar da cegueira… ele enxerga as coisas com muita nitidez.

Houve murmúrios entre o grupo. Em seguida, uma voz grave disse:

– O que fizeram com você.

Aquele era Syn, e não foi uma pergunta.

– Mantiveram-me livre.

– Um traidor em meio a eles – o bastardo disse ao dar um passo adiante. – Um traidor do Rei deles e ainda assim o mantiveram vivo?

– Feri-me no campo de batalha. Levaram-me e me mantiveram vivo.

Zypher meneou a cabeça.

– Wrath, assim como você, não é conhecido por sua fraqueza. Isso não faz sentido.

– É a verdade. – Xcor virou as palmas na direção dos céus, erguendo-as. – Digo-lhes apenas o que aconteceu. Fui ferido, eles me levaram, e garantiram que eu sobrevivesse. – Para que pudessem torturá-lo, fato. Mas queria paz entre a Irmandade e os Bastardos, então editaria essa informação. – Fugi e agora os procurei.

– Isso não faz sentido algum – Syn ecoou numa voz baixa e maligna. – Você fugiu, mas então como fez seu juramento a Wrath? Foi mantido prisioneiro por uma facção da Irmandade, sem que o Rei soubesse?

– Os detalhes não importam.

– Ao inferno que não. E não compreendo esse juramento. Não é da sua natureza se submeter a outrem.

Xcor sorriu com frieza.

– Não creio tê-lo ouvido falar tão longamente assim antes, Syn.

– Se existe um motivo para conversamos, este é ele. E volto a repetir, isto não faz sentido algum e não compreendo por que abaixou a cabeça diante de outro.

– Evolução do meu pensamento.

– Ou do seu pau.

Antes que Xcor pudesse pensar duas vezes, grudou no rosto de Syn, apesar de o outro guerreiro superá-lo atualmente em peso.

Expondo as presas, Xcor disse:

– Não me subestime. Estou propenso ao igualitarismo, mas até certo ponto.

Os dois se encararam, olho no olho, peito contra peito, por algum tempo, e os demais recuaram para o caso de uma briga se desencadear.

– Por conta de uma fêmea, então – Syn disse arrastado.

– Por conta do amor da minha vida. E trate de se lembrar disso, bastardo.

Enquanto Xcor falava, a fragrância da sua vinculação emanou, e isso chamou a atenção do outro macho. As sobrancelhas de Syn se ergueram, e ele se retraiu sutil, mas perceptivelmente para alguém que o conhecia até a medula – que era o caso de Xcor.

Depois de um instante, a inclinação de cabeça de Syn foi leve, mas incontestável.

– Perdão.

– Aceito. E ela não tem nada a ver com isto. – O grupo respirou coletivamente em alívio quando a agressividade se dissipou, mas Xcor não lhes deu tempo para relaxar. – Como já disse, em troca do juramento de vocês, Wrath os exonerará de qualquer punição, mas terão que retornara para o Antigo País. Assim como eu.

Zypher riu.

– Na verdade esses eram os nossos planos. Estávamos prestes a partir, mas com esta nevasca… Ela nos impediu como se este reencontro tivesse sido programado pela Virgem Escriba.

– Um acontecimento fortuito, sem dúvida.

O grupo se calou, e Xcor lhes deu tempo para avaliá-lo e pensarem no que ele lhes contara. Mas não poderia se demorar mais com eles.

Já fora alvejado uma vez nesta noite. Não queria atrair os Irmãos até ali.

– Portanto, é isto o que temos na mesa de negociações – disse ele. – Vou deixá-los para que reflitam. Se escolherem não fazer isso, são grandes as chances de retornarem para a mãe terra, e permanecerem em segurança por algum tempo. Mas essa é uma existência da qual já estou farto. Nunca deixarão de olhar por sobre os ombros, e, não se enganem, Wrath um dia os procurará. Pode demorar um tempo, visto que existem outras prioridades. No fim, contudo, a vingança dele será encontrar vocês. Ele é um macho a favor da paz, mas não da castração.

– Espere – Balthazar interveio. – Se você está com o Rei, por que não é seguro para nós estarmos ao seu lado? Presumo que seja por isso que esteja partindo.

Xcor hesitou, e depois concluiu que parte das informações eram devidas.

– Alguns dentro da Irmandade não estão aceitando o meu juramento.

– O pai do filho da Escolhida, imagino – um dos guerreiros disse.

Xcor deixou isso pairar no ar, pois tanto era uma conclusão lógica quanto não da alçada deles. Jamais negara que a Escolhida estivesse grávida, mas tampouco comentara a esse respeito – e certamente não discutiria sua vida particular com ninguém, nem agora, nem nunca.

Xcor voltou para a saída.

– Vou deixá-los por enquanto. Vocês têm muito em que pensar. Eu os encontrarei daqui a vinte e quatro horas, no nosso ponto de encontro. Vocês poderão me dar suas respostas, então.

Ele suspeitava que todos eles já sabiam qual ela seria. Mas precisava de tempo para garantir que, caso os levasse diante de Wrath, seus machos estariam seguros.

– Aonde irá agora? – Zypher perguntou.

– Eu os encontrarei às quatro da manhã de amanhã. – Xcor se virou. E antes de abrir a porta, olhou por cima do ombro. – Nunca pensei que voltaria a vê-los.

O fato de sua voz se partir não era algo que ele pudesse mudar. E também era evidência de quanto *ele* havia mudado.

E não era que ele fosse um macho novo, pensou ao se preparar para voltar a enfrentar o frio e a neve.

Não, seria melhor dizer havia voltado a ser o indivíduo que outrora fora, a transformação um retorno para o macho que a ambição e a crueldade haviam eclipsado. E descobriu que esse retorno era tão bem-vindo quanto a visão daqueles guerreiros, a única família que ele jamais conhecera, aqueles que o aceitaram quando todos os outros, tanto do seu sangue quanto desconhecidos, o rejeitaram.

Conforme a neve açoitava seu rosto e o vento cortava as roupas que pegara emprestado, rezou para conseguir a paz verdadeira com o Rei que tentara destronar de modo a fazer com que seus soldados ficassem a salvo.

Se não poderia ficar com a fêmea que tinha seu coração e sua alma? Pelo menos poderia cuidar dos guerreiros que o serviram tão bem por tanto tempo. Isso ele teria que compensar.

CAPÍTULO 45

No fim de tarde do dia seguinte, Layla despertou e de pronto estendeu o braço para os filhos, mas não havia necessidade para se preocupar. Rhamp e Lyric estavam bem ao seu lado na cama elevada dos aposentos privativos da Virgem Escriba, com os preciosos cílios repousados, a

respiração profunda e a expressão de concentração evidências dos esforços que faziam para crescerem sãos e fortes.

Quando ela rolou de costas, teve a sensação de que a noite estava chegando lá embaixo na Terra. Era sempre assim, uma transmutação das mudanças de lá, da luz para a escuridão, de estação em estação, reverberando no Santuário.

Movendo-se com cautela a fim de não perturbar os bebês, levantou-se e parou um instante para observar seus rostinhos. Fora um período adorável, esse interlúdio particular, cada momento saboreado, cada toque e cada sorriso, cada afago e cada carinho, detalhes com que encheu seu coração.

Como os deixaria?

Seria muito difícil, uma ferida aberta que estivera cicatrizando durante aquelas horas pacatas e cruéis.

Para se poupar das lágrimas, virou-se e afastou-se ao longo do piso de mármore. Pensar que dormira no espaço pessoal da Virgem Escriba com os filhos era quase bizarro demais de compreender, mas tampouco teria imaginado uma noite em que a mãe da raça não existisse mais e que houvesse uma alternância de visitações entre ela e Qhuinn.

No entanto, as mudanças aconteciam quando deviam e, por vezes, só o que nos resta fazer é aceitar e fazer o que pudermos.

Além disso, os aposentos foram muito confortáveis; a cama, macia; o piso de mármore branco, bem como as paredes e os armários, tranquilizadores;

a…

Layla franziu o cenho. Do lado oposto, uma das portas dos armários estava entreaberta. Estranho. A extensão de portas de mármores com puxadores quase invisíveis estivera completamente fechada quando ela entrara ali para descansar.

Aproximando-se, sentiu-se nervosa sem nenhum motivo aparente. Seria improvável que a Virgem Escriba estivesse se escondendo ali ou algo assim.

Enganchando o dedo no puxador, ela abriu a porta, sem saber o que esperava ver…

– Ah… Oras.

Uma *legging* com estampa de zebra. Uma jaqueta de couro preta. Botas grandes como a sua cabeça, um boá de plumas rosa, calças jeans, camisetas básicas brancas e pretas…

– Tentei não te acordar.

Layla girou ante a voz masculina e cobriu a boca com a mão para não acordar os bebês. Quando viu quem era, contudo, abaixou o braço e franziu a testa em sinal de preocupação… e do mais absoluto choque.

Não, não podia ser…

Lassiter, o Anjo Caído, sorriu e se aproximou dela, os longos cabelos loiros e negros balançando até o quadril, os piercings e as correntes douradas fazendo-o brilhar.

Ou talvez ele brilhasse por algum outro motivo.

Layla pigarreou enquanto as implicações se avolumavam umas sobre as outras.

– Você está… ela está… ou fez… o que…

– Sei que está balbuciando assim porque está tão animada – ele disse – que acabou sem palavras.

Layla sacudiu a cabeça – para em seguida assentir para não ofendê-lo.

– É só que… quero dizer… *você*?

– Isso mesmo, eu. A Virgem Escriba me escolheu. A mim, eu, euzinho. – Ele fez alarde ao dar pulinhos como uma menina de seis anos de chupeta e sapatos de sapateado. Só para, em seguida, deixar a bobagem de lado e ficar muito sério, fitando-a nos olhos com uma expressão inflexível. – Não contei a ninguém ainda, nem você pode contar. Só imaginei que, como está ficando aqui com os bebês, acabaria descobrindo cedo ou tarde porque estou me mudando para cá.

Ela olhou para a cama em alarme, mas ele levantou as palmas.

– Ah, não, não ficarei aqui enquanto você estiver. Sei que quer a sua privacidade e respeito isso. Também quero ajudá-la. Você passou por maus bocados, não passou?

A compaixão e a compreensão de Lassiter foram tão inesperadas que ela se emocionou.

– Oh, Santa Virgem Escriba, estou tão… – Deteve-se ao perceber que essa expressão já não se aplicava mais. – Hum…

– Pois é, não sou virgem e odeio escrever. Portanto, vai ter que dizer outra coisa. Eu estava pensando em algo do tipo Grande e Sublime Pooh-Bah,[1] mas creio que os humanos já fizeram isso, malditos.

– Ah… – Ela hesitou, pois estava tão surpresa que não conseguia pensar em nada para dizer. – Bem, tenho certeza de que pensará em alguma outra solução.

Mas só os deuses sabiam o que poderia ser.

– E quanto aos aposentos – ela disse –, não quero atrapalhar. Mudarei nossas coisas para o dormitório…

– Não, não, eu não durmo aqui. Só pendurei algumas roupas para ver qual era a sensação, só isso. Esta promoção também requer alguns ajustes da minha parte – sabe, tentar descobrir que poderes eu tenho. – Inclinou-se para perto de modo conspiratório. – Isto é, com o que é que consigo me safar. Ei! Sabia que eu sei fazer nevar?

– O quê?

– Neve. – Imitou algo caindo com as pontas dos dedos. – Sei fazer uma porrada de neve. E sabe o que vai ser ainda mais divertido? Observar os cientistas humanos tentarem descobrir porque aquela nevasca aconteceu. Vão começar a falar de mudança no clima do planeta, mas eu tinha que ajudar o

seu garoto.

– Xcor? Desculpe… Não estou entendendo.

– Longa história. Bem, voltando, como você está? E as crianças?

Ele perguntou como se nada estivesse acontecendo.

– Perdoe-me, hum… ah…

– Vamos tentar Vossa Excelência.

Layla piscou.

– Tudo bem. Perdoe-me, Vossa Excelência, mas como ajudou Xcor?

– Eu precisava manter o s guerreiros dele por estas bandas. Portanto, olha o *veeeento do norte*!

– Quer dizer que ele os localizou!

– Sabe, no fim o destino é coisa demais para alguém como eu. – Deu de ombros. – Quem haveria de saber que era preciso tanto esforço para dar às pessoas uma oportunidade de elas exercitarem o livro arbítrio? É como se o mundo fosse um tabuleiro de xadrez para cada uma das pessoas das quais estou encarregado. Portanto, estou jogando umas cem mil partidas ao mesmo tempo.

– Uaaau.

– Pois é, está vendo? Graças a Deus pelo Transtorno de Déficit de Atenção com Hiperatividade! – Deu um amplo sorriso, e depois franziu o cenho. – Na verdade, acho que agora podemos dizer “graças a mim”.

Layla teve que sorrir.

– Por certo você será uma mudança e tanto, Vossa Excelência.

Lassiter revirou os ombros.

– Não, isso soou estranho. Vamos tentar “Eminência”. Tenho que usar algo com o qual me sinta à vontade.

– Muito bem, Vossa Eminência.

Ele estalou o pescoço.

– Não. Também não vai ser isso. Teremos que trabalhar mais nesse título… Ah! – O Anjo Caído, hum, o chefe de tudo… hum… deu um pulo como se tivesse sido cutucado na lateral do corpo. – Ok, tenho que ir. Cuide-se, está bem, e você sabe o que tem a fazer depois.

– Eu sei?

– Sabe, sim. Você tem uma carta para jogar, uma peça para mover, na verdade. Você sabe o que é. E lembre-se – levou o indicador aos lábios –… psiu. O meu trabalho é o nosso segredinho até segunda ordem.

– Ah, sim, claro.

– Tchauzinho!

Dito isso, Lassiter desapareceu, uma cascata de luzes tremeluzentes caindo até o chão, e bem nessa hora Cormia apareceu na porta dos aposentos privativos.

– Como estão todos? – a fêmea perguntou.

Ah, então ele foi embora para não ser visto, Layla concluiu.

Voltando ao presente, Layla se recompôs.

– Ah… foi tudo bem. Muito bem mesmo, obrigada.

A outra Escolhida avançou até perto dos bebês.

– Olá, crianças. Estão acordando? Oi, oi, tudo bem?

Sub-repticiamente, Layla foi até o armário para fechá-lo de modo que a estampa de zebra não aparecesse – e depois tentou sorrir, como se não soubesse o que sabia, nem tivesse ouvido o que ouvira.

– Eles se comportaram muito bem. Claro que segui a rotina deles. Deixe-me apenas juntar o lixo e poderemos descer.

Ela foi até a sacola em que juntara as fraldas usadas e passou a alça pelo ombro. Depois se aproximou da cama.

– Tenho certeza de que Qhuinn estará animado em vê-los. Sei que eu estava quando… bem, estou contente que tenha vindo me ajudar com o transporte de novo. Obrigada.

Os olhos de Cormia estavam entristecidos, mas a voz saiu firme e deliberadamente jovial.

– Mas claro! Qual deles prefere segurar agora?

– Rhamp, foi carreguei Lyric aqui para cima. – Mudando a bolsa de lugar para deixá-la às costas, dirigiu-se ao filho. – Tenho que dividir meu tempo. O que é justo é justo afinal.

Relanceou para Cormia enquanto esta apanhava Lyric. Não havia como evitar. Não que não confiasse na Escolhida com essa tarefa… mas era uma coisa de *mahmen*.

Uma coisa de mãe, como Beth teria dito.

– Alguma coisa excitante aconteceu? – Cormia perguntou ao segurar Lyric nos braços. – Alguma novidade?

– Não – Layla murmurou. – Nenhuma.

– Consegui o emprego, consegui o em-pre-go!!

Therese continuou a falar consigo pelo reflexo do espelho enquanto passava um pouco de maquilagem nos olhos e alisava os cabelos. Pretendia prendê-los de modo que não caíssem no rosto, mas se não acalmasse um pouco os fios antes, ela ficava com a sensação de ter um tutu de bailarina no alto da cabeça.

Engraçado, ela sempre presumira que todas aquelas ondas fossem herança da mãe.

No fim, não era nada disso.

Puxando o fio da tomada, deu mais uma espiada para ver se não havia exagerado na base e no blush. Depois assentiu para si mesma.

– Prontinho.

Bem quando estava para apagar a luz, uma barata passou correndo na frente da banheira manchada, e ela teve que se conter para não pisoteá-la –

ainda estava descalça. Isso teria sido bem nojento.

– Mal posso esperar para sair deste pulgueiro.

Entrando na sala/quarto/cozinha, que soava muito melhor do que a triste realidade de tudo aquilo, apanhou o casaco, o celular, a bolsa e, num impulso, um cachecol. Junto à porta, parou um instante para abaixar a cabeça e enviar uma oração de proteção à Virgem Escriba.

Mas não por causa do emprego novo ou do trajeto até lá. Era para descer as escadas e passar pela entrada do prédio, chegando à rua sã e salva.

Lamentável pensar que se está mais segura nas ruas escuras de uma parte ruim da cidade do que no seu próprio prédio.

Mas, pelo menos, tinha seu plano já detalhado: na semana e meia desde que se mudara para ali com sua mala, a mochila e setecentos dólares em espécie, criara um procedimento para sair de casa. Primeiro passo? Orelha na porta.

Fechando os olhos, concentrou-se no que acontecia no corredor. Nada muito diferente da rotina. Os mesmos gritos e a mesma música alta demais, alguns tapas abafados.

– Maravilha! Agora passo número dois.

Ela soltou a corrente, destrancou a barra que corria verticalmente e destrancou a porta. Depois saiu e trancou tudo rapidinho. Não sabia se corria mais perigo andando pelo corredor ou sendo forçada a voltar para o quarto.

Claro que, como fêmea vampira, era mais forte do que a maioria dos machos humanos. Mas o que mais a preocupava era se um deles a abordasse com uma arma de fogo. Provavelmente saberia lidar com uma faca ou navalha de qualquer tipo, mas uma bala era…

Mas. Que. Droga.

Como se estivesse esperando que ela saísse, o esquisito do outro lado do corredor saiu na mesma hora que ela. Comparado a ela, ele parecia muito mais relaxado ao sair, sem pressa alguma. Primeiro porque devia estar muito doidão, segundo, ela tinha a impressão, mesmo com o mínimo de interação que tivera com ele, que ele meio que estivesse encarregado daquele lugar.

O que estava garantido era que ele sempre a encarava como se ela fosse uma refeição a ser consumida.

Nojento.

Preparando-se para o tipo de cantada barata que ele lançaria, ela…

– Ai, cacete! – ele murmurou ao vê-la.

E logo se virou e começou a se debater com a maçaneta da porta. Como se quisesse voltar para o apartamento.

Therese olhou para uma ponta e para a outra do corredor. Não havia mais ninguém por perto. Talvez estivesse sofrendo alguma alucinação paranoica ou algo assim? Tanto faz, não tinha a mínima intenção de ir perguntar se ele estava se sentindo bem ou reclamar do fato de que, de repente, ele parecia

disposto a evitá-la.

Apressando-se, ela seguiu para a escada, descendo os degraus às pressas. Sabia que provavelmente deveria se desmaterializar, mas todas as janelas no prédio inteiro eram cobertas por uma grade aramada de aço e nenhuma delas se abria. E embora fosse quase certo de que o concreto, os tijolos ou o diabo que fosse o material constituinte das paredes não estaria fortalecido com nada; ela não podia correr esse risco. Ouvira histórias de terror do que acontecia quando os vampiros calculavam mal e tentavam se desmaterializar por paredes.

E como estava sozinha no mundo, esse era mais um risco que não podia se dar ao luxo de tentar.

Therese estava na metade das escadas, prestes a fazer uma curva quando dois homens que vinham subindo chegaram ao patamar junto com ela. Reconhecendo-os da entrada, abaixou os olhos e enfiou as mãos no casaco para aproximar mais a bolsa do corpo.

Os dois deram um salto e se chocaram, antes de grudarem na parede de modo a deixar que ela passasse.

Quando algo semelhante aconteceu enquanto saía pela entrada da frente, outro humano que ela vira vagabundeando ao redor do prédio saindo rapidamente do seu caminho, ela concluiu que devia estar com alguma doença transmissível que somente a outra espécie reconhecia?

Mas, pensando bem… Caramba, será que descobriram que ela era uma vampira? Não tinha a mínima noção do que poderia ter feito para se revelar, mas por que outro motivo esses caras a tratavam como se ela estivesse com uma dinamite nas mãos?

Claro que deviam estar todos drogados, mas uma psicose coletiva envolvendo mulheres de cabelos escuros era altamente improvável.

Ainda assim, por que discutir com aquilo que a mantinha segura? A menos, claro, que se tratasse de descobrirem a respeito da sua espécie, e se fosse o caso, estaria em sérios apuros. Mas, mesmo assim, que tipo de credibilidade aquelas pessoas teriam? Viciados em drogas frequentemente sofrem ilusões, correto?

Do lado de fora, ela fez uma pausa.

Uau. Neve. Por toda parte… neve. Devia haver pelo menos um metro ao redor do prédio, e o vento que a manteve acordada durante o dia empurrou os flocos formando montes.

Ao sair, não se surpreendeu em ver que o caminho até a calçada, por mais ridículo que ele fosse, não havia sido liberado. O que a incomodou foi que suas botas Merrells, a prova d’água e confortáveis, só chegavam até os tornozelos. Meias molhadas seriam moda esta noite, concluiu.

Quando chegou à calçada, descobriu que o concreto também não fora limpo, evidentemente. Olhando para a direita e para a esquerda, debateu-se se

não deveria simplesmente mandar tudo para os ares e se desmaterializar em plena vista, mas não. O sol já se pusera, mas estava mais ou menos escuro ainda, e o brilho da cidade se refletia e era amplificado pela camada branca. Acabariam por notá-la, por isso precisaria encontrar um local mais escondido.

Descendo dois quarteirões, aninhou-se dentro do casaco desgostando bastante da queimação de frio nas orelhas. Pelo menos o pescoço estava aquecido e as mãos estavam protegidas dentro dos bolsos do casaco. Virando à esquerda, entrou num beco bem mais escuro que a rua de trás, fechou os olhos e…

… se desmaterializou até os fundos do restaurante Sal's.

Ao retomar sua forma, percebeu alguns carros entrando e se aproximando da entrada de serviço. Humanos, um homem e duas mulheres, saíram dos carros, sem dizer muita coisa ao se apressarem para a porta dos funcionários como se estivessem atrasados ou com frio. Talvez ambos.

Therese seguiu os exemplos deles, segurando a porta aberta antes que ela voltasse a se fechar, depois batendo as botas para tirar a neve no capacho de borracha logo na entrada.

– Oi.

Quando ela levantou o olhar, foi para encarar um macho humano extremamente atraente. Ele tinha cabelos loiros escuros, olhos azuis como o

de uma caneta marca texto e um maxilar quadrado perfeito.

– Você é a recém-contratada? – ele perguntou.

– Sou, sim.

Uma mão bem grande foi estendida na sua direção.

– Sou Emile.

– Therese. Tres.

– E você tem um sotaque. Como eu. Bem, não é francês, como o meu.

Ela sorriu.

– Não, não sou da França.

Não houve um esquete do Saturday Night Live *que começava bem assim?* , pensou. Talvez ela fosse uma vampira e ele, um alienígena.

– Venha, vamos para a saleta dos funcionários? – Ele indicou o caminho à frente. – *Oui*?

Ela assentiu e o seguiu, tirando o cachecol e desabotoando o casaco.

– Já trabalhei como garçonete antes. Mas ainda estou nervosa.

– Enzo, o gerente da frente do salão? Fez entrevista com ele? Ele é muito camarada. Muito bom. Ele lhe dará uma chance.

– Recebi uma cópia do cardápio. Passei o dia decorando-o.

Ao entrarem na cozinha, havia uma antessala com armários onde os funcionários podiam guardar seus pertences, e ela passou os olhos pelas pessoas que estavam por ali conversando. Os homens e as mulheres pareciam

estar com vinte e poucos anos, evidentemente se esforçando para começar a vida e se tornarem independentes da família – o que era exatamente o que ela estava tentando fazer. Uns dois olharam para ela, mas a maioria só estava se preparando para o início do jantar.

O encarregando pelo funcionamento da frente da casa, Enzo Angelini, apareceu e se dirigiu a ela e aos demais.

– Que bom, você está aqui. Atenção todos, esta é Therese. Therese, você aprenderá o nome de todos com o tempo. Venha comigo para assinar a documentação, e já separei seu smoking.

Havia algo de reconfortante em seguir uma rotina e procedimentos. Depois que saiu de casa, tudo estivera livre, sem limitações, mas também leve demais com uma sensação meio de “cair na estrada sem lenço nem documento”.

Isto seria algo bom.

A única coisa não tão boa que vinha acontecendo? Ela parecia incapaz de se livrar dos pensamentos envolvendo aquele macho de duas noites atrás. Imagens dele eram como uma ressaca sem ter bebido nada, a cabeça latejava, seu estômago se contorcia quando ela se lembrava do beijo.

Ele parecera determinado em deixá-la em paz.

E isso ainda parecia ser um bom plano.

Entretanto parecia estranho sentir a falta de alguém que não conhecia,

alguém que era um completo desconhecido. Mas seu coração doía um pouco ante o pensamento de que nunca voltaria a vê-lo.

Nada disso importava, contudo. Deviam ser os hormônios. Ou quem sabe a tristeza por tudo o que acontecera quando ela partira do Michigan estivesse contaminando outras áreas da sua vida.

Isso, devia ser isso mesmo.

Porque como seria possível lamentar a perda de alguém que você não conheceu por pouco mais do que vinte minutos?

Pooh-Bah é uma das personagens da ópera cômica “Mikado”, de Arthur Sullivan e libreto de W.S. Gilbert. (N.T.)

CAPÍTULO 46

Assim que entrou no quarto dos gêmeos, Qhuinn estava preparado para ficar sozinho com eles, preparando-os para irem à casa dos pais de Blay… Mas Cormia estava junto aos berços, acomodando-os. A boa notícia? Pelo menos Layla não estava por perto, ainda que sentisse o cheiro dela pairando no ar – e esse insulto só piorou ao se aproximar dos berços e sentir o mesmo cheiro nas crianças.

Ignorando a *shellan* de Phury, ele imediatamente marchou para o banheiro, colocou as duas banheiras dentro das cubas fundas da pia, e deixou a água quente correr.

Quando ele saiu, Cormia encarou-o de um modo direto que ele não

apreciou.

– Gostaria que eu o ajudasse com os banhos? – perguntou.

Como se ele fosse incapaz de fazer isso.

– Obrigado, mas não.

A Escolhida hesitou, ainda parada entre os dois berços.

– Veja bem, sei que agora está bem difícil.

Na verdade, não sabe, não, ele pensou.

– Mas – a fêmea continuou – Layla adorou estar com eles, e você pode ver que eles estão muito bem.

Pelo menos seus filhos ainda estavam respirando. Isso era verdade.

– Eu acredito mesmo que você…

Qhuinn levantou a mão.

– Obrigado por sua ajuda e preocupação. Verdade, você foi ótima. Não sei dizer o quanto sou grato.

Com gentileza, porém firmemente, ele a segurou pelo cotovelo e a acompanhou até a porta.

– Sério mesmo, simplesmente maravilhoso.

Assim que ela pisou no corredor das estátuas, ele fechou e trancou a porta – e logo se envolveu com os banhos, garantindo que a temperatura estivesse na temperatura perfeita, lavando primeiro Rhamp, porque era muito mais fácil lidar com o filho, por tantos motivos, e depois lavou, ensaboou e

enxaguou Lyric.

Quando o par estava de volta aos berços, todos coradinhos e quentinhos, ele pensou que agora ainda teria que vesti-los para a excitante saída da casa. Aproximou-se do armário, onde duas cômodas foram colocadas lado a lado. E ao abrir as gavetas, maravilhou-se com todas aquelas roupinhas pequenas, os macacõezinhos e as camisetas pequeninas, as “calças” e as “saias”. Por um segundo, imaginou quanto tempo levariam para lavar todas aquelas peças, dobrá-las, e garantir que estivessem no lugar correto, tudo rosa de um lado, e marrom e azul do outro.

Layla gostava de arrumar Lyric com as roupinhas mais bonitas e delicadas. Por isso ele vestiu a filha num par de jeans e uma camisa polo do irmão. Depois arrumou Rhamp no menor conjunto de terno e gravata que já vira a não ser os do boneco Ken.

Consultou as horas, pensando se deveria tomar um banho também, mas caramba como o tempo voara. Tivera a intenção de chegar à casa dos pais de Blay bem antes da Primeira Refeição. Mas naquele ritmo? Teria sorte de levá-los até lá antes que pudessem dirigir eles mesmos. E pensou nisso antes de calçar as minúsculas botinhas e vestir os diminutos casacos – e a merda de ir para a frente e para trás até conseguir colocar os dois nos malditos bebês-conforto.

Quando finalmente colocou os dois recém-trocados, completamente

vestidos e protegidos contra o frio – e amarrado os dois nos bebês conforto como se corressem o perigo de começarem a dançar *break* dentro dos ninhos acolchoados? De verdade, olhou para a cama e pensou se não seria uma boa ideia tirar uma soneca.

Mas, caramba, seu trabalho era lutar contra *redutores*. Que tentavam matá-lo.

Não era que sua base de comparação fosse um maldito trabalho burocrático atrás de uma mesa.

– Ok – disse para os dois rostinhos que o encaravam. – Prontos? Vamos em frent…

Nesse mesmo instante, um fedor que era um híbrido de bomba de mau cheiro, de uma lagartixa morta e de algum tipo de fruta podre subiu e o atingiu com tudo nas narinas.

Jesus H. Cristo. Aquele era o tipo de coisa que o faria lacrimejar, devido ao qual seu nariz ameaçava arrumar as malas e abandoná-lo com nada mais que um par de buracos negros no meio do seu rosto.

– Tá de brincadeira…!

Por uma fração de segundo, imaginou se não poderia ir embora daquele jeito mesmo. Afinal, poderia abrir as janelas do Hummer, aumentar a calefação, e com um tanque de oxigênio auxiliar talvez conseguisse atravessar a cidade.

Inclinando-se para baixo, ficou evidente que Rhamp armara a bomba quente. E Qhuinn teve que admitir, ao desatar o cinto e voltar a pegar o garoto, que ele meio que respeitava o esforço feito, de macho para macho.

Pois é, nada de cocozinho de menina para o seu garoto. O menino descarregava merda como se devia.

Hum… Literalmente.

Pois é.

De volta ao trocador. Uma vez mais o botão e o zíper da miniatura de calças que provocava câimbras nas mãos grandes de Qhuinn. E depois…

– Uau… Ufa! – Qhuinn murmurou ao ter que virar a cabeça para inspirar um pouco de ar fresco.

Quem haveria de dizer que era possível enxergar Deus sem sair do planeta?

E a limpeza requereria uma escavadeira e uma roupa especial contra materiais tóxicos.

Nesse meio tempo, Rhamp só ficou ali, deitado, olhando para ele com os punhos pequenos girando como se ele quisesse um tapinha de palmas no ar como forma de cumprimento.

Dada a falta de foco e de concentração, era possível que se chegasse a essa conclusão, e por mais que os vampiros amadurecessem muito mais rapidamente nos primeiros estágios de vida, evidentemente o olfato deles não

se ajustava até muito mais tarde. De outro modo, o filho não estaria sorrindo.

Enquanto Qhuinn abria as abas da fralda, teve que sacudir a cabeça.

– Você é um verdadeiro cagão, sabia?

Uma batida à porta lhe deu a desculpa para virar a cabeça para esse lado e inspirar profundamente.

– Oi!

Saxton, o advogado do Rei e primo de Qhuinn, inseriu a cabeleira loira e perfeita para dentro do quarto.

– Estou com aqueles documentos que você…

O retraimento dele teria sido cômico se Qhuinn não estivesse até os cotovelos em cocô de bebê.

O advogado até tossiu. Ou talvez fosse o som de ele reprimindo uma ânsia de vômito.

– Santíssima Virgem Escriba, o que é que você anda dando para eles comerem?

– Leite em pós Enfamil.

– E isso legal?

– Na maior parte, sim. Embora, dependendo do trato digestivo no qual o leite é processado, evidentemente existem aplicações militares.

– De fato. – O macho meneou a cabeça como se estivesse tentando organizar as ideias sem inspirar aquele fedor. – Como eu dizia, tenho aqui

aquilo que me solicitou.

– Maravilha. Obrigado. Pode colocar no bebê conforto de Rhamp? Não, pensando bem, na mochila de fraldas. Como pode ver, estou com as mãos ocupadas agora.

– Sim, e creio que ninguém na casa apreciaria se sua atenção fosse desviada. Pensando bem, talvez toda a costa leste.

Enquanto Qhuinn fechava a fralda suja debaixo do bumbum do filho, e começava a puxar os lenços umedecidos como se fosse fazer um paraquedas formando por eles, ficou se perguntando o que faria com aquela Pampers. Talvez a queimaria no quintal dos fundos?

A chama provavelmente seria verde. Seguindo essa teoria, ele deveria então apagar as luzes e ver se ela brilharia no escuro.

– Qhuinn.

– Fala, cara.

Quando o macho não disse nada mais, Qhuinn relanceou por cima do ombro para o advogado meticulosamente bem vestido.

– O que foi?

– Tem certeza? Disso?

– Sim, tenho absoluta certeza de que esta fralda precisa ser trocada. E obrigado, você foi de muita ajuda. Mesmo. De verdade.

Aquilo serviria como adeus. Sentia-se imensamente grato, mas estava

programado para encerrar aquela conversa e afastar qualquer pessoa de perto dele.

E olha que deu certo.

Saxton não se demorou muito mais depois disso, e logo Qhuinn voltou a prender o filho no bebê conforto, lançado a mochila no ombro e pegou o outro transportador de bebês.

Na mesma hora, apoiou-os no chão. Abriu a porta que Saxton fechara ao sair. E tentou de novo aquela coisa que carregá-los para fora do quarto. Porque seria meio que difícil virar a bendita maçaneta se as mãos estavam ocupadas.

Ao avançar ao longo do corredor das estátuas, sentiu uma exaustão permanente e concluiu que talvez as causas fossem algumas possíveis. Não dormira o dia inteiro, a mente se consumindo com pensamentos de Blay, raiva em relação a Layla, e ansiedade a respeito do bem-estar de Rhamp e de Lyric. Além daquela coisa de Xcor. Sem falar na Olimpíada infantil de preparar as crianças para aquela saída.

Infernos, talvez fosse um estado depressivo antecipado só de pensar em prender aqueles malditos bebês conforto nas bases que estavam presas na parte de trás do Hummer. Fizera um teste ao anoitecer e quase perdera a cabeça tentando decifrar como encaixar aquelas merdas de plástico alinhadas onde deveriam se firmar – e isso sem ter Rhamp e Lyric acomodados dentro

das coisas.

Por que os idiotas humanos que faziam aquelas coisas não as construíam de modo que as duas partes se encaixassem como os problemas de Sherlock Holmes? Era de se imaginar que se aqueles ratos sem cauda conseguiram enfiar um filho da puta com roupas de astronauta na superfície da Lua, também deveriam ser capazes de impedir que pais brigassem com assentos para carro.

Simples assim.

Quando chegou a escadaria principal, deixou que a mente continuasse a vagar, dando permissão ao cérebro para reclamar sobre qualquer equipamento e acessório infantil.

Isso era melhor do que ficar se preocupando se Blay estaria ou não na casa dos pais. Se eles superariam essa crise. Ou não.

Muito melhor.

Quando Layla retomou sua forma na varanda de trás do rancho, acabou acionando os detectores de movimento que a iluminaram. Mas, não foi um problema. Nenhum humano a teria visto chegar de lugar nenhum porque ela apareceu nas sombras junto à cerca.

Seguindo para as portas deslizantes, esmagou a camada de neve, e a tristeza por deixar os filhos para trás misturada à preocupação de que Qhuinn talvez fizesse alguma loucura como sequestrá-los sendo substituída pela

ansiedade por não saber se Xcor estaria ou não esperando por ela. Sua mente estivera tão distraída que quase não conseguira se desmaterializar, e ela não estava sendo capaz de sentir a presença dele ali na propriedade.

Inseriu a senha no teclado junto à porta, ouviu a trava sendo aberta, depois a abriu.

O calor a recebeu, assim como o silêncio.

Ela deixara a luz acesa acima do fogão e outra na sala de estar perto da porta. Tudo parecia como estivera – não, espere, o lixo fora retirado.

– Xcor?

Fechou a porta de correr. Inspirou fundo.

Um desapontamento pungente atingiu seu esterno quando não recebeu nenhuma resposta e não sentiu o cheiro dele. Curiosa quanto a quem teria esvaziado as latas de lixo, ela andou até a geladeira. Ela fora completamente reestocada… e estava disposta a apostar que o quarto debaixo também havia sido arrumado.

Evidentemente, uma equipe de *doggens* estivera ali para limpar e arrumar tudo depois que Xcor saíra na outra noite. Além disso, o macho evidentemente não passara o dia debaixo daquele teto.

Sentando-se junto à mesa redonda, apoiou as palmas no tampo lustrado e esticou os dedos, afastando-os. Depois os fechou. E voltou a abri-los uma vez mais.

Ela deduzira que ele estaria ali quando retornasse. Não fora esse o plano? Talvez tivesse sido apenas do seu lado. Não se lembrava.

Ah, Deus, e se ele tivesse sido morto na noite ou no dia anterior? Mas não, isso era apenas a paranoia falando mais alto… certo? Ou será que… que ele encontrara os seus guerreiros? Teriam jurado fidelidade a Wrath e já partido sem que Xcor se despedisse?

Ao prestar atenção ao silêncio na casa, a tranquilidade só era interrompida pelo assobio suave do ar quente saindo pelas ventoinhas da calefação e pelo ruído ocasional de gelo caindo dentro do freezer, e do seu coração batendo forte tanto por tristeza quanto por medo.

E então, enquanto o tempo passava, ela se pegou pensando que, assim como aquela casa, sua vida era deserta demais. Sem os filhos para tomar conta e sem a companhia de Xcor, o que ela tinha?

Considerando-se que ele logo estaria indo embora – se já não fora – e também por serem mínimas as possibilidades de ela voltar a morar na mansão, percebeu que era hora de encontrar algo para si, algo que não fosse ligado à maternidade ou ao matrimônio. Quando estivera exercendo as funções de Escolhida, tivera muito com que ocupar a mente e o tempo, com tantas diferentes tarefas a executar. Aqui, no mundo exterior, contudo? Na era pós Virgem Escriba?

Com a liberdade vinha a obrigação da autodescoberta, concluiu.

Afinal, como se pode exercitar suas escolhas se não se tem a mínima ideia de quem se é? Rótulos de nada adiantariam, títulos como “*mahmen*” ou “*shellan*” não a ajudariam. Era preciso mergulhar dentro de si mesma e descobrir como preencher as horas com atividades significativas para si mesma, enquanto pessoa, enquanto indivíduo.

Uma pena que o que deveria ser encarado como uma aventura, uma exploração, uma elucidação, ela via como sendo um fardo.

Quando o estômago emitiu um ronco, ela relanceou para a porta da geladeira. Havia todo tipo de comida ali, mas pouco a interessava a ponto de fazê-la se levantar e se aproximar de lá, muito menos pegar panelas e tigelas.

Delivery? Já ouvira falar nisso, mas não tinha dinheiro, nem cartão de crédito, e nenhum interesse em se misturar a humanos…

Toc, toc, toc…

Layla deu um salto e se virou na direção da porta de correr. E então sorriu.

Um sorriso grande.

Um sorriso imenso.

Saltando da cadeira, destrancou a porta de vidro e levantou a cabeça até encontrar o rosto que estivera na sua mente nas últimas vinte e quatro horas.

– Você voltou – ela suspirou enquanto Xcor entrou, fechando-os dentro da casa.

Os olhos dele se concentraram na boca dela.

– Aonde mais eu iria?

Layla se viu tentada a fazê-lo jurar que não partiria para o Antigo País sem se despedir adequadamente, mas agora que ele estava na sua frente, ela não queria estragar nem um segundo do tempo dele juntos com pensamentos da separação que se avizinhava.

Levantando-se nas pontas dos pés, ela se inclinou para a frente até se desequilibrar, certa de que ele a seguraria – e foi o que ele fez, com braços sólidos e fortes ao seu redor.

– Diga-me – ele disse depois de beijá-la –, seus filhos estão bem? E você, como está?

Por um instante, ela fechou os olhos. A ideia de que ele perguntasse pelos filhos de outro macho que o detestava era uma coisa tão generosa e gentil de fazer.

– Layla? – Ele se afastou um pouco. – Está tudo bem?

Ela piscou rapidamente.

– Sim, sim, sim. Está tudo bem. Tivemos uma noite e um dia maravilhosos. É tão lindo vê-los. Uma verdadeira benção.

Por um momento, ela entreteve a fantasia de ele conhecer Lyric e Rhamp, dele segurando-os e conhecendo-os. Mas isso jamais aconteceria, e não só porque Xcor estava retornando para o Antigo País.

– E você? – ela perguntou. – Você está bem?

– Agora sim.

Os lábios dele encontraram os seus, os braços voltaram a envolvê-la, e ele a suspendeu, sustentando-a ao encontro do corpo. Fundindo as bocas, ele se moveu até a parede onde a prendeu com os pés pendurados e longe do chão. Com um grunhido, ela passou as pernas ao redor da cintura dele, pendeu a cabeça para um lado… e o beijou com ardor. Toda a sua preocupação, toda inquietação e ansiedade a respeito dele, dos filhos, de Qhuinn… tudo isso saiu pela janela quando o sabor e a fragrância dele passaram a ser as únicas coisas que ela percebia.

Cedo demais, Xcor se afastou, os olhos ardentes percorrendo-lhe os cabelos, os ombros. Ele a via nua, ela pensou enquanto sentia o calor do seu olhar. Ele estava se lembrando exatamente de como ela ficava sem nada, apenas com a pele nua e a paixão para envolvê-la.

– Quando foi que você comeu pela última vez? – ele perguntou.

Ok, talvez ele estivesse pensando em outras coisas.

– Não sei. – Ela deslizou as mãos dos ombros para a nuca dele. – Beije-me de novo… Ah, beije-me…

– Vamos alimentá-la agora.

Dito isso, ela a acomodou numa cadeira como se ela não pesasse mais do que uma boneca. E bem quando ela estava prestes a observar que havia tempo mais que suficiente para tratarem de assuntos calóricos depois de

fazerem amor, ele desceu o zíper da parca que estivera vestindo.

Que era um movimento na direção correta para o que ela tinha em ment…

– Isso é um colete a prova de balas? – ela demandou.

Ele baixou o olhar para o peito.

– Sim.

Ela fechou os olhos por um instante, e não só de alívio por ele ter vestido um. Era também porque desejou que a guerra não existisse. Que ninguém da equipe dele tivesse tentado atirar em Wrath. Que não houvesse motivos para ele se preocupar com pistolas e facas ou com qualquer outro tipo de arma vindo na direção dele.

– O que gostaria de comer? – ele perguntou ao deixar a parca de lado e começar a abrir os fechos do colete. – Tenha em mente, não sou uma grande *chef*. No entanto, bem que eu gostaria de lhe oferecer muita sofisticação.

Princeps ou pobre, *chef* ou não, ela pensou, isso pouco importava.

Ainda mais se ele continuasse despindo…

– Espere, você se machucou? – ela perguntou ao se levantar.

– O quê?

– Você está ferido.

Quando ele despiu o colete, ela apontou para o sangue seco na lateral do tronco dele. E antes que ele minimizasse a situação, ela se aproximou e puxou a camiseta, arquejando ante o ferimento.

– Você foi alvejado. – Afinal, o que mais poderia ter provocado aquela listra? Não uma adaga, com certeza. – O que aconteceu?

Ele deu de ombros.

– Não senti nada.

Ela afastou as mãos dele quando Xcor tentou se esconder.

– Lá pra baixo. Banheiro, agora. Venha.

Quando ele não pareceu inclinado a obedecer a ordem, ela segurou a mão dele e o arrastou consigo, forçando-o a descer até o porão e entrar no banheiro que dividiam. No banheiro, ela ligou a água quente da pia, pegou sabonete e uma toalhinha e depois começou a tirar a camiseta dele.

– Layla…

– Xcor – ela murmurou, imitando o tom entediado dele. – E, sim, sei muito bem que nem adianta eu lhe pedir que vá até Havers nem me deixará chamar a doutora Jane. Portanto, em troca da minha compreensão e natureza sensível, você me deixará limpar esse ferimento.

– Já está curado.

– Será? – Ela molhou a toalhinha e a ensaboou. – É por isso que ela voltou a sangrar agora que tirou o colete? Agora tire essa camiseta ou vou pegar as tesouras.

Xcor começou a reclamar, mas, pelo menos, a obedeceu – e depois sibilou quando ela esfregou com suavidade a faixa de pele inflamada ao redor do

ferimento. Quando ela conseguiu avaliar melhor a situação, concluiu que uma bala deve ter passado de raspão, acertando-lhe o tronco numa parte desprotegida pelo colete, talvez por ele ter estado pulando ou correndo no momento. O colete voltara a se ajustar, selando o ferimento, prendendo-o até ter sido retirado.

Pelo menos essa foi a sua conclusão inexperiente.

– Então, o que aconteceu? – ela perguntou quando enxaguou o pano para tirar o sabonete. – E então?

Quando ela levantou o olhar do que estava fazendo, teve a visão desimpedida do maxilar forte de Xcor, do modo como os molares estavam cerrados. Do mesmo modo, ele cruzara os braços diante do peito, num retrato perfeito de desaprovação.

– Encontrou seus machos? – ela insistiu.

– Não – respondeu de modo breve. – Não os encontrei.

Bem, pelo menos não fora um deles, bravos por ele ter jurado fidelidade a Wrath.

– Foram *redutores*?

Depois de um longo momento, quando ela começou a imaginar se teria que arrancar uma explicação à fórceps, ele assentiu com relutância.

Layla fechou os olhos.

– Odeio esta guerra. De verdade.

Santa Virg… Hum, Santo-Definitivamente-Não-Virgem-Lassiter, ela odiava pensar no que teria acontecido lá naquela nevasca se ele tivesse sido atingido em alguma outra parte, como na cabeça…

– Eu estou bem – ele disse com suavidade.

Concentrando-se nele, ela viu que ele baixara os braços e que a fitava com carinho.

– Não chore, meu amor.

– Estou chorando? – sussurrou.

– Está. – Com cuidado, ele resvalou suas faces com os polegares. – Nunca chore por mim.

Ele a endireitou e a aproximou do corpo.

– Além disso, estou bastante bem. Veja como estou aqui e agora.

Dito isso, ele a beijou longamente, os lábios provocando e tomando posse, a língua lambendo e acariciando a sua; em pouco tempo ela se derreteu, todos os pensamentos de cuidar da ferida dele desaparecendo. O que, indubitavelmente, fora seu plano; no entanto, ela não teve como não ceder.

– Você é um grandessíssimo provocador – ela disse ao encontro da boca dele.

– O que quer dizer?

Sacudindo a cabeça, ela se encostou ainda mais nele, e depois expeliu uma imprecação quando ele recuou e saiu do seu alcance.

– Comida – anunciou. – Agora.

Quando ela começou a protestar, ele ergueu uma sobrancelha. – Deixei que cuidasse de mim. Sou eu quem vai cuidar de você agora.

Com isso, ele apanhou a mão dela e a conduziu de volta à escada. Quando passaram pela cama, ela murmurou:

– Você percebe que existe uma cama aqui. Beeeeem aqui.

– E ela estará a nossa espera assim que terminarmos de alimentá-la, minha fêmea.

CAPÍTULO 47

Quando parou o Hummer na entrada para carros da casa dos pais de Blay, Qhuinn verificou as janelas da casa. Várias delas estavam iluminadas, e ele logo procurou uma específica com um grande corpo se movendo, um lindamente proporcional.

A porta da frente se abriu e, como já esperado, a *mahmen* do macho em questão saiu por ela apoiada em muletas e com gesso na perna, parecendo estar disposta a chegar até o carro apesar da neve e do gelo escorregadio.

Em pânico, Qhuinn segurou a maçaneta, preparado para se desmaterializar diante dela para detê-la, mas logo o pai de Blay saiu e lhe disse algo.

Por um instante, Qhuinn apenas observou as expressões deles enquanto discutiam, o carinho e o amor que sentiam um pelo outro transformando o conflito numa negociação entre partes sensatas.

Algo no que poderia se esforçar, pensou.

– Prontas, crianças? – ele perguntou ao relancear pelo espelho retrovisor. – Hora de verem seus *granhmen*.

Desligando o motor e saindo, acenou para a varanda.

– Boa noite!

– Estou tão feliz! – Lyric disse de longe.

– Ela andou cozinhando – o pai de Blay disse meneando a cabeça. – Ficou cozinhando apesar das ordens médicas dizerem que não deveria apoiar o pé e de esses dois só tomarem leite.

– Mas tenho Qhuinn para alimentar! – Lyric estava decididamente radiante com tanto entusiasmo, prestes a saltar para fora da própria pele. – Além disso, a casa ficará com um aroma gostoso para os bebês. Eles vão adorar o cheiro de canela e de temperos no ar.

Ou talvez não, Qhuinn pensou ao dar a volta para retirar Rhamp primeiro. Era bem provável que o farejador do filho estivesse enguiçado.

Depois de se debater com o assento, soltou o bebê conforto e depois abriu caminho para si e para o filho até o caminho que dava na casa.

– Quer um bebê? – ele perguntou ao pai de Blay.

– Ah, você não sabe o quanto – o macho respondeu ao aceitar a oferta.

Quando Qhuinn estava prestes a se virar, viu como olhavam para o bebê e quase chorou de emoção. Aqueles dois vampiros mais velhos estavam

enfeitiçados de amor, os olhos brilhavam cintilantes, e os rostos estavam corados.

Isso o fez pensar no que Blay dissera a respeito de torturá-los com crianças que não eram netos deles.

Bem, isso ele consertara.

Tentando não dar na cara, apoiou-se num lado e olhou para a entrada da casa. Nada do Blay. E nenhum Blay vinha descendo as escadas tampouco. Nem vinha dos fundos da casa. E Qhuinn estava ansioso demais para tentar pressentir a presença dele.

Hum… Como por aquilo em palavras?

– Blay está aqui?

Quando sua boca se abriu e as sílabas saíram, os pais do macho ficaram congelados no lugar.

O pai de Blay franziu o cenho e depois fitou Lyric, a maior.

– Ele está na varanda dos fundos. Onde mais ele poderia estar?

Lyric, por sua vez, sabia o que estava acontecendo.

– Por que não vai até ele? – Depois olhou para seu *hellren*. – Querido, vá tirar Lyric de dentro daquele imenso pesadelo de emissão de gás carbônico, sim?

Conforme o pai de Blay se punha em ação, Qhuinn sentiu vontade de abraçar a fêmea. E foi o que fez – e o fato de ela aceitar seu abraço tão

prontamente lhe deu esperanças.

– Vá lá – ela sussurrou ao seu ouvido. – Vocês dois deem um jeito nisso. Nós cuidamos das crianças.

Quando Qhuinn se endireitou, parte das suas emoções deve ter sido revelada na sua expressão, porque ela levantou a mão e acariciou seu rosto.

– Eu te amo, mesmo que sua escolha para carros me aterrorize. Isso consome o que, um quilômetro por litro? Na estrada?

O pai de Blay deu sua opinião ao retornar com Lyric:

– Foi ele quem nos levou em segurança ao centro de treinamento ontem à noite. O seu Prius? Aquela coisa não teria chegado nem na estrada.

Como se soubesse que já havia dito o suficiente, Rocke piscou para Qhuinn, sorrindo amorosamente para sua *shellan* e foi rápido para dentro da casa com os dois bebês conforto como se estivesse sendo perseguido por uma edição enrolada da revista *Mother Jones*.1

– Levem o tempo que precisarem, vocês dois – disse a mãe de Blay. – Vou ler alguns artigos sobre as mudanças climáticas para os bebês. Quem sabe fazer com que assistam ao vídeo *Inovando a Zero* de Bill Gates!

Qhuinn a ajudou a entrar na cada, mesmo quando ela resistiu à mão apoiada em seu cotovelo, e ela tinha muita razão: o aroma de canela e de outros temperos estava espetacular, e o calor da lareira da sala de estar íntima estava simplesmente perfeito naquela noite fria, e tudo parecia resplandecer

de tanto amor.

Preparando-se, passou pela cozinha e foi para a varanda de trás. Antes de abri-la, deu uma espiada para ver se a camisa estava bem abotoada e se o casaco de lã estava… sei lá, adequadamente não sei o quê. E ainda procurou por alguma marca de creme contra assaduras para o caso de haver alguma perdida.

Em seguida…

Através da vidraça na parte superior da porta, ele viu Blay parado no frio, vestindo apenas um suéter, fitando o cenário coberto de neve até o laguinho congelado. Quando o macho tragou o cigarro, a ponta alaranjada brilhou mais forte, e depois uma nuvem de fumaça flutuou acima da cabeça ruiva dele.

Ele estava magnífico em sua postura reservada, os ombros aprumados para trás, os olhos estreitados num ponto mais distante, os pés plantados na varanda de outro modo deserta.

Algo disse a Qhuinn que batesse antes de sair para lá.

Quando o fez, Blay não se virou. Apenas deu de ombros de leve.

Para a fome não há pão duro, Qhuinn pensou ao abrir a porta e sair para a noite invernal.

E Deus bem sabia que ele estava faminto.

– Mais torrada?

Quando Xcor lhe perguntou isso do outro lado da mesa, Layla meneou a

cabeça, limpou a boca com um guardanapo de papel e se recostou na cadeira.

– Sabe, estou bem satisfeita, obrigada. – Tradução: já comi duas torradas, dois ovos e tomei uma xícara de Earl Grey. Podemos descer agora para fazer amor?

– Vou apenas preparar mais uma torrada para você. Que tal mais chá?

Enquanto ele se levantava da mesa, ela entendeu, talvez pela postura dos ombros ou pela desaprovação no seu rosto, que ele de alguma forma sabia que ela mentira sobre estar satisfeita – e ele não tinha a mínima intenção de se desviar do seu objetivo de alimentá-la adequadamente.

– Sim, por favor.

Seu tom estava mais para “ao inferno com isso” do que para “muito obrigada por me servir mais chá”, mas era isso o que frustração sexual causava numa fêmea.

– Que tal se levarmos para baixo? – ela sugeriu, pensando que assim estariam mais próximos da cama onde fariam muitas coisas deliciosas. – Na verdade, já vou na frente.

Perto da torradeira Xcor pôs mais duas fatias de pão de forma branco e abaixou a alavanca.

– Eu levarei tudo. Desça e relaxe, deixe sua caneca aqui.

Seguindo para a porta que dava para o porão, ela parou e relanceou por cima do ombro. A cozinha branca e cinza era pequena, e Xcor praticamente a

apequenava mais como se ele fosse um cão pastor alemão dentro de uma casa de bonecas. Era tão incongruente que aquele guerreiro ficasse inclinando sobre a torradeira para acompanhar detalhadamente o processo de torrefação. Não claro demais, tampouco dourado em excesso.

E depois viria o processo de espalhar a manteiga. Ele encarava o processo de espalhar a manteiga sobre a superfície crocante com a mesma seriedade e atenção com que um cirurgião abriria um coração.

Era exatamente assim que ela sempre desejou ser tratada pelo macho que amasse – e isso não dependia de ser Primeira ou Última Refeição, dia ou noite do lado de fora, inverno ou verão. A preocupação e a concentração de Xcor simplesmente demonstravam o quanto ela era importante para ele. E que ele se importava com ela.

Que ele a *enxergava*.

Depois de uma vida inteira sendo uma dentre tantos para uma divindade, era uma dádiva rara ser a única para alguém mortal.

Mas, maldição, por que não podiam estar fazendo sexo agora?

No porão, diminuiu a intensidade das luzes e ligou a TV, esperando achar um daqueles filmes românticos que Beth e Marissa gostavam de assistir na programação a cabo. Notícias. Notícias. Propaganda. Mais propaganda…

Por que ele está demorando tanto? , ela pensou ao olhar na direção da escada.

Propaganda… Propaganda…

Ah, este era bom. *Enquanto você dormia*.

Mas onde estava Xcor?

Por fim, depois do que pareceu cem anos, ela o ouviu descendo.

– Acionei o sistema de segurança – ele disse.

Ela abaixou o volume enquanto Sandra Bullock tentava empurrar uma árvore de Natal para dentro do seu apartamento pela janela aberta, e depois tentou se ajeitar e às vestes mais para um dos lados do sofá. As vestes eram frustrantes. Quando os *doggens* limparam a casa, trouxeram diversos dos seus uniformes de Escolhida, por não saberem que ela já não os usava mais. Uma pena que não fossem lingerie. Com aquelas dobras de pano devorando os contornos do seu corpo, ela não se sentia nenhuma beldade.

Embora seu macho parecesse preferi-la nua.

Quando não a abarrotava de comida, isto é…

– Puxa – disse ela ao notar a bandeja que ele trouxera.

Xcor podia muito bem ter trazido a cozinha até o porão. Tostara o restante do pão, fizera mais ovos mexidos, e preparara mais um bule de chá. Também incluíra creme, mesmo ela não tendo se servido disso antes, e o pote de mel, o qual ela consumira.

– Bem, isto… é adorável – ela disse quando ele apoiou a bandeja na mesinha baixa.

Sentando-se ao lado dela, ele pegou uma fatia de torrada e começou o processo de passar a manteiga.

– Posso fazer isso – ela murmurou.

– Eu gostaria de servi-la.

Então, abaixe as calças, ela pensou ao fitar as coxas enormes que forçavam as costuras das calças de nylon pretas que ele vestia. E também havia a questão de como as mangas da camiseta se esticavam para abarcar a circunferência dos bíceps. E como a sombra da barba por fazer escurecia seu maxilar.

Cravando as unhas nos joelhos, ela olhou para a boca dele.

– Xcor.

– Hum? – ele perguntou ao mover matematicamente uma camada uniforme de manteiga com a espátula na superfície da torrada.

– Já basta com a comida.

– Estou quase terminando aqui.

E eu estou completamente acabada, ela pensou.

Sentando-se à frente, Layla tentou se distrair servindo-se de chá, mas aquela era uma causa perdida. Notou, porém, como a lapela das vestes se afrouxou.

Tire isso. Vá em frente.

Levando as mãos até o laço na cintura, soltou o nó e afastou as duas

metades, expondo o tecido transparente que era a roupa de baixo característica das Escolhidas. Ok, isso também teria que sumir. E, vejam só, quando ela desabotoou as pequeninas pérolas dos ilhoses, elas deslizaram com uma facilidade que sugeria que estavam determinadas a ajudá-la nos eu propósito.

Aproveitando a deixa delas, Layla escorregou para fora do restante do ninho que a cobria.

E mesmo assim, ele só olhava para aquela maldita torrada.

Quando ele se sentou um pouco para trás, admirando sua obra prima, ela pensou que embora aquela coisa de macho vinculado alimentar sua fêmea tivesse lá suas vantagens evolucionárias, aquilo era ridículo.

O que ele faria em seguida? Pegaria uma régua para ver se tinha uma altura igual em todas as pontas?

– Sabe o que seria bom nessa torrada? – ele disse ao pegar a espátula de novo.

Sim, claro, porque havia um milímetro sem manteiga.

– O quê?

– Mel – ele murmurou. – Acho que ficaria muito bom mesmo.

Layla deu uma espiada no pote de mel.

– Acho que tem razão. – Esticando-se à frente, ela pegou o pote e arqueou as costas. – Mel fica gostoso em muitas coisas.

Girando o pegador de mel, ela puxou o objeto e o sustentou acima do seio, e o mel se espalhou e caiu, o mamilo sendo envolvido por toda aquela doçura. O contato fez com mordesse o lábio, e depois mais daquele líquido cor de âmbar reluziu pela sua pele, um riacho provocante descendo até o abdômen.

– Xcor…?

– Sim?

Quando ele olhou para ela, teve que olhar de novo – e largou a torrada na mesma hora. O que era um alívio porque, caramba, se não conseguisse vencer uma competição contra carboidratos pela atenção dele, ela estaria em sérios apuros.

Os olhos azuis marinhos ficaram de pronto ardentes e muito, muito centrados no modo como o mel descia, provocantemente atingindo o seio, gota a gota, para depois vagar num caminho descendente…

– Fiquei pensando – ela disse numa voz rouca – se mel fica mais doce em mim?

Dito isso, ela dobrou um joelho e mostrou seu centro para ele.

Seu macho afastou a bandeja com tanta rapidez que foi como se o prato sobre ela tivesse dito algo de muito ruim a respeito dos guerreiros dele.

O grunhido que emanou dele foi tudo o que ela desejou, assim como a visão das pontas dos caninos emergindo apressadas. E logo ele se estendeu

sobre ela, a força descomunal mal contida enquanto a língua se esticava logo abaixo do mamilo… para interceptar uma gota.

Com um gemido, os lábios escorregadios e quentes capturaram e sugaram, lamberam e beijaram. A cabeça de Layla pendeu para trás, mas ela a virou de lado a fim de poder enxergar seu macho enorme. As sensações eram tão eróticas que ela sentiu a aproximação de um orgasmo, mas não queria que aquilo acabasse rápido. Antes impaciente para estar com ele, agora ela queria saborear cada segundo que tinham juntos.

– Xcor… Olhe para mim.

Quando ele abriu os olhos, ela suspendeu o pegador até a boca e deixou que os restos do mel aterrissassem em sua língua. E depois sugou a ponta rombuda, tirando-a para fora da boca… e girando nos lábios, sugando depois…

– Você vai acabar comigo, fêmea – Xcor praguejou.

Com um movimento preciso, ele tirou o pegador da mão dela e o colocou de novo no pote, bem quando o corpo dela se tornou aquilo que despejara sobre ele, seus ossos se derretendo, os músculos relaxados. E quando as pernas se afastaram ainda mais, ele se apossou da sua boca, os lábios grudando com a viscosidade, a ereção pressionando-a no seu centro através da calça.

Isso não durou muito tempo.

Com mãos bruscas, ele libertou o sexo e logo a penetrou, golpeando-a enquanto a beijava, os corpos encontrando um ritmo tão intenso que o sofá ficou batendo contra a parede.

Mais rápido, mais forte, mais duro, até que eles não conseguiram mais unir as bocas. Esticando os braços, ela apoiou as mãos nos ombros largos cujos músculos pareciam ondas do oceano numa tormenta…

O prazer a atingiu como um raio, mas também a completou – em seguia ele também chegou ao ápice, despejando-se dentro dela.

E Xcor não parou.

Nem desacelerou.

Mother Jones é uma revista independente, sem fins lucrativos, conhecida por suas reportagens investigativas. (N.T.)

CAPÍTULO 48

O coração de Blay sapateou quando a porta da varanda se abriu atrás dele e o cheiro do único amor da sua vida se antecipou ao cara que se aproximou da grade.

Uma coisa boa a respeito de fumar era que isso lhe dá algo para fazer com as mãos. Uma coisa ruim a respeito de fumar é quando você resolve que precisa bater as cinzas para ter o que fazer com elas: se estiver tremendo, isso vai aparecer.

– Oi.

Blay deu uma tossidela.

– Ei.

– Estou feliz que esteja aqui. – Pausa. – Eu não achei que fosse estar.

Por um momento, Blay só quis gritar: *nem eu, filho da mãe!* Mas lhe pareceu que seria melhor omitir isso se desejava parecer forte, estar forte… permanecer forte.

Deus, por que Qhuinn tinha que cheirar tão bem?

– Trouxe Rhamp – Qhuinn murmurou.

– Era essa a ideia. – Mas franziu o cenho. – Onde está Lyric…

– Ah, ela também está aqui.

Quando uma brisa suave soprou do sul, Blay pensou numa bailarina rodopiando de maneira controlada de encontro ao cenário branco azulado da neve. Não havia mais folhas soltas para rodopiarem com ela, pois tudo estava escondido por aquela cobertura branca, mas, nos limites da propriedade, árvores perenes que se curvaram sob o peso do que caíra sobre elas se aliviavam quando torvelinhos de neve saíam de cima delas.

Pela sua visão periférica, através das janelas atrás de Qhuinn, ele conseguia ver os pais se movimentando na luz amarelada e acolhedora da cozinha. Sua *mahmen* insistira em cozinhar por seis horas seguidas, a excitação e a alegria revigorando-a depois do apuro da noite e do dia anteriores. Tão grande era a alegria dela que era difícil se lembrar de que fora anestesia para arrumar

aquele seu osso. Havia pontos debaixo daquele gesso. E ela teria que voltar dali a duas noites para que o doutor Manello acompanhasse o progresso.

Pelo menos Fritz conseguira trazê-los até ali no furgão de vidros insufilmados, apesar de ser dia quando Lyric recebera alta da clínica. Os pais queriam muito voltar para casa depois de toda aquela provação, e Blay por certo não tinha como argumentar contra isso…

– Eu te trouxe uma coisa – Qhuinn disse.

Quando o macho enfiou a mão no casaco, Blay meneou a cabeça e apagou o cigarro no cinzeiro.

– Vamos entrar? Estou com frio.

Não esperou que o outro concordasse, e não estava interessado no que ele tinha trazido.

Recuando para a casa, foi atingido por todo tipo de cheiro que o lembrava da família, e isso quase o fez querer vomitar. Ainda mais quando Qhuinn o seguiu até a cozinha, e a presença do macho não perdeu intensidade apesar de ele não estar no campo de visão de Blay.

Talvez tenha até se amplificado.

– Como posso ajudar? – Blay perguntou ao sorrir para a mãe.

A Lyric mais velha estava sentada num banco diante do fogão, fritando bacon e ovos e preparando torradas.

– Você pode dizer olá para seus filhos – ela inclinou a cabeça para o lado, por cima do ombro. – E arrumar a mesa.

Engolindo a pontada de dor em seu peito, como se alguém o tivesse chutado no esterno, Blay deixou o maço de Dunhill ao lado do telefone fixo da casa e foi lavar as mãos – e tentou se preparar para ver as crianças.

Não, pensou ao enxugá-las. Ainda não conseguiria se aproximar dos bebês conforto. Primeiro precisava se controlar de algum modo ou acabaria tendo um acesso.

Ocupou-se com a gaveta onde estavam os talheres. Ocupou-se em pegar os guardanapos brancos e vermelhos. Ocupou-se pegando quatro pratos.

Na ilha que ocupava o centro da cozinha, Qhuinn e seu pai conversavam a respeito da guerra, da política dos humanos, das finais do futebol americano universitário e do início da temporada de basquete.

Os olhos de Qhuinn ficaram em Blay o tempo todo.

E o macho era esperto. Sabia que caso dissesse qualquer coisa a Blay a respeito de ver as crianças, que haviam adormecido nos bebês conforto que estavam sobre a mesa, a manobra não daria certo.

Maldição, Blay pensou por fim. Não poderia continuar evitando as crianças.

Preparando-se, formou uma pilha de pratos, talheres e guardanapos e se aproximou deles.

E tentou não olhar. E fracassou.

E no instante em que seus olhos se desviaram para os bebês, seu escudo desapareceu: todos aqueles sermões quanto a ficar distante, alguém distanciado deles para não se machucar de novo saíram voando pela janela.

Como que sentindo sua presença, os dois despertaram, olharam para ele, e no mesmo instante começaram a girar pernas e braços, os rostinhos de anjos se animando e sons suaves saíram das boquinhas. Evidentemente o reconheceram.

Talvez até sentissem saudades.

Lentamente abaixando o que quer que tivesse nas mãos – podia ser algo em que se comer, ou um forno, ou uma pá de neve ou uma televisão… –, ele se inclinou para baixo.

Abriu a boca para falar, mas nada saiu dela. Sua garganta estava fechada.

Portanto teria que se fiar no toque para se comunicarem. E tudo bem. Eles também não sabiam falar.

Primeiro se aproximou de Lyric, afagou-lhe o rosto, deu uma coçadinha no pescoço macio. E pôde jurar que ela riu.

– Como está a minha menina? – sussurrou com voz embargada.

Mas logo percebeu o uso do pronome – e contraiu os olhos. *Não* são meus filhos, corrigiu-se. Estes *não* são meus filhos.

Sim, claro, Qhuinn voltara ao trem familiar. Mas quanto tempo isso duraria? Quando ele seria provocado por qualquer coisa que Layla fizesse de novo para se descarrilar? A coisa inteligente a fazer era saltar fora de vez, curar aquela ferida para que aquele sofrimento nunca mais acontecesse – sem olhar para trás.

Dito isso, concentrou-se em Rhamp. Um rapazinho bem durão. Blay acreditava com veemência que a divisão de papeis por gênero era uma completa asneira, e se Lyric quisesse ser uma guerreira da pesada como Payne ou Xhex, ele estaria totalmente de acordo. Do mesmo modo, caso Rhamp decidisse ser advogado ou médico em vez de ir para o campo de batalha, isso também seria bom. Mas cara, eram evidentemente tão diferentes – embora fosse essencial que isso não os definisse. Ele acreditava piamente que era importante que as crianças tivessem a liberdade para…

Merda. Estava fazendo aquilo de novo. Esquecia-se dos limites.

O som de facas e garfos se chocando fez com ele levantasse a cabeça.

Qhuinn assumira a tarefa de arrumar a mesa, e ajeitava pratos e talheres com a cabeça baixa, sério.

Blay pigarreou.

– Eu faço isso.

– Tá tudo bem. Pode deixar.

Nesse instante, Rhamp emitiu uma bomba de fedor forte o suficiente para provocar lágrimas nos olhos de um macho adulto.

– Uau…

– Pois é – Qhuinn disse. – Deveria ter sentido o cheiro dele pouco antes de virmos para cá. Foi por isso que me atrasei. Pode me fazer um favor e dar uma espiada? Talvez tenhamos sorte e sejam apenas gases.

Blay cerrou os molares. Estava na ponta da língua dizer ao cara que fizesse isso ele mesmo, mas isso seria desnecessariamente rude. Além disso, em seu coração, ele queria segurar o bebê, e seus pais estavam logo ali, observando enquanto fingiam não estar.

Quando tudo pareceu congelar no lugar, ele sentiu como se sua vida inteira e o seu conceito de família tivessem se resumido aquele momento – e era estranho como a vida vinha até você desse jeito. Você segue em frente, criando relações e rompendo-as, avançando e recuando, navegando nos mares das suas emoções e das emoções dos outros, mas, em grande parte, envolve-se demais numa dança de um pra lá, dois pra cá de escolhas e decisões que são mais um trajeto do que um destino, mais algo aleatório do que dirigido. Exceto que, de repente, a abertura da câmera se abre rápido demais e você é atingido por um tapa existencial, e é forçado a olhar para tudo e dizer, ok,

quer dizer que estou *aqui*.

Só porque um moleque se cagou todo nas calças e você teria que lidar com isso.

Qhuinn se aproximou e acomodou um conjunto de prato com guardanapo e talheres diante dele. Numa voz baixa que somente ele poderia ouvir, disse:

– Sinto sua falta. Eles sentem a sua falta.

– Sou um tio – Blay se ouviu dizer. – Ok? Só um tio.

Com mãos trêmulas, soltou o cinto de segurança e pegou Rhamp. Levantou o bumbum do bebê no alto e aproximou o nariz, inspirando fundo.

– Estamos bem, Houston – disse rouco. Repito, era uma nuvem de gases. O campo de força não foi rompido.

Transferindo o filho de Qhuinn para a curva do braço, Blay se sentou e começou a mexer os dedos diante dos olhinhos dele.

– Quem está com fome? – a mãe perguntou alegre. Como se ela tivesse decidido que tudo ficaria bem porque ele estava segurando o bebê.

– Olhe só esses reflexos – o pai observou quando as mãos de Rhamp se moviam de um lado a outro, agarrando com impressionante destreza. – Qhuinn, esse é o seu filhote, não é, não?

– É – Blay concordou. – Ele é.

Layla perdeu a conta de quantas vezes fizeram amor. Duas vezes no sofá. Depois no chuveiro. Três outras na cama?

Deitada ao lado do seu macho, acariciando-lhe o ombro largo, sentindo-o respirar em sua nuca, ela sorriu na escuridão. Insaciabilidade era um pró quando se tem um amante em sua vida.

E Xcor era um macho muito, mas muito insaciável.

As partes internas das suas coxas doíam. Seu centro formigava por conta de toda aquela fricção. E o cheiro dele a cobria, por dentro e por fora.

Ela não mudaria nada daquilo.

Bem, talvez apenas uma coisa…

– O que a aflige? – ele perguntou ao levantar a cabeça.

– O que disse?

– O que aconteceu?

Ela não deveria se surpreender por ele ser capaz de interpretar seus humores mesmo meio que adormecido no escuro. Ele estava estranhamente sintonizado a ela, e não apenas sexualmente.

– Layla? – ele insistiu.

– Só não quero que você parta – sussurrou. – Não suporto a ideia de…

Quando a voz dela se perdeu, a cabeça dele voltou a repousar na posição anterior e ele a beijou na lateral do pescoço. Quando ele não disse nada, ela não ficou surpresa. Que palavras podiam ser ditas? Ela tinha os filhos, e por mais que amasse Xcor, não os levaria para o Antigo País. Eles precisavam do pai.

E Qhuinn tampouco permitiria isso.

– Não pense nisso, minha fêmea.

Ele estava tão certo. Teria o resto da vida para sentir saudades dele. Por que começar agora que ele ainda estava ali ao seu lado?

– Sei tão pouco a seu respeito – ela murmurou. – Como você cresceu. Por onde viajou. Como veio parar aqui.

– Não há nada para contar.

– Ou será que você não quer que eu saiba?

O silêncio dele respondeu a sua pergunta. Mas não era incapaz de imaginar a partir do que lera a respeito dele no Santuário. Na verdade, a tristeza que sentia pelo que lhe fizeram era uma dor que a atingia na alma – ainda mais quando pensava em Rhamp. A ideia de que um pai pudesse decidir rejeitar um bebê inocente apenas por que ele tinha um defeito que sequer fora autoimposto?

Não suportava pensar nisso, no entanto, não conseguia deixar de pensar.

– Não temos mais muito tempo – disse com suavidade, mesmo tendo acabado de prometer a si mesmo não ficar remoendo a separação iminente. – Assim que você encontrar seus machos, você os levará até Wrath e eles prometerão lealdade… e depois você irá embora. Preciso viver uma vida nestas noites que nós temos.

– Você seguirá em frente.

– E você também – ela rebateu. – Só que não estaremos juntos. Então, por favor, me deixe entrar. Enquanto temos este tempo juntos… não me poupe de nada, o bom e o ruim, de modo que eu o conheça por inteiro.

– Se você não quer perder tempo, não vamos conversar.

Só que, quando ele tentou beijá-la, ela o manteve afastado.

– Não temo o seu passado.

A voz dele se abaixou.

– Mas deveria.

– Você nunca me feriu.

– Isso não é verdade e você sabe disso.

Enquanto ela se lembrava de como ele a mandara embora, ela se sentou, acendeu as luzes, e virou os pés para fora dos lençóis. Mas não saiu.

Ela queria tocar nele, percorrer a coluna dele com a mão, acalentá-lo quando ele apoiou a cabeça nas mãos. Mas sabia que não deveria.

– Sinto seus arrependimentos – ela sussurrou.

Xcor permaneceu calado por um instante, depois disse:

– Uma pessoa pode ser levada a situações que… – Abruptamente, meneou a cabeça. – Não, eu fiz o que fiz. Ninguém nunca me forçou a nada. Segui um macho maligno e me comportei mal, e não me eximo de nenhuma responsabilidade.

– Conte-me – ela insistiu.

– Não.

– Eu vou te amar de qualquer jeito.

Xcor se aprumou, depois lentamente se virou para ela. O rosto estava marcado por sombras, mas nenhuma que se comparasse às dos seus olhos.

– Você não sabe o que está dizendo.

– Eu te amo. – Apoiou a mão no braço dele e sustentou seu olhar, desafiando-o a negar o que ela sentia. – Você ouviu? *Eu te amo*.

Ele sacudiu a cabeça e desviou o olhar.

– Você não me conhece.

– Então me ajude a conhecê-lo.

– E correr o risco de você me expulsar? Você diz querer passar o tempo que temos juntos. Garanto que isso não acontecerá quando me conhecer melhor.

– Eu jamais o mandaria embora.

– Minha *mahmen* fez isso. Por que seria diferente com você? – Meneou a cabeça de novo. – Talvez ela soubesse os caminhos que eu seguiria. Talvez… não tenha sido por causa do lábio.

Layla sabia muito bem que teria que avançar com cuidado.

– A sua mãe o abandonou?

– Fui dado a uma ama-seca… alguém… até ela também me abandonar.

– E o seu pai? – ela perguntou com cuidado. Apesar de saber parte dessa

história.

– Pensei que fosse Bloodletter. Aquele macho me disse que era meu pai, mas, mais tarde, descobri que esse não era o caso.

– Você nunca… tentou descobrir quem seu pai era?

Xcor flexionou as mãos e depois as cerrou com força.

– Passei a acreditar que a biologia é um indicador menor de uma família do que a livre escolha. Os meus machos, meus soldados, me escolheram. Decidiram me seguir. Eles são a minha família. Dois indivíduos que se juntaram para minha concepção e nascimento, mas que depois me abandonaram quando eu era incapaz de sobreviver sozinho? Não preciso saber suas identidades nem seus paradeiros.

Um medo absoluto atravessou o coração de Layla quando o imaginou primeiro como um recém-nascido, depois como um menino incapaz de se defender e, por fim, um pré-trans passando pela transformação sem auxílio algum.

– Como conseguiu sobreviver? – sussurrou.

– Fiz o que tinha que fazer. E lutei. Sempre fui bom de briga. Esse é o único legado que meus pais me deram que teve alguma serventia.

– Como foi a sua transição… Como conseguiu superar a mudança? – Era uma pergunta franca, e que não estava incluída no volume transcrito dele.

– Dei à prostituta que me serviu o chalé em que morava. Tive que pagar ou

ela não teria me permitido tomar da sua veia. Pareceu-me um acordo justo, minha vida em troca de um abrigo. Imaginei que poderia encontrar outro lugar para ficar, e foi o que fiz.

Layla se sentou e ajeitou os lençóis sob o queixo.

– Eu não conseguiria fazer isso com uma criança. Simplesmente não conseguiria.

– E é por isso que você é uma fêmea de valor. – Ele deu de ombros. – Além disso, fui uma concepção fracassada. Tenho certeza de que ambos teriam preferido que eu morresse no ventre ou no parto – mesmo que isso matasse minha *mahmen*. Melhor ter um filho morto do que dar a vida a alguém como eu.

– Isso é errado.

– Isso é a vida, e você bem sabe disso.

Xcor relanceou para ela, com uma expressão dura.

– Você está determinada a arrancar tudo isso de mim, não está?

– Você não tem que se esconder de mim.

– Quer saber, então, como perdi a virgindade? – ele estrepitou. – Quer?

Ela fechou os olhos de leve.

– Sim.

– Ah, mas espere. Talvez eu deva ser mais específico. Quer saber quando trepei com uma fêmea pela primeira vez, ou quando fiz sexo pela primeira

vez? Porque não são a mesma coisa. A primeira me custou dez vezes a taxa que uma prostituta cobrava no Antigo País, e a primeira coisa que ela fez depois foi correr para o rio para se lavar de mim. Fiquei até imaginando se ela acabaria se afogando, de tão rápido que correu para a água.

Layla piscou para conter as lágrimas.

– E… e o outro?

O rosto dele se obscureceu de raiva.

– Fui fodido por um soldado. Diante de todo o campo de guerra. Porque perdi uma luta. Sangrei por horas depois disso.

Fechando os olhos, ela se viu orando baixinho.

– Ainda me quer? – ele a provocou.

– Sim. – Abriu os olhos e olhou para ele. – Você não está maculado aos meus olhos. Tampouco é menos macho por isso.

O sorriso no rosto dele a assustou, de tão frio e distante que era.

– A propósito, fiz isso com outros. Quando os venci.

A tristeza dela foi tão profunda e permanente que não havia lágrimas para expressar.

E ela sabia exatamente o que ele estava fazendo. Ele a estava afastando de novo, desafiando-a a partir de modo a não dizer que ele fosse embora. Já fizera isso antes, e o que mais se poderia esperar de um macho que fora repelido a vida inteira?

– Ainda quer isto? Ainda acha que ama isto? – Quando ela não respondeu, ele indicou o próprio rosto e corpo como se pertencessem a outra pessoa. – E, então, fêmea, o que me diz?

CAPÍTULO 49

Vishous saiu da mansão da Irmandade sem contar para ninguém aonde estava indo. Não que estivesse escondendo alguma coisa; era só que Butch estava em campo com Rhage, John Matthew e Tohr, e Wrath estava na Casa de Audiências com Phury e Z., e blá-blá-blá.

Ah, e Jane estava na clínica.

E tudo bem com isso.

Portanto, não tinha ninguém para contar e ninguém preocupado com seu paradeiro. Ainda assim, tudo bem.

A nevasca da noite anterior deixara um problema de limpeza em seu rastro, e quando V. se desmaterializou nos limites da zona urbana de Caldwell, viu um pouco de tudo que era esperado: algum progresso na retirada da neve, mas ainda assim uma montanha da coisa branca cobrindo carros estacionados e prédios de apartamentos, as ruas principais restritas a duas faixas, os becos impenetráveis, as calçadas intransitáveis.

O endereço em que recobrou a forma física era uma casa Vitoriana de três andares convertida em três apartamentos. Luzes estavam acesas em todos os andares, e os humanos ali dentro estavam relaxando, descansando do

trabalho.

Ou… no caso do apartamento em que estava interessado, se drogando.

Mudando de posição ao subir para o telhado do prédio oposto, acendeu um cigarro e observou. E esperou. O indivíduo a quem esperava não estava em casa ainda, e ele sabia disso porque pesquisara a respeito do bom e velho Damn Stoker.

E descobriu que “ele” era ela. Uma tal senhorita Jo Early, que por acaso trabalhava *no Caldwell Courier Journal*.

O fato de ela ser uma fêmea o impressionara, na verdade. Presumira que a nitidez da voz e a apresentação direta, não emocional, dos fatos narrados no blog significassem que um macho estivera por trás daquilo, mas, espere um instante… Sua *shellan* era inteligente, não?

Jane era durona, e pensava com mais discernimento do que ele.

Como, por exemplo, ele tinha certeza que Jane não estava pirando a respeito do relacionamento deles. Não, ela estava trabalhando naquele emprego dela de salvar vidas. Era ele quem estava fazendo aquela merda de Doutor Phil…1

Ok, que tal a gente não pensar que tudo gira ao nosso redor, pra variar?

Enquanto fumava e tentava desviar a mente do seu relacionamento amoroso, sua massa cinzenta de fato acabou se direcionando para outro lado. Pena que não fosse uma grande melhora. Considerando-se que desejava um

pouco de paz.

Enquanto estivera sentado diante da sua mesa, verificando vídeos de YouTube e páginas do Facebook e contas de Instagram buscando vampiros vistos por humanos, sentiu-se tentado por um antigo endereço de e-mail seu, um que abandonara assim que a doutora Jane entrara na sua vida.

Bem, na verdade, ele parou de usá-lo logo depois que conheceu Butch.

O nome, que era um pseudônimo, e sua conta de Gmail associada era o que ele registrava em *websites* onde submissos imploravam por Dominadores, tanto dentro quanto fora da espécie.

Sempre existiram voluntários para ele naquela época. Fêmeas e machos, homens e mulheres, todos procurando por determinado tipo de experiência – e V. estabelecera uma rotina que usava com eles. Primeiro, encontrava-os em clubes e boates ou através de indicações para fazer uma primeira avaliação, escolhendo os mais atraentes – aqueles que ele acreditava fariam um bom espetáculo. Depois os levava para a sua cobertura no Commodore e brincava com eles até se entediar. Quando tivesse terminado, mandava-os embora.

Alguns poucos ele viu mais de uma vez. A imensa maioria foram encontros únicos.

Só existiram três mais frequentes.

Na época, aquilo tudo foi para gastar energia, para acalmar seu lado sombrio, diminuir o *dimmer* dos seus anseios.

Ele entrou naquela sua conta hoje.

Lá pelo meio-dia.

Logo depois de receber uma mensagem de texto de Jane lhe dizendo que correra tudo bem com a cirurgia da mãe de Blay, mas como ela queria ir para casa, a médica teria que ficar na clínica para tentar convencer a fêmea a não ir embora. O recado breve chegou umas duas horas depois de ela dizer que tinha acabado na sala de cirurgia e que estava a caminho do Buraco – só restando se certificar que Lyric despertaria bem da anestesia. Que precedeu a mensagem de texto a respeito de Assail em duas horas também.

Encontrou quase duzentos emails naquela conta.

E ele leu cada um deles. Alguns eram curtos, nada além de dados pessoais breves com alguma foto anexada. Outras eram mais longas e extensas, um verdadeiro fluxo de consciência do que eles queriam que lhes fizessem. Também encontrou dois parágrafos em que suplicavam que ele reconsiderasse, para se reconectarem e retomarem o relacionamento entre eles. Frases introdutórias com números de telefone. Discursos inflamados de que ele não poderia simplesmente esquecê-los, não, não podia, e que eles não aceitariam isso, eles o encontrariam e o fariam perceber como eram os certos para ele…

Foi como uma escavação arqueológica nas relíquias da cidade que outrora ele mesmo construíra, na qual morara e da qual era o governante.

Lá embaixo, na rua coberta de neve, um Honda parou diante do prédio de apartamentos. Quem quer que estivesse lá dentro conversou por um minuto ou dois e depois a porta do passageiro se abriu e uma ruiva humana magra saiu.

– Nos falamos amanhã, está bem? – ela disse para dentro do carro. – Ok. Pode deixar, eu estou cuidando disso, e vou postar no *website* do CCJ amanhã logo cedo. Dick pode ir se ferrar.

Com um aceno final, ela fechou a porta e deu a volta pela frente do caro. Afastando os braços para se equilibrar, saltou por cima de um monte de neve e pisou numa trilha de pegadas deixadas por muitas outras pessoas, depois subiu os degraus do prédio e verificou a caixa de correios ao lado das portas duplas.

Alguns instantes mais tarde, ele a viu entrar na sala da frente no segundo andar e conversar com os caras que se alternavam com o *bong* enquanto permaneciam sentados no sofá diante da TV.

Ela parecia irritada, V. pensou, quando levou uma mão ao quadril e sacudia com a outra o que parecia ser uma pilha de contas para pagar.

Em seguida, ela marchou para o quarto da frente e fechou a porta.

Vishous desviou o olhar quando ela começou a se despir, mas não precisou se dar ao trabalho. No fim, ela apenas tirou o casaco e terminou de tirar o resto no banheiro que tinha uma janela fosca.

Ela acabou indo parar diante do computador, diante de um pedaço de merda da Apple, para acessar a Internet.

Enquanto acendia outro cigarro, V. ficou se debatendo se deveria simplesmente botar uma bala na cabeça dela, mas concluiu que só estava de mau humor. A não ser pelos vídeos e pelos *posts* publicados, uma investigação sobre o passado dela não levantou nenhuma suspeita. Ela era filha adotiva de um casal abastado. Num trabalho corriqueiro para o CCJ postado na Internet. Antes disso, trabalhara como recepcionista de uma imobiliária. Tinha um currículo escolar bastante impressionante, mas, assim como muitos outros jovens, ela não fizera nada com isso.

A menos que se considere usar a gramática adequadamente ao discorrer sobre vampiros.

Portanto, só o que ele precisava fazer era apagar a memória dela para poder voltar para o Buraco.

Tragando, soltou a fumaça e observou-a subir no ar praticamente parado.

Ao longe, ouviu uma sirene.

Uma ambulância. Sim, definitivamente era de uma ambulância.

Mais acima, no céu azul marinho aveludado, apenas a luz das estrelas mais fortes porque as luzes da cidade interferiam, mas os aviões apareciam a intervalos frequentes, em suas rotas padrões pelas faixas de trânsito invisíveis até o Aeroporto de Caldwell.

Como se talvez Deus estivesse usando um marca-texto para circundar a cidade e fazer uma verificação de inspeção.

Depois de um tempo observando a fêmea, perguntou-se de novo porque não ia fazer logo o que viera fazer. Invadindo o site dela e assumindo o controle dele, para depois apagar os conteúdos no YouTube, ele poderia fazer tudo isso em casa.

Isto é, tinha que fazer.

A Internet, afinal, era uma espécie de placa de petri de um laboratório de ciências. Se você deseja aumentar determinada cultura, bastava criar as condições certas e deixar que o tempo aja: conversas suficientes a respeito de vampiros, amparadas por filmagens e cedo ou tarde aquilo se espalha, porque os humanos amavam merdas assustadoras, ainda mais se acreditassem que isso fosse sensual.

Tédio.

Do mesmo modo, se você deseja dar um fim à história? Apenas desapareça com ela e, em pouco tempo, toda a balbúrdia humana é substituída por algum outro assunto.

A habilidade dos humanos de se distraírem, a não ser a respeito da sua mortalidade facilmente destruída, era a melhor característica deles.

Porque, claro, no que se referia a vampiros, quem diabos precisaria que a Ellen entrevistasse Ômega a respeito das suas tradições prediletas nos

feriados natalinos, ou um livro humorístico post-mortem de Lash chegando à lista dos mais vendidos do *The New York Times*, certo?

Ou pior, deixando a brincadeira de lado, que os filhos da mãe começassem uma caçada à sua raça?

Aqueles ratos sem cauda não se entendiam entre si. E se, de repente, descobrissem que coexistem com outra espécie do jeito que os vampiros faziam, misturados a eles?

Seria possível apagar a partícula “co” ao lado da palavra “existir” dos dicionários.

Portanto, sim, teria que apagar aquela confusãozinha na Internet, bem como “conversar” com a senhorita Jo Early: e se o amor que ela tinha pelos vampiros fosse algo antigo na vida dela, esse tipo de conhecimento não seria reversível, mas, de todo modo, ele poderia mexer um pouco na massa cinzenta dela e fazer com que deixasse de lado seu blog.

Isso mesmo, ele pensou. Era hora de dar uma de fantasma no quarto dela, descobrir o que havia dentro daquele crânio dela, e depois retornar para a sua limpeza virtual pela Internet.

Pois é.

Agorinha mesmo.

E V. ficou bem onde estava, batendo cinzas no teto branco de neve, passando o peso do corpo de um lado a outro toda vez que uma perna se

cansava, espreguiçando as costas de vez em quando.

O motivo para ele não sair dali não tinha nada a ver com a mulher.

Não, ele ficou ali pelo mesmo motivo que saíra de casa.

Quando se está pensando em trair a companheira, isso não cai muito bem na sua consciência. E tampouco é algo que você gostaria de fazer na casa que partilha com ela.

Phil McGraw, conhecido por Dr. Phil, é um psicólogo dos Estados Unidos que se tornou conhecido do grande público ao participar nos programas de Oprah Winfrey como consultor de comportamento e relações humanas. (N.T.)

CAPÍTULO 50

Enquanto Xcor aguardava que Layla lhe dissesse para ir embora, seu sangue corria rápido nas veias e a cabeça estava permeada de recordações. Nunca falara com ninguém a respeito das coisas que lhe foram feitas ou que ele fizera no campo de guerra. Primeiro porque ninguém nunca perguntou. Seus guerreiros ou fizeram aquilo ou sofreram aquilo, e aquele não era um tópico adequado para uma conversa no grupo, algo que alguém fosse rememorar porque trazia doces lembranças do passado. E, aparte os guerreiros, Xcor nunca se deparara com alguém que desejasse conhecê-lo.

– E então – ele demandou –, o que me diz, fêmea.

Não era uma pergunta. Porque ele sabia o que ela diria…

Layla o encarou nos olhos e, ao falar, sua voz estava absolutamente controlada.

– Eu digo que a sobrevivência pode, por vezes, ser algo trágico e horrível. E se você espera que eu sinta qualquer coisa além de tristeza e pesar por você, então terá que esperar bastante.

Foi Xcor quem desviou os olhos. E no silêncio que se estendeu entre eles, ele não entendia o que estava sentindo.

No entanto, parecia que suas mãos, enquanto as fitava de uma vasta distância, estavam tremendo.

– Nunca pensou no que aconteceu com os seus pais? – ela perguntou. – Nunca quis descobrir se tinha irmãos ou irmãs, talvez?

Pelo menos, ele achava que foi isso o que ela disse. Sua mente não estava processando as coisas muito bem.

– Desculpe… O que disse?

O colchão se moveu quando ela mudou de posição e foi se sentar ao lado dele, com os pés pendurados enquanto os dele chegavam ao chão porque tinha pernas bem mais compridas. Depois de um momento, ele sentiu algo sendo colocado sobre seus ombros. Uma coberta. Ela o cobrira com uma coberta que estivera dobrada ao pé da cama.

E que tinha o cheiro dela.

E também era quente, como ela.

– Xcor?

Quando ele não respondeu, ela virou o rosto dele para si. E enquanto ela o fitava, ele sentiu vontade de fechar os olhos. Ela era adorável demais para ele e para o passado dele. Ela era tudo o que era bom, e ele já lhe custara tanto: seu lar, sua paz junto aos filhos, seu…

– O amor é um encontro de almas – ela disse quando pousou uma mão no meio do seu peito. – O nosso amor é entre a minha e a sua alma. Nada vai mudar isso, não o seu passado, nem o nosso presente… Ou quaisquer futuros que tenhamos afastados um do outro. Pelo menos não da minha parte.

Ele inspirou fundo.

– Quero acreditar em você.

– Não sou eu quem tem que acreditar ou desacreditar. É uma lei do Universo. Debata o quanto quiser… Ou simplesmente aceite a benção que ele é.

– Mas e se ela tiver razão?

– Quem? Se quem tiver razão?

Xcor desviou o olhar, concentrando-se nos pés descalços.

– Minha ama-seca sempre me disse que eu era amaldiçoado. Que eu era mal. Quando ela me… – Ele se deteve aí, sem querer mencionar as surras. – Ela me dizia que eu era nojento. Que o meu rosto só mostrava a podridão no meu interior. Que a verdadeira supuração estava dentro de mim.

Layla meneou a cabeça.

– Então ela se referia a si própria. Ela revelava a verdade dela. Dizer tais coisas a uma criança inocente? Perverter-lhe a mente, aterrorizando-o assim? Se existe alguma outra definição de podridão e maldade, eu não sei qual ela seria.

– Você vê o bem demais em mim.

– Mas foi assim que você se mostrou para mim. Você sempre foi bom comigo.

A mão dela pegou a dele, que agarrava o joelho, e quando ela lhe deu um aperto, ele teve dificuldades para compreender a lealdade e a generosidade dela. De fato, ela jamais compreenderia a extensão das suas atrocidades, e talvez fosse melhor assim. Isso a pouparia de se sentir mal por ter se equivocado a respeito dele.

– Preciso lhe contar algo.

Quando ele ouviu a tensão na voz dela, relanceou na sua direção.

– O quê.

Agora sim ela lhe diria para ir embora.

– Eu tenho que te pedir desculpas. – Soltando a mão dele, entrelaçou suas duas e pareceu ter dificuldades para encontrar as palavras certas. – Fiz algo que talvez não deveria ter feito – e que definitivamente deveria ter lhe contado a respeito antes. E a minha consciência está me matando.

– O que foi?

Quando a agitação dela pareceu crescer, foi fácil e um alívio mudar o curso e se concentrar no que quer que a estivesse incomodando.

– Layla, nada do que você fizer poderá que me aborrecer.

Ela disparou a falar, conectando as sílabas rapidamente, mas com clareza.

– Lá em cima no Santuário, onde as Escolhidas moravam, existe uma grande biblioteca das vidas. E, naqueles livros, naqueles volumes, são mantidos os detalhes dos machos e das fêmeas, as passagens foram transcritas por escribas sagradas que testemunharam os eventos, observando-os em cubas reveladoras, tanto as coisas boas quanto as ruins, tudo o que se sucedera na Terra. É uma crônica completa da raça, das batalhas e das celebrações, dos festivais e das penúrias, das tristezas e das alegrias… das mortes e dos nascimentos.

Quando ela fez uma pausa, ele se deu conta de que seu coração batia mais forte.

– Continue.

Layla inspirou fundo.

– Eu queria saber mais. Sobre você.

– Você leu o meu registro.

– Sim.

Xcor deixou de lado a coberta com a qual ela o envolvera e começou a

andar de um lado a outro.

– Por que se deu ao trabalho de me perguntar sobre o meu passado, então? Por que me forçar a dizer…

– Nem tudo está lá.

– Você acabou de dizer que está.

– Não os sentimentos. Nem os seus pensamentos. E eu não sabia que… – Ela pigarreou. – Eu sabia que você havia ido ao campo de guerra, mas as coisas exatas que lá aconteceram não foram registradas.

Ele parou e se virou para ela. Ela estava abençoadamente nua, o corpo espetacular exposto para os seus olhos no calor do quarto, com somente os cabelos longos para cobri-la. Ela estava nervosa, mas não parecia ter medo, e, uma vez mais, ele se perguntou como alguém como ela poderia se relacionar com um macho como ele.

O que havia de errado com ela?, perguntou-se.

– Então, o que leu a meu respeito? – exigiu saber.

– Sei quem é o seu pai…

– Pare. – Quando ele ergueu a palma, suor brotou no buço e na testa. – Você precisa parar agora.

– Sinto muito – ela disse ao pegar a coberta e envolver o corpo com ela. – Eu deveria ter te contado. Eu…

– Não estou bravo.

– Não?

Ele sacudiu a cabeça com sinceridade.

– Não.

Depois de um instante, ele foi até as calças emprestadas e as vestiu. E fez o mesmo com a camiseta que estivera usando quando fora alvejado. Movendo a bainha, inspecionou o furo no tecido onde a bala passara raspando e depois verificou a pele. Completamente cicatrizada.

Como resultado do sangue da Escolhida Layla.

– Sei o que vai perguntar – ele disse meio distante.

– Bem, o que você quer saber?

Os pés descalços recomeçaram a andar, levando-o até uma extremidade do quarto e depois retornando.

– Sabe, eu tinha essa fantasia… quando era apenas um menino. Bem, eu tive muitas. Costumava pensar nelas quando a ama-seca me acorrentava do lado de fora do chalé à noite…

– Acorrentava? – Layla repetiu baixo.

– … para passar o tempo. Uma das minhas prediletas era a respeito de quem seria o meu pai. Eu visualizava um guerreiro destemido num garanhão imponente, e que numa noite qualquer ele surgiria do meio da floresta e me colocaria em sua sela. Nos meus devaneios, ele era forte e tinha orgulho de mim, e éramos parecidos, querendo apenas honrar e fazer o bem para a

espécie. Bons guerreiros, lado a lado.

Ele sentia os olhos dela cravados nele, e não gostou disso. Já se sentia bastante vulnerável. Mas assim como se deve arrancar uma bala alojava nas carnes, ele teria que terminar aquela tarefa.

– Aquilo me fazia ir em frente. De modo que, mesmo tendo ficado em diversos orfanatos, nunca consegui permanecer neles porque me preocupava que talvez ele fosse até aquele chalé e não me encontrasse lá. Mais tarde, quando meus caminhos se cruzaram com os de Bloodletter e ele me contou aquela mentira para que eu me juntasse a ele? Quando ele me disse que era meu pai? Eu estava tão desesperado que me transformei para me encaixar no mundo daquele macho maligno e cometi um dos piores erros da minha vida. – Balançou a cabeça. – E quando descobri a mentira? Eu me senti traído, mas também foi um regresso ao lugar em que estive enquanto criança. Vivi com a rejeição dos meus pais a vida inteira. Tiveram um ou dois séculos para repensarem o que fizeram e tentar me encontrar, mas escolheram não fazer isso. Descobrir agora os nomes deles ou o que aconteceu com eles, ou onde vivem agora? Isso não mudará nada, nem para mim, nem para eles.

Os lindos olhos de Layla reluziam com lágrimas reprimidas, e ele entendeu que ela tentava ser forte por causa dele.

E desejou uma vez mais não colocá-la nessa posição.

– Não estou bravo com você – ele disse ao se aproximar e se ajoelhar

diante dela. – Jamais ficaria.

Ele apoiou as mãos nas coxas dela e forçou um sorriso. Queria tranquilizá-la, apaziguar sua consciência e sua mente, mas suas próprias emoções estavam confusas. De fato, conversar com ela abrira uma caixa de Pandora em relação ao passado, e todo tipo de imagem surgiu em sua mente, lembranças da infância. E depois do campo de guerra, e mais adiante, com seus guerreiros, abalroando-o tal qual invasores diante de um portão, ameaçando tomar conta de tudo o que ele era.

Era por isso que o passado devia permanecer enterrado, ele concluiu, e as verdades não reveladas deveriam continuar assim. Trazê-las à tona não resolvia nada e apenas criava uma tempestade de areia que levaria muito tempo para se assentar.

A boa notícia? Dissera aos seus machos que os encontraria às quatro da manhã, e isso lhe daria uma boa desculpa para pôr fim aquela conversa. E daí que passava pouco das duas? Ele precisaria de um tempo a sós para se recompor.

– Preciso ir.

– Para procurar seus guerreiros.

– Isso.

Ela pareceu inspirar fundo como quem tenta se fortalecer.

– Voltará a vestir o colete a prova de balas? Para o caso de se deparar com

mais assassinos?

Quando Xcor voltou a se levantar, fez um gesto de dispensa com a mão para tranquilizá-la.

– Sim, mas não se preocupe. Eles são quase inexistentes agora. Nem me lembro da última vez em que vi um.

A Primeira Refeição com os pais de Blay foi, pelo menos a primeira vista, um cena perfeita de um desjejum: um casal apaixonado, duas belas crianças e um casal de avós numa cozinha que parecia saída de uma revista para mulheres dos tempos antigos.

A realidade, todavia, não estava nada perto da perfeição.

Quando Qhuinn se recostou na cadeira, apoiou a caneca de café no abdômen. O que não foi uma boa ideia, considerando-se tudo o que havia ali embaixo. Para deixar Lyric feliz e fazer jus a todo o trabalho duro dela, ele comera quatro ovos, seis fatias de torrada, tomara três xícaras de café e suco de laranja. E, ah, comera três doces congelados feitos de menta e chocolate. Que foram consumidos à semelhança daquele episódio de Monty Python.

Sim, era inteiramente possível que acabasse explodindo em toda aquela linda cozinha, nos armários de bordo e no assoalho de madeira e sobre todas aquelas panelas de cobre decorativas acima da ilha central, como a personagem do esquete cômico naquele restaurante.

– Mais torrada? – Lyric perguntou com um sorriso.

Quando ela estendeu o prato diante dele, um botão de ânsia foi acionado e ele quase devolveu toda aquela comida deliciosa que ela preparava em cima das sobras.

– Acho que vou fazer uma pausa antes de repetir.

Pela oitava vez?

– Você comeu bem, filho – o pai de Blay comentou quando ele também se recostou. – Faz tempo desde a última boa refeição? O que Fritz tem servido para vocês? Couve e tofu?

– Ah, vocês sabem… – Na verdade foi meio difícil comer desde que o meu companheiro praticamente saiu de casa. – Andei ocupado, sabem.

– Você trabalha demais – Lyric disse ao reposicionar a criança que tinha seu nome. – Não é? O seu papai trabalha demais.

A pequena Lyric emitiu um gorgolejo na hora certa, como se objetivo da criança fosse o de derreter a avó.

– Ela se parece tanto com Layla. – Lyric relanceou para seu *hellren*. – Não acha? Ela vai ser uma belezura quando crescer.

Rocke assentiu e saudou tanto Blay quanto Qhuinn com sua caneca de café.

– Que bom que vocês sabem usar uma arma.

Blay falou:

– Ela vai ter aulas de autodefesa. Assim poderá se proteger sozinha e…

Quando ele parou abruptamente e olhou para fora da janela, Qhuinn murmurou:

– Isso mesmo. E você vai ensiná-la. Não vai, Blay?

Quando o macho não respondeu, Lyric olhou para Qhuinn.

– Estou monopolizando sua filha, não estou? Você não a segurou nem uma vez a noite toda.

A fêmea fez menção se passar a criança, e quando Qhuinn viu aquelas feições que eram a cópia das da *mahmen* dela, ele se retraiu – e se recuperou rapidamente.

– Não, estou bem, assim. Mas obrigado.

Inclinou-se propositadamente na direção de Rhamp, que estava nos braços do pai de Blay.

– E também vamos te ensinar a lutar. Não é mesmo, garotão?

– Você vai mesmo colocá-lo na guerra? – Lyric disse. – Quero dizer, quem sabe ele não encontra um outro lugar no mundo…

– Ele é filho de um Irmão – Blay a interrompeu ao se levantar. – Então será o que seu pai é.

O macho apanhou seu prato e o da mãe e seguiu para a pia.

– Ah, Qhuinn, pegue-a – a fêmea disse.

Qhuinn balançou a cabeça.

– Importa-se em colocá-la no bebê conforto? Vou ajudar com os pratos.

– E você – o pai de Blay murmurou para a mãe dele – precisa tirar esse pé do chão. Pra cama. Já.

– Preciso limpar isto.

– Não – Blay disse com firmeza. – Você cozinha, eu limpo, lembra?

– Dê ouvidos ao seu filho, Lyric.

Quando outra das discussões respeitosas e tranquilas do casal começou, Qhuinn procurou desesperadamente prender o olhar de Blay enquanto tiravam pratos, canecas e jarros.

Blay não estava de acordo. Na verdade, o cara parecia furioso com alguma coisa – embora escondesse bem enquanto seus pais se preparavam para acomodar Lyric na cama.

Quando a mãe de Blay abraçou Qhuinn, ele mais do que retribuiu o gesto.

– Eu volto logo.

– Melhor mesmo. E traga meus netinhos, por favor.

O pai de Blay a tomou nos braços.

– Já desço para ajudar, rapazes.

– Ou – Lyric disse – você pode assistir a um pouco de televisão com sua companheira.

– Esta bagunça precisa…

– Eles já são crescidos. Saberão cuidar de tudo. Venha, há um programa sobre destruição em massa que eu gostaria muito de assistir com você.

– Era isso mesmo o que eu queria – o pai de Blay disse com um afeto sarcástico.

Quando o casal começou a subir as escadas, Qhuinn poderia jurar que Lyric lhe lançara um aceno que dizia: pode deixar, leve o tempo de que precisar…

– Quer me dizer que porra está acontecendo aqui?

Qhuinn se retraiu e parou a caminho da mesa onde pegaria os guardanapos.

– Como que é?

Blay se recostou na pia e cruzou os braços diante do peito.

– Você não olhou para ela a noite inteira. Não tocou nela. Que diabos está acontecendo?

Balançando a cabeça, Qhuinn disse:

– Desculpe, mas não estou entendendo…

Blay apontou os dedos para os bebês conforto.

– Lyric.

– Não sei o que você está dizendo.

– Até parece.

Quando Blay o encarou, Qhuinn sentiu a exaustão retornar redobrada.

– Olha só, eu não…

– Sei que não sou pai dela, mas…

– Ah, Deus, isso de novo não. – Ele pendeu a cabeça para trás e fitou o

teto. – Por favor, de novo não…

–… não vou ficar aqui parado e deixar que você a ignore só porque ela se parece com Layla e você não suporta a Escolhida. Não vou aceitar isso, Qhuinn. Não é justo com a sua filha.

Estava na ponta da língua de Qhuinn dizer que ele não entendia, mas não. Não seguiria esse caminho.

Blay apontou o dedo na direção dela.

– Ela é um bom bebê e contanto que você não meta os pés pelas mãos nos próximos vinte e poucos anos, ela será uma fêmea espetacular. Não me importo por não estar na certidão de nascimento deles e o fato de não ter direito nenhum sobre eles…

– Sem querer ofender, mas já chega com isso. Isso não cola mais.

Quando Blay estreitou os olhos e pareceu prestes a explodir, Qhuinn enfiou a mão dentro da bolsa de fraldas e pôs uns papéis sobre a bancada de granito.

Deslizando-os na direção do cara, disse:

– Já cuidei disso.

– Do quê?

Exalando alto, Qhuinn se arrastou até a mesa e largou o peso do corpo numa cadeira. Remexendo num guardanapo amassado, assentiu na direção dos documentos.

– Apenas leia-os.

Blay estava no clima para discutir, mas algo deve ter surtido algum efeito, ou foi a expressão de Qhuinn.

– Por quê? – o cara quis saber.

– Você vai ver.

Quando o outro macho pegou os papéis e os desdobrou, Qhuinn acompanhou cada nuance do lindo rosto familiar, as torções na testa, a contração – e posterior relaxamento – da boca e do maxilar, o mais absoluto choque e descrença que foram substituídos por raiva.

– O que você fez? – Blay perguntou quando, por fim, levantou o olhar.

– Acho que é autoexplicativo.

Enquanto Blay relia o documento, Qhuinn fitou os dois bebês conforto, os bebês dentro deles, e os dois pares de olhos que começavam a se fechar.

– Não posso deixar que faça isso – Blay disse ao final.

– Tarde demais. Esse é um selo real no pé dos documentos.

Blay se aproximou da mesa e pareceu despencar na cadeira antes usada pela mãe.

– Isto é…

– Você tem os meus direitos parentais. Agora você é legalmente o pai deles.

– Qhuinn, você não tem que fazer isso.

– O inferno que não. Estou fazendo valer a minha palavra. – Apontou para a papelada. – Declarei-me incompetente e incapaz como pai… E, olha só, quando a gente descarrega uma arma de fogo no quarto dos seus filhos, é fácil comprovar isso. E Saxton fez uma pesquisa legal. Nós levamos o caso para Wrath e ele aprovou.

Não de pronto, na verdade. Mas, no fim da noite, o que o Rei poderia fazer? Ainda mais quando Qhuinn explicara o motivo para aquilo.

– Não consigo acreditar… – Blay balançou a cabeça. – O que Layla tem a dizer sobre isto?

– Nada. Isso não tem nada a ver com ela.

– Ela é a *mahmen* deles.

– E agora você é o pai deles. Conte a ela se quiser, ou não. Pouco me importo. – Quando Blay franziu o cenho, Qhuinn largou o guardanapo e se sentou à frente da cadeira. – Olha só, serei sempre o pai deles. O meu sangue está nas veias deles. Nada nem ninguém poderá mudar isso. Não estou negando o fato de que os gerei nem a realidade de que sempre estarei nas vidas deles. O que estou fazendo é legalizando a sua situação. Quando perdi a merda da minha cabeça naquele quarto? Aquilo foi emoção. – Apontou para os documentos de novo. – Isto é a realidade.

Blay só ficou olhando para os papéis.

– De verdade, não consigo acreditar que você fez isso.

Qhuinn se levantou e começou a prender as crianças, Rhamp primeiro.

Quando se virou para Lyric, tentou ser rápido. Tentou não olhar para o rosto dela.

Quando uma emoção estranha o atravessou, tentou se livrar dela.

– Tenho que deixar que Layla os leve amanhã ao anoitecer. Eu devo ir a campo, e você também – já olhei a escala. Então, a menos que queira mudá-la, eu te vejo na mansão amanhã à noite antes de sairmos.

Parou antes de pegar os bebês conforto.

– A menos que queria ir comigo agora.

Quando Blay meneou a cabeça, ele não se surpreendeu.

– Ok, espero te ver amanhã. Venha mais cedo se quiser passar um tempo com seus filhos antes que ela vá buscá-los.

Ele sabia que não deveria sugerir que Blay talvez quisesse vê-lo.

Levantando os gêmeos, Qhuinn girou sobre os calcanhares e seguiu para a porta. Quando estava no corredor, desejou que Blay de repente tivesse uma revelação e viesse correndo para a porta da frente.

Quando isso não aconteceu, ele a abriu e saiu.

CAPÍTULO 51

Os atrasos eram inaceitáveis. Incomensuráveis. Inadmissíveis.

Enquanto se desenroscava dos braços da amante, Throe estava a ponto de gritar. No início, fora incapaz de encontrar todos os ingredientes para o

feitiço, ou o que quer que aquilo fosse, na despensa da cozinha na noite anterior. Isso significou que ele teve que sair – no Bentley no *hellren* da casa, a propósito – e ir até a cidade para encontrar alcaçuz, açafrão e velas pretas. Tentar localizar aquelas velas em Caldwell às duas da manhã o enlouquecera.

Entrara em três supermercados que ficavam abertos 24 horas, mas nenhum deles as tinha. E tentara uma CVS. Duas, na verdade. Nada. E depois, quando voltara para casa, a senhorita Fazendo Birra Com Seus Louboutin estava tendo uma crise de histeria.

Ele quase a deixara falando sozinha. Mas a aurora estivera próxima e, além disso, ele ainda precisava das malditas velas e do óleo de motor.

Depois de vê-la transformar uma DR numa pequena expressão artística que durou umas duas horas pelo menos, tivera que transar com ela por três ou quatro vezes. Em seguida o acesso de choro e os malditos arrependimentos e recriminações. E as subsequentes declarações de amor às quais ele não acreditava nem por um segundo.

Quando ele conseguiu se livrar a fim de encontrar um *doggen* para lhe dar instruções, já passara das quatro da tarde.

O *doggen* só voltara depois das seis, e a Primeira Refeição foi interminavelmente longa – e agora, depois de mais uma rodada de sexo, ele estava livre. Ela estava apagada e permaneceria assim porque ele lhe dera

sorrateiramente sete comprimidos de calmante, dentre os que ela mantinha no gabinete do banheiro.

As pílulas ficavam indetectáveis no *espresso* que ela bebeu na refeição chamada pelos humanos de desjejum.

Ficou de pé e se movimentou silenciosamente pelo quarto pouco iluminado, encontrou o roupão de seda, cobriu-se e se apressou até a porta.

No corredor, suas passadas eram leves devido à antecipação que ele sentia mais frequentemente ao abordar uma nova amante.

E, de fato, quando por fim voltou à própria suíte, correu para a cama, jogou o travesseiro para o lado e aproximou O Livro do coração.

Quando o sentiu se aquecer, ele sorriu.

– Sim, faz tempo demais. E como faz. Mas aqui estamos nós. Vamos trabalhar agora.

Pareceu-lhe apropriado deixar as luzes apagadas, pois sentia que estava fazendo alguma coisa em segredo, algo sagrado – ou talvez essas fossem palavras erradas.

Não se importava muito em encontrar as certas: bem nos recessos da mente, ele sabia que aquilo era maligno. E, de fato, quando se sentou num dos cantos do quarto e depositou O Livro no tapete, ele lhe pareceu sombrio, cheio de sombras.

No entanto, não se demorou refletindo a esse respeito. Iria se concentrar

apenas no seu objetivo.

– Tenho minha fé e a minha fé me tem – ele murmurou quando O Livro se abriu sozinho e as páginas começaram a virar. – Tenho minha fé e minha fé me tem…

Quando o livro encontrou a parte certa, as páginas começaram a brilhar como se sentissem que seus olhos necessitavam de assistência.

– Quanta gentileza sua – ele disse ao acariciar a lombada.

No pergaminho, os símbolos do Antigo Idioma apareceram e ele deu uma rápida revisada na tarefa que tinha à frente. Certo, os ingredientes. Precisaria de…

O som de algo se movendo surgiu de baixo da cama. E também dentro do armário.

As coisas que pegara na despensa e no supermercado, na cozinha e na garagem, migraram sozinhas ao longo do tapete oriental, uma mixórdia de pacotinhos de temperos, a garrafa de vinagre tinto, a garrafa de Coca-Cola de plástico na qual colocara o óleo do Jaguar *vintage* estacionado na garagem, e todos os demais ingredientes se movendo, saltitando e pulando até junto dele.

As velas pretas foram as últimas e, na metade do caminho, elas se soltaram da caixa e rolaram adiante como se fossem troncos, evidentemente preferindo a liberdade em vez de continuarem confinadas.

Tudo formou um círculo ao seu redor, como se fossem estudantes ansiosos,

prontos para serem chamados.

– Ora, que conveniente…

Um barulho de algo metálico se chocando fez com que ele virasse a cabeça. Algo provocava aquele barulho numa gaveta da cômoda, um *rá-tá-tá* agudo como se estivesse batendo à porta.

Intrigado, Throe se levantou e foi até lá. Quando ele abriu a gaveta certa, viu uma das suas adagas, da sua vida pregressa, que implorava para sair.

– Você também.

Ao segurar o cabo e senti-lo junto à palma, ele pensou nos seus colegas guerreiros. Pensou em Xcor.

A tristeza imediata foi uma surpresa, mas não algo desconhecido. Quando a princípio orquestrara o plano para destronar Wrath, surpreendera-se com a audácia e quase se convenceu de que seria loucura. Mas, em seguida, aproximou-se da *glymera* e encontrou apoio, comprometimento e recursos para lutar contra as “melhorias” que o Rei Cego vinha colocando em prática. Sendo que nenhuma delas beneficiaria a aristocracia.

Subindo naquela onda de alienação e descontentamento, e depois a manipulando ainda mais para inflamar a *glymera*, acabara por se viciar na sensação do poder. De fato, isso era algo com que se deleitara antes ainda, antes que tudo desmoronasse com a tragédia da sua irmã e com ele indo parar junto de Xcor e do Bando de Bastardos. No Antigo País, antes do seu destino

com aquele grupo de guerreiros perigosos, ele fora um macho de posição social e de valor, não servindo a ninguém – e percebia agora que a sua animosidade contra Wrath vinha do desejo de querer retornar à posição da qual caíra.

Imaginou que almejar o trono havia sido uma correção de curso um tanto excessiva. Mas ninguém pode ser acusado de querer alcançar as estrelas, pode?

Voltando a se concentrar n'O Livro, Throe leu as instruções. Duas vezes. E logo pegou a panela de cobre e fez uma pasta com os temperos, o vinagre e o óleo automotivo. O cheiro era desagradável, porém necessário. Quando isso foi feito, ele pegou uma das velas e a cobriu com a pasta, garantindo que tudo exceto o pavio estivesse coberto. Em seguida, apanhou o que restava da pasta, virou a panela para baixo e fez uma pilha no fundo dela. Equilibrando a vela no monte que criara, terminou enrolando o tapete para transferir a estranha escultura para o piso diretamente, fazendo uma pequena trilha da pasta descendo da escultura e se afastando uns vinte centímetros da panela. Deu uma rápida verificada no que havia feito para se certificar de que tudo estava correto até ali.

Sangue era necessário em seguida, e ele o providenciou fazendo um corte na palma com a adaga. A dor foi leve e o cheiro de sangue permeou sua narina. Segurando a ferida acima da vela, permitiu que o sangue escorresse

sem, no entanto, molhar o pavio. Mais sangue era necessário na mancha sobre o assoalho.

Lambendo a palma para selar a ferida, segurou um isqueiro e abriu a tampa para logo acendê-lo. E acendeu a vela.

A chama se sustentou linda em sua simplicidade, a luz amarela translúcida formando o desenho de uma lágrima no alto do pavio.

Hipnotizante.

Throe a observou por um instante, e acompanhou nela a dança sinuosa dos movimentos de uma fêmea erótica.

Uma voz entrou em sua cabeça, de onde ele não sabia: *Estou esperando por você, meu amor*.

Estremecendo, esfregou os olhos e sentiu o medo se renovar. Mas não havia volta, e tampouco ele desejava abandonar aquele ritual ou o que quer que aquilo fosse. Retornaria a quem e ao que fora, e comandaria a raça com um exército que o seguiria e obedeceria a somente ele.

Inclinando-se para baixo, apoiou a palma na trilha de pasta.

– Tenho minha fé e minha fé me tem…

Com um golpe decisivo, cravou a ponta da adaga no dorso da mão, perfurando pele, cortando até o osso, enterrando a ponta no assoalho.

Arfando por conta da dor, ele piscou e olhou para a adaga. Olhou para a chama. Olhou para…

Nada de especial acontecera. Nenhuma maldita coisa.

Esperou um pouco mais, e depois começou a praguejar. Que babaquice era aquela?

– Você me prometeu – ele estrepitou contra O Livro. – Você me disse que isto…

Throe deixou a frase pairando no ar quando algo chamou sua atenção.

Estivera procurando no lugar errado. Não era na vela, nem na chama, nem na palma, tampouco na adaga onde encontrou aquilo que criara.

Não, estava na sombra do cabo e do corpo da adaga criada pela luz da vela.

Dos contornos da sombra escura lançada sobre o assoalho, algo borbulhava, tomando forma… emergindo.

Throe se esqueceu do mau cheiro e da dor enquanto observava a entidade emergir diante dele, os contornos fluidos como água, o corpo sem corpo e sem rosto e transparente ao se elevar da sombra lançada, crescendo mais e mais…

Na verdade, *era* uma sombra.

E parecia estar olhando para ele, aguardando uma instrução.

Parou de crescer em tamanho quando chegou às dimensões de um macho adulto, e oscilou de um lado a outro, bem ao estilo da dança da chama, como se estivesse presa ao chão… presa bem no ponto em que a adaga atravessara as carnes de Throe.

Com uma careta de dor, Throe arrancou a adaga e puxou a mão.

Em reação, a entidade flutuou para longe do chão, como um balão preso a um fio invisível.

Caindo de bunda, ele continuou sentado apenas observando. Depois segurou a adaga ensanguentada pela ponta e… lançou-a de modo que a arma atingisse a sombra com a ponta.

Houve um sibilo e um chiado, mas a adaga aterrissou no chão atrás da sombra como se tivesse atravessado apenas o ar.

Pigarreando, Throe ordenou.

– Apanhe a adaga.

A sombra se virou e a adaga foi apanhada do chão, sendo sustentada por uma ramificação da sombra que devia ser uma espécie de braço. E a entidade apenas aguardou, como se estivesse esperando mais uma ordem.

– Esfaqueie o travesseiro.

Quando Throe apontou para a cama, a coisa se moveu à velocidade da luz, tão rápido que seus olhos mal conseguiram acompanhá-la, seu corpo se alongando e depois estalando como um elástico.

E golpeou precisamente o travesseiro apontado por Throe, apesar de existirem oito apoiados contra a cabeceira.

Em seguida, a entidade simplesmente aguardou ao lado da cama, fazendo aquela coisa de balão oscilando a partir da base.

– Venha cá – Throe sussurrou.

A obediência era mágica. O poder, inegável. As possibilidades…

– Um exército – Throe disse com um sorriso que fez suas presas latejarem.

– Sim, um exército desses me servirá muito bem.

CAPÍTULO 52

De pé na sala dos funcionários no restaurante Sal’s, Therese estava cansada, mas satisfeita ao fim da noite. Por volta de uma da manhã, com suas mesas arrumadas, sua parte nas gorjetas e um smoking extra para levar para casa, ela estava feliz com o andamento das coisas. Errara em três pedidos, mas não muito: uma entrada estivera errada, um rosbife foi servido ao ponto em vez de ponto para menos, e ela confundiu um *semifreddo* com um *tiramisù*.

Atendera oito mesas de quatro, uma de seis e três casais. O que resultou numa boa soma em gorjeta. Se a situação continuasse assim, ela sairia daquele prédio no qual morava até a metade de janeiro. Só o que precisava fazer era poupar o dinheiro do mês de depósito e o primeiro mês de aluguel para conseguir algo um pouco mais decente. Depois disso, era só se mudar – sem ter que pagar uma transportadora, pois não tinha tantas coisas assim.

– Feito.

Quando Emile se aproximou, ela sorriu.

– Feito. E ainda estou de pé.

– Você se saiu bem. – Ele retribuiu o sorriso. – O pessoal vai sair agora. Quer se juntar a nós?

– Ah, obrigada, mas estou exausta. Quem sabe na próxima?

Ele tirou suas coisas do armário, um casaco de flanela e um cachecol simples, mas de boa qualidade.

– Encontro marcado… Quero dizer, não um encontro. Ah, você entendeu.

Ela assentiu aliviada.

– Entendi. Perfeito.

– Até amanhã, então, Therese.

Emile pronunciou o nome dela ao estilo francês, e naquele idioma, ele pareceu exótico e elegante. E ela precisou de um minuto para notar a cor dos olhos dele. Muito azuis.

– Pronto, E.?

A humana que falou com ele posicionada na soleira da porta devia estar perto dos trinta e tinha uma irritação na voz, no olhar, no corpo. Liza? Ou Lisa? Algo assim. Tinha cabelos escuros com luzes mais claras nas pontas, olhos escuros com invejáveis cílios naturais, e pernas que faziam os jeans que ela vestia agora, depois de ter tirado o uniforme, parecerem uma obra de arte. Não demonstrara muito interesse em Therese, mas estava na cara por quem se interessava.

– Então?

Emile assentiu.

– Pronto. Tchau, Therese.

Lisa/Liza/Não importa quem apenas deu as costas.

– Tchau, Emile.

Quando Therese fechou seu armário, dobrou o smoking extra sobre o braço. Ainda vestia aquele no qual trabalhara e guardara as roupas em que viera dentro da mochila porque estava simplesmente cansada demais para se trocar. Só o que precisava fazer era ir para a cama e fechar os olhos, porque uma coisa ela sabia sobre o trabalho de garçonete: o turno seguinte chegaria rápido demais, antes que seus pés parassem de latejar se não descansasse. Tinha que admirar aqueles humanos que saíram para se divertir.

Virando-se, ela…

Parou onde estava.

– Você… – ela sussurrou ao levantar o olhar, bem para o alto, até chegar ao rosto que estivera constantemente em sua mente desde a noite anterior. Trez, o Sombra, o irmão do dono do restaurante… uma fantasia devastadoramente atraente em carne e osso com quem vinha se preocupando preenchia a soleira de um modo que nenhum outro humano conseguiria, os ombros largos ocupando quase todo o espaço vazio, a altura impressionante fazendo com que a cabeça quase batesse no batente. Vestia um terno cinza escuro que ressaltava a cor de pele dele, e uma camisa social branca que

parecia ter um brilho azulado, assim como a neve sob a luz do luar.

O rosto dele era mais bonito do que se lembrava.

E isso a fez imaginar se o lábio inferior dele era ainda mais macio do que ela se recordava.

– Tentei ficar afastado – ele disse num tom baixo. – Consegui por mais de vinte horas.

Ela lentamente abaixou a mochila para o banco.

– Bem… Olá.

Trez mudou de posição e enfiou as mãos nos bolsos.

– Comeu alguma coisa?

– Não. Quero dizer… Eu experimentei os pratos no início da noite, mas… fora isso, não.

– Quer comer alguma coisa rapidinho comigo?

– Quero.

O fato de não ter sequer hesitado provavelmente fez com que parecesse desesperada. Mas não se importou com isso. Quando se está ignorando de propósito o que é bom para você, não há muito espaço para introspecção.

– Venha. – Ele indicou por cima do ombro. – Trouxe o meu carro.

Quando atravessaram a cozinha, ela manteve a cabeça abaixada. Tinha a sensação de que o irmão dele, proprietário do Sal’s, não aprovaria aquilo… E o cara estava cozinhando mais adiante, na frente do fogão. Mas, pensando

bem, com olhos erguidos ou abaixados, não havia como passarem despercebidos.

Quando chegaram à porta dos funcionários, atrás, Trez a manteve aberta para ela passar, e não se surpreendeu nem um pouco por haver uma BMW idêntica estacionada junto à saída – apenas a cor era diferente. Também não se surpreendeu quando ele deu a volta e a ajudou a entrar do lado do passageiro.

Quando ele entrou, o interior do carro lhe pareceu muito menor, e ela não se importou porque, Deus, aquele corpo… E puxa, ele também era cheiroso, talvez fosse a colônia que usava ou quem sabe, poderia ser apenas ele mesmo, atiçando-a.

– Onde gostaria de ir? – ele perguntou ao dar partida e colocar na marcha ré.

Sirius/Xm estava na rádio The Heat, e ela sorriu.

– Temos o mesmo gosto musical.

– Temos? – ele disse ao levar o carro para a parte do estacionamento dos clientes do restaurante.

– Temos. Ah, e eu adoro Kent Jones.

– Eu também. – Ele parou na saída da avenida que pegaram na noite anterior. – Olha só, conheço uma lanchonete que fica aberta a noite inteira. Não é nada muito luxuoso, mas…

– Não sou uma fêmea ligada em luxos. O básico está ótimo para mim.

– Você não é básica.

Engraçado como uma afirmação como essa, vinda de um macho que estava vestido daquele jeito, com aquela aparência, que manobrava um carro tão luxuoso como aquele, parecia lhe dar a coroa de Miss Estados Unidos, o Prêmio Nobel da Paz e as chaves do Palácio de Buckingham ao mesmo tempo.

Ok, talvez isso tudo parecesse exagero, mas seu peito subitamente estava cantarolando e a cabeça estava tonta como se ela tivesse tomado uma taça de champanhe.

– Como foi seu primeiro dia no trabalho? – ele perguntou como se quisesse preencher o silêncio.

Pigarreando, Therese começou a responder superficialmente, mencionando os três erros cometidos, mas era tão fácil conversar com ele que logo ela se aprofundou mais.

– Eu estava preocupada em não ser boa o bastante. Preciso muito deste trabalho, e os outros dois que eu tinha em vista não pagavam tão bem como este.

– Precisa de um adiantamento ou algo assim? Eu posso te emprestar…

– Não. – A resposta foi brusca. – Mas obrigada. Vim ao mundo sozinha e vou lidar com meus problemas sozinha.

Quando a cabeça dele se virou para ela rapidamente, ela moderou o tom:

– Quero dizer, não quero ser um fardo para ninguém.

Ah, quanta asneira. A verdade era que ela não se permitiria mais ficar vulnerável com ninguém por nenhum motivo. Mas isso faria com que parecesse defensiva demais e ficava estranho naquele contexto.

– E o jogo de Syracuse? – ela mudou de assunto. – Estávamos olhando toda hora nossos telefones na cozinha enquanto aguardávamos os pratos.

– Ah, meu Deus, eu também fiquei grudado no meu. Aquela zona de defesa é *insana*…

E ele gosta de basquete universitário, ela pensou. Aquele macho era, sério, um unicórnio.

A lanchonete, no fim das contas, era incrível. A parte anterior fora convertida num vagão de trem, e a posterior era onde estavam as mesas. A atmosfera era muito nova-iorquina, com as garçonetes algo que você encontraria nos episódios de *Seinfeld,* todas com uniformes alegres, atendendo-o como se você tivesse invadido as casas delas e defecado nos sofás das suas salas.

Fantástico.

– Então, a especialidade daqui são as tortas, o café e as batatas assadas – Trez disse quando se acomodaram nos fundos bem do lado de uma placa de saída. – E fritas. O hambúrguer deles também é ótimo. Ah, o *chilli* é demais

também.

Quando ele abriu o cardápio, os olhos vaguearam um pouco.

– Esqueci, o Reuben deles também é demais. E o rosbife.

Therese amparou o cardápio junto ao corpo e apenas sorriu.

– Por acaso você pulou a Primeira Refeição?

Os olhos dele voltaram para os dela.

– O quê? Ah, é que fui eu quem abriu hoje.

– Você tem um restaurante?

– Não, uma boate. Bem, duas.

Inclinando a cabeça para o lado, ela assentiu.

– Sabe, consigo ver isso. Você parece polido e sofisticado.

A garçonete abalroou a mesa deles, trazendo dois copos de água que quase despejou em cima deles.

– O que vai ser.

Trez apontou para ela.

– Therese?

– O Reuben. Definitivamente o Reuben. Nem tenho nem que olhar o cardápio.

– Batatas fritas ou chips – a pergunta foi feita de má vontade.

– Fritas, por favor. Obrigada.

A garçonete olhou para Trez.

– E você.

Nenhuma das frases da mulher eram perguntas. Estava mais para o estilo de um ladrão encostando o cano da pistola na sua nuca ao pedir a sua carteira.

Trez deixou o cardápio de lado.

– Cheeseburger. Americano. Ao ponto. Fritas. Duas tortas maçãs. Duas cocas e um refil antes da sobremesa. A conta, por favor, em dinheiro, não preciso de troco.

A garçonete voltou os olhos na direção dele. Depois assentiu como se estivesse dando um peteleco na cabeça dele com os nós dos dedos.

– É assim que se faz.

Quando a mulher se afastou, Therese riu.

– Evidentemente você sabe agradar as fêmeas.

– Pelo menos as humanas que estão servindo quase às duas da manhã e têm mais umas quatro horas antes de poderem ir para casa descansar.

Conversaram até a mulher voltar com as cocas, sem perder tempo em deixá-los sozinhos de novo.

– Sim, sempre fui fã de basquete. Spartans para sempre. Grande fã de Izzo.

– Therese sorveu um gole do refrigerante e se recostou com um gemido. Geladinho, e tão doce, e cheio de gás. – Esta deve ser a melhor Coca que eu já tomei.

– Noite longa, deve estar com sede. – Ele sorriu. – A perspectiva é tudo na

vida.

Verdade. E também havia o fato de aquele macho incrível estar sentado na frente dela.

– Como é que você não está com ninguém… – ela deixou escapar.

Quando os olhos dele saltaram, ela pensou: *Ai, que droga*. Dissera mesmo aquilo em voz alta?

De repente, aqueles olhos escuros se desviaram para outro lugar, vagueando ao redor do interior cheio de mesas e cadeiras desocupadas. Só havia outros dois casais na lanchonete, ambos no balcão mais adiante, e Therese tinha quase certeza de que se eles não estivessem tão perto, ele teria se levantado para andar de um lado a outro.

– Desculpe – ela murmurou. – Isso não é da minha conta.

– Hum… Não, tá tudo bem. Acho que podemos dizer que o amor não deu certo pra mim.

– Não consigo imaginar um motivo para uma fêmea deixar alguém como você. – Fazendo uma careta, ela fechou os olhos e meneou a cabeça. – Ok. Vou parar de falar agora. Fico metendo os pés pelas mãos.

Quando ele se recostou, um sorriso retornou por um segundo.

– Acho a sua franqueza animadora, sabia?

– Olha só, tenho uma ideia. Gosto de ser proativa, então, que tal se a gente justificar tudo isso por conta da minha exaustão? Tipo assim, tudo o que sair

da minha boca será desculpado antecipadamente. Acho que nós dois nos sentiremos melhor quando tudo isso tiver terminado.

– Você não tem por que sentir vergonha.

– Espere e verá. A comida nem chegou ainda.

– Gosto de honestidade.

– Mesmo? Bem, então vai se dar bem comigo. Meus pais sempre disseram que…

Quando ela deixou a frase incompleta, ele murmurou:

– O quê?

Therese deu de ombros.

– Ah, você sabe, que eu não tenho filtro.

– Eles estão em Michigan?

– Não.

– Morreram? – ele perguntou com um vinco na testa.

Como responder a isso?

– Sim – ela disse. – Minha *mahmen* e meu pai estão mortos.

– Puxa, sinto muito. – Ele pareceu tão sincero, os lábios se afinando e as sobrancelhas abaixando. – Deve ser muito difícil.

– É por isso que vim para Caldwell.

– Um recomeço? – Quando ela assentiu, ele fez menção de estender a mão para segurar a dela, mas logo se conteve. – É difícil seguir em frente quando

você é aquele que fica para trás.

– Vamos falar de coisas alegres? – Ela estalou o pescoço e sorriu com determinação. – Sabe, qualquer coisa que não seja família nem amores passados deve funcionar.

Ele retribuiu o sorriso.

– Isso nos deixa muitas possibilidades.

– Não é?

– Olha só, me faz um favor?

– Claro.

– Vai me deixar encontrar um lugar pra você morar que não seja aquele prédio em que está agora? – Ele levantou as mãos. – Eu sei, eu sei, isso não é da minha conta, mas aquela é uma parte bem esquisita da cidade, e não estou sugerindo que você não sabe tomar conta de si própria. Está na cara que você é inteligente, um indivíduo perfeitamente capaz de tocar a própria vida.

Mas… Fala sério. Aquilo lá é perigoso.

– Você é um amor.

– Não sei bem se é assim que a maioria das pessoas me descreveria.

– Ok. Então o que elas diriam?

Sim, ela estava tentando mudar de assunto, mas não por estar assustada com a oferta dele. Mais por estar um tanto inclinada a aceitá-la.

– Belo pivô.

– O que disse?

– Foi uma maneira bem inteligente de me dizer para tratar dos meus assuntos.

Nesse momento, a garçonete se aproximou com os pedidos. *Puxa vida*, Therese pensou ao dar uma espiada no seu Reuben. Não se lembrava da última vez que vira fatias de pão tão grossas. E devia haver meio boi enfiado naqueles dois colchões de pão.

– Esta é a coisa mais linda que eu já vi na vida – ela disse.

– Eu te disse – Trez concordou.

A garçonete apenas grunhiu, mas Therese deduziu que deviam ter sorte por ela não ter despejado os pratos de batata frita nas cabeças deles.

– Me diz uma coisa – Trez continuou quando a mulher se afastou –, você é o tipo de garota que gosta de catchup?

– Sou sim, sou sim.

Ele abriu a tampa do Heinz e entregou a garrafinha para ela. Quando ela terminou de se servir, ele cobriu o próprio cheeseburger com o molho.

– Então, voltando à minha oferta pra te ajudar.

Therese apanhou metade do sanduíche com cuidado.

– Não sei, não. Lá pela metade de janeiro eu devo sair de lá desde que consiga manter o emprego no Sal’s. Não vai demorar muito.

– Olha só, eu tenho alguns amigos que têm um monte de propriedades na

cidade. Membros da espécie, entende. As casas estão localizadas em bons bairros e são monitorados por… Bem, por equipamentos de ponta. Têm sistema de segurança e o bônus de não terem viciados em heroína no saguão de entrada.

– Mas quanto isso irá me custar? – Ela balançou a cabeça. – Não tenho o depósito ainda e não vou conseguir bancar…

Ele sacudiu a mão.

– Não se preocupe com isso.

– Desculpe, mas eu tenho que me preocupar. Eu estou cuidando de mim, lembra?

Dito isso, Therese abriu bem a boca e deu uma mordida. Hum, aquilo era o paraíso. E o pão de centeio era tão macio quanto um pão de forma, mas com a picância do primo russo.

Ela gemeu e Trez assentiu.

– Bom mesmo, não é? Fico feliz que tenha gostado.

Enquanto ele comia o cheeseburger, ela ficou impressionada com os bons modos dele à mesa. Nada atrapalhado, nem apressado, e muito uso de guardanapos. E ele também conseguiu não derrubar nada na jaqueta, o que era muito impressionante.

– Isso é seda? – ela perguntou ao apertar para o tronco dele.

– O terno ou a camisa?

– Hum… os dois?

– São.

– Bem, são bonitos. – *E o que tem debaixo da camisa é ainda mais bonito.*…

Abruptamente, ele abaixou as pálpebras.

– Não sei bem como responder a isso.

Therese abaixou o sanduíche e se recostou no banco.

– Ai, meu Deus.

– Tudo bem. – Os olhos se direcionaram para a boca dela. – Não esquenta.

Abaixando a parte que restava daquela metade do seu Reuben, ela limpou as mãos no guardanapo.

– Sabe de uma coisa, é melhor eu ir embora.

– Não diga bobagens.

– Pelo visto é só o que eu tenho dito hoje.

– Olha só – ele murmurou. – Você pode me compensar. Fique na casa de um dos meus amigos para que eu não me sinta culpado se alguma coisa ruim acontecer com você.

– Por que você se sentiria culpado? Não sou problema seu.

– Qualquer macho – qualquer pessoa – que não faça algo quando alguém precisa de ajuda está errando.

– Mas e quanto ao depósito e ao aluguel do primeiro e do último mês…

– Vamos programar um esquema pra você. Para os pagamentos. – Deu de ombros. – Olha só, somos só membros da mesma espécie cuidando uns dos outros. Temos que nos apoiar neste mundo. Se juntarmos os humanos e os *redutores*, eles nos superam em número.

A garçonete retornou trazendo mais refrigerante e colocou dois pratos com fatias enormes de torta de maçã. À moda da casa. Depois pegou a ultrapassada caderneta de tirar pedidos e arrancou uma folha como se a coitada tivesse insultado sua mãe.

E bateu na mesa com ela.

– A torta é por conta da casa. – Ela indicou o smoking de Therese. – Trabalha no Sal's?

As sobrancelhas de Therese se ergueram.

– Sim, trabalho.

– Cortesia entre profissionais. Boa noite.

A mulher marchou para longe como se estivesse numa campanha para fechar a cozinha.

– Uau – Therese disse. – Legal da parte dela.

– Não tenho nenhum problema com alguém que é meio mal-educado enquanto está trabalhando duro para se sustentar honestamente.

– Nem eu. E eu teria agradecido caso ela…

– Mas você estava preocupada que ela encostasse uma arma na sua

cabeça? Boa ideia.

Os dois se calaram enquanto Therese pensava em ter que voltar para o buraco onde estava morando.

– Quando eu poderia me mudar? – inferiu num rompante.

Trez a encarou por cima da mesa e sorriu.

– Vamos dar alguns telefonemas e descobrir, que tal?

Ela abaixou os olhos.

– Obrigada. – E logo voltou a fitá-lo. – Mas eu mesma vou pagar por tudo. E não quero nenhum desconto. Isto vai ser tratado como se fosse com qualquer outro locatário, ok? Eu prefiro continuar onde estou e correr o risco de ser assaltada a…

Trez mostrou as palmas.

– Entendido. Completamente. Você só vai se mudar para um lugar onde não terá que se preocupar se vai ou não ser apunhalada só para provar a sua independência.

– Isso mesmo. – Ela esticou a mão e apanhou a conta. – Dito isso, eu vou pagar esta conta e você vai me deixar fazer isso, com graciosidade.

Quando ele abriu a boca, ela dissimulou levando a mão ao coração.

– Ah, não tem de quê. Mesmo, será um prazer para mim e uma ótima maneira de recompensar a sua gentileza. E só para constar, eu amo machos seguros o suficiente que permitem que as fêmeas sejam seus iguais. É muito

sexy.

Ele fechou a boca. Inclinou-se para trás e para a frente.

– Uau – ele disse por fim.

– O que foi?

Trez pigarreou e endireitou o colarinho aberto da camisa. Que já estava perfeitamente ajustada.

– Este *cheeseburger* está perfeito. Verdade… E as fritas também.

Therese começou a sorrir.

– Espere até chegar à torta. Acho que nós dois vamos adorar.

CAPÍTULO 53

Às quatro da manhã conforme combinado, Xcor transferiu sua forma corpórea para o topo do prédio da Companhia de Seguros de Caldwell. Ao retomar sua forma nas rajadas de vento que atravessavam o espaço vazio no alto da cidade, ele inspirou fundo.

E quando olhou por cima do ombro, um a um seus machos apareceram: Zypher, Balthazar, Syphon e Syn. Quando todos se postaram diante dele, ele sentiu um instante de orgulho, pois os reunira por excelência, escolhendo a dedo os que considerava serem os melhores naquele acampamento de guerra. Aquele grupo de guerreiros o seguira em incontáveis batalhas, e juntos venceram muito assassinos, o total dessas mortes era algo impossível de contar…

De repente, a imagem de todos aqueles jarros na caverna da Irmandade surgiu em sua mente. Na verdade, se os dois grupos tivessem conseguido trabalhar juntos? Talvez a guerra já tivesse terminado àquela altura.

Zypher deu um passo à frente, evidentemente preparado a fazer algum tipo de declaração em nome do grupo.

– O que tiver a dizer – Xcor disse ao vento –, eu aceito e…

O grande guerreiro se ajoelhou e levantou o olhar silenciosamente para Xcor.

Enquanto o vento uivava e os cabelos de ambos eram açoitados de um lado a outro junto com as roupas invernais, Xcor descobriu que piscava rapidamente.

Em seguida, enfiou a mão no casaco e pegou uma faca que pegara na cozinha da casa segura e guardara nas dobras da parca preta emprestada. Curvando a mão ao redor da lâmina de fio duplo, ele apertou com força… e quando deslizou a arma da mão, o sangue fluiu.

Xcor estendeu a mão ferida para seu soldado, e Zypher abaixou a boca e bebeu o que ali se empoçava. Depois limpou a boca com o dorso do braço e se ergueu. Inclinou a cabeça e retrocedeu.

Um a um, os outros machos repetiram o ato de fidelidade, uma cerimônia que realizaram tantos anos atrás, ainda na floresta do Antigo País. Syn foi o último a se prontificar, assim como o fizera na primeira vez – e quando

sorveu sua porção e se ergueu novamente, ele tirou algo das costas.

Quando Xcor viu o que era, ficou momentaneamente atordoado. Mas deslizou a língua sobre a ferida da palma para selá-la… e depois estendeu a mão para aceitar o que lhe era oferecido.

Era a sua foice. Aquela que o protegera dos machos de Bloodletter naquela floresta. Aquela que tomara para si e que usara como sendo sua por séculos. Aquela era tão parte do seu corpo quanto suas pernas e seus braços.

– Onde a encontraram? – sussurrou ao aceitar o cabo.

Era como voltar para casa.

Zypher olhou para os outros e respondeu:

– Na Escola para Moças de Brownswick. Foi a única coisa sua que encontramos.

Xcor passou seu peso para trás e girou a grande lâmina num arco. Era um antigo hábito alegremente renovado, e com o modo com que ela se movia sob seu comando… era prova de que a água não era a única coisa que podia existir em diferentes estados.

Uma lâmina nas mãos certas tanto podia ser sólida quanto líquida.

Só que, então, ele parou.

– Não usarei isto contra a Irmandade. Entendem a minha posição?

Zypher relanceou para o grupo. E no vento forte e gélido, ele disse:

– Estamos preparados para seguir você. E se você segue Wrath, então

estamos preparados para seguir Wrath também.

– Ele espera que vocês jurem lealdade a ele. Por suas vidas de modo a permanecerem vivos.

– Nós seguimos você. Se você seguir Wrath, estamos preparados para seguir Wrath.

Xcor olhou para Balthazar.

– O que me diz?

– O mesmo – respondeu o macho.

– E você? – Xcor perguntou ao seguinte. Quando houve um aceno, ele perguntou ao outro.

Não era esse acordo que o Rei Cego desejava.

– Se isto custar suas vidas – Xcor entoou –, se acabarem caçados por isto, o que me dizem?

– Somos guerreiros – Zypher se pronunciou. – Vivemos e morremos pela adaga, e já somos caçados. Nada será diferente para nós salvo a integridade dos nossos permanentes e duradouros serviços ao nosso único senhor verdadeiro. Estamos em paz com o nosso posicionamento nesta questão. Em relação a outra, não estamos.

Evidentemente debateram o assunto por algum tempo… e chegaram a uma conclusão unificada e determinada, não a sujeitando a alterações tampouco negociações.

Xcor sentiu o coração inflar e seguiu o instinto de inclinar a cabeça.

– Apresentarei esta situação ao Rei e veremos o que ele tem a dizer.

– E depois iremos para casa – Zypher completou. Como se isso também fosse inalterável.

– Sim – Xcor disse para o vento. – Iremos para casa.

Layla saiu da casa pela porta de correr, indo para o frio e se encolhendo no casaco que pegara no armário. Ao fechar os olhos para se desmaterializar, seu coração batia forte e ela sentia uma raiva muito próxima de um sacrilégio.

Quando voltou à sua forma, foi numa península que se projetava no Rio Hudson, uns 25 quilômetros ao longo do curso do rio onde ficara umas boas duas horas andando de um lado a outro. O chalé de caçador que era seu destino era uma pequena construção, e tão modesta e resistente quanto um sapato velho bem consertado, situado de modo a ficar de frente para a cidade.

Mais adiante na península, uma mansão de vidro elegante e de tamanho considerável jazia como um museu de exibição da riqueza, seu brilho alcançando todas as cercanias como o esplendor do sol que fortifica o sistema solar.

Mas aquela outra construção não lhe era importante.

O destino bem sabia que ela já tinha muito com que se preocupar.

Ao marchar sobre a neve na direção da porta dos fundos do chalé, suas pegadas foram as primeiras a perturbar a cobertura imaculada. Mas havia um

indivíduo dentro da estruturam e ele lhe abriu a porta antes que ela batesse. O corpo imenso do Irmão Tohrment ficou delineado pela luz atrás dele.

– Ei! Que surpresa! Desculpe eu ter demorado a responder, eu…

– Qual de vocês é o responsável? – ela estrepitou. – Quem de você atirou nele?

Quando o Irmão parou de falar, ela não lhe deu oportunidade para responder. Passou por ele para entrar no calor dali de dentro e de pronto começou a andar de um lado a outro ao redor do espaço parcamente decorado.

Manteve os olhos nele quando ele os fechou ali dentro, recostando-se na porta em seguida.

– E então? – ela exigiu. – E não venha me dizer que não sei o que estou falando. Ele disse que foi um *redutor* – e depois me disse que não via um desde que um monte de monstros o sequestrou…

– *Monstros*? – Tohr rebateu. – Está nos chamando de monstros? Depois que aquele merdinha botou uma bala no seu Rei?

Layla parou diante dele e apontou o dedo na direção dele, pontuando as palavras com o indicador.

– Aquele “merdinha” deixou a oportunidade de entregar o seu rabo. Portanto, veja bem como se refere a ele.

Tohr projetou o quadril à frente.

– Não o transforme num herói, Layla. Isso não a ajudou antes, e certo como o inferno não melhorará as coisas pra você agora.

– Para a sua informação, eu não ouvi você negar que tenha sido você. Qhuinn estava com você ou você decidiu ir atrás dele sozinho? E antes que me diga para que eu seja uma fêmea boazinha e cuide dos meus assuntos, eu estava lá quando Xcor se apoiou em um joelho e beijou o anel do Rei. Eu assisti quando ele fez um juramento, e sei muito bem que Wrath contou isso a todos vocês de modo a que ele ficasse seguro. Mas você não prestou atenção, prestou? Você se acha mais importante do que isto…

– Isso não é da sua conta, Layla.

– O caramba que não é. Eu o amo…

Tohr lançou as mãos para o alto.

– Tá, tá, tá, você se apaixonou por um assassino, um ladrão, um traidor, e de repente toda essa sujeira é zerada, todos esses detalhezinhos simplesmente desaparecem em pleno ar porque você está apaixonada! Ok, bom saber disso, então vou simplesmente apagar o fato de Wrath quase ter *morrido* na minha frente porque você quer chupar o pau de um mach…

Ela o esbofeteou com tanta força que sentiu a dor do impacto subindo pelo braço. E não sentiu absolutamente nenhum remorso em seguida.

– Devo lembrá-lo da minha posição – ela estrepitou. – Quer você goste ou não, sou uma Escolhida e *não* permitirei que me desrespeite. Conquistei esse

direito pelos anos de serviço e não aceito ser tratada com menos do que isso.

Tohr nem pareceu perceber que ela o estapeara. Só se inclinou de novo para a frente e expôs as presas.

– E devo lembrar a *você* que é meu trabalho proteger o Rei. A sua vida amorosa não me interesse minimamente numa noite boa. Quando ela entra em conflito com a minha tarefa de manter vivo um macho de valor como Wrath? Eu passo por cima de você e das suas preciosas ilusões mais rápido do que uma hemorragia arterial daria conta deste problema.

– Você – ela apontou o indicador de novo – é quem será um assassino se o matar, assim como Qhuinn.

Ela esperou que ele negasse o envolvimento de Qhuinn. Não foi uma surpresa quando ele não fez isso.

Tohr só deu de ombros.

– Tenho uma ordem executiva que me diz que posso ser aquele que o levará para o túmulo.

– Que foi evidentemente revogada. – Ela meneou a cabeça e levou as mãos ao quadril. – Não sei o qual é o seu problema, mas está na cara que não tem nada a ver com Xcor…

– Ao diabo que não tem!

– Bobagem! Wrath já superou isso. Foi Wrath quem quase morreu. Você é quem está se apegando ao que aconteceu, e é por isso que o motivo por trás

disto deve ser outro. Se fosse mesmo Xcor e o que ele fez com Wrath, isso teria se resolvido para você, assim como se resolveu para ele.

Tohr expôs as presas.

– Ouça bem o que eu tenho a dizer, porque só vou dizer uma única vez. Você pode ser uma Escolhida, e pode flanar nas suas vestes brancas e sua atitude sagrada o quanto quiser, mas você *não* faz parte desta guerra. Nunca fez e nunca fará. Portanto, volte para casa e sente-se num banquinho, comendo seu queijinho ou sei lá o que, porque *nada* do que me disser vai mudar a minha opinião ou alterar o meu curso de ação. Você não é tão importante assim para mim, fêmea, e mais do que isso, este seu papel através do qual você exige respeito não é assim tão significativo no que se refere à sobrevivência da raça.

Uma fúria de alta octanagem percorreu as veias dela.

– Seu misógino fanfarrão. Uau. Será que Autumn tem noção do quanto você sabe ser condescendente? Ou você esconde isso dela só para que ela consiga dormir ao seu lado durante o dia?

– Chame do que quiser. Rotule como achar melhor. Mas entre mime você, só um de nós sabe do que está falando.

Layla piscou uma vez. Depois duas. E então uma terceira vez.

Ela tinha alguma noção de que o caminho que tomaria não seria o melhor. Mas foi ele quem mencionou a palavra “pau” naquele espetáculo.

– Sei como era a sua primeira *shellan*. – Quando o sangue fugiu do rosto dele, ela seguiu em frente. – Enquanto me coloca numa caixinha por conta do meu par de ovários, você talvez queira considerar, nem que seja por apenas um instante, como Wellsie teria reagido ao saber que você disse o que disse a uma fêmea. Tenho quase certeza de que ela não ficaria impressionada.

Quando as palavras foram absorvidas, o Irmão pareceu inchar diante dos olhos dela, o corpo crescendo em tamanho, em força, em volume até se tornar um monstro letal.

Os punhos de Tohr se cerraram, o rosto de transformou numa máscara da mais absoluta violência. Numa voz que tremia, ele disse:

– Você precisa ir embora. Precisa ir embora agora. Nunca bati numa fêmea antes, e não vou começar esta noite.

– Não tenho medo de você. Não tenho medo de nada. – Ergueu o queixo. – No que se refere a proteger as vidas dos meus filhos e do macho que amo, eu ponho minha vida no caminho dos destinos deles, e se você me surrar até a morte por causa disso, eu me erguerei dos mortos e o amaldiçoarei até que fique louco. Não há nada que possa fazer para mim que me fará recuar. *Nada*.

Por um instante, o Irmão pareceu tão atordoado que não conseguiu falar. E ela imaginou qual seria o motivo. Pois lá estava ela, enfrentando a mais temida espécie de macho que a raça tinha a oferecer, um assassino treinado e armado e que devia ter uns cem quilos, no mínimo, a mais do que ela… E ela

não estava nem tremendo.

Sim, ela pensou. Aquela que sempre se sentira um pouco perdida encontrara seu lugar e sua voz.

E, no fim, as duas coisas eram de um leão.

Tohr meneou a cabeça.

– Você está louca. De verdade… Pirou de vez, sabia. Está disposta a sacrificar seus filhos, sua família escolhida, o seu lar, o seu relacionamento com Qhuinn e Blay, o seu Rei – todos que sempre estiveram ao seu lado – tudo isso por um macho que cometeu um crime de guerra, o qual deve ter sido uma das coisas menos ofensivas que ele já fez nesta vida. Muito bem, então, quer saber o que Wellsie diria sobre isto? Eu te digo. Ela diria que você é uma traidora, uma enganadora, e que jamais deveria voltar a ver aqueles bebês de novo porque a primeira coisa que se faz com as crianças é protegê-las de todo e qualquer mal.

Ok. Estava farta de discutir sobre coisas hipotéticas.

– Estou te avisando agora, Tohrment, você precisa se perguntar o que de fato está fazendo aqui. – Layla meneou a cabeça. – Porque você está se rebelando. Quer falar de traição? Tenho quase certeza de que Wrath voltou para a mansão e disse a Irmandade o que estava fazendo com Xcor e com o Bando de Bastardos, e o que ele esperava conseguir com isso. E você não está seguindo as ordens, está? Isso o torna um traidor também? Eu acho que

sim. Talvez, então, eu e você tenhamos que comprar umas pulseirinhas de melhores amigos ou algo assim.

– Vai se foder, Layla. Espero que aproveite a vida com aquele seu cretino. Sério, porque depois deste espetáculo todo, só posso deduzir que você pretende ir ao Antigo País com ele – isso se ele viver tempo suficiente para fazer essa viagem. Pois é, uma fêmea como você só podia mesmo abandonar os filhos e ir embora com o amante. Sabe do que mais? Sem dúvida será a única vez na minha vida em que vou considerar o abandono de menores como uma excelente ideia.

– Fique longe de Xcor.

– Você não está em posição de me dar ordens, fêmea. – Ele gargalhou. – Jesus Cristo. Custo a acreditar que tudo isso seja a respeito de um tipo como aquele. Afinal, quem diabos é aquele merdinha dos infern…

– Ele é a porra do seu *irmão* – ela estrepitou. – Isso é o que ele é.

CAPÍTULO 54

Existem momentos na vida em que você poderia estar envolvido num acidente de carro sem estar atrás do volante. Ou mesmo numa estrada. Ou em qualquer espécie de veículo automotivo.

Enquanto as palavras de Layla saíam da boca dela e entravam no cérebro de Tohr para serem processadas, ele sentiu como se estivesse girando descontrolado, e sim, houve o choque do impacto quando ele percebeu que

ela dissera aquilo de fato. Isso mesmo, ela simplesmente quis dizer aquilo…

E sim… ela ainda o encarava.

Ele é a porra do seu irmão.

– Você está mentindo – ele se ouviu dizer.

– Não estou. Está escrito na biblioteca do Santuário. Vá lá e leia.

– Eu já li o meu livro. Não existe menção alguma de um irmão…

– Está no volume do seu pai. Xcor é filho legítimo do Irmão da Adaga Negra Hharm. Assim como você.

Tohr cambaleou até o sofá diante da lareira e despencou sobre as almofadas.

– Não.

– Como já disse, vá lá e leia com seus próprios olhos. E depois processe o fato de que não só você está indo contra as ordens diretas de Wrath, mas também estará matando o seu parente mais próximo.

Ele não soube quanto tempo permaneceu sentado ali. Estava ocupado demais repassando sua antiga vida, antes de ter vindo para o Novo Mundo, procurando qualquer pista, qualquer indício… ou… qualquer coisa.

– Como eu não soube disso? – Ele meneou a cabeça. – Como algo assim foi mantido em segredo?

– Xcor foi rejeitado pela *mahmen* dele no parto ainda. O pai, o *seu* pai, fez o mesmo.

– Por causa do lábio.

– Sim. Pelo que eu soube, ele viveu com uma ama-seca que odiava olhar para ele e que o tratou abominavelmente até abandoná-lo. – Houve uma pausa. – Ele me disse que ficava acorrentado do lado de fora de onde morava. Como se fosse um cachorro.

Tohr fechou os olhos.

E como se Layla tivesse percebido a mudança em seu humor, a voz dela ficou menos aguda, menos raivosa.

– Ele não sabe a seu respeito. Até onde sei, ninguém sabe.

Tohr desviou rapidamente os olhos para ela.

– Está escondendo isto dele?

– Não, ele sabe que eu tenho uma informação. Mas disse que não quer saber. Que isso não mudará o passado e não terá impacto algum no seu futuro.

– Isto… não muda o que ele fez.

– Não, mas espero que mude o que você vai fazer.

Tohr se calou. E enquanto olhava para o vazio, foi difícil categorizar as emoções em lotes como choque, tristeza, raiva, lamento. Infernos, será que choque era uma emoção? Merda, ele nem entendia por que sentia alguma coisa. Não tivera uma relação pai/filho estreita com Hharm, então por que descobrir que seu pai tivera outro filho faria alguma diferença? E quanto a

Xcor? Não havia nenhuma conexão com ele.

A não ser a proclamação de que ele o mataria.

Mas sobre a qual Layla tinha razão, fora rescindida.

Erguendo a cabeça, concentrou-se na Escolhida. Layla o encarava próxima à porta, o rosto composto como num retrato, apesar de os olhos estarem um pouco brilhantes demais por conta da discussão anterior entre eles.

Da quase luta corpo a corpo.

– Eu sinto muito – ele disse meio que distante. – Pelo que acabou de acontecer entre mim e você.

Ela balançou a cabeça.

– Não vou me desculpar por quem eu amo. Na verdade, sinto-me grata por este ser o meu destino. Se eu tivesse me apaixonado por outro, eu não teria sido forçada a ser forte assim – e não há nada de errado neste mundo em descobrir a sua verdadeira força interior.

Que assim seja, Tohr pensou.

– Faça o certo, Tohr – ela disse. – Ouviu bem? Acerte esta situação e garanta que Xcor não seja ferido.

– Não posso controlar o mundo inteiro.

– Não, mas pode se controlar. Essa é uma lição que estou aprendendo.

Layla retornou para a casa segura logo em seguida. Ao passar pela porta de correr, fechou-a e aguçou os ouvidos. Xcor ainda não retornara, e isso era

bom. Não queria que ele soubesse da sua dedução sobre quem atirara nele, nem que ela confrontara um Irmão a favor dele.

Sem falar na revelação da identidade do pai dele.

Santa Virgem… Hum, Sexual ao Excesso Lassiter… Como queria que Tohr ficasse de boca fechada. Mas ela fez o que tinha que ser feito a fim de garantir um cessar fogo da parte do Irmão.

Um macho que conhecia a dor de perder a *shellan* e o filho ainda não nascido não mataria um irmão de sangue. Simplesmente não faria isso.

Descendo até o porão, foi até o banheiro pensando em tomar uma chuveirada. Mas parou ao ver-se no reflexo do espelho acima da pia. Ainda trajava as vestes das Escolhidas que vestira depois que Xcor saíra, as dobras brancas tão familiares quanto seus cabelos, quanto o próprio corpo.

Pegando a ponta da faixa, puxou-a e afastou as duas metades, tirando o peso de sobre os ombros e braços.

Ao segurar a veste à frente, pensou nos muitos anos em que vestiu aquele uniforme. Mesmo depois de Phury ter libertado todas elas, ela ainda usara mais as vestes do que roupas normais. Eram convenientes, confortáveis, e acalentavam como uma mantinha ou um bichinho de pelúcia a uma criança.

Também eram um símbolo.

Não só do passado da raça, mas dela própria.

Layla dobrou a roupa com cuidado, respeitosa. Depois a colocou na

bancada de mármore e recuou um passo.

Em seu coração, soube que jamais voltaria a vestir aquilo. Haveria outras peças de roupa que a lembraria dessas vestes: vestidos longos, casacos compridos, até mesmo uma coberta sobre os ombros que se arrastasse até os pés.

Mas ela já não era mais uma Escolhida, e não só porque a própria Virgem Escriba já não existia mais.

A questão era que, quando se serve a outra pessoa, quando você desempenha um papel determinado por outro… Você não consegue mais voltar a essa posição depois de descobrir quem verdadeiramente você é.

Ela era uma *mahmen*. Era uma amante. Era uma fêmea orgulhosa, uma fêmea forte que sabia a diferença entre o certo e o errado, família e desconhecidos, bem e mal. Sobrevivera a dois partos e acabara de enfrentar um Irmão, e seria capaz de enfrentar o Rei caso fosse necessário. Era falível e capaz de se confundir e poderia até se atrapalhar de tempos em tempos.

Mas sobreviveria. Ela era forte assim.

Enfrentando seu olhar através do espelho, olhou para um rosto que parecia ver pela primeira vez. Passara todos aqueles anos no Santuário à espera de ser chamada para desempenhar seu papel como *ehros*, sua existência então totalmente imposta e ainda assim infundada, visto que não havia Primale algum para ser satisfeito. E depois caiu na Terra, tropeçando e avançando,

quando ela e suas irmãs foram libertadas, seguindo nas pontas dos pés no território desconhecido da vida moderna. Aconteceu o cio desesperado com Qhuinn, e depois a ansiedade enquanto os filhos cresciam dentro dela – período em que sua vida foi fendida em duas por causa de Xcor. E depois disso? O parto que quase a matara e agora a agonia da desintegração da sua unidade familiar… E a iminente perda de Xcor.

Ainda assim, estava viva, estava ali. Olhando-se no espelho.

E pela primeira vez na vida, respeitava aquilo que via.

Curvando-se diante do reflexo, disse com suavidade:

– Prazer em conhecê-la.

CAPÍTULO 55

Tchauzinho.

Quando Vishous apagou mais um vídeo no YouTube, concluiu que aquilo era tão fácil quanto atirar em peixes dentro de um barril. E caso fosse mais fácil invadir aquelas contas, só faltava pegar um saco de pipocas e um pacote de Milk Duds de graça pelos seus esforços. Mais um. E… outro.

De certa forma, tinha que agradecer a Jo Early, também conhecida como Damn Stoker, pela eficiência daquilo tudo. A seção dos links dela era um tesouro encontrado de conteúdo com múltiplos destinos postados por uma boa dúzia de pessoas. Então, depois de terminar de varrer o universo do YouTube, ele iria para o Insta e para o Face.

A caixinha de areia de Zuckerberg seria um pouco mais difícil de *hackear*, pois, como os dois outros, havia contas múltiplas na plataforma, mas encontraria todas elas.

Mais um. E outro…

Caraca, aquele usuário, o *vamp9120* era um cara de bastante volume.

Muito conteúdo ligado a ele.

Deveria ter ficado mais alerta quanto a esse assunto. Mas, pensando bem, estivera vivendo a vida em vez de sublimar seus problemas com esportes e a Internet.

Quando Bruno Mars apareceu pelo satélite, ele mudou de estação para Shade-45. Não que ele não considerasse "24K" mágico, mas a batida de boate não constava da sua *playlist* da noite. "All There" de Jeezy/Bankroll Fresh. Perfeito pra cacete. E enquanto a música saltava para fora dos alto-falantes, ele tomou mais um gole da sua Grey Goose com gelo e pensou se não era hora de tirar uns minutos de folga para enrolar o tabaco turco de mais alguns dos seus cigarros. Depois disso, pegaria mais uma garrafa da meia dúzia que pedira para Fritz. E depois voltaria para cá para…

– Mas que porra…? – ladrou.

Inclinando-se na direção da tela, franziu o cenho ao ver a imagem que estava passando ali.

– Espera aí, eu me lembro disso.

Pois é, estava falando sozinho. É isso o que você faz quando o seu colega de quarto, que estava fora da escala assim como você, transava com a fêmea dele no fim do corredor – e você é um coitado sentado numa cadeira de escritório na frente da casa.

Rebobinando o vídeo, V. assistiu de novo enquanto a ação se desenrolava.

A filmagem foi feita a partir de um ponto mais alto num dos prédios do centro da cidade, como se o babaca com o celular estivesse olhando para fora do terceiro, talvez quarto andar. O centro da imagem era um beco abaixo – e uma figura que avançava andando.

Na direção de uma saraivada de balas.

A figura era Tohrment. As balas vinham de um assassino agachado no canto oposto. E a cena era absolutamente suicida.

V. não estivera presente para ver em primeira mão a estupidez da coisa, mas claro que ouvira a respeito de múltiplos guerreiros. Aquilo foi na época em que Tohr estivera enlouquecendo, determinado a mostrar a todos o quanto era forte o seu desejo de morrer. Sim, ele estava retribuindo as balas do *redutor*, a pistola estava erguida e o chumbo saía do cano… Mas estava sem colete, nada para cobri-lo e uns doze órgãos vitais diferentes que poderiam ter sido atingidos.

Puta que o pariu, se ele queria tanto ser alvejado, o único outro modo de garantir que isso aconteceria seria ele mesmo puxar o gatilho na sua direção.

Ainda assim, ele sobreviveu…

– Espera aí… O que é isso?

De repente, Vishous esfregou os olhos. Aproximou-se ainda mais do monitor. Ficou se perguntando se aquele vídeo não teria sido manipulado. Ajustando o contraste da tela, voltou o vídeo. E uma vez mais.

Alguém estava atirando do prédio do outro lado. Era isso… Havia outra figura no alto de um prédio e ele… sim, ele estava inclinado sobre o beiral atirando no assassino que tentava matar Tohr.

Não havia sido um irmão, isso era certeza. V. saberia distinguir seus guerreiros no meio de uma neblina e meio quilômetro de distância, e seria fácil isolá-los nesta filmagem apesar de a imagem estar granulada. Sem falar que não havia a menor possibilidade de qualquer um deles estar em qualquer outra parte que não no chão ao lado do irmão.

Portanto, quem diabos era aquele ali? Não era um humano. De jeito nenhum um dos ratos sem cauda teria se metido numa situação assim naquela parte da cidade. Não havia nenhum cachorro naquela luta, então por que arriscariam ser presos? Mais provavelmente telefonariam para a polícia e se esconderiam…

Quando seu celular tocou, V. se sobressaltou – e, merda, não conseguia se lembrar da última vez em que isso aconteceu. Ainda mais por conta de um telefonema.

Mas considerando-se no que estava se ocupando…

Observou quando a mão se esticou para pegar o aparelho. Deixara-o voltado para a mesa, e virar a tela demandou certa coragem.

Quando viu quem era, prontamente voltou a operar.

– Meu senhor.

Wrath foi direto ao ponto, o que era um motivo a mais para gostar do cara.

– Preciso de você. Agora.

– Entendido. Onde você está?

– Estarei no átrio em cinco minutos.

– Me diga que não iremos a Disney World e eu estarei lá.

– Não, não está na hora de tirarmos férias.

– Ótimo.

Quando V. desligou, fez menção de apagar o vídeo e desligar tudo, mas algo lhe disse para salvar a merda, então foi o que ele fez. Afinal não tinha problemas de espaço no seu *hard-drive*.

Maldição, estava aliviado pra cacete por ter algo pra fazer.

Assim como no início da noite, não disse a ninguém que estava saindo, mas desta vez foi porque Butch e Marissa estavam ocupados se ocupando um com o outro. Mas acabou mandando uma mensagem para o seu melhor amigo… E depois pensou em mandar outra para Jane.

Mas, no fim, só guardou o celular, se armou e saiu.

Xcor estava desligando o telefone fixo da casa e começava a tirar a parca emprestada quando Layla subiu do porão.

No instante em que viu a tensão no rosto dela, arrependeu-se.

– Desculpe – disse. – Sei que estou atrasado.

Ela pareceu surpresa, e depois simplesmente meneou a cabeça ao se aproximar dele.

– Estou feliz que tenha voltado. Eu estava preocupada.

Quando ela ergueu os olhos para ele, Xcor odiou a tristeza que viu neles, ainda mais por saber qual era a causa – e não pela primeira vez desde que partira antes, desprezou a si mesmo e a posição em que a colocara.

– Venha cá – ele sussurrou ao atraí-la para junto de si.

Aninhando-a em seu peito, junto ao coração, apoiou o queixo no alto da cabeça dela. E teria ficado contente em ficar assim para sempre, mas havia coisas que precisava lhe contar.

– Meu amor – disse ele –, Wrath está…

Nessa mesma hora, a porta de correr se abriu e uma lufada de vento frio invadiu a pequena cozinha. O Rei Cego foi o primeiro a passar por ela, e Vishous o seguiu de perto.

– Você telefonou. – Wrath disse secamente. – Olá, Escolhida.

– Apenas Layla, por favor. – Quando ela disse isso, todos a fitaram.

– O quê? – o Rei perguntou.

– Sou apenas Layla, por favor, meu senhor.

O Rei deu de ombros.

– O que preferir. Então, Xcor, tem uma resposta para mim?

– Sim – Xcor olhou para Vishous, que observava cada movimento que ele fazia com aqueles seus olhos diamantinos. – E temo que não gostará dela.

– Eles disseram não, hum. Pena. – Agora o Rei olhou para o Irmão. – Acho que isso quer dizer que vamos para a guerra.

Isso foi enunciado com tranquilidade, como se não resultasse em nenhuma consequência, e Xcor teve que respeitar essa atitude. Guerreiros lutavam. Era para isso que foram criados e treinados. Se a Irmandade acreditava que um conflito com um grupo de cinco soldados tinha alguma importância, eles precisavam aposentar suas adagas.

– Não – Xcor interveio –, eles não disseram não. Mas não prestarão juramento de fidelidade a você.

Vishous se pronunciou, a voz saindo baixa e agressiva.

– Que porra isso quer dizer?

Xcor se dirigiu a Wrath.

– Eles juraram fidelidade a mim. Eu jurei a você. Eles o seguirão, mas apenas porque é aí que depositei a minha fidelidade. Eles não serão liderados por ninguém mais além de mim. É assim que vai ser.

– Não é bom o bastante – o Irmão Vishous estrepitou. – Nem perto disso,

babaca.

Xcor tirou a luva e mostrou a palma.

– Foi um juramento de sangue. E aqueles machos morrerão por você, Wrath. Seguindo as minhas ordens.

– Isso é verdade – Vishous ladrou. – Quando nós os matarm…

– *Basta* – Wrath o interrompeu.

Houve um silêncio tenso, e Xcor conseguia sentir Layla ficar tensa ao seu lado. No entanto, não tentaria pedir que ela saísse. Ela não se afastaria dele assim como seus soldados não o fariam.

Parado diante do Rei, Xcor enfrentou o olhar direto dele, mesmo sabendo que o macho era cego. De fato, não tinha nada a esconder, nenhuma disputa naquele instante, nenhum subterfúgio nem segundas intenções na manga. E isto estava bem assim, pouco importando o resultado desta noite ou de qualquer outra. Não temia a morte; Bloodletter o ensinara isso. Também descobrira o que era o amor, e ela estava bem ao seu lado. Portanto, estava preparado para ir adiante com determinação tranquila, concordando com um destino que estava fora do seu controle.

A paz era isso, então, pensou ao retirar a outra luva. Quando estendeu a mão para segurar a de Layla, pareceu-lhe adequado que não fosse a sua mão da adaga.

– Acredita nisso – Wrath inquiriu. – Com toda franqueza.

– Sim. Estive numa guerra com esses meus guerreiros. Eles me seguiram através do oceano…

– E estão preparados para segui-lo de volta para lá? – Vishous murmurou.

– Em sacos mortuários?

– Sim, estão. – Xcor olhou para o Irmão. – Mas eles não estão em guerra com você se eu não estiver.

Wrath cruzou os braços diante do peito, e Xcor teve que respeitar o tamanho e a musculatura daquele macho. Ele era enorme e letal, ainda que possuísse um cérebro civilizado.

Xcor acreditou que ele entenderia o sentido daquela proposta.

E, por certo, um momento depois o Rei assentiu uma vez.

– Que seja – Wrath disse repetindo o aceno. – Isso é bom o bastante para mim…

– Tá de brincadeira, porra!

A mão do Rei se projetou tão rapidamente que os olhos mal conseguiram acompanhar o movimento e, de alguma forma, mesmo sem a visão, ele conseguiu acertar a trajetória, agarrando o pescoço enorme do seu guerreiro.

Nem olhou para Vishous, permanecendo atento a Xcor.

Em reação, Vishous não se defendeu, mesmo tento que se esforçar para respirar, com o queixo coberto pelo cavanhaque caindo.

– Você não adora quando as pessoas conhecem os seus lugares… – Wrath

disse para Xcor com secura. – Quando eles entendem que existem momentos em que precisam ficar de bico fechado.

Xcor teve que sorrir. Wrath e ele eram bem parecidos em alguns pontos, não eram?

– Sim, meu senhor – ele murmurou.

Wrath abaixou a mão.

– Como eu dizia, isso basta para mim. Mas, como pode ver, meus rapazes precisarão de uma prova maior desse arranjo. – O Rei tocou a lateral do nariz. – Eu sinto o seu cheiro. Sei que acredita nisso, e, deixando de lado nossos conflitos passados, não creio que você seja uma idiota do cacete – e tampouco acredito, nem por um instante, que você colocaria aqueles seus machos num caminho perigoso.

– Ele fez isso uma vez – Vishous interrompeu com escárnio. – Foi assim que Throe acabou conosco.

– Mas parece que ele se livrou do certo.

Xcor assentiu.

– Exato. Motivo pelo qual o alertei a respeito dele.

Wrath inclinou a cabeça.

– Muito agradecido por isso. E lidaremos com ele depois que concluirmos nosso acordo com o seu pessoal.

– Você não vai ter nenhum problema com isso, vai? – Vishous perguntou a

Xcor.

– Não. – Ele deu de ombros. – Aquele macho seguiu seu próprio caminho, que é incompatível com o seu, e, portanto com o meu. Como escolherem resolver a questão, isso é decisão sua.

– Está acertado, então. – Wrath sorriu, revelando as presas impressionantes. – Mas, como eu dizia, os meus rapazes vão precisar de provas. Portanto, teremos uma boa e velha cerimônia de juramento com testemunhas.

– Pensei que faria isso um a um – Vishous disse baixo, ao mesmo tempo em que se afastava do alcance das garras do Rei.

– O Bando de Bastardos não nos atacará. – Wrath meneou a cabeça. – Isso não vai acontecer. Ele tem as rédeas deles, sinto esse poder nele. Um macho como ele não fica impassível sem um bom motivo, não é verdade, Xcor?

– Exato. Eles não levantarão suas armas contra qualquer um dos Irmãos. Eu os reunirei amanhã à meia-noite e os levarei até você onde quiser. Não pode ser antes do que isso, porém, pois não tenho como localizá-los até essa hora. Estamos sem nos comunicar para a segurança deles para o caso – relanceou para Vishous – de algo sair errado. Você compreende.

Wrath deu uma risada de leve.

– Sim, entendo. Então, está acertado…

– E quanto à sua segurança, Xcor? – Layla disse com raiva. – Como *você*

ficará seguro?

Wrath deu conta dessa resposta, falando com suavidade:

– Ele ficará bem, não precisa se preoc…

Layla se virou para Xcor.

– Por que não conta a ele como foi alvejado ontem à noite? E por quem.

Quando sua fêmea interrompeu o monarca, Xcor não mudou de expressão deliberadamente.

– Eu já lhe disse, meu amor, foi um *redutor*…

– Não, não foi. – Os olhos dela se viraram para Wrath. – Atiraram nele ontem à noite.

– Não – Xcor rebateu ao mesmo tempo em que apertava a mão dela, tentando silenciá-la. – Não foi nada além de um assassino.

Do lado oposto da cozinha organizada, as sobrancelhas de Wrath se abaixaram por trás dos óculos escuros, um frio permeando o ar. E, então, ele disse:

– Vou lhe perguntar isso uma vez, portanto é melhor ser honesto, cacete. Algum dos meus machos apontou uma arma para você desde que você jurou lealdade a mim?

Xcor enfrentou o olhar de Wrath e projetou confiança.

– Não, não atiraram.

A esta altura, ele agarrava a mão de Layla com tanta força que ele tinha

certeza de que devia estar machucando-a, por isso afrouxou a pegada. Mas rezou para que ela ficasse calada.

As narinas de Wrath inflaram. E depois ele inclinou a cabeça uma vez.

– Que assim seja. Meia-noite amanhã. Vocês nos encontrarão no centro, na Décima Quinta com a Market. Há um depósito abandonado ali. Não há como errar.

– Chegaremos lá meia-noite e quinze. Eu os encontrarei à meia-noite e, em seguida, iremos até você.

Wrath se aproximou e levantou a mão da adaga.

– Você e seus machos têm a minha palavra. Desde que eles não ofereçam nenhum ameaça aos meus rapazes, ninguém sairá machucado.

Xcor segurou o que lhe era oferecido e apertou.

– *Até amanhã* – ele disse ao Rei no Antigo Idioma.

– *Até amanhã* – Wrath repetiu.

Quando Wrath e Vishous saíram, passando pelas portas corrediças, a Xcor só restava ter esperanças de que a promessa que o Rei lhe dera pudesse ser mantida.

– Eles vão te matar – Layla disse numa voz morta. – Você não sobreviverá a esse encontro.

Xcor olhou para ela. Odiou o medo no rosto pálido dela, o tremor em seu corpo. Na quietude da casa segura, quis mentir para ela. Queria saber como

ela descobrira a verdade. Queria… ficar com ela para sempre.

Mas o destino já havia decidido essa última parte.

Estendendo a mão da paz, não a da guerra, afagou-lhe o rosto macio.

Esfregou o lábio inferior com o polegar. Acariciou a veia vital que percorria a lateral do pescoço dela.

– Ele não pode garantir a sua segurança. – Com uma imprecação desesperada, ela virou o rosto contra a palma dele e beijou a pele calejada. – Não no que se refere a Tohrment e a Qhuinn. E você bem sabe disso.

– Como? – O ar escapou por entre os lábios dele. – Como soube?

– Isso importa?

Não, ele imaginava que não importava.

– Por que não disse alguma coisa? – ela suplicou. – Por que não contou a Wrath?

– Porque, no fim das contas, isso não é relevante. Segurança em época de conflito é uma ilusão que só pode ser solicitada, nunca prometida. Tanto ele quanto eu sabemos disso. Se um deles decidir resolver um problema inexistente de modo independente, ninguém conseguirá impedir isso. Livre arbítrio é uma liberdade universal, assim como a gravidade.

– Mas não é justo. E não é certo.

– E é por isso que eu tenho que me proteger e não esperar que ninguém, nem o poderoso Rei Cego, faça isso por mim.

– Xcor, você precisa…

– Shhh… – disse ao apoiar o indicador nos lábios dela. – Chega de falar da guerra. Existem coisas melhores que podemos fazer com o nosso tempo.

Quando a trouxe para junto de si, ele rolou a pelve, dando provas da sua excitação, apesar de ela, sem dúvida, já sentir o cheiro no ar.

– Deixe-me entrar em você – ele disse ao beijá-la. – Preciso de você agora.

Ela não respondeu de imediato, e ele lhe deu o tempo de que ela precisava para diferençar o que era esperança do que era realidade, o que era um preceito e o que era um fato. Ela era uma fêmea inteligente, pouco versada na arte da guerra, mas também não era ingênua.

E, ao fim da noite seguinte, ela saberia que quer ele vivesse ou morresse, o futuro deles não seria juntos. Se ele sobrevivesse, partiria para o Antigo País e ela permaneceria em Caldwell. Caso ele morresse? Bem isso estaria resolvido de vez, provavelmente no *Dhunhd*.

– Eu te amo – ela sussurrou quando finalmente inclinou a cabeça para trás para receber mais um beijo. – Sempre.

Xcor afagou-lhe os cabelos loiros para trás.

– Você é mais do que eu mereço e tudo o que eu sempre quis.

Dito isso, ele selou as bocas e tentou se esquecer de que o tempo estava passando para eles. No entanto, isso era muito difícil.

E sabia que o mesmo acontecia com ela.

CAPÍTULO 56

Quando Vishous e Wrath regressaram ao pátio da mansão

da Irmandade, V. estava sacudindo a cabeça. Ah, isso seria muito divertido. Bem parecido a uma estripação enquanto ainda se está vivo.

O Rei girou sobre os calcanhares e estava tão furioso que fumaça saía por suas orelhas.

– Diga àquele *filho da puta* para ir até o meu escritório.

– Quer todos ou só…

– Tohrment. Vá buscar aquele babaca agora e leve-o até mim! Que *porra* que ele estava pensando?

Wrath deu as costas e seguiu para a escada de pedras que levava até a entrada da mansão, evidentemente tão puto que até se esquecera de que não conseguia enxergar. Bem, por um segundo, V. se viu tentado a deixar o senhor Personalidade aprender do modo mais difícil que ainda estava cego. Mas acabou desistindo, adiantando-se e pegando o braço do Rei.

– Cala a boca – ele disse antes que Wrath pudesse se afastar. – Quer um

ferimento na cabeça para completar essa merda?

Foi o mesmo que tentar fazer amizade com gelo seco. O humor do Rei estava tão ruim que o ar ao redor dele ficou ainda mais ártico. Mas, pelo menos, V. conseguiu conduzir o cara até a porta e a entrada da mansão. Mas sabia que seria melhor soltá-lo depois disso.

Soltando o bíceps grosso, pegou o celular e ligou para o número de Tohr enquanto Wrath atravessava o mosaico da macieira em flor com passos duros, fiando-se na memória e contando as passadas até chegar ao primeiro degrau…

Um toque soou. E não só no ouvido de V.

O som vinha do segundo andar.

Vishous abaixou o aparelho enquanto Wrath galgava os degraus dois de cada vez.

– Bem na hora – V. murmurou ao se apressar para alcançá-lo.

E, dito e feito, Tohrment estava sentado numa das cadeiras do lado de fora do escritório de Wrath, como se tivesse previsto o futuro e soubesse que seria punido por ter atirado em Xcor. Evidentemente, o cara não estava se sentindo muito bem com a situação, embora fosse difícil precisar se o motivo era por se sentir mal por ter desobedecido uma ordem direta do rei ou porque seria recriminado em seguida. Em todo caso, a cabeça do irmão estava pensa; os ombros, curvados; o corpo, contido de modo pouco usual.

– Não preciso nem atender ao telefone, irmão – o cara disse ao virar o celular. – Estou bem aqui.

Wrath revelou as presas e sibilou:

– Entre. Não vamos discutir esta merda em público.

Quando Tohr se pôs de pé e obedeceu a ordem, V. não pediu permissão para se juntar aos dois. Entrou direto atrás de Wrath, fechou as portas e se recostou nelas, segurando as maçanetas.

Wrath não desperdiçou nem um segundo.

– Você está fora.

Tohr sacudiu a cabeça.

– O quê?

– Você está fora da Irmandade. Fora. Estou te expulsando, valendo a partir de agora.

Poooorra. Não foi bem assim que V. visualizou a situação.

Porque, vejam só, Tohr era a cola que unia a Irmandade. A não ser pelo período em que se afastou após Wellsie ter sido assassinada, ele era o firme, o estável, a força tranquilizadora que mantinha os caras sob controle.

– Você, vê se cala a boca.

V. precisou de um minuto para perceber que Wrath se dirigia a ele. Não teve tempo para responder, porque Tohr assumiu o controle do microfone.

– Ele está certo, V. Eu desobedeci a uma ordem direta. Atirei em Xcor na

noite passada quando o vi na cidade. É preciso que haja consequências.

Wrath pareceu um pouco surpreso com a pronta aceitação.

Tohr só deu de ombros.

– Foi a coisa errada a fazer. Foi algo em conflito direto com a sua posição e com o que almeja conseguir. Imagino que ser um traidor seja um traço da família.

– O quê? – V. perguntou de pronto.

O irmão dispensou a pergunta com um gesto.

– Não importa. Autumn e eu partirem amanhã. A menos que queira que partamos agora.

Wrath franziu o cenho. E depois foi até a escrivaninha, desviando-se de sofás, encontrou o trono.

Ao se acomodar no assento do pai, pareceu absolutamente exausto, e, como era de se esperar, arrancou os óculos e esfregou os olhos.

– Por quê? – ele perguntou. – Que porra é essa contra Xcor? Por que não consegue deixar isso de lado?

– Farei isso agora. É só o que importa. Não tenho… mais nenhum interesse em matá-lo.

– O que mudou?

Tohr só meneou a cabeça.

– Nada de mais. Considerando-se tudo.

Algo tiniu nos recessos da mente de V., mas ele não conseguiu determinar o que era, e isso era irritante pra cacete. Mas estava cansado, e não só porque seu corpo estava exaurido pela privação de sono.

Wrath se sentou mais à frente.

– Preste atenção. A guerra está enfraquecendo, estamos muito próximos de acabar com ela. Não quero a distração de vocês. Não quero que vocês, cabeças duras, persigam um bando de cinco babacas só porque eles tinham aspirações políticas que incluíam a minha cabeça numa bandeja. Xcor sabe onde vivemos. E não fez merda nenhuma a esse repeito. Ficou com Layla nas últimas quarenta e oito horas e eu sinto a ligação entre eles. Ele também está comprometido com esta paz negociada e em sair de Caldwell de uma vez por todas. Não existe mais nenhum conflito e não é só porque eu estou dizendo isso.

– Eu sei. – Tohr se aproximou da lareira e ficou olhando para as chamas. – Eu… Hum… Minha Wellsie teria completado duzentos e vinte e seis anos há três noites. O meu filho que ela carregava no ventre estaria com dois e meio. Acho que isso me afetou.

– Porra – o Rei inspirou. – Eu tinha esquecido.

O irmão deu de ombros.

– Isso não me isenta das minhas ações. O que fiz não está nem a minha altura nem à sua. Mas vou lhe dizer uma coisa… – Ele pigarreou. – Já faz um

tempo que venho querendo vingança, e eu a encontrei num marco inadequado. O verdadeiro alvo da minha raiva é o destino, e isso não é nada que eu possa esfaquear nem alvejar. É só que… em algumas noites… isso é mais difícil de aceitar do que em outras.

Wrath se recostou no trono e deixou a cabeça rolar contra o encosto alto de madeira entalhada. Depois de um momento, apontou para a porta.

– Deixem-me. Vocês dois. Meu crânio está prestes a explodir e não quero receber a conta da lavanderia por causa das suas malditas camisas.

Tohr se curvou.

– Como preferir, meu senhor. E Autumn e eu partiremos…

– Sem querer ofender – Wrath murmurou –, mas dá pra calar a boca? Só me deixa em paz. Eu te vejo no começo da noite de amanhã. E vê se traz o resto dos irmãos com você. Vai. *Tchau*.

Do lado de fora do escritório do Rei, Tohr parou quando V. fechou as portas e o encarou.

– Para sua informação – o macho disse –, Xcor negou.

Tohr franziu o cenho.

– Como que é?

V. acendeu um cigarro e exalou a fumaça como se ela fosse uma imprecação.

– Eu estava lá quando Wrath perguntou quem atirou nele, e ele se recusou

a te entregar. Ele sabe que foi você?

– Sabe.

– Quem mais estava com você? – Quando Tohr não respondeu de imediato, o irmão se inclinou na sua direção e apontou com o cigarro. – Eu sabia. Diga a Qhuinn para parar de bobeira, ou eu o farei. Não tenho nenhuma simpatia por Xcor, estou pouco me fodendo com ele e o com o Bando de Bastardos. Mate-os, deixe-os viver, não estou nem aí. Mas Wrath tem razão. Lutamos há mil anos para conseguir meter a Profecia do *Dhestroyer* no cu de Ômega, e a hora está chegando. Nenhuma distração, entendido. Chega de nhe-nhe-nhém.

– Não tenho como controlar Qhuinn. Ninguém consegue. Todos nós vimos isso umas duas noites atrás, não foi?

– O filho da mãe. Ele tem que aprender a se controlar.

Enquanto V. olhava para o corredor como se tivesse a intenção de ir atrás do cara, Tohr se colocou no caminho dele.

– Eu falo com ele. Posso estar fora da Irmandade, mas o seu jeito de falar deixa muito a desejar.

– Não sou tão ruim assim.

– Comparado a uma serra elétrica, isso até pode ser verdade. Mas não precisamos de mais cabeças quentes descontroladas por enquanto. Todo mundo pode acabar indo pelos ares.

V. usou a ponta do cigarro para apontar.

– Dá um jeito nessa merda, Tohr. Ou eu dou.

– Você é a segunda pessoa que me diz isso esta noite.

– Então, bota a mão na massa.

Dito isso, V. saiu e desceu pela escadaria como se tivesse uma missão – que envolveria esganar alguém que o aborreceu.

Quando Tohr teve a certeza de que não havia ninguém por perto, desceu o corredor das estátuas e foi em frente, passando pelas figuras humanas em poses de guerra. Diante da terceira porta, bateu baixinho, e quando ouviu uma resposta, olhou para os dois lados de novo.

Esgueirando-se para o quarto de Qhuinn – ou melhor, aquele em que Layla ficara –, fechou a porta rapidamente e quase a trancou.

Qhuinn estava próximo aos berços, fazendo alguma coisa com a mamadeira.

– Ei – ele disse sem olhar.

– Precisamos conversar.

– Precisamos? – O irmão o fitou. – Você o matou?

– Não, mas acabei de ser expulso da Irmandade.

Qhuinn se endireitou e se virou.

– Como que é?

– Wrath tem o direito de fazer isso.

– Espera aí, quer dizer que Xcor foi correndo até o Rei que nem um covarde e…

– Ele mentiu. Por você e por mim. Xcor se recusou a nos entregar. Recusou-se a contar a Wrath o que nós fizemos.

– Ora, ora, se ele é um herói da porra. – Qhuinn franziu o cenho. – Mas se ele não abriu o bico, quem fez isso?

– Layla descobriu. Ela me procurou – viu que ele havia sido alvejado e não acreditou quando ele disse que foram assassinos. Não neguei.

– Ah, bem, o protótipo da Escolhida. – Qhuinn voltou a se concentrar nos filhos. – Que fiel que ela é, não? Sempre apoiando o homem dela. Uma pena que esse tipo de lealdade não seja direcionado para nós.

Tohr meneou a cabeça.

– Não faça isso, Qhuinn. Eu posso estar fora, mas você vai estar lá amanhã.

– Amanhã à noite? O que vai acontecer?

– A Irmandade e o Bando de Bastardos vão se encontrar. Vai ficar sabendo sobre isso logo depois do anoitecer amanhã. Wrath vai convocar os irmãos e levá-los para o encontro com eles para que possam testemunhar o juramento de fidelidade de Xcor.

– Que diabos eu tenho a ver com isso? – O irmão levou a mamadeira para o banheiro e voltou enxugando as mãos numa toalha. – Os garotos de Xcor

querem zoar com o bastardo, isso não é da minha conta.

Tohr meneou a cabeça e sentiu como se estivesse entrando em sintonia com o crânio quase explodido de Wrath: em trinta minutos, quase atacou uma fêmea pela primeira vez na vida, descobriu a existência de um irmão desconhecido e foi expulso da Irmandade.

Era coisa demais para assimilar, coisa demais para processar.

Só o que ele queria era encontrar Autumn e conversar com ela, dizendo o quanto lamentava… Mas, graças à sua péssima decisão, eles teriam que encontrar outro lugar para morar.

Jesus, essa era mesmo a sua vida?

– Não faça isso – ele se ouviu dizer. – Por favor, eu desisti disso. Você também precisa.

– Eu não tenho que fazer merda nenhuma. – O irmão apontou para os berços. – A não ser cuidar destes dois e tentar convencer Blay a voltar para casa para ficar comigo e com eles. Não devo nada a ninguém.

– Inclusive Wrath? E a Irmandade?

Quando Qhuinn se calou, Tohr apontou para o canto onde estiveram os buracos das balas, a incontestável prova do temperamento de Qhuinn já tendo sido coberta e repintada.

– Todos andaram perdendo a cabeça por aqui recentemente. E é isso o que acontece quando as emoções correm à solta e a lógica sai voando pela janela,

e o stress governa a noite. Você tem razão, tem que cuidar dessas crianças. Portanto, faça isso sem acabar se matando. Se atirar em Xcor antes, durante ou depois daquele encontro, pessoas morrerão. Talvez a maioria seja de Bastardos, talvez você até consiga abater Xcor, mas coletes a prova de balas só protegem o coração, e se quer cuidar dessas crianças, faça isso voltando para casa ao amanhecer. Porque eu te garanto que nós também perderemos alguns do nosso lado, e uma dessas perdas pode muito bem ser você.

Qhuinn se virou para os berços, e lhe pareceu impróprio, inadequado, bem ruim mesmo, terem aquele tipo de conversa perto daqueles inocentes.

– Não estamos falando de um punhado de civis – Tohr observou. – Não vai encontrar os Bastardos numa sala de estar amanhã à noite, para trocar alguns documentos. Vou repetir, pessoas morrerão se você tomar o assunto em suas mãos. E se isso acontecer, e irá acontecer, você vai ter que fitar os olhos dos seus filhos quando eles estiverem mais velhos com essas mortes na sua consciência. Você transformará o pai deles num assassino, e vai colocar Wrath numa posição horrível – mais uma vez –, desde que vocês dois sobrevivam. Pense nisso. Pergunte-se se a vingança vale esse preço.

Tohr se virou para sair, mas logo parou.

– Quase fui pai no passado. Esse era um emprego que eu queria muito ter, que tive esperanças de ter. Eu faria quase qualquer coisa para estar no seu lugar, perto dessas crianças. Sacrifício é algo relativo… E você tem muito a

perder por conta de um macho que, no fim das contas, não significa muita coisa na sua vida. Não banque um babaca agora, meu irmão, não faça isso.

CAPÍTULO 57

– Bem, acredito que isso resolva a situação, certo?

Enquanto Throe pairava acima da cama ensanguentada, olhou para seu balão, que era como passara a pensar na sombra, e sorriu.

– Você é muito eficiente, não?

A coisa oscilou um pouco a partir de seu ponto de fixação, acima do tapete, como se estivesse satisfeito com o elogio. Ou talvez não. Mas o que isso importava? A sombra não negara seu pedido e matara o companheiro de sua amante e fora muito eficiente: a entidade prontamente pegara a adaga que Throe lhe dera, seguira-o pelo corredor como um cão atrás de seu mestre; depois Throe abrira a porta e apontara para o velho que estava acomodado contra a cabeceira da cama, e a morte acontecera mais rápido do que uma batida de coração.

Que era algo que aquele *hellren* já não tinha mais.

– O que você fez!

Um grito soou atrás dele. Throe virou de frente nos seus chinelos de veludo.

– Ah, olá, minha querida. Levantou cedo.

Antes que sua amante pudesse responder, Throe avançou e a prendeu pelo

pescoço. Quando começou a apertar, os olhos dela esbugalharam e aquela boca talentosa dela se escancarou num grito mudo.

Arrastando-a para dentro do quarto, chutou a porta para fechá-la enquanto ela agarrava sua mão com as unhas e arfava como um peixe fora d'água.

A entidade se aproximou de lado como se estivesse perguntando algo, e Throe sorriu para ela de novo.

– Ah, quanta gentileza sua. Mas deixe que eu cuide disto.

Segurando-a agora pelo rosto, ele deu um puxão rápido e partiu-lhe o pescoço. Depois, para evitar qualquer barulho, conduziu-a gentilmente até o chão atapetado.

Pairando acima dela, percebeu que ela vestia aquele baby-doll de que ele tanto gostava, aquele com corpete de renda e saiazinha larga que chegava até abaixo da calcinha.

– Uma pena, de verdade. Ela era bem divertida.

Throe se aprumou dentro do roupão de seda. Acabara perdendo um dos chinelos, mas solucionou o problema simplesmente passando por cima do corpo da fêmea que já esfriava e enfiou o pé no devido lugar de novo.

– Muito bem, isto está ótimo. – Olhou ao redor da suíte muito bem decorada. – Sabe, acho que vou me mudar para cá. Assim que nos livrarmos desse colchão.

Só que nessa hora lembrou-se dos *doggens*. A casa devia ter pelo menos

uns catorze.

Precisariam de algum tempo para eliminar a todos, e isso parecia um desperdício. Bons criados eram difíceis de ser encontrar.

E também havia as questões financeiras e de segurança com as quais precisaria lidar. Felizmente, já vinha trabalhando no roubo de identidade há algumas semanas, tendo invadido o computador do *hellren* no andar de baixo, inserindo rastreadores, conseguindo acesso às contas, dados e autorizações pouco a pouco.

Por um instante, considerou a ideia de dar à criadagem a opção de ficarem. Mas, em seguida, olhou para a bagunça sobre o colchão. Se sua sombra amiga podia matar assim?

Tinha o palpite de que ela poderia operar um aspirador de pó.

No entanto, necessitaria de mais delas. Throe consultara O Livro para ver se existia algum tipo de reprodução através do qual multiplicaria as sombras, mas ao que tudo levava a crer, se Throe desejava um exército, teria de criá-lo um a um. Do jeito mais difícil.

Muito inconveniente. E sua mão ainda estava se recuperando do ferimento feito com a adaga.

Precisaria de mais ingredientes. E tempo. E…

Ah, mas parecia muito severo, de fato improdutivo, desesperar-se por nada. Tinha dinheiro. Tinha um lar do qual gostava. E dispunha de uma arma

que era melhor do que qualquer pistola, adaga ou punho.

– O meu destino – ele murmurou para o cômodo silencioso – está ao meu alcance.

Throe levantou as palmas – e quase as esfregou –, mas se conteve.

Ninguém gostaria de se transformar na caricatura de um vilão. Não era adequado.

– Venha – disse ao seu balão. – Preciso me trocar e você me ajudará. E depois teremos que sair.

Testar seu brinquedinho contra um *redutor* seria importante e não havia motivos para esperar. A coisa se saíra muito bem agora, mas fora contra um velhote quase incapacitado. Se iria enfrentar os Irmãos e os lutadores de Ômega, até mesmo o Bando de Bastardos, teria que atingir o seu maior desempenho.

Ah, como detestava esses atrasos. Um bom estrategista, contudo, reconhecia a necessidade de se fazer as tarefas segundo uma ordem.

Como numa partida de xadrez, um movimento de cada vez.

– Venha – disse num tom entediado para a sombra. – Primeiro temos que limpar a casa. E preciso insistir para que o faça com certo comedimento desta vez. Não quero que estrague as obras de arte, nem os estofados. Além disso, toda a bagunça que fizer, você mesmo terá que limpar depois.

Dito isso, os dois saíram juntos em direção às escadas e aos *doggens* que

estariam realizando suas tarefas no andar de baixo.

As cartas de demissão a serem entregues agora doeriam bastante.

CAPÍTULO 58

Quando o sol se pôs e a escuridão caiu sobre Caldwell, Layla se espreguiçou na cama que ela e Xcor usaram tão gloriosamente durante o dia. Às suas costas, o guerreiro estava aninhado nela como se fosse sua pele, o corpo procurando o seu mesmo durante o sono.

– Não pense nisso, meu amor – ele murmurou.

Virando-se no abraço dele, ela acariciou seus cabelos. Seu rosto. Seus ombros.

– Como é que você sempre sabe?

Ele não respondeu a isso, apenas a beijou no pescoço.

– Me diga uma coisa.

– O quê?

– Se eu fosse outro macho, se meu rosto fosse diferente, se o curso da minha vida tivesse sido outro, você…

– Eu o quê?

Demorou um pouco para ele lhe perguntar.

– Você teria se vinculado a mim adequadamente? E teria morado comigo sob o mesmo teto… e teria meus filhos, educando-os comigo? Se eu fosse um fazendeiro ou um sapateiro, um treinador de cavalos ou um açougueiro, você

teria ficado ao meu lado e seria minha *shellan*?

Ela tocou o lábio superior dele.

– Eu já sou sua *shellan* agora.

Quando ele exalou, fechou os olhos.

– Eu queria que tudo fosse diferente. Eu queria que naquela noite, há tanto tempo, eu tivesse escolhido outro acampamento, outra floresta na qual entrar.

– Eu não. Pois caso você não tivesse ido até lá, onde quer que isso tenha sido, nós nunca teríamos nos conhecido.

– Talvez tivesse sido melhor assim.

– Não – ela disse com firmeza. – Tudo é como deveria ser.

A não ser pela parte em que ele teria que deixá-la.

– Talvez no futuro – ela sussurrou –, quando Lyric e Rhamp estiverem grandes, cuidando das suas vidas, eu possa ir me encontrar com você? Depois das transições deles e…

– Eles sempre precisarão da *mahmen* deles. E a sua vida sempre será aqui no Novo Mundo.

Mesmo enquanto queria debater isso com ele, ela sabia que ele estava certo. Décadas se passariam até que seus filhos fossem independentes de verdade, e quem haveria de saber em que pé estaria a guerra àquela altura? Se Rhamp seguisse os passos do pai e se tornasse um Irmão, Layla não sossegaria enquanto ele estivesse no campo de batalha mesmo estando em

Caldwell. Do outro lado do oceano? Sequer conseguia imaginar isso.

E se Lyric também quisesse lutar? Havia fêmeas no programa do centro de treinamento. Lyric podia muito bem resolver empunhar uma adaga.

Teria assim dois filhos na guerra.

– Há mérito em não lutar contra aquilo que não pode ser alterado – ele disse ao beijar a clavícula dela. – Esqueça. Deixe-me partir quando a hora chegar.

– Mas talvez exista outra solução. – Ainda que não conseguisse pensar qual seria ela. – E se…

– Qhuinn jamais me aceitará perto das crianças. Mesmo que a Irmandade e o seu Rei aceitem a mim e aos meus machos, o pai do seu filho e da sua filha jamais quererá que eu os veja, e se eu não estiver na sua vida, a situação entre vocês dois poderá melhorar. Pelo menos é isso o que espero e pelo qual rezo, que um dia ele a aceite de volta à vida dele.

Mas isso jamais aconteceria, ela pensou. A fúria de Qhuinn desconhecia limites. Certas coisas, como tinta num pergaminho, eram indeléveis.

– Faça amor comigo? – ela sussurrou.

Com uma agora conhecida descarga de energia, Xcor se moveu para cima dela, os corpos tão à vontade a essa altura que o sexo dele entrou no dela sem necessitar de nenhum ajuste, apenas deslizando para seu interior.

Quando ele começou a penetrá-la repetidamente, ela pensou no sexo

partilhado durante as horas do dia. Seu treinamento como *ehros* surgira à tona de maneiras que o chocaram, excitaram e surpreenderam – e ele não reclamou. Mas isso não significa que aquele fosse um momento de felicidade. Para ambos, as horas foram pontuadas por desespero, uma pressa nos toques, nos beijos, nas penetrações, como alguém que come apressado, pois seu prato lhe será tirado da frente.

No entanto, quando agora Xcor encontrou seu ritmo e ela o acompanhou, a relação foi diferente. Aquilo não se tratava de sexo apenas.

Aquilo era o mais próximo que duas almas podiam se unir, as partes dos corpos secundárias em relação à união dos corações.

Pouco antes de chegar ao clímax, ela lhe sussurrou ao ouvido:

– Você ficará seguro lá esta noite?

Quando ele não respondeu, ela ficou sem saber se foi pelo início do orgasmo dele… Ou porque ele sabia que não poderia lhe prometer isso, e não queria mentir para ela.

No Buraco, Vishous estava reclinado na sua cadeira e encarava a imagem no monitor. A combinação dos pixels, os escuros e os claros, os cinzas, os verdes e os azuis demandaram bem umas oito horas para serem isolados e processados até ele chegar ao ponto de ver o que estava vendo.

E enquanto olhava para o rosto do atirador misterioso, aquele que salvara a vida de Tohr naquele beco há algum tempo, só o que ele conseguia fazer era

balançar a cabeça.

– Estranho pra cacete.

As feições estavam bastante claras agora, mas aquele lábio distorcido de Xcor foi o maior indicador. Sem aquilo, ele teria que se esforçar para descobrir quem era, visto que todos os guerreiros de cabelos escuros, sobrancelhas grossas e maxilares firmes eram todos parecidos, como um punhado de moedas iguais numa gaveta de meias.

Basicamente indistinguíveis.

Mas não, acrescente aquele lábio e você descobre um traidor. Que, no fim, já não era tão traidor assim…

– Oi.

Quando V. ouviu uma voz conhecia, levantou a cabeça. Jane estava parada diante dele, o jaleco todo amarrotado, os Crocs manchados de sangue, os cabelos todos espetados como se estivessem tentando fugir do cérebro dela.

Ela parecia exausta, acabada, completamente exaurida.

Ele abriu a boca para lhe dizer algo, mas seu telefone tocou.

– Pode atender – ela disse bocejando. – Eu espero.

V. silenciou o telefone e não ouviu nada além do próprio coração batendo.

– Não é importante.

Jane foi para o sofá de couro e despencou sobre a almofada mais distante.

– Não sei o que fazer com Assail. Ele está num surto psicótico. Nunca vi

nada semelhante, e nunca mais quero ver. – Esfregou o rosto. – Não consigo ajudá-lo. Não consigo trazê-lo para o lado de cá. Procurei Havers uma centena de vezes, li cada um dos casos dele, falei com a equipe dele e com ele. Manny consultou pessoas no mundo humano. Só chegamos a becos sem saída e isso está acabando comigo.

Ela fitava o vazio enquanto falava, os olhos agitados como se ela estivesse repassando conversas mentalmente, sempre à procura de uma nova abordagem, uma resposta que talvez tivesse deixado passar.

E esfregou as têmporas que sem dúvida deviam estar latejando.

– Nem sei te dizer como está sendo difícil. Observar o sofrimento dele e ser incapaz de fazer alguma coisa a respeito.

Quando o celular de V. voltou a tocar, ele quase lançou o aparelho na parede ao colocá-lo no mudo.

– Tem certeza de que não quer atender isso? – Jane perguntou. – Parece urgente.

– O que eu posso fazer para te ajudar? – ele perguntou.

– Nada. Só preciso dormir. Não consigo me lembrar da última vez em que descansei. – Olhou para ele. – Parece que mesmo fantasmas precisam recarregar as energias.

Mesmo enquanto dizia essas palavras, sua forma corpórea começava a se dissipar, a cor dos olhos e da pela, mesmo as roupas que cobriam o corpo

imortal, sumiam.

Desaparecendo bem diante dos olhos dele.

Ela disse mais algumas coisas, e ele também, nada muito importante, tudo muito logístico, como a que horas ele sairia, ou quando voltaria.

Mas logo ela se pôs de pé de novo e se aproximou dele. Quando ele ergueu o olhar da sua posição na cadeira, viu os lábios dela se movendo e comandou que os seus sorrissem em resposta, mesmo não tendo a mínima ideia do que saíra da boca dela.

– E então? – ela instigou.

– O quê?

– Você está bem? Parece distraído.

– Muita coisa acontecendo. Você sabe, com a guerra.

– É, eu ouvi. Payne e Manny estavam conversando a esse respeito.

– Melhor você ir para a cama antes que desmaie.

– Você tem toda razão.

Mas em vez de se afastar, ela estendeu o braço e com a mão fantasmagórica acariciou seus cabelos – e quando ela fez isso, ele pensou que havia um motivo para ele não gostar que as pessoas o tocassem.

E isso era verdade em níveis mais que o literal.

– Eu te amo – ela disse. – Sinto muito que não estejamos passando muito tempo juntos.

– Não importa.

– Acho que importa sim.

Vishous estendeu a mão enluvada e afastou a dela. Forçando outro sorriso, disse:

– Você tem trabalho a fazer. E eu tenho o meu.

– Verdade, não vamos a parte alguma.

Ele sabia que ela dissera aquilo com uma intenção tranquilizadora, como quem diz que o relacionamento deles é sólido, e quando assentiu, ele também estava ciente de que ela interpretaria sua afirmação do mesmo modo.

Quando ela serpenteou pelo corredor indo até o quarto deles, contudo, ele sabia que havia concordado com aquela afirmação num sentido totalmente diverso.

E isso deveria deixá-lo triste.

Mas ele não sentiu nada.

CAPÍTULO 59

Quando alguém começou a bater na porta de Qhuinn, ele não estava com vontade de levantar para ver quem era. Ainda faltava meia hora para a reunião no escritório de Wrath na qual muito provavelmente teria o traseiro arrancado – e talvez fosse expulso da Irmandade como Tohr – e a não ser por ter conseguido tomar banho e se trocado, estava tão fora do seu normal que não conseguiria fazer mais nada.

Como, por exemplo, tentar manter uma conversa civilizada. Ou fazer qualquer outra coisa além de respirar.

A batida ficou mais alta.

Quando levantou a cabeça e arreganhou as presas, abrindo a boca para mandar a pessoa ir se…

Mas, em vez disso, se pôs de pé.

E se apressou a escancarar a porta como se escoteiras tivessem vindo trazer sua encomenda de biscoitos.

Blay estava no corredor tão apetitoso que aquilo devia ser ilegal, o corpo coberto por couro e armas – que por acaso, era o estilo preferido do cara para Qhuinn. Exceto pela versão completamente nua.

– Importa-se se eu entrar? – ele perguntou.

– Sim. Quero dizer, merda, não. Sim, por favor, entre.

Caraca, seria bom se conseguisse ser mais sutil.

Blay fechou a porta e aqueles lindos olhos se dirigiram para os berços.

– Quer vê-los? – Qhuinn disse, abrindo caminho, mesmo não estando na frente dele.

– Sim, quero.

Blay foi até lá, e embora o rosto estivesse virado, Qhuinn sentiu o sorriso do cara quando ele cumprimentou um depois o outro.

Mas quando ficou de frente, estava sério de novo.

Aqui vamos nós, Qhuinn pensou ao atravessar o quarto e se sentar na cama. A resposta para o resto da sua vida. E sabia, sem conhecer todos os detalhes, que aquilo doeria.

Blay enfiou a mão dentro da jaqueta.

– Não quero isto.

Quando ele mostrou os documentos providenciados por Saxton, Qhuinn sentiu o coração despencar. Não tinha muito a oferecer a não ser seus abençoados filhos. Se Lyric e Rhamp não fariam o macho mudar de ideia, nada mudaria…

– Eu te amo – Blay disse. – E eu te perdoo.

Por uma fração de segundo, Qhuinn não conseguiu decifrar as sílabas. E depois, quando elas foram absorvidas, ele ficou sem saber se havia ouvido direito.

– Vou repetir. Eu te amo… e eu te perdoo.

Qhuinn deu um salto e atravessou a distância que os separava mais rápido do que um fósforo sendo aceso. Mas foi impedido antes que conseguisse beijar o cara.

– Espere – Blay prosseguiu. – Tenho mais uma coisa pra dizer.

– O que quer que seja, eu concordo. Qualquer coisa, tudo, eu topo.

– Que bom. Então você vai se entender com a Layla.

Qhuinn recuou um passo. E depois outro.

Blay bateu os documentos na palma da mão.

– Você me ouviu. Não preciso receber direitos parentais. Você não precisa armar isso – embora eu agradeça a intenção e, francamente, isso de fato me convenceu de que estava falando sério. Mas você me disse que faria qualquer coisa, e eu estou presumindo que vai cumprir a sua promessa. Você não vai conseguir se acertar comigo até que tenha se acertado com Layla.

– Não sei se eu consigo fazer isso, Blay. – Qhuinn levantou as palmas. – E não estou bancando o cretino aqui. Não mesmo. Eu só… me conheço. E depois que ela os expôs ao perigo daquele jeito, e mentiu para acobertar tudo? Não consigo voltar ao que era, nem mesmo por você.

– Acho que você precisa se concentrar mais em quem Xcor é do que no que ela fez.

– Eu sei quem ele é. Esse é o problema.

– Bem, eu acabei de conversar com Tohr, que me contou tudo…

Qhuinn levantou as mãos e andou ao redor.

– Ah, para com isso…

– E eu acho mesmo que você tem que rever seus conceitos.

– Não vou esquecer o que aconteceu, Blay. Não consigo.

– Ninguém está pedindo para você fazer isso.

Enquanto Qhuinn andava dando voltas, concluiu que as conversas a respeito daquele Bastardo mais estavam parecendo um dia no filme *Feitiço*

do Tempo. Sem o Bill Murray. Então, aquilo era uma droga.

– Olha só, não quero discutir com você – ele disse ao parar e olhar para Blay de onde estava.

– Nem eu quero isso. E não vamos discutir esse assunto porque eu não vou falar mais nada. Acerte as coisas com a Layla, ou eu não vou voltar.

– Mas que inferno, Blay… Como consegue fazer com que a minha situação com você se refira a ela?

– Estou fazendo com que eu e você sejamos parte de uma família. Esses dois – ele apontou para os berços – e nós três. Somos uma família, mas só se ficarmos juntos. Sangue é importante até certo ponto, e depois de todas as merdas que os seus pais fizeram com você, você sabe muito bem disso. Se nós não conseguirmos – se *você* não conseguir – perdoar e amar e seguir em frente, então você e eu não vamos durar, porque não vou ficar por perto fingindo que tudo bem você se ressentir com a sua filha só porque ela se parece com a *mahmen* dela. Nem vou ficar esperando pelo dia em que eu fizer alguma coisa que você não vai conseguir perdoar. Você me desafiou a te perdoar pelo que você fez – e eu perdoei. Agora estou esperando que você faça o mesmo em relação a Layla.

Blay voltou para a porta.

– Eu te amo de todo o meu coração, e quando você e a Layla tiveram esses bebês? Você me deu uma família completa. E eu quero a minha família de

volta, o pacote todo – e isso inclui a Layla.

– Blay, por favor…

– Essa é a minha condição. E não vou mudar de ideia. Eu te vejo no trabalho.

Quando Xcor se preparou para sair de casa pouco antes da meia-noite, permitiu que sua *shellan* inspecionasse as amarrações do colete a prova de balas. Ela foi muito detalhista a ponto de ele achar que, se ela pudesse se prender ao peito dele, era o que faria.

Capturando-lhe as mãos, beijou as pontas dos dedos, uma a uma.

– Sou um macho de sorte para ser tão bem cuidado assim.

Como odiava a preocupação dela. Faria qualquer coisa se pudesse substituí-la por alegria – ainda mais por temer que mais tristeza a aguardava logo em seguida. Se sobrevivesse a esta noite, se a Irmandade cumprisse o que fora prometido por Wrath, ainda assim eles não teriam mais um caminho para trilhar juntos.

– Sinto muito, mas não posso deixar que saia – ela disse num sorriso trêmulo. – Eu sinto… que não vou suportar vê-lo indo embora.

Quando a voz dela se partiu, ele fechou os olhos.

– Voltarei para casa muito em breve.

Beijou-a de modo que ela não pudesse mais falar, e quando ela retribuiu o abraço com paixão, ele tentou se lembrar de cada detalhe de como era senti-la

ao seu encontro, do sabor dos lábios dela, e qual era a sensação de sentir o perfume dela.

Quando, por fim, recuou alguns centímetros, encarou os olhos verdes claros. Sua cor favorita, descobriu. Quem haveria de saber que ele tinha uma? E, então, recuou e não olhou para trás. Não ousava.

Aproximando-se da porta corrediça, sentiu as lágrimas dela, mas, de novo, não parou. Não havia mais como parar nada daquilo.

A porta não emitiu nenhum som quando ele a abriu e saiu, e ele teve o cuidado de não olhar para trás ao fechá-la atrás de si.

Avançando sob a iluminação das luzes da varanda, deu a volta do chalé. Havia um barracão velho ali, um grande o bastante para abrigar um cortador de grama e alto o bastante para as pás e os ancinhos e enxadas.

Ao empurrar a porta frágil, as dobradiças emitiram um rangido de protesto. Estendendo a mão na escuridão, ele apanhou a foice e a ajustou às costas, prendendo-a com uma corda singela que atravessava seu peito. Não quisera levá-la para casa com Layla lá dentro. Pareceu-lhe simplesmente errado.

Com as facas e as pistolas já embainhadas, estava pronto para o que aparecesse, fosse um *redutor* ou um Irmão.

Ao fechar os olhos para se desmaterializar até o ponto de encontro com seus machos, rezou por duas coisas.

Uma, que conseguisse voltar ali para ver Layla uma última vez antes de

partir.

E segundo, que Wrath tivesse tanto controle como parecia achar que tinha sobre a Irmandade.

Interessante como as duas coisas estavam intimamente ligadas.

CAPÍTULO 60

Sentando-se sozinho no quarto que partilhava com Autumn, Tohr segurava a adaga negra nas mãos. A lâmina fora tanto forjada como era mantida por Vishous; a arma era sempre mantida afiada, o cabo se encaixando perfeitamente à sua mão, e somente na sua mão.

Era inimaginável que nunca mais a empunharia.

Quando contou à sua *shellan* o que havia acontecido, e o motivo, ela ficara triste. Era a primeira vez, ele percebeu, que a desapontara de fato – e considerando-se que ainda era apenas meio macho devido a tudo o que aconteceu com Wellsie? Isso queria dizer muita coisa.

Pelo menos os dois tinham um lugar para ir. Xhex deixaria que ficassem naquele seu chalé de caça pelas próximas noites – o mesmo lugar em que ele e Layla brigaram a valer.

Ele estava tãããão feliz em voltar para lá.

Virando a adaga, deixou-a num ângulo de modo que o abajur aceso no criado mudo iluminasse as pequenas incisões nas pontas afiadas. Tinha pensado em pedir a V. que desse uma polida no objeto – pois ele mesmo não

tinha permissão para fazer isso. O irmão se empenhava tanto em fazer aquelas armas que ficava maluco se qualquer um tentasse afiá-las em vez dele.

Mas agora, isso já não vinha ao caso…

Ok, mas que porra Simon e Garfunkel estavam fazendo na sua cabeça com o maldito trecho: Olá, escuridão, minha velha amiga…1

– Mas que porra.

Difícil decidir o que era pior. Aquele maldito trecho dos anos 1960 ecoando na sua massa cinzenta, ou o fato de ter sido demitido do único trabalho que já tivera, que sempre quisera realizar, e no qual era bom.

Mas, convenhamos, não devia ser muito difícil cuidar de uma fritadeira?

Ele tinha isso para contemplar no seu futuro.

E, nesse meio tempo, sua linda fêmea estava no porão com Fritz tentando encontrar caixas para guardarem seus…

Uma batida na porta foi uma digressão bem-vinda. Naquele ritmo, ele logo teria que confiar no Prozac e nos M&Ms para lidar com a depressão que o acometia.

– Entre. – Talvez fosse um *doggen* com um carregamento de caixas de papelão. – Oi? Pode entrar.

Quando não teve resposta nenhuma, franziu o cenho e se levantou para atender a porta. Já vestira as calças de couro e calçara os coturnos quando se

trocou porque era isso o que sempre fazia. Talvez agora devesse trocá-los por um punhado de suéteres e calças cáqui folgadas que formavam uma poça no traseiro e que só ficavam no lugar com o uso de suspensórios.

Pois é, porque isso era sensual pra…

Quando abriu a porta, suas palavras o abandonaram.

Wrath estava ali parado, parecendo o Rei que era, todo vestido de preto e com aqueles seus conhecidos óculos escuros. Atrás dele, formando um semicírculo, a Irmandade, e Blay e John Matthew, como uma guerra prestes a acontecer, com todos aqueles machos armados prontos para lutar.

– Olá, meu velho amigo – Wrath disse ao estender a mão. – Quer vir a uma festa?

Tohr engoliu em seco.

– O que… hum… Como assim?

Wrath só deu de ombros.

– Saxton está me enchendo o saco com procedimentos e políticas de recursos humanos dos humanos. Pelo visto, hoje em dia, a gente tem que dar algum tipo de comunicado antes de mandar alguém passear. Você sabe, mandá-los a um treinamento, limpar as bundas deles por eles, esse tipo de coisa. Antes de demiti-las.

Rhage deu sua opinião:

– Convenhamos, você é o único que tem a cabeça mais no lugar.

– Que entra de cabeça inteira – alguém opinou. – Em vez de meia, como a maioria de nós.

– Um quarto de cabeça no caso do Rhage…

Hollywood se virou e encarou V.

– Olha só, eu vou te fod…

– Com o quê? Com seu quarto de…

Wrath levou a mão ao rosto.

– Jesus, vocês conseguem dar um tempo? – Abaixando o braço, disse exausto: – Então, só vamos deixar o seu traseiro na condicional, está bom assim? Maravilha. Ótimo poder tocar a bola pra frente.

O Rei o agarrou e o puxou para um abraço forte.

– Agora vamos dar conta dessa situação com Xcor de uma vez, ok? E Beth já foi falar com Autumn. Você não tem tempo para isso, temos que ir agora.

Atordoado, mas ficando menos confuso a cada segundo, Tohr abaixou os olhos e deu uma enxugada bem masculina neles. Há muito, muito tempo atrás, ele fora escolhido para se juntar à Irmandade e nunca lhe ocorrera que, a não ser morto, ele estaria do lado de fora. Mas por certo merecera isso e muito mais pelo que fizera.

E embora não pudesse colocar a situação no mesmo nível da perda da sua companheira e do seu filho? Isso o fez se lembrar de que o destino não era totalmente cruel.

Com voz rouca, ele disse:

– Ok, tudo bem. Vamos em frente.

Houve um grito geral de contentamento e muitos tapas nas costas. E claro que queria ir atrás da sua companheira para conversar com ela, mas o relógio antigo no átrio começou a bater.

Não havia mais tempo. Era meia-noite.

A Irmandade e o Bando de Bastardos iriam tentar encontrar a paz. E ele tinha que ir ver o irmão cara a cara.

Quando V. reassumiu sua forma diante do armazém abandonado, testou o ar com o nariz e permitiu que seus instintos agissem.

Nada.

A esquina da Décima Quinta com a Market era um bom cenário para aquele encontro histórico e potencialmente perigoso, porque o armazém estilo celeiro tinha suficientes janelas quebradas naquela versão capitalista da estrutura clerestória de modo que, se tivessem que fugir depois de entrarem, seria fácil chegar a qualquer uma das saídas.

Andando a frente, tinha Rhage à sua direita e Butch à esquerda, e se sentiu ótimo por possivelmente se dirigir a um conflito. Queria muito brigar com alguma coisa e deduziu que, se os Bastardos não se mostrassem um bando de idiotas, depois que terminassem com aquilo, ele e os seus irmãos poderiam ir atrás de alguns assassinos.

Ou talvez ele saísse dali sozinho para fazer alguma outra coisa.

O que quer que acabasse fazendo, não precisaria voltar para casa nas próximas seis horas e pretendia fazer bom uso desse tempo.

Porra, será que acabaria mesmo por…

Tanto faz, pensou ao pôr um fim aos seus ataques epilépticos mentais.

Uma coisa que nem quem não era gênio sabia era que se você entra distraído numa briga, não vai precisar se preocupar com mais nada, porque na manhã seguinte você vai estar morto.

O armazém era a gaiola deserta padrão de uns quatro mil metros quadrados, sem nada além do seu esqueleto meio apodrecido e um teto metálico que parecia um capacete para alguém com desejo de morrer. Havia algumas portas, e depois que o trio passou pela lateral que lhes fora designada, aguardaram pelo sinal de permissão para entrarem assim que Phury e Z. terminassem a inspeção interna.

Com as costas apoiadas na lateral escura e a arma empunhada, V. perscrutou a área. A visibilidade estava fantástica, sem nenhuma árvore para impedir a visão, nada além de prédio atrás de prédio abandonado, entulho e asfalto por quarteirões e quarteirões; o bairro uma verdadeira terra de ninguém depois de ter sido uma região industrial que sustentara aquela parte da cidade por tanto tempo…

Bem quando os celulares de todos tocaram anunciando que poderiam

entrar, cinco figuras apareceram, uma a uma no lote vazio do lado oposto da rua.

V. pegou o celular e enviou: *Chegaram. Vamos abordar.*

Não teve que dizer a Rhage e Butch o que fazer, e era por isso que os amava. Os três se adiantaram ao mesmo tempo, atravessando a faixa de neve gelada antes de galgar o monte formado na beirada da calçada e chegar ao meio da rua. Como se o Bando de Bastardos tivesse lido o mesmo manual, eles também avançaram em sua formação, os imensos corpos se movendo em sintonia, as armas empunhadas, mas não erguidas, e Xcor no centro.

Os dois grupos se encontraram no meio da rua.

Vishous se pronunciou primeiro.

– Boa noite, rapazes. Como estão?

Não sentiu nem ódio nem amor emanando dos outros guerreiros. Bem, exceto pelo cara da ponta: o da extremidade esquerda emanava uma vibração como se talvez quisesse ser agressivo, mas V. tinha a impressão de que essa era a sua costumeira disposição e não algo específico para a atual situação.

V. não abaixou as armas, mas tampouco exigiu que se desarmassem, mesmo que isso o deixasse alerta. O tal do “abaixem suas armas” aconteceria lá dentro.

– Estamos preparados para segui-los – Xcor disse com clareza.

– Ótimo. – V. os encarou nos olhos um a um. – É assim que vai acontecer,

ok? Nós os acompanhamos até lá dentro. Vocês conhecem todos, e depois tomaremos alguns coquetéis enquanto os *hors d'ouvre* forem servidos. Depois veremos um espetáculo, e encerraremos a noite com uma rodada de compras na Saks e, quem sabe, uma sessão de pedicure conjunta. Está bem assim? Maravilha. Em frente, filhos da mãe.

Xcor não hesitou, e V. interpretou isso como sendo um bom sinal.

E os outros o seguiram de pronto.

Isso ele considerou isso um sinal ainda melhor. Se aqueles meninos estavam dispostos a lhes darem as costas, havia confiança correndo a solta ali.

Pondo-se em fila atrás do Bando de Bastardos, V. os seguiu, retornando ao banco de neve baixo, atravessando o "gramado" de neve e gelo e chegando à porta.

V. juntou os lábios e assobiou. Assim que fez isso, uma porta de metal se abriu e John Matthew a manteve aberta.

Quer falar sobre tensão? O Bando de Bastardos, ao entrar no galpão cheio de correntes de vento, estava tão relaxado quanto prisioneiros a caminho da cadeira elétrica. Mas sustentaram suas posições ao olharem ao redor e ninguém começou a atirar quando continuaram em frente.

V. estava disposto a apostar que avaliavam as mesmas saídas do espaço aberto assim como a Irmandade fazia. As mesmas portas. As mesmas vigas.

As mesmas janelas quebradas.

– Parem aqui – ele lhes disse. E eles pararam.

Hora do espetáculo, V. pensou quando deu a volta e ficou de frente à fileira.

– Agora, cavalheiros, antes que tragamos o Rei, sinto informar que terão que se despir. – Apontou para o piso de concreto. – Todas as suas armas aqui. Comportem-se e nós as devolveremos. Se não se comportarem, faremos com que sangrem sobre elas.

Excerto inicial da célebre canção “The Sound of Silence” (1964): “Hello, darkness, my old friend…” (N.T.)

CAPÍTULO 61

O coração de Tohr batia forte quando ele se distanciou da posição que mantinha junto à parede do armazém. Deveria se postar junto à porta à esquerda, mas não conseguiu ficar parado. Seus pés o levaram inexoravelmente para a frente, os olhos estavam fixos em Xcor.

– Aonde você vai? – Blay sibilou atrás dele.

– Só um pouco mais perto. Fique aqui.

Um pouco mais perto o caralho. Ele atravessou toda a distância até onde o Bando de Bastardos estava perfilado no meio do armazém vazio.

V. estava se dirigindo a eles, e a voz do irmão ecoava até o teto.

– Bem aqui – ele repetiu ao apontar para os seus pés.

Nos recessos da mente, Tohr sabia que isso revelaria muito. Se os Bastardos titubeassem ao serem desarmados, ou ao serem revistados, seria seguro apostar que aquilo era uma emboscada de proporções troianas. Mas se eles…

Um a um, cada um dos guerreiros de Xcor acatou a ordem, largando pistolas e adagas no chão de concreto, chutando-as na direção de V. Até mesmo a imensa foice de Xcor saiu das suas costas e foi lançada para V.

– Quer ajudar a revistá-los? – V. perguntou. – Ou só veio até aqui para dar mais uma passada de protetor labial em mim?

Levou um momento para que ele percebesse que V. se dirigia a ele.

– Eu faço a revista.

Quando o irmão assentiu, e Rhage e Butch encararam os Bastardos como se os machos tivessem granadas sem os pinos de segurança. Tohr foi direto até Xcor e o encarou nos olhos.

Deus, como não notara antes? Eram da exata mesma cor que os seus.

– Tohr? – V. disse com aspereza. – O que está fazendo, meu chapa?

E aquele maxilar. Era do mesmo formato que o seu. Os cabelos negros. O lábio era uma distração que fazia com que não se considerasse o resto, mas agora que olhava além dele?

Tohr sentiu uma mão pesada sobre o ombro. E a voz de V. soou alta e clara em seu ouvido.

– Eu preferiria que, se alguém tiver que fazer alguma cagada, que seja um deles. Que tal que não seja um de nós?

Xcor retribuía seu olhar placidamente, sem medo nem agressividade. Era um macho resignado ao seu destino, destemido diante do que jazia à sua frente, e merecia ser respeitado por isso.

– Tohr. Está se lembrando daquela coisa de condicional?

Tohr assentiu meio distraído, mas sem prestar muita atenção. A questão era que, desde a morte de Wellsie com o seu filho ainda no ventre, ele se perguntava como seria olhar nos olhos de um parente consanguíneo. A perda dessa possibilidade fora mais uma coisa a lamentar.

Jamais imaginara que uma noite dessas acabaria se deparando com o olhar do irmão.

Xcor falou com suavidade:

– O que vai fazer?

Foi nessa hora que Tohr percebeu que não havia abaixado a arma. Mas antes que pudesse corrigir isso, V. disse:

– Para a sua informação, é bom você saber que, se está vivo hoje, é por causa dele.

Isso desviou a atenção de Tohr, que olhou para Vishous.

– O que disse?

– Encontrei um vídeo na Internet desse filho da mãe aí, te defendendo

contra um *redutor*. Um verdadeiro clássico. Fiquei olhando para aquela imagem durante horas hoje.

– Espera aí, como assim?

– Você se lembra da época em que tentava se transformar numa porta de tela enfrentando uma chuva de balas? Bons tempos aqueles. – V. revirou os olhos. – Olha só, tive uma ideia. Por que não o aceita como amigo no Facebook, e depois pode ficar esperando até o dia em que receberá uma postagem de lembrança com ele nela. Coisa de primeira qualidade. Digna de um cartão da Hallmark. Agora, ou você o desarma de vez ou volta para a sua posição, cacete.

Tohr sabia exatamente sobre qual loucura V. se referia, lembrando-se precisamente do momento em que ignorara a própria mortalidade e todas as leis da física e se colocara na linha de fogo do inimigo.

Franzindo o cenho, perguntou a Xcor:

– Isso é verdade?

Quando o Bastardo assentiu uma vez, Tohr exalou.

– Por quê?

– Isso não é importante agora – o Bastardo respondeu.

– Não, é sim. *Por quê*?

Xcor olhou para V. para tentar descobrir se o irmão iria ou não perder completamente a paciência com tudo aquilo.

Tarde demais pra isso, Tohr pensou. Ao diabo com tudo, talvez ele não voltasse a ter essa chance de novo.

– Por quê? – exigiu saber. – Éramos inimigos.

Quando Xcor finalmente respondeu, sua voz saiu calma e com um sotaque forte.

– Você foi muito corajoso. Colocou-se na linha de fogo sem medo. A despeito dos nossos posicionamentos na época, eu não quis que um guerreiro com aquela coragem morresse daquele modo. Num conflito honesto, tudo bem. Mas não daquele jeito, como um alvo imóvel. Por isso atirei no atirador.

Tohr piscou e pensou em tudo o que teria perdido se tivesse morrido naquela noite. Autumn. A oportunidade de fazer parte daquele acordo de paz. O futuro.

Pelo canto do olho, ele viu algo se mover…

Não, era apenas Lassiter. O anjo caído viera, e isso não era surpresa alguma. Ele era como o fofoqueiro do bairro que está sempre olhando para os acontecimentos por cima da cerca.

Tohr voltou a se concentrar nos olhos azuis marinhos, tão parecidos com os seus. E então abaixou uma das suas armas e guardou a outra no coldre. Estendendo a mão da adaga, ofereceu-lhe a palma.

Xcor olhou para ela.

Depois de um longo momento, o Bastardo aceitou o gesto… E os dois

irmãos se deram as mãos pela primeira vez.

Apesar de apenas um deles saber disso.

Do seu ponto de observação na extremidade oposta do armazém, Qhuinn observou a cena se desenrolar: o Bando de Bastardos entrando na construção abandonada, parando no centro, ouvindo a V. e desarmando-se ao seu comando. Tudo isso fora planejado. Mas então Tohr se adiantou.

Enquanto o irmão avançava com seus coturnos pesados até o meio, todos os demais daquele maldito lugar prenderam as respirações, mas Qhuinn não.

O irmão não seria idiota. Primeiro, porque essa não era a sua natureza, e segundo, ele tinha honra…

– Como que é? – Qhuinn cuspiu quando V. falou sobre Xcor ter salvado a vida de Tohr.

Ora, ele mesmo testemunhara aquele espetáculo suicida, aquela insanidade. Era uma daquelas histórias que a Irmandade sussurrava quando estavam bêbados ou eram três da tarde e não havia mais ninguém por perto, uma passagem de um catálogo do passado que tornava o custo do trauma da guerra algo muito real.

Mas que diabos? Como V. tinha isso filmado? Era uma imagem de um circuito interno de segurança? Algum humano assistindo a tudo na periferia?

O que isso importava…

Quando uma figura se materializou bem ao seu lado, Qhuinn quase apertou

o gatilho, mas a cabeleira loira e negra era inconfundível.

– Quer levar bala? – Qhuinn perguntou.

Numa voz de Darth Vader, o anjo rebateu:

– Suas armas não são nada para mim.

– Pelo amor de Deus…

Mas, de repente, o rosto de Lassiter ficou bem na frente do dele, e não havia nenhum indício de brincadeira nos estranhos olhos coloridos.

– Prepare-se.

– Pra quê?

Nesse instante, Wrath surgiu no centro do armazém, bem ao lado de Vishous. E era por isso que escolheram aquele espaço amplo. Considerando a cegueira de Wrath, não haveria nada em seu caminho, nada em que pudesse tropeçar, nada que o estorvasse, nem que o enfraquecesse por depender da ajuda dos irmãos para se locomover.

Cara, Qhuinn pensou ao medir os corpos dos Bastardos. Não gostava nem um pouco de tê-los tão perto assim do Rei, mesmo estando desarmados.

– Quer dizer que isso vai mesmo acontecer… – Qhuinn meneou a cabeça ao ver os Bastardos e a Irmandade tão próxima assim. – Nunca pensei que veria esta noite, vou te dizer.

Quando Lassiter não respondeu, relanceou na direção dele. O anjo caído já se fora.

Qhuinn se concentrou e ouviu com atenção. O que não foi nada difícil porque a voz de Wrath se projetava como se um órgão de igreja.

– Compreendo que devem lealdade ao líder de vocês. Tudo bem. Mas ele jurou lealdade a mim, dessa forma, isso obriga o seu grupo. Existe alguma discordância aqui?

Um a um, os Bastardos disseram um não ressonante, e era óbvio pelo modo como as narinas de Wrath inflavam que o Rei estava testando a veracidade da declaração nos cheiros deles.

– Bem – Wrath disse. Depois passou para o Antigo Idioma. – *Por meio disso, comando que a assembleia jure sua lealdade ao líder deles diante da presença do Rei ao qual ele mesmo se jurou. Prossigam agora com os joelhos dobrados, as cabeças pensas e o coração fiel.*

Sem conversa nem hesitação, um a um, o Bando de Bastardos se ajoelhou diante de Xcor, abaixando as cabeças e beijando-lhe os nós dos dedos da mão da adaga. E, durante todo o tempo, Wrath esteve ao lado deles, testando o ar, procurando, mas evidentemente não encontrando, nenhum subterfúgio.

Quando terminaram, Xcor se virou para Wrath.

O coração de Qhuinn batia forte enquanto olhava para o rosto do macho. Apesar de estarem distantes, ele tracejou aquelas feições, os ombros, o corpo. Lembrou-se dos dois trocando socos, atacando-se na Tumba.

Pensou em Layla, grávida de Lyric e Rhamp.

E depois ouviu Blay lhe dizendo que deveria fazer as pazes com a Escolhida para que eles também pudessem ficar bem. Para que a família deles ficasse completa. Para que o passado pudesse ser visto com a razão e não com a emoção.

Foi com a imagem dos filhos na cabeça que ele observou quando Xcor se abaixou sobre um joelho diante de Wrath.

Wrath estendeu o diamante negro, o símbolo do trono, o anel que fora do pai e do pai do pai antes disso.

O anel que talvez L.W. usaria um dia.

– *Incline a cabeça para mim* – Wrath comandou no Antigo Idioma. – *Jure os seus serviços a mim desta noite em diante. Que não haja mais conflitos entre nós.*

Qhuinn inspirou fundo.

E depois soltou o ar quando Xcor abaixou a cabeça, beijou a pedra e disse alto e claro:

– *Aos seus pés, empenho minha vida e meu sangue. Não haverá nenhum outro governante para mim e para os meus, nenhum conflito até que meu túmulo clame por minhas carnes mortais. Esta é a minha promessa solene*.

Qhuinn fechou os olhos e abaixou a cabeça.

Bem quando *redutores* invadiram todas as portas dali.

CAPÍTULO 62

As portas do armazém se abriram numa rápida sucessão, *bam! bam! bam!* e os assassinos que invadiram se moveram com presteza.

Aquele era o pior pesadelo de Vishous.

E a primeira coisa que fez foi ir atrás de Wrath. Com um salto veloz, abalroou o Rei e o cobriu com o corpo.

Que teve o mesmo resultado de uma pessoa tentando manter um cavalo indomado no chão.

– Fica deitado, porra! – Vishous sibilou enquanto a luta começava a se desenrolar.

– Me dá uma arma! Me dá uma maldita arma!

Tiros. Xingamentos. Adagas sendo empunhadas. Todos os Irmãos contra-atacaram e os Bastardos mergulharam para recuperar suas armas para ajudar.

– Não me faça te derrubar com uma pancada! – V. grunhiu ao passar os braços na parte superior do corpo de Wrath, tentando derrubá-lo com seu peso. – Puta que o pariu!

Seguindo a teoria de que não conseguimos manter um bom lutador no chão – mesmo que a vida do cretino filho da mãe dependa disso –, Wrath, na verdade, ficou de pé e levantou a ambos, apesar do fato de V. estar enroscado ao redor da cabeça e pescoço dele como se fosse um cachecol, com o tronco contra suas costas e as pernas chutando à frente.

Era uma espécie de pegada de bombeiro dos infernos e tão sacolejante

quanto um Jeep despencando ladeira abaixo.

A boa notícia? Pelo visto estavam testando a veracidade dos malditos juramentos da noite – e a coisa estava dando certo. Os Bastardos estavam lutando lado a lado da Irmandade contra os assassinos e, cara, que tremendos FDP eles eram.

Mas V. não pretendia dar uma de Dana White naquele octógono improvisado. Ele tinha que manter aquele Rei idiota vivo.

– Cacete, dá pra…

– Perdoe-me, meu senhor.

Heim? Quando V. olhou para trás, viu Xcor se agachando perto deles.

– Mas aqui não é seguro para você. – Dito isso, o líder dos Bastardos deu um de defensor de futebol americano para cima do Rei de todos os vampiros, apanhando as coxas de Wrath num abraço de urso e derrubando o cara no concreto. O que significou que V. o acompanhou na queda.

… aterrissando tão forte de cabeça que ouviu um baque e sentiu uma tontura aterrorizante se irradiar pelo corpo.

Com um gemido de dor, V. sentiu os braços afrouxarem por vontade própria; mesmo quando ordenou que os músculos permanecessem contraídos, eles caíram inúteis no concreto.

O rosto de Xcor apareceu acima do seu.

– Muito ruim?

– Isto aqui é revide por eu… – V. arfou em busca de ar – ter te acertado na cabeça naquela escola pra moças, não é?

Xcor sorriu de leve e depois abaixou a cabeça quando outra bala passou voando.

– Então foi você, amigo?

– É, fui eu.

– Você tem um belo gancho. – Xcor ficou sério. – Tenho que te tirar daqui.

– Wrath?

– Tohrment o levou. O Irmão Tohrment.

– Bom. – V. engoliu com esforço. – Olha só, estou quase desmaiando. Não mexa em mim. Posso ter fraturado as costas e não quero piorar qualquer dano à coluna que eu já possa ter.

Lutou contra a onda que começava a tomar conta dele, a visão indo e vindo.

– Diga a Jane… Sinto muito.

– É a sua companheira?

– Sim, as pessoas vão saber quem ela é. Só diga a ela… Sei lá. Que eu a amo, acho. Não sei.

Uma incrível onda de tristeza o levou à completa escuridão, os sons da luta, a dor, um pânico lento que surgiu com o pensamento: *Ai, cacete, agora eu me fodi*, recuando para o vácuo do nada.

No fim, não é que V. tenha perdido a vontade de lutar… Mas abaixou a espada para permanecer vivo.

Quando uma nova onda de inimigos atravessou a porta, Qhuinn ficou sem munição pela quarta vez – e quando a semiautomática começou a estalar em vez de atirar, ele praguejou e se jogou de costas contra a parede do armazém.

Dispensando o magazine vazio, recolocou um cheio e mirou na porta que estava cobrindo, atingindo três assassinos apressados um em seguida do outro, e os corpos fedidos se retorcendo foram formando uma pilha que obstruía a entrada dos de trás.

Mas logo ele ficou sem balas de novo, e se livrou da arma. A situação, de todo modo, estava ficando perigosa para a troca de tiros, pois a Irmandade lutava em toda parte ao lado dos Bastardos, a vastidão do armazém agora um problema, pois não havia lugar para se protegerem.

A lâmina da adaga veio do nada, e atingiu um lugar certeiro.

Seu ombro ruim. Bem fundo.

– Filho da puta…

Bem quando ele ia tentar avançar sobre o assassino que tentou, mas não conseguiu, acertar seu coração, um dos maiores e mais malvados vampiros que já viu na vida surgiu por baixo, vindo sabe-se lá de onde e atacou o assassino, empurrando-o para a parede. E então…

Puuuuxa vidaaaa…

Pegando a deixa de George Takei.

O Bastardo em questão arreganhou as presas e arrancou o rosto do assassino numa mordida. Literalmente, como se fosse Hannibal Lecter arrancando o nariz e uma face até chegar ao osso, revelando sangue e músculos negros.

Em seguida, o macho o largou de lado como se ele fosse o centro de uma maçã mordida.

Quando o Bastardo se voltou para Qhuinn, havia um fio negro escorrendo pelo queixo até o peito, e o cara sorria como se tivesse ganhado uma competição da Nathan's Famous.

– Precisa de ajuda para tirar essa adaga do ombro?

Pareceu ridículo que o cara estivesse perguntando algo tão surpreendentemente civilizado.

Qhuinn agarrou o cabo, cerrou os dentes e puxou a adaga, libertando o ombro. Enquanto a dor quase fez com que vomitasse, ele conseguiu dizer:

– Na verdade, pensei em te servir um bom Chianti.

– O quê?

– Cuidado!

Quando um assassino se aproximou do Bastardo por trás, Qhuinn se moveu, saltando e tirando a adaga da sua mão dominante, que agora estava presa a um maldito ombro machucado.

Felizmente, era ambidestro.

Qhuinn cravou a lâmina bem no globo ocular do agressor, depois girou o cabo com tanta força que o punhal se partiu ficando bem aninhado em seu novo lar.

Ele e o assassino caíram no chão, bem quando o ombro de Qhuinn anunciou que chegara ao limite. Quando ele se virou para vomitar, acabou fazendo isso de frente para um imenso par de botas de combate.

O assassino foi tirado de cima dele como se fosse um catavento, o pedaço de merda morto-vivo pesando menos de um elástico. Em seguida, o Bastardo durão se agachou.

– Vou te tirar daqui – disse ele com um sotaque forte.

Qhuinn foi jogado por cima de um ombro do tamanho de uma casa, e lá se foram num trajeto cheio de solavancos sabe lá Deus para onde.

Quando ele e seu repentino melhor amigo começaram a se mover, ele deu uma boa olhada no que estava acontecendo do seu ponto de vista invertido.

Irmãos, Bastardos, ajudando-se mutuamente, trabalhando juntos, combatendo um inimigo comum.

E lá estava Xcor, bem no meio de tudo…

Lágrimas surgiram nos olhos de Qhuinn quando ele percebeu que o guerreiro, o líder dos Bastardos, estava lado a lado simplesmente no único ruivo do recinto.

Os dois estavam com as costas coladas um no outro, movendo-se num círculo lento, trocando golpes e punhaladas com um enxame de *redutores*. Blay estava espetacular como sempre, e o Bastardo mais do que o acompanhava em desempenho.

– Vou desmaiar – Qhuinn anunciou para ninguém em particular.

E ao fazer exatamente isso, a imagem do amor da sua vida e o macho que considerava seu inimigo pairou, cruzando a barreira entre a realidade e os sonhos.

CAPÍTULO 63

Layla andava de um lado a outro diante da fonte dos aposentos da Virgem Escriba – ou melhor, de *Lassiter* – quando subitamente não ficou mais sozinha, e não só por causa dos filhos que dormiam envolvidos em mantas macias junto à árvore cheia de passarinhos.

Quando o anjo caído, agora divindade encarregada, se materializou em pleno ar, seu primeiro pensamento foi o de que ele era portador de notícias terríveis.

No pouco tempo em que o conhecia, ele nunca esteve com a aparência tão ruim, a pele pálida, acinzentada, a aura diminuída de modo a parecer apenas uma sombra de si mesmo.

Layla se apressou até ele e quase não conseguiu alcançá-lo quando ele caiu de joelhos sobre o piso de mármore branco.

– O que aconteceu? Está machucado?

Ele fora ao encontro da Irmandade com os Bastardos? Algo de errado aconteceu lá…

– Lassiter – ela exclamou ao se ajoelhar ao lado dele. – *Lassiter*…

Ele não respondeu. Apoiou a cabeça nas mãos e se debruçou no mármore, como se tivesse perdido a consciência.

Ela olhou ao redor, imaginando o que poderia fazer. Talvez chamar Amalya…

Só que quando o rolou de costas, surpreendeu-se ao ver lágrimas prateadas saindo dos seus olhos e caindo como diamantes na pedra abaixo dele.

– Não consigo fazer isto… Este trabalho… não é para mim…

– O que está acontecendo? – ela perguntou aterrorizada. – O que você fez lá embaixo?

Em resposta, as palavras que saíram dele estavam amortecidas, tão indistintas que ela teve que se inclinar sobre ele para decifrá-las:

– A guerra tem que terminar. E só existe um modo de destruir Ômega. Isso foi previsto. A profecia tem que se concretizar, e isso só pode acontecer de uma maneira.

Quando os olhos dele se encontraram com os dela, o medo a gelou.

– O que você fez?

– Os *redutores* têm que ser eliminados. Eles têm que matar a todos eles e

depois pegar Ômega. A guerra tem que terminar.

– O que você fez!

– Eles são a minha família – o anjo caído se engasgou ao cobrir o rosto. – São a minha família…

Um pensamento horrível cruzou a mente dela, e ela disse:

– Me diga que você não…

– Os assassinos têm que ser eliminados. Cada um deles. Só depois disso eles podem ir atrás de Ômega…

Layla caiu sobre o traseiro e levou as mãos ao rosto. Os Irmãos e os Bastardos em um lugar. Um juramento de lealdade dado e aceito.

De modo que, caso a Sociedade Redutora aparecesse, os dois lados anteriormente opostos lutariam juntos contra um inimigo comum.

– Alguém deles morrerá? – perguntou ao anjo. – Quem vai morrer?

– Eu não sei – ele disse numa voz partida. – Não consigo prever…

– Por que você teve que fazer isso? – Mesmo ele já tendo explicado o motivo. – *Por quê*?

Quando os olhos começaram a se encher de lágrimas, ela pensou em descer para a Terra. Mas não poderia deixar os filhos.

– Por que agora?

Lassiter parou de balbuciar, os olhos se fixando no céu leitoso acima deles – a ponto de ela imaginar se ele conseguia enxergar o que se sucedia lá

embaixo.

Deixando-o estar, ela engatinhou para onde Lyric e Rhamp dormiam o sono dos abençoados, completamente alheios ao que muito bem poderia estar mudando o curso das suas vidas para sempre.

Deitando-se com eles nas dobras do cobertor macio que havia colocado ali para que ficassem aquecidos, deixou as lágrimas correndo soltas.

Teria rezado.

Mas o salvador da raça não estava em condições de atender aos seus pedidos. Além disso, estava claro que ele já sabia o que ela teria suplicado – e partilhava os seus temores.

Também era óbvio que, de todas as dádivas que poderia distribuir, apesar dos poderes que tinha, garantir que nenhum Irmão ou Bastardo caísse em batalha não estava entre elas.

CAPÍTULO 64

No fim, a batalha no armazém provou que as guerras, no fim das contas, estavam sujeitas às mesmas regras no tocante a começos, meios e fins, assim como todo o resto no planeta.

O arauto do seu fim não foi o silêncio. Não, nada estava silencioso na caverna fria feita pelos humanos. Havia gemidos e arrastos pelo chão em demasia, o campo de batalha disseminado com corpos móveis e cadáveres, o ar carregado dos cheios da pólvora e do sangue.

– Acabou?

Quando Wrath falou, Tohr relaxou um pouco a pegada que tinha no Rei.

Mas não muito. Ainda tinha os braços e as pernas ao redor do corpanzil do macho, os dois num bolo num canto formado graças ao único espaço delineado no imenso interior vazio: as costas do Rei estavam na junção das paredes e Tohr era o escudo mortal que protegia os órgãos vitais dele, embora Wrath também estivesse usando um colete à prova de balas.

Mas, no fim, eles nem sempre cumpriam seu dever.

E a vida de Wrath não era algo com que se pudesse barganhar.

– Terminou? – Wrath exigiu saber. – Não ouço mais brigas.

A cabeça de Tohr se virou para o lado, e quando ele se endireitou um pouco, o pescoço estalou. Olhando ao redor, tentou identificar os corpos, mas não havia como entender alguma coisa naquela carnificina. Havia uns vinte e cinco ou mais mortos no concreto frio, e havia sangue tanto rubro quanto negro em toda parte.

Ele temia verdadeiramente que a Irmandade tivesse sofrido perdas…

Do meio do grupo de corpos, uma figura solitária se ergueu.

Estava coberta de sangue e se locomovia com dificuldade. E tinha uma arma na mão. Mas havia fumaça demais no lugar para discernir se aquele era um assassino, um Irmão ou um Bastardo.

– Cacete – Tohr exalou.

Ele não queria ter que se levantar para lutar e deixar Wrath desprotegido, porque o cara era simplesmente um idiota e estava puto da vida com a emboscada e poderia muito bem tentar se armar de novo e…

O assobio que ecoou foi como uma benção.

E Tohr respondeu com outro assobio.

Vishous se virou no meio do campo de batalha e começou a claudicar na sua direção; os passos estavam desiguais e um braço estava dobrado num ângulo horrendo. Mas ele era mais durão do que tudo isso e estava determinado a chegar ao seu Rei…

Não era Vishous.

Quando a figura se aproximou mais, Tohr percebeu… era Xcor. Era Xcor quem se aproximava.

Quando o Bastardo se aproximou o suficiente, ficou evidente que estava bastante ferido, e a coisa vermelha vazando pelos ferimentos parecia acometer quase todas as partes do seu corpo.

– Precisamos retirar o Rei – o Bastardo sussurrou numa voz rouca. – Eu cubro a retaguarda.

– Espere – Tohr disse quando segurou o braço do macho. – Você está ferido.

– E você é o escudo do nosso Rei. É perigoso demais deixá-lo desprotegido. Se eu morrer, não fará diferença. Se ele morrer, toda a

esperança da raça morrerá também e Ômega vencerá.

Tohr encarou os olhos do irmão de sangue.

– Se conseguir sair, temos ajuda. Quatro quarteirões a oeste. Receberam ordens de não se aproximarem a menos que alguém os chamasse. Não queríamos sacrificar os médicos.

Xcor assentiu.

– Voltarei.

E numa demonstração de desejo e força, o macho desapareceu no ar.

Apesar de estar brutalmente ferido.

– A gente vai ter que comprar um relógio de ouro ou algo assim para o filho da mãe – Wrath murmurou.

– Não é isso que se recebe na aposentaria?

– Acha que ele vai voltar a lutar depois desta merda toda?

Tohr esperou. E esperou. E esperou. E tentou conter o pânico de pensar que pessoas a quem amava poderiam estar mortas ou moribundas ao seu redor e ele não podia cuidar de ninguém.

Disse a si mesmo que contanto que não ouvisse nenhuma bala voando nem nada assim, Xcor talvez tivesse conseguido chegar…

O som começou baixo, um rugido ao longe. E logo foi crescendo, crescendo e crescendo mais… tão alto até que o estrondo estivesse próximo o bastante para sacudir as paredes finas do armazém…

A Mercedes S600 preta explodiu para dentro uns seis metros de onde Tohr e Wrath estavam amontoados, o entulho voou por toda parte, placas metálicas se chocando na cabeça e nos ombros de Tohr.

Xcor saltou para fora do banco de trás, Fritz abaixou o vidro do motorista, revelando o rosto enrugado tomado de preocupação.

– Meus senhores, entrem. A polícia humana logo chegará.

Tohr tentou se levantar, mas sentiu câimbras e os joelhos cederam.

Foi Xcor quem agarrou o Rei e quase o jogou no banco de trás do carro.

– Estou ficando de saco cheio de ser jogado de um lado pro outro assim! – Wrath estrepitou.

Tohr foi o segundo na lista de Xcor, o Bastardo o segurava com força surpreendente e quase o lançou como um dardo.

Mas Tohr não aceitaria isso. Sabia muito bem o que aconteceria em seguida.

Agarrando o braço do Bastardo, arrastou o macho para dentro com eles e berrou:

– Pisa fundo, Fritz!

O *doggen* com seu pé de piloto da NASCAR afundou o acelerador, virou o volante e com os pneus cantando manobrou de modo que a porta de trás se fechou sozinha. E logo saíram atravessando outro painel, dando uma de *Velozes e Furiosos* enquanto a Mercedes se projetava para fora do armazém,

atingindo a neve do lado de fora.

Os olhos de Xcor se arregalaram de surpresa enquanto eles sacolejavam no banco de trás.

– Não precisava me salvar.

Tohr pensou na situação por um instante. E depois se resolveu. Ao diabo com tudo. Quem poderia saber quantos mortos havia lá atrás e sequer se Xcor conseguiria sobreviver ou se morreria, a julgar pelos seus ferimentos? Se Fritz conseguiria tirá-los do centro da cidade em segurança?

– Eu não deixaria o meu irmão para trás.

A princípio, Xcor resolveu reinterpretar as palavras ditas a ele. Por certo, devia haver algum problema de tradução ali, apesar de que o que ele dissera ter parecido algo em inglês.

– Desculpe… O que disse?

Wrath também se inclinou para a frente, de modo que Tohr, ensanduichado entre eles, foi o único que permaneceu com as costas encostadas no banco.

– Isso mesmo – o Rei disse enquanto o motor roncava mais alto. – O que foi que você disse?

O Irmão olhou direto nos olhos de Xcor.

– Sou filho de Hharm. E você também é. Somos irmãos de sangue.

O coração de Xcor começou a bater tão forte que sua cabeça latejou. Em seguida percebeu seu olhar recaindo sobre as feições de Tohr por vontade

própria.

– Os olhos – o Irmão disse. – Perceberá isso nos olhos. E não, eu também não o conheci de verdade. Suponho que não fosse um bom macho.

– Hharm? – Wrath murmurou. – Não, ele não era. E é só isso que vou dizer a respeito.

Xcor engoliu através da garganta contraída.

– Você… é meu irmão?

No entanto, uma confirmação seria mesmo necessária? Tohrment tinha razão… aqueles olhos… eram do mesmo formato e da mesma cor dos seus.

– Sou – Tohr afirmou emocionado. – Sou seu parente consanguíneo.

Todo tipo de coisa passou pela mente de Xcor, flashes de imagens, ecos de tristeza, lembranças de solidão. No fim, quando a Mercedes chegou à velocidade de cruzeiro e eles estavam na autoestrada, só conseguiu abaixar o olhar e ficar calado.

Quando se recebe algo secretamente desejado e completamente inesperado, quando uma repentina revelação parece remendar um buraco na vida de alguém, a única resposta é o choque, muito semelhante ao que acontece quando se é ferido.

Ou talvez fosse só isso mesmo. Estava gravemente ferido e perdia a consciência.

Ficaram calados pelo resto do trajeto para onde quer que estivessem indo, e

Xcor passou o tempo observando o manto de neve enquanto ele se esvaía em sangue sobre si mesmo, sobre o banco… sobre o irmão.

Um tempo depois, uma vida depois ao que lhe pareceu, começaram a parar e ir, parar e ir, parar e ir. No fim, pararam de vez. Wrath abriu a porta de pronto, como se o Rei soubesse que estavam em local seguro, e Tohr seguiu o monarca.

Xcor foi abrir a porta ao seu lado…

A mão não parou na maçaneta. Nem na segunda tentativa.

Tohr a abriu por ele e se inclinou no interior do carro.

– Vamos tratar de você. Venha.

Quando o Irmão, e o irmão, estendeu a mão, Xcor comandou o corpo a se mover. Mas este se rebelou. Ele parecia ter…

Uma onda de tontura fez com que perdesse o controle do estômago, mas ele sacudiu a cabeça para clareá-la e exigiu que seus músculos o obedecessem. Dessa vez, o corpo o atendeu. Seu corpo surrado, apunhalado e alvejado conseguiu se levantar do banco de trás e se mover à frente.

Um passo.

Quando ele despencou, braços fortes o seguraram, impedindo-o de bater no piso de concreto do que parecia ser uma garagem.

Tohrment sustentou seu corpo com facilidade.

– Tô contigo. – Essa foi a segurança que ele lhe passou.

Com uma série de movimentos pouco graciosos, Xcor se segurou aos ombros fortes do macho e se suspendeu um pouco. Deparando-se com o olhar de Tohrment, disse:

– Meu irmão.

– Isso – o macho disse rouco, uma camada de lágrimas fazendo com que os olhos azuis se tornassem um par de safiras. – Sou o seu irmão.

Foi difícil saber quem abraçou quem, mas, de repente, estavam os dois abraçados, sustentando-se, guerreiro contra guerreiro.

Xcor pensara em muitos resultados para aquela noite, muitas contingências e probabilidades que ele, como qualquer outro bom líder, teria avaliado e reavaliado.

Encontrar um pedaço da sua família jamais passou pelo seu radar.

E por mais que o pai não tivesse aparecido na forma de um guerreiro corajoso montado num cavalo para resgatá-lo… seu irmão de sangue por certo cumpriu essa função muitíssimo bem.

CAPÍTULO 65

Quando Cormia apareceu no pátio, Layla se levantou no mesmo instante.

– Me diga tudo.

Lassiter há tempos partira, desaparecendo numa chuva de partículas douradas, deixando-a sozinha com o seu pavor.

A Escolhida estava agitada.

– Você precisa descer agora. Precisam de sangue e eu já doei tudo o que posso. Eu ficarei com os pequenos.

As duas se abraçaram e Layla se foi, viajando entre os dois reinos apressada, retomando sua forma no lado de fora da mansão, pois ela não teria como passar pela estrutura de aço.

Não notou o frio ao correr escada acima e puxar a pesada porta externa da entrada e mostrar o rosto para o circuito de segurança… E, enquanto esperava, queria gritar.

Foi Beth quem abriu.

– Ah, Graças a Deus – a Rainha exclamou dando-lhe um abraço forte. – Vá, corra para o centro de treinamento. É lá que todos estão.

Layla começou a correr e depois perguntou por sobre o ombro:

– Alguém morreu?

– Ainda não. Mas… Ah, vá, vá agora. Tenho que esperar por Wrath e voltar a acompanhá-lo para baixo.

Layla passou pelo túnel subterrâneo e chegou ao centro de treinamento em tempo recorde, mas assim que chegou ao corredor, parou de repente.

O cheiro de sangue era intenso, portanto havia uma grande quantidade de machos com diversos graus de ferimento ali.

E não eram apenas Irmãos. Na verdade… pareceu ver todos os guerreiros

de Xcor ombro a ombro com a Irmandade, com Ehlena, a enfermeira, e todas as outras Escolhidas, cuidando deles.

Enquanto Manny e a doutora Jane sem dúvida se ocupavam com cirurgias.

– Estou aqui – disse a ninguém e a todos.

Em sua cabeça, estava gritando com todos eles, exigindo saber o que acontecera com Xcor, pois não o via e não o sentia, e isso a aterrorizava.

Mesmo assim, aproximou-se do primeiro ferido com que se deparou e arregaçou a manga, expondo o pulso.

Reconheceu o macho. Era um dos de Xcor.

Zypher meneou a cabeça.

– Estou honrado, sagrada Escolhida. Mas não posso tomar sua veia.

– Mas você deve – ela sussurrou.

– Não posso. Você é a fêmea do meu líder. Morrerei antes de conhecer o sabor do seu sangue.

Uma das suas irmãs se aproximou.

– Eu o alimentarei. Vá até Rhage.

E foi o que Layla fez, oferecendo sua veia. Quando o Irmão sorveu o que necessitava e agradeceu, ela foi para o macho seguinte na fila.

Mas ele era um Bastardo, e ele também meneou a cabeça e a rejeitou.

– Não posso receber seu sangue. Você é a fêmea do meu líder.

E foi assim por toda a fila, até que acabou se concentrando apenas na

Irmandade, sem nem tentar os outros.

Tantos ferimentos, alguns tão profundos que ela via uma anatomia que a aterrorizava. E durante todo o tempo, preocupou-se com Xcor, entrou em pânico com o que Lassiter fizera e rezou para que ninguém morresse.

Estava prestes a se aproximar de Phury, que precisava de mais uma dose de tão graves que eram seus ferimentos, quando sentiu uma pegada no cotovelo.

Ao erguer o olhar, deparou-se com o rosto sério de Tohr.

– Xcor precisa de você. Agora.

Layla se levantou tão rápido que ficou tonta, e Tohr a ajudou a caminhar pelo corredor.

– Você ficaria orgulhosa dele – Tohr lhe disse ao se aproximarem de uma porta fechada que parecia uma sala de operações. – Foi incrivelmente valente e foi ele quem tirou Wrath de lá.

– Foi ele?

– Sim. E ele sabe. Sobre mim e ele. Eu contei porque… Por que não depois de uma noite horrível como esta?

Tohr abriu a porta e Layla arquejou. Xcor estava na mesa operatória, com o abdômen aberto, os intestinos aparecendo – no entanto, estava consciente. Virou a cabeça na sua direção e tentou sorrir.

– Meu amor.

A voz dele estava tão fraca… Ah, sua coloração estava péssima. E mesmo assim ele tentou se soerguer.

O tom de Manny foi firme.

– Ok, isto não está dando certo pra mim. Não enquanto estou suturando seu intestino.

– Não olhe – Xcor ordenou a ela. – Não olhe para o meu corpo.

Num vívido flashback, ela se lembrou de que ele não queria ter tirado as roupas perto dela.

Layla se apressou para junto dele e encostou-lhe o pulso na boca.

– Beba. Tome o meu sangue.

– Já fizemos isso antes – ele fez uma careta e tossiu –, uma vez antes enquanto eu estava morrendo. Não fizemos?

– Duas vezes já fizemos isso. E nas duas vezes estava mais frio – ela disse entre lágrimas. – Oh, Deus. Não morra. Não esta noite. Nunca.

– Você é a coisa mais linda que eu já vi. – Os olhos dele estavam enfraquecendo, a luz deles sumia. – Partilhei meu corpo com outros, mas fui virgem com você, pois minha alma nunca pertenceu a ninguém antes. Só você… Só você me tem…

Uma máquina começou a apitar.

– Alguém pegue o maldito desfribilador!

Tohr se aproximou na mesma hora, formando um punho com as duas

mãos, e disse:

– Respire por ele! Respire por ele!

Mesmo que seu coração estivesse batendo descontrolado e ela sentisse que não suportaria nada daquilo, Layla selou os lábios de Xcor com os seus e soprou ar para dentro dos pulmões dele. E Tohr começou a massagear o coração.

– Respire! Agora!

Ela se inclinou de novo e exalou todo o ar de que dispunha.

E mesmo assim o alarme continuava disparado…

– De novo! – Manny gritou enquanto as mãos enluvadas e ensanguentadas trabalhavam rápido com a linha e a agulha.

CAPÍTULO 66

Quando Qhuinn recobrou a consciência, por um minuto pensou estar retornando ao começo do pesadelo, para aquela fantasia em que Blay estava sentado na cadeira ali no quarto da clínica.

– Ah, graças a Deus.

– O quê? – Qhuinn murmurou.

Blay deu um salto e se apressou apesar de ter um braço numa tipoia e estar mancando como se alguém tivesse derrubado uma caixa de ferramentas no seu pé.

Qhuinn estava para perguntar se o macho estava bem quando aqueles

lindos lábios pousaram nos seus e aquela magnífica fragrância da vinculação chegou ao seu nariz… Ah, aquilo era melhor do que qualquer fantasia.

– Ai!

Quando Qhuinn soltou o grito, o braço voltou para a cama e uma dor, quente e profunda como o oceano, trespassou o lado direito inteiro.

Blay recuou e sorriu.

– Veja por este lado. Finalmente consertou o ombro. Quando costuraram o ferimento, acabaram dando uma olhada na sua bursite.

Assim que conseguiu, Qhuinn retribuiu o sorriso.

– Dois por um.

– Pague um, leve dois.

Mas nessa hora ele ficou sério.

– Perdemos alguém?

– Nenhum dos nossos, mas todos teremos que nos curar. Isto foi quase um massacre.

– E quanto a eles. Os Bastardos.

Blay desviou o olhar.

– Xcor não está nada bem. E se tem algo a dizer a respeito disso, é melhor não dizer. Foi ele quem tirou Tohr e Wrath de lá. E Layla está no corredor alimentando o pessoal, pra sua informação – e também não quero nenhum comentário a esse respeito. Isto é uma emergência.

Qhuinn fechou os olhos.

– Estou tão feliz por você estar bem – Blay sussurrou. – Eu teria morrido junto com você se isso não tivesse acontecido.

Levantando as pálpebras, Qhuinn disse:

– Sinto muito.

– Pelo quê?

– Não sei. – Apontou com a cabeça para o maquinário à cabeceira. – Isso está injetando morfina?

– Sim.

– Então acho que não estou dizendo coisa com coisa.

– Ok. Pode falar toda besteira que quiser.

Blay se sentou com cuidado na beirada da cama, e quando Qhuinn sentiu a mão ser segurada, apertou de volta.

Ficaram assim só olhando um para o outro por um bom tempo. Sim, olhos marejaram e gargantas se contraíram… Mas os corações estavam inteiros.

– Nunca mais quero ficar sem você – Qhuinn disse. – Nada vale isso.

O sorriso de Blay era genuinamente precioso.

– Não tenho como discordar disso.

O macho se inclinou para baixo e eles resvalaram os lábios. Duas vezes.

– Hummm. Sabe o que não aguento esperar?

– Fazer xixi sem a sonda?

– Sexo de reconciliação. – Qhuinn abaixou as pálpebras. – Eu quero você aqui mesmo, pra falar a verdade.

O rubor que atingiu o rosto de Blay foi uma provocação criminosa – já que ele estava atrelado a um dispensador de ópio.

– Então descanse – o macho disse numa fala arrastada. – E absorva todos os fluidos que puder. Vai precisar deles.

Vishous abriu os olhos e, por um instante, ficou imaginando onde estaria. O teto branco não dava muitos indícios, e…

O rosto de Jane, logo à frente do seu, foi uma surpresa que fez com que ele se encostasse no travesseiro.

– Oi – ela disse com voz trêmula. – Você voltou.

– Para onde eu fui… – Maldição, a garganta doía. Será que o tinham intubado? – O que aconteceu?

E, ao mesmo tempo em que perguntava isso, aquela horrível cena do armazém voltou à sua mente… Ele caindo e batendo a cabeça, e depois paralisado no chão enquanto balas voavam por todos os lados. Considerando-se a distribuição de dores pelo seu corpo, ele deduziu algumas coisas: primeiro, não estava paralisado de fato; segundo, fora alvejado em múltiplos lugares, tendo sido, sem dúvida, pego no meio do fogo cruzado; e em terceiro lugar…

– Quase te perdi – Jane disse, aqueles olhos verde-abacate estavam

brilhantes de lágrimas. – Fiquei neste quarto nas duas últimas horas rezando para que você recobrasse a consciência.

– Duas horas?

Ela assentiu.

– Assim que saí da operação, eu vim para cá… – Ela franziu o cenho. – O que foi? Está com dor? Precisa de mais morfina?

– Por que…

Quando ela esfregou debaixo dos seus olhos, ele percebeu que estivera chorando – e no instante em que isso foi registrado, calou as emoções, obrigando-as a se submeterem. Nada de chorar. Não mesmo. Não faria isso.

– Olha só, deixa eu chamar a Ehlena.

Jane atravessou o quarto e chegou à porta mais rápido do que o coração dele batia – o que, na verdade, não queria dizer muita coisa. E quando a ouviu pedindo mais medicamentos para ele, e depois começar a responder as perguntas de outras pessoas, todas as dores dele desapareceram.

A não ser por uma no meio do peito.

E era exatamente essa que não reagiria a nenhuma droga.

Ele a viu se inclinar mais para fora ainda e assentir para alguém, e depois sair de vez. Bem quando a porta se fechava, ela olhou por cima do ombro, e seus olhos estavam carregados de preocupação.

– Eu já volto.

Não, ele pensou, *acho que você não vai voltar*.

Dito e feito, cinco minutos mais tarde, Ehlena foi entrando com um frasco e uma agulha para o acesso intravenoso.

– Oi – ela disse com um sorriso acolhedor. – Jane está dando uma olhada nuns curativos. Ela não queria que você tivesse que esperar por ela.

– Tá tudo bem, não preciso disso.

– Ela disse que você estava com dor.

Com um grunhido, V. se sentou e passou as pernas para o lado da maca. Quando ele começou a puxar o acesso, Ehlena se retraiu.

– O que está fazendo?

– Me dando alta. Mas não se preocupe, isso não vai contra as ordens médicas e nada disso, porque a esta altura eu já estou bem treinado. E eu gostaria de um pouco de privacidade, se não se importa. A menos que queria assistir enquanto retiro a sonda?

– Que tal eu ir chamar a Jane?

Quando a fêmea começou a se dirigir para a porta, ele disse:

– Existem pacientes demais para vocês cuidarem, portanto presumo que podem estar precisando deste leito. E meus sinais vitais estão estáveis, eu já estou me curando, ou seja, alguma Escolhida deve ter me alimentado. Acho que você deveria se preocupar em cuidar dos que estão mais precisando do que perder tempo me impedindo de ir embora – ou preocupando Jane quando

ela tem pacientes mais críticos.

Bem nessa hora, Manny passou a cabeça pela porta.

– Ei! Olha só você quase na vertical. Olha só, Ehlena, preciso de você.

Agora.

V. lançou um olhar do tipo “eu te disse” para a fêmea. E depois deduziu pela imprecação e pelo desaparecimento dela que ela não discutiria com a sua incontestável lógica.

Tirar a sonda foi uma droga. Seu pau não vinha sendo muito usado ultimamente, e não gostou muito do desrespeito quando por fim foi tocado de novo.

Saindo do leito para ficar de pé, juntou as metades da roupa hospitalar na parte de trás e saiu do quarto.

Todos os Bastardos estavam no corredor, e todos estavam machucados.

Não viu nenhum dos seus irmãos, mas sentia os cheiros deles na fragrância que pairava dos seus sangues, e deduziu que haviam subido para a mansão para se recuperarem.

Ou pelo menos aqueles que não estavam deitados na clínica.

Jane não estava em nenhum lugar dali.

Quando começou a andar, assentiu para os Bastardos, apertando as mãos que lhe eram estendidas e chocando as juntas dos dedos, pois a batalha que enfrentaram juntos os uniu mais do que qualquer juramento formal de

lealdade e joelhos dobrados fariam.

Engraçado, ele se maravilhou, que é assim que se forja o aço. Você pega ferro, aplica um calor intenso, e tira todas as impurezas. O que resta é força bruta e indissolúvel.

Como quando dois grupos de guerreiros eliminam conflitos desnecessários e se ladeiam para formar uma unidade contra um inimigo comum e são capazes de conseguir muito mais do que jamais fariam separadamente.

Seguindo em frente, pensou ter ouvido a voz de Jane atrás dele. E ouviu.

Ela falava com Manny, trocando informações.

V. pensou por um instante que ela notaria que ele estava se afastando pelo corredor e que viria atrás dele. Mas ela não fez isso.

E de novo, ele pensou ao claudicar para dentro do escritório e seguir para o túnel sozinho, isso não o surpreendeu.

CAPÍTULO 67

– Acorde, meu amor.

Quando uma voz grave entrou no ouvido dela, os olhos de Layla se abriram de uma vez e ela se ergueu na cadeira – o que fez com que fosse parar cara a cara com Xcor.

– Você está vivo! – ela exclamou. Só que então ela viu todos os tubos e cabos que foram desconectados e agora pediam dele. – Que diabos você está fazendo fora da cama…?

– Shhh – ele disse. – Venha.

– O quê?

– Estamos indo embora.

– Mas por…

Ele assentiu e se levantou. Estava coberto com curativos, ainda na camisola hospitalar, pálido como um fantasma, mas o olhar dele lhe disse que não ouviria nada que ela tinha a dizer.

Estavam mesmo de saída.

– Para onde vamos? – ela perguntou ao ficar de pé.

– Para a casa segura. Há um carro à nossa espera.

– Mas não seria melhor ficarmos aqui onde estão os médicos…

– Só quero ficar sozinho com você. Você é tudo de que preciso.

Quando ele a encarou, uma sensação de amor se espalhou pelo corpo dela.

– Não acredito que você esteja vivo.

– Tudo por sua causa. Por tantos motivos.

Um rápido flashback dela e de Tohr fazendo manobras de ressuscitação deixou-a sem fala. Mas não tirou sua capacidade de se ajustar debaixo do seu macho e ajudá-lo até a porta.

O corredor estava vazio, com apenas um *doggen* limpando as manchas de sangue do chão, prova dos ferimentos.

– Para onde foram os seus soldados? – ela perguntou quando começaram a

ir na direção da garagem. – Por quanto tempo eu dormi?

– Horas, meu amor. E todos foram tratados e liberados. O amanhecer chega em trinta minutos.

– Eles vão ficar bem?

– Sim. Todos eles e todos os Irmãos também. A equipe médica daqui é incrível.

– Ah, graças a La… – Ela se deteve. – Graças aos céus. Ao destino. A tudo.

Foi então que ela notou uma figura parada no fim do corredor junto à saída, e quando eles se aproximaram, ela percebeu que era Tohr.

Quando finalmente pararam diante do Irmão, os dois machos só ficaram olhando um para o outro. E foi então que as semelhanças entre eles se tornou verdadeiramente evidente para ela. Mesma altura, mesmo porte físico, mesmo maxilar… E aqueles olhos.

– Obrigado por salvar a minha vida naquele beco – Tohr disse rouco.

– E obrigado por salvar a minha naquela mesa cirúrgica – Xcor entoou.

Os dois sorriram um pouco depois ficaram sérios.

Foi então que um frio a percorreu por dentro – um que foi intensificado quando Xcor se soltou dela e se inclinou na direção do Irmão.

Enquanto os machos se abraçavam, ela percebeu com horror que… era aquilo. Esse seria o último dia juntos para ela e Xcor. Era por isso que ele

estava tão determinado a sair da clínica, e o motivo pelo qual Tohr os estava ajudando.

E também por que o Irmão olhou para ela com tanta compaixão quando os dois machos se afastaram.

Tohr abriu a porta da saída e esperou de lado que passassem.

Ninguém disse nada enquanto ela e Xcor seguiam para a Mercedes.

Mesmo o mordomo parecia sóbrio quando deu a volta no carro para abrir-lhes a porta.

Layla abaixou a cabeça e deslizou pelo banco, depois Xcor a acompanhou e Fritz fechou a porta.

Xcor abaixou o vidro escuro ao seu lado e levantou a mão da adaga quando o carro começou a se movimentar – e Tohr retribuiu o gesto quando eles se afastaram, esses adeus tão permanentes quanto a tinta nos volumes sagrados do Santuário.

Não tem que ser assim, ela gritava na cabeça. *Podemos fazer isto dar certo. De alguma forma, podemos…*

Mas ela sabia que lutava uma batalha perdida há algumas noites quando Xcor fizera seu juramento perante Wrath e concordaram que ele e seu grupo deveriam retornar para o Antigo País.

Olhando para as mãos no colo, porque não ousava olhar para o rosto dele, ela sussurrou:

– Fiquei sabendo da sua bravura.

– Não é verdade.

– Foi o que Tohr disse.

– Ele está sendo generoso. Mas vou lhe dizer uma coisa, meus machos lutaram com muita honra e, sem eles, a Irmandade teria se perdido. Disso eu tenho certeza.

Ela assentiu e percebeu que mordia o lábio.

– Meu amor – ele sussurrou. – Não esconda os seus olhos de mim.

– Se eu olhar para você, eu desmoronarei.

– Então, permita que eu seja forte quando você sentir que não consegue. Venha cá.

A despeito dos ferimentos, ele a puxou para o colo e passou os braços ao redor dela. E a beijou na clavícula. E na garganta… e nos lábios.

O calor já conhecido surgiu de novo, e quando ele a suspendeu sobre o quadril, ela afastou as coxas e o cavalgou, e ficou contente por haver uma divisória no carro que lhes dava privacidade.

Mudando de posição meio desajeitadamente, tirou uma das pernas da legging e afastou a calcinha enquanto ele puxava a bainha da roupa hospitalar.

– Tomarei cuidado – ela disse quando ele fez uma careta de dor.

– Não sentirei nada a não ser você.

Xcor segurou a ereção com a mão enquanto ela deslizava lentamente ao redor dela.

– Meu amor – ele sussurrou ao deixar a cabeça pender para trás e fechar os olhos. – Ah, você me completa.

Com uma suavidade ansiosa, as mãos dele deslizaram por debaixo da blusa dela e ele afagou os seios, e ela se assentou num ritmo sobre ele, passando os braços ao redor do encosto da cabeça, encostando os lábios nos dele.

Quando as paradas e partidas nos portões de segurança começaram, um orgasmo agridoce atravessou o corpo dela… Levando consigo o seu coração.

Foi como se o fim entre eles tivesse vindo assim como foi o começo.

CAPÍTULO 68

Na noite seguinte, enquanto subia do porão da casa, Layla sentiu como se estivesse envelhecendo cem anos a cada degrau que subia.

Xcor já estava diante do fogão, preparando ovos, bacon e, mais uma vez, torrando mais uma embalagem inteira de pães de forma.

Ele a fitou. E o modo como os olhos a percorreram, dos cabelos ainda úmidos e agasalho que vestira com os jeans encontrados na cômoda, ela entendeu que ele estava memorizando cada detalhe seu.

– Eu queria estar vestindo uma roupa de gala – ela disse rouca.

– Por quê? – ele perguntou. – Você está linda agora.

Ele ajustou a bainha do blusão no qual se lia SUNY CALDWELL.

– Meio desarrumada, na verdade.

Xcor lentamente balançou a cabeça.

– Não reparo nas suas roupas, nunca faço isso, e um vestido elegante não mudaria isso. Não vejo cabelos molhados, sinto as mechas entre meus dedos. Não vejo faces pálidas, saboreio seus lábios na minha mente. Você atiça meus sentidos todos de uma só vez, minha fêmea. Você é muito mais do que cada uma das coisas que a formam.

Ela piscou para afastar as lágrimas e foi até o armário. Tentando não se descontrolar, disse:

– Vamos precisar de facas, além de garfos e pratos?

No fim, nada disso foi necessário.

Depois que ele terminou de preparar a comida, acomodaram-se à mesa, e a comida permaneceu intocada, esfriando e perdendo o seu aroma. E ela soube que estavam mesmo ficando sem tempo quando ele começou a verificar continuamente o relógio da parede.

E chegaram ao fim.

– Tenho que ir – ele disse rouco.

Quando seus olhos se depararam, ele estendeu o braço por cima da mesa e tomou sua mão. Seu olhar estava brilhante, pois ele também estava emocionado, os olhos azuis marinhos brilhavam de tristeza e de amor.

– Quero que se lembre de uma coisa – ele sussurrou.

Layla fungou e tentou ser tão forte quanto ele.

– Do quê?

No Antigo Idioma ele disse:

– Onde quer que eu vá, você nunca estará longe de mim. Onde quer que eu durma, você estará ao meu lado. O que quer que eu coma, eu partilharei com você, e quando eu sonhar, estaremos juntos novamente. Meu amor, você nunca estará afastada de mim, e eu não ficarei com mais ninguém. Até a noite da minha morte.

Estava na ponta da língua dela dizer que isso seria impossível.

Mas como se soubesse o que ela estava pensando – como sempre – ele apenas meneou a cabeça.

– Como eu poderia ficar com outra que não fosse você?

Layla se ergueu nas pernas trêmulas, e quando se aproximou, ele afastou os joelhos de modo que ela pudesse se postar entre eles.

Quando se inclinou para beijá-lo pela última vez, suas lágrimas caíram no rosto dele.

– Eu amo voc…

Ela não conseguiu terminar a última palavra, pois a garganta se fechou.

As mãos de Xcor subiram pelo corpo dela até chegarem ao rosto.

– Valeu a pena.

– O quê? – Ela forçou as palavras a saírem.

– Tudo o que aconteceu antes deste momento no qual sou amado por você. Embora tenhamos que nos separar, posso dizer que o que sinto por você faz com tudo tenha valido a pena.

E então, o beijo final… e ele partiu.

CAPÍTULO 69

Uma hora mais tarde, Layla foi à mansão da Irmandade. Sentia-se leve demais, como se seu interior tivesse sido esvaziado dos seus órgãos vitais – e ela deduziu que isso devia ser verdade. Não havia muito mais dela agora.

Engraçado ter se encontrado e se perdido em tão pouco tempo.

Contudo, enquanto galgava os degraus de pedra da entrada da mansão e se aproximava da imensa porta externa do vestíbulo, ela sabia que isso era apenas seu luto falando mais alto.

Ou, pelo menos, ela esperava que fosse.

Se isto era como seriam todas as noites da sua vida dali por diante? Ela estaria num mundo de sofrimento. Literalmente.

Empurrando a porta, mostrou o rosto para o monitor e esperou que alguém atendesse à campainha. Tecnicamente, aquela era a noite de Qhuinn com as crianças, mas ele ainda estava na cama do hospital, por isso Beth lhe telefonara lá pelas cinco da tarde dizendo que ela poderia ficar com os filhos se assim o desejasse.

Como se ela fosse dizer não.

De acordo com o que lhe disseram, Rhamp e Lyric foram trazidos do santuário por Cormia algumas horas atrás, portanto eles estavam no andar de cima – ou seja, tiveram esperanças de que Qhuinn já tivesse se recuperado. Mas, aparentemente, isso não aconteceu.

Não perguntou quais eram os ferimentos dele. Não era muito da sua conta, e isso a entristeceu. Mas o que poderia fazer?

– Ah, boa noite, Escolhida.

Quando a voz alegre de Fritz a acolheu, ela percebeu que não tinha visto a porta se abrir.

– Olá, Fritz. Como vai?

– Muito bem. Muito contente por todos estarem bem.

– Sim – concordou atordoada. – Eu também.

– Existe ago que eu possa fazer por você?

Bem, você pode fazer com que o avião em que o amor da minha vida está dê meia volta agora mesmo, trazendo-o de volta para mim. Faça com que ele fique comigo. Dê um jeito para que…

Ela pigarreou.

– Não, obrigada. Vou apenas subir para pegar as crianças.

O mordomo se curvou bem baixo, e depois Layla caminhou lentamente em direção à grande escadaria. Ao pousar o pé no primeiro degrau, lembrou-se

do trajeto do porão até o andar térreo daquela casinha charmosa – e ficou se perguntando se sua vida seria sempre assim.

Emocionando-se a ponto de ter lágrimas nos olhos toda vez que fosse subir um lance de escadas.

No entanto, conseguiu seguir em frente.

No fim das contas, é isso o que precisamos fazer, mesmo com o coração partido. Céus, ela não fazia ideia do que faria consigo mesmo nas noites em que não teria Lyric e Rhamp, mas teria que encontrar algo. Ficar à toa provavelmente a afundaria em tristeza pela ausência de Xcor…

Parou na metade do caminho quando um macho surgiu no alto da escada. Levantando as mãos defensivamente, disse a Blay:

– Tenho permissão para levá-los. Beth me disse isso. Não estou aqui sem permissão.

Pareceu-lhe uma eternidade desde que vira aquele macho, e odiou a necessária distância entre elas. Mas de que outro modo poderiam agir? Ah, Deus, e se ele não lhe entregasse as crianças? E se Qhuinn tivesse ficado sabendo que ela estava recebendo uma noite extra e ordenara de seu leito no hospital que ela não recebesse esse privilégio?

Esta noite, dentre todas as noites, ela precisava de um lembrete visceral do que a faria seguir adiante…

Antes que Blay pudesse dizer qualquer coisa, a campainha tocou de novo

anunciando a chegada de mais alguém na mansão. Mas Layla não deu atenção. E por que o faria? Já não morava mais ali…

Mas se virou.

E piscou ante o impossível.

Qhuinn passava pelo vestíbulo… Com Xcor ao seu lado.

Layla piscou de novo e esfregou os olhos, o cérebro incapaz de compreender o que estava vendo. Por certo Qhuinn, dentre todas as pessoas, não poderia… não estaria…

Espere, por que seu macho não estava num avião?

Xcor ergueu o olhar para ela e deu um passo à frente… e depois mais um.

Não se concentrou em nada a não ser nela, toda a grandiosidade e as cores do átrio parecendo desimportantes para ele.

Ao diabo os comos e os porquês, Layla pensou ao se mover num impulso, disparando escada abaixo, imaginando que, se aquilo fosse fruto da sua imaginação, seria bom descobrir de uma vez.

E se caísse de cara no piso de mosaico?

Não sofreria mais do que já estava sofrendo.

– Meu amor – Xcor disse ao apanhá-la e suspendê-la do chão.

Quando ela começou a chorar absolutamente confusa, e com uma alegria experimental, ela olhou por cima do ombro dele.

Qhuinn encarava os dois. E depois desviou os olhos azul e verde para onde

Blay estava no alto das escadas – e começou a sorrir.

Layla se afastou dos braços de Xcor. Aproximando-se do pai dos seus filhos, teve que pigarrear e enxugar o rosto.

– Qhuinn…

– Eu sinto muito – ele disse rouco. – Sinto muito… Muito mesmo.

Só o que ela conseguiu fazer foi fitá-lo atordoada.

Com mais um rápido olhar para Blay, Qhuinn inspirou fundo.

– Olha só, você fez o melhor que pôde, e isso foi difícil para todos. Sinto muito por ter reagido como reagi, foi errado da minha parte. Mas eu… Eu amo nossos filhos, e a ideia de que poderiam ter corrido perigo? Isso me aterrorizou de um modo que me enlouqueceu. Sei que o seu perdão não pode ser dado de imediato…

Layla se jogou sobre ele e passou os braços ao redor do pai dos seus filhos, e o abraçou com tanta força que nem conseguia respirar, suspeitando que nem ele estava conseguindo.

– Eu também sinto muito… Deus, Qhuinn, me desculpe…

Lágrimas desordenadas de desculpas eram as do melhor tipo, ainda mais quando eram aceitas de coração aberto por ambas as partes.

Quando, por fim, se afastaram, ela se aninhou debaixo do braço de Xcor, e Qhuinn estendeu a mão para o outro macho.

– Como já lhe disse no carro vindo para cá – ele disse –, não que você

precise, nem queira, mas vocês dois têm a minha benção. Cem por cento.

Xcor sorriu e apertou a mão estendida.

– Pelo seu apoio, sinto-me mais que honrado esta noite do que em todas as outras.

– Maravilha. De verdade. – Qhuinn se inclinou na direção de Layla. – No fim das contas, o cara não é tão ruim assim. Quem poderia imaginar?

Enquanto ela ria, Qhuinn deu um tapa no ombro do macho.

– Então, vamos lá, hora de você conhecer as crianças. E ver onde vocês vão ficar.

O mundo todo girou ao redor de Layla de novo quando ela olhou de Qhuinn para Xcor.

– Espere, o que… Como assim?

– Se vocês dois estarão apropriadamente vinculados – o Irmão ergueu o indicador –, e já vou dizendo que sou um cara antiquado, portanto quero que a mãe dos meus filhos esteja apropriadamente vinculada, ele vai ter que morar aqui.

Nesse instante, a campainha tocou de novo, e Fritz, que estava enxugando os olhos com um lenço branco, voltou correndo para atender a porta.

O mordomo deixou Tohr entrar – o que não era nenhuma surpresa – e depois todos os Bastardos foram entrando no átrio. Cada um deles.

Ela olhou de Xcor para Qhuinn em estado de choque.

– Eles também vêm para cá?

– É uma espécie de pacote – Qhuinn explicou com um sorriso. – Além do mais, fiquei sabendo que são péssimos no bilhar, o que é um bônus. Peguem suas tranqueiras, rapazes. Este é Fritz. Vocês aprenderão a amá-lo, ainda mais depois que ele passar as suas meias.

Layla estava absolutamente atordoada quando os guerreiros começaram a trazer todo tipo de bolsas e sacolas para dentro. Em seguida, foi acompanhada escada acima por dois dos três machos mais importantes da sua vida.

Blay, o terceiro, sorriu e lhe deu um forte abraço. Depois, o trio passou pelo escritório de Wrath em direção ao corredor das estátuas.

O que fez com que ela perguntasse:

– E Wrath está de acordo com isto?

Qhuinn assentiu enquanto Blay respondia:

– Mais guerreiros é sempre melhor. E Deus bem sabe que temos espaço. Além do mais, Fritz ficará extasiado: mais gente para quem cozinhar, mais limpeza a fazer…

– E, caramba, como aqueles machos são bons no campo de batalha. – Qhuinn relanceou para ela. – A noite passada? Teria sido uma tragédia nos registros da história sem o seu macho.

Xcor não reagiu ante o elogio. Bem, a menos que se contasse o rubor que

cobriu suas faces.

– Bem, o mesmo pode ser dito dos Irmãos.

Quando chegaram à suíte onde os bebês estavam, Qhuinn foi quem se adiantou e abriu a porta.

Blay foi o primeiro a entrar e depois Xcor hesitou… antes de colocar um pé indeciso além da porta. E depois o outro. Como se tivesse medo de algum monstro debaixo da cama.

Layla olhou para Qhuinn. E depois segurou sua mão.

– Obrigada. Por isto.

Qhuinn se curvou tão baixo que chegou a ficar paralelo com o chão.

Quando voltou a se endireitar, depositou um beijo na testa dela e murmurou:

– Obrigada você, pelos nossos filhos.

Layla deu um aperto no braço dele e depois entrou.

Xcor parou no meio do quarto e olhava na direção dos berços como se estivesse aterrorizado.

– Está tudo bem – ela disse, incentivando-o a ir em frente. – Eles não vão morder.

Ela o levou até Rhamp primeiro, e quando Xcor olhou para baixo, maravilhado, para a pequena criança, recebeu uma carranca em resposta.

Xcor riu de pronto.

– Céus, temos um guerreiro aqui.

Qhuinn e Blay se aproximaram abraçados, e Qhuinn disse:

– É mesmo, não? É isso o que eu também acho. Ele é durão. Não é, Rhamp? E emite lixo tóxico. Você vai descobrir isso mais tarde.

As sobrancelhas de Xcor se levantaram.

– Lixo tóxico…?

– Modo de falar. Mas você vai sentir o cheiro. Faz com que cresçam pelos no peito, e olha que vampiros nem têm isso.

– E esta é Lyric – Layla disse.

Xcor estava com uma expressão divertida no rosto quando olhou para o outro berço – e então tudo mudou.

Seus olhos marejavam e, desta vez, as lágrimas caíram. Relanceando para Layla, disse:

– Ela se parece… exatamente com você.

Enquanto Xcor tentava se recompor, Blay e Qhuinn se aproximaram por trás dele.

– Ela não é linda? – Qhuinn disse rouco. – Igual a nossa Layla.

Layla olhou para os três grandes guerreiros inclinados sobre a pequenina fêmea… E se sentiu tomada por uma sensação de amor e completude. Fora uma jornada longa e difícil, em que tudo poderia ter se perdido muitas vezes. E, no entanto, lá estavam eles, como uma família de sangue… e por escolha.

Naquele momento ela percebeu que Lassiter estava à soleira do quarto.

Levando o indicador aos lábios, ele fez um silencioso “psiu”. Depois piscou para ela e desapareceu em silêncio.

Ela sorriu quando as centelhas iluminadas surgiram no rastro dele.

– Este anjo pode estar mais preparado para o trabalho do que imagina…

– O que foi? – Xcor perguntou.

– Nada, nada – ela disse ao se inclinar para beijá-lo.

Ou talvez fosse tudo. Quem poderia dizer?

– Quer segurá-la? – Qhuinn perguntou.

Xcor se retraiu como se alguém tivesse lhe perguntado se gostaria de segurar um atiçador de lareira quente. Depois se recobrou, balançando a cabeça ao enxugar as lágrimas do rosto de um modo bem masculino, como se estivesse querendo tirar uma mancha de caneta permanente.

– Acho que ainda não estou pronto para isso. Ela perece tão… tão delicada.

– Mas ela é forte. E também tem o sangue da *mahmen* dela nas veias. – Qhuinn olhou para Blay. – E ela tem bons pais. Os dois têm. Estamos nisto juntos, pessoal, três pais e uma mãe, dois filhos. Bam!

A voz de Xcor se abaixou.

– Pai? – Ele riu com suavidade. – Passei de família nenhuma a uma companheira, um irmão e agora…

Qhuinn assentiu.

– Um filho e uma filha. Contanto que seja o *hellren* de Layla, você

também será pai deles.

O sorriso de Xcor foi transformador, tão amplo que esticou o rosto dele de uma maneira que ela nunca vira antes.

– Um filho e uma filha.

– Isso mesmo – Layla sussurrou alegre.

Mas, no mesmo instante, aquela expressão desapareceu do rosto dele, os lábios se afinaram e as sobrancelhas desceram sobre os olhos como se ele estivesse pronto para atacar.

– Ela *nunca* vai namorar. Não me importo quem ele possa ser…

– Isso mesmo! – Qhuinn levantou a palma para um cumprimento. – E exatamente *isso* que eu estou falando!

– Não, não, esperem um instante. – Blay interveio quando eles chocaram as mãos. – Ela tem todo o direito de levar a vida que escolher.

– Isso mesmo – Layla concordou. – Isso de “dois pesos, duas medidas” é ridículo. Ela terá permissão para…

Quando a discussão começou, ela e Blay se apoiaram, e Qhuinn e Xcor ficaram ombro a ombro, com os braços imensos cruzados diante dos peitos.

– Sou bom com uma arma – Xcor disse como se aquilo encerrasse o assunto.

– E eu fico com a pá – Qhuinn completou. – Jamais encontrarão o corpo.

Os dois chocaram as juntas dos dedos e pareciam tão sérios que Layla teve

que revirar os olhos. Mas logo sorriu.

– Sabem de uma coisa? – ela disse para os três. – Acho mesmo… que isto vai dar certo. Vamos, juntos, resolver tudo isso, porque é isso o que as famílias fazem.

Quando se colocou nas pontas dos pés para beijar seu macho, ela disse:

– O amor consegue consertar qualquer coisa… mesmo quando sua filha começar a namorar.

– Isso não vai acontecer – Xcor rebateu. – Nunca.

– Cara – Qhuinn disse, apoiando-o –, eu sabia que gostava que você…

– Ah, pelo amor de Deus… – Layla murmurou quando o debate foi retomado, e Blay começou a rir enquanto Qhuinn e Xcor continuavam a se entender.

Mas, no fim, ela acabou tendo razão.

Tudo deu muito certo como deveria dar, e o amor triunfou sobre todos os desafios. E anos mais tarde, muito mais tarde… Lyric namorou alguém.

Só que isso é outra história, para ser contada noutro dia.

Document Outline

- PÁGINA DE TÍTULO
- DIREITOS AUTORAIS PÁGINA
- AGRADECIMENTOS
- GLOSSÁRIO DE TERMOS E NOMES PRÓPRIOS
- PRÓLOGO
- CAPÍTULO 1
- CAPÍTULO 2
- CAPÍTULO 3
- CAPÍTULO 4
- CAPÍTULO 5
- CAPÍTULO 6
- CAPÍTULO 7
- CAPÍTULO 8
- CAPÍTULO 9
- CAPÍTULO 10
- CAPÍTULO 11
- CAPÍTULO 12
- CAPÍTULO 13
- CAPÍTULO 14
- CAPÍTULO 15
- CAPÍTULO 16
- CAPÍTULO 17
- CAPÍTULO 18
- CAPÍTULO 19
- CAPÍTULO 20
- CAPÍTULO 21
- CAPÍTULO 22
- CAPÍTULO 23
- CAPÍTULO 24
- CAPÍTULO 25
- CAPÍTULO 26
- CAPÍTULO 27
- CAPÍTULO 28
- CAPÍTULO 29

- CAPÍTULO 30
- CAPÍTULO 31
- CAPÍTULO 32
- CAPÍTULO 33
- CAPÍTULO 34
- CAPÍTULO 35
- CAPÍTULO 36
- CAPÍTULO 37
- CAPÍTULO 38
- CAPÍTULO 39
- CAPÍTULO 40
- CAPÍTULO 41
- CAPÍTULO 42
- CAPÍTULO 43
- CAPÍTULO 44
- CAPÍTULO 45
- CAPÍTULO 46
- CAPÍTULO 47
- CAPÍTULO 48
- CAPÍTULO 49
- CAPÍTULO 50
- CAPÍTULO 51
- CAPÍTULO 52
- CAPÍTULO 53
- CAPÍTULO 54
- CAPÍTULO 55
- CAPÍTULO 56
- CAPÍTULO 57
- CAPÍTULO 58
- CAPÍTULO 59
- CAPÍTULO 60
- CAPÍTULO 61
- CAPÍTULO 62
- CAPÍTULO 63
- CAPÍTULO 64
- CAPÍTULO 65
- CAPÍTULO 66
- CAPÍTULO 67
- CAPÍTULO 68

- CAPÍTULO 69